

ATAS / ANAIS

COLÓQUIO DA LUSOFONIA



30º COLÓQUIO DA LUSOFONIA

MADALENA DO PICO 3-8 outubro 2018 AUDITÓRIO MUNICIPAL



ISBN 978-989-8607-12-6



9 789898 607126

ATAS

30º COLÓQUIO DA LUSOFONIA

3-8 outubro 2018

Madalena do Pico

Edição AICL, Chrys Chrystello ©2001-2018



- 1.1. [HISTORIAL. O QUE É A LUSOFONIA](#)
- 1.2. [TEMAS](#)
- 1.3. [COMISSÕES](#)
- 1.4. [INSTRUÇÕES DE PUBLICAÇÃO](#)
- 1.5. [BIODADOS DOS PATRONOS](#)
- 1.6. [HOTEL](#)
- 1.7. [HORÁRIO](#)
- 1.8. [LISTA DE PARTICIPANTES](#)
- 1.9. [DISCURSO DE ABERTURA DO PRESIDENTE DA AICL](#)
- 1.10 [BIODADOS AUTORES E CONVIDADOS](#)

1.1. HISTORIAL DA AICL, (APÓS 29 COLOQUIOS DA LUSOFONIA) A SOCIEDADE CIVIL ATUANTE (APÓS 308 COLOQUIOS DA LUSOFONIA) [HTTP://COLOQUIOS.LUSOFONIAS.NET/XXX/HISTORIAL%20DA%20AICL.PDF](http://coloquios.lusofonias.net/xxx/historial%20da%20aicl.pdf)

Em 2001, os Colóquios brotaram do intuito do nosso primeiro patrono JOSÉ AUGUSTO SEABRA de criar uma Cidadania da Língua, proposta radicalmente inovadora num país tradicionalista e avesso a mudanças. Queríamos que todos se irmanassem na Língua que nos une. Pretendíamos catapultar a Língua para a ribalta, numa frente comum, na realidade multilingue e multicultural das comunidades que a usam. A nossa noção de LUSOFONIA abarca os que falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade. Aqui se traça em linhas gerais o já longo percurso da AICL. Um exemplo da sociedade civil num projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais. Gostaria de parafrasear Martin Luther King, 28 agosto 1963, **“I had a dream...”** para explicar como nascidos em 2001 já realizámos trinta Colóquios da Lusofonia (dois ao ano desde 2006 incluindo a ação na divulgação da açorianidade literária ou de como ainda é possível concretizar utopias num esforço coletivo.). Em 2010 passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos e, em dezembro de 2015 passamos a ser uma entidade cultural de utilidade pública. Creemos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de **uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua**. Partindo dela podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência. Os colóquios juntam os congressistas no primeiro dia de trabalhos, compartilhando hotéis, refeições, passeios e, no último dia despedem-se como se de amigos - as de longa data se tratasse, partilham ideias, projetos, criam sinergias, todos irmanados do ideal de “sociedade civil” capaz e atuante, para – juntos – atingirem o que as burocracias e hierarquias não podem ou não querem. É o que nos torna distintos de outros encontros científicos do género. É a informalidade e o contagioso espírito de grupo que nos irmana, que nos tem permitido avançar com ambiciosos projetos. Somos um vírus altamente contagioso fora do alcance das farmacêuticas. Desde a primeira edição abolimos os axiônimos, ou títulos apenas aos nomes, esse sistema nobiliárquico português de castas que distingue as pessoas sem ser por mérito. Tentamos que todos sejam iguais dentro da nossa associação e queremos que todas contribuam, na medida das suas possibilidades, para os nossos projetos e sonhos... A nossa filosofia tem permitido desenvolver projetos onde não se reclama a autoria, mas a partilha do conhecimento. Sabe-se como isso é anátema nos corredores bafientos e nalgumas instituições educacionais (universidades, politécnicos e liceus para usar a velha designação), e daí termos tido o 21º Colóquio numa praia...

Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo e aí nasceram os Colóquios da Lusofonia. Desde então, temos definido a nossa versão de Lusofonia como foi expresso ao longo destes últimos anos, em cada Colóquio. Esta visão é das mais abrangentes possíveis, e **visa incluir todos numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que, por vezes, parece emanar da CPLP e outras entidades**. Ao aceitarem esta nossa visão muitas pontes se têm construído onde hoje só existem abismos, má vontade e falsos cognatos. Felizmente, temos encontrado pessoas capazes de operarem as mudanças. Só assim se explica que depois de José Augusto Seabra, hoje, os nossos patronos sejam Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) e a Academia Galega da Língua Portuguesa. Depois, acrescentamos como sócios honorários e patronos Dom Ximenes Belo em 2015 e em 2016 José Ramos-Horta (os lusofalantes do Prémio Nobel da Paz 1996), a que se juntaram (em 2016) Vera Duarte da Academia Cabo-Verdiana de Letras e José Carlos Gentili da Academia de Letras de Brasília. Aguardamos a adesão da Academia Angolana a este projeto.

Os Colóquios são independentes de forças políticas e institucionais, através do pagamento das quotas dos associados e do pagamento de inscrições dos congressistas. Buscam apoios protocolados especificamente para cada evento, concebido e levado a cabo por uma rede de voluntários. Pautam-se pela participação de um variado leque de oradores, sem temores nem medo de represálias. Ao nível logístico, tentam beneficiar do apoio das entidades com visão para apoiar a realização destes eventos. Estabeleceram várias parcerias e protocolos com universidades, politécnicos, autarquias e outros que permitem embarcar em projetos mais ambiciosos e com a necessária validação científica. O espaço dos Colóquios da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais dispares ou antagónicos que possam aparentar. É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão. **Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos**, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, dos Açores às Bermudas, à Índia e a Timor. O Inglês para ser língua universal continuou unido com todas as suas variantes.

Nos Açores, agregaram académicos, estudiosos, artistas plásticos e escritores em torno da identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições, numa perspetiva de enriquecimento da LUSOFONIA. Pretendia-se divulgar a identidade açoriana não só nas comunidades lusofalantes, mas em países como a Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, e onde têm sido feitas traduções de obras e de excertos de autores açorianos, além das antologias (4) que já publicamos, dois livros de Dom Ximenes Belo dedicados aos Missionários Açorianos em Timor, a história infantojuvenil trilingue *O menino e o crocodilo* de Ramos-Horta entre várias outras obras que editamos. SOMOS uma enorme tertúlia reforçando a lusofonia, a açorianidade e vincando bem a insularidade. De referir que em todos os colóquios mantivemos sempre uma sessão dedicada à tradução que é uma importante forma de divulgação da nossa língua e cultura. Veja-se o exemplo de Saramago que vendeu mais de um milhão de livros nos EUA onde é difícil a penetração de obras de autores de outras línguas e culturas.

Ao longo de mais de uma década e meia tivemos colóquios em vários locais. Começámos no Porto, depois Bragança (como base entre 2003 e 2010), Brasil (2010), Macau (2011), Galiza (2012), Seia (2013 e 2014), Fundão (2015), Montalegre (2016), Belmonte (2017), e nos Açores: na Ribeira Grande (2006-2007), Lagoa (São Miguel 2008-2012), Vila do Porto (2011 e 2017), Maia (S Miguel 2013), Moinhos de Porto Formoso (São Miguel 2014), Santa Cruz da Graciosa (2015), Lomba da Maia (S Miguel, Açores 2016), Madalena do Pico (2018) e Belmonte (2017 e 2018).

No 1º Colóquio 2002 afirmou-se

Pretende-se repensar a Lusofonia, como instrumento de promoção e aproximação de povos e culturas. O Porto foi a cidade escolhida, perdida que foi a oportunidade, como Capital Europeia da Cultura, de fazer ouvir a sua voz nos média nacionais e internacionais como terra congregadora de esforços e iniciativas em prol da língua de todos nós, da Galiza a Cabinda e Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e nos outros onde não sendo Língua oficial existem Lusofalantes. Há tempos (2002) o emérito linguista anglófono Professor David Crystal escrevia-nos dizendo:

“O Português parece-me, tem um futuro forte, positivo e promissor garantido à partida pela sua população base de mais de 200 milhões, e pela vasta variedade que abrange desde a formalidade parlamentar até às origens de base do samba. Ao mesmo tempo, os falantes de português têm de reconhecer que a sua língua está sujeita a mudanças – tal como todas as outras – e não se devem opor impensadamente a este processo. Quando estive no Brasil, no ano passado, por exemplo, ouvi falar dum movimento que pretendia extirpar todos os anglicismos. Para banir palavras de empréstimo doutras línguas pode ser prejudicial para o desenvolvimento da língua, dado que a isola de movimentações e tendências internacionais. O Inglês, por exemplo, tem empréstimos de 350 línguas – incluindo português – e o resultado foi ter-se tornado numa língua imensamente rica e de sucesso. A língua portuguesa tem a capacidade e força para assimilar palavras de Inglês e de outras línguas mantendo a sua identidade distinta. Espero também que o desenvolvimento da língua portuguesa seja parte dum atributo multilingue para os países onde é falada para que as línguas indígenas sejam também faladas e respeitadas, O que é grave no Brasil dado o nível perigoso e crítico de muitas das línguas nativas.”

Posteriormente, contactei aquele distinto linguista preocupado com a extinção de tantas línguas e a evolução de outras, manifestando-me preocupado pelo desaparecimento de tantas línguas aborígenes no meu país e espantado pelo desenvolvimento de outras. Mostrava-me apreensivo pelos brasileiroismos e anglicismos que encontrara em Portugal após 30 anos de diáspora. Mesmo admitindo que as línguas só têm capacidade de sobrevivência se evoluírem eu alertava para o facto de terem sido acrescentadas ao léxico 600 palavras pela Academia Brasileira (1999) das quais a maioria já tinha equivalente em português. Sabendo como o Inglês destronou línguas (celtas e não só) em pleno solo do Reino Unido a partir do séc. V, tal como Crystal (1977) afirma no caso do Câmbrico, Norm e Manx, perguntava ao distinto professor qual o destino da língua portuguesa, sabendo que o nível de ensino e o seu registo linguístico eram cada vez mais baixos, estando a ser dizimados por falantes, escribas, jornalistas e políticos ignorantes, sem que houvesse uma verdadeira política da língua em Portugal. A sua resposta em março 2002 pode-nos apontar um de muitos caminhos. Diz Crystal:

Atas colóquio da lusofonia –

“As palavras de empréstimo mudam, de facto, o carácter duma língua, mas como tal não são a causa da sua deterioração. A melhor evidência disto é, sem dúvida, a própria língua inglesa que pediu de empréstimo mais palavras do que qualquer outra, e veja-se o que aconteceu ao Inglês. De facto, cerca de 80% do vocabulário Inglês não tem origem Anglo-Saxónica, mas sim das línguas Românticas e Clássicas incluindo o Português. É, até, irónico que algumas dos anglicismos que os Franceses tentam banir atualmente derivem de Latim e de Francês na sua origem. Temos de ver o que se passa quando uma palavra nova penetra numa língua. No caso do Inglês, existem triunviratos interessantes como **kingly** (Anglo-saxão), **royal** (Francês), e **regal** (Latim) mas a realidade é que linguisticamente estamos muito mais ricos tendo três palavras que permitem todas as variedades de estilo que não seriam possíveis doutro modo. Assim, as palavras de empréstimo enriquecem a expressão. Até hoje nenhuma tentativa de impedir a penetração de palavras de empréstimo teve resultados positivos. As línguas não podem ser controladas. Nenhuma Academia impediu a mudança das línguas. Isto é diferente da situação das línguas em vias de extinção como por exemplo debati no meu livro *Language Death*. Se as línguas adotam palavras de empréstimo isto demonstra que elas estão vivas para uma mudança social e a tentar manter o ritmo. Trata-se dum sinal saudável desde que as palavras de empréstimo suplementem e não substituam as palavras locais equivalentes. O que é deveras preocupante é quando uma língua dominante começa a ocupar as funções duma língua menos dominante, por exemplo, quando o Inglês substituiu o Português como língua de ensino nas instituições de ensino terciário. É aqui que a legislação pode ajudar e introduzir medidas de proteção, tais como obrigação de transmissões radiofónicas na língua minoritária, etc. existe de facto uma necessidade de haver uma política da língua, em especial num mundo como o nosso em mudança constante e tão rápida, e essa política tem de lidar com os assuntos base, que têm muito a ver com as funções do multilinguismo. Recordo ainda que não é só o Inglês a substituir outras línguas. No Brasil, centenas de línguas foram deslocadas pelo português, e todas as principais línguas: espanhol, chinês, russo, árabe afetaram as línguas minoritárias de igual modo.”

Por partilhar a opinião do professor David Crystal espero que possam todos repensar a Lusofonia como instrumento de promoção e aproximação de culturas sem exclusão das línguas minoritárias que com a nossa podem coabitar.

Em 2002... Patenteamos que era possível ser-se organizacionalmente **INDEPENDENTE** e descentralizar estes eventos sem subsidiodependências e os Colóquios já se afirmaram como a única realização regular, concreta e relevante - em todo o mundo - sobre esta temática, sem apoios nem dependências. **Os Colóquios inovaram**, na sua primeira edição, e introduziram o hábito de **entregar as Atas em DVD - CD no ato de acreditação dos participantes**.

No 2º Colóquio [2003] afirmou-se: só através de uma política efetiva de língua se poderá defender e promover a expansão do espaço cultural lusófono, contribuindo decisivamente para a sedimentação da lingua portuguesa como um dos principais veículos de expressão mundiais. Que ninguém se demita da responsabilidade na defesa do idioma independentemente da pátria. Hoje como ontem, a língua de todos nós é vítima de banalização e do laxismo. Em Portugal, infelizmente, a população está pouco consciente da importância e do valor do seu património linguístico. Falta-lhe o gosto por falar e escrever bem, e demite-se da responsabilidade que lhe cabe na defesa da língua que fala. Há outros aspetos de que, por serem tão correntes, já mal nos apercebemos: o mau uso das preposições, a falta de coordenação sintática, e a violação das regras de concordância, que, logicamente, afetam a estrutura do pensamento e a expressão. Além dos tratos de polé que a língua falada sofre nos meios de comunicação social portugueses, uma nova frente se está a abrir com o ciberespaço e com as novas redes de comunicação em tempo real. Urge, pois, apoiar a formação linguística dos meios de comunicação social, promover uma verdadeira formação dos professores da área, zelar pela dignificação da língua portuguesa nos organismos internacionais, dotando-os com um corpo de tradutores e intérpretes profissionalmente eficazes. A atual crise portuguesa não é meramente económica, mas reflete uma nação em crise, dos valores à própria identidade. Jamais podemos esquecer que a língua portuguesa mudou através dos tempos, e vai continuar a mudar. A língua não é um fóssil. Também hoje, a mudança está a acontecer. Num país em que falta uma visão estratégica para uma verdadeira POLÍTICA DA LÍNGUA, onde o cinzentismo e a uniformidade são a regra de referência, onde a competição é uma palavra tabu, onde o laxismo e a tolerância substituem a exigência e a disciplina, onde a posse de um diploma superior constitui ainda uma vantagem competitiva, claro que continua a grassar a desresponsabilização. Os cursos superiores estão ainda desajustados do mercado de trabalho, as empresas vivem alheadas das instituições académicas, existem cursos a mais que para nada servem, existem professores que mantêm cursos abertos para se manterem empregados. Ao contrário do que muitos dizem Portugal não tem excesso de licenciados, mas sim falta de empregos. Mas será que falam português?

No 3º Colóquio [2004], cujo tema era a Língua Mirandesa, dizia-se que o Colóquio, como pedrada no charco que pretendia ser, visava alertar para uma segunda língua nacional que mal sabemos que existe e cujo progresso é já bem visível em menos duma década de esforço abnegado e voluntarioso duma mão cheia de pessoas que acreditaram. Alertávamos para a necessidade de sermos competitivos e exigentes, sem esperar pelo Estado ou Governo e tomarmos a iniciativa em nossas mãos. Assim como criamos estes Colóquios, também cada um pode criar a sua própria revolução, em casa com os filhos, com os alunos, com os colegas e despertar para a necessidade de manter viva a língua de todos nós. Sob o perigo de soçobrarmos e passarmos a ser ainda mais irrelevantes neste curto percurso terreno. **Nesse ano, lançamos a campanha que salvou da extinção o importante portal Ciberdúvidas.**

No 4º Colóquio [em 2005] sobre a Língua Portuguesa em Timor-Leste “O português faz parte da História timorense. Não a considerar uma Língua oficial colocaria em risco a sua identidade”, defende o linguista australiano Geoffrey Hull no seu recente livro Timor-Leste. Identidade, língua e política educacional. A língua portuguesa “*tem-se mostrado capaz de se harmonizar com as línguas indígenas*” e é tanto mais plausível porque “*o contacto com Portugal renovou e consolidou a cultura timorense e quando Timor-Leste emergiu da fase colonial não foi necessário procurar uma identidade nacional, o país era único do ponto de vista linguístico. O português não é um idioma demasiado difícil para os timorenses pois estes já possuem um relativo conhecimento passivo do português, devido ao facto de que já falam o Tétum-Dili*”, afirma Hull. “*A juventude deve fazer um esforço coletivo para aprender ou reaprender a língua portuguesa*”. Estas eram, de facto, as premissas com que partimos para o 4º Colóquio. Tivemos a presença do Prémio Nobel da Paz, D. Carlos Filipe Ximenes Belo, e a exposição de fotografia do Presidente Xanana Gusmão (Rostos da Lusofonia). Durante dois dias foi debatido o futuro do português na ex-colónia, além de temas mais genéricos como as tradições, a literatura e a tradução em geral. Em termos linguísticos é a primeira vez que se faz uma experiência destas no mundo: impor-se uma Língua oficial numa nação onde não existe uma língua própria, mas várias línguas: a franca (Tétum) e vários dialetos. A organização do Colóquio entende que “*foi sobremodo graças à ação da Igreja Católica que a língua portuguesa se manteve em Timor*”, e daí a relevância da presença do Bispo resignatário de Dili, D. Carlos Ximenes Belo, no segundo dia de trabalhos. Dentre os temas debatidos focando aspetos curiosos da Geografia à História de Timor, passando pelo Ensino e Cooperação, é importante realçar que os projetos com melhor e maior acolhimento foram aqueles que saíram das linhas institucionais rígidas. Trata-se de projetos em que os professores e cooperantes adaptaram os programas à realidade timorense e assim conseguiram uma adesão e participação entusiástica dos timorenses, que hoje os substituem já nessas tarefas. Este aspeto é notável, pois colide com a burocracia oficial e rígida que estipula quais os programas a aplicar sem conhecimento da realidade local e suas idiossincrasias. A ideia transversal e principal deste Colóquio era o futuro do português em Timor. “*O Tétum está a ser enriquecido com toda uma terminologia que deriva automaticamente do português, e não do Inglês. Enquanto as línguas tradicionais cada vez mais se servem do Inglês, o Tétum está a servir-se do português para criar palavras que não existem na sua língua franca o que enriquece tanto o português como o Tétum*”.

Em 2006, no 6º Colóquio debateram-se os modelos de normalização linguística na Galiza e a situação presente, onde o genocídio linguístico atingiu uma forma nova e subtil, pela promoção social, escolar e política de uma forma oral e escrita deturpada, castelhanizada, a par de uma política ativa de exclusão dos dissidentes lusófonos (os denominados reintegracionistas e lusistas). Debateu-se uma Galiza que luta pela sobrevivência linguística, numa altura em que a UNESCO advertiu do risco de castelhanização total nas próximas décadas. Falou-se de história, dos vários avanços e recuos e de vários movimentos a favor da língua portuguesa na Galiza, apontaram-se soluções, sendo exigida a reintrodução do Português na Galiza através de várias formas e meios. Existe aqui ampla oportunidade para as televisões portuguesas descobrirem aquele mercado de quase três milhões de pessoas. As oportunidades comerciais de penetração da Galiza podem ser uma porta importante para a consolidação da língua naquela Região Autónoma. Foi sobejamente assinalada a quase generalizada apatia e desconhecimento do problema da língua na Galiza por parte dos portugueses e o seu esquecimento por parte das entidades oficiais sempre temerosas de ofenderem o poder central em Madrid. Faltam iniciativas como esta para alertar, um número cada vez maior, as pessoas para este genocídio linguístico, desconhecido e que mora mesmo aqui ao lado. O atual impacto mundial da língua portuguesa existe sobretudo por ação dos outros. A República Popular da China prepara [em Macau] os seus melhores quadros para dominarem a língua portuguesa e desta forma conquistarem os mercados lusófonos. Irá depender sobretudo do esforço brasileiro em liderar que a Lusofonia poderá avançar, levando a reboque os países africanos ainda cheios de complexos do seu velho e impotente colonizador Portugal. A língua portuguesa é alimentada de forma diferente de acordo com as realidades sociais, económicas, culturais, etc., dos países onde está instituída e os quais estão geograficamente distantes uns dos outros. A Língua Portuguesa pode ser o veículo de aproximação entre os países lusófonos e as comunidades lusofalantes. Os meus compatriotas aborígenes australianos preservaram a sua cultura ao longo de sessenta mil anos, sem terem escrita própria, mas a sua cultura foi mantida até aos dias de hoje, pois assentava na transmissão via oral de lendas e tradições. Este é um dos exemplos mais notáveis de propagação das características culturais de um povo que nunca foi nação. Devemos aceitar a Lusofonia e todas as suas diversidades culturais sem exclusão, que com a nossa podem coabitar.

Em 2007, buscou-se um tema ainda mais polémico e a necessitar de debate: “O Português no século XXI, a variante brasileira rumo ao futuro. O risco real da separação ou não. Unificação ou diversificação: esta a agenda para as próximas décadas.” Assim, a verificar-se (e creio ser só uma questão de tempo) a emancipação da variante brasileira, a língua portuguesa europeia estará condenada a uma morte lenta associada a uma rápida diminuição e envelhecimento da população de Portugal que aponta para uns meros 8,7 milhões em 2050 contra os atuais 10,7 milhões. Os desafios que se põem nestes Colóquios são grandes... O Português, ao contrário do que muitos pensam não tem pernas para andar sozinho com uma população entre 9 e 15 milhões se incluirmos os expatriados, e tem de contar sobretudo com o número de falantes no Brasil, Galiza, Angola, Moçambique, Timor, Cabo Verde, S. Tomé, Guiné-Bissau e por toda a parte onde haja comunidades de lusofalantes, mesmo nas velhas comunidades esquecidas de Goa a Malaca. São lusofalantes os que têm o Português como língua, seja Língua-Mãe, língua de trabalho ou língua de estudo, vivam eles no Brasil, em Portugal nos PALOP's, na Galiza, em Macau ou em qualquer outro lugar, sejam ou não nativos, naturais, nacionais ou não de qualquer um dos países lusófonos.

Em 2008 foi atribuído o 1º Prémio Literário da Lusofonia e debateu-se, pela primeira vez em Portugal, o Acordo Ortográfico 1990. Inaugurámos a Academia Galega da Língua Portuguesa e o Presidente da Academia de Ciências de Lisboa Professor **Adriano Moreira** deslocou-se propositadamente para dar “**o apoio inequívoco da Academia de Ciências aos Colóquios da Lusofonia**”. Na sequência da vinda, doaria o seu espólio a Bragança onde se encontra na Biblioteca Municipal com o seu nome. Idêntica visita ocorreu em 2009 na Lagoa (Açores). Prosseguimos, incansáveis, a campanha pela implementação total do Acordo Ortográfico 1990, com o laborioso apoio de Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara na luta pela Língua unificada que propugnamos para as instâncias internacionais. Desde então, esta é regra inelutável da AICL sobre a Ortografia: **dado haver inúmeras ortografias oficiais em Portugal e no Brasil, a AICL converteu e uniformizou, para o AO 1990, todos os escritos posteriores a 1911, incluindo títulos de obras. A caótica ortografia anterior a 1911 foi mantida sempre que possível.**

Em 2009 nos 11º e 12º colóquios definimos os projetos do MUSEU DA LUSOFONIA (Bragança) e do MUSEU DA AÇORIANIDADE ((Lagoa), que infelizmente não tiveram cabimento financeiro. O projeto de Bragança viria a desenvolver-se sem a nossa paternidade após 2016, e reavivamos esse projeto em Belmonte 2017 para ser integrado no Museu dos Descobrimentos com apoio da Câmara local. Em 2009 convidámos o escritor Cristóvão de Aguiar para a **primeira Homenagem Contra O Esquecimento**, que incluía ainda Carolina Michaëlis, Leite de Vasconcellos, Euclides Da Cunha, Agostinho da Silva, Rosália de Castro. Um protocolo foi estabelecido em 2009 com a Universidade do Minho para ministrar um Curso Breve de Estudos Açorianos em 2011.

Atas colóquio da lusofonia –

Em janeiro de 2010 Lançámos os Cadernos de Estudos Açorianos (em formato pdf no nosso portal www.lusofonias.net), que trimestralmente publicámos, estando disponíveis mais de três dezenas de cadernos, suplementos e vídeo-homenagens a autores açorianos. Servem de suporte ao curso de Açorianidades e Insularidades que pretendemos (um dia) levar em linha - online - para todo o mundo e de iniciação para os que querem ler autores açorianos cujas obras dificilmente se encontram.

Nesse ano, o 13º colóquio deslocou-se ao Brasil, participou na conferência da CPLP em Brasília, visitou o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo e no Rio foi recebido na Academia Brasileira de Letras, onde palestraram Malaca Casteleiro, Concha Rousia e Chrys Chrystello, antes de se rumar a AÇORIANÓPOLIS, a décima ilha açoriana, Florianópolis no Estado de Santa Catarina.

Em 2010, Bragança, no 14º colóquio, tivemos poemas de Vasco Pereira da Costa, uma vídeo homenagem ao autor e a declamação ao vivo do poema “Ode ao Boeing 747” em 11 das 14 línguas para que foi traduzido pelos Colóquios (Alemão, Árabe, Búlgaro, Catalão, Castelhanos, Chinês, Flamengo, Francês, Inglês, Italiano, Neerlandês, Polaco, Romeno, Russo).

Em 2011, no 15º colóquio, uma numerosa comitiva deslocou-se a Macau com o generoso apoio do Instituto Politécnico local e lá se firmaram novos protocolos. Ali se lançou o livro *Crónica Açores* vol. 2 de Chrys Chrystello. **No 16º colóquio**, fomos pela primeira vez a Santa Maria, Ilha-Mãe homenagear Daniel de Sá. Em Vila do Porto, além de apresentar a **Antologia bilingue de autores açorianos**, aprovou-se uma **DECLARAÇÃO DE REPÚDIO** pela atitude de Portugal que olvidando séculos de história comum da língua, excluiu a Galiza - representada pela AGLP - do seio das comunidades lusófonas. A Galiza esteve sempre representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo Acordo Ortográfico e o seu léxico foi integrado em vários dicionários e corretores ortográficos. A sua exclusão a *posteriori* do seio da CPLP representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente.

Em 2012 no 17º colóquio na Lagoa, reunimos 9 autores na HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO: Eduardo Bettencourt Pinto (Canadá), Caetano Valadão Serpa (EUA); de São Miguel: Eduíno de Jesus, Fernando Aires (representado pela viúva Dra. Idalinda Ruivo e filha Maria João); Daniel de Sá; da Ilha Terceira, Vasco Pereira da Costa e Emanuel Félix representado pela filha e poeta Joana Félix; da Ilha do Pico, Urbano Bettencourt, e do Brasil, Isaac Nicolau Salum (descendente de açorianos) com a presença da filha Maria Josefina.

Em outubro 2012, no 18º colóquio, levamos os Colóquios a Ourense na Galiza, parcela esquecida da Lusofonia, berço da língua de todos nós. Ali houve uma cerimónia especial da Academia Galega em que foram empossados oito novos Académicos Correspondentes. Foi um evento rico em trabalhos científicos e apresentações, mas com fraca adesão de público.

Nesse ano difundimos o **MANIFESTO AICL 2012, a língua como motor económico** (<http://coloquios.lusofonias.net/projetos%20aicl/manifesto2012aicl.pdf>) contribuiu para uma futura política da língua no Brasil e em Portugal. Dois importantes projetos dos colóquios viram a luz do dia em 2011 e 2012, a **Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos e a Antologia de (17) Autores Açorianos Contemporâneos** (em 2 volumes), da Calendário de Letras e autoria de Helena Chrystello e Rosário Girão, lançadas em Portugal e Açores (2011-2013), Galiza e Toronto (2012) bem como as obras completas em poesia celebrando 40 anos de vida literária de Chrys Chrystello num volume intitulado **Crónica do Quotidiano Inútil**.

Na Maia (2013) no 19º colóquio, surgiram vários novos projetos, a **Antologia 9 Ilhas 9 escritoras**, o projeto de musicar poemas, e novo Prémio Literário AICL Açorianidade. Registou-se a presença, pela primeira vez de representantes do Camões e do IILP (Instituto Internacional da Língua Portuguesa) da CPLP além do convidado de honra Dom Ximenes Belo.

Em Seia (2013) no 20º colóquio, criou-se um projeto de levantamento do Corpus da Lusofonia pelo Grupo Interdisciplinar, de Pesquisas em Linguística Informática (GIPLI). Iremos continuar o projeto de musicar poemas de autores açorianos, como a Ana Paula Andrade demonstrou no 19º e 20º colóquios ao apresentar temas de Álamo Oliveira, Luísa Ribeiro, Norberto Ávila, Concha Rousia e Chrys Chrystello. Igualmente prosseguiremos a musicar autores em versão *pop*, pelos professores da Escola da Maia em S. Miguel. Prosseguiremos à medida das disponibilidades dos nossos tradutores, com traduções de excertos de autores açorianos. Tenta-se colocar a Antologia no Plano Nacional de Leitura (já consta do Plano Regional de Leitura dos Açores).

2014, o 21º colóquio teve a particularidade de obrigar a fechar as inscrições dois meses antes da data por excesso de oradores para o idílico local – a Praia dos Moinhos de Porto Formoso.

Nesse ano lançou-se o 2º Prémio Açorianidade (2014 – Poesia). Lançamos neste 21º Colóquio mais dois projetos: a **Coletânea de Textos Dramáticos** de autores açorianos, da autoria de Helena Chrystello e Lucília Roxo (incluindo Álamo Oliveira, Martins Garcia, Norberto Ávila, Daniel de Sá, e Onésimo Teotónio de Almeida) bem como a **Antologia no feminino “9 Ilhas, 9 escritoras”** incluindo Brites Araújo, Joana Félix, Judite Jorge, Luísa Ribeiro, Luísa Soares, Madalena Férin, Madalena San-Bento, Natália Correia, Renata Correia Botelho.

Em 2014, no 22º colóquio em Seia, tivemos dois dos maiores vultos da ciência portuguesa, desconhecidos para a maioria da população – os professores José Carlos Teixeira do Canadá, especialista em Geografia Humana e o professor José António Salcedo, especialista mundial em ótica e laser. Conseguimos trazer um numeroso grupo de 20 dançarinos e dançarinas de Timor-Leste que ao longo de três sessões nos encantaram, numa aproximação entre culturas lusófonas bem distantes.

Fundão 2015: Anunciou-se a preparação do volume 9 Ilhas, 9 autores 9 línguas traduzidas.

2015, 24º Graciosa Aceite a proposta do associado José Soares de admitir Dom Carlos Filipe Ximenes Belo como Sócio Honorário e tentar obter apoios para a publicação do livro de Dom Ximenes Belo sobre um missionário açoriano no Oriente. Aceite a proposta do júri do Prémio AICL para que Norberto Ávila seja o autor a homenagear em 2016

25º MONTALEGRE ABRIL 2016 Foi anunciada a presença no 26º colóquio do outro Prémio Nobel da Paz de 1996, Dr José Ramos-Horta. Nesse colóquio lançaremos o CD de autores açorianos musicados. Em 2018 no Pico iremos fazer um concerto especial com as partituras do Padre Áureo da Costa Nunes e convidaremos autores picoenses ainda vivos

26º colóquio Lomba da Maia 2016: A possibilidade de se editar em Portugal o livro infantojuvenil do presidente Ramos-Horta, aceitar Ramos-Horta como sócio honorário da AICL e patrono. Nomear Urbano Bettencourt como autor escolhido para a Homenagem contra o Esquecimento 2017 em Belmonte e Vila do Porto.

27º colóquio Belmonte 2017: Aceitar a proposta da EMPDS e da Câmara Municipal de sediar os próximos colóquios de forma definitiva em Belmonte. Aceitar a proposta de revitalizar o nosso projeto de 2009 do Museu da Lusofonia e construir nos próximos dois anos o primeiro módulo dedicado ao período de início da língua galaico-portuguesa até Carta de Pero Vaz de Caminha, a fim de poder ser incluído no Museu dos Descobrimentos. Foi já criada uma equipa multidisciplinar liderada pelo Professor Malaca Casteleiro, coadjuvado pelas professoras Maria Francisca Xavier e Maria de Lourdes Crispim. A preparação de imagens e textos deverá estar pronta no prazo de um ano a fim de a entregarmos à EMPDS para encomendar a sua transposição para elementos interativos. Posteriormente iremos tratar do segundo módulo, com a inclusão de línguas nativas da era dos Descobrimentos e posteriores (tupi, guarani, etc.) e sua evolução até aos nossos dias.

28º colóquio da lusofonia Vila do Porto 2017 com mais de seis dezenas de inscritos tivemos uma média de mais de 40 pessoas nas sessões, e mesmo no último dia o recital da Ana Paula Andrade teve mais de 50 presenças, havendo mais de 60 na sessão noturna de poesia e música no Asas do Atlântico dia 28. Foram firmados novos protocolos com o Município de Belmonte e Hotel Belmonte Sinai a vigorar – pelo menos – durante quatro anos, em que a nossa base será em Belmonte e nela se realizará um colóquio anual. Foi renovado o protocolo com o IECCPMA (Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes). Face ao protocolo firmado nesta edição dos colóquios com a autarquia de Belmonte tivemos de mudar a nossa programação futura (mais quatro anos seguidos em Belmonte, até 2021, uma vez ao ano, e os restantes obviamente nas ilhas dos Açores) O autor açoriano homenageado em 2018 será a compositora e maestrina Ana Paula Andrade. No Pico durante 4 dias apresentaremos com a Ana Paula Andrade e Raul Leal Gaião a obra musical do Padre picoense Áureo da Costa Nunes e faremos uma Homenagem a Dom Jaime Garcia Goulart na Candelária com Raul Gaião e Dom Carlos Ximenes Belo. Igualmente iremos introduzir uma temática arqueológica e apresentar novo documentário de Timor-Leste e convidaremos a Mirateca ARTS a colaborar. Projetos a apoiar e desenvolver nos próximos 2 a 3 anos:

- 1.1. Editar o 2º livro da série Missionários açorianos em Timor de Dom Carlos F Ximenes Belo
 - 1.2. Iniciar o projeto de poemas dedicados aos Açores a fotografias do Porto pela Fátima Salcedo
 - 1.3. Trabalhar na preparação do 2º CD de autores açorianos musicados pela Ana Paula Andrade e divulgar o 1º CD
 - 1.4. Prosseguir na antologia dos açorianos traduzidos em várias línguas que a Helena Chrystello começou em 2015
 - 1.5. Apoiar dentro das nossas possibilidades não-financeiras, a edição do Dicionário de Crioulo Macaense de Raul Leal Gaião
 - 1.6. Apoiar dentro das nossas possibilidades não-financeiras a futura edição crítica das obras anglófonas dedicadas aos Açores na segunda metade do séc. XIX, a produzir por Rolf Kemmler
2. Por sugestão do nosso patrono e presidente da Assembleia-Geral, em 2018 iremos experimentar o modelo de **20 minutos para todas as sessões**.

29º colóquio da lusofonia Belmonte, março 2018: Agradecemos muito encarecidamente aos CONVIDADOS DE HONRA da CMB e EMPDS a saber:

Ana Paula Andrade, Professor Adriano Moreira, Embaixadora da RD de Timor-Leste Maria da Paixão Costa, Dr José Bárbara Branco, médico (em Timor 1965-67), Deana Barroqueiro, escritora, Convidada CMB, Mª João Cantinho, escritora, editora Revista Caliban, João Guilherme Costa, Investigador, Laura Gonçalves, cineasta, Susana Teles Margarido, socióloga e escritora, Lotus de Jade Tchum, pintora de Timor, Alfredo Azinheira e Banda "Ar D'Graça", Piki Pereira com Mintó Deus (viola) música de Timor,

1. A EMPDS e CMB convidaram
- 1.1. a pintora LOTUS DE JADE TCHUM para futuramente se deslocar e pintar Belmonte
- 1.2. o vocalista Alfredo Azinheira e a Banda Ar D'Graça para futuramente atuarem em Belmonte

Atas colóquio da lusofonia –

- 1.3. a compositora Ana Paula Andrade para preparar em conjunto com a Escola de Música de Belmonte o lançamento de um CD com música do Cancioneiro local a apresentar no 31º colóquio em abril 2019
2. a EMPDS vai diligenciar para musealizar e converterem conteúdo digital o primeiro módulo do Museu da Lusofonia proposto para ser incluído no Museu dos Descobrimentos já no 31º colóquio abril 2019 (Dos primeiros documentos em galaico-português à Carta de Pero Vaz de Caminha)
3. o ICPD (Instituto Cultural de Ponta Delgada) através do seu Vice-Presidente (João Paulo Constância) vai assinar um protocolo com a AICL para a colaboração ativa em vários projetos dos Colóquios
4. a AICL vai lançar, em moldes ainda por determinar, o segundo volume de Dom Ximenes Belo da série de missionários Açorianos em Timor
5. a AICL vai convidar a MiratecArts para colaborar numa sessão especial do 30º colóquio na Madalena do Pico em outubro 2018

Muito resumidamente, foi isto que os Colóquios fizeram numa década e meia, provando a vitalidade da sociedade civil quando se congregam vontades e esforços de tantos académicos e investigadores como aqueles que hoje dão vida aos nossos projetos. Esperemos que mais se juntem à AICL – Colóquios da Lusofonia - para fazermos chegar o nosso MANIFESTO a toda a gente e aos governos dos países de expressão portuguesa. Ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos. Com a vossa ajuda e dedicação muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil.

Solução - síntese:

Transformar a consciência do Português. O processo deve começar na comunidade onde vive e convive o cidadão. A comunidade, quando está politicamente organizada em Associação de Moradores, Clube de Mães, Clube de Idosos, etc., torna-se um microestado. As transformações desejadas serão efetuadas nesses microestados, que são os átomos do organismo nacional – confirma a Física Quântica.

Ao analisarmos a conduta das pessoas nos países ricos e desenvolvidos, constatamos que a grande maioria segue o paradigma quântico, isto é, a prevalência do espírito sobre a matéria, ao adotarem os seguintes princípios de vida:

1. A ética, como base;
2. A integridade;
3. A responsabilidade;
4. O respeito às leis e aos regulamentos;
5. O respeito pelos direitos dos outros cidadãos;
6. O amor ao trabalho;
7. O esforço pela poupança e pelo investimento;
8. O desejo de superação;
9. A pontualidade.

Somos como somos, porque vemos os erros e encolhemos os ombros dizendo: “não interessa!” A preocupação de todos deve ser com a sociedade, que é a causa, e não com a classe política, que é o triste efeito. Só assim conseguiremos mudar o Portugal de hoje.

Vamos agir! Muito mais se poderia dizer sobre a ação dos Colóquios quer a nível das suas preocupações com o currículo regional dos Açores e outras questões nacionais e internacionais, mas o que atrás fica dito espelha bem a realidade das nossas iniciativas.

Leia o sempre atual MANIFESTO (2012) CONTRA A CRISE: A LÍNGUA COMO MOTOR ECONÓMICO

<http://coloquios.lusofonias.net/projetos%20aicl/manifeto2012aicl.pdf>

1.2. TEMAS [HTTP://COLOQUIOS.LUSOFONIAS.NET/XXX/TEMAS.PDF](http://coloquios.lusofonias.net/xxx/temas.pdf)

TEMA 1 AUTORES LOCAIS E TEMAS

- 1.1. HOMENAGEM A José Dias De Melo, José Martins Garcia, Almeida Firmino, José Enes, Rodrigo Guerra, Urbano Bettencourt, Judite Jorge, Ermelindo Ávila, Manuel Tomás, Manuel Ferreira Duarte, Sidónio Bettencourt, Adélia Goulart, Cesaltina Martins, Maria Norberta Amorim, Manuel Da Costa Jnr, Padre Nunes Da Rosa, Rui Goulart, Luís Filipe Borges, José Carlos Costa, Fernando Melo, Avelino Rosa e Outros
- 1.2. Naturais do PICO que se distinguiram em qualquer ramo do saber
- 1.3. Madalena do Pico: o concelho, sua história, etnografia, geografia, tradições e cultura
- 1.4. Homenagem a Dom Jaime Goulart e ao Padre Áureo da Costa Nunes e Castro
- 1.5. Outros temas locais

TEMA 2 LUSOFONIA E LÍNGUA PORTUGUESA (TEMAS PERMANENTES)

- 2.1. Língua Portuguesa no mundo. Lusofonia e diásporas. Língua de Identidade e Criação
- 2.2. Língua Portuguesa na Comunicação Social, no Ciberespaço, na arte e noutras ciências
- 2.3. Ensino, currículos, Corpus da Lusofonia. Ortografia, Desafios, constrangimentos e projetos
- 2.4. Outros temas lusófonos

TEMA 3 Açorianidades (TEMAS PERMANENTES)

- 3.1. Arquipélago da Escrita (Açores) - Literatura de matriz açoriana - Autores açorianos
- 3.2. Arquipélago da Escrita (Açores) autor homenageado 2018 ANA PAULA ANDRADE
- 3.3. Açorianos em Macau e em Timor – Cardeal Costa Nunes, D. Arquimínio da Costa, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. José da Costa, Nunes e D. Paulo José Tavares, (bispos açorianos em Macau), Áureo da Costa Nunes de Castro, José Machado Lourenço, Silveira Machado, etc.
- 3.4. Revisitar a Literatura de Autores estrangeiros sobre os Açores, – por exemplo: - Ashe, Thomas / Haydn, Joseph (1813): History of the Azores, or Western Islands, London; Bullar, Joseph / Henry (1841): A winter in the Azores: and a summer at the baths of the Furnas, London; Henriques, Borges de F. (1867) A trip to the Azores or Western Islands, Boston: Lee and Shepard; Orrico, Maria” Terra de Lídia”; Petri, Romana “O Baleeiro dos Montes” e “Regresso à ilha”; Tabucchi, Antonio, “Mulher de Porto Pim”; Twain Mark (1899): The Innocents Abroad, vol. I, New York; London: Harper & Bros Publishers. (cap. sobre os Açores, Faial), CAP. V/VI; Updike, John. “Azores”, Harper’s Magazine, March 1964, pp. 11-37

3.5 Outros temas açorianos

TEMA 4 Tradutologia (TEMAS PERMANENTES)

- 4.1. Tradução de Literatura lusófona
- 4.2. tradução de e para português

1.3. COMISSÕES [HTTP://COLOQUIOS.LUSOFONIAS.NET/XXX/COMISSOES.PDF](http://coloquios.lusofonias.net/xxx/comissoes.pdf)

COMISSÃO EXECUTIVA DO 29º COLÓQUIO

PRESIDENTE, Chrys Chrystello, MA, Presidente da Direção da AICL e da Comissão Executiva dos Colóquios
VICE-PRESIDENTE, Helena Chrystello, Vice-Presidente Direção AICL, Mestre, Coordenadora de Departº Escola EB 2,3 Maia, Açores
ADJUNTO DA DIREÇÃO Pedro Paulo Câmara, APRODAZ
VOGAIS:
Câmara Municipal da Madalena do Pico PAULO MARCOS, Chefe de Gabinete
- Carolina Cordeiro (coordenadora AICL com Escolas)

SECRETARIADO EXECUTIVO

PRESIDENTE: Helena Chrystello, Mestre, Coordenadora de Departamento, EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores
ADJUNTOS: Rolf Kemmler (Academia das Ciências de Lisboa e UTAD) - Pedro Paulo Câmara, APRODAZ -Tiago Anacleto-Matias, Parlamento Europeu
VOGAIS:
Câmara Municipal de Madalena do Pico PAULO MARCOS, Chefe de Gabinete –
Carolina Cordeiro (coordenadores AICL com Escolas)

COMISSÃO CIENTÍFICA PERMANENTE DA AICL- TRIÉNIO 2017-2020

1. Professor Doutor João Malaca Casteleiro Academia de Ciências de Lisboa, Portugal
2. Professor Doutor Evanildo Cavalcante Bechara Academia Brasileira de Letras Brasil
3. Professor Doutor Rolf Kemmler, Academia de Ciências de Lisboa, UTAD, Vila Real, Portugal
4. Professora Doutora Maria Helena Ançã, Universidade de Aveiro, Portugal
5. Professor Doutor Luciano B. Pereira, Escola Superior de Educação, Instº Politécnico Setúbal, Portugal
6. Professor Doutor Manuel Urbano Bettencourt Machado, Universidade os Açores (Jubilado)
7. Professora Doutora Maria Helena Anacleto-Matias, ISCAP, Instº Politécnico do Porto, Portugal
8. Doutor Miguel Real, Investigador, Centro de Literaturas e Culturas Europeias e Lusófonas, Univ. de Lisboa,
9. Chrys Chrystello, MA, Academia Galega Da Língua Portuguesa, Presidente da Direção da AICL, Açores
10. Mestre Helena Chrystello, Vice-Presidente da AICL, Coordenadora Dept.º EBI 2,3 Maia, Açores

1.4. INSTRUÇÕES PARA PUBLICAÇÃO – I - [HTTP://COLOQUIOS.LUSOFONIAS.NET/XXX/INSTR%20PUBL.PDF](http://coloquios.lusofonias.net/xxx/instr%20publ.pdf)

[NB: Ortografia: dado haver inúmeras ortografias oficiais, a AICL converteu e uniformizou todos os escritos posteriores a 1911 para o AO 1990]

1.4.1. INSTRUÇÕES PARA SINOPSES E TRABALHOS FINAIS PARA PUBLICAÇÃO – I

1. ■ A sinopse (e biodados do autor) da comunicação a enviar por correio eletrónico dentro dos prazos (Ficha de Inscrição)
2. ■ Não deve (sinopse) exceder 300 palavras e nela deve constar SEMPRE, após o título do trabalho e nome do/a autor/a, o TEMA e SUBTEMAS em que se insere (ver TEMAS)
3. ■ Tem de ser escrita exclusivamente em português.
4. ■ Será incluída na parte inicial do trabalho final a apresentar para publicação nas Atas/Anais.
5. ■ Deve ser acompanhada de notas biográficas (biodados) até 300 palavras (não mais) Não queremos um currículo académico, CV, mas sim uma súmula ou resenha da atividade do autor.
6. Reservamo-nos o direito de amputar (sempre que necessário) toda a informação excedendo as 300 palavras.

Importante:

- 7.1. Deve enviar o TRABALHO FINAL por correio eletrónico dentro das datas indicadas (VER FICHA DE INSCRIÇÃO), para ser incluído no CD-DVD de Atas do Colóquio.
- 7.2. O não-envio dos trabalhos finais, dentro das datas estipuladas, permite à Comissão Organizadora excluir o orador e pode implicar a não-publicação do trabalho final no CD de Atas/Anais do Colóquio.
8. ■ **Cada orador dispõe de exatamente de 20 minutos** para fazer a apresentação. Visa-se permitir alguns minutos de debate no fim da sessão e o orador será atempadamente avisado pelo Moderador durante a sessão, se dispõe ainda de 10 ou de 5 minutos antes de lhe ser mostrado o sinal de que acabou o tempo.
9. **MODERAÇÃO.** Funções do Moderador: (1) apresentação dos participantes; (2) o controlo do tempo das apresentações; (3) a dinamização da discussão. Concorde-se ou não com a sua condução de trabalhos, o Presidente da Mesa (Moderador) é soberano na condução dos trabalhos e no rigoroso respeito pela duração das sessões, cumprimento esse que sempre foi apanágio dos colóquios. O moderador deve focar a sua atuação para que as questões no período de debate sejam breves, a fim de haver tempo para um efetivo debate e evitar que as perguntas do público presencial se transformem em apresentações.

10. COMITÉ CIENTÍFICO:

- 10.1. *Escreva de modo a persuadir que as suas ideias merecem aprovação. Simultaneamente deve convencer um perito com cultura científica não-necessariamente um especialista na área de candidatura.*
- 10.2. *O objetivo da candidatura é convencer os avaliadores de que as propostas são suficientemente importantes e relevantes para apresentar.*
- 10.3. *Pode, se for o caso, salientar a relevância do plano de trabalho proposto face a interesses nacionais e ou internacionais específicos.*

11 Critérios formais: qualidade, cientificidade, rigor, originalidade e estado da arte

- 11.1. *O estado da arte corresponde à situação atual, na perspetiva científica, na área de investigação em que o candidato desenvolve o seu trabalho.*
- 11.2. *Esta informação pretende situar o impacto científico que o trabalho proposto pelo candidato poderá vir a ter e a originalidade do seu contributo*

12. Critérios informais de apreciação pelo comité científico:

- 12.1. *Tratamento de tema interessante e atraente para uma audiência genérica e os sócios da AICL em geral*
- 12.2. *Ter cabimento dentro dos temas e subtemas propostos para cada colóquio...*
- 12.3. *Ter interesse e estar conforme aos principais objetivos dos colóquios*
- 12.4. *Prenunciar mais-valias para uma audiência genérica e latitude até 2 ou 3 temas especializados*

1.4.2. INSTRUÇÕES PARA SINOPSES E TRABALHOS FINAIS PARA PUBLICAÇÃO 2

1. Formato: Microsoft Word 2007-2016
2. Tipo de letra (Font): TIMES NEW ROMAN 12 (espaçamento 1,5)
- 3.1. **Número de páginas do trabalho a ler: 5 páginas (A4 TIMES NEW ROMAN 12 espaçamento 1,5) para não exceder os 20 minutos.**
- 3.2. **Número de páginas não pode exceder 15 páginas, em média 12 A4 Times New Roman 12 espaçamento 1,5) incl. Notas rodapé, fim e gráficos.**
4. Título: negrito.
5. Autor(es): incluir nome que quer ver utilizado,
6. Instituição Ensino / ou Trabalho: sem espaçamento entre o nome do autor e o da instituição.
- 7 Subtítulos: negrito. Use algarismos árabes com decimais.
8. Outras divisões: algarismos árabes com decimais.
9. Citações, notas (incl. rodapé) e referências: **em itálico**, autor, data de publicação, vírgula e número(s) de página(s): i.e., como Sager afirma (1998:70-71) Times New Roman tamanho 8 (espaçamento 1)
10. Referências Bibliográficas - sempre no final do artigo
- 10.1. Livro: *Melby, Alan K. (1995) The Possibility of Language. Amsterdam: John Benjamin's.*
- 10.2. Artigo sobre livros: *Bessé, Bruno. (1997) 'Terminological Definitions'. In Sue Ellen Wright and Gerhard Budin (eds.) Handbook of Terminology Management. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company.*
- 10.3. Artigos (jornal/revista): *Corbeil, Jean-Claude (1991) "Terminologie et banques de données d'information scientifique" in Meta vol. 36-1, 128-134.*
- 10.4. Internet: *Pym, A (1999) 'Training Translators and European Unification: A Model of the Market' in 'Translation Theory and practice'. Disponível em <http://europa.eu.int/> em __/__/__*
11. **NOTAS: SEMPRE RODAPÉ.**
12. **GRÁFICOS E TABELAS:** numeradas consecutivamente. Deve ser feita menção ao seu título e número no texto

1.5. BIODADOS PATRONOS [HTTP://COLOQUIOS.LUSOFONIAS.NET/XXX/BIODADOS%20DOS%20PATRONOS%20DA%20AICL.PDF](http://coloquios.lusofonias.net/xxx/biodados%20dos%20patronos%20da%20aicl.pdf)**1.6. HOTEL**

[HTTP://COLOQUIOS.LUSOFONIAS.NET/XXX/HOTEL.HTM](http://coloquios.lusofonias.net/xxx/hotel.htm)

reservas dormidas <http://coloquios.lusofonias.net/xxx/dormidas.xlsx>

reservas refeições <http://coloquios.lusofonias.net/xxx/comida.xlsx>

reservas transferes <http://coloquios.lusofonias.net/xxx/lista%20transfer.docx>

1.7. HORÁRIO

VER [HTTP://COLOQUIOS.LUSOFONIAS.NET/XXX/30%20HORARIO%20MADALENA.PDF](http://COLOQUIOS.LUSOFONIAS.NET/XXX/30%20HORARIO%20MADALENA.PDF)

1.8. LISTA DE PARTICIPANTES

VER [HTTP://COLOQUIOS.LUSOFONIAS.NET/XXX/LISTA%20PARTICIPANTES.HTM](http://COLOQUIOS.LUSOFONIAS.NET/XXX/LISTA%20PARTICIPANTES.HTM)

I. DISCURSO DE ABERTURA PRESIDENTE DA AICL

DISCURSO DE ABERTURA Presidente da AICL**AGRADECIMENTOS AOS PRESENTES**

É sempre imponente ver o avião aproximar-se do cume do Pico, a 2.351 m, o mais alto de Portugal e da dorsal mesoatlântica. Medido da zona abissal contígua tem 5.000 m de altura. O vulcão é recente (750 mil anos), entrando em atividade pela última vez no séc. XVIII a sueste (São João). A Ilha é a segunda maior do arquipélago com 42 km de comprimento e 15,2 de largura (447 km²).

No "*Libro del Conoscimiento*", de 1345 da autoria de um frade de Sevilha, que teria acompanhado as expedições portuguesas, estão descritas diversas ilhas sendo chamada a *Columbaria* (a ilha dos Pombos) ao Pico. A sua descoberta ocorreu antes de 1439, era designada S. Dinis. O primeiro povoador, segundo Frei Diogo das Chagas, teria sido *um Fernando Álvares Evangelho* que arribou no Castelete, Lajes do Pico, numa caravela tendo permanecido um ano até que novas gentes se lhe juntaram. Começou a ser povoada em 1460, com gente da Terceira e do norte de Portugal. Houve duas abordagens à ilha, a sul, Lajes, 1460, e a norte, São Roque, em 1470. A oeste continuou totalmente desabitada, coberta por lava onde sem terra cultivável, nem corria água para abastecer quem lá se quisesse instalar, pois, entre São Mateus e Santa Luzia não havia qualquer ribeira.

No ano de 1460 foi concedida a Álvaro Ornelas, capitão-donatário da ilha da Madeira, a carta de primeiro donatário do Pico, cabendo-lhe a responsabilidade pelo seu povoamento. Nunca demonstrou interesse pela ilha, sabendo-a inóspita e por viver na Madeira. O Faial e Pico foram doados ao flamengo Josse Van Hurtere (Joz de Utra, posteriormente transformado em Dutra) que foi o segundo donatário e organizou o primeiro grupo de povoadores, em São Mateus. Era sogro do famoso cosmógrafo e astrónomo Martinho da Boémia que viveu no Faial de 1486 até 1506. Com Dutra vieram outros flamengos, como Wilhelm Van der Haagem (Guilherme da Silveira), que, passou às Flores, Terceira e S. Jorge.

Diz Susana Goulart Costa:¹

De 1480 até meados do séc. seguinte, o crescimento populacional terá decorrido num ritmo positivo. Nos finais do séc. XV, surge nas Lajes o primeiro município e depois S. Roque. Em 1542, os habitantes pedem ao rei D. João III a criação da segunda vila. Ao findar o séc. XVI, a população era de 3432, no final da centúria seguinte eram 8720. No séc. XVII, surgem 5 freguesias, 4 no novo município: Sta Luzia, Sto António, Sto Amaro e Bandeiras. Em 1871, S. Roque possui 6674 pessoas, Lajes 9733 e a Madalena 9025.

*A origem dos primeiros povoadores foi determinante, transplantando-se a organização social reinol: uma pequena nobreza, com a posse de terras; a forte presença do clero; e um terceiro grupo, de mercadores, artífices, trabalhadores rurais e artesãos. Há presença de escravos no trabalho rural e doméstico, e de judeus nas Lajes no início do séc. XVI e na Madalena, no séc. XIX. Miscigenaram-se deixando de constituir um grupo identificável. Desta amálgama se formou o carácter picoense, descrito em 1871 por António Lourenço da Silveira Macedo, em **História das Quatro Ilhas que formam o Distrito da Horta**: "São os picoenses, geralmente, dotados duma índole pacífica, laboriosos, engenhosos e robustos, sobretudo as mulheres, que muito ajudam os homens nos trabalhos rurais".*

Na Regeneração, as reformas na contribuição predial geraram levantamentos populares protagonizados por mulheres. Perante estes "barulhos", o poder central enviou uma esquadra do continente para acalmar os levantamentos femininos na Candelária e na Madalena. Na segunda metade do séc. XIX, o cultivo de laranjas, maçãs, pêssegos e figos (estes na produção de aguardente) tornou-se uma importante alternativa. Tornou-se hábito diário a deslocação de picoenses para o Faial para venda da fruta. A criação de gado foi uma importante atividade desde a descoberta da ilha. Antes do povoamento, as pastagens foram utilizadas para a criação de gado, exploradas por habitantes do Faial e da Terceira. No séc. XIX há uma efetiva exploração marítima, com a caça à baleia e assim se formou a imagem do baleeiro, associada como característica tradicional da Ilha do Pico. Fim de citação

Para que os primeiros colonos cultivassem as terras foi necessário desbastar densos arvoredos, matéria-prima para exportação sendo o cedro usado na construção naval. O cultivo de cereais, sobretudo o trigo, e o gado foram as atividades predominantes. A produção de pastel e a exportação destinada a tinturaria também desempenhou um papel relevante que atingiu o auge quando a cana-de-açúcar e o trigo entraram em decadência. No séc. XVII, as tintureiras foram substituídas pelo linho e laranjas. Foi introduzido o milho, para melhoria alimentar da população e apoio à pecuária. A exportação de laranjas surgiu no séc. XVIII, com a introdução da batata. Em finais de Setecentos, regista-se o início de uma expressiva e emblemática atividade económica açoriana: a caça ao cachalote. No séc. XVIII, os Açores já tinham uma população suficientemente grande para que a Coroa incentivasse a emigração para terras brasileiras.

Reza a história que Frei Pedro Gigante, primeiro pároco, plantou as videiras originais na Silveira, vindas da Madeira dizem uns, ou de Chipre dizem outros. Há relatos da plantação se estender para sul (Santa Bárbara) e norte (Prainha do Norte). A comunidade do Faial iniciou o ciclo do verdeiro, plantando bachelos de vinha nas rochas de lava, com bons resultados, boas parreiras e uvas de qualidade. Os habitantes trabalharam arduamente e à força de barra de ferro e marrões, quebraram a lava, abriram covas onde colocaram terra para plantar vinha obtendo um vinho muito bom e de grande teor alcoólico. A plantação era feita a partir da costa desabrigada, sujeitas ao rossio de água salgada entre abril e junho. Para combater o problema e amanhar a lava retirada para a plantação dos bachelos, assistiu-se a outra tarefa gigantesca: a construção de muros de pedra solta com um metro de altura. Tendo em conta a orientação predominante dos rossios do mar construíram-se paredes paralelas de 50 m de comprimento, distando entre si 2 a 3 m., terminando junto a uma vereda transversal, a **servidão**. A área entre duas servidões paralelas e contíguas chama-se **Jarrão**. Em cada canada construíram muros transversais, **traveses** que distam entre si 5 m. e em que de um dos lados não chegava à parede da canada, dando lugar a uma passagem, a **bocaina** sendo colocadas em posições alternadas para maior proteção dos ventos. O espaço na canada entre dois "traveses" contíguos chama-se **curral**.

Produziam-se mais de 2 mil pipas de vinho ao ano no final do séc. XVI. A produção foi crescendo. Relatos do clero, exagerados afirmavam que chegou às 30 mil pipas. É nessa época áurea que os proprietários, quase todos do Faial, constroem os solares na costa, com armazéns, lagares e alambiques. Em todos eles fizeram poços de maré para fazer face à falta de água. Também se construíram em lugares públicos, para permitir à população o abastecimento de água, nomeadamente no verão. A tarefa não era fácil pois as casas situavam-se acima das áreas das vinhas e distantes da costa onde estavam os poços. Neste período criaram-se pequenos portos ou embarcadouros, junto aos locais onde o vinho era produzido. Para lá chegar aplanaram as rochas para levar o vinho, a essas construções chamaram-lhes "rola-pipas".

A quase totalidade do vinho era transportada para o Faial em pequenos barcos, até ao fim do verão, aproveitando os mares calmos. Ali ficavam armazenados para a exportação para o norte da Europa, Índias Ocidentais, América do Norte ou Brasil. No séc. XIX a casa Dabney foi um grande exportador do vinho e a que mais contribuiu para que o vinho fosse pago a um preço mais justo para o produtor.

Em 1852 um pó branco cobriu totalmente as uvas, da floração à maturação, destruindo-as e alastrando a todas as vinhas. A produção caiu para a centena de pipas. As casas ricas do Faial, cuja fonte de rendimento era o vinho, viram-se obrigadas a vendê-las ao desbarato. Passou-se do pequeno latifúndio para o minifúndio. Os trabalhadores perderam os rendimentos ficando sem dinheiro para comprar no Faial os cereais para alimentação. Assim, começaram a desmanchar terras, partindo e separando a pedra, fazendo pequenas hortas e serrados, onde se cultivava milho, batata, inhame, etc. Amontoou-se a pedra em enormes "marroços". Outra atividade está patente no Museu dos Baleeiros, nas Lajes. A caça à Baleia, influenciada pela presença norte-americana desde finais do séc. XVIII, está hoje transformada em viagens de observação de cetáceos a que pomposamente se chama de "whale-watching" como se não houvesse equivalente lusófono.

Estamos aqui na Madalena que tem 149 km² de área e 6 049 habitantes em 6 freguesias: Bandeiras, Candelária, Criação Velha, Madalena, São Caetano e São Mateus. A sede dos Paços do Concelho da Madalena do Pico era o único edifício público existente na ilha no séc. XVIII. A Madalena dista apenas 7,5 km da Horta pelo que se transformou num dos principais eixos de comunicação com o Faial. O concelho tem elevada produção agrícola e pecuária e silvicultura com uma abundante e variada cobertura florestal de pinheiro bravo, e de endémicas de Laurissilva, típicas da Macaronésia, onde se destacam espécies como a *Myrica faya* ou a *Erica azorica*. De grande importância é a vitivinicultura de elevada qualidade, em especial, na Área de Paisagem Protegida da Cultura da Vinha de S. Mateus e S. Caetano, com realce para o Lagido, e o Czar (em memória de ter sido servido às mesas dos czares da Rússia) com base na casta de Verdeiro. Recordo que, em meados de 2004, a região se tornou "**Património da Humanidade**" pela **UNESCO**, criando-se assim a Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico. O Museu do Vinho aqui localizado, faz parte integrante do Museu do Pico. No espaço envolvente existe o mais importante conjunto de dragoeiros no mundo. Esta planta ornamental, com diversas aplicações práticas, encontra-se em vias de extinção e aqui encontrou um microclima especial e altamente propício à sua multiplicação espontânea. Os dragoeiros existentes apresentam idades estimadas entre os 500 e os 1000 anos.

O Museu é parcela de vinhas da enorme propriedade que foi da Ordem do Carmo. A implantação da vinha na ilha muito deve às ordens religiosas, Jesuítas e Carmelitas que para aqui trouxeram e deram origem à criação das condições favoráveis ao desenvolvimento dos bachelos, promoveram o aperfeiçoamento da fórmula de mistura das diversas castas envolvidas e responsáveis pelo vinho extremamente generoso, denominado por verdeiro. Os frades não só incentivaram à produção do vinho, como trouxeram os conhecimentos que passaram às populações, que passou a cultivar terrenos até ali absolutamente áridos. Há também a produção e venda de carne, leite e queijo de elevada qualidade que é exportado. Na ilha há unidades familiares de produção de pequena dimensão que fabricam o típico Queijo da Ilha do Pico

A beleza natural do concelho, está diretamente associada a um ambiente pouco maculado pela acção do homem. É calmo, exótico e em alguns casos a natureza está no seu estado absolutamente puro. Isto tem levado ao nascimento de um turismo fortemente relacionado com a natureza, ligado à terra ou ao mar como o mergulho, os passeios de barco, a observação de cetáceos e o mergulho bem como novos projetos e serviços no âmbito do ecoturismo, turismo rural e náutico.

Gostava de vos falar em termos pessoais da magia do Pico. De olhar para ele pelos olhos de quem está no meio do triângulo, no Faial ou Velas. Transmitir a atração irreprimível que a ilha exerce e quase me impele a mudar-me, não obstante prenúncios de tremores catastróficos e vulcões semiadormecidos. Podia falar do Pico com neve em pleno natal há uma dúzia de anos, dizer-vos como descobri 101 crateras e inúmeras pequenas lagoas nas caldeiras. Sonho poder viver neste mítico Pico da Atlântida submersa, cujo magnetismo me

¹Atual deputada do PS na ALRAA e anteriormente professora na Universidade dos Açores <http://www.inventario.iacultura.pt/pico/s-roque/historia.html>

Atas colóquio da lusofonia –

fascina, neste Triângulo Sagrado onde prometo imolações e demais sacrifícios nas aras do destino. Não sendo das Bermudas esse triângulo, isósceles, que nunca escaleno, seria ótimo pousio final para as minhas cinzas quando chegar a estação de fazer como as cobras e trocar de pele. Despir a capa terrena e vestir o cinzento das cinzas que sempre sonhei sempre lançar ao Oceano.

Evoco a lagoa do Paul como uma paisagem que jamais esquecerei, bucólica, mágica, encantada, com uma paz interior que me fez desejar ter uma cabana ali no sopé do Pico voltado a norte. Termine com algumas belas citações

"A Ilha do Pico faz-me as vezes de mulher amada. Desvenda-se aos poucos, em erótico vagar, para se lhe descobrir os recantos e sortilégios mais íntimos. E nunca se chega, nem se precisa, ao cerne do feitiço... Meio encoberta, meio desnudada, sempre ataviada de cheiros exóticos e eróticos, faz com que se abram as narinas de cio. Colhem os olhos as tonalidades indefiníveis de seus roxos e azuis, o cinza entorrescado de seus mistérios, seus verdes percorrendo toda a escala cromática, vertidos na paleta primigénia de que se serviu o Criador para matizar a tela da Natureza. Sempre que caem sobre o mar do canal, cavado e furioso ou espelho de Narciso, a Ilha de São Jorge, nua e arroxeadada, a garantir mais mundo, os olhos coalham-se de espanto em face do mistério de assistirem ao primeiro dia da Criação... Não cabe no olhar a Montanha bíblica. Extravasa a humana retina. Bíblica. Acredito ter sido em seu cimo, que roça o Céu, que Moisés recebeu as Dez Tábuas da Lei. E de um penedo fez jorrar a água que saciou a sede do seu Povo." **Cristóvão de Aguiar Nova**

Relação de Bordo

"Pela primeira vez reparei na ameaça instalada no cimo do Pico. A montanha não era essencialmente a beleza, como certas fotografias nos davam a entender. Era, sim, um rosto autoritário, guardando o segredo da próxima erupção. Metia medo sob a luz leitosa das manhãs. Vivíamos, no Pico, de costas voltadas para a montanha. Vista do Faial, cara a cara, a montanha parecia uma permanente ameaça. Talvez por medo inconsciente se falasse tanto dos fins dos tempos. [...] E, contudo, na tarde límpida, o cume anilado do Pico parecia sorrir, bondoso. Deus e o Diabo podiam bem revezar-se no comando dos nossos destinos, consoante as flutuações do segredo da montanha." **José Martins GARCIA, Contrabando original.**

"Ao dobrarem o Castelete, do lado leste da vila, que domina, surge-lhes, para além do casario dos povoados, a majestade assombrosa da Montanha, toda branca de neve que a cobre, sempre a mudar de aspeto enquanto deixando para trás as Lajes com sua fidalguia de pataco, atravessam a longa Baía da Vila, passam, ao largo, pelo porto de S. João queijeiro, adiante pela Terra do Pão, depois pela afamada Baía da Prainha do Galeão, a seguir abicam à lendária Ponta de Santa Catarina, não sei se também chamada Ponta do Espartel, com isto entram em águas de S. Mateus, o grosso da freguesia um tanto arredada mais para o interior, aqui a Montanha, de que se não avista o cume, como que se torna uma inimaginável mole a querer sobre ela se abater e esmagá-la, e logo estão a entrar no pequeno porto de S. Mateus. [...] No céu limpo de nuvens havia sol. Na terra calor. Viria só dele, do Sol, ou também refletido pelo colosso da Montanha com o Sol entretanto aquecida?" **José Dias de Melo, A montanha cobria-se de negro.**

E termino lembrando alguns nomes importantes de autores picarotos que tentaremos homenagear ao longo dos próximos dias como

ADÉLIA GOULART, ALMEIDA FIRMINO, AVELINO ROSA, CESALTINA MARTINS, ERMELINDO ÁVILA, FERNANDO MELO, JOSÉ CARLOS COSTA, JOSÉ DIAS DE MELO, JOSÉ ENES, JOSÉ MARTINS GARCIA, JUDITE JORGE, MANUEL DA COSTA JNR, MANUEL FERREIRA DUARTE, MANUEL TOMÁS, MARIA NORBERTA AMORIM, PADRE NUNES DA ROSA, RODRIGO GUERRA, RUI GOULART, SIDÓNIO BETTENCOURT, URBANO BETTENCOURT, e no campo eclesiástico os missionários no oriente como o CARDEAL DOM JOSÉ DA COSTA NUNES, DOM JAIME GOULART, DOM JOÃO PAULINO DE AZEVEDO E CASTRO, PADRE ÁUREO DA COSTA NUNES DE CASTRO, PADRE ISIDORO DA SILVA ALVES, PADRE JOÃO HOMEM MACHADO, PADRE JOSÉ CARLOS VIEIRA SIMPLÍCIO, PADRE JOSÉ PEREIRA DA SILVA BRUM, Espero que se apaixonem pelo Pico como eu me apaixonei e fruam de uns 4 maravilhosos dias neste 30º colóquio

1.9. ATAS COM TEXTOS E BIODADOS ORADORES, CONVIDADOS E OUTROS

1. ADRIANA MENEZES, COLÉGIO DA LAGOA FLORIANÓPOLIS STA CATARINA BRASIL.



ADRIANA MARIE FREITAS MENEZES,

Graduada em Pedagogia, com habilitação em Orientação Educacional e graduada em Pedagogia, com habilitação em Anos Iniciais, pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (1997).

Professora, Orientadora Educacional, Coordenadora Pedagógica nas redes pública e particular de ensino em Florianópolis.

Pós-Graduada em Psicopedagogia (2000). Experiência na área de Educação, com ênfase em Educação. Especialização em Neuropsicopedagogia Clínica – CENSUPEG (em andamento). Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade EJA (PROEJA) - IFSC (em andamento).

Psicopedagoga do Colégio Policial Militar "Feliciano Nunes Pires", Florianópolis – Ensinos Fundamental e Médio – 2015.

Disciplinas de Mestrado: Sociedade da Informação e Educação e Educação Sexual – Interfaces Curriculares 2016 – UDESC.

Atualmente é Coordenadora no Colégio da Lagoa, Florianópolis – nos segmentos de Educação Infantil e Anos Iniciais.

TEMA 2.3. Desenvolvendo valores por meio das fábulas açorianas, Adriana Marie Freitas Menezes, Colégio da Lagoa, Florianópolis, SC, Brasil

SINOPSE

O presente trabalho pretende contribuir para a preservação da cultura açoriana no Estado de Santa Catarina, com o estudo a partir de revisão bibliográfica sobre a fábula de origem portuguesa, fundamentada na obra de Luciano Pereira, intitulada *A Fábula em Portugal - Contributos para a História e Caracterização da Fábula Literária* (2007), como elemento de reflexão e de formação, enquanto norteadora do processo de ensino aprendizagem nas escolas de educação básica da rede privada do município de Florianópolis (da educação infantil ao ensino fundamental). Na fábula, há sempre uma analogia, algo para aprender e incitar o pensamento sobre as situações cotidianas da vida em sociedade.

A originalidade está na sua intenção didática, na forma como é criada para dar margem à imaginação. Possui intenção reguladora da moral e dos bons costumes. Seu objetivo é instruir as crianças de forma divertida, contribuindo para a formação de conceitos relacionados à moral e à ética. O estudo das fábulas portuguesas contribui para enriquecer e solidificar os aspectos ainda vigentes da açorianidade na Ilha de Santa Catarina. Pretende-se, futuramente, estender a pesquisa para aplicação em sala de aula, como projeto-piloto, no Colégio da Lagoa, em Florianópolis.

Palavras-chave: Fábulas literárias, Portugal, Gênero Alegórico, Educação.

1. Introdução

O presente estudo sobre a fábula e seus valores, com suas implicações em Portugal e no Brasil, a partir de revisão bibliográfica, pretende se constituir em elemento de reflexão e de formação, enquanto norteador do processo de ensino aprendizagem nas escolas de educação básica da rede privada do município de Florianópolis, mais especificamente no Colégio da Lagoa. A Fábula é aqui entendida como espelho da sociedade com suas desumanidades e opressões.

A pesquisa foi referenciada em material bibliográfico produzido em Portugal e no Brasil, com inserção no universo fabulístico e estabelecimento de conexão com as nossas raízes portuguesas. Para promover o estudo, foram referenciadas a acolhida das fábulas em Portugal e destacada a importância de se conhecer o gênero naquele país. Da análise do referencial bibliográfico, se verificou a importância dos autores clássicos e o estabelecimento de suas marcas na composição do gênero. No desenvolvimento do trabalho de pesquisa, utilizou-se como recurso pedagógico, em sala de aula, o ensino da literatura com auxílio do gênero fábula, onde a oralidade e o imaginário foram elementos que contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento da leitura, escrita e dos preceitos morais e éticos que se consolidam nas narrativas. Aos grupos de alunos que se integraram ao trabalho, foram apresentadas as fábulas como pequenas narrativas literárias, que são transmitidas através de linguagem simples, mensagens moralizantes relacionadas e atribuídas ao nosso cotidiano. Todas as atividades didáticas se deram através da ludicidade, recriando a realidade com ilustrações diversas, incluindo peças teatrais, e demais composições como prosa ou verso, contribuindo para a formação e o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos envolvidos. O estudo procurou desenvolver habilidades cognitivas nos estudantes que se integraram à pesquisa, com o estudo das fábulas, estimulando valores como ponderação, esforço, resiliência, autonomia e perspicácia.

2. A fábula em Portugal

Ao estudarmos as fábulas em Portugal, levamos em consideração os estudos desenvolvidos por Luciano Pereira, e seu contributo para a caracterização da fábula literária. Na lição de Pereira (2007:29):

Atas colóquio da lusofonia –

“Basicamente a fábula é constituída por uma narrativa elementar, extremamente breve e econômica, não raras vezes reduzida ao mínimo essencial: duas personagens e uma acção, tal como os títulos sempre evidenciam (A cigarra e a formiga, leia-se: A cigarra versus a formiga, onde a preposição e ou versus deve ser entendida como o predicado de acção mais apropriado à relação de oposição entre estes dois elementos, por exemplo: a formiga crítica a cigarra.”

O trabalho do pesquisador teve seu fundamento em textos dos bestiários franceses do Século XII e da literatura medieval, com a catalogação de um extenso universo de fábulas e a distinção de uma grande multiplicidade de olhares acerca do fenômeno literário.

A obra de Pereira nos permite revisitar as fábulas ainda existentes no nosso imaginário. Com o estudo das fábulas de La Fontaine, o autor constata a imperiosa necessidade de um conhecimento mais amplo do gênero em Portugal, mormente por intermédio dos manuscritos e das obras antigas de Esopo e Fedro.

Pereira (2007:151) assinala ainda que *a fábula é apenas um dos gêneros literários em que as influências estrangeiras, sobretudo a francesa, se fazem sentir. As inúmeras traduções e adaptações contribuem deveras para revitalizar a nossa criação literária*”.

La Fontaine, que viveu no século XVII, influenciou de forma destacada a produção portuguesa das fábulas. Segundo Tulchinski (2005:48), o autor era francês, filho de pais burgueses. Com o apoio da nobreza, dedicou-se à literatura, “*escrevendo poesias e fazendo adaptações de comédias. Porém, foram as Fábulas, escritas em verso e reunidas em doze livros, publicados entre 1668 e 1694, que o tornaram conhecido no mundo inteiro.*” Os portugueses Curvo Semedo e Filinto Elísio são os maiores responsáveis pela recepção dos escritos do autor.

Nos séculos seguintes, obras de excelência surgem no contexto da criação literária. Pereira organiza didaticamente a história da evolução do gênero em Portugal, inserindo o gênero na produção do continente europeu. Para o autor, as literaturas de países como França, Inglaterra, Espanha, Itália e Alemanha constituem-se em interlocutoras diretas da literatura portuguesa.

Ao se debruçar sobre o tema, o professor destaca a importância dos autores clássicos medievais e renascentistas, que deixaram suas marcas na composição do gênero. No desenvolvimento da sua pesquisa, Pereira analisa detidamente as fábulas literárias de maior relevância e sucesso junto ao povo português a partir do Século XVIII. Utiliza para as suas análises, as versões portuguesas publicadas em livros e manuais escolares.

As fábulas de maior relevância, dentre os livros de La Fontaine, são a Raposa, o Lobo e o Leão, sendo que o autor elege a raposa e o lobo como as mais portuguesas das fábulas conhecidas. Fala ainda da compreensão do processo fabulístico em geral e em especial do português, com a sua grafia, musicalidade e colorido, dentro de um vastíssimo contexto cultural.

O autor preocupa-se ainda em abordar as fábulas nas literaturas modernas, o processo de renovação do gênero e a sua importância universal. No contexto da obra, Pereira contribui para o esforço da caracterização do imaginário português, e em particular, para os estudos das conotações culturais dos atores fabulísticos principais: a raposa, o lobo e o leão.

Já no contexto brasileiro, ao abordar as lendas, Ruth Guimarães (s.d.: 07) assevera que *“a maioria das estórias são variantes dos contos recolhidos também na tradição oral e belamente recontadas por Grimm, Andersen, Perrout, que, há um século atrás, já sabiam o que convinha à criança”*. Ao tratar das estórias contadas no Brasil, a autora esclarece que *“a maioria [...] dos contos tradicionais do Brasil é de procedência europeia, veio através de relatos orais do português descobridor e colonizador. Temos, porém, ainda as lendas ameríndias e as africanas.”*

Na fábula A raposa e o Corvo, transcrita na obra *365 Fábulas da Vovozinha*, os textos são traduzidos e adaptados por Salerno e Nuno, (2014:49): *“Um corvo descansava num galho de árvore com um queijo no bico quando uma raposa o viu e, muito esperta, pediu que ele cantasse. Vaidoso, o corvo abriu o bico para cantar...e deixou cair o queijo no chão, que logo foi abocanhado pela raposa.”* A moral da história é que não se deve envaidecer do que se sabe e reparar sempre no que se faz.

Ainda no Brasil, Antunes (2003:11) explica

“[...] especialistas em teoria da comunicação compararam o efeito sobre a memória humana de um texto proposto de forma séria, carrancuda, ‘antisséptica’ e sem concessões ao humor para um grupo, e de um texto de igual profundidade e conteúdo proposto para grupo análogo, mas apresentado de forma leve, irônica, carregada de humor e sarcasmo. O resultado surpreendeu: após algum tempo, a memória guardava com bem mais expressiva intensidade tudo quanto chegara de forma emocional e humorada do que aquilo que chegara envolvido pela rigidez seca do texto direto”.

Ainda para o mesmo autor,

“Comunicadores de massa preferem sempre enviar suas mensagens pelos caminhos da emoção, pelos ganchos da anedota, pela lembrança de um caso. Estes profissionais evitam abordagens extremamente explícitas, maquiando ou camuflando suas mensagens mediante o fascínio da emoção, o encanto do riso, a surpresa de um final inesperado”.

Não poderíamos falar da produção fabulística brasileira sem citar Monteiro Lobato. O escritor teve a sensibilidade de perceber que faltavam histórias para os meninos e meninas do Brasil, que fossem ambientadas em nossos cenários. O que havia eram histórias universais, cujos textos eram traduzidos. Lobato cria, em 1920, o Sítio do Pica-Pau Amarelo, com seus criativos personagens, e recorta as fábulas de La Fontaine e Esopo, as aventuras de Peter Pan, Dom Quixote e muitos outros.

Esses textos fabulísticos são recontados por Dona Benta aos personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo. As narrativas são breves e sempre transmitem uma lição, abordando aspectos da natureza humana, como a inveja, as injustiças, a astúcia e o orgulho. Os bichos personagens são possuidores de voz e de emoção, interagindo e conversando com gente de verdade.

Lobato (2008:84), na famosa fábula “O lobo e o cordeiro”, cuja lição diz que contra a força não há argumentos, nos conta que o cordeiro bebia num córrego, quando aparece o lobo esfomeado. O lobo, desejando devorá-lo, pergunta porque turvou a água, sendo que o cordeiro responde que não poderia ter feito isso, pois ela corria do Sr. Lobo para ele. O lobo então argumenta que o cordeiro teria falado mal dele, no ano anterior. O cordeiro responde que não poderia ser verdade, pois nasceu naquele ano. O lobo, confuso, afirma, finalmente, que se não foi ele, foi seu irmão. Mas o cordeiro contesta, informando que era filho único. Para que sua força prevalecesse, o lobo atribui o ato de falar mal dele ao pai ou avô do cordeiro, e o ataca.

Com toda a sua força criativa, Lobato (2008:85) estabelece um diálogo bem-humorado entre seus personagens, acerca da fábula referida:

“- Estamos diante da fábula mais famosa de todas – declarou Dona Benta. – Revela a essência do mundo. O forte tem sempre razão. Contra a força não há argumentos.

- Mais há esperança! - berrou Emília. – Eu não sou forte, mas ninguém me vence. Por que? Por que aplico a esperteza. Se eu fosse esse cordeirinho, em vez de estar bobamente a discutir com o lobo, dizia: “Senhor lobo, é verdade, sim, que sujei a água deste riozinho, mas foi para envenenar três perus recheados que estão bebendo ali embaixo’. E o lobo, já com água na boca: ‘Onde?’. Eu eu, piscando o olho: ‘Lá atrás daquela moita!’. E o lobo ia ver e eu sumia...

-Acredito – murmurou Dona Benta. – E depois fazia de conta que estava com uma espingarda e pum! na orelha dele, não é? Pois fique sabendo que estragaria a mais bela e profunda das fábulas. La Fontaine a escreveu de um modo incomparável. Quem quiser saber o que é obra-prima, leia e analise a sua fábula do lobo e do cordeiro...”

Dentro do estudo da Fábula Literária, nos detivemos na reflexão sobre a sua importância para a formação dos alunos, ao nortear o processo de ensino aprendizagem nas escolas de educação básica da rede privada do município de Florianópolis, mais especificamente no Colégio da Lagoa.

Abordaremos agora a aplicação da pesquisa, realizada em sala de aula.

3. Como se deu o desenvolvimento das Fábulas no ambiente escolar

Dentro do processo de realização da pesquisa, se buscou envolver todos os alunos do quarto ano “C” do Ensino Fundamental, possibilitando a construção de uma abordagem criativa ao se trabalhar com as fábulas mais conhecidas na literatura ocidental.

Inicialmente se destacou a importância de se prestigiar a literatura infantil e se estabeleceu um roteiro de trabalho para as leituras das fábulas, buscando explorar a capacidade de diálogo e de interação entre os estudantes. Os alunos foram instados a perceber a sala de aula como lugar do texto fabulístico, onde acontece o encontro dos pequenos leitores com as narrativas que encantam o imaginário infantil.

Nas leituras, foram evidenciadas a riqueza de detalhes dos textos, discutidas e estimuladas a interpretação e a compreensão das mensagens emanadas. Na contextualização do trabalho realizado, os alunos foram informados sobre o trabalho de pesquisa acerca das fábulas em Portugal e no Brasil, e da influência europeia na formulação dos textos, sendo-lhes estimulado o exercício da imaginação e a necessidade de comporem cenários dentro de suas percepções infantis.

Como Coordenadora Pedagógica, busquei mediar os recursos do texto, escritos e imagéticos, perseguindo, ao final, um sentido, depois do debate entre os alunos e a exposição de suas percepções sobre o tema.

Os trabalhos desenvolvidos em sala de aula, com horas-aula de 50 minutos, se deram da seguinte forma:

1ª Aula - Contextualização da Pesquisa, apresentação, leitura e discussão das fábulas.

2ª Aula - Desenvolvimento, por parte dos alunos do seu próprio texto fabulístico, de imagens relacionadas e/ou de relatos acerca do que aprenderam com a atividade desenvolvida na 1ª aula.

3ª Aula – Continuidade e conclusão dos trabalhos de construção dos textos.

4º Aula – Orientações para elaboração de um varal literário em sala de aula.

5º Aula – Disposição final dos textos em varal literário disposto em sala de aula. (No dia 15 de setembro de 2018, essa atividade integrará a 13ª MICLA – Mostra Interdisciplinar do Colégio da Lagoa).

Com o desenvolvimento do trabalho proposto, os alunos puderam conhecer um pouco mais das fábulas, formular hipóteses sobre os temas apresentados, conhecer o significado de novas palavras da Língua Portuguesa e perceber a leitura como instrumento que lhes pode auxiliar na resolução de problemas. A metodologia empregada estimulou ainda o desenvolvimento de atitudes interacionais e a troca de experiências entre os alunos. A atividade desenvolvida em sala de aula possibilitou a utilização das fábulas como recurso pedagógico para o aprendizado das crianças e permitiu trabalhar a atividade motora e artística dos alunos.

Foram apresentadas para os alunos, as Fábulas originais ou adaptadas de Esopo: “A Cigarra e a Formiga”, “A Lebre e a Tartaruga”, “A Raposa e as Uvas”, “A Assembleia dos Ratos”. E ainda as Fábulas originais ou adaptadas de La Fontaine: “A Raposa e o Galo”, “O Corvo que Quis Imitar a Águia”, “A Galinha dos Ovos de Ouro”, “O Leão e o Camundongo”. A originalidade do trabalho se evidenciou na intenção didática, com o uso da criatividade nas situações apresentadas, uma vez que possui intenção reguladora, moral, que possibilita ações e intervenções de forma intencional.

Uma das fábulas apresentadas, “A Cigarra e a Formiga”, de Jean de La Fontaine (2009:45), trouxe o significado do trabalho, da economia, do esforço, da humildade, da gentileza, entre outros, que são elementos necessários para a construção e a formação do caráter humano, prezando pela produção de riqueza e solidariedade social.

As demais fábulas discutidas proporcionaram aos alunos ocasião para refletirem sobre o comportamento de forças antagônicas, o prazer e o real, a inocência e a força, a astúcia, o ardil e a dimensão imitativa da natureza.

4. Conclusão

Este trabalho procurou contribuir para a preservação da cultura portuguesa no Estado de Santa Catarina, com o estudo das fábulas a partir da obra de Luciano Pereira, principalmente daquelas mais representativas em Portugal e no Brasil, como elemento de reflexão e de formação, enquanto norteadora do processo de ensino aprendizagem nas escolas de educação básica da rede privada do município de Florianópolis, mais especificamente no Colégio da Lagoa.

Atas colóquio da lusofonia –

Vimos que as fábulas se inserem no conjunto dos gêneros alegóricos e ilustram verdades universais, através de uma narrativa muito particular, que apresenta a justaposição entre a narração e comentário, com seus jogos de oposições e morais proverbiais.

O gênero permite sua adaptação, a analogia com o mundo dos seres humanos e comparações com as atividades que o mesmo desenvolve.

No decorrer das atividades propostas em sala de aula, pudemos concluir que o estudo das fábulas universais, estudadas por sua relevância em Portugal, revestidas com a força da sabedoria popular, contribuíra para enriquecer e solidificar os aspectos ainda vigentes da açorianidade na Ilha de Santa Catarina.

Na abordagem pedagógica, foram evidenciados os sentidos histórico e alegórico, incitando o pensamento dos alunos sobre as situações cotidianas da vida em sociedade. A metodologia utilizada para apresentação das Fábulas possibilitou instruir as crianças de forma divertida e reflexiva, contribuindo para a formação de conceitos relacionados à moral e à ética.

O entendimento é de que a utilização da fábula como subsídio pedagógico é um grande facilitador da assimilação da linguagem e da produção de novas ideias e conhecimentos com teor reflexivo, estimulando o desenvolvimento nos alunos das habilidades necessárias para gerenciar conflitos sócio-cognitivos, domínio das estruturas narrativas, da escrita criativa, da leitura, do raciocínio lógico, das competências de síntese e de expansão textual.

As fábulas são um importante instrumento para que os pequenos alunos aprendam a narrar, contar histórias, refletir sobre os seus ensinamentos e resolver dilemas e contradições.

Conclui-se que educar, por intermédio das fábulas, reveste-se de grande importância para a atividade pedagógica. Através delas, podemos apresentar aos pequenos todo um mundo imagético universal e ensinar-lhes o valor de virtudes como a ponderação, o esforço, a resiliência, a autonomia e a perspicácia.

Referências Bibliográficas

Antunes, Celso. (2003) *Casos, fábulas, anedotas ou inteligências, capacidades, competências*. Petrópolis: Vozes.

Guimarães, Ruth. (s.d) *Lendas e Fábulas do Brasil*. São Paulo: Cultrix.

Lobato, Monteiro. (2008) *Fábulas*. São Paulo: Globo.

Pereira, Luciano. (2007) *A Fábula em Portugal – Contributos para a História e Caracterização da Fábula Literária*. Porto: Profedições.

Salerno, Silvana; Nuno, Fernando. (2014) *365 Fábulas da Vovozinha*. Barueri: Girassol.

Tulchinski, Lúcia. (2005) *Fábulas de Jean de La Fontaine*. São Paulo: Scipione.

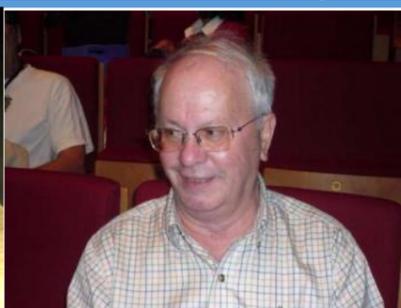
SÓCIA AICL

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

2. ÁLAMO OLIVEIRA, ESCRITOR, TERCEIRA, AÇORES, CONVIDADO



GALIZA 2012



BELMONTE 2017



GRACIOSA 2015



BELMONTE 2017



(José Henrique do) ÁLAMO OLIVEIRA nasceu na Freguesia do Raminho – Ilha Terceira, Açores –, em 1945.

Depois dos estudos no Seminário de Angra, foi funcionário em diversos departamentos governamentais ligados à Cultura.

Como escritor, tem 36 livros publicados com poesia, romance, conto, teatro e ensaio. Está representado em mais de uma dezena de antologias de poesia e de ficção narrativa, em Portugal e no estrangeiro.

Tem poesia e prosa traduzidas para Inglês, francês, italiano, espanhol, croata, esloveno e japonês.

O seu romance *Já não gosto de chocolates* foi traduzido e publicado nos Estados Unidos da América e no Japão. *Até Hoje, memórias de cão* (3ª edição) recebeu o prémio «Maré Viva», da Câmara Municipal do Seixal, em 1985; *Solidão da Casa do Regalo* (teatro) recebeu o prémio «Almeida Garrett», em 1999.

Em abril de 2002, a Portuguese Studies Program, da Universidade da Califórnia em Berkeley, convidou-o, na qualidade de «escritor do semestre», para lecionar a sua própria obra aos estudantes de Língua Portuguesa – sendo o primeiro português a receber tal distinção.

Com algumas incursões na área das Artes Plásticas (exposições individuais e coletivas em Angra, Ponta Delgada, Lisboa, Porto e Guiné-Bissau, nas décadas de 60 a 80), criou mais de uma centena de capas para livros.

Em 2010, foram-lhe conferidas as seguintes distinções: Insígnia Autónoma de Reconhecimento do Governo Regional dos Açores e Grau de Comendador da Ordem de Mérito da Presidência da República.

Bibliografia

1968. A minha mão aberta. Opúsculo, ed. Autor

1971. Pão Verde, esgotado, ed. Autor

1972 in 14 poetas de aqui e de agora (Antologia). Angra do Heroísmo. União Gráfica Angrense

1973. Poemas de(s)amor, poesia esgotado. Tip. Fernandes

1974. Morte ou vida do poeta. Teatro. Angra, Livr. Adriano G de Figueiredo

1974. Fábulas, poesia, esgotado ed. Autor

1974. Um Quixote. 2ª ed. Teatro

1976. Os quinze misteriosos mistérios. Poesia, esgotado ed. Autor

1977. Manuel, seis vezes pensei em ti, teatro ed. Autor

1977 in Antologia de poesia açoriana do séc. XVIII a 1975 de Pedro da Silveira. Lisboa ed. Sá da Costa

1978. Manuel. seis vezes pensei em ti, peça em duas talhadas com dez pevides, posfácio de E Ferraz da Rosa, teatro, 2ª ed. Angra ed. Autor.

1978. Almeida Firmino, Poeta dos Açores. Ensaio, poesia, ed. DRAC. SREC, esgotado

1978 in Antologia panorâmica do conto açoriano, sécs. XIX e XX, org., prefácio e notas de João de Melo. Lisboa ed. Vega

1979. Cantar O Corpo. Poesia, esgotado. Angra. União Gráfica Angrense ed. Autor

1980. Eu Fui Ao Pico Piquei-Me, poesia, esgotado, ed. Autor

1982. Uma Hortênsia Para Brianda. Teatro, ed. Separata Atlântida

1982. Abordagem" (teatral) a "Quando o mar galgou a terra" de Armando Côrtes-Rodrigues, Ensaio, separata da "Atlântida". Angra do Heroísmo

1982. Burra Preta Com Uma Lágrima, ficção, ed. Autor

1982. Itinerário das Gaivotas, poesia, ed. SREC. DRAC esgotado

1982. «Nota de abertura ou Almeida Firmino, um poeta a recuperar» in Firmino, Almeida. Narcose: obra poética completa. Angra do Heroísmo. SREC. pp. 9-20.

1982. O presépio de esferovite: São Bartolomeu da Terceira com Etelvina Fraga, Manuel Fernandes, ed. DRAC. Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Angra

1983 in Antologia The Sea Within, a selection of Azorean poets, ed. Gávea-Brown. EUA

1983 in 12 poetas dos Açores, org. e notas de Emanuel Jorge Botelho. Lisboa: IN-CM.

Atas colóquio da lusofonia –

1983. Nem mais amor que fogo, poesia, com Emanuel Jorge Botelho. Angra ed. Autor
1983. Em louvor do Divino Espírito Santo: fotomemória de Francisco Ernesto de Oliveira Martins, conto de Álamo Oliveira Angra. DRAC. DS Emigração. IN-CM
1984. Missa Terra Lavrada. Teatro, ed. DRAC. SREC
1984. Sabeis quem é este João? Teatro, peça sobre o beato João Baptista Machado, ed. Separata Atlântida vol. 29 pp. 3-68 IAC
1984. Triste vida leva a garça. 1ª ed., Ulmeiro
1985. «Terceirense e Pintor: José Lúcio» Atlântida vol. XXX 2º sem. Angra do Heroísmo IAC pp. 34. 35.
1986. Até hoje, memórias de cão, Romance. 1ª ed. Ulmeiro, esgotado
1986. Textos Inocentes. Poesia, ed. Autor
1987. O traje nos Açores, com João Afonso. 2ª ed. Angra. Secretaria Regional dos Assuntos Sociais
1987. Até hoje, memórias de cão, Romance. 2ª ed., Ulmeiro esgotado
1987. Interação entre atividades culturais na região e ao nível local, correntes “ascendentes” e “descendentes”. Ponta Delgada. UAç
1987. Erva-Azeda. Poesia. Angra do Heroísmo
1988. Açores, com fotografia de Maurício Abreu, intro e seleção de textos de Álamo Oliveira, inglês Joaquim Nascimento. Setúbal. Ed. M Abreu e V. Figueiredo
1988. Até hoje, memórias de cão. Romance. 3ª ed. Angra, ed. Signo
1990. O cenário de uma geração. Angra do Heroísmo, inédito 19 pp. Congresso de Literaturas Lusófonas de Expressão Portuguesa, Casa dos Açores de Lisboa.
1990. A Madeira é um jardim, Raminho, ed. Álamo Oliveira. Tip. Serafim Silva. Artes Gráficas. Maia
1991. Contos Com Desconto. Contos. Angra do Heroísmo: IAC
1992. Impressões de boca. Angra do Heroísmo: SREC DRAC, esgotado
1992. Pátio d’Alfândega. Meia-Noite, romance, ficção, col. Chão da Palavra. Lisboa ed. Vega
1992. Eugénio de Andrade nos Açores. Núcleo Açoriano da Fundação Eugénio de Andrade. Ponta Delgada. Câmara Municipal
1994. Manuel, seis vezes pensei em ti. 2ª ed. Teatro, ed. Jornal de Cultura
1994. Pai, a sua bênção: Antologia de textos de autores açorianos. Ponta Delgada. DRAC.
1994. A história da Belárvore na cidade da Burocrácia, com desenhos de Virgílio Toste. Angra. Direção-geral de Organização e Administração Pública
1994. Açores, Azores com Maurício Abreu, versão inglesa de Vanessa Seed, ed. de M Abreu e Victor Figueiredo. 1ª ed. Setúbal. Corlito
1995. Burra preta com uma lágrima. 2ª ed., romance. Lisboa, ed. Salamandra.
1995. Os sonhos do infante. 2ª ed., Teatro. Ponta Delgada. Jornal de Cultura
1995. Impressões de boca. Ilustrações David Almeida, col Gaiivota 76. SREC
1995. Olá pobreza, textos de pompa e circunstância. Ponta Delgada. Ed. Éter
1995. E choveu papel, com Luís Belerique e Miguel Silveira. Angra. Direção Regional da Organização e Administração Pública
1995. Pai, a sua bênção. Antologia de textos açorianos, org por Álamo, Ana Maria Bruno, Mariana Mesquita e Susana Rocha, ed. Coingra. SREC. DRAC
1996. O homem suspenso. Supl. Açoriano de Cultura nº 43
1996. Olá. Pobreza! Ensaio, ed. Jornal de Cultura
1996. Os sonhos do Infante, teatro. Angra. Grupo de teatro Alpendre
1997. Com perfume e com veneno, contos. Lisboa, ed. Salamandra
1998. Mar de baleias e de baleeiros, com João Afonso. Museu dos Baleeiros. Lajes ed. SREC
1998. António, porta-te como uma flor, gravuras de António Dacosta. Lisboa, ed. Salamandra
1999. Já não gosto de chocolates, romance. Lisboa, ed. Salamandra
1999. Morte que mataste lira, com Carlos Alberto Moniz, Teatro, Lisboa ed. Dito E Feito
1999. Almeida Garrett, ninguém, teatro. Alpendre Teatro, ed. Autor
2000. A Solidão da Casa do Regalo, Prémio de Teatro Almeida Garrett 1999, ed. Salamandra
2000. Memórias de ilha em sonhos de história. Poemas sobre aguarelas de Álvaro Mendes, ed. Álvaro Mendes
2000 in Nove Rumores do Mar, Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea org. Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas, I. Camões e Seixo Publishers
2000. Valter Vinagre, espírito nas ilhas, com Valter Vinagre, Manuel Hermínio Monteiro, ed. Instituto Camões. Ministério dos Negócios Estrangeiros
2001. Cantigas do fogo e da água, quadras sobre aguarelas de Álvaro Mendes, teatro. Teatro do Ser, atuações 2002, 2003, 2006
2002. Judite, nome de guerra de Almada Negreiro, Adaptação. Teatro
2002. NEO 1 vol. 1 com Urbano Bettencourt, Adelaide Monteiro Batista, Carla Silva, Pedro Alvim Pinheiro, ed. Dept.º Línguas e Literaturas Modernas. UAç
2002. O homem que era feito de rede, com Katherine Vaz e Vamberto Freitas, ed. Salamandra
2003. O meu coração é assim. Antologia editada por Diniz Borges, ed. Câmara Municipal de Angra do Heroísmo
2003. Até hoje, memórias de cão. 2ª ed. Romance, ed. Salamandra



BGA ANGRA 2013

2003. Angra. Cidade do mundo. Sanjoaninas 2002. Terceira. Açores, foto de Carlos Garcia, ed. Fotoletras

2004. Pedro da Silveira 1922-2003, um breve perfil. Boletim do N C Horta vol. 13
2004. A Solidão da Casa do Regalo; Almeida Garrett. Ninguém. Teatro. 2ª ed. ed. Salamandra
2005. "As mulheres em 'Já não gosto de chocolates'" em M. Marujo, A. Baptista e R. Barbosa (ed.) Congresso A vez e a voz da mulher imigrante portuguesa. The Voice and Choice of Portuguese Immigrant Women. Proceedings 1st Int'l Conference. Toronto. University of Toronto. Dept Spanish and Portuguese pp. 68-71 (<http://www.museu-emigrantes.org - docs - conhecimento - conferencia-emigra%C3%A7%C3%A3o.pdf>)
2005. Açores, Azores com Maurício Abreu, versão inglesa de Peter Ingham, ed. M Abreu e Victor Figueiredo. 2ª ed. Setúbal, Fotografia e Ed. Lda.
2006. I No Longer Like Chocolates. Trad. Diniz Borges. San Jose. PHPC
2007. Voices from the islands, an Anthology of Azorean Poetry. John M K Kinsella. Gávea-Brown Publications. Providence. Rhode Island
2007. Açores profundos, Profound Azores, com Paulo Filipe Monteiro e Madalena San-Bento, trad Patrícia Correa Costa. Porto. Caixotim Ed.
2007. Terceira, uma ilha sempre em festa, foto João Costa. Ed. Bilingue. Praia da Vitória, ed. Blu
2007. O ciclo do Espírito Santo. The Holy Ghost Cycle com João Manuel Magina Medina, João António Martins, Ana Martins. Angra, ed. J M M Medina
2008. "Já não gosto de chocolates" Ed. Japonesa Random House Kodansha
2008. Terceira, a ilha dos Impérios. Terceira Impérios Island com Mário Duarte e trad de Alexandra Grilo. Praia da Vitória, ed. Blu
2010. Andanças de pedra e cal 1ª ed. Praia da Vitória, ed. Blu
2010. Padre, Filho, Espírito Santo e o Futuro. IV Congresso Internacional sobre as Festas do Espírito Santo. PHPC. San Jose. Califórnia
- 2010 Passos de nossos avós, ed. Manuela Marujo, Aida Baptista.
2011. Caneta de tinta permanente na poesia popular, dedicado a Manuel Caetano Dias "Caneta". Nova Gráfica ed. Autor
- 2011 in Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, ed. Calendário de Letras, V. N. de Gaia
- 2011 in Antologia da Memória poética da Guerra Colonial. Roberto Vecchi, Margarida C Ribeiro (org.). Fotos: Manuel Botelho. Notas: Luciana Silva e Mónica Silva. 1.ª ed. Porto: Afrontamento. Poesia. ISBN 9789723611748. 648 págs.
- 2012 in Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, ed. Calendário de Letras, V. N. de Gaia
2012. Quatro prisões debaixo de armas, Teatro, baseado no conto homónimo de Vítorino Nemésio, prefácio de A M Machado Pires, ed. Autor
2013. Adelaide Freitas. Atas 19º colóquio da lusofonia. Maia. S Miguel. Açores
2013. Portugal pelo mundo disperso, coord de Teresa Cid. 1ª ed. Lisboa, Tinta da China
2013. Coletânea de Textos Dramáticos de Helena Chrystello e Lucília Roxo. AICL, Colóquios da Lusofonia, ed. Calendário de Letras, V. N. de Gaia
2013. Murmúrios com vinho de missa. 1ª ed. Angra. Letras Lavadas
2013. Murmúrios com vinho de missa. 2ª ed. Ponta Delgada. Letras Lavadas
2014. No centenário de nascimento do pintor António Dacosta 1914-2014, IAC, Atlântida vol. LIX
2014. Marta de Jesus. a verdadeira. Letras Lavadas.
2014. Madalena Férin Atas 20º colóquio da lusofonia. Seia. Portugal
2015. Um escritor açoriano Manuel Machado Atas 24º Colóquio da Lusofonia. Graciosa. Açores



MAIA 2013

Viaje aqui pelos

CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS #5 [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ACORIANIDADE/CADERNOS-ACORIANOS-SUPLEMENTOS.HTML](https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html)

SUPLEMENTO DOS CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS #5 [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ACORIANIDADE/CADERNOS-ACORIANOS-SUPLEMENTOS.HTML](https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html)

VÍDEOS DO AUTOR: A TRECEIRA DE JASUS [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=FEEYIAKPWIQ](https://www.youtube.com/watch?v=fEEYIAKPWIQ) / [HTTP://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=YG5KN9D0IX4](http://www.youtube.com/watch?v=YG5KN9D0IX4) / [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MZ-IULWC5IG](https://www.youtube.com/watch?v=MZ-IULWC5IG)

VÍDEO HOMENAGENS EM [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/DOCUMENTOS/VIDEO-HOMENAGENS-AICLHTML](https://www.lusofonias.net/documentos/video-homenagens-aicl.html)

TEMA 1.1. Manuel Ferreira Duarte, escritor do Pico. – MARINHEIRO AO CONTRÁRIO

Apetece dizer que Manuel Ferreira Duarte foi, sobretudo, um andarilho vocacionado para o diário de viagem, se bem que tenha sido também um emigrante que emergiu do vulcão dos Capelinhos. De temperamento irrequieto, Manuel Ferreira Duarte domou uma escrita que mostra a existência de um contista de mérito e de um extraordinário marinheiro de todas as águas da palavra

Faz parte da memória de poucos e, no entanto, não podemos ignorá-lo. Não publicou muito, mas escreveu o bastante para o termos como escritor, para mais, escritor nosso, pois a sua escrita é toda ela açórica-regionalista e isto no dizer da nossa conterrânea Natália Correia que, como sabem, até dizia que era dos Açores pelo que tinha «de basalto e flores». Estamos a evocar, de forma modesta, o escritor Manuel Ferreira Duarte, nascido na ilha do Pico em 1936. Faleceu em Santa Clara, na Califórnia em 2002, depois de ter cumprido o seu destino de andarilho (ou de embarcação, como refere Victor Rui Soares), do Pico para o Faial para estudar, São Miguel e Queluz (serviço militar), outra vez Faial para o primeiro emprego numa companhia de cabos telegráficos sediada na Horta, sendo transferido, em 1963, para as Caraíbas, República Dominicana. Radicou-se na Califórnia em 1971. Fez tudo isto em 66 anos apenas. Não teve pressa. A morte é que, parece, arranhou maneira de lhe abreviar a vida.

É a história da emigração açoriana que provoca os seus primeiros escritos, em forma de ensaio. Em 1996, «Vento Norte», suplemento de Artes e Letras publicado no «Diário Insular», no seu número 85, de 6 de junho, inseriu um texto de Manuel Duarte com o título *O mar, a baleia e o baleeiro na prosa e na poesia de Vítorino Nemésio (uma perspectiva da diáspora)*. Este texto revela, em primeiro lugar, que Manuel Duarte era um leitor atento da obra (no seu todo) de Vítorino Nemésio. Para este texto, ele quase escarpeliza toda a obra nemesiana, relevando a temática expressa no título do seu texto; em segundo lugar, releva a assertividade do pensamento do autor de *Mau Tempo no Canal*, chamando a atenção para o conceito de se ser ilhéu e para a abrangência do que já estava definido por açorianidade.

Neste texto, Manuel Ferreira Duarte reflete, com Nemésio, o desejo de conhecer o mar onde as ilhas emergem e o querer saber o que está para além da linha do horizonte, que se sabe não ser limitativa de nada, porque se afasta do olhar com a delicada preocupação de revelar, em perspectiva, essa espécie de terceira dimensão de mundos atrás de mundos. Esta perspectiva é dada mediante a descrição da vida heroica do baleeiro, com baleias que, ao serem mortas, davam pão e que, nos tempos em que a miséria alimentava coragem e espírito de aventura, se procurava o destino das Américas com as «califónias perdidas de abundância», como disse outro grande poeta açoriano Pedro da Silveira.

A obra de Nemésio, neste texto de Manuel Duarte, aparece como símbolo épico do povo açoriano e com um desfecho previsível: a emigração. Este tema fez com que ele dedicasse muito do seu tempo a estudá-lo e a analisá-lo, escrevendo ensaios que foi publicando nos órgãos de comunicação social ou apresentando-os em congressos e simpósios.

A jeito de parêntesis: valia a pena juntar esses textos não só pelo interesse sociocultural que eles despertam no âmbito da emigração açoriana como pela forma original com que liga a baleação com a miséria, a viagem obrigada com a aventura, o outro país com a saudade daquele que ficou atrás. Esses textos são um vasto contributo para conhecermos as singularidades da emigração açoriana, na pluralidade de entendimentos que se juntam com a exatidão precisa duma ciência concreta.

É neste contexto que Manuel Ferreira Duarte imita a viagem emigratória posta em rumo contrário, percorrendo a distância entre a Califórnia e os Açores durante três longos meses. Ele registou essa viagem dia pós dia, semana após semana, no veleiro «Gaiyota» e, autocitando, tudo foi escrito de forma sistemática e exaustiva: «como vão os ventos e as calmarias, as cidades e os portos, as ementas de bordo e as de terra, os amigos e os companheiros daquela aventura, os sons e as insónias, os humores e as ironias. E deixa expresso esse respeitável temor pela imensidão – escura e iluminada, pontilhada de angústias e de silêncios apaziguadores, tocada pelo mistério surpreendente do que está para além do horizonte.» É neste diário de bordo que o leitor melhor se apercebe da personalidade de Manuel

Atas colóquio da lusofonia –

Ferreira Duarte. São muitas as indicações que nos deixa: paixão pelo mar com o respeito absoluto pela generosidade dessas águas que se apresentam com humores diversos e dispersos; paixão pela vida (pela sua e pela dos outros), decorrente dessa personalidade forte e vertical; paixão pelo entendimento que desenvolveu do mundo fantástico das baleias e da baleação, com o cais acostável na ilha do Pico e que universalizou à medida que foi conhecendo outros mares, outras baleias, outros baleeiros, ou melhor, à medida que se foi apoderando do encantamento provocado pela vida marítima.

Em *Viagem ao Contrário*, o autor declara que o seu livro é dedicado «A quantos que pela vida fora se fizeram ao mar e que por lá ficaram...» E é dedicado «Aos navegadores portugueses..., do caravelista mais destemido, justo e sábio, ao grumete mais humilde e inexperiente...» É extremamente reveladora do seu caráter esta parte da dedicatória, como o é, e de forma muito especial, a que segue: «Aos baleeiros, meus mais diretos antepassados, que escreveram as passagens mais dramáticas e coloridas da «História Trágico-Marítima» do povo açoriano, e que, cavando trilhas profundas, levaram a ilha para além do horizonte...» E termina a sua dedicatória poética assim: «Ao marinheiro picaroto, aos mestres e marinheiros do Canal....»

Antes da publicação de *Viagem ao Contrário*, Manuel Ferreira Duarte deu à estampa a coletânea de contos *A Banda Nova e outras Histórias* (1991). O livro mereceu um prefácio assinado por Natália Correia, que, conto a conto, analisou e opinou. Quem conheceu a Poeta de *A Mosca Iluminada* sabe que ela, para dizer o que quer que fosse de positivo em relação à escrita dos outros, dizia-o com franqueza, entusiasmo e com argumentação muito assertiva.

Sobre os contos de Manuel Duarte, Natália escreveu: «Com esta obra, que valiosamente se recorta na novelística açoriana, vem juntar-se mais um nome aos que já muito a ilustram. (...) Manuel Ferreira Duarte é uma das vozes mais criadoramente tematizantes num espaço singular da escrita inquietada pelo poético.»

Em *A Banda Nova e Outras Histórias*, Natália Correia refere também a existência de um universo que, «na sua policromia descritiva, nos dá conta dos sentimentos comoventes, ingenuidades e sonhos de gentes que, lá na Califórnia...» procuram concretizar esses sonhos, esquecendo as agruras do exílio.

Acrescente-se que a escrita de Manuel Duarte oferece um estilo límpido, vivo e colorido. Num e noutro livro encontra-se o prazer da escrita, alegre e contagiante. O seu temperamento irrequieto mostra a existência de um contista de méritos literários reconhecidos, sendo poeta com os versos aninhados no regaço – um regaço repleto de emoções em movimento e que o transformam num extraordinário marinheiro de todas as águas do coração. Com o que sabemos publicado por Manuel Ferreira Duarte, fica comprovado que as ilhas continuam a gerar esses peregrinos de estradas líquidas dos mundos do Mundo, poetas perseguidores e caçadores de utopias, como ele – marinheiro que, por sinal, preferiu viajar ao contrário. Até ao fim.

Publicações consultadas:

A Banda Nova e outras Histórias, com prefácio de Natália Correia, Edições Salamandra (col. Garajau), 1991

Viagem ao Contrário, Edição da Câmara do Comércio de S. José, com o patrocínio do Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas, 1995

«Ficha bibliográfica», da autoria de Victor Rui Soares

Ensaio sob o título «O Mar, a Baleia e o Baleeiro na prosa e na poesia de Nemésio (Uma perspectiva da diáspora)», por Manuel Ferreira Duarte, em *Vento Norte* (suplemento de Artes e Letras, jornal «Diário Insular», nº 85, de junho de 1996.

É SÓCIO DA AICL

PARTICIPOU NO 18º COLÓQUIO (OURENSE, GALIZA 2012), 19º MAIA 2013, 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES) 2014, 25º GRACIOSA 2015, 27º BELMONTE 2017

3. ALEXANDRE BANHOS, FUNDAÇÃO MEENDINHO.



BELMONTE 2018



VILA DO PORTO 2017



BRAGANÇA 2010



MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014



BELMONTE 2017



Alexandre Banhos Campo nasceu na cidade da Crunha no ano 54, é licenciado em Ciências Políticas e em Sociologia (especialidade de Demografia e População) pela Universidade Complutense de Madrid. É o Presidente da Fundação Meendinho (declarada de interesse galego), única Fundação da Galiza onde quase a metade do seu órgão de governo, são portugueses. É membro da AGAL, da que foi Presidente, e com anterioridade ocupara já postos no seu Conselho diretivo. Pertence a diversas organizações da Galiza e da Faixa-Leste da Galiza que são de referência, merecendo destaque especial a Associação Pró-Academia Galega. Foi pessoa envolvida no impulsionamento da constituição da Academia Galega de Língua Portuguesa. É também membro do coletivo Fórum Carvalho Calero, cujo objetivo é pensar e trabalhar sobre assuntos concretos de interesse público e social, e acompanhar a correspondente proposta. Está ligado ao mundo editor, responsabilizando-se por diversas publicações, como diretor editorial. Tem participado em múltiplos encontros e congressos a ver com a língua, em muitos deles como relator. Desde há 40 anos, está comprometido com o ativismo cultural. Tem publicado centos de artigos sobre todo tipo de temáticas, entre eles os de conteúdo linguístico, e foi colaborador habitual e ocasional (ainda é ocasional) de diversos jornais da Galiza. É MASTER em Gestom da Formação de Qualidade pela UNED, e especialista em Gestom Económico-financeiro pela USC. Nos anos 2000 a 2005 formou parte da Comissão Geral de Formação Continuada para os Empregados Públicos em todas as administrações e áreas do estado espanhol e da Permanente de dita Comissão, bem como dos órgãos diretivos neste campo da Federação Espanhola de Municípios e Províncias (FEMP). É membro do Comité Latino-americano de Administração para o Desenvolvimento (CLAD), tendo participado em vários dos seus congressos, e de outros eventos e organismos. Ocupou também postos de responsabilidade no sindicato CIG. Nos últimos anos tem centrado o seu campo de pesquisa, em pensar o futuro da Galiza desde um hipotético projeto de estatalidade, que bem se pode resumir nos seus contributos ao projeto coletivo ANDA GZ. Tem publicado sobre temas de direito político e constitucional e sobre a organização dos espaços territoriais desde o ponto de vista da eficácia administrativa e social. Além disso anda a trabalhar nos problemas económicos no quadro da crise sistémica, e a construção des/construção do euro, e Europa. Tem publicado trabalhos sobre o tema da configuração política europeia e peninsular.

TEMA 2.1: É a Espanha - o estado espanhol -, um estado de direito? Alexandre Banhos

Esclarecendo dúvidas. Que é um estado de direito.

Atas colóquio da lusofonia –

A maioria das pessoas pensa que “estado de direito” é um estado que tem leis e no que os juízes fazem os seus *Acordos*² conforme com as leis, na sua aplicação diária. Porém, informo-o já, que isso assim não é um estado de direito, ainda que lho repetirem todos os dias os meios sistémicos do estado; pois se não pareceria que todo estado no que há leis e juizes é um estado de direito, mas a cousa não é assim. De facto, pode-se dizer, que todo o tipo de estado que haja ou tenha existido nalgum momento da história teve leis e juizes, mas isso não o converteia num estado de direito. **O estado de direito** é um construto absolutamente moderno, que não nasceu nem da revolução francesa, nem da russa, nem na Europa continental, foi mais uma criação do liberalismo³ britânico.

Na França, em 1748 publicou Montesquieu: *O espírito das Leis*, na que se fazem propostas para um bom governo, **e reclama que no governo devem existir poderes independentes entre sim e que mutuamente se controlem, frente ao modelo tradicional em que todos os poderes partiam do rei**. Os seus três poderes são o Executivo (governo), Legislativo (Parlamento) e Judiciário (Tribunais de justiça). A sua obra teve uma grande influência e as suas propostas foram incorporadas na revolução francesa e inspiraram a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*. Porém a revolução concebeu o estado (a nação, **-fez uma igualdade de estado e nação** - (isto nunca antes se tinha dado)), com o poder inquestionável para “*nacionalizar a França*”, e aquele no que todo o que proceder do estado, pela sua própria natureza -de encarnar a nação -, é justo).

Na Inglaterra como contraste com o continente⁴, sempre se percebeu o estado mais como uma ameaça, que como um produto acelerador de revoluções e câmbios; o que levou no continente aos totalitarismos de toda gradação -sempre para ter um estado - ex machina⁵ -, e sob essa mensagem, da defesa do estado⁶, *ele bem superior*, cometeram-se toda classe de tropelias e crimes execráveis, sob a pretensa defesa do futuro da nação ou da humanidade. O direito britânico sempre fez mais ênfase na pessoa e as suas circunstâncias, que numa leitura da lei muito formal e com a rigidez do betão, dominante no continente europeu, e de jeito paradigmático na Alemanha.

Eis o que é um Estado democrático de direito⁷.

É aquele que age é atua de conformidade às leis -fazendo dos direitos humanos um eixo da sua ação. – O estado (entendendo por estado, todo oficial, todo pessoal com responsabilidade no gerimento de qualquer parte das suas atividades), é garante da legalidade em todas as suas ações, não dispondo de privilégio algum no seu agir frente ao cidadão, individual e/ou coletivo. Os objetivos e as propostas do estado, não gozam de qualquer privilégio por partirem dele e deverão ser validadas, como se fossem as propostas de qualquer cidadão, e do mesmo jeito que o faria qualquer cidadão. O estado - executivo/administração -, será independente do poder judiciário.

O modelo inglês botou umas fortes raízes na América do norte britânica. E essa conceção limitativa do estado forma parte de esse documento fundamental que é a *Declaração de Independência dos Estados Unidos da América*. Sob a presidência de esse grande presidente dos USA que foi Franklin D. Roosevelt, e impulsionado em grande medida pela sua mulher Eleanor, os direitos civis formaram parte da agenda política. Eleanor Roosevelt foi, desde muito cedo, uma incansável e arguta lutadora dos direitos civis. Ao nascer a ONU em dezembro de 1945 ela é escolhida para ser a primeira presidente da Comissão dos Direitos Humanos, e sob o seu impulsionamento em 1948 teve lugar a Declaração Universal dos Direitos Humanos. **A Declaração Universal dos Direitos Humanos** é um documento que marcou um ponto de aperfeiçoamento democrático por todo o lado, e na medida que mais e mais estados vão assumindo o seu conteúdo -indubitavelmente limitativo na ação dos estados -, as conceções sobre o estado de origem britânica, vão determinando o que é um **estado de direito**, é dizer, **um estado submetido a Lei e Limitado por esta**. E além disso, na medida em que de forma crescente essas limitações são alheias à produção legislativa interna dos estados⁸, - demasiadas vezes elas *ad hoc*, das “necessidades” mais levianas e menos democráticas - , a cousa corre bem, ainda que não é infrequente, que muitos estados não façam honra aos tratados que assinam e aos princípios que se declaram defender. É bom lembrar que os europeus, temos muito que agradecer, a essa a Declaração Universal, de 1948. Em 1949 nasceu o Conselho da Europa⁹, e o novo organismo¹⁰ assumiu a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Em 1950 temos a Convenção Europeia dos Direitos Humanos, que vai dar lugar à criação do primeiro tribunal de justiça permanente supra estatal, o **Tribunal Europeu dos Direitos Humanos**, do que infelizmente não existem mais modelos funcionando nas distintas regiões do globo¹¹, por falta da força de impulsionamento para a sua constituição. No caso da América, no ano 1986 foi criada a Comissão Interamericana de Direitos Humanos, porém o seu alcance é muito limitado, não é um tribunal, e limita-se a fazer recomendações e orientações. Na sua criação os estados construíram um modelo, para parecerem, mas o leviano suficiente para que não se possa dar o que acontece na Europa com o TEDH, esse tribunal que aos europeus impus a Eleanor Roosevelt e o poder americano na altura¹².

Por todo lado se afirma que o estado espanhol é um estado de direito. Porquê?

No estado espanhol, no processo de realização de suas leis políticas (constituições e assimiladas), desde a Constituição de 1812, aparecem divisões pouco aprimoradas dos poderes, e não há o que se pode definir como estado de direito, pois o cidadão sempre está numa posição de submetimento ao estado, que dispõe de capacidades (“*fuero*”) superprivilegiado. É a Constituição de 1931, a primeira que tenta conferir um estado de direito, ainda que bem afastada da conceção anglo-saxónica, pois a Constituição de 1931, está alicerçada nos modelos continentais, modulados pelas peculiaridades dos setores que foram atores da chegada da república. Na ditadura de Franco, esse criminal, quem em palavras do seu biógrafo inglês, Paul Preston¹³, foi um **mestre no manuseio e uso do terror**. Não há **estado de direito**, e além disso, ele, o ditador, concentra na sua pessoa a cabeça de cada um dos poderes. Não vai ser até fins do ano 1977, que o estado espanhol vai ser admitido no Conselho da Europa, significando isso, que tem que acatar imperiosamente as resoluções do *Tribunal Europeu dos direitos humanos*. A Constituição espanhola vigorante, nos seus artigos, 9, 10, 96 e 117, configura o que é um estado de direito.

Artículo 9

1. Los ciudadanos y los poderes públicos están sujetos a la Constitución y al resto del ordenamiento jurídico.
2. Corresponde a los poderes públicos promover las condiciones para que la libertad y la igualdad del individuo y de los grupos en que se integra sean reales y efectivas; remover los obstáculos que impidan o dificulten su plenitud y facilitar la participación de todos los ciudadanos en la vida política, económica, cultural y social.

3. La Constitución garantiza el principio de legalidad, la jerarquía normativa, la publicidad de las normas, la irretroactividad de las disposiciones sancionadoras no favorables o restrictivas de derechos individuales, la seguridad jurídica, la responsabilidad y la interdicción de la arbitrariedad de los poderes públicos.

Artículo 10

1. La dignidad de la persona, los derechos inviolables que le son inherentes, el libre desarrollo de la personalidad, el respeto a la ley y a los derechos de los demás son fundamento del orden político y de la paz social.
2. Las normas relativas a los derechos fundamentales y a las libertades que la Constitución reconoce se interpretarán de conformidad con la Declaración Universal de Derechos Humanos y los tratados y acuerdos internacionales sobre las mismas materias ratificados por España.

Artículo 96

1. Los tratados internacionales válidamente celebrados, una vez publicados oficialmente en España, formarán parte del ordenamiento interno. Sus disposiciones sólo podrán ser derogadas, modificadas o suspendidas en la forma prevista en los propios tratados o de acuerdo con las normas generales del Derecho internacional.

2. Para la denuncia de los tratados y convenios internacionales se utilizará el mismo procedimiento previsto para su aprobación en el artículo 94.

Artículo 117

1. La justicia emana del pueblo y se administra en nombre del Rey por Jueces y Magistrados integrantes del poder judicial, independientes, inamovibles, responsables y sometidos únicamente al imperio de la ley.
2. Los Jueces y Magistrados no podrán ser separados, suspendidos, trasladados ni jubilados, sino por alguna de las causas y con las garantías previstas en la ley.

Se o estado espanhol, tem constitucionalmente um modelo de estado de direito com um sistema de separação de poderes; a questão será determinar, se isso é algo que informa todas as atuações ou é simples papel escrito *para o inglês ver*¹⁴.

-Separação de poderes: O peculiar e esquisito sistema do estado espanhol de separação de poderes. -

O estado espanhol chegou ao seu modelo constitucional desde uma ditadura que se alicerçou num brutal banho de sangue de uma guerra civil, e numa repressão monstruosa. Esse estado fora construído segundo o modelo fascista mussoliniano. A ditadura, tomado o poder, fez limpeza bem profunda de todos os empregados ao serviço do estado, forem servidores civis, juizes ou professores, quem for suspeito de simpatias democráticas e republicanas foi banido da função pública - manu militari -, as vezes assassinado e outras obrigado a

² Castelhana: Auto e/ou Falho (Acórdão)

³ Do liberalismo nasceram a mais grande parte das ideologias modernas, inclusos o socialismo e o comunismo. O que não nasceu do liberalismo foi o fascismo e os movimentos reacionários de toda espécie, incluído o mal chamado neoliberalismo, que após salpimentar o discurso com slogans liberais, encaminham-nos com as suas conceções, para u desenho social, que se de algo se aproxima, é dum neofeudalismo, que é para onde o mundo parece caminhar, e isso, poria vermelhos de nojo aos teóricos clássicos do liberalismo.

⁴ Nas Ilhas Britânicas temos uma linha filosófica desde cedo preocupada com os direitos individuais, com as pessoas, enquanto no continente toda a filosofia com a exceção Espinosa, está mais preocupada com o estado como motor da evolução social e o seu controlo. Thomas Hobbes, escreveu o Leviatã. No que nos achamos com o homem frente ao estado, o *Leviatã*. http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh_thomas_hobbes_leviatan.pdf.

⁵ Ex machina (jeito de se referir a Deus). E como diz Pierre Bourdieu na sua excelente obra *Sobre o Estado*, “O estado é o único deus verdadeiro das sociedades modernas” <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/13360.pdf>

⁶ Além do estado moderno se identificar com a nação. Na mais grande parte dos estados do mundo, o estado-nação é sempre a posse de uma etnia cultural dominante num território. Nacionalizar hoje como nas resoluções da Convenção revolucionária francesa, é assimilar e confundir a todos na etnia dominante. Os estados tipo Portugal são a exceção no mundo. E que não se faz pela nação? até matar e morrer...

⁷ Na sua origem: *Rule of Law*, modernamente *Democratic rule of law*. https://en.wikipedia.org/wiki/Rule_of_law

⁸ Na Europa temos o Tribunal Europeu dos direitos humanos, o Tribunal de Justiça da União Europeia, que também tem entrado nestes assuntos, e logo está o Comité/Conselho de Direitos Humanos da ONU, que ainda que não se chama tribunal, da legislação que vai dele jorrando e da interpretação que faz o Tribunal Europeu de Direitos Humanos e outros, faz que haja que o considerar, um verdadeiro tribunal superior.

⁹ O estado espanhol não formou parte dele até 1977. Foi após a morte do ditador e antes de se aprovar a sua Constituição, cujo artigo 10 por exemplo, foi redigido no novo contexto da aceitação imperiosa das Resoluções as que se está obrigado nos tratados internacionais. E também importante apontar que a *Carta Europeia das Linguas Regionais e Minoritárias*, depende na sua supervisão e controle do Conselho da Europa, que cada dous anos faz um informe sobre a sua aplicação. O estado espanhol não conseguiu ainda cumprir os compromissos da Carta, (segundo valoração do Conselho), que forma parte do ordenamento interno da espanha nos termos do artigo 96 da Constituição <https://www.boe.es/boe/dias/2001/09/15/pdfs/A34733-34749.pdf>. Tampouco em matéria de direitos humanos, e a luz da doutrina e as sentenças do Tribunal Europeu de Direitos Humanos, o estado espanhol faz um papel, que não é, nem brilhante, nem exemplar.

¹⁰ E na sua constituição, além duma nova geração de europeístas, espantados com a guerra, e que pensam em enveredar por novos caminhos de entendimento e segurança, contaram também com o facto dos Estados Unidos favorecerem esses projetos, até impondo as propostas.

¹¹ Na América latina houve um momento que parecia possível a constituição de órgãos supranacionais similares, mas o golpismo nas suas muitas formas e seus epígonos não o vão querer, e os democratas não vão entender a sua verdadeira importância, **nem saber que não era preciso estarem sempre todos** desde o princípio.Foi no ano 1986 e após do fim das mais nojentas ditaduras, que foi criada a Comissão Interamericana de Direitos Humanos, porém o seu alcance é muito limitado, não é um tribunal, e limita-se a fazer recomendações e orientações.

¹² Infelizmente penso, que se o Tribunal houvesse sido constituído mais tarde e pelos estados europeus, ele seria muito parecido ao Comité Interamericano de Direitos Humanos. Nem tudo o que veio dos USA foi ruim, que lho digam aos alemães por exemplo e a sua excelente constituição democrática que lhe impuseram.

¹³ <https://www.amazon.es/Franco-Biography-Paul-Preston/dp/0006862101>

¹⁴ <https://www.significados.com.br/para-ingles-ver/>

Atas colóquio da lusofonia –

comungar com rodas de moinho. Esse modelo carecia de separação de poderes, e todos os poderes tinham a mesma cabeça, o ditador. À morte na cama e no poder do ditador, o sistema negocia uma transformação num regime democrático, porém a vez blinda inúmeras garantias para que nada do feito, e estabelecido for tocado, que ninguém responda de factos, ou que alguém possa vir a ser removido ou punido pelas suas responsabilidades em todo tipo de crimes¹⁵. É o que em palavras do ditador se chamou: **Deixo tudo atado e bem atado**.

Uma ditadura, até as mais brutais, não está nos ouvidos dos juízes a ditarem o sentido das suas sentenças. Por todo lado os juízes, na imensa maioria dos casos que julgam, decidem de conformidade aos seus critérios, com grande liberdade, agás quando o assunto não for do tipo sensível ao estado **do que esse juiz é um servidor**.

Sim, nos sistemas totalitários, os juízes a hora de aplicarem as leis, não deixaram de utilizar os seus critérios (no quadro legal correspondente), e tentarão terem um mínimo de imparcialidade que deve ser exigível à sua função, se não forem uns condicionados pela sua parcial visão do mundo. O regime vai fazer confiança neles, e além disso eles sabem bem, que qualquer ação que direta ou indiretamente vaia pôr em questão/risco os alicerces do regime, vão pagá-lo de jeito perentório com a perda do seu posto de trabalho e com tudo o que acompanha isso.

Num estado de direito um juiz é um representante do povo, e a sua ação tem que ser a primeira das garantias constitucionais. Num estado que não é de direito um juiz é um servidor do estado (da nação), e o estado é sempre encarnado no poder.

As peculiaridades gerais da judicatura por todo lado. Uns apontamentos, sobre o poder judiciário

Ao rematar a segunda guerra mundial, nos estados derrotados do eixo nazi/fascista, houve um processo de limpeza dos seus quadros de servidores, em todos os poderes; para se garantir o sucesso do estabelecimento de estados de direito. Na Itália por exemplo, o seu primeiro governo foi formado por representantes de todas as linhas partidárias que estiveram comprometidos, -nalguma medida -, no antifascismo. Vai ser eleito ministro da justiça, nesse primeiro governo, quem era na altura o secretário geral do Partido Comunista Italiano, Palmiro Togliatti. Ele começou com entusiasmo e força por estudar os expedientes dos juízes mais comprometidos com o fascismo, e contava simpáticas anedotas de como juízes se apresentavam a ele, faziam declarações do mais simpáticas renunciando ao que afirmavam até havia não muito, e solicitando que os deixara continuar a fazer o seu trabalho, que eles também se iam a comprometer a usar o braço de ferro da justiça para garantir o estado de direito...E tudo isso unido com uma forte resistência sob forma de compromisso de solidariedade entre os membros da judicatura, que nasce do seu sentido de casta corporativa.. Palmiro Togliatti dizia, e ele sabia bem, que não haverá nunca nenhum regime, for ele o que for, que não vaia a contar com juízes que o sirvam com compromisso¹⁶. E apontava, é impossível achar na história referências a juízes, mártires por defenderem a justiça.

Um poder independente judiciário é em realidade a garantia da independência de cada juiz individual. Justiça independente é aquela na que os juízes individualmente têm garantia da sua independência¹⁷.

O poder judicial é muito peculiar, os juízes são bem humanos, muito individuais ainda que conformem um poder coletivo, e com forte inclinação conservadora¹⁸. Têm enorme tendência a cooptação dos seus membros (outro assunto que reclama a sua boa regulação pelos outros poderes como em todo caso em que isso não tem nada a ver com a sua independência), e se os outros poderes não exercem o controlo sobre eles em assuntos que vão além da independência judicial, e **não são regimentados e regulados pelos outros poderes**, tendem a funcionar como um lobi, concentrando-se, como todos os lóbis, em tirarem a fatia mais grande que poderem do orçamento do estado, o que eles chamaram sempre **dignificar a justiça**: Regalias, compensações e ordenados, e incluso constituírem outro problema grave ao estado de direito, que é o **governo dos juízes**, eles são um poder de controle, porém nunca podem ser governo. Para ilustrar esse problema da falta de controlo dos outros poderes sobre os juízes, temos no âmbito da lusofonia o particular caso da justiça no Brasil, que é muito autónoma, em campos onde não deviam ter autonomia nenhuma, como é no estabelecimento dos seus ordenados (este ano de crise, acrescentaram as suas receitas por cima do 16%). Onde regulações que teriam que fazer os outros poderes sobre os juízes, são autónomas e do próprio judiciário, e isso sem que no quadro da república brasileira exista um órgão de arbitragem entre poderes e territórios, do tipo Tribunal Constitucional. Como resultado o Brasil, tem o sistema de justiça mais cara do mundo¹⁹, **alcançando a monstruosa cifra de uma despesa do 6% do PIB** brasileiro.

Na maioria dos estados da OCDE anda na casa do 1% do PIB, e os salários dos juízes e suas regalias são bem menores. Na Europa o seu máximo tribunal, o da União Europeia, tem de ordenado para os juízes 4,5 vezes o salário meio na UE dos trabalhadores. O normal bem sendo uma proporção de entre 3 e 4 vezes o ordenado médio de trabalhador. No Brasil é de 22 vezes o ordenado meio. Para entenderem a monstruosidade que é a despesa brasileira com a justiça, olhem esta comparança. Esse 6 por cento do PIB, é a despesa que fazem o estado espanhol e Portugal na sua sanidade pública universal, ela de muito alta qualidade. Na realidade nem chegam a ultrapassar o 6%. Enquanto a ciência económica aponta que os serviços de saúde, -a sanidade pública -, são caros. No Brasil, num caso único no mundo, essa proporção é devorada pela justiça, contra as recomendações da OCDE e do Banco Mundial e sem que os próprios membros de essa corporação se escandalizarem ou percebam aí alguma injustiça.

Não há correlação entre o crescimento da despesa na justiça de jeito irracional e a qualidade do serviço e a proteção dos direitos da população e das suas liberdades, e mais bem justo ao contrário, mais se afastam como elite privilegiada, do povo do que são poder garante. Nem a redução dos ordenados dos juízes, afeta a independência judicial, como se determina numa sentença do Tribunal da União Europeia ²⁰.

Na ditadura franquista²¹, o controlo do judiciário era absoluto pelo poder político, e esse controlo se manifestava nos seguintes campos: Controlo na seleção, e no seguimento dos selecionados para garantirem estarem nos trilhos dos Princípios do Movimento Nacional²², e que qualquer desvio pagava-se com a perda do emprego, pois o sistema disciplinar era muito rápido na sua ação. Controlo nos processos de ascenso, promoção e ocupação de vagas, onde se combinava por um lado a carreira por antiguidade no corpo e por outra, processos discricionários do poder político para designar postos sensíveis, tribunais sensíveis, e ação em questões que o regime achara sensíveis, pelo que for²³.

O poder executivo e o seu controlo do poder judiciário no estado espanhol.

A chegada da democracia no estado espanhol, o seu sistema judicial e especialmente a cúpula do mesmo, estavam como se diz em Castela -A morte com o regime²⁴- além disso foram devidamente selecionados por terem precisamente essa caraterística.

A Democracia e a Constituição na que se alicerça, desenharam um estado de direito, e pouco a pouco foram se fazendo reformas após reformas para se adaptar as recomendações do Tribunal Europeu de direitos humanos, e a Comissão/Conselho na matéria da ONU, especialmente no quadro da integração no Mercado Comum Europeu. De aí nasceram: A separação entre juízes instrutores e julgadores; não pode o instrutor julgar, parte-se de que o processo de instrução é em grande medida uma contaminação; e incorporou-se o facto de ter que julgar colegiadamente em grande parte da atividade judicial, reservando-se a capacidade de um juiz julgar -ele próprio e sozinho -, reservado a casos legalmente taxados.

Porém se no quadro legal constitucional dos artigos citados foi assim, no quadro das leis que vão regulamentar todo isso e desenvolver os artigos 122 e 124 da Constituição, a cousa não correu certa, como bem vezes o Conselho Europeu tem reclamado, numa ação constante, sem paragem²⁵, **para que haja uma verdadeira separação de poderes** pois ela tal e como está desenhada é fraca ou pior uma verdadeira miragem; pois o poder político do estado controla o poder judiciário, promove juízes, coloca nos postos chave e nas altas instâncias a quem precisa etc. etc.

Eis um exemplo dessas reclamações do Órgão que na Europa vela pelos direitos humanos e o estado de Direito, o Conselho da Europa, por exemplo na questão da reformas para combaterem a corrupção dizia a imprensa: ***España recibió una durísima reprimenda del Consejo de Europa, a través del Grupo de Estados contra la Corrupción (Greco), por no haber implementado ninguna de las medidas que le recomendó en enero de 2014 para fortalecer «tanto en apariencia como en realidad» la independencia del Poder Judicial.***

A “*fiscalía*” (procurador, ministério público) é órgão que depende totalmente do governo²⁶, e a regulação do poder judicial, em matéria de organização interna e carreira profissional e disciplinar, e regulada na Lei Orgânica do Poder Judiciário.

O órgão de controlo e de regime interna dos juízes e o Conselho Geral do Poder Judicial, cuja maioria e determinada pelos dous partidos principais do regime constitucional PSOE e PP ou PP e PSOE. Por exemplo se querem saber como são colocados os juízes em postos, nada como escutar esta conferência da juíza Alaia²⁷, pertencente ao setor conservador. Num momento da sua longa palestra, explica como funciona a justiça no estado: Os cidadãos olham o resultado mas igual aos processos que se realizam pelos mágicos num cenário, parece que esse resultado foi o resultado natural de forças que estão além da compreensão, e não percebe nem entendem o jogo de mãos e as cambadelas que se produzem por trás do pano que ocultou o caixote *onde agora apareceu a pessoa que antes vimos a caminhar por fora*²⁸.

¹⁵ A famosa *Lei de amnistia* que se deram a sim próprios os franquistas, aproveitando o berro do povo que pedia amnistia para todos os condenados por causas políticas.

¹⁶ Palmiro Togliatti era dirigente da terceira internacional, e estalinista obediente, ele teve ocasião de comprovar como membros da judicatura czarista, que perseguiram e condenaram a comunistas e revolucionários, serviam agora ao ditador Estaline com absoluta fidelidade...como Andrei Vyshinsky e inúmeros mais.

¹⁷ E isso não é tirar a importância fulcral que tem que ter uma justiça independente, nem tirar nenhum valor a esse construto tão necessário ao funcionamento do estado de direito, que é a justiça independente.

¹⁸ O conservadorismo vai muito colado à toga.

¹⁹ Há outros sistemas de justiça caros no planeta, porém em nenhum caso se achegam ao 3% do PIB

²⁰ O tribunal Europeu sentença que minguar o salário de juízes não é impedimento da independência judicial. <http://noticias.judicas.com/actualidad/jurisprudencia/12743-la-reduccion-de-salario-de-los-jueces-del-tribunal-de-contas-en-portugal-no-viola-el-principio-de-independencia-judicial/>

²¹ Que nunca ultrapassou o 0,76% do PIB com a despesa na justiça.

²² Nessa ditadura sem partidos, o Movimento Nacional era o partido único do regime

²³ Isso não significa que todo juiz a hora de efetuar o ato de julgar não deixe de ter uma certa independência. Em nenhum lugar, nem no pior dos infernos totalitários vai ter em todos os casos indicações do que tem que fazer e aplicar em cada caso; o mundo do direito e bem largo e com muitas especialidades, e o facto de que em muitas delas a ação do juiz não possa ser conectada com o regime, vai a prol da estabilidade do regime político, for ele o que for.

²⁴ Eram unha e carne

²⁵ Há já mais de 60 acordos e recomendações do Conselho de Europa sobre este assunto da separação de poderes, referidos à Espanha. A título de exemplo uma das últimas vezes

<http://www.elmundo.es/espana/2016/10/11/57fbed8c46163ff55a8b45db.html> . Um representante designado pelo estado no Conselho de Europa foi expulso por corrupto. Sem que essa expulsão tenha o mais mínimo efeito para ele na Espanha. A Espanha foi definida como o estado europeu que menos segue as recomendações do Conselho de Europa (**A peculiar forma espanhola de cumprir com o artigo 10 da Constituição, que também se aplica ao Comité/Conselho de Direitos humanos da ONU, que conforme aos tratados é um verdadeiro Tribunal Superior**) https://elpais.com/politica/2017/06/07/actualidad/1496827709_980747.html. Também há sentenças sobre a não retroatividade das normas legais, violada em algumas ocasiões

vg, doutrina Parot e muito mais <https://www.jn.pt/mundo/interior/centenas-de-manifestantes-em-madrid-contra-fim-da-doutrina-parot-3500133.html>! A imagem do sistema judicial espanhol na Europa quando o pessoal toma conhecimento, é de pena.

²⁶ https://www.infolibre.es/noticias/opinion/plaza_publica/2017/12/15/un_poder_judicial_no_enteramente_independiente_noticia_para_una_reforma_constitucional_73070_2003.html

²⁷ <https://www.vilaweb.cat/noticies/video-denuncia-extraordinaria-de-la-jutgessa-mercedes-alaya-de-la-manca-dindependencia-judicial-a-espanya/>.

²⁸ A título de simples exemplo, a Juíza Lamela estava interina na Audiência Nacional (peculiar julgado anticonstitucional -contrário ao artigo 24 da Constituição, que foi resultado da reconversão do Tribunal de Ordem Público franquista). Ela realiza uma instrução ad pedem letra do governo Rajoy, no caso catalão, pois o governo prefere usar a **sua** justiça, a fazer política. Aparece uma vaga no Tribunal Supremo e é imediatamente promovida por os méritos, de servir ao poder político. É para observadores atentos, de *livro*, como o governo PP foi preparando o Tribunal do Supremo que vai ter que revisar as suas corrupções... No estado espanhol o avanço na carreira profissional dos juízes depende em grande medida do seu acomodo e submetimento ao poder político.

Atas colóquio da lusofonia –

No estado espanhol na regulação do Poder judicial, entende-se que leis como a Carta Europeia de Línguas minoradas, direito interno do estado -artigo 96-, nada tem a ver com eles e o declaram sem se envergonharem na regulação do judiciário, e fazem-no como instrumento do estado e não dos direitos e liberdades dos cidadãos. Não procurem na formação de juizes, não me refiro ao programa da oposição, se não às perguntas dos exames de ano após ano, ou na formação da escola judicial nenhuma referencia ao artigo 10 da Constituição ou ao 96. E todos os dias se ditam Acordos judiciais completamente alheios a normas legais em vigor, por se terem assinado protocolos nos termos do artigo 96 da Constituição²⁹

Há pessoas ligadas ao PSOE que te explicam que isso do controle político foi e é bom, pois por exemplo, vias de acesso como a inventada por Filipe González (a chamada terceira via) permitiu incorporar muitas pessoas de ideias progressistas à judicatura via méritos, incluindo pessoas de esquerda -PSOE ou ex-PCE - (reconvertidos), que ao entrarem na carreira judicial, reduziam assim o forte pouso franquista da magistratura. Porém nestes assuntos, há que entender: A questão não é o progressismo ou reacionarismo de um juiz, se não a sua independência, o saber que ele vai te julgar com independência e com os princípios de neutralidade que lhe são exigíveis. Esse pensamento “PSOE” em realidade é a benção do funcionamento malandro da justiça na Espanha. Há muito que se pode regulamentar desde o Parlamento e o governo (os outros dous poderes) de melhora da justiça sem que tenham que afetar a independência.

Além disso, há uma questão muito difícil de entender, eu diria impossível para pessoal que não for espanhol.

Quando um espanhol (castelhano/espanhol ou assimilado) designa a alguém para um cargo, além dos méritos que possa ter, realiza isso aguardando a sua fidelidade (de cão). Para um espanhol não é nem inteligível nem admissível que uma pessoa que designou para um posto, o que for, não resolva nesse posto como ele resolveria, for membro do Supremo Tribunal ou do Tribunal Constitucional. etc., etc.

Esta última caraterística ainda faz mais perverso o peculiar sistema de separação de poderes do estado espanhol.

Está outra questão não menor no peculiar sistema judicial espanhol no tema da não-amobilidade, pois é o facto **de que é um dos sistemas mais rápidos da Europa separando a um juiz da carreira judiciária**, o qual comparado com o processo aplicado a qualquer outro servidor público, chama muitíssimo a atenção.

A título de exemplo já pode ser um juiz estrela Garzon, que decide investigar crimes do franquismo; ou um qualquer Elpídeo que meteu na cadeia provisoriamente a quem não devia (e isso que se demonstrou que estava no certo), ou Vidal se define catalanista...vão *ipso facto* para a rua. E como eles há muitos, a separação de juizes realiza-se com velocidade vertiginosa...³⁰ Separar por ter paralisado um julgado e ditar uma sentença ao ano, ou verdadeiras asneiras judiciais...Isso é *pecata minuta*... A Espanha segue estuprando a sua Constituição.

Estado de direito, é aquele que age e atua de conformidade às leis -fazendo dos direitos humanos um eixo da sua ação. Pois nisso também a Espanha é diferente.

Numa época em que eu tinha muitos relacionamentos com membros da judicatura, e passei muitos dias tomando cafés e compartilhando bons momentos com membros do Tribunal Superior de Justiça da Galiza. Os temas recorrentes das nossas conversas eram questões judiciais, de filosofia do direito, da revisão dos atos (*a casación*³¹ no sentido castelhano ela nada a ver com cassação³² lusitana), e do Estado de direito.

Um juiz bem competente me explicava o limitadíssimo que é o estado de direito no estado espanhol, o estado ainda segue gozando em muitos casos de *fuero*³³, e isso dá lugar a cousas como as que ele apontava por ex. Na legislação as declarações dos policiais têm a presunção de veracidade, (resto do franquismo vigorante contra o estado de direito, dizia ele), e o juiz deve aceitá-las por certas, salvo que for demonstrado pela parte contrária de jeito irrefutável, que a cousa foi de outro jeito.

Ele dizia-me, -ante os tribunais os policiais praticamente mentem sempre, e nota-se, eles teriam que trabalhar as provas e o que fazem muitas vezes, é construir uma história, pode que tenham razão, mas no estado de direito há que demonstrar o que se afirma. Não quero dizer com isso, que os policiais não sejam honrados e bem honrados, mas é tão simples tirar pelo caminho direito...

E seguia, -muitas vezes de jeito particular, digo-lhe ao apanhado por mim na mentira, quero que me apresente provas -. -E o policial reconhecia a mentira, e continuava dizendo-lhe, se não for assim, este culpável iria ficar livre... O juiz respondia, -isso é cousa minha...- e o policial respondia entre dentes e dizendo-lhe aos companheiros a sua velha cantiga, de que na Espanha a quem se protege é a o delinquente.

- Por mais que tentasse dizer-lhes, que a segurança jurídica é a primeira das proteções das pessoas todas, a começar pelas chamadas normais, *e que essa filosofia do policial é* a bola de neve que leva aos piores pesadelos jurídicos,...Ele dizia-me, -não conseguiram entendê-lo, pois isso nunca formara parte do seu processo de formação, nem está na cultura espanhola na matéria com o seu forte pouso de *fuero* particular. Nem também não existe na Espanha uma polícia ao serviço da justiça, uma polícia judicial verdadeira³⁴.

Se a isso juntamos o feito de que o procurador público (fiscal), que deve ser verdadeiro representante dos interesses “do povo³⁵”, é absolutamente dependente e submetido ao poder político, entende-se que a cultura do estado de direito e o que isso significa, tenha permeabilizado escassamente a cultura dos policiais.

São também, como no caso da separação de poderes, inúmeras as vezes em que os organismos que tem a ver com os direitos humanos, de conformidade ao artigo 96 da Constituição, é dizer; a Comissão de direitos humanos da ONU³⁶, e o Tribunal de Direitos Humanos do Conselho da Europa³⁷, os que pedem correções legais de normas por não se ajustarem ao que se entende por estado democrático de direito, e inúmeras as vezes em que a Espanha, nem faz caso, nem segue o disposto no artigo dez da Constituição, que aponta, que em matéria de direitos humanos etc. etc. Se segue a interpretação que aplicam os organismos internacionais.

A simples título de exemplo, quando se realiza a Lei Mordaça, Lei que o Conselho dos Direitos Humanos da ONU informa, que vai contra o Estado de direito, pois ela está redigida “*pelo espírito do policial que mente porque o importante e deter os delinquentes, e reforça o fuero privilegiado policial fazendo-o ainda mais alheio ao controle do judiciário*”³⁸.

O estado espanhol não fez caso do organismo da ONU, mais uma vez o artigo 10 da Constituição é letra morta *para o inglês ver*, convertendo mais uma vez o estado de direito desenhado na Constituição em água de bacalhau³⁹.

O Tribunal Constitucional e a sua arbitragem.

Joguem agora uma olhada sobre o funcionamento do Tribunal Constitucional, cujo principal role jurídico é o de arbitragem entre os poderes do estado e as suas estruturas territoriais no quadro constitucional, fazendo que funcione a arquitetura constitucional e fazendo possível um melhor funcionamento ao ir fixando umas regras de entendimento aceitáveis para todos. O secreto do sucesso da arbitragem é o de estabelecer o entendimento dentro das diferenças, mentres que no modelo espanhol o TC é o sistema que garante que só a visão madrilenha faz verdadeiro sentido,

-Do T.C. o primeiro que apontar, é a designação partidária dos seus membros, e até o frequente caso do bloqueio partidário⁴⁰ da sua renovação, que se deu em não poucas vezes. Isso já nos fala de qual é o seu modelo. E se unimos isso ao facto antes comentado **e que pela sua importância repito.**

Quando um espanhol (castelhano/espanhol ou assimilado) designa a alguém para um cargo, além dos méritos que possa ter, realiza isso aguardando a sua fidelidade (de cão). Para um espanhol não é nem inteligível nem admissível que uma pessoa que designou num posto, não resolva nesse posto como ele resolveria, for membro do Supremo Tribunal ou do Tribunal Constitucional, ou onde quer que for⁴¹.

No Tribunal Constitucional espanhol foram designados membros dele, pessoas que no seu momento se declararam contra a Constituição, e não foi um único caso, por serem franquistas reconhecidos. Os partidos –*do estado* - esforçam-se por converter o T.C. numa terceira câmara não eleita e onde possam ajustar uns a outros batalhas que politicamente tinham perdidas. Sabendo que ante o Tribunal Constitucional e de acordo com a Lei não tem todos os mesmos privilégios⁴², como a da suspensão com a simples apresentação de recurso por parte do governo do estado.

De facto, o estado espanhol se proclama um estado descentralizado e quase federalizante e funciona uma concentração madrilenha na toma de decisões e mais do que isso, com uma espantosa recentralização⁴³.

²⁹ Só a simples mostra, numa recente sentença conhecida por La Manada, a tribunal declarou que se ajustou a lei espanhola, esquecendo que está assinado pelo estado um tratado explicando o que é estupro, ele bem preciso.

³⁰ <https://radiorecuperandomemoria.com/2017/02/24/listado-de-jueces-apartados-la-justicia-en-manos-del-poder-politico/>

³¹ https://es.wikipedia.org/wiki/Recurso_de_casaci%C3%B3n

³² <https://www.significados.com.br/cassacao/>

³³ *Fuero*, um peculiar privilégio que nasce da própria concepção franquista do estado.

³⁴ *La Ley Orgánica de 13 de marzo de 1986, 2/86 de Fuerzas y Cuerpos de Seguridad del Estado, en el Capítulo V del Título II «de las Fuerzas y Cuerpos de Seguridad del Estado» se dedica a la organización de las unidades de Policía Judicial. El artículo 31 señala que los funcionarios adscritos a unidades de Policía Judicial dependen orgánicamente del Ministerio del Interior y funcionalmente de los Jueces, Tribunales y Ministerio Fiscal. El artículo 35 reitera la inamovilidad de los funcionarios adscritos a dichas unidades en los términos reflejados en el artículo 446 de la LOPJ, y el artículo 33 textualmente dice: «los funcionarios adscritos a las unidades de Policía Judicial desempeñarán esa función con carácter exclusivo, sin perjuicio de que puedan desarrollar también misiones de prevención de la delincuencia y demás que se le encomienden, cuando las circunstancias lo requieran de entre las correspondientes a las Fuerzas y Cuerpos de Seguridad del Estado». Es decir, que dicho artículo contradice lo sentado en el número 2 del artículo 45 de la LOPJ, ya que este último, como se ha comentado, a la hora de determinar que en ningún caso los miembros de las reiteradas unidades efectuarán misiones que no sean las propias de Policía Judicial. Más adelante se resaltarà la importancia práctica de esta contradicción. El Real Decreto 769/87 sobre regulación de Policía Judicial pretendía «hacer efectivo el*

³⁵ Incluso eletivo, como no âmbito anglosaxão

³⁶ “[Pacto Internacional sobre os Direitos Cívicos e Políticos](#)” (Adotado e aberto à assinatura, ratificação e adesão pela resolução 2200-A (XXI) da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 16 de Dezembro de 1966.). E Castela/espanha o incorporou, de acordo à Constituição, ao seu ordenamento jurídico INTERNO. <https://www.boe.es/buscar/doc.php?id=BOE-A-1977-10733>. E assinados os protocolos anexos, que convertem em, de obrigado cumprimento, as resoluções do Comitê/conselho de direitos civis da ONU com sede em Genebra.

³⁷ <http://www.exteriores.gob.es/Portal/es/PoliticaExteriorCooperacion/ConsejoDeEuropa/Documents/Acta%20de%20Adhesi%C3%B3n%20de%20Espa%C3%B1a%20al%20Consejo%20de%20Europa.pdf>

³⁸ É pura legislação franquista, sem dissimulo.

³⁹ https://www.huffingtonpost.es/2015/02/23/onu-ley-mordaza-codigo-penal_n_6736032.html

⁴⁰ <http://www.legaltoday.com/opinion/articulos-de-opinion/renovacion-del-tribunal-constitucional-y-sentido-del-estado>

⁴¹ Um conhecido jurista galego de prestígio, ele bom amigo, comentara-me uma vez quando o Governo de Passos Coelho teve vários reveses seguidos no Tribunal Constitucional Português: Isso na Espanha seria impensável, que juizes, muitos deles da linha conservadora e próximos a Passos Coelho lhe botem abaixo projetos chave por não se ajustarem a Constituição... Na Espanha fariam da Constituição um farrapo, mas o amigo/designador é sempre primeiro.

⁴² No tema do Tribunal Constitucional são inúmeras as recomendações e mais do que isso, europeias, sobre o funcionamento -de quem tem que ser árbitro https://www.eldiario.es/catalunya/politica/Comision-Venecia-Ley-Tribunal-Constitucional_0_621188044.html

⁴³ https://www.ara.cat/es/opinion/Jordi-Angusto-Madrid-imperial-costa-periferia_0_2040396169.html https://www.ara.cat/es/opinion/Jordi-Angusto-falacia-redistribucion-ricos-pobres_0_2040396171.html

Atas colóquio da lusofonia –

No 2015 reformaram a Lei do Tribunal Constitucional, fazendo de facto uma reforma da Constituição com noturnidade e⁴⁴ sem anunciar-se previamente nem debater-se; e isso quando o Partido Popular aproveitou uma emenda **a lei dos orçamentos**, e reformou o Tribunal Constitucional, tirando-lhe de fato a condição de *ente arbitro* para passar a ter condição de um elemento mais do sistema judiciário⁴⁵, quando constitucionalmente não é sistema judicial. E tudo porque ante uma questão política em vez de enfrentá-la politicamente, decidiu-se que for ao velho modo da justiça madrilenha, fazendo assim um fraco favor ao futuro do estado espanhol como democracia consolidada⁴⁶. Ou como diz o Catedrático Perez Royo, em vez de fazermos a necessária reforma da Constituição, realiza-se uma reforma pelos factos, sem dizer que se faz, e fazendo isso procede-se a voladura de todo o pacto e arquitetura constitucional.

Ler votos particulares de magistrados do TC, quando se produzem, amossam vez após vez, a pesar da linguagem jurídica, -o cansaço e a sensação -, de beco sem saída no que se vai inserindo o estado. Além de todo isso, no estado espanhol vive-se neste momento, um processo de autodeterminação no Principat.

E o jeito em que o estado age ante esse desafio político, com o uso tão peculiar que faz do judiciário, convertendo assim esse processo, num verdadeiro espelho onde se pode olhar o sistema judiciário completamente despido e voltando aos mesmos delitos que a ditadura franquista utilizou para assassinar miles de pessoas *-rebelión y sedición-*, especialmente quando têm que entrar no assunto. (Bélgica, Alemanha, Suíça, Reino Unido...).

Como diz Palacin, este processo liquida o estado de direito, ao agir num assunto político, o judiciário, de jeito tão pouco independente e partidariamente determinado⁴⁷.

Como com Franco, agora de novo a única alínea da Constituição que é intocável, é um princípio sagrado que vai além do direito⁴⁸, é o

Artigo 2

La Constitución se fundamenta en la indisoluble unidad de la Nación española, patria común e indivisible de todos los españoles,

Mas ninguém reparou que este artigo, que com umas redações ou com outras está desde a constituição de 1876, passando pelas leis “constitucionais” franquistas, -as chamadas leis fundamentais -; pois o que está afirmando em realidade, é a condição de plurinacional do estado espanhol, pois essas redações são inexistentes nos estados unitários, porém a redação que figura na Constituição espanhola vigente, e que forma **a trave mestra jurídica da instrução do juiz Larena**, é praticamente idêntica à forma de como isso figurava na Constituição do império austro-húngaro⁴⁹.

Resumo Final:

O estado espanhol tem constitucionalmente desenhado um sistema democrático de direito, na realidade do dia a dia isso do estado de direito são águas de bacalhau.

É SÓCIO DA AICL

PARTICIPA DESDE 2006 NOS COLÓQUIOS: BRAGANÇA 2006, 2007, 2009, 2010, GALIZA 2012, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, GRACIOSA 2015, 25º MONTALEGRE 2016, 27º BELMONTE 2017, VILA DO PORTO 2017, BELMONTE 2018

4. ANA PAULA ANDRADE, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA, AÇORES. AUTORA HOMENAGEADA 2018. CONVIDADA DE HONRA

ANA PAULA ANDRADE [CONSTÂNCIA] 1964)

Nasceu em P. Delgada onde concluiu o curso geral de música no Conservatório Regional, tendo tido como professoras Margarida Magalhães de Sousa (composição) e Natália Silva (piano).

Em 1987 terminou o curso Superior de Piano no Conservatório Nacional (Lisboa), na classe da professora Melina Rebelo e no ano seguinte o curso superior de composição, tendo sido aluna dos compositores C. Bochmann, Constança Capedeville, Álvaro Salazar e Joly Braga Santos.

Paralelamente estudou órgão na classe do Professor Simões da Hora (Conservatório Nacional) tendo concluído o 5º ano.

Estudou três anos no Instituto Gregoriano de Lisboa, frequentando, na classe da Prof.ª Helena Pires de Matos, as disciplinas de Canto Gregoriano e Modalidade.

Em 1989 realizou um concerto de órgão e piano no Conservatório de Toronto, integrado no ciclo de cultura açoriana.



BRAGANÇA 2009



FUNDÃO 2015

Em 1990, participou num concerto na Universidade S.M.U. (nos Estados Unidos), tocando como solista, com a orquestra daquela Universidade, o concerto para piano em DóM de Mozart.

⁴⁴ https://www.eldiario.es/politica/PP-cambios-TC-Senado-oposicion_0_436757331.html

⁴⁵ Esse tribunal era presidido por De Los Cobos, militante do PP, porém a lei orgânica do PJ, proíbe a pertença a partidos dos magistrados. O TC resolveu que isso a eles não afetava por não serem um órgão judicial. Essa mesmo Tribunal e presidido pelo Sr. De Los Cobos, converteu aceitando a constitucionalidade do TC, em parte do sistema judicial como pão de relevo dos votos particulares, e fazendo desse jeito uma verdadeira reforma da Constituição, como manifestaram a maioria dos catedráticos na matéria do estado. Saído o Sr. De los Cobos do TC o governo tenta introduzi-lo no TEDH, porém não foi admitido e foi excluído de forma que se deixou claro que o candidato, além de não reunir méritos, -pontuou-se nos méritos com zero, mentira no seu currículo.

⁴⁶ Declaração de Martín Palacin, juiz aposentado do Tribunal Supremo.

⁴⁷ Quando se quer designar um magistrado xis para um cargo ou não se quer alguém determinado, no estado saltam-se as próprias normas legais de que se dotaram para o assunto, e saltam por cima delas como o faria qualquer delincente (estado de direito?). A designação de Barrientos de Pte. do Tribunal de Justiça da Catalunha está impugnado pela magistrada a quem lhe correspondia de acordo aos méritos estabelecidos, mas o critério político era os catalães nenhum é de fiar, e ela reclamou no Tribunal Supremo essa designação e lá segue dormindo. Foram promovidos por surpresa outros magistrados catalães a cargos fora da Catalunha, para se assegurar uma composição esquisitamente castelhana dos órgãos superiores na Catalunha. (castela/espanha nunca falha)

⁴⁸ E tão sagrado, pois como diz P. Bourdieu n'O Estado: "O estado é o único deus verdadeiro das sociedades modernas", e que justifica qualquer suborno, corrupção, prevaricação, assassinato ou que for.

⁴⁹ Preparo uma análise pelo miúdo da questão da unidade sagrada do estado. Unidade que só se concebe desde o submetimento e nunca como um entendimento fraterno entre povos entre povos. O amor do poder é muito semelhante ao amor do maltratador, nas relações de parelha. E desde 1876 o estado não deixou de se reduzir. Vai ser em plena guerra de independência de Cuba em que praticamente por unanimidade Congresso e Senado afirmam a condição de indivisível da nação espanhola, e essa condição de indivisível se afirma incompatível com a autonomia aos territórios sublevados, era o único que pediam, até o carneiro de Cuba, o general Weyler pensou que se agia como verdadeiros doidos.

Atas colóquio da lusofonia –

Tem realizado diversos concertos a solo ou como acompanhadora de piano e órgão em várias regiões do continente e nas diversas Ilhas do arquipélago. Com a soprano Eulália Mendes realizou um concerto na Expo 98 em Lisboa, integrado no dia comemorativo dos Açores.

Em janeiro e em maio de 2006 acompanhou o grupo vocal Quatro Oitavas em digressões ao Uruguai e ao Brasil a convite da Direção Regional das Comunidades.

Desde 1989 é professora de Piano e Análise e Técnicas de Composição, desempenhando desde 2005 o cargo de Presidente do Conselho Executivo do Conservatório de Regional de Ponta Delgada.

Em 2004 criou o Coro Infantil do Conservatório de Ponta Delgada mantendo-o ativo desde essa data.

Em 2010 foi a pianista convidada dos Colóquios para o XIII Colóquio Anual da Lusofonia em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, onde deu um concerto acompanhada da Orquestra (de cordas) da UDESC.

Em 2011 acompanhou o 15º Colóquio a Macau onde atuou com artistas chineses em execução de obras açorianas.

No 16º Colóquio atuou em Vila do Porto com Raquel Machado e Henrique Constância.

No 17º Colóquio na Lagoa atuou com alunas do Conservatório de PONTA DELGADA, de flauta e viola da terra.

No 18º Colóquio (em Ourense na Galiza) estreou com Carolina Constância no Violino, peças inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro (açoriano missionário em Macau).

No 19º Colóquio na Maia (S. Miguel, Açores) estreou mais peças do Padre Áureo e musicou dois poemas, um de Álamo Oliveira e outro de Chrys Chrystello, tendo atuado com Henrique Constância (violoncelo) e Helena Ferreira (soprano).

No 20º Colóquio (Seia 13) estreou mais peças musicadas de autores açorianos, atuando com Henrique Constância (violoncelo), Carolina Constância (Violino) e a soprano Raquel Machado.

Presença habitual dos Colóquios da Lusofonia foi nomeada Pianista Residente em 2010.

Está atualmente a desenvolver um projeto AICL de musicar poemas de autores açorianos selecionados e a divulgar obras inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro, tendo apresentado mais poemas musicados de autores açorianos nos colóquios de 2015 a 2017 e que foram apresentados em DVD no 28º colóquio em Vila do Porto. Posteriormente editar-se-á segundo CD.



Com a UDESC EM SANTA CATARINA 2010



MONTALEGRE 2016



BELMONTE 2018



DESDE 2008 NOS COLÓQUIOS, LIDEROU AS PERFORMANCES MUSICAIS EM BRAGANÇA 2008-09, LAGOA (AÇORES) 2008-2009, BRASIL (FLORIANÓPOLIS) E BRAGANÇA 2010, MACAU E VILA DO PORTO (AÇORES) 2011, LAGOA (AÇORES) E OURENSE, GALIZA 2012, MAIA (AÇORES) E SEIA 2013, SEIA 2014, FUNDÃO 2015, GRACIOSA (AÇORES) 2015. MONTALEGRE 2016, LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 29º BELMONTE 2018



BRAGANÇA 2009



BRAGANÇA 2010



BELMONTE 2018



Atas colóquio da lusofonia –



IPM (MACAU) 2011



2011 STA Mª



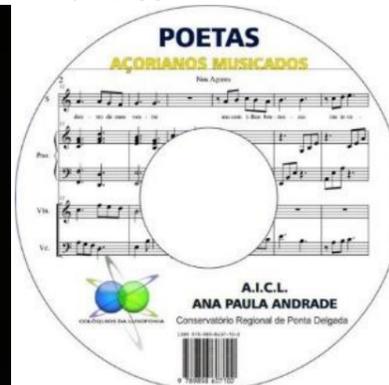
2012 LAGOA



Graciosa 2015



2012 GALIZA



**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.
VICE-PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA-GERAL.**

**EXCERTOS DE GRAVAÇÕES FEITAS NALGUNS COLÓQUIOS VER E OUVIR AQUI
HOMENAGEM A ANA PAULA ANDRADE 2018 (NECESSITA LIGAÇÃO INTERNET) VER AQUI**

https://www.youtube.com/watch?v=K-j5LNGU920&index=51&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiG17a
<https://youtu.be/K-j5LNGU920> (vídeo homenagem versão curta)

EXCERTOS DE GRAVAÇÕES FEITAS NALGUNS COLÓQUIOS

FLORIPA BRASIL 2010 <https://youtu.be/SRbPimP04dU?>

MACAU 2011 <https://youtu.be/dlCyM1iwz8E/>

Macau 2011 hino

RIBEIRA GRANDE 2011 apresentação Crónica Açores https://youtu.be/wNQ_84RCITk

SANTA MARIA 2011 https://youtu.be/Yr_0bKgl_SE

LAGOA 2012 https://youtu.be/rmf_0f6lqls

MAIA 2013 <https://youtu.be/xrMBoMcG8CE>

SEIA 2013 <https://youtu.be/czQi8Imp7wo>

FUNDÃO 2015 <https://youtu.be/MbPCx7BA0os>

GRACIOSA 2015 <https://youtu.be/3TQqUAVRpQs>

GRACIOSA 2015 com Francisco Lobão <https://youtu.be/Ya0tNVaBqRU>

MONTALEGRE 2016 https://youtu.be/H5_rm0TfB_M

LOMBA DA MAIA 2016 <https://youtu.be/53RWfHwbwX8>

BELMONTE 2017 <https://youtu.be/WAAbuxdcQIA>

ADIANTE OS LINKS PARA TODAS AS GRAVAÇÕES QUE A AICL FEZ

29º Belmonte 2018

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2447-29%C2%BA-col%C3%B3quio-belmonte-ana-paula-andrade-vol-2.html>

https://www.youtube.com/watch?v=ZsPqnW4Onlo&index=52&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiG17a

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2448-29%C2%BA-col%C3%B3quio-belmonte-ana-paula-andrade-vol-3.html>

https://www.youtube.com/watch?v=4S9MAayAjCg&index=53&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiG17a

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2449-29%C2%BA-col%C3%B3quio-belmonte-ana-paula-andrade-vol-4.html>

https://www.youtube.com/watch?v=Ro13UEmnoCm&index=54&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiG17a

https://www.youtube.com/watch?time_continue=8&v=Ro13UEmnoCm

28º Vila do Porto 2017

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2424-28%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-andrade-recitais-28-31-out-2018.html>

<https://www.youtube.com/watch?v=ejmr79lpwVU>

https://www.youtube.com/watch?v=qi9AwkXizCI&t=0s&index=55&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiG17a

27º Belmonte 2017

https://www.youtube.com/watch?v=psR7jqMPOn0&t=5s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=9

https://www.youtube.com/watch?v=psR7jqMPOn0&t=5s&index=9&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI

https://www.youtube.com/watch?v=xrBOJTURzMM&index=11&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI

https://www.youtube.com/watch?v=c367v1QC9N8&t=237s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=10

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2383-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-henrique-const%C3%A2ncia-3-belmonte-2017.html>

Atas colóquio da lusofonia –

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2382-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-henrique-const%C3%A2ncia-2-belmonte-2017.html>
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2381-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-henrique-const%C3%A2ncia-1-belmonte-2017.html>
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2378-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-andrade-a-solo-1-belmonte-2017.html>
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2379-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-andrade-a-solo-2-belmonte-2017.html>
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2380-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-andrade-a-solo-3-belmonte-2017.html>
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2384-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-escola-de-m%C3%BAsica-belmonte-1-belmonte-2017.html>
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2385-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-escola-de-m%C3%BAsica-de-belmonte-2-belmonte-2017.html>
https://www.youtube.com/watch?v=psR7jqMPOn0&index=4&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
https://www.youtube.com/watch?v=c367v1QC9N8&index=5&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
https://www.youtube.com/watch?v=hQz60NLXjK4&index=7&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
https://www.youtube.com/watch?v=ZniDmm7koZQ&index=8&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
https://www.youtube.com/watch?v=rFKauX1UCPw&index=9&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
26° Lomba da Maia 2016
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2257-ana-paula-andrade-abertura-29set16.html>
<https://www.youtube.com/watch?v=53RWFHwbwX8>
25° Montalegre 2016
https://www.youtube.com/watch?v=H5_rn0TfB_M&index=14&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2223-25%C2%BA-col%C3%B3quio-montalegre-2016-a-p-andrade-recital-em-vilar-perdizes.html>
https://www.youtube.com/watch?v=H5_rn0TfB_M&t=1s&index=42&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
24° Graciosa 2015
<https://youtu.be/3TQgUAVRpQs>
https://www.youtube.com/watch?v=3TQgUAVRpQs&index=19&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
https://www.youtube.com/watch?v=JHUOEPKJEVl&t=3s&index=36&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
https://www.youtube.com/watch?v=3TQgUAVRpQs&t=49s&index=37&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
https://www.youtube.com/watch?v=qxCD2G2-7ZU&t=15s&index=38&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
https://www.youtube.com/watch?v=9rmtHM-lmLE&t=8s&index=39&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
https://www.youtube.com/watch?v=u34j-G-B8UI&t=0s&index=40&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
https://www.youtube.com/watch?v=3TQgUAVRpQs&t=2s&index=63&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI
23° Fundão 2015-1
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1943-2015-04-07-09-21-36.html>
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1942-2015-04-07-09-06-15.html>
https://www.youtube.com/watch?v=2yLpM_IsAn8&index=82&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI
https://www.youtube.com/watch?v=aDITGat5A0M&index=21&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1944-2015-04-07-09-28-21.html>
https://www.youtube.com/watch?v=FJEKyngEIWA&index=22&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
https://www.youtube.com/watch?v=FJEKyngEIWA&t=1s&index=83&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI
20° Seia 2013
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1351-20%C2%BA-2013-seia-7-m%C3%BAsica-ilhas-de-bruma.html>
<https://studio.youtube.com/#/video/rX46kTudgRQ/analytics>
<https://studio.youtube.com/#/video/d-aWci0FKNO/analytics>
<https://studio.youtube.com/#/video/DhLaweHFsX0/analytics>
<https://studio.youtube.com/#/video/H1sKsq-vK2U/analytics>
https://www.youtube.com/watch?v=H1sKsq-vK2U&t=1s&index=16&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
https://www.youtube.com/watch?v=rX46kTudgRQ&t=0s&index=15&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
https://www.youtube.com/watch?v=G8-FiFrK2Ss&t=0s&index=17&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
https://www.youtube.com/watch?v=DhLaweHFsX0&t=0s&index=18&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
19° Maia 2013
https://www.youtube.com/watch?v=0tOshvYW6G8&t=1s&index=85&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI
https://www.youtube.com/watch?v=xrMBoMcG8CE&index=8&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=2s
https://www.youtube.com/watch?v=FjsW_TAoHro&index=215&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI
<https://www.youtube.com/watch?v=uPqTWGWF7o>
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1348-19%C2%BA-2013-maia-9-1-m%C3%BAsica-ilhas-de-bruma.html>
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1347-19%C2%BA-2013-maia-9-2-m%C3%BAsica-menina-dos-olhos-verdes.html>
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1483-20%C2%BA-2013-seia-8-m%C3%BAsica-recitais-todos.html>
https://www.youtube.com/watch?v=flhODrQYThQ&t=0s&index=44&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
17° LAGOA 2012
https://studio.youtube.com/#/video/rnf_0f6lqls/edit
https://www.youtube.com/watch?v=JVz1sesWYhs&index=28&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=0s
16° VIA DO PORTO 2011
<https://youtu.be/ejmr79lpwVU>
https://www.youtube.com/watch?v=Yr_0bKqI_SE&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=46
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1598-16%C2%BA-sta-maria-2011-ana-paula-andrade-ilhas-de-bruma.html>
15° MACAU 2011
https://www.youtube.com/watch?v=dICyM1iwz8E&index=11&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=0s
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1349-15%C2%BA-2011-macau-8-2-m%C3%BAsica-chamarita.html>
https://www.youtube.com/watch?v=dC2qLUcZcol&index=21&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=0s
https://www.youtube.com/watch?v=FP-S25f6gwl&index=27&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=0s
13° Florianópolis, Santa Catarina, Brasil 2010
https://www.youtube.com/watch?v=SRbPimP04dU&index=44&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
https://www.youtube.com/watch?v=SRbPimP04dU&index=233&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI

Participa nos recitais e Tema 3.2. Lança DVD de autores açorianos musicados



Canções com poemas de poetas açorianos
ANA PAULA ANDRADE
 Edição: Conservatório Regional de Ponta Delgada e AICL

- 1 - *Ao Amor* - Daniel de Sá
- 2 - *Declaração* - Norberto Ávila
- 3 - *Lisa, a voz da tarde* - António Teves
- 4 - *Maria Nobody* - Chrys Chrystello
- 5 - *Sustenido da metáfora* - Luísa Ribeiro
- 6 - *De Rosas foi a tua boca breve* - António Teves
- 7 - *A Religiosa* - Álvaro de Oliveira
- 8 - *Sinal* - Eduíno de Jesus
- 9 - *Se me amanheço manhã* - Brites Araújo
- 10 - *Nos Açores* - Concha Rousia
- 11 - *Quadras de ilha* - Urbano Bettencourt
- 12 - *Destino Ilhéu* - Chrys Chrystello
- 13 - *Graciosa meu amor* - Vítor Rui Soares

Voz - Carina Andrade (3, 6 e 8), Cármen Subica (1 e 10), Carolina Constância (11), Helena Ferreira (4, 7 e 12), João Hugo Gonçalves (2 e 13), Raquel Machado (5 e 9)
 Flauta - Ana Maria Ferreira (4, 7 e 12)
 Oboé - Jéssica Medeiros (9)
 Violino - Carolina Constância (1, 2, 5, 8, 10, 13)
 Viola de arco - Luís Viveiros (5 e 11)
 Piano - Ana Paula Andrade
 Captação, mistura e masterização áudio: Emanuel Cabral
 Conservatório Regional de Ponta Delgada

5. ANNA PAULA BACK, BRASIL, PRESENCIAL

ANNA PAULA BACK 22 anos – brasileira - annapaulaback95@yahoo.es



Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. - Aprovada no XXIV Exame da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB.

Estágio voluntário no cartório da 2ª Vara Criminal da Comarca de Santa Cruz do Sul / RS,

Assistente jurídico no Serviço de Assessoria Jurídica Universitária - SAJU/UFRGS.

Assistência Jurídica à Criança e ao Adolescente. Estágio na 19ª Vara Cível do Foro Central de Porto Alegre / R S, Estágio na 1ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul – TJ/RS; Estágio no Ministério Público Federal - Procuradoria Regional da República da 4ª Região / PRR4. Pesquisadora voluntária no grupo de pesquisa “A Parte Geral do Direito Civil”; no grupo de pesquisa “Direito Privado e Acesso ao Mercado”. Apresentação no Salão de Iniciação Científica da pesquisa “As modificações promovidas no regime jurídico das incapacidades pelo Estatuto da Pessoa com Deficiência”. Curso de extensão “Educação Fiscal e Cidadania” promovido pela Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

6. BRUNO ROSA, CANTAUTOR, PICO



Anteriormente conhecido por Prozac Camel, Bruno é "um jovem duro e calejado, mas com sensibilidade para criar música". Na sua estreia, em 2012, o EP "Prozac Camel", a aproximação à música é feita de maneira experimental e autodidata, onde são criadas paisagens sonoras requintadas. Prozac Camel não esconde influências e bandas como "Pink Floyd", "Massive Attack" ou "Tame Impala". No presente Bruno deixa o experimental e assume-se como cantautor.

ATUAÇÃO SOLO DO CANTAUTOR BRUNO ROSA [HTTP://WWW.DISCOVERAZORES.ORG/ARTS/ARTIST.PHP?DA=42](http://www.discoverazores.org/arts/artist.php?da=42)

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

7. CAROLINA CORDEIRO, ESCRITORA, UNIV DOS AÇORES.



BELMONTE 2017



BELMONTE 2017



CAROLINA CORDEIRO é licenciada em Estudos Portugueses e Ingleses, pela Universidade dos Açores e pós-graduada em Língua Portuguesa — Investigação e Ensino (Universidade Aberta). Desde 2005 que tem vindo a aproximar a sua profissão de professora e formadora à escrita criativa.

Leciona as línguas portuguesa e inglesa e dilucida as mais diversas dúvidas nas respetivas áreas.

Publicou os seus primeiros poemas na coletânea *The International Who's Who in Poetry* (International Library of Poetry, 2004). Mais tarde, em 2012, publicou o seu primeiro livro de poesia *Invictas Brotassem*, sob o pseudónimo Clarice Nunes-Dorval, com a chancela da Chiado Editora.

Em 2013, participou na *Antologia de Poesia Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho", vol. IV* (Chiado Editora) bem como na *Antologia Nós Poetas Editamos — PARTE V* (2014). Em dezembro de 2013, editou o primeiro volume da trilogia *Tempo*, com o seu romance histórico *No Meu Tempo* (Pastelaria Estudos); e, em junho de 2015, apresentou o segundo volume, o romance *Naquele Tempo* (Letras Lavadas).

Tem participado, regularmente, em diversas revistas e jornais literários regionais e nacionais.

De igual modo, coordena campos de férias e ministra workshops de escrita criativa, a públicos de diversas idades.

Entre 2013 e 2015, representou e colaborou com o programa *EscreViver* (n)os Açores.

Foi vencedora do concurso de poemas *Calendário Artelogy 2014*; e, em 2016 da 4ª edição do Prémio de Escrita MiratecArts com o "Conto da Mulher de Cordas".

Carolina Cordeiro tem dinamizado vários eventos, em diversas escolas, com pequenos contos infantis tentando projetar a leitura como "bem essencial à vida".

Participa ativamente no *Azores Fringe Festival*

É uma das responsáveis pela área cultural da Casa do Povo de S. Vicente Ferreira.

Encontra-se a desenvolver a tese de mestrado com foco em Daniel de Sá e a componente autobiográfica da escrita açoriana.



Montalegre 2016



LOMBA 2016



BELMONTE 2017

VER CADERNO AÇORIANO Nº 31 [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ACORIANIDADE/CADERNOS-ACORIANOS-SUPLEMENTOS.HTML#](https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html#)

TEMA 3.1. FERNANDO AIRES E O TEMPO — Carolina Cordeiro —

De acordo com o físico Carlo Rovelli nem o tempo passado nem o tempo futuro existem, em absoluto.

Sendo assim, como interpretar o Diário I da obra *Era Uma Vez o Tempo* do escritor açoriano Fernando Aires?

Ao deambular pela sua descrição de um mundo e de uma vivência particulares, encontramos um tempo vivido, logo passado, uma experiência e um saber d'outros tempos. Não havendo, para a física moderna, a noção de tempo como conceito absoluto, como podemos classificar e aferir, então, os conhecimentos datados dos escritos do diarista açoriano?

Numa tentativa de esboçar, sinteticamente a noção de tempo para campos como a física, seguindo as teorias não só de Rovelli, mas também as de Stephen Hawking, tentaremos interligá-las às noções de tempo que a gramática e a literatura empregam e a partir dos quais, todos nós nos temos regido. Será que andámos a ler e a falar em tempos desconexos do tempo da realidade?

Começemos por tentar explicitar e clarificar, dentro das nossas capacidades o que, afinal de contas, é o Tempo e qual a sua natureza? Como o vemos, como o sentimos, como o vivemos? É uma realidade, uma teoria, um conceito absoluto ou relativo? Será que *ele* fica mais curto à passagem das horas ou permanece no mesmo sítio antes e depois da passagem dos ponteiros do mecanismo a que chamamos relógio e nós é que mudamos?

Segundo Stephen Hawking

Atas colóquio da lusofonia –

“*Pode dizer-se que o tempo começou com o Big bang, no sentido de que os primeiros momentos não podiam ser definidos. Deve sublinhar-se que este começo no tempo é muito diferente do que tinha sido considerado previamente. Num universo imutável, um como no tempo é uma coisas que tem de ser imposta por algum ser exterior ao universo; não há necessidade física de um começo. Pode imaginar-se que Deus criou o universo em qualquer momento do passado. Por outro lado, se o universo está em expansão, pode haver razões de natureza física para um começo.*” (Hawking :1996, 18-19)

Não havendo medição inicial para o tempo, como é que chegámos à questão do tempo não só no nosso dia-a-dia, mas também na nossa língua?

Se “[*qualquer teoria física é sempre provisória, porquanto não passa de uma hipótese; nunca consegue provar-se.*” (Hawking: 1996, 19) e sabendo que o tempo é uma convenção, na aceção dos homens, como e porquê medi-lo, cientificamente?

Medimo-lo por necessidade de enquadrar e disciplinar todo o nosso viver; medimo-lo, pois, aquando da deposição da teoria de que o tempo era absoluto foi e evidenciou-se a teoria da relatividade, percebemos que o tempo gasto, é “*apenas a distância percorrida pela luz (...)* *dividida pela velocidade.*”

Assim, “[*qualquer observador pode calcular com precisão o tempo e a posição que outro observador atribuirá a um acontecimento, desde que conheça a velocidade relativa desse outro observador.*” (Hawking: 1996, 33). Ou por outra, o tempo não é indissociável do espaço. Combina-se “*com ele para formar um objeto chamado espaço-tempo*” (Hawking: 1996, 35) *É como se o tempo fosse uma onda mensurável, a partir “do Sol e de Alfa do Centauro através do espaço-tempo.*” (Hawking: 1996, 36) e este “*espaço e tempo não só se afetam, como são afetados por tudo o que acontece no universo.*” (Hawking: 1996, 47)

“*Uma vez que nada pode ser deslocado com velocidade superior à da luz, só um acontecimento futuro poderá ser afetado pelo que acontece agora e o que agora acontece é um presente condicional, pois são acontecimentos que não se encontram nem no futuro nem no passado.* (Hawking: 1996, 39).

“*[É] impossível prever acontecimentos futuros com exatidão, pois nem sequer é possível medir com precisão o estado do universo!*” (Hawking: 1996, 71). E se cada acontecimento do presente condicional só é conhecido após 8 minutos, uma vez que é esse o tempo que a luz do sol leva a alcançar-nos. (Hawking: 1996, 40), assim mede-se o tempo, mas é um tempo sempre relativo e nunca absoluto: “*cada indivíduo tem a sua medida pessoal de tempo, que depende do local onde está e da maneira como está a mover-se*”. (Hawking: 1996, 47) e “*à medida que o tempo passa, o universo expande-se; se andasse para trás, o universo ter-se-ia contraído.*” (Hawking: 1996, 97)

Antes de prosseguirmos, é preciso não esquecer que “*o chamado tempo imaginário é realmente o tempo verdadeiro e que aquilo a que chamamos tempo é produto da nossa imaginação. No tempo real, o universo tem um princípio e um fim em singularidades que formam uma fronteira para o espaço-tempo e perante as quais as leis da ciência deixam de ser válidas. Mas no tempo imaginário não há singularidades nem fronteiras. Assim, talvez aquilo que chamamos tempo imaginário seja realmente mais básico e aquilo a que chamamos tempo real seja apenas uma ideia que inventámos para nos ajudar a descrever como pensamos que o universo é.* (...) (Hawking: 1996, 164)

“*Portanto, não tem significado perguntar, o que é real, o tempo “real” ou “imaginário”? Trata-se apenas de saber qual é a descrição mais útil.*” (Hawking: 1996, 165). Se, digamos, no tempo absoluto “*cada acontecimento podia ser rotulado por um número chamado “tempo” de uma maneira única e todos os relógios mediriam o mesmo intervalo de tempo entre dois acontecimentos.*” (Hawking: 1996, 167) não se poderia ter chegado à conclusão que de “*cada observador tem a sua própria medida de tempo, registada pelo seu relógio; relógios diferentes não coincidem necessariamente uns com os outros.*” (Hawking: 1996, 167) e a medida de Aires pode ser assim:

P. Delgada | 7 maio 86/ Tempo do relógio que aprisiona os meus dias em horas e minutos. Tempo em que muito pouco de mim decide e escolhe. O ponteiro do Sol avança no mostrador esmaltada de azul em direção a mais um dia que passou. (...) Tempo das horas certas na incerteza do dia que virá. (Franco: 2015, 118)

Para que cheguemos a uma possível conclusão sobre este tema, não poderemos deixar de entender que

“*O aumento de desordem ou entropia com o tempo é um exemplo daquilo a que se chama uma seta do tempo, qualquer coisa que distingue o passado do futuro, dando um sentido ao tempo. Há, pelo menos, três setas diferentes para o tempo. Primeiro há a seta termodinâmica, o sentido do tempo em que a desordem ou estropia aumenta. Depois há a seta psicológica, ou seja, a direção em que sentimos que o tempo passa, em que nos lembramos do passado, mas não do futuro. Finalmente, há a seta cosmologia, que é o sentido do tempo em que o universo está a expandir-se, e não a contrair-se.*” (Hawking: 1996, 169), logo, “*a seta psicológica é determinada pela seta termodinâmica e que estas duas setas apontam necessariamente no mesmo sentido.*” (Hawking: 1996, 169) e a

“*nossa noção subjetiva do sentido do tempo, a seta psicológica do tempo, é, portanto, determinada dentro do nosso cérebro pela seta termodinâmica. Tal como um computador, devemos lembrar-nos das coisas pela ordem em que a entropia aumenta. Isto torna a segunda lei da termodinâmica quase trivial. A desordem aumenta com o tempo porque medidos o tempo no sentido em que a desordem aumenta. Não pode haver uma aposta mais segura!*” (Hawking: 1996, 172)

E, como começamos este nosso texto, tanto Carlo Rovelli como Hawking, constatam que “*as leis da física não distinguem tempo para trás de tempo para diante*” (Hawking: 1996, 177) havendo sim, as já referidas setas do tempo

“*que distingue realmente o passado do futuro: a seta termodinâmica, o sentido do tempo em que a desordem aumenta a seta psicológica, o sentido do tempo em que nos lembramos do passado, e não do futuro, e a seta cosmologia, o sentido do tempo em que o universo se expande, em vez de se contrair.*” (Idem)

Ao ter em mente estes conceitos, como poderemos ler o tempo descrito nas páginas do diário de Fernando Aires? Em jeito de curiosidade, o próprio diarista afirma a 2 de junho de 1985:

“(…) *Mas o grande mistério, no meio de tudo isto, sou eu próprio, microcosmo organizado com a matéria de que se gerou terra, plantas, animais e astros. Mas marcado da cabeça aos pés pela irreverência de decidir sozinho as rotações e as translações, os eclipses e as mutações duma órbita imprevisível aos astrónomos de todos os quadrantes. E tudo isto tocado da transitoriedade dos cometas, fosforências de meteoro riscando o azul ferrete de setembro e explodindo no espaço para nunca mais.../ Por isso, sinto, por vezes, o desejo inadiável de aproveitar o momento único, e viver a inconsciência do Instinto, na espanta de que, por esta via, poderei entrar em íntima harmonia com a música das esferas, sincronizadas, a milhões de anos-luz. Disciplina eterna duma Nona Sinfonia cantada pelo coro formidável das galáxias.*” (Franco: 2015, 71)

Para isso, abordaremos, sucintamente a questão de literatura açoriana e seguidamente à questão de autobiografia, associada à noção de escrita diarística.

Quando nos referirmos aqui à literatura açoriana, estamos a fazer referência a um olhar específico das coisas, sobre as coisas. “*A Ilha é o mundo e o homem, é a substância mesma da sua criatividade, é como a medida de todas as coisas...*” (Pires: 2013, 13). E, sabemos que, como afirma Mónica Serpa Cabral, a literatura açoriana insere-se na literatura nacional, “*porque geminou de sementes trazidas do continente ao longo dos tempos, mas é diferente porque cresceu e frutificou em solo igualmente diferente*” (2015: 26) e o que encontramos em Fernando Aires é, em grande parte aquilo que Anatole France, diz: “[*u]n homme n’est rien, quand il n’est pas le produit de sa terre.*” (Cook: 2001/04, 105).

Já dizia Martins Garcia que se julgar que “*a literatura açoriana se resume num espaço geográfico seria condená-la a fronteiras que ela jamais reconheceu*” (Garcia: 1987,113) pois “*deixou de acatar as normas das estreiteza regionalista para abordar os mais variados problemas da condição humana*”. (Idem. 114).

Também, no nosso entender, “[*o] escritor açoriano não existe para substituir-se ao escritor nacional ou internacional. Ele aspira também a ser lido no país e no mundo — é para isso que escreve e publica. Mas sem deixar de ser açoriano.*” (Idem). Uma vez que, na perspetiva de Carlos Fuentes, a “*literatura é um evento contínuo em que o passado e o futuro se inter-relacionam e se se transformam mutuamente.*” (Almeida *apud* Freitas: 2013, 250).

Já tendo uma referência sobre a noção de tempo e sobre o nosso conceito de literatura açoriana, passemos agora à questão da autobiografia, mais em concreto à composição literária do diário.

Como já anteriormente, perante vós, afirmamos as marcas do género da autobiografia, nos escritos de um autor, poderão ser algo tão díspares e imensuráveis como a inspiração/emoção vinda do que o rodeia ou, simplesmente, poderão ser algo tão individual como a presença do seu visível “eu” real que oscilará, por ventura, entre a forma e a função desse mesmo “eu” (Rocha: 1992), até porque em qualquer um dos textos, tratar-se-á de um assunto já resolvido e fechado, por assim dizer.

Não será, portanto, estranho conceber a recorrência amiúde à memória, e consequentemente, haver um pressuposto de que o que foi dito pode ser ficcional (“*Vou mais longe — além, onde as datas já são baças*” (Franco: 2015, 36). *De tal forma pode haver a presença da ficção no registo do quotidiano que, por vezes, o autor desse género literário é apelidado de “autopseustos”*⁵⁰ (Lacouel-Labarthe e Nancy: 1978, 125 *apud* Catelli: 1991, 10).

Acreditamos que em toda a obra de ficção está patente um olhar sobre as coisas, essas que já passaram por diversas interpretações, e, portanto, na escrita, há um certo traço de “intimidade”.

Recorrendo a esse termo, sabendo que o registo mais íntimo que pode haver, em termos escritos é de um “eu” de um diário, sabemos que haverá também um “tu” leitor e que, segundo Todorov (1999), no final, “*cada um dos outros [do “tu”] é um eu também, sujeito como eu* (Idem). Sabemos que o diário é “*em muitos casos, um ato de contrição de pecados vários, desde os da carne até aos do espírito*” (Rocha: 1992, 31), e que qualquer autor imagina, ou seja, forja metáforas para o mundo que descreve (Olney: 1972, 47) e que cada metáfora acarreta em si todas as ondas de compreensão que o autor tem do que escreve e que cada leitor terá outra(s) onda(s) de interpretação, todas estas a partir de um centro convexo.

De acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, um diário é, entre outras definições “⁴. Obra ou género literário cuja narrativa é feita através de um conjunto de registos mais ou menos diários, geralmente de caráter íntimo.”(<https://www.priberam.pt/dlpo/di%C3%A1rio>) e, de acordo com o Dicionário de Termos Literários, de Carlos Ceia, uma obra ficcional é uma obra onde “o termo ‘ficção’ é geralmente contraposto à verdade histórica e historiográfica; mas análogo sentido negativo se insinua na esfera literária, ainda quando a ficção adopta técnicas de imitação verista da natureza ou de formas documentais.

Na linguagem comum, ‘ficção’ significa quase sempre invenção, obra da fantasia ou da imaginação, fabricação fabular, lenda ou mito. É, pois, uma palavra geralmente oposta a ‘facto/s’ e a ‘realidade’. Genericamente, o termo significa, em conformidade, afirmação sem fundamento, narrativa forjada, falsificação, dissimulação, fingimento; ou, mais especificamente, histórias, contos, novelas, romances da invenção de um escritor, de uma época de uma literatura. Os adjetivos ‘fictivo’ ou ficcional’, aplicados a textos literários, sobretudo narrativos, não têm, contudo, a mesma carga pejorativa ainda hoje associada, por exemplo, ao termo ‘fictício’, na medida em que convenham na valoração estética desses textos.” (<http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/6340/ficcao/>)

Logo, podemos inferir que o diário de Fernando Aires é, até certo ponto, um relato autobiográfico que poderá, ou não, conter elementos ficcionais e é, de igual modo, uma grande obra onde, como em todas as grandes obras, o leitor se revê a si próprio e ao seu mundo, da mesma forma que trata de aspetos universais e de sentimentos idênticos a toda a humanidade e que reúne todas as vivências e memórias, pois é nela, na grande obra, que “*las cosas se convierten en rostos que hablan, se humanizan [que o sujeito] relatándose a sí mismo, se aísla del mundo en un narcisismo ilimitado*” (Demetrio: 1999, 153)

Numa visão mais moderna, a “*crítica deixou de procurar nesta a representação mais ou menos fiel da história pessoal, e prefere entendê-la como uma recriação em que se fundem memória e imaginação, uma combinação entre a experiência vivida e efabulação. Nesta perspetiva, a formação do eu através da palavra, corresponde a um segundo nascimento, e o sujeito que (se) narra é um outro, um duplo da pessoa real. Esse eu, é uma personagem, que apenas difere da personagem de ficção por ser protagonista duma vida da qual o próprio eu, não é autor, é somente o coautor*” (Ricouer *apud* Rocha: 1992, 46)

No fundo, a dualidade do eu é sempre “*razão de ser de uma busca afinal impossível.*” (Rocha: 1992, 47) como se fosse o autor uma espécie de Narciso que contempla sua imagem refletida quando essa mesma imagem é o próprio autor e uma reprodução.

^[50] Aqui fazemos referência à indicação do termo, de origem grega, afirmado primeiramente por Lacouel-Labarthe e NANCY, J. L. (1978) L'absolu litteraire Théorie de la literature du romantisme allemand. Paris: Ed. du Seuil, 125 e que significa “aquele que mente sobre si mesmo”. Tradução nossa.

Atas colóquio da lusofonia –

Ainda segundo Rocha, “na escrita intimista como modelo desse diálogo/monólogo, em que se cruzam as vozes dum eu dividido por força do seu isolamento, da sua inquietação, ou então do seu excesso.” (Rocha: 1992, 56), como se fossem “um jogo de fuga e cristalização. (...) [um] [d]esdobramento do sujeito, condição ilusória da imagem, mobilidade do reflexo, desejo de fixação e eternizarão da figura refletida” (Idem, 51), ou ainda, onde “o impulso que conduz a um ato de escrita em que o sujeito se reflete e reflete sobre si mesmo (...) mas [onde] a imagem permanece, como um símbolo do modo como o eu se reflete no espelho das palavras.” (Ibidem, 51-52). New York: Crown Publishers, 1962, 225 apud Olney: 1972, 8).

Ora, se “[a] escrita íntima [é] uma recriação individual do mundo: por ela, o sujeito situa-se no universo, ordena a sua vida na escrita, como quem arruma a casa, e sacraliza o seu universo.” (Rocha: 1992, 53-54). Se para muitos autores, o escrever é sinónimo de recordar será o escritor quem terá a possibilidade de reconstruir e rememorar pela sua criação estética aquilo que pretende, refletindo-se e ao seu mundo, então, no nosso entender, o Diário I de Fernando Aires, é uma tentativa de mostrar-se a si a ao seu mundo, dentro daquilo que ele deseja mostrar e sempre tendo em mente que, por passar pelo crivo do tempo, a memória poderá atraiçoar-lhe o correr da escrita.

Ele próprio afirma:

P. Delgada | 27 dezº 84/ Um Diário, no fim de contas, escamoteia, forçosamente, o essencial Não é possível nesta dimensão, um convívio leal, a céu aberto, com os outros. Há o pedro e as conveniências, e todo o enredo de uma linguagem e de atitude que o mercado social fiscaliza, espia, seleciona e penaliza quando não convém. (...) / O resultado de tudo isto, é quer queiramos quer não, esta ilha perdida, sem remédio, que nós somos, e cujo cume solitário e remoto antigos com a morte — momento supremo do tempo pessoal em que no isolamento e no silêncio absolutos, carregamos sozinhos com a esperança (ou o desespero?) de ouvirmos (ou não?) chamar pelo nosso nome.” (Franco: 2015, 49)

Este diário abarca os anos decorridos entre 1982 e 1986. Durante este período é notória a utilização de expressões temporais, ou não fosse esta obra um diário. Não é um registo totalmente fidedigno à passagem dos dias, mas conseguimos ter um panorama geral do que lhe aconteceu nesses quatro anos, especialmente à velha questão do cansaço:

“P. Delgada | 2 de março 83/ Remeto-me ao casulo como um bicho. Não encontro, nos meus arredores, voz viva que compreende a minha voz. Não é que me julgue grande coisa: não tive (nem tenho) projetos de ser centro de nenhuma circunferência. Mas acho que não é demais pedir à minha única vida, o possível acerto que me ajude a cicatrizar raiva e decepção. Por isso não quero mais o puro som gratuito das confissões de benquerer. Não mais a insinceridade dos sorrisos e das mãos abertas, mas cheias de vento. Não mais o ruído da voz só porque se teme o silêncio. Já basta o passar dos dias a esvaziar-me de mim. / Quando quase tudo nos mente à volta, só fica o que resta de nós. É talvez por isso esse monólogo contínuo comigo mesmo.” (Franco: 2015, 22)

Nesta pequena entrada, temos toda a prova do que dissemos quanto à categorização desta obra como diário, como registo autobiográfico e sem dúvida, quanto à questão do tempo: o texto refere-se ao passado e esse passado, é mensurável, de acordo com a perspetiva do nosso autor, mesmo que para nós, leitores, tal data poderá não ter correspondido, de todo, à mesma visão. Como tempo mensurável, é possível entender que há mecanismos que temos que nos munir para melhor traduzir as nossas emoções. É dessa forma que aquilo que pensamos, associamos a uma palavra e essa palavra tem uma correspondência de sentido e significado. Daí que um tempo verbal passado nos reporte para um evento imperfeito, perfeito ou mais que perfeito, logo exequível de ver na onda do espaço-tempo. As gramáticas das línguas têm essas disciplinas, áreas que nos indicam como se expressa determinado pensar. Na obra de Aires é o passado que é presença constante, ou não fosse um diário um relato de um acontecimento, como já referimos, passado, logo fácil de entender e situar num contexto espaço-temporal.

Noutra entrada, vê-se a crítica pelo presente, já passado:

P. Delgada | 17 setº 83/ Conflito entre preservar e mudar. Hesitação entre prudência e risco. Entre estar aqui e embarcar para o desconhecido. (...) O quotidiano é o espaço da ambiguidade, porque mudar é fonte de angústias — embora se morra de tédio no universo do mesmo. Olho à minha volta e vejo. Vejo que se critica com enormes gestos o despotismo, mas que se recebem pensões chorudas dos déspotas com a curvatura de espinha de qualquer cortesão. E tão depressa dizem morrer pela igualdade e pela justiça, como mostram o imenso desprezo pela canalha. (...) Dialética que leva o filósofo a gerar o antifilósofo.” (Franco: 2015, 26)

Outra entrada, desta feita, no nosso entender, com cariz mais poético:

P. Delgada | 5 maio 84/ Depois de um dia de egoísmo, eis-me em casa no meio das vozes de todo os dias. No meio das coisas de todos os dias — das que vejo e das que oiço há tanto tempo que deixei de as ver e de as ouvir. / Pergunto-me com força: Mas o que é preciso para que amanhã não escureça e seja um dia inteiro madrugada? Sem o fastio das coisas inúteis? (...) / Quando tomamos consciência do que somos, já é tarde para nos refazermos outros. E que outros refaríamos? Como se fizesse sentido...” (Franco: 2015, 28)

Numa outra entrada, parece que Fernando Aires sabia que, mais cedo ou mais tarde, a questão que aqui debatemos seria encetada, pois ele diz “que o tempo seca tudo até à raiz”, diz também que a “cronometria é a ciência e a arte que lhe dirigem a vida. Um atraso de cinco minutos, e aí temos a maquineta aos sopros, aos bufos, de cenho franzido e em vias de se desarranjar. O passeio dominical, de automóvel, é tão pontual como o beijo na face de manhã e à tarde. Pontualmente, às vinte e duas e trinta, maquineta vai para a cama, mesmo que a noite esteja perfumada do luar e das estrelas.” (Franco: 2015, 29)

Continuando a sua senda de referência ao tempo, temos inúmeras expressões, tais como “Há anos”, “Há três dias”, “Naquele tempo”, “O tempo passado”, “Há que tempos”, “Ontem”, “Lembro o tempo” ou outras, similares a estas. Temos, de igual modo, expressões que nos evidenciam uma metáfora para as teorias científicas exposta por nós e defendidas por Rovelli ou Hawking: “O passado é uma perda e o futuro uma privação. Perda e privação, dois vazios que geram angústias. Só resta o presente — contingente, fugidivo, dependente da trama que me transporta e que não foi inteiramente tecida por mim.” (Franco: 2015, 34) ou ainda “O passado é um mito, mas, por mais que se diga, não poder deixar de ser uma afeição.” (Franco: 2015, 40).

De uma forma geral, o nosso intuito neste imberbe estudo da obra de Aires é mostrar que, apesar das teorias científicas exemplificarem que o tempo é relativo, que é sempre, de um modo muito generalista, passado e que o nosso entendimento sobre ele é, em certa medida, erróneo conseguimos afirmar que mesmo nesse contexto, um diário é sempre um relato pretérito e condicionado pela relatividade da nossa memória. A escolha por Aires recaiu pelo simples facto da sua escrita descortinar o mesmo deambular pelos dias como nós o entendemos.

É a confirmação última do diálogo entre um “eu” do diário e o “tu” do leitor.

Bibliografia consultada, referida ou citada

ALMEIDA, Onésimo Teotónio. (1983) A questão da literatura açoriana: recolha de intervenções e revisitação. Angra de Heroísmo: Secretaria Regional de Educação e Cultura. Gaivota, 32.

_____. (2011). Açores, Açorianos, Açorianidade. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2ª ed. ISBN: 978-989-8225-23-8

AMOSSY, Ruth. (org.) (2005) Imagens de si no discurso: a construção do ethos. Trad. Dilson F. da Cruz. Contexto.

BATISTA, José. (2012) Contributos para uma noção de açorianidade literária. Lisboa: Universidade Aberta. Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares.

BETTENCOURT, Urbano. (2013) Inquietação insular e figuração satírica em José Martins Garcia. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

CABALLÉ, Anna. (1995) Narcisos de tinta: ensayos sobre la literatura autobiográfica en lengua castellana (siglos XIX y XX). Madrid: Megazul. ISBN: 84-88803-10-9

CABRAL, Mónica Serpa. (2015) O Conto Literário de Temática Açoriana. Pico: Companhia das Ilhas e Autores. Coleção Transeatlântico nº 15. Série especial 003. ISBN 978-989-8592-93-4.

DEMETRIO, Duccio. (1999) Escribirse: la autobiografía como curación de uno mismo. Barcelona: Paidós. ISBN: 84-493-0788-0

Diário. Disponível em <https://www.priberam.pt/dlpo/di%C3%A1rio>. Acedido a 4 de setembro 2018

Ficção. Disponível em <http://edtl.fcsb.unl.pt/encyclopedia/ficcao/>. Acedido a 4 de setembro 2018.

FRANCO, Maria João R. S. (org) (2015). Fernando Aires, Era uma vez o Tempo - Diário. Guimarães: Opera Omnia. col. Rio Atlântico. ISBN: 978-989-8309-85-3

FREITAS, VAMBERTO. (2013) “Onésimo Teotónio Almeida & João Maurício Brás, Utopias em Dói Menor. Conversas Transatlânticas com Onésimo” Lisboa, Gradiva Publicações. in Boletim do Núcleo Cultural da Horta. Horta: Núcleo Cultural da Horta. - Nº 22: 273-276

GARCIA, José Martins. (1993) “Lirismo e “ficção nos poemas de Roberto de Mesquita” in Atas da III Semana de estudos da Cultura Açoriana e Catarinense. Ponta Delgada: Universidade dos Açores. ISBN: 972-9340-80-3. pp. 97-108

_____. (1995) Exercícios da Crítica. Coleção Garajau. Lisboa: Edições Salamandra. ISBN: 972-689-104-3

GIRARD, Alain. (1976) “Évolution sociale et naissance de l'intime” in Intime, intimité et intimisme. Lille: Colloque de l'Université de Lille, Éditions Universitaires.

JACOB, François. (1998) A estátua interior: autobiografia. trad. de Regina Louro. Lisboa: Publicações Dom Quixote. Biblioteca Dom Quixote, 2

KAUFMANN, Jean-Claude. (2004) L'invention de soi. Une théorie de l'identité. Paris, Armand Colin. trad. CHAVES, Joana (2005) A invenção de si: uma teoria da identidade. Lisboa: Instituto Piaget, D. L. Epistemologia e sociedade; 233. ISBN: 972-771-816-7

LEJEUNE, Philippe. (1989) On Autobiography. trad. LEARY, Katherine. Theory and History of Literature, vol. 52. Mineápolis: University of Minnesota Press, VIII

OLNEY, JAMES. (1981) Metaphors of self: the meaning of autobiography. Princeton: Princeton University Press, XI. ISBN: 0-691-06221-8

_____. (ed.) (1980) Autobiography: essays theoretical and critical. Princeton; New York: Princeton University Press. VIII. ISBN: 0691-10080-2

PIRES, António Machado. (2013) Páginas sobre açorianidade. Ponta Delgada: Letras Lavadas Edições. 2ª ed. ISBN: 978-989-735-015-3

ROCHA, CLARA. (1992) Máscaras de Narciso: estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal. Coimbra: Almedina. ISBN: 972-40-0708-1

YANIN, María Júlia Santa Rosa. (2003) Ente o eu e o Outro - Identidade, nação e alteridade na análise da personagem João em Ilha grande fechada, de Daniel de Sá. Porto Alegre.

YVANCOS, José María Pozuelao. (2006) De la autobiografía: teoría y estilos. Barcelona: Crítica, Letras de humanidad. ISBN: 84-8432-707-8

SÓCIO DA AICL –

SECRETÁRIA DO CONSELHO FISCAL DA AICL

- MEMBRO DA COMISSÃO EXECUTIVA.

FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.

PARTICIPOU EM SEIA 2014 NO 22º COLÓQUIO, NO 25º COLÓQUIO EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA (AÇORES), 27º BELMONTE 2017

8. CHRYS CHRYSTELLO, AGLP, AJA/MEEA, NAATI CAMBERRA, AUSTRÁLIA.



Chrys Chrystello, cidadão australiano, multicultural, de uma família mesclada de Alemão, Galego, Português, Brasileiro e marrano transmontano.

Publicou o seu 1º livro (poesia) em 1972.

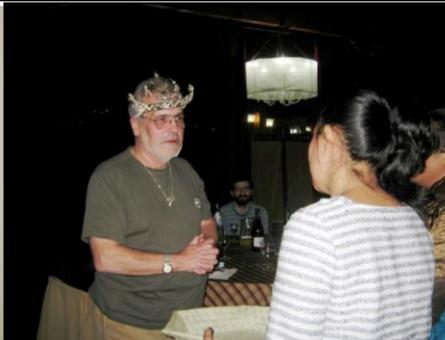
O exército colonial português levou-o a Timor (1973-75) onde foi Editor-chefe do jornal A Voz de Timor.

Jornalista desde 1967 (rádio, TV e imprensa) escreveu sobre o drama de Timor-Leste.

Foi Executivo na Eletricidade de Macau (1976-82).

Em Macau foi Redator, Apresentador, Produtor - rádio e TV (Macau e HK).

Em Sydney, Austrália, esteve envolvido na definição da política multicultural do governo federal.



MOINHOS 2014

BELMONTE 2018

SEIA 2014

LOMBA DA MAIA 2016

Foi Jornalista, Tradutor, Intérprete em ministérios federais e estaduais australianos.

Divulgou a descoberta portuguesa da Austrália 1521-25 e a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português.

Desde 2017 é JORNALISTA - membro vitalício Honorário da MEEA-AJA [Australian Journalists' Association] por ter atingido 50 anos de profissão

Tradutor Profissional desde 1984, foi Fundador do AUSIT,

Lecionou Tradutologia na UTS (Univ. Tecnologia de Sydney), sendo por mais de vinte anos responsável pelos exames dos Tradutores e Interpretes (NAATI).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa no Australia Council (1999-05).

Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL da University of Brighton (UK 2000-2012);

Foi Revisor da Universidade de Helsínquia (2006-2012);

Foi Consultor do Programa REMA, Açores. (2008-12).

Académico Correspondente da AGLP desde 2012,

Atual colunista do Diário dos Açores

ALGUMA BIBLIOGRAFIA LIVROS, PREFÁCIOS E TRADUÇÕES DE LIVROS

[2018 POEMA "PARTIR" VOLUME X DA ANTOLOGIA DE POESIA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA "ENTRE O SONO E O SONHO" ED. CHIADO](#)

[2018 FOTOEMAS FOTO LIVRO, FOTOGRAFIA DE FÁTIMA SALCEDO E POEMAS DOS AÇORES DE CHRYS CHRYSTELLO E-LIVRO HTTP://WWW.BLURB.COM/B/8776650-FOTOEMAS ISBN: 9781388351083](#)

[2018 REVISÃO, COMPILAÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE MISSIONÁRIOS AÇORIANOS EM TIMOR VOL. 2 DE D CARLOS F XIMENES BELO, ED. AICL E CÂMARA MUNICIPAL DE PONTA DELGADA, ED. LETRAS LAVADAS](#)

[2018. CRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO, VOL. 2, 3ª ED. HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NAVEGACAO-VOL.-2-\(3%C2%AA-ED-2018\).PDF](#)

[2018. CRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO, VOL. 1, 3ª ED. HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/CHRONICACORES.-UMA-CIRCUM-NAVEGACAO-VOL.1--3%C2%AA-ED-2018.PDF](#)

[2017. BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE EM 2 VOLS. 19500 ENTRADAS, ED. LETRAS LAVADAS PUBLIÇOR, PONTA DELGADA](#)

[2017. REVISÃO, COMPILAÇÃO E TRADUÇÃO DE "O MUNDO PERDIDO DE TIMOR-LESTE" DE JOSÉ RAMOS-HORTA ED. LIDEL](#)

2017. POEMA “MARIA NOBODY” IN IX VOLUME DA ANTOLOGIA DE POESIA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA “ENTRE O SONO E O SONHO” ED. CHIADO
2017. A LÍNGUA PORTUGUESA NA AUSTRÁLIA, CAPÍTULO EM "A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO: PASSADO, PRESENTE E FUTURO". ED. UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, ORG. ALEXANDRE ANTÓNIO DA COSTA LUÍS, CARLA SOFIA GOMES XAVIER LUÍS E PAULO OSÓRIO
2017. “TRÊS POEMAS AÇORIANOS” IN ANTOLOGIA ED. ARTELOGY DEZº 2016
2017. “NÃO SE É ILHÉU POR NASCER NUMA ILHA”, IN “POVOS E CULTURAS - A ILHA EM NÓS”, REVISTA POVOS E CULTURAS Nº 21-2017 CENTRO DE ESTUDOS DE POVOS E CULTURAS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA (CEPCEP), UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA LISBOA
2017. “NÃO SE É ILHÉU POR NASCER NUMA ILHA”, CAPÍTULO DO LIVRO “A CONDIÇÃO DE ILHÉU”, CENTRO DE ESTUDOS DE POVOS E CULTURAS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA (CEPCEP), UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA LISBOA
2016. COMPILAÇÃO, REVISÃO E PREFÁCIO DE MISSIONÁRIOS AÇORIANOS EM TIMOR “UM MISSIONÁRIO AÇORIANO EM TIMOR” VOL. 1 DE D. CARLOS F XIMENES BELO ED. AICL E MOINHO TERRACE CAFÉ
2015. CD TRILOGIA DA HISTÓRIA DE TIMOR. 3760 PÁGINAS, CONTÉM OS 3 VOLS. E ED. EM INGLÊS DO 1º VOL., ED. AICL, COLÓQUIOS DA LUSOFONIA. 4ª ED. AICL, COLÓQUIOS DA LUSOFONIA HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/429/OBRAS-DO-AUTOR/1006/TRILOGIA-DE-TIMOR-VOL-3-HISTORIA-DE-TIMOR.PDF
2015. CRÓNICAS AUSTRALS (1978-1998 MONOGRAFIA) 4ª ED. 2015 HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/429/OBRAS-DO-AUTOR/1007/CRONICAS-AUSTRALS-1978-1998-4%C2%AA-ED-2015.PDF
2014. PREFÁCIO DE “O VOO DO GARAJAU” ROSÁRIO GIRÃO & MANUEL SILVA, ED. CALENDÁRIO DE LETRAS E AICL HTTP://WWW.SCIELO.MEC.PT/SCIELO.PHP?SCRIPT=SCI_ARTTEXT&PID=S0807-89672015000300016
2013. CRÓNICAS AUSTRALS 1978-1998, MONOGRAFIA, 3ª ED. HTTPS://WWW.SCRIBD.COM/DOC/3051472/CRONICASAUSTRAIS
2012. CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL. OBRAS COMPLETAS (POESIA) 5 VOLUMES, 40 ANOS DE VIDA LITERÁRIA, ED. CALENDÁRIO DE LETRAS 2012 - ISBN 9789728985646 HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/429/OBRAS-DO-AUTOR/1001/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5--2012.PDF
2012. TRILOGIA DA HISTÓRIA DE TIMOR, VOL. 3 AS GUERRAS TRIBAIS, A HISTÓRIA REPETE-SE 1894-2006, 1ª ED. HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/429/OBRAS-DO-AUTOR/1006/TRILOGIA-VOL.-3-HISTORIA-DE-TIMOR.PDF, HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/INDEX.PHP?PREVIEW=1&OPTION=COM_DROPFILES&FORMAT=&TASK=FRONTFILE.DOWNLOAD&CATID=429&ID=1006&ITEMID=100000000000
2012. TRILOGIA DA HISTÓRIA DE TIMOR: EAST TIMOR - THE SECRET FILES 1973-1975 1º VOL. 3ª ED. HTTP://WWW.EBOOKSBRASIL.ORG/ADOBEEBOOK/TIMORE.PDF
2012. TRILOGIA DA HISTÓRIA DE TIMOR, ED. AICL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA, ISBN: 978-989-95641-9-0 (TIMOR LESTE O DOSSIÊ SECRETO 1973-1975 VOL. 1, TIMOR-LESTE 1983-1992 VOL. 2 HISTORIOGRAFIA DE UM REPÓRTER E TIMOR LESTE VOL. 3 - AS GUERRAS TRIBAIS, A HISTÓRIA REPETE-SE (1894-2006) ED. AICL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA, ISBN: 978-989-95641-9-0
2012. CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL. OBRAS COMPLETAS (POESIA) 5 VOLUMES, 40 ANOS DE VIDA LITERÁRIA, ED. CALENDÁRIO DE LETRAS 2012 - ISBN 9789728985646 HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/429/OBRAS-DO-AUTOR/1001/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5--2012.PDF
2012. VOL. 1 DA TRILOGIA DA HISTÓRIA DE TIMOR: EAST TIMOR - THE SECRET FILES 1973-1975 3ª ED. HTTP://WWW.EBOOKSBRASIL.ORG/ADOBEEBOOK/TIMORE.PDF
2012. TRADUÇÃO “UMA PESSOA SÓ É POUCA GENTE / A LONELY PERSON IS NOT ENOUGH PEOPLE, THE SEX AND THE DIVINE” DE CAETANO VALADÃO SERPA
2012. VOL. 1 DA TRILOGIA DA HISTÓRIA DE TIMOR: TIMOR-LESTE O DOSSIÊ SECRETO 1973-1975, 2ª ED. HTTPS://WWW.SCRIBD.COM/DOC/39958581/TIMOR-LESTE-1973-1975-O-DOSSIE-SECRETO
2012. VOLUME 2 DA TRILOGIA DA HISTÓRIA DE TIMOR: HISTORIOGRAFIA DE UM REPÓRTER - TIMOR-LESTE 1983-1992 DVD – 1ª ED. 2005-2012 HTTP://WWW.EBOOKSBRASIL.ORG/ADOBEEBOOK/TIMOR2.PDF, HTTPS://WWW.SCRIBD.COM/DOCUMENT/40234122/TIMOR-LESTE-HISTORIOGRAFIA-DE-UM-REPORTER-VOL-2-193-1992
2011. TRADUÇÃO DA ANTOLOGIA BILINGUE DE (15) AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS, ED. AICL E CALENDÁRIO DE LETRAS
2011. CHRÓNICAÇORES UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO VOL. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 ED. CALENDARIO DE LETRAS HTTP://WWW.CALENDARIO.PT/INDEX.PHP?ID=246&CAT=203&PID=55
2010. TRADUÇÃO PARA INGLÊS DOS GUIA DE MERGULHO DA MADEIRA; GUIAS DE MERGULHO DAS ILHAS DOS AÇORES, ED. VERAÇOR
2009. CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO, VOL. 1 ESGOTADO, ONLINE HTTPS://WWW.SCRIBD.COM/DOC/39955110/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NAVEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES-VOLUME-UM-DA-TRILOGIA - HTTPS://WWW.WORLDCAT.ORG/TITLE/CHRONICACORES-CIRCUM-NAVEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES/OCLC/357576846&REFERER=BRIEF_RESULTS.

2009, CRÓNICA AÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO, VOL. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VERAÇOR ED. 2009
2008, TRADUÇÃO PARA INGLÊS DE “S. MIGUEL UMA ILHA ESCULPIDA” DANIEL DE SÁ, ED. VERAÇOR.
2008, TRADUÇÃO DE “ILHAS DO TRIÂNGULO, VIAGEM COM JACQUES BREL” VICTOR RUI DORES, PRELO, ED. VERAÇOR.
2008, PREFÁCIO E REVISÃO “A FREIRA DO ARCANO, MARGARIDA ISABEL DO APOCALIPSE” DE MÁRIO MOURA, ED. PUBLIÇOR, PONTA DELGADA
2007, TRADUÇÃO PARA INGLÊS “E DAS PEDRAS SE FEZ VINHO” DE MANUEL SERPA ED. VERAÇOR, AÇORES PORTUGAL
2007, TRADUÇÃO PARA INGLÊS, “SANTA MARIA ILHA MÃE” DANIEL DE SÁ, ED. VERAÇOR, AÇORES, PORTUGAL
2005, COAUTOR TRADUÇÃO PARA PORTUGUÊS “THE LOST PAINTING” JONATHAN HARR, ED. PRESENÇA
2005, CANCELONEIRO TRANSMONTANO, ED. SANTA CASA DA MISERICÓRDIA BRAGANÇA, HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/CANCELONEIRO-BRAGANCA-2005.PDF -
2004, TRADUÇÃO PARA PORTUGUÊS “A PEOPLE’S WAR” DE VO NGUYEN GIAP, EDITORA SÍLABO PORTUGAL
2004, TRADUÇÃO PARA PORTUGUÊS, “DIEN BIEN PHU” DE R. H. SIMPSON, EDITORA SÍLABO PORTUGAL
2002, TRADUÇÃO DE “LA FAMILIA: EL DESAFIO DE LA DIVERSIDAD” ADELINA GIMENO (CASTELHANO, PSICOLOGIA), INSTITUTO PIAGET PORTUGAL
2000, CRÓNICAS AUSTRALS - 1978-98 (MONOGRAFIA) 1ª ED. HTTP://WWW.EBOOKSBRASIL.ORG/MICROREADER/CRONICASCA.LIT HTTP://WWW.EBOOKSBRASIL.ORG/REB/CRONICASCA.RB,
2000, VOL. 1 DA TRILOGIA DA HISTÓRIA DE TIMOR: TIMOR-LESTE O DOSSIÊ SECRETO 1973-1975, 2ª ED. WWW.EBOOKSBRASIL.ORG/ADOBEEBOOK/TIMORP.PDF,
2000, VOL. 1 DA TRILOGIA DA HISTÓRIA DE TIMOR: TIMOR-LESTE THE SECRET FILES 1973-1975, 2ª ED. HTTP://WWW.EBOOKSBRASIL.ORG/ADOBEEBOOK/TIMORE.PDF, HTTPS://WWW.SCRIBD.COM/DOC/253855631/EAST-TIMOR-THE-SECRET-FILES-1973-1975-ENG -, HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-EAST-TIMOR-SECRET-FILE-73-75-ENG.PDF
1999, VOL. 1 DA TRILOGIA DA HISTÓRIA DE TIMOR: TIMOR-LESTE O DOSSIER SECRETO 1973-1975, PORTO, 1999, ED. CONTEMPORÂNEA (ESGOTADO) 1ª ED. ISBN 10: 972-8305-75-3 / ISBN 13/EAN: 9789728305758
1991-2011 YAWUJI BARRA E YAWUJI BAIA OS AVÓS DE BARRA E AVÓS DE BAÍA, ED. 1991-2011 HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/YAWUJI-OS-AVOS-DE-BARRA-E-OS-AVOS-DE-BAIA.PDF
1985 CRÓNICA X ABORÍGENES NA AUSTRÁLIA HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/CRONICAX-ABORIGENES-NA-AUSTRALIA.PDF
1981, CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL VOL. 3&4 (1973-81) POESIA, ED. MACAU (ESGOTADA) HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/429/OBRAS-DO-AUTOR/1016/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL.-3-4-.PDF HTTP://WWW.EBOOKSBRASIL.ORG/ADOBEEBOOK/QUOTIDIANOINUTIL.PDF, HTTP://WWW.SCRIBD.COM/DOC/77870662/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-CQI-VOLUME-3-4#SCRIBD
1974, CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL VOL. 2 (POESIA) ED. ABRIL 1974 DÍLI, TIMOR PORTUGUÊS (ESGOTADA) HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL.-2-.PDF
1972, CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL VOL. 1 (POESIA) PORTO (ESGOTADO) HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL.-1-1972-ORIGINAL-1%C2%AA-ED-CQI.PDF HTTP://WWW.EBOOKSBRASIL.ORG/ADOBEEBOOK/QUOTIDIANOINUTIL.PDF ,

SÓCIO FUNDADOR, TOMOU PARTE EM TODOS OS COLÓQUIOS

PRESIDENTE DA DIREÇÃO DOS COLÓQUIOS, PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA, MEMBRO DO COMITÉ CIENTÍFICO,



LOMBA DA MAIA 2016



BRAGANÇA 2008



POESIA, GRUTA DE CAMÕES MACAU 2011

TEMA 3.1 SESSÃO DE POESIA DO CHRYS

502. AÇORES 1 (2010)

no início era o fogo
e se fez verbo
depois, vieram os tremores
e se ergueram ilhas
vieram pássaros e árvores
arribaram gentes, gado e corsários
e brotaram açores
a terra insolente
insolente vomitava
humilhava vilas e aldeias
em debandada as gentes
alvoravam votando com os pés
depois, veio a fé
construíram capelas, igrejas, santuários
romarias, procissões e devoções
acartando nacos de terra no bernal
desbravando mares oceanos
colonizando havaís, américas e brasis
miscigenando nações
sempre leais
fiéis
saudosos
do verde
das vacas
dos picos
regressam libertos de feudais grilhetas
perpetuam mitos
impérvios ao progresso.

504. VOLITANDO 4 MAIO 2011

vieram os deuses
plantaram ilhas
onde dantes havia água
nasceu a ilha-mãe,
havia a mãe-ilha,
outra era marilha,
uma a ilha menina
outra ilha-filha
nove irmãos
filhas de poseidon e de afrodite
nascidas da espuma do mar
nos montes verdes
rugiam dragões



cuspiam chamas
tremiam os chãos
secavam ribeiras
vomitavam magma
choviam trovões
de thor filho de odin
esquecido das gentes e animais
pobres escravos e colonos
amanhadores de rochas e fomes
desbravadores de mínguas
crentes e temerosos
orando promessas seculares
criam no destino sentindo-se culpados
ainda hoje penam
liberdades que não pagam díizimos
votam com os pés da emigração
a libertação de todas as cangas
mas voltam sempre
romeiros em promessas várias
açorianos até ao tutano
sem alforrias nem autonomias
perenes escravos destas ilhas
escrevem a história que poucos leem.

507 TANTO MAR (AO VASCO PEREIRA DA COSTA) [PICO, 9 AGOSTO 2011]

entre nuvens escrevo
tanto mar
e nele flutua
 a tua prosa
tanto mar
e não cabem nele
 os teus fogos ocultos
pairando sobre as ilhas
te deram vida
 sustento
 inspiração

tanto mar,
no teu pequeno bote
prenúncio de liberdades
 cravos e rosas
 espinhos e espigas
tanto mar

tanta montanha
 vulcões por reparar
 maroiços por construir
 baleias por arpoar
pescador de palavras ilhíadas
lavrador de poemas
da prainha do pico
à heroica angra
ao choupal das letras
tanto mar
e não cabem nele
 teus livros por acabar.

510. LANCHA DO PICO A JOSÉ DIAS DE MELO (PICO, 9 AGOSTO 2011)

lá vem a lancha
 lá vem
traz imigrantes, viajantes
memórias vãs por limar
da terra, do fogo
do tempo sem prazo
da fome e do medo
das socas de milho
das pedras por maroiçar
votaram com os pés

fizeram-se ao mar
sem botes nem baleias
para a lonjura das amercas
novas vinhas por esmoutar
voltam abonados
impantes de dólas
sem sueras nem albarcas
ao rossio do mar
lampeiros, apatacados
emigrantes mendigos
de memórias por aparar
perderam as terras
ganharam o mar
lá vem a lancha
 lá vem
a bordo não traz ninguém
picarotos perdidos
 como só esta ilha tem
comem e bebem
reveem parentes
 e gente de bem
perdidos em tempos idos
repetem saudades dos entes
sabe-se lá de quem
apadrinham festas e procissões
pagam dízimos e promessas
missas por alma de quem partiu
emigrados em amarcanas missões
lágrimas da ilha que os repeliu
do sangue fizeram vinho
do magma medraram uvas
em terra de rola pipas
debouçam bocainas, traveses e jarões
plantam casas e novos luxos
nas ilhas vazias de gente
com leiva de memórias idas
musgo de antepassados
à espera de filhos e netos
sem regressos nem partidas
lá vem a lancha
 lá vem
vazia
 já não traz ninguém

539. DESTINO ILHÉU, LOMBA DA MAIA 11 FEV 2012

olhei para o espelho dos dias
e vi-te partir
silente como chegaras
sem sorrisos nem lágrimas
vestias um luar sombrio
deixavas vazio o leito
num luto antecipado
agarrei as nuvens que passavam
levado na poeira cósmica
carpindo dores antigas
acordei sobressaltado
o livro da vida nas mãos
o livor nas faces
o fim há muito antecipado
ficar era o destino
sem levar as ilhas a reboque
será esta a sina ilha?

559. ALABOTE 2, 16 AGOSTO 2012 (AO VASCO PEREIRA DA COSTA E EDUARDO BETTENCOURT PINTO)

o mar de novo
 e sempre
as ondas e a espuma
 sem sabor a maresia

esperma salgado do atlântico
não se vive sem mar
numa ilha

574. *soletras autonomia, 14 abr 2013*

ilhas de névoas e gaze
de novelões e conteiras
do verde e do azul
ó gente de basalto
quem canta a tua gesta?
terras de maroiços
cais de rola-pipas
mar imenso abraçado
lacerado por vulcões
ilhas de bardos e músicos
 republicanos presidentes
 poetas, pintores e artistas
anteros, nemésios e natálias
quem te liberta das grilhetas
 do passado feudal
 da escravatura da fé
 do atavismo ancestral?
soletras autonomia
gaguejas liberdade
titubeias emancipação
com laivos de insubmissão

624. *PERMANÊNCIAS (À JUDITE JORGE), MOINHOS, 16/8/2013*

esta gente daqui e dali
até do litoral onde já fui
tem todo o tempo do mundo
nas permanências da judite jorge
esta gente daqui e dali
tem o respeito e o medo
o isolamento e a distância
esta gente daqui e dali
só tem futuro fora da ilha
mesmo sem sair dela
esta gente daqui e dali
viaja um harmonioso roteiro
no difícil equilíbrio das agruras
nas permanências da judite jorge
esta gente daqui e dali
entre ter e ser
ficar e partir
tece a bela açorianidade

632. *SER AÇORIANO, MOINHOS, 19/8/2013*

não se é ilhéu
por nascer numa ilha
é preciso sentir-lhe a alma
partilhar raízes e dores
acartá-la nos partos difíceis
tratá-la nas enfermidades
acariciá-la nas alegrias
plantar, semear e colher seus frutos
alimentar as suas tradições
preservar a sua identidade
não se é açoriano
sem amar as suas ilhas
levá-las ao fim do mundo
morrer por elas
com elas
para elas

641. *AOS AÇORES, MOINHOS, 24/8/13*

aos açores só se chega uma vez
depois são saídas e regressos
transumâncias
trânsitos e errâncias
...
dos açores não se parte nunca
levamo-los na bagagem
sem os declararmos na aduana
acessório de viagem
como camisa que nunca se despe
...
nos açores nunca se está
a alma permanece
o corpo divaga
mas a escrita perdurará.

644. AO CRISTÓVÃO (DE AGUIAR), PICO, 9 AGO 2011/13 OUT 2013

descobriram no pico
marroços milenares
piramidais construções
galerias ocultas
sem múmias nem tesouros
sem origem nem fim conhecido
falaram de fenícios, cartagineses
gente da pré-história
mas a verdadeira pirâmide
reside mais a norte
em s miguel arcanjo
numa atulhada falsa
com vista para s. roque
é a universal biblioteca
da nova alexandria
é lá que todas as noites
os livros se põem a dançar
debatem e trocam impressões
dão conselhos e admoestações
referem prodigiosas citações
partilham bailhos e saber
da universidade da açorianidade

702. PICO 24/11/17 MOINHOS

no rossio do mar
plantei as vinhas da vida
nos poços de maré
bebi água insalubre
nas bocainas, jarões e traveses
colhi o néctar dos czares
esta é a magia da ilha montanha
nela me sento e me sinto
órfão da atlântida perdida

703. MAR DE PALAVRAS, LOMBA DA MAIA 6.1.2018

parti as palavras
como quem parte pedra
com elas calcetei avenidas
de sonhos incumpridos
plantei catos e cardos
como quem planta rosas
colhi espinhos
como quem colhe pétalas

e do ramo que te ofertei
brotaram palavras felizes
neste mar de letras que habitamos

TEMA 3.1. APRESENTA BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE EM DOIS VOLUMES

Não nasci bibliógrafo, pois toda vida fui poeta, jornalista e tradutor, tarefas bem diversas da de compilar listas. De facto a pouca fama que acarreto devo-a a 24 anos de jornalismo na Austrália, empenhado na luta do povo de Timor com quem vivi de 1973 a 1975, seguida de uma prolífica atividade em Tradutologia (também na Austrália) onde durante décadas fui responsável pelo ensino e testes de candidatos a tradutores e intérpretes oficiais, e - mais recentemente – alguma notoriedade surgiu após a criação dos colóquios da lusofonia em 2001 e que desde 2005 realizam anualmente dois eventos, um nos Açores e outro fora. Das obras que publiquei saliento poesia, crónicas, monografias, e ensaios, mas nada intimamente relacionado com Bibliografias. Por que iria eu meter-me a compilar a Bibliografia Geral da Açorianidade? Por um mero acaso e necessidade. Em 2009 criamos um Curso Breve de Açorianidades e Insularidades, na Universidade do Minho, seguido em 2010 pela criação dos Cadernos e Suplementos de Estudos Açorianos gratuitamente disponíveis para todos no nosso portal www.lusofonias.net. São de especial interesse para escolas, universidades e para os amadores da literatura em geral e destinam-se a quem anseia descobrir a Açorianidade literária⁵¹. A sua conceção assenta na premência de a dar a conhecer, servindo de complemento aos currículos regionais e às várias Antologias de Autores Açorianos que a AICL- COLÓQUIOS DA LUSOFONIA já publicou⁵². E foi então que constatamos a parca edição de bibliografias sobre a Açorianidade. Comecei por pedir ao Urbano Bettencourt o material do seu curso de açorianidades e despretensiosamente começamos a compilar dados sobre o Dicionário Bibliográfico de Inocêncio da Silva (1859-1923), a Biblioteca Açoriana de Ernesto Canto (1890), João Dias Afonso (1985-1997), entre tantas obras consultadas⁵³

Aos iniciados e todos os interessados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem esta EXTENSÍSSIMA bibliografia, aqui compilada ao longo de sete anos (2010-2017). Incluímos nela todos os autores (açorianos residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais, ilhanizados, açorianizados ou não, que escreveram sobre autores e temáticas açorianas, incluindo (por exemplo) Santa Catarina (Brasil), Canadá, EUA, Bermudas, Havaí, etc. Incluíram-se referências bibliográficas a histórias da diáspora, da caça à baleia e tantos outros temas relacionados com a saga açoriana no mundo. Não se privilegiou a literatura, mas sim todos os ramos do saber sobre os quais se publicaram trabalhos, desde a biologia à botânica, à história, ciências sociais, etc. A listagem abarca autores mais recentes da diáspora, de origem ou descendência açoriana e que dela se servem para a sua escrita. Adicionaram-se, em muitos casos, outros trabalhos destes autores bibliografados (que podem nada ter a ver diretamente com os Açores, mas que dão a sua dimensão como autores). De uma forma geral estão aqui incluídos todos os trabalhos que já logramos identificar, direta ou indiretamente, sobre os Açores, seus temas e seus autores. Exhaustiva é sem dúvida esta Bibliografia iniciada por mim em 2010, mas ainda muito incompleta, embora seja já indicadora do que se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido sobre os Açores e seus temas, a autores, tradições, etc. Nem todos os trabalhos serão obras-primas ou relevantes, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

No natal de 2016, João Paulo Constância do ICPD (Instituto Cultural de Ponta Delgada), com o académico Rolf Kemmler da Academia de Ciências de Lisboa e Investigador da UTAD, fizeram uma revisão metodológica aos dados desta Bibliografia antes de poder ser publicada em livro de 2 volumes, cujo primeiro saiu a público no 28º Colóquio da Lusofonia em outubro 2017 e o segundo volume ora se apresenta também. Note-se ainda que logo a abrir este trabalho se encontra uma volumosa listagem de pseudónimos dos autores constantes da presente Bibliografia, bem como algumas das abreviaturas mais importantes usadas ao longo de mais de 1600 páginas e quase 19500 verbetes.



VILA DO PORTO 2017

Devo referir que sem o apoio à publicação da Direção Regional da Cultura a que se juntou o apoio da Publiçor, Letras Lavadas, jamais seria possível à AICL - Colóquios da Lusofonia - lançar tão extensa obra, e – por isso – aqui manifestamos o nosso apreço por tal apoio. Continuaremos a atualizar a obra, corrigindo erros e lapsos, acrescentando obras, entretanto já publicadas e outras que escaparam à pesquisa inicial. Estudamos com a editora possíveis meios de acesso em linha à obra ora apresentada, mas só após se esgotar esta primeira edição em papel.

⁵¹ Adotando a designação feliz utilizada por Álvaro Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino (autor de *Narcose*, e que no meu caso pessoal tão bem me caracteriza

⁵² Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos, Antologia (monolíngue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos, Coletânea de textos dramáticos de (5) autores açorianos, Antologia no feminino "9 ilhas, 9 escritoras"

⁵³ como por exemplo

- Arquivo Açoriano
- Arquipélago UAç
- Bibliografia Analítica Das Bibliografias Portuguesas: (-/1974)
- Bibliografia Analítica De Etnografia
- Bibliografia Geológica Dos Açores, OVGA
- Bibliografia Geral Dos Açores, SREC
- Bibliografia Henriquina
- Bibliografia para A História Da Igreja Em Portugal (1961-2000).
- Bibliografia Sobre Arruda Furtado
- Biblioteca Do Doutor Botelho Moniz
- Biblioteca Pública E Arquivo De Angra (João Afonso)
- Boletim Do Núcleo Cultural Da Horta
- Catálogo de Publicações do Dept.º de Biologia da UAç 1976-2006
- Dicionário Bibliográfico Portuguez (Inocêncio)
- Enciclopédia Açoriana
- Enciclopédia de Autores Açorianos Literatura Açoriana Lusofonia, Plataforma de apoio ao estudo da Língua Portuguesa no Mundo, José Carreiro, 2007-2013 http://Lusofonia.Com.Sapo.Pt/Acores/Acorianos_Cronologia
- Ferreira Bibliography of Portuguese Emigration To The Americas, Emphasis On The Caribbean
- IAC, Atlântida E Insula
- ICPD. Insulana
- Instituto Histórico Da Ilha Terceira
- Instituto Histórico E Geográfico De Santa Catarina
- Leo-Pap Portuguese American Bibliography
- Livraria Gil Autores Açoreanos
- Luso American Literature Ed. Robert Henry Moser, Antônio Luciano De Andrade Toste
- O Traje Nos Açores
- Observatório Da Emigração Referências Bibliográficas Sobre Emigração Portuguesa
- Portuguese Heritage Publications
- Romanceiro Português Dos EUA De Manuel Costa Fontes

Atas colóquio da lusofonia –

Com os aborígenes australianos compreendi que é possível preservar a nossa língua e cultura mesmo sem ter uma escrita por mais de 50 mil anos, com os chineses descobri o valor do futuro com base nos ensinamentos do passado, com os timorenses, macaenses e tantos outros aprendi outras partilhas de saber que ainda hoje fazem parte do meu quotidiano.

Como se pode optar por ficar aqui nestas ilhas e descurar todos os mundos que existem para lá deste arquipélago? É simples, uma pessoa fica ilhanizada como Almeida Firmino em **A Narcose**, como se os outros mundos não tivessem importância a não ser para divulgar o segredo da existência de uma importante literatura de cariz açoriano. Foi preciso eu descer à Praia da Viola na Lomba da Maia onde vivo, subir ao Monte Escuro e aos sempiternos verdes montes micaelenses, ver as vacas alpinistas e o mar que nos rodeia para entender a açorianidade que nos leva a escrever. Depois, é preciso viajar entre estas nove filhas de Zeus e entender os maroiços do Pico ao sabor do seu Verdelho, calcorrear o Barreiro da Faneca, pisar as areias esbranquiçadas de Porto Pim e meditar em frente ao ilhéu do Topo. É essencial partir à descoberta de cada ilha, sonhando com Dias de Melo nas agruras e na fome dos baleeiros, reler o Mau Tempo no Canal, parar num qualquer aeroporto e entender o Passageiro em Trânsito do Cristóvão de Aguiar, ler em voz alta a poesia do Fogo Oculto de Vasco Pereira da Costa, Viajar com as Sombras ou com o Tango nos Pátios do Sul de Eduardo Bettencourt Pinto, depois de visitar as pedras arruinadas do Pastor das Casas Mortas ou a Grande Ilha Fechada de Daniel de Sá. Escolhi estes que melhor conheço, mas há muitos autores que não só merecem ser lidos, como deveriam constar obrigatoriamente de qualquer currículo de ensino.

Aqui no Pico há nomes incontornáveis neste arquipélago da escrita, (cito por ordem alfabética os mais destacados): Almeida Firmino, Dias Melo, Ermelindo Ávila, Fernando Melo, José Enes, Judite Jorge, Lacerda Machado, Manuel Ferreira Duarte, Martins Garcia, Pe. Nunes da Rosa, Rodrigo Guerra, Urbano Bettencourt. Tivesse eu fôlego e iria ao mítico Pico da Atlântida submersa, cujo magnetismo me fascina ao ponto de desejar, vezes sem conta, mudar de armas e bagagens para este Triângulo Sagrado onde prometo fazer imolações e outros sacrifícios nas aras do destino. Aqui, na Gruta das Torres senti-me um salteador da Arca perdida à sombra do Pico que, ora se esconde, ora se revela num jogo constante do gato e do rato, que entusiasma e arrebatava. Sinto o sortilégio. O mágico cume tem um ímã que atrai a visão e nos desconcentra, sempre insistindo para o contemplarmos nas suas mil e uma facetas alteradas a cada segundo. *Não sendo das Bermudas este triângulo isósceles, que nunca escaleno obscuro, seria ótimo pousio final para as minhas cinzas quando chegar a estação de fazer como as cobras e trocar de pele. Despir a bela capa colorida terrena, de seis decénios, e vestir o cinzento das cinzas que seriam lançadas nesta lendária Atlântida de continentes submersos cujos picos vocês habitam.*

Quero salientar que é uma honra estar aqui nesta vila que foi a primeira da ilha, feita de gente que ao longo dos séculos sempre soube arcar com todas as dificuldades e domar a lava com ferros e marrões, e amontoarem a pedra em "**maroiços**", monumentos num rendilhado de jarões, traveseis e bocainas. tarefa hercúlea como tantas outras que as gentes do Pico empreenderam ao longo de cinco séculos de colonização da agreste ilha, sem esquecer a luta titânica que nos seus pequenos botes travaram durante um século contra a baleia e ora descobrem novas formas de vida. Duma das vezes que aqui estive, em pleno centro de São Miguel Arcanjo, ao andar rumo à casa do escritor Cristóvão de Aguiar deparei com uma camioneta de passageiros, estacionada, aguardando o início de nova semana de trabalho. Ali me ocorreu a ideia peregrina de como seria culturalmente interessante a aventura de "pedir emprestada" a carripana, começar a percorrer as aldeias (ditas freguesias nas ilhas) e gravar as histórias que os passageiros fossem contando. A viagem não teria destino. Duraria tanto quanto as histórias dos seus passageiros. Não se cobriam bilhetes. Pararia em todos os locais, para que contassem histórias e lendas do local onde paravam. Que livro maravilhoso não daria esse compêndio de histórias apanhadas ao acaso daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos. Assim me despedi da ilha prometendo voltar com mais tempo.

Termino dizendo que esta é a magia da vossa ilha que se insinua como uma amante insaciada, mulher fatal capaz de marcar os destinos de todos os homens que têm a sorte de a encontrar. Bem hajam pela vossa paciência para me ouvirem.

9. CONCEIÇÃO ARAÚJO ANDRADE, UNIVERSIDADE HARVARD PRESENCIAL



LAGOA 2012

CONCEIÇÃO ARAÚJO ANDRADE - Nascida nos Açores, está radicada nos Estados Unidos da América do Norte, e também viveu em Moçambique, Índia e Brasil.

Leciona Português no Departamento de Romance Languages and Literature, Faculty of Arts and Sciences, na Universidade de Harvard, Estados Unidos da América do Norte, desde 2010. Nos últimos 30 anos, Conceição Andrade dedicou-se intermitentemente ao ensino da Língua Portuguesa nos Estados Unidos da América do Norte. De 1992-2002, lecionou português no Banco Mundial, Washington D.C., a funcionários trabalhando em Países Lusófonos da África, e publicou vários trabalhos incluindo "Portuguese For Business Travelers", World Bank (2002). De 1978-1992, foi instrutora de português em vários Institutos de Línguas, incluindo Languages Learning Enterprises, Language Inc., and Inlingua. Também foi tutora particular de estudantes da Universidade de Harvard, e Universidade da Carolina do Norte. Além de ensino, Conceição Andrade trabalhou como tradutora e revisora de Inglês-Português e Português-Inglês de relatórios e documentos oficiais do Banco Mundial, Universidade de Harvard, Universidade da Carolina do Norte, American Friends Service Committee, Ministério das Obras Públicas em Moçambique, e como revisora, desenhadora e analisadora linguística de manuais de treinamento em Booz Allen and Hamilton. Foi intérprete num Tribunal do Estado da Virgínia, e tradutora numa entrevista com o autor Dr. Fernando Namora, para a Fundação Kellogg. Também trabalhou desde 1977-1985 em Bibliotecas, incluindo Widener Library, Harvard University, Biblioteca do Ministério das Obras Públicas (diretora), Moçambique, e na University of North Carolina. Formou-se em Antropologia e Francês em 1993 na American University, Washington D.C. Recebeu um diploma de TESOL (Teaching English as a Second Language) em 1998, na mesma Universidade. Conceição Andrade foi membro de várias instituições profissionais, incluindo APPEUC (Associação de Professores de Português dos Estados Unidos e Canadá), ATA (American Translators Association), and WATESOL (Washington Area Teaching English as a Second Language).

É SÓCIA AICL. PARTICIPOU NO 9º EM 2008 NA LAGOA, 17º COLÓQUIOS DA LUSOFONIA LAGOA 2012, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO EM 2014

10. DOM CARLOS FILIPE XIMENES BELO, BISPO RESIGNATÁRIO DE DILI E PRÉMIO NOBEL DA PAZ 1996, SÓCIO HONORÁRIO Nº 1 E PATRONO DESDE 2015 CONVIDADO DE HONRA



MAIA 2013 19º COLÓQUIO

4º COLÓQUIO BRAGANÇA 2005

DOM CARLOS FILIPE XIMENES BELO

Filiação: Domingos Vaz Filipe e Ermelinda Baptista Filipe (ambos falecidos);

NASCIDO: 3 de fevereiro de 1948, em Uailacama, Vemasse, Concelho de Baucau, Timor-Leste.

Educação:

Atas colóquio da lusofonia –

Instrução Primária (Ensino básico): Escola Masculina da Missão Católica de Baucau (1956-1960) e Colégio de Santa Teresinha do Menino Jesus, Ossú (1961-1962).

- Ensino Secundário: Seminário de Nossa Senhora de Fátima, Dare, Díli Timor-Leste (1962-1968); Seminário São João Bosco, Mogofores – Anadia (1969-1970); Escola Salesiana do Estoril (1971-1972),

Filosofia (Instituto Superior de Estudos Teológicos de Lisboa (1973-1974);

Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Lisboa (1977-1979);

Licenciatura: Universidade Pontifícia Salesiana de Roma (1980-1981)

- Formação religiosa:

Noviciado Salesiano em Manique do Estoril (1972/1973); Primeira Profissão religiosa na Congregação Salesiana (21.9.1973); Profissão Perpétua (7.12.1978)

Formação sacerdotal: Ordenação sacerdotal, em Lisboa, a 26 de julho de 1980, das mãos do Bispo Auxiliar de Lisboa, Dom José Policarpo.

Ordenação Episcopal, no Largo de Lecidere, Díli (Timor), a 19 de junho de 1988, como Bispo Titular de Lorium e Administrador Apostólico *ad nutum Sanctae Sedis*, da Diocese de Díli.

Funções:

Professor no Colégio de Fatumaca (Timor) 1974-1975; Professor no Colégio Dom Bosco de Macau (1975/1976).

Mestre de Noviços salesianos em Fatumaca, Timor (1982).

Diretor do Colégio de Fatumaca – Timor-Leste (1983).

Administrador Apostólico de Diocese de Díli: 1983-2002. Resigna em novembro de 2002, por razões de saúde.

Missionário em Maputo, Moçambique: 2004/2005.

No Colégio de Mogofores - Anadia: 2007-2008.

Nas Edições Salesianas do Porto: 2009-2017.

Prémios:

Óscar Romero, Roma, 1995;

John Humphrey - Montreal, 1995;

Prémio Nobel da Paz, Oslo, 1996;

Premio della Pace, Taranto, Itália, 1997;

Premio della Pace, Ostuni, Bari, Itália, 1998;

Premio Internazionale della Testemunianza, Vibovalenza, Itália, 1998.

Condecorações:

A Grã-Cruz da Ordem da Liberdade da república Portuguesa: 1998;

Grã-Cruz al mérito Bernardo O'Higgins, República do Chile, 2000.

Doutoramentos Honoris Causa:

University of Yale (USA) 1997;

Universidade Pontifícia de Roma, 1998;

Universidade de Évora, Portugal, 1998;

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, 2000;

Universidade Pontifícia de Campinas, Brasil, 2000;

Catholic University of Thaichung - Taiwan, 2000;

Universidade do Porto, 2002;

Australian Catholic University, Sydney, 2001;

Universidade São Tomas, Chile, 2002;

Universidade FASTA, Mar de Plata, Argentina, 2002,

Universidade Cardeal Herrera, CEU, Valência, Espanha, 2006.

BIBLIOGRAFIA:

Um Açoriano, Missionário em Timor (Padre Carlos Pereira da Rocha), São Miguel, Açores, 2016;

Ismael Matos, o padre da Boa-Imprensa, Edições Salesianas, Porto, 2016;

Ladainhas de Nossa senhora, Edições Salesianas, Porto, 2016.

Artigos

- "A Conquista de Malaca e o Início da Fundação das Missões Católicas no Sudoeste Asiático", in *Malaca Portugal e o Oriente História e Memória*, coord. de João Marinho dos Santos e José Manuel Azevedo e Silva, Palimage, Coimbra, 2012, pp. 16-54.

"Afirmção da Identidade Timorense", em *500 Anos da afirmação da nova identidade timorense*, (Coordenação Embaixada de Timor-Leste em Lisboa, Lisboa, 2016

- *Separata de Povos e Culturas* N.º 19 – 2015. "Lendas e narrativas da História da Igreja em Timor-Leste", *Centro de Estudos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2015, pp. 73-136.*

ESTEVE PRESENTE NO 4º COLÓQUIO, BRAGANÇA 2005, NO 19º MAIA 2013, 24º GRACIOSA 2015, 26º LOMBA DA MAIA 2016 E 27º BELMONTE 2017

SÓCIO HONORÁRIO #1 DESDE 2015

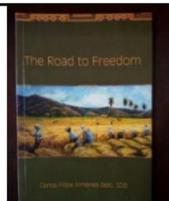
Demi Perdamaian da Keadilan (Jacarta, 1997), The Voice of the Voices (Jacarta, 1997),



[Timor-Leste discursos proferidos na cerimónia de outorga do Prémio Nobel da Paz 1996](#) porto: Salesianas, 1998. ISBN 972-690-336-3. pref. Jorge Sampaio; trad. Rosa Isabel Goreti Loro sa e. 1ª ed. Lisboa: Colibri, 1997. ISBN 972-8288-56-5.



[Subsídio para a bibliografia de Timor lorosa](#) e: [lista cronológica de livros, revistas, ensaios, documentos e artigos de 1515 a 2000](#) / apresentação de Vitor Melicias. Lisboa: Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, 2002.

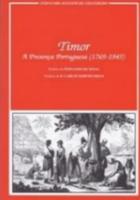
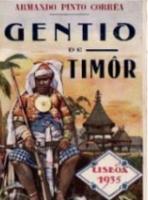
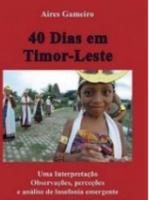
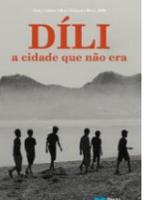


[The Road to Freedom](#). Sydney: Caritas Austrália, New South Wales, 2001 --- Nós somos peregrinos / Delfina da Silva Cardoso Ribeiro; pref Ximenes Belo. Castanheiro de Ouro: Associação dos Amigos do Povo de Timor Lorosae, 2004



- [Ladainhas de Nossa Senhora](#) : meditações sobre cada invocação / Porto: Salesianas, 2016. - 139 p.; 21 cm. - ISBN 978-989-8850-21-8

Atas colóquio da lusofonia –

 <p>Timor: a presença portuguesa, 1769-1945 / Fernando Augusto de Figueiredo; [pref. Fernando de Sousa; posfácio Ximenes Belo]. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da UNL, 2011.</p>	 <p>Gentio de Timor / Armando Pinto Corrêa; pref. Ximenes Belo. 2a ed. Câmara de Lobos: Câmara Municipal, 2009. ISBN 978-972-8684-80-8.</p>	 <p>40 dias em Timor-Leste: uma interpretação: observações, percepções e análise de lusofonia emergente / Aires Gameiro; intro. D. Ximenes Belo. [Lisboa]: Pearbooks, 2012. ISBN 978-989-9732-86-5.</p>	 <p>Vozes sem rosto: o mundo visto do lado dos mais pobres / Orbis - Cooperação e Desenvolvimento; pref. Ximenes Belo. 1ª ed. Parede: Sete Mares, 2009. ISBN 978-989-8128-09-6.</p>	 <p>Os antigos reinos de Timor-Leste: Reis de Lorosay e Reis de Lorothona, Coronéis e Datas / Ximenes Belo. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 2012. ISBN 978-972-0-09649-4.</p>
 <p>História da Igreja em Timor-Leste: 450 Anos de Evangelização (1562-2012) / Lisboa: Fund. Eng. António de Almeida, 2013. ISBN 978-972-8386-94-8.</p>	 <p>Dom Frei Manuel de Santo António : bispo dominicano expulso de Timor / Porto Edições Salesianas 2013. ISBN 978-972-690-820-3.</p>	 <p>História da Igreja em Timor-Leste 450 anos de evangelização 1562-2012 Fundação Engenheiro António de Almeida 2014</p>	 <p>Díli: a cidade que não era / 1ª ed. Porto: Porto Editora, 2014. ISBN 978-972-0-06289-5.</p>	 <p>Missionários Açorianos Em Timor : Padre Carlos Da Rocha Pereira / ed. AICL Mecenato Moinho Terrace Café</p>





maia 2013

LOMBA DA MAIA 2016

TEMA 3.3. MISSIONÁRIOS AÇORIANOS EM TIMOR ED. AICL MECENATO CÂMARA MUNICIPAL DE PONTA DELGADA, Dom Carlos Filipe X. Belo

Nesta minha breve intervenção no 30.º Colóquio Lusófono, de entre os Missionários açorianos que trabalham em Timor-Leste, quero sublinhar o papel de dois: Dom Jaime Garcia Goulart e o Padre Ezequiel Enes Pascoal.

Dom Jaime Garcia Goulart, natural de Candelária, ilha do Pico, foi o primeiro bispo da Diocese de Díli, em Timor-Leste, de 1945 a 1967.

Sem menosprezar o seu envolvimento no campo da missão e da implantação da igreja local, o Bispo Dom Jaime dedicou especial atenção à educação e promoção da juventude timorenses, quer juventude masculina que feminina. Uma das primeiras tarefas que exerceu quando chegou à Missão central de Soibada, no Reino de Samoro, em 1934, foi o de professor, na Escola de Professores-Catequistas, instituição destinada a prepara professores e catequistas timorenses para as Missões católicas de Timor; ele próprio fundou naquela missão o Pré-Seminário destinado aos candidatos ao sacerdócio; esse Pré-Seminário viria a ser canonicamente ereto em 1954, e transformar-se-ia no Seminário Menor de Nossa Senhora De Fátima (em Dare). Por aquela instituição formaram-se vários dos atuais líderes timorenses.

Além do Seminário e da escola de São Francisco Xavier, para a preparação de Professores-Catequistas, Dom Jaime incentivou a abertura de muitas escolas na Diocese de Díli. Quando deixou Timor em 1967, a Diocese de Díli tinha 30 escolas masculinas, 14 escolas femininas, 4 internatos masculinos e 4 internatos femininos.

O número de alunos era de 8 mil. A Dom Jaime se deveu a fundação do jornal a SEARA.

Como Bispo, a preocupação principal de Dom Jaime era governar, ensinar e cuidar da grei. Elaborava relatórios interessantes que eram apresentados à Santa Sé, e ao Governo Português (Ministério do Ultramar). Contudo, enquanto jovem sacerdote ele foi um bom escritor e um atento cronista.

Neste domínio, o então Padre Jaime Garcia Goulart revelava dons de escritor nas crónicas que escrevia de Macau, as quais eram enviadas para o jornal Dever, que se publicava no jornal o DEVER, que numa primeira fase era publicada na ilha de São Jorge, e que mais tarde, na vila de Lages do Pico.

2. Padre Ezequiel Enes Pascoal - De pais açorianos, Ezequiel Enes Pascoal nasceu no Brasil. Ainda adolescente veio para Açores, e daqui seguiu para Oriente, onde frequentou o Seminário de São José, em Macau. Ali frequentou os cursos preparatórios, e os cursos de Filosofia e de Teologia. Ainda estudante, Ezequiel já vinha patenteando o gosto e o jeito para escrita. Tendo sido nomeado missionário em Timor no ano de 1932, foi, desde o início um diligente cronista, enviando regularmente, notícias para o Boletim Eclesiástico de Macau.

Em 1949, foi encarregado por Dom Jaime de dirigir o Boletim da Diocese de Díli, a Seara. Se folhearmos os diversos números daquela revista, pela sua pena o Padre Ezequiel oferecia aos seus leitores muitos artigos interessantes. Artigos de índole religiosa, etnográfica, história e literária. Em 1967, publicou o livro a "Alma de Timor vista na sua fantasia", livro que os escritos do Padre Ezequiel Pascoal, constituem um património riquíssimo que deveriam constituir temas para teses e de pesquisas.

Porto, 23 de agosto de 2018

Dom Carlos Filipe X. Belo

Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, SDB
MISSIONÁRIOS AÇORIANOS EM TIMOR-LESTE
vol. 2

2018

OUÇA AQUI A PRIMEIRA ENTREVISTA (1989) A DOM CARLOS XIMENES BELO [HTTPS://BLOG.LUSOFONIAS.NET/?P=61326](https://blog.lusofonias.net/?p=61326)

11. EDUARDO BETTENCOURT PINTO, ESCRITOR, CANADÁ, VANCOUVER. CONVIDADO DE HONRA



VILA DO PORTO 2011

17ª LAGOA 2012

VILA DO PORTO 2017



LAGOA 2012

PORTO FORMOSO 2014

VILA DO PORTO 2017

JOSÉ EDUARDO BETTENCOURT PINTO, nasceu em Gabela, Angola, em 1954.

Tem ascendência açoriana pelo lado materno.

Cresceu em Luanda e saiu do país em setembro de 1975.

Fixou residência no Zimbabué e depois em Ponta Delgada, Açores.

Vive no Canadá desde 1983.

Publicou vários livros de poesia e ficção.

Alguns deles: *Menina da Água* (1997), *Tango nos Pátios do Sul* (1999), *Casa das Rugas* (2004) e *Travelling with Shadows / Viajar com Sombras* (2008 POESIA) edição bilingue (português e inglês).

Posteriormente publicou o livro de poesia *A cor do Sul nos teus olhos*.

Está representado em várias antologias e livros coletivos em Portugal, Brasil, Angola, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá e Letónia.

É editor da revista *on-line* de artes e letras *Seixo Review*,

A sua poesia está traduzida para Inglês, Castelhana, Galego, Catalão e Letão.

Organizou e publicou *Nove Rumores do Mar - Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea* (1996).

É membro do P. E. N Clube Português. (página pessoal

Recebeu o Prémio Nacional Bial Copa 2008, instituído pelo Congresso Luso-Canadiano.

VER 17º COLÓQUIO LAGOA 2012 [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=EHM3WR1G4T8&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=197](https://www.youtube.com/watch?v=EHM3WR1G4T8&list=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&index=197)

VER POESIA NO 16º COLÓQUIO SANTA MARIA 2011 [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=J2JRLKWPSK&INDEX=201&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI](https://www.youtube.com/watch?v=J2JRLKWPSK&index=201&list=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

VER CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS Nº 10 [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ACORIANIDADE/CADERNOS-ACORIANOS-SUPLEMENTOS.HTML](https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html)

VER VÍDEO HOMENAGEM 1 [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/DOCUMENTOS/VIDEO-HOMENAGENS-AICL.HTML](https://www.lusofonias.net/documentos/video-homenagens-aicl.html) **BIBLIOGRAFIA:**

POESIA:

Emoção; Ponta Delgada, Açores, 1978.

Razões, Ponta Delgada, Açores, 1979.

Poemas, (c/ Jorge Arrimar); Ponta Delgada, 1979. 2ª Ed. Tipografia Martinho, Macau, 1993

Mão Tardia; Gaivota, SREC, Angra, Açores, 1981. (Prémio Revelação do suplemento cultural Contexto do jornal Açoriano Oriental).

Emersos vestígios; Sete-Estrela, Mira, 1985. 2ª Edição, Seixo Publishers, Pitt Meadows, Canada, 1994.

A Deusa da Chuva; Gaivota, SREC, Angra, Açores, 1991. (Prémio Mário de Sá-Carneiro da Association Portugaise Culture et Promotion, St. Dennis, France, 1988; para o original «Regresso do olhar»).

Menina da Água; Éter, Jornal da Cultura, Ponta Delgada, Açores, 1997.

Tango nos pátios do sul; Seixo Publishers, Pitt Meadows, 1999.

2ª Edição, revista e aumentada; Campo das Letras, Porto, 2001.

Um dia qualquer em junho; Instituto Camões, col. Lusófona, Lisboa, 2000.

Travelling with Shadows - Viajar com Sombras, 2008

Ficção:

As Brancas Passagens do Silêncio; Signo, Ponta Delgada, 1988.

Sombra duma rosa - contos; Edições Salamandra, Lisboa, 1998.

O príncipe dos regressos - narrativas; Edições Salamandra, 1999.

A casa das rugas - romance; Campo das Letras, Porto, 2004.

Antologia (organização):

Os Nove Rumores do Mar - Antologia da Poesia Açoriana Contemporânea; Seixo Publishers, Pitt Meadows, 1996.

2ª Edição, Instituto Camões, Coleção Insularidades, Lisboa, 1999.

3ª Edição, Instituto Camões, Coleção Insularidades, Lisboa, 2000.

Antologia (Bilingue) Autores Açorianos Contemporâneos, ed. Calendário de Letras, AICL, VN de Gaia, 2011

Tradução:

Oito poemas de J. Michael Yates; apresentação e tradução com Rosa Pinto, Sete-Estrela, Mira, 1985.

TEMA 4.1. A Tradução como Elemento Criativo, Eduardo Bettencourt Pinto

Traduções, nomeadamente de poesia, requerem um redobrado esforço no que concerne à fidelidade relativamente ao texto original. No entanto, esse meticuloso trabalho enfrenta por vezes dificuldades cujas soluções forçam o tradutor a necessários malabarismos linguísticos. Uma delas, e que poderíamos designar por «adaptação», observa com cuidado o significado e a tensão da frase original, ou seja, o espírito do texto, mas não o segue literalmente. Que implicações resultam de tal método de trabalho? O autor beneficia ou é prejudicado por esse processo? Não é uma questão pacífica. As opiniões divergem, a favor e contra. Mas o que se impõe, sob o ponto de vista linguístico, tem a ver essencialmente com a observância das suas regras, por um lado, e não a sua alienação; pelo outro, quem traduz deverá também respeitar o seu contexto cultural e, nesse âmbito, atuar com toda a liberdade. Seja qual for o método, a verdade é que nunca deverá comprometer a integridade do original.

O poeta Eugénio de Andrade, que olhava o trabalho do tradutor como um ato também criativo, via a tradução como uma «transusão de sangue».

Aqui está outro aspeto que nos interessa desenvolver: a tradução como elemento criativo.

O meu primeiro contacto com a poesia de Pablo Neruda foi através de uma edição dos anos 70. Vivia nessa altura em Ponta Delgada. Tratava-se do livro *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada*, traduzido pelo poeta e jornalista Fernando Assis Pacheco⁵⁴. Foi um encontro extraordinário, tanto ao nível da qualidade poética de Neruda quanto à da tradução. Mais tarde, no remanso de uma bela e tranquila livraria em Madrid, dei com um título essencial na obra do autor chileno, em dois volumes: *Canto general*. Passei horas entregue ao fascínio e ao irresistível apelo daquela poesia torrencial que evocava, com o poder de uma tempestade lírica os vícios, as virtudes e a beleza inaudita de um continente cujo destino político e social estava, quantas vezes, sob o domínio persecutório de abomináveis líderes.

Foi nessa altura que comecei, com a indecisa mão de um estreante, a traduzir para o português aqueles poemas fluviais. A inexperiência e a insegurança não justificavam que o meu arrojo juvenil desse algum fruto visível fora do contexto da minha secretária. Fui, ao longo de meses, juntando papéis soltos e envergonhados com os meus intrépidos rabiscos. Num momento de clarividência, porém, decidi atirá-los sem remorsos para o cesto das coisas inúteis.

Esse entusiasmo juvenil, de carácter experimental e inconsequente, não foi de modo algum a plataforma para uma nova atividade literária. Nunca mais me ocorreu voltar a traduzir poesia. Interessava-me escrever. A tradução surgiu anos mais tarde como consequência da escrita.

As circunstâncias da vida levaram a fixar-me num país de língua inglesa em 1983. Para trás ficavam sete anos de residência nos Açores. O Canadá permitiu-me alargar a minha visão do mundo, estabelecer uma permuta cultural com vozes locais, fruir de novas realidades sociais, e experimentar novos espaços literários. Entretanto fui descobrindo outras vozes, mormente da América do Norte e do Sul, bem como de Inglaterra, entre outras. Esse apetite voraz para a leitura funcionou ao mesmo tempo como catarse e incentivo. Colaborei em publicações canadianas, e em leituras públicas de poesia em vários locais. Mas foi em 2004 que me convidaram para publicar um livro de poesia no Canadá. Pareceu-me oportuno organizar uma edição bilingue, português e inglês. O editor concordou, não obstante elevar para o dobro os custos da produção do livro, intitulado *Travelling with Shadows / Viajar com Sombras*.

Cedo verifiquei, porém, que seria um enorme desafio traduzir os meus poemas. Primeiro porque a sua carga metafórica contrastava com o estilo descritivo, intrínseco da poesia anglófona. O segundo aspeto prendia-se à questão temática — África e os Açores. Melhor diria, o modo como desmontava esses espaços. Terceiro: se estava perante um arquétipo menos imagético e mais factual, teria que procurar um método intermediário que não desvirtuasse a ideia original, no que concerne à sua plasticidade estrutural, mas que permitisse, por sua vez, uma permutabilidade coerente, salutar e funcional entre as duas línguas. Quarto: O que é importante (para não dizer paradigmático) na nossa cultura, não é necessariamente na dos outros. Por exemplo, certa vez um poeta americano perguntou-me, com ar blasé, porque é que os poetas portugueses, e os latinos em geral, evocavam com frequência o coração. Os seus argumentos sustentavam-se na ideia de que a poesia, como expressão de arte, prescindia da sofreguidão sentimental tão comum nos latinos. O coração parecia-lhe assumir uma relevância demasiado central, absoluta, incompreensivelmente obsessiva. Uma espécie de vórtice canónico.

Aquele ponto de vista pareceu-me austero, de contornos heréticos, ofuscados por uma visão dos outros senão desdenhosa pelo menos apática. Perante esta visão delirante de uma realidade cultural que ele não compreendia, e por oposição, senti que era importante fomentar o diálogo cultural e literário no espaço que comecei a aceitar também como meu.

Quando iniciei a tradução dos meus poemas, senti revigorar-se-me a ideia de partilha. Tinha apenas que estar alerta para aquilo que seria um mergulho na poesia de olhos abertos, consciente de que os mecanismos criativos tinham de obedecer às regras e aos sentidos de outra língua. Ao contrário do que inicialmente julgara, de ser um desafio, pareceu-me agora uma oportunidade. Como autor, dispunha de total liberdade para desfrutar da volúpia das palavras e encontrar soluções criativas a meu bel-prazer, não descurando, no entanto, a estética da linguagem e o alcance metafórico do conteúdo.

Cada poema foi o descobrir de um novo poema, naquilo que propunha em termos de colagem expressiva e adaptação linguística. Reviver o ato criativo, o momento em que as palavras iluminam o universo dos sentidos e transfiguram a realidade, foi a conquista, entre os vocábulos, de um novo espaço de encantamento, um pulsar de virgens lucubrações. Essa experiência, essa oportunidade de recriar o imponderável, levou-me a querer também conhecer outros mundos através da literatura. Aprendi que as traduções estimulam, além da criatividade, uma sede elementar em torno de outras vozes, e com elas o desenhar de novas aprendizagens daquilo que é esta travessia efémera, que tanto predestina a beleza, a paixão, a solidariedade e a empatia, quanto também nos deixa caídos de espanto e horror por aquilo que vamos descobrindo através das palavras dos outros. Nesse âmbito, gostaria de aproveitar a oportunidade de vos ler dois notáveis poetas de uma região cuja História tem sido traçada a ferro e fogo — Israel e a Palestina. De cada um dos poetas farei uma curta introdução, e a seguir a leitura de um poema que traduzi do inglês.

Mahmoud Darwish⁵⁵ nasceu na Galileia em 1942. A sua vida, devido às circunstâncias políticas, não foi pacífica. Acabou por fixar residência, ao longo dos anos, em vários países, nomeadamente no Líbano, França, Rússia (onde estudou por ano numa universidade), Tunísia, Egito. Esteve no exílio durante 26 anos, tendo regressado a Israel em 1996.

Recetor de vários e prestigiosos prémios literários, entre eles, por exemplo, Knight of Arts et Belles Lettres Medal de França. A sua poesia passou a ter visibilidade em inglês quando o poeta e académico americano-palestiano Fady Joudah organizou uma antologia de Mahmoud Darwish, cujo título é *The Butterfly Burden*. Fady Joudah vivia com a família na Líbia quando, aos 7 anos de idade, incentivado pelo pai e pelo tio, a troco de dinheiro, começou a memorizar os poemas de Mahmoud Darwish. Muitos anos mais tarde, e já a viver nos Estados Unidos, verificou que não havia nenhum poema de Darwish em inglês. Foi essa incompreensível lacuna que o motivou a dedicar-se a traduzir o grande poeta palestiniانو, seu conterrâneo.

Estamos perto

Mahmoud Darwish

Estamos perto, trinta portas até à tarde.

Mahmoud Darwish

Estamos aqui entre seixos e sombras,
lugar para o som, lugar para a liberdade,
qualquer lugar que rolou duma égua
ou se espalhou dum apelo ou dum sino.

Mahmoud Darwish

Estamos aqui, brevemente romperemos este cerco,
brevemente libertaremos uma nuvem e partiremos
para dentro de nós. Estamos aqui perto de lá,
trinta portas até ao vento, trinta.

Mahmoud Darwish

Ensinamos-te a ver-nos, a conhecer-nos, ouvir-nos,
tocar no nosso sangue em paz. ensinamos-te o nosso
salaam. Amaremos ou não a estrada
para Damasco, Meca ou Kairouan.

Mahmoud Darwish

estamos aqui em nós. Um céu para agosto, um mar

^[54] Neruda, Pablo (maio 1997) Vinte Poemas de Amor e Uma Canção Desesperada, Lisboa. Tradução: Femando Assis Pacheco, Publicações Dom Quixote, 7ª edição.

^[55] Joudah, Fady Remembering Mahmoud Darwish, p.p. 42,43. Saudi Aramco World (November/December 2008) Vo. 59, No. 6

para maio, liberdade para um cavalo, e pedimos
ao mar que tire do azul círculos
à volta do fumo.

Estamos aqui perto de lá, trinta formas
e trinta sombras para uma estrela.

Yehuda Amichai⁵⁶ nasceu em Würzburg, Alemanha, em 1924. Mudou-se com a família para a Palestina (hoje Israel) aos 11 anos de idade. Pelo facto de saber ler e falar hebraico, a sua integração foi facilitada na pequena vila perto de Telavive, cujo nome é Petah Tiqwa. Alistou-se no exército britânico em 1942, aquando da II Grande Guerra Mundial. Foi no Egipto, no decurso desse conturbado período da História que descobriu a poesia, e de modo insólito. Nessa altura, os ingleses dispunham de bibliotecas itinerantes. Uma delas captou e os livros espalharam-se pela areia do deserto. Entre os volumes recuperados, constava uma antologia da moderna poesia inglesa. Yehuda Amichai mergulhou nos poemas de Eliot e Auden, poetas que viriam a influenciá-lo de tal modo que decidiu começar a escrever poesia. Ganhou vários prémios literários ao longo da sua carreira literária, tendo até sido candidato ao Prémio Nobel. Os seus livros encontram-se traduzidos em várias línguas.

Um Homem na sua Vida

Yehuda Amichai
Um homem não dispõe de tempo na sua vida
para ter tempo para tudo.
Não tem estações suficientes para ter
uma estação para todos os propósitos. Eclesiastes
enganou-se a esse respeito.

Um homem precisa de amar e odiar ao mesmo tempo,
rir e chorar com os mesmos olhos,
com as mesmas mãos atirar pedras e recolhê-las,
fazer amor em guerra e guerra no amor.
Odiar e perdoar, recordar e esquecer,
organizar e confundir, comer e digerir
o que a história
leva anos e anos a fazer.

Um homem não tem tempo.
Quando perde procura, quando encontra
esquece, quando esquece ama,
quando ama começa a esquecer.

A sua alma muito vivida, a sua alma
muito experiente.
Apenas o corpo mantém-se
pricipiante para sempre. Arrisca e erra,
fica confuso, não aprende nada
ébrio e cego nos seus prazeres
e dores.

Morrerá como um figo no outono,
murcho, cheio de si e doce,
as folhas a tornarem-se secas no chão,
os ramos nus apontando para o lugar
onde há tempo para tudo.

No que toca à tradução deste poema, publicado na Antologia *The Ecco Anthology of International Poetry*, fui encontrar outras versões na Internet que se diferenciam desta. Certamente que se passará o mesmo com os poemas traduzidos de Yehuda Amichai. As metodologias usadas, suponho, serão distintas umas das outras. Comparativamente, achei eficazes aquelas que são mais económicas e criativas em termos dos vocábulos usados, e no cuidado posto na extrapolação das imagens. Não posso adiantar mais detalhes sobre o aspeto técnico das traduções a que me refiro atendendo a que desconheço as línguas dos originais – o árabe e o hebraico.

Mahmoud Darwish e Yehuda Amichai são dois exemplos de quanto beneficiamos das traduções ao trazerem ao nosso convívio poetas desta envergadura. Com sensibilidades diferentes, toca-nos, no entanto, o poder da sua arte. Se ambos contextualizaram as suas vidas dentro dos contornos político-sociais do seu tempo, e o que escreveram é o reflexo das suas experiências, a fidelidade a si próprios demarcam-nos daqueles que, em situações idênticas, facilmente cairiam no panfletário. Os grandes espíritos são assim mesmo: não recusando a realidade do pó e as vicissitudes do seu tempo, não deixam, no entanto, de abraçar a causa humana com os olhos postos no Outro.

SÓCIO DA AICL

PARTICIPOU NOS COLÓQUIOS 15º MACAU 2011, 16º SANTA MARIA 2011, 17º LAGOA 2012, 18º GALIZA 2012, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 28º EM VILA DO PORTO 2017

12. EDUÍNO DE JESUS, POETA, DECANO DOS ESCRITORES AÇORIANOS

EDUÍNO (Moniz) DE JESUS nasceu na Ilha de S. Miguel, freguesia de Arrifes, concelho de Ponta Delgada. Nesta cidade viveu desde um ano de idade e aí completou os seus estudos secundários (Cursos Geral dos Liceus e Complementar de Letras) e o Curso do Magistério Primário.

Em 1951 ingressou como aluno voluntário na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde frequentou o Curso de Ciências Pedagógicas, e de 1953 em diante (até 1959) o de Filologia Românica, que só veio a completar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, licenciando-se com dissertação em Linguística e Literatura.

Frequentou depois em França, na Academia de Bordéus, um Curso de Comunicação.

Aos vinte anos ingressou na carreira docente, que seguiu durante mais de meio século (1948-2000), começando por exercer o ensino primário em Ponta Delgada e nos arredores de Coimbra (Lorvão), depois os Ensinos Técnico e Liceal (privado) em Lisboa e por fim o Ensino Superior, também nesta cidade.

No Ensino Técnico foi professor, primeiro, de Língua e História Pátria e depois, quando o Francês foi introduzido no Ensino Técnico Elementar, passou a lecionar Português e Francês, disciplinas de que também foi professor em colégios privados.

Na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa lecionou Teoria da Literatura apenas no ano letivo de 1979-80 e na Faculdade de Letras da Universidade (Clássica) de Lisboa, durante mais de vinte anos, até ao ano 2000, História da Literatura Portuguesa e outros Cursos de Língua e Cultura Portuguesa para estudantes estrangeiros.

Desempenhou, além da docência, diversos cargos, entre os quais o de subdiretor de uma escola técnica (Nuno Gonçalves) e diretor de outra (Cesário Verde).

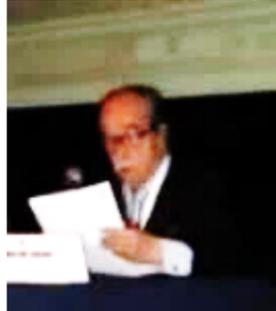
⁵⁶ Kaminsky, Ilya/Harris, Susan (eds). *The Ecco Anthology of International Poetry*, Harper Collins Publishers, Nova Iorque.

Atas colóquio da lusofonia –

Além disso, pertenceu em 1977-78 à comissão que fez a reforma dos programas do antigo ciclo preparatório (na parte relativa ao ensino do Português) e foi, no antigo Ministério da Educação e das Universidades, membro do Conselho Orientador da Profissionalização em Exercício (1980-86), que procedeu à reforma dos estágios para professores daquele antigo ciclo de estudos e à preparação dos novos formadores.

Tem vasta obra dispersa em jornais e revistas desde 1946 (poesia, conto, teoria e crítica de literatura, teatro e artes plásticas, ensaio, polémica), e alguma publicada em livro (poesia, teatro, ensaio).

Atual presidente da delegação de Lisboa da "Associação Dos Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental" e presidente da A.G. da Casa dos Açores em Lisboa.



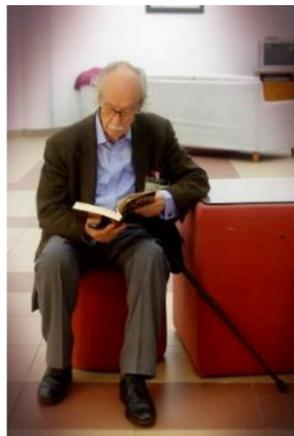
LAGOA 2012



LAGOA 2012



LOMBA DA MAIA 2016



VILA DO PORTO 2017



Publicou:

1. POESIA:

- Caminho para o Desconhecido, Coimbra, col. Arquipélago, 1952;
- O Rei Lua, Coimbra, ed. do Autor, 1955;
- A Cidade Destruída durante o Eclipse, Coimbra Editora, 1957;
- Os Silos do Silêncio, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

2. TEATRO

- Cinco Minutos e o Destino. Comédia em 1 Ato. Ponta Delgada, ed. Açória, 1959

3. ENSAIO 3.1 Em Prefácios e posfácios:

- In Antologia de Poemas de Armando Côrtes-Rodrigues, Coimbra, col. Arquipélago, 1956 (tem 2ª ed.);
- In Virgílio de Oliveira, Rosas que Vão Abrindo. Coimbra, col. Arquipélago, 1956: (Tem outras eds);
- In Maria Madalena Monteiro Féris, Poemas, Coimbra, col. Arquipélago, 1957;
- In António Moreno, Obra Poética, Coimbra, col. Arquipélago, 1960;
- In António Manuel Couto Viana, Pátria Exausta, Lisboa, Editorial Verbo, 1971. (tem outras eds.);
- In Natércia Freire, Os Intrusos, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1971 (tem outras eds.);
- In António Manuel Couto Viana, Teatro Infantil e Juvenil, Lisboa, Nova Arrancada, 1997;
- In António Manuel Couto Viana, 12 Poetas Açorianos. Lisboa, Salamandra, col., 200 etc.

obras coletivas:

- Costa Barreto (dir.), Estrada Larga, 3 vols., Porto, Porto Editora, s / d;
- Onésimo Teotónio Almeida (org.), A Questão da Literatura Açoriana, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1983;
- In António M. Machado Pires, José Martins Garcia, Margarida Maia Gouveia e Urbano Bettencourt (coord.), Vitorino Nemésio, Vinte Anos Depois, Lisboa, Ponta Delgada, Ed. Cosmos, 1998.

4. ANTOLOGIAS POÉTICAS em que está selecionado:

- Maria Alberta Menéres e E. M. de Mello e Castro, Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa, Lisboa, Morais Ed., 1ª ed. 1959, 2ª ed. 1961;
- António Salvado, A Paixão de Cristo na Poesia Portuguesa, Lisboa, Polis, 1969;
- Orlando Neves e Serafim Ferreira, 800 Anos de Poesia Portuguesa, Lisboa, Círculo de Leitores, 1973;
- Pedro da Silveira, Antologia de Poesia Açoriana do Século XVIII a 1975, Lisboa, Livraria. Clássica Ed., 1977;
- Ruy Galvão de Carvalho, Antologia Poética dos Açores, 2 vols., Angra do Heroísmo, col. Gaivota, 1979-80;
- Onésimo Teotónio Almeida, The Sea Within. A selection of Azorean Poems (trad. de George Monteiro), Providence, 1983;
- Maria de Lourdes Hortas, Poetas Portugueses Contemporâneos, Recife (Brasil), 1985;
- Álvaro Oliveira, Ana Maria Bruno, Mariana Mesquita e Susana Rocha, Pai, a sua Bênção! (Antologia de Textos de Autores Açorianos), Angra, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1994 (Edição comemorativa do Ano Internacional da Família);
- Eduardo Bettencourt Pinto, Os Nove Rumores do Mar, Seixo Publishers, Canadá, 1996; 2ª ed. (aumentada), Lisboa, Instituto Camões, 1999 e 3ª ed. (corrigida), Lisboa, Instituto Camões, 2000;
- Ivan Strpka e Peter Zsoldos Zakresl'ovanie do mapy. Azory a ich básnici, Bratislava (Eslováquia), Kalligram, 2000;
- Adozinda Providência Torgal e Clotilde Correia Botelho, Lisboa com seus Poetas, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2000.
- valter hugo mãe, O Futuro em Anos-Luz / 100 Anos. 100 Poetas. 100 Poemas, Porto, Edições Quási, 2001.
- Adozinda Providência Torgal e Madalena Torgal Ferreira, Encantada Coimbra, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2003.

Atas colóquio da lusofonia –

- Diniz Borges, On a Leaf of Blue Bilingual Anthology of Azorean Contemporary Poetry, Berkeley, Institute of Governmental Studies Press, University of California, 2003.
- António Manuel Machado Pires, 20 Poemas (volume integrado no álbum XX3x20 - 20 Pinturas | 20 Melodias | 20 Poemas), Angra, Direção Regional da Cultura, 2003.
- Diniz Borges, Nem Sempre a Saudade Chora, Horta, Direção Regional das Comunidades, 2004.
- Lauro Junkes, Osmar Pisani e Urbano Bettencourt, Caminhos do mar. Antologia Poética Açoriano-Catarinense, Blumenau, Santa Catarina (Brasil), 2005.
- Maria Aurora Carvalho Homem e Urbano Bettencourt (sel.) e Diana Pimentel (org.), Pontos Luminosos. Açores e Madeira, Antologia de Poesia do Século XX. Porto, Campo das Letras, 2006.
- John M. Kinsella, Voices from Islands. An Anthology of Azorean Poetry, Providence, R. I., Gávea-Brown, 2007.
- Leons Bredis e Urbano Bettencourt, Azoru Salu. Dzejas Antologija, Riga (Letónia), Minerva, 2009.
- Amadeu Baptista, Divina Música. Antologia de Poesia sobre Música. Viseu, Tip. Guerra, 2009

5. VÁRIA

Produziu e dirigiu para a RTP um “magazine” literário quinzenal durante cinco anos: Convergência (1969-1972), depois reformulado e chamado Livros & Autores (1972-1974).

Foi editor e pertenceu ao conselho de direção da revista de artes e letras Contravento. (Lisboa, ed. Contravento, 1968-1971) e dirigiu a Revista de Cultura Açoriana (Lisboa, ed. Casa dos Açores de Lisboa, 1989-1991).

Tem colaboração na enciclopédia de literatura Biblos (da Editorial Verbo) e no Dicionário Cronológico de Autores Portugueses do Instituto Português do Livro e da Leitura (Publicações Europa-América).

Também se dedicou ao teatro (teoria, história e crítica) e às artes plásticas (teoria e crítica). Assim:

- Fez crítica de teatro durante vários anos na revista Rumo (Lisboa, 1960-67) e organizou a secção de teatro da Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura ‘Verbo’, de cujo conselho de Diretores fez parte, tendo inventariado as entradas respeitantes àquela secção e redigido a quase totalidade dos respetivos verbetes (mais de 1 milhar).

Além disso, fez parte, durante vários anos, dos júris dos Prémios Nacionais de Teatro e pertenceu a um efémero conselho de leitura dos Teatros Nacionais de D. Maria II, de Lisboa, e de S. João, do Porto, com a escritora Agustina Bessa-Luís e a atriz Glória de Matos.

Sobre artes plásticas, escreveu principalmente na revista Panorama (de Lisboa) e prefaciou álbuns de pintura e catálogos de exposições, entre os quais o da representação Portuguesa na VI Bienal de Paris (1969).

Além disso fez parte de vários júris de Salões de Arte e representou Portugal no Júri Internacional da X Bienal de S. Paulo, Brasil (1969).

Tem feito conferências e participado em Congressos e Colóquios literários em diversas universidades e outras instituições em Portugal (incl. Açores), nos EUA, no Canadá e no Brasil.

[VIAJE AQUI PELOS CADERNO AÇORIANO Nº 12](https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html#) [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ACORIANIDADE/CADERNOS-ACORIANOS-SUPLEMENTOS.HTML#](https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html#)

[OUÇA O POEMA CAIS DA SAUDADE DITO POR CHRYS](https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html#) [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ACORIANIDADE/CADERNOS-ACORIANOS-SUPLEMENTOS.HTML#](https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html#)

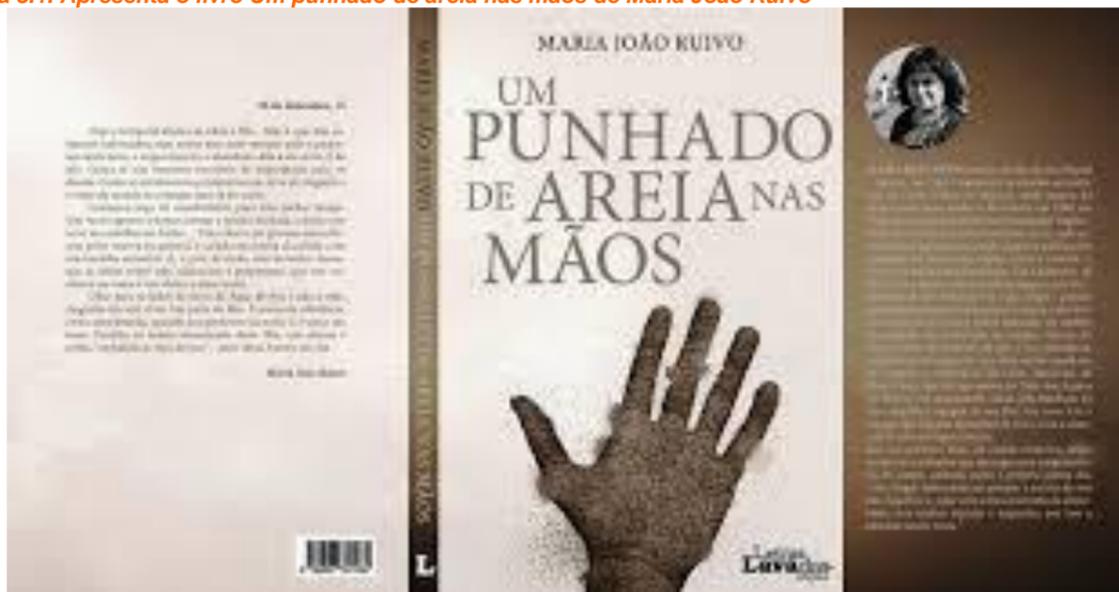
[VÍDEO HOMENAGEM 2014](https://www.youtube.com/watch?v=R1VVUJPKXRU&list=PLWJUYYRYOUWOJXUTZ2LIEEEKFWFBMEF_JY&index=23&t=7S) [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=R1VVUJPKXRU&LIST=PLWJUYYRYOUWOJXUTZ2LIEEEKFWFBMEF_JY&INDEX=23&T=7S](https://www.youtube.com/watch?v=R1VVUJPKXRU&list=PLWJUYYRYOUWOJXUTZ2LIEEEKFWFBMEF_JY&index=23&t=7S)

[VÍDEO HOMENAGEM 2, 2015](https://www.lusofonias.net/acorianidade/video-homenagens-aicl/2124-homenagem-aicl-a-edu%3%ADNO-DE-JESUS-VIDEO-2015.html) [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ACORIANIDADE/VIDEO-HOMENAGENS-AICL/2124-HOMENAGEM-AICL-A-EDU%3%ADNO-DE-JESUS-VIDEO-2015.HTML](https://www.lusofonias.net/acorianidade/video-homenagens-aicl/2124-homenagem-aicl-a-edu%3%ADNO-DE-JESUS-VIDEO-2015.html)

[VÍDEO HOMENAGEM 3 2016](https://youtu.be/AAP5KRWEIME?list=PLWJUYYRYOUWOJXUTZ2LIEEEKFWFBMEF_JY) [HTTPS://YOUTU.BE/AAP5KRWEIME?LIST=PLWJUYYRYOUWOJXUTZ2LIEEEKFWFBMEF_JY](https://youtu.be/AAP5KRWEIME?list=PLWJUYYRYOUWOJXUTZ2LIEEEKFWFBMEF_JY)

[HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ACORIANIDADE/VIDEO-HOMENAGENS-AICL/2237-EDU%3%ADNO-DE-JESUS-2016-V%3%ADDEO-HOMENAGEM-3.HTML](https://www.lusofonias.net/acorianidade/video-homenagens-aicl/2237-edu%3%ADNO-DE-JESUS-2016-V%3%ADDEO-HOMENAGEM-3.html)

Tema 3.1. Apresenta o livro *Um punhado de areia nas mãos* de Maria João Ruivo



SÓCIO DA AICL

TOMOU PARTE NO 17º COLÓQUIO EM 2012 NA LAGOA, EM 2016 NO 26º NA LOMBA DA MAIA, EM 2017 NO 27º EM BELMONTE E 28º EM VILA DO PORTO 2017

13. FRANCISCO ROSAS, REALIZADOR DE CINEMA, PALCO DE ILUSÕES E CENTRO AUDIOVISUAL MAX STAHL TIMOR-LESTE, CONVIDADO DE HONRA



LOMBA DA MAIA 2016



Atas colóquio da lusofonia –

Francisco Rosas nasceu em 14-05-1991 em Alvalade e licenciou-se em Cinema pela Universidade da Beira Interior, em 2012.

Como trabalho final de curso realizou a sua primeira curta-metragem, "Quimera", apresentada em 2012 no festival Bululus e numa sessão organizada pelo 9500 Cineclube.

Francisco Rosas nasceu em Lisboa, em 1991 e criado nos Açores, sendo licenciado em Cinema pela Universidade da Beira Interior.

Concluiu a licenciatura em 2012 realizando uma curta-metragem "Quimera". No seguinte ano regressa aos Açores realizando outra curta-metragem "Ser Ilhéu" e integra a equipa técnica da longa-metragem "Livreiro de Santiago", de José Medeiros, desempenhando a função de Operador de Câmara.

Realizou duas curtas-metragens de ficção e um documentário longa-metragem.

Fruto de uma viagem a Timor-Leste, surge *Avô Crocodilo*, um filme que viaja por histórias de sangue que deram forma ao sonho de um país, hoje em paz. No mesmo ano viajou para São Miguel onde permaneceu até 2009, quando foi estudar Cinema para a Universidade da Beira Interior.

Em 2015 correaliza uma curta-metragem experimental com Paulo Lima, "Anamnese" e viaja para Timor-Leste para realizar "*Ida Nebe Fa'an Pulsa*" um documentário que procura as sementes deixadas por D. Jaime Goulart, natural da Ilha do Pico, numa jovem Nação fustigada por ocupações e lutas pela autodeterminação e independência, através dos olhos dum jovem timorense. Um filme sobre a Língua, a Religião, a Cultura e um Povo. Em 2016 ano correalizou, com José Medeiros e Tiago Rosas, "Viola de Dois Corações", uma série de 11 episódios sobre a música produzida nos Açores. Fez parte da equipa técnica de "Basalto", (2017) uma série de ficção de 5 episódios realizada por José Medeiros desempenhando as funções de Operador de Câmara e Realizador de Segunda Equipa.

TEMA 2.1. APRESENTA AVÔ CROCODILO - Duração 50' VEJA AQUI O "TRAILER"

[Documentário Timor \(O avô LAFAEK/Crocodilo\) 50' FRANCISCO ROSAS](#)

ver <https://vimeo.com/199396353>

Trailer do Documentário "Avô Crocodilo" Uma Coprodução: Palco de Ilusões e Centro Audiovisual Max Stahl Timor-Leste.

Realização: Francisco Rosas E Produção: Ricardo Dias.

Edição: Tiago Rosas.

Música original: Paulo Vicente.

Grafismo: Mariana Pereira.

Quatro testemunhos pessoais sobre violação de direitos humanos filmados nos meses anteriores ao Massacre de Santa Cruz. *Avô Crocodilo* é um documentário sobre o poder das imagens, 25 anos após os trágicos acontecimentos em Timor-Leste. Parte do trabalho do jornalista, que conseguiu voltar a colocar aquele território na ordem do dia, é revisitada cinematograficamente.

Histórias de sangue que deram forma ao sonho de um país, hoje em paz.

Tema 2.1. APRESENTA O FILME AVÔ LAFAEK 50'

JÁ TOMOU PARTE COMO CONVIDADO DE HONRA NO 26º COLÓQUIO NA LOMBA DA MAIA 2016 E 28º EM VILA DO PORTO 2017

14. FREDERICO CARDIGOS, BIÓLOGO, COORDENADOR DO GABINETE DE REPRESENTAÇÃO DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES EM BRUXELAS, CONVIDADO DE HONRA



FREDERICO ABECASIS DAVID CARDIGOS é licenciado em biologia marinha e pescas e mestre em gestão e conservação da natureza.

É atualmente o Coordenador do Gabinete de Representação da Região Autónoma dos Açores em Bruxelas, cargo que exerce desde outubro de 2017.

É Comissário na Comissão do Mar dos Sargãos.

Foi assistente parlamentar do eurodeputado Ricardo Serrão Santos, em Bruxelas, de 2014 a 2017.

Neste âmbito, deu particular apoio nas áreas de pescas, mar e ambiente.

Exerceu funções no Governo Regional dos Açores entre 2006 e 2013, tendo sido diretor regional do ambiente e dos assuntos do mar e diretor do Parque Marinho dos Açores.

Neste período foram estabelecidos os parques naturais dos Açores e diversas novas áreas protegidas, incluindo a classificação de áreas marinhas para além da Zona Económica Exclusiva de Portugal e três Reservas da Biosfera. Ainda nesse período iniciou-se a edificação de diversas estruturas previstas no Plano Estratégico para a Gestão de Resíduos dos Açores.

Exerceu diferentes funções relacionadas com investigação científica no Centro do IMAR e no Departamento de Oceanografia e Pescas da Universidade dos Açores entre 1994 e 2006.

Após 2006, continuou a colaborar pontualmente com estas instituições científicas.

No âmbito do trabalho científico, estudou fontes hidrotermais de baixa e grande profundidade, espécies invasoras, ambientes marinhos diversos, conservação da natureza, comportamento animal e desenvolvimento de instrumentação marinha.

Realizou trabalhos com diferentes grupos de organismos, incluindo peixes, cefalópodes e outros invertebrados marinhos, algas, tartarugas, cetáceos e aves.

Esteve presente em numerosas reuniões científicas. Foi líder de cruzeiro em missões de mar e publicou diversos artigos em revistas indexadas.

Desenvolveu uma intensa atividade de disseminação científica e de educação ambiental marinha, publicando artigos em jornais e revistas e escrevendo programas televisivos. Escreve irregularmente em órgãos de comunicação social dos Açores.

TEMA 3.5. A missão do Gabinete de Representação dos Açores junto das instituições europeias, por: Frederico Cardigos, Coordenador da Estrutura de Missão para a Implementação do Gabinete de Representação da Região Autónoma dos Açores em Bruxelas

Resumo: Nesta intervenção ir-se-á dissertar sobre a oportunidade e o modo de operação do Gabinete dos Açores em Bruxelas. Enraizado no espírito de participação fomentado pelo princípio de abertura inscrito no Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia, nas necessidades de influenciar os processos legislativos europeus e de melhor aproveitar os financiamentos europeus, e na oportunidade de construir e reforçar redes de cooperação inter-regional foi plasmado no Programa do XII Governo Regional dos Açores a criação de um "Gabinete de Representação das Regiões Autónomas em Bruxelas". Foi desta forma que nasceu a "Estrutura para Implementação do Gabinete de Representação da Região Autónoma dos Açores em Bruxelas".

Os objetivos primários desta estrutura de missão estão definidos por Resolução do Conselho de Governo e são (1) proceder ao levantamento das necessidades para a operacionalização e funcionamento corrente do Gabinete e (2) propor um organograma, a organização, a estrutura e o objeto da mesma. O mesmo diploma, desde logo, estabeleceu um conjunto de objetivos operacionais que, na realidade, permitem que já exista, desde então, um verdadeiro Gabinete dos Açores em Bruxelas. Até ao momento, a atividade do Gabinete dos Açores em Bruxelas inclui a divulgação das nove ilhas, a participação e dinamização de dezenas de reuniões, o reporte de centenas de atividades e o envio de mais de um milhar de notícias para todos os interessados. Em Bruxelas, o Gabinete mantém instalações que são utilizáveis pelos açorianos que o requeiram para fins profissionais justificáveis. Em simultâneo, o Gabinete mantém uma componente de formação e acolhe bolseiros. Estão assim instaladas as fundações que permitirão responder às necessidades primeiras que determinaram a criação desta estrutura, nomeadamente, apoiar as autoridades e eleitos portugueses, influenciando os processos de construção e implementação legislativa que estão relacionados com as regiões ultraperiféricas, Macaronésia, regiões autónomas de Portugal e, por último, mas sempre em primeiro, os Açores.

Introdução:

No artigo 15º do Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia é referido que “A fim de promover a boa governação e assegurar a participação da sociedade civil, a atuação das instituições, órgãos e organismos da União pauta-se pelo maior respeito possível do princípio da abertura.”. Apesar do princípio da abertura não estar definido, a doutrina aponta-o como um sinónimo de transparência (Rebello de Sousa, 2012). Ora, para que se assegure a participação e se exerça essa transparência é necessário que a informação esteja disponível e que as partes interessadas⁵⁷ possam interagir com as estruturas da União Europeia. Portanto, apesar de o artigo 15º não o deixar explícito⁵⁸, há necessidade de manter comunicação nos dois sentidos, das instituições para as partes interessadas e, em sentido contrário, das partes interessadas para as instituições. É precisamente para fazer esta ponte que as organizações de representação ou de lóbi se tornam imprescindíveis. Das 276 regiões NUTS⁵⁹ 2 da União Europeia⁶⁰, quase duas centenas têm organizações de representação em Bruxelas⁶¹. Esta mobilização teve início em 1984⁶² e, de acordo com Joos (2016), “as representações regionais são a prova viva do sistema multinível da União Europeia”.

No caso dos Açores, em particular, cedo se sentiu a necessidade de estar tão perto quanto possível das instituições Europeias. Nesse sentido, desde o período de preparação para a adesão de Portugal à então Comunidade Económica Europeia⁶³ que a Região Autónoma já participava e se fazia notar nos diferentes fóruns. Por exemplo, o então Presidente do Governo Regional dos Açores, João Bosco Mota Amaral, propôs, durante uma reunião da Conferência das Regiões Periféricas Marítimas (CRPM)⁶⁴, a expressão “Região Ultraperiférica” para mencionar as regiões autónomas de Portugal, a Comunidade Autónoma das Canárias e os Departamentos Ultramarinos Franceses⁶⁵. Essa expressão sedimentou, ainda hoje é amplamente utilizada e está mesmo consubstanciada no artigo 349º do Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia.

O próprio Governo de Portugal considerou importante constituir pontes diretas entre Bruxelas e as suas regiões autónomas. É desta forma que na Representação Permanente de Portugal junto da União Europeia (REPER-PT)⁶⁶ tem existido sempre um elemento que acompanha de perto as temáticas relacionadas com estes territórios⁶⁷. Apesar de não haver essa obrigação, os elementos designados para acompanhar a Região Autónoma dos Açores no seio da REPER-PT têm respeitado a proposta feita pelo Governo Regional e tem havido uma relação próxima e construtiva com as autoridades regionais. Porque os governos dos Estados-Membros têm uma representação direta no Conselho, os elementos da REPER-PT têm uma relação próxima com esta instituição europeia, mas não tanto com as restantes. Também por isso, a existência de um elemento próximo das regiões autónomas na REPER-PT não torna redundante a presença de uma representação direta dos Açores e Madeira em Bruxelas.

Por decisão dos partidos mais votados de Portugal nas eleições para o Parlamento Europeu⁶⁸, nas últimas legislaturas, têm sido colocados em posição elegível candidatos oriundos das regiões autónomas. Apesar de formalmente representarem Portugal, pelo facto de serem indicados pelas regiões autónomas, estes eurodeputados dão uma atenção particular a estes territórios. Desta forma, no último sufrágio europeu, em 2014, foram eleitos quatro deputados indicados pelas estruturas partidárias dos Açores e da Madeira. Em particular, foram indicados pelas estruturas partidárias dos Açores e eleitos os eurodeputados Ricardo Serrão Santos (PS) e Sofia Ribeiro (PSD).

Altos responsáveis da Região Autónoma dos Açores, respondendo à permanente necessidade de estar perto do núcleo com capacidade de decisão das instituições europeias, ocuparam cargos com elevada relevância em estruturas de trabalho cooperativo a nível da União Europeia. Entre estes, aponta-se a vice-presidência da Assembleia das Regiões da Europa (ARE)⁶⁹ e, desde 2014⁷⁰, a presidência da Conferência das Regiões Periféricas da Europa, ambas desempenhadas por Vasco Cordeiro⁷¹, e, mais recentemente, a presidência da Conferência das Assembleias Legislativas Regionais da União Europeia (CALRE)⁷², por Ana Luísa Luís⁷³.

Desde a constituição do Comité das Regiões Europeu⁷⁴ que a Região Autónoma dos Açores mantém interesse neste órgão consultivo do Parlamento Europeu, do Conselho e da Comissão Europeia. Neste momento, Vasco Cordeiro é o membro efetivo em representação da Região Autónoma dos Açores e Rui Bettencourt o membro substituto.

Há outros açorianos em posições de destaque no contexto europeu, mas sem relação com as estruturas regionais. O caso mais proeminente é o de João Aguiar Machado, oriundo da ilha de São Miguel e diretor-geral na Comissão Europeia⁷⁵.

É neste contexto de procurar aproveitar as oportunidades proporcionadas pelas instituições Europeias, de afirmação construtiva da Região Autónoma dos Açores em Bruxelas e de potencializar a ação coordenada das diferentes presenças açorianas ao mais alto nível que é criada a Estrutura de Missão para Implementação do Gabinete de Representação da Região Autónoma dos Açores por Resolução do Governo Regional dos Açores⁷⁶ e em consonância com o plasmado no Programa do XII Governo Regional dos Açores (Programa 2016)⁷⁷. Esta Estrutura de Missão está sobre a tutela do Secretário Regional Adjunto da Presidência para as Relações Externas, Rui Bettencourt, e tem como incumbências especiais *proceder ao levantamento das necessidades para a operacionalização e funcionamento corrente do Gabinete e propor um organograma, a organização, a estrutura e o objeto da mesma (...)*.

Adicionalmente, a *“Estrutura para Implementação do Gabinete de Representação da Região Autónoma dos Açores” fica também encarregada de operacionalizar as ações dos parceiros sociais, departamentos governamentais, bem como das instituições, organismos públicos e privados, associações e demais entidades da Região Autónoma dos Açores, que assim o solicitem, nas suas diligências junto das instituições, órgãos e organismos da União Europeia*. Esta Estrutura fica, igualmente, incumbida de (...) *acompanhar as políticas, legislação e ações europeias, desde a fase de proposta, assim como os programas e demais iniciativas da União Europeia com particular efeito sob a Região Autónoma dos Açores nos diversos domínios, bem como:*

- Promover projetos e iniciativas da Região Autónoma dos Açores junto das instituições, órgãos e organismos da União Europeia, bem como dos organismos de cooperação inter-regionais, instituições públicas e privadas e das demais representações de Estados e Regiões sedeadas em Bruxelas;
- Identificar Programas, Fundos e projetos de cooperação que sejam de interesse para instituições da Região., bem como projetos de cooperação com outras regiões europeias de que estas possam beneficiar;
- Organizar, apoiar, colaborar e/ou assistir seminários, conferências, reuniões informativas, iniciativas e apresentações de programas europeus e demais iniciativas das Instituições Europeias, em articulação com os setores ou organizações interessadas nos Açores;
- Disponibilizar apoio logístico aos representantes de instituições organizadas da sociedade civil açoriana, no âmbito e nas ações previstas na alínea d);
- Prestar apoio logístico aos representantes dos departamentos governamentais nas suas deslocações a Bruxelas;
- Colaborar com as instituições, órgãos e organismos da União Europeia, em especial com os eurodeputados dos Açores, e ainda com representações dos Estados, em especial com a Representação Permanente de Portugal junto da União Europeia - REPER, e de outras regiões, nomeadamente as ultraperiféricas, para a defesa e promoção dos interesses da Região Autónoma dos Açores.

Ou seja, apesar de ainda não o ser, caso consiga completar na totalidade da incumbência que lhe foi atribuída, a Estrutura para Implementação do Gabinete de Representação da Região Autónoma dos Açores será já um gabinete de representação regional funcional.

Implementação:

Por decisão da tutela em conjunto com a coordenação do Gabinete dos Açores em Bruxelas, a ação do Gabinete foi dividida em três componentes operacionais: (1) manutenção e disponibilização das instalações em Bruxelas, (2) circulação de informação para os Açores e (3) representação a pedido e em defesa dos interesses dos Açores em Bruxelas.

As instalações do Gabinete dos Açores em Bruxelas são geridas pelo Governo Regional dos Açores e localizam-se no quarto piso do edifício localizado no número 14 da Rotunda de Schuman. Esta é uma localização privilegiada já que se encontra a uma curta distância das sedes do Conselho e da Comissão Europeia e do principal edifício do Parlamento Europeu em Bruxelas⁷⁸. Para além destes factos, das atuais instalações do Gabinete há transportes públicos para todas as instalações da Comissão Europeia em Bruxelas, para o aeroporto e para todas as gares ferroviárias.

As instalações em Bruxelas são constituídas por dois gabinetes e uma sala de reuniões. Um dos gabinetes é utilizado preferencialmente pelos visitantes. Este gabinete possui diversos elementos relacionados com a cultura dos Açores, incluindo quadros, artefactos do artesanato açoriano, uma pequena seleção de livros e discos açorianos. Este espólio, ainda reduzido e simbólico, mas em permanente atualização, tem como objetivos divulgar os Açores para os visitantes do exterior e proporcionar um espaço familiar aos visitantes do arquipélago. Esta sala permite realizar reuniões com até quatro elementos. Com uma ligeira adaptação, o espaço permite a realização de palestras para cerca de uma dezena de pessoas. Para além disso, este espaço tem um computador que pode ser utilizado pelos visitantes ou onde os visitantes podem ligar os seus computadores portáteis e obter uma extensão de teclado, rato e ecrã, podendo assim a trabalhar com maior conforto.

⁵⁷ “Partes interessadas”, aqui usado como sinónimo da expressão inglesa “*stakeholders*” senso Joos (2016).

⁵⁸ Havendo, portanto, oportunidade para uma melhoria na redação.

⁵⁹ NUTS é um acrónimo da expressão inglesa *Nomenclature of Territorial Units for Statistics* e foi definido pelo Eurostat e regulamentado em 2003 pelo Conselho.

⁶⁰ Eurostat (2015).

⁶¹ Joos (2016).

⁶² Commissionare Brussels (s/d).

⁶³ Que veio a acontecer em 1986.

⁶⁴ Mais informação sobre a CRPM em <https://cpmr.org/fr/>.

⁶⁵ Guillaumin (2000).

⁶⁶ Mais informação sobre a REPER-PT em <https://www.ue.missaoportugal.mne.pt/pt/a-reper/missao>.

⁶⁷ Eduarda Ávila, Jorge Menezes e João Lança foram os elementos da REPER-PT nomeados para acompanhar as temáticas relacionadas com as regiões autónomas.

⁶⁸ Até 2014, nas eleições europeias, o Partido Socialista e o Partido Social Democrático, em diversas coligações, foram os partidos mais votados (In: Gonçalves 2015).

⁶⁹ Mais informação sobre ARE em <https://aer.eu/>.

⁷⁰ LUSA (2014).

⁷¹ O Presidente do Governo Regional dos Açores, Vasco Cordeiro, foi eleito Presidente da Conferência das Regiões Marítimas Periféricas em setembro de 2014, cargo que mantém.

⁷² Mais informação sobre a CALRE em <https://www.calrenet.eu/>.

⁷³ PALRAA/+central (2017).

⁷⁴ Mais informação sobre o Comité das Regiões em <https://cor.europa.eu/pt>.

⁷⁵ Diretor-geral da MARE desde setembro de 2015. Ver em <https://pescadores.com/o-acoriano-joao-aquiari-machado-e-o-novo-director-geral-do-mar-da-uniao-europeia/>.

⁷⁶ Resolução do Governo Regional dos Açores n.º 45/2017, de 26 de maio.

⁷⁷ Programa do XII Governo Regional dos Açores pp. 22-23.

⁷⁸ A sede oficial do Parlamento Europeu localiza-se em França, na cidade de Estrasburgo.

Atas colóquio da lusofonia –

O segundo gabinete está informalmente reservado para a administração do Gabinete, embora possa também ser utilizado para reuniões com três elementos. É aqui, nesta segunda sala, que estão instalados o coordenador e outros colaboradores do Gabinete.

A sala de reuniões é um espaço versátil que é partilhado com a representação do Pays de la Loire em Bruxelas (que administra o espaço) e a Região Autónoma da Madeira. Esta sala pode ser dividida em dois e, desta forma, manter duas reuniões em simultâneo. A sala está equipada com projetor de vídeo e equipamento de videoconferência e, na sua configuração mais extensa, pode receber 20 pessoas em volta de uma mesa em formato de “U”.

A totalidade das instalações do Gabinete dos Açores em Bruxelas está equipada com rede internet aberta e gratuita para todos os visitantes e colaboradores. Há também uma impressora de média tiragem e um digitalizador disponíveis. Adicionalmente, para facilitar a sua localização a partir do exterior utilizando os mais vulgares instrumentos tecnológicos, o Gabinete foi também registado no Google Maps⁷⁹.

Para fomentar a circulação da informação de Bruxelas para os Açores são utilizadas preferencialmente duas formas de comunicação. Uma mais reservada dedicadas à transmissão de informação para o Governo Regional e outra, acessível a qualquer interessado, que sumariza semanalmente as informações relevantes num boletim denominado Az@Brx que é distribuído através de correio eletrónico. Também através deste órgão é dada visibilidade à atividade dos eurodeputados indicados pelos Açores da sua ação fora da Região Autónoma. Em respeito pelo Regulamento Geral para a Proteção de Dados, para receber este boletim semanal é necessário demonstrar esse interesse por escrito⁸⁰. No entanto, todos os 34 números publicados estão disponíveis numa página internet dedicada⁸¹ o que permite a sua consulta por qualquer pessoa, mesmo que não subscritor. Neste momento, o boletim conta com 243 subscritores.

Complementarmente, para divulgar a existência e os serviços prestados pelo Gabinete dos Açores em Bruxelas a todos os açorianos foi criada uma página internet dedicada no Portal do Governo Regional⁸². Com o intuito de registar e divulgar a presença do Gabinete dos Açores em Bruxelas nas diferentes reuniões e atividades foi criada uma conta Twitter com o nome AzoresEUoffice⁸³. Através da conta do Twitter foram emitidos 338 tweets que resultaram em cerca de 150 mil impressões.

Em simultâneo, por iniciativa do coordenador, são publicados artigos quinzenais em dois jornais regionais que alertam para as oportunidades existentes na União Europeia ou para as idiossincrasias do quotidiano de Bruxelas⁸⁴. Até este momento, já foram publicadas 27 crónicas.

Por decisão da tutela⁸⁵ já foram selecionados e colocados dois bolseiros no Gabinete dos Açores em Bruxelas. Neste momento, decorre o processo de seleção de um terceiro elemento. Para além do interesse em contribuir para a sua formação técnica e profissional e o fomentar das redes interpessoais europeias que incluam açorianos, estes bolseiros são particularmente importantes para aumentar a capacidade da presença do Gabinete dos Açores em Bruxelas nas diferentes reuniões e eventos e contribuem ativamente para a composição do boletim semanal Az@Brx.

Por forma a facilitar a circulação dos elementos do Gabinete dos Açores em Bruxelas, para institucionalizar a sua presença e para aumentar a sua visibilidade foi tomada a iniciativa de registar esta estrutura no Registo de Transparência da União Europeia⁸⁶ e no Comité das Regiões Europeu⁸⁷. Estes processos foram concluídos no primeiro semestre de 2018.

O Gabinete segue as bases de dados de informação das instituições e organizações com presença em Bruxelas e participa, sempre que oportuno, nos eventos públicos da Comissão Europeia, Parlamento Europeu e Comité das Regiões que possam ter pertinência para a Região Autónoma dos Açores. Adicionalmente, o Gabinete participa também em reuniões ou eventos de outras organizações como a CRPM e a CALRE, entre outras. Até ao momento em que é redigido este documento, o Gabinete dos Açores em Bruxelas já participou em 176 reuniões ou eventos desde que foi nomeado o atual coordenador⁸⁸. Entre estas reuniões, relacionaram-se com fundos e financiamentos, assuntos do mar e pescas, agricultura, ambiente e energia entre outros. Da maioria destas reuniões foram compostos resumos e transmitidos aos interessados nos Açores.

Uma das principais missões dos gabinetes de representação em Bruxelas é encontrar organizações com interesse comum, sejam também representações regionais ou não, e, conforme os momentos, fomentar ou integrar redes que defendam esses interesses. No caso do Gabinete dos Açores em Bruxelas, mantém-se um contacto próximo com as restantes representações de regiões ultraperiféricas, com organizações de regiões como a CRPM e mesmo com empresas de representação de interesses como a EuroDOM. Estes são exemplos não exclusivos. Sempre que requisitado, o Gabinete dos Açores em Bruxelas representa entidades regionais, acompanha cidadãos dos Açores em reuniões em Bruxelas (dando apoio técnico ou efetuando simples interpretação) e colabora no agendamento de encontros entre os interessados açorianos e os diferentes interlocutores europeus. Neste sentido, o Gabinete já prestou assistência a diversas direções regionais e organizações não-governamentais em áreas variadas como a agricultura, ambiente, proteção civil e saúde, entre outras temáticas. Complementarmente, e tal como definido na Resolução do Conselho do Governo que institui a Estrutura de Missão, o Gabinete dos Açores em Bruxelas tem participado em atos públicos de sensibilização o interesse das instituições europeias, Portugal e os Açores. Foi neste sentido que participou ativamente no dia das instituições de portas abertas, mantendo um expositor com artigos dos Açores, e no dia de Portugal, este ano com as celebrações de Bruxelas dedicadas aos Açores por iniciativa da Embaixada de Portugal junto do Reino da Bélgica. Neste evento, houve um concerto de música açoriana⁸⁹, uma exposição de pintura, a projeção de diversos vídeos e exibição de objetos e artesanato regional.

A atividade exposta neste capítulo não é compatível com apenas um elemento fixo, o coordenador, e estagiários ocasionais no Gabinete dos Açores em Bruxelas. Acresce que, para além de não ser compatível, não seria exequível, dada a não autonomia administrativa e financeira do Gabinete. Isso significa que este relato resulta do empenho local em Bruxelas em atuação sinérgica com o Gabinete do Secretário Regional Adjunto da Presidência para as Relações Externas do Governo dos Açores e departamentos dependentes. Há um contacto permanente e um apoio quotidiano em todas as atividades realizadas em Bruxelas.

Conclusões:

Neste momento, o Gabinete dos Açores em Bruxelas, sempre que solicitado, operacionaliza junto das instituições europeias as ações dos parceiros sociais, departamentos governamentais, bem como das instituições, organismos públicos e privados, associações e demais entidades da Região Autónoma dos Açores e acompanha as políticas, legislação, ações europeias, programas e demais iniciativas da União Europeia com particular efeito sob os Açores. Promovem-se iniciativas da Região Autónoma junto das instituições sedeadas em Bruxelas. Em permanência, tentam-se identificar programas, fundos e projetos de cooperação que sejam de interesse para instituições da Região, bem como projetos de cooperação com outras regiões europeias. O Gabinete participa e apoia conferências, reuniões e apresentações de programas europeus e demais iniciativas das Instituições Europeias, em articulação com os setores ou organizações interessadas nos Açores. O Gabinete disponibiliza apoio logístico aos representantes de instituições organizadas da sociedade civil açoriana e prestar apoio logístico aos representantes dos departamentos governamentais nas suas deslocações a Bruxelas e colabora com as instituições, órgãos e organismos da União Europeia, em especial com os eurodeputados dos Açores, e ainda com representações dos Estados, em especial com a REPER-PT, e de outras regiões, nomeadamente as ultraperiféricas, para a defesa e promoção dos interesses da Região Autónoma dos Açores.

A atividade do Gabinete dos Açores em Bruxelas está ainda formalmente numa fase de instalação. No entanto, dadas as obrigações instituídas pela Resolução do Conselho do Governo que cria a estrutura de missão para a instalação do Gabinete e da própria atividade já desenvolvida há uma aproximação efetiva ao que será a sua atividade em pleno. Para poder atuar com maior eficiência junto das diferentes instituições, o Gabinete dos Açores em Bruxelas ainda terá de crescer, ampliando a sua dinâmica nas diferentes redes, e de aumentar o nível de conhecimentos especializados. Neste momento, o Gabinete está ao corrente e participa nas audições públicas tendentes a elaborar pareceres, opiniões e mesmo processos legislativos. No entanto, para garantir a consequência da ação, é determinante participar e atuar de forma ainda mais coordenada com os interessados nos Açores.

Agradecimentos:

Ao Dr. Tiago Cabral por apontar referência jurídicas pertinentes para este artigo.

Referências escritas:

Commissionnaire Brussels (s/d) Regional Representations. Consultado em linha em : <http://www.commissioner.brussels/i-am-an-organisation/regional-representations>.

Eurostat (2015). *Regions in the European Union, Nomenclature of territorial units for statistics NUTS 2013/EU-28*. Eurostat, Manuals and guidelines. Consultado em linha em: <https://ec.europa.eu/eurostat/documents/3859598/6948381/KS-GQ-14-006-EN-N.pdf/b9ba3339-b121-4775-9991-d88e807628e3>.

Gonçalves, Lisa Matias (2015) *As Eleições Europeias em Portugal e a influência dos Media 1987 – 2014*. Universidade de Coimbra pp.: 45. Consultado online em:

<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/29876/1/As%20Elei%C3%A7%C3%B5es%20Europeias%20em%20Portugal%20e%20a%20influ%C3%Aancia%20dos%20media.%201987-2014.pdf>.

Guillaumin, Patrick (2000) *La dimension ultrapéripérique de l'Union Européenne*. In: *Quel statut pour les îles d'Europe?* Coord. Jean-Didier Hache, L'Harmattan. Pp: 108.

Joos, Klemens (2016) *Convincing Political Stakeholders*. Willey. 495 p.

LUSA (2014) *Vasco Cordeiro presidente das Regiões Periféricas*. Diário de Notícias. Consultado em linha em <https://www.dn.pt/politica/interior/vasco-cordeiro-presidente-das-regioes-perifericas-4145092.html?id=4145092>.

PALRAA/+central (2017) *20 anos depois parlamento dos Açores assume presidência da CALRE*. +central. Consultado em linha em <http://maiscentral.com.pt/20-anos-depois-parlamento-dos-aco-res-assume-presidencia-da-calre/>.

Programa (2016) *Programa do XII Governo Regional dos Açores*. Pp 22-23. Consultado em linha em <http://www.azores.gov.pt/NR/rdonlyres/A2E9B641-2DB6-4FC7-9E81-F2B88833F46E/0/programaGovernodosA%C3%A7oresvf.pdf>.

Rebelo de Sousa, Pedro (2012) *Anotação ao artigo 15º do TFUE. Tratado de Lisboa Anotado e Comentado*. Coord. Manuel Lopes Porto e Gonçalo Anastácio. Almedina, Coimbra. Pp: 245-251.

Diplomas Mencionados:

Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia. Versão consolidada publicada no Jornal Oficial da União Europeia. a 7 de junho de 2016: C202/47-C202/199.

Resolução do Governo Regional dos Açores n.º 45/2017, de 26 de maio. Jornal Oficial da Região Autónoma dos Açores, I Série, 49: 2 pp. Consultado em linha em <https://jo.azores.gov.pt/#/ato/b2dcf551-68cf-4bf3-b863-d3452bb2ca2b>.

⁷⁹ Em <https://www.google.be/maps/place/Azores+EU+Office+%2F+Gabinete+dos+A%C3%A7ores+em+Bruxelas/@50.8428531,4.3820101,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x47c3c5ff13879fd7:0xe2955c61e611e4dal8m2!3d50.8428531!4d4.3841988>.

⁸⁰ É suficiente uma mensagem de correio eletrónico a demonstrar esse interesse dirigida a gabinetebruxelas@azores.gov.pt.

⁸¹ Os boletins do Gabinete dos Açores em Bruxelas estão disponíveis em <http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/pgra-srapre-grraab/textoImagem/Newsletter.htm>.

⁸² Em <http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/pgra-srapre-grraab/?lang=pt>.

⁸³ Em <https://twitter.com/AzoresEUoffice>.

⁸⁴ “Crónicas de Bruxelas” publicadas quinzenalmente no jornal Correio dos Açores e Tribuna das Ilhas, consultáveis em <http://cardiqoso.blogspot.com/search?q=%C3%B3nicas+de+bruxelas>.

⁸⁵ Resolução do Conselho do Governo n.º 101/2017 de 13 de outubro, Despacho n.º 2991/2017 de 26 de dezembro e Despacho n.º 2992/2017 de 26 de dezembro.

⁸⁶ Em <http://ec.europa.eu/transparencyregister/publicconsultation/displaylobbyist.do?id=193193731533-21>.

⁸⁷ Em <https://cor.europa.eu/en/members/Documents/regional-offices-organisations.pdf>.

⁸⁸ Despacho n.º 2199/2017 de 4 de outubro de 2017.

⁸⁹ Bruno Bettencourt tocando viola-da-terra.

Atas colóquio da lusofonia –

Resolução do Conselho do Governo n.º 101/2017 de 13 de outubro. Jornal Oficial da Região Autónoma dos Açores, I Série, 99: 6 pp. Consultado em linha em <https://jo.azores.gov.pt/#/ato/1f06c824-f3f0-4606-9a34-05b6d9370975>.

Despacho n.º 2199/2017 da Presidência do Governo de 4 de outubro de 2017. Jornal Oficial da Região Autónoma dos Açores, II Série, 187: 1 pp. Consultado em linha em <https://jo.azores.gov.pt/#/ato/bc52aa9d-57a2-4b5f-ad97-09b967796655>.

Despacho n.º 2991/2017 do Secretário Regional Adjunto da Presidência para as Relações Externas de 26 de dezembro. Jornal Oficial da Região Autónoma dos Açores, II Série, 241: 1 pp. Consultado em linha em <https://jo.azores.gov.pt/#/ato/c40d6c77-25f3-43b8-93fb-41af65925421>.

Despacho n.º 2992/2017 do Secretário Regional Adjunto da Presidência para as Relações Externa de 26 de dezembro. Jornal Oficial da Região Autónoma dos Açores, II Série, 241: 5 pp. Consultado em linha em <https://jo.azores.gov.pt/#/ato/aeaa7f85-d3aa-470b-b4c8-95886546be1c>.

**TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS PELA PRIMEIRA VEZ,
ESTEVE PRESENTE NO LANÇAMENTO DE CRÔNICAÇORES VOL. 2 EM 2011 NA HORTA**

15. (JOSÉ) GERALDO MENEZES, ACADEMIA DE LETRAS DOS MILITARES ESTADUAIS DE SANTA CATARINA,



JOSÉ GERALDO RODRIGUES DE MENEZES,

Graduado no Curso de Formação de Oficiais da Academia de Polícia Militar da Trindade – Florianópolis – SC (1992);

Bacharel em Direito pela Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI (2001);

Curso de Estratégias para Conservação da Natureza – Secretaria Nacional de Segurança Pública, Pantanal Mato-Grossense, Corumbá – MS (2008); Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais.

Especialização em Administração de Segurança Pública pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, Florianópolis – SC (2009);

Curso Superior de Polícia Militar – Polícia Militar de Santa Catarina - Florianópolis – SC (2017);

Ocupa atualmente o Posto de Tenente-Coronel da Ativa; membro da Academia de Letras dos Militares Estaduais de Santa Catarina, ocupando a cadeira nº 5, tendo como Patrono o Coronel Pedro Lopes Vieira.

Como Diretor do Colégio Policial Militar Feliciano Nunes Pires, no ano de 2017, foi Organizador da obra *Projetos Grandes Catarinenses* – Trabalhos biográficos elaborados por alunos do Colégio Policial Militar Feliciano Nunes Pires, Editora Papa Livro – Florianópolis.

Membro da AICL – Portugal.

Bibliografia

2009: *A Tragédia do Morro do Baú* – Editora Nova Letra, Blumenau;

2010: *Clube Bariga-Verde dos Oficiais – 78 anos*, Editora Insular – Florianópolis; e em

2013: *Vida de Caserna – Uma biografia do Coronel Francisco Antônio da Silva*, Editora Insular – Florianópolis

TEMA 3.1. A IMPORTÂNCIA DAS LENDAS NA CULTURA AÇORIANA - José Geraldo Rodrigues de Menezes, Academia de Letras dos Militares Estaduais de Santa Catarina – ALMESC, Brasil.

Introdução

No ano em que se comemoram os 270 anos da imigração açoriana e madeirense em Santa Catarina, buscando valorizar a preservação da sua cultura, no que se refere ao seu legado linguístico, literário, histórico e cultural, e estreitar os laços que nos unem à Região Autónoma dos Açores, procura-se evidenciar, através deste artigo, o antigo e vigoroso relacionamento açoriano-catarinense, através do estudo de lendas que se perpetuaram no imaginário popular açoriano, fazendo um paralelo com as lendas que ainda se mantêm no imaginário dos habitantes das regiões litorâneas do Estado, cuja formação se fundamenta na cultura açoriana. As lendas são aqui entendidas como narrativas fabulosas tradicionais, conservadas pela linguagem oral, onde os aspectos de prodígio que envolvem personagens e acontecimentos são também registrados pela literatura. Assentadas na cultura popular, no Arquipélago dos Açores, as lendas de Almas Penadas, de Feiticeiras, de Amor, de Ilhas Encantadas, de Lugares e Seres Fantásticos e as Religiosas, dentre outras, fundamentam os temas correntes. Em Santa Catarina, as narrativas fantasiosas dos nativos da Ilha, foram registradas mediante contributo de Franklin Cascaes, e assemelham-se aos temas deixados por açorianos e madeirenses do Século XVIII, que evidenciam a diáspora e as suas trágicas histórias marítimas. Por meio do estudo das lendas açorianas, registradas nos dois lados do Atlântico, buscar-se-á sedimentar e enriquecer os aspectos característicos da açorianidade que ainda vigoram no Estado de Santa Catarina.

2. As fabulosas lendas das Ilhas dos Açores

No desenvolvimento do estudo acerca das lendas nos Açores, pudemos vislumbrar por meio do referencial bibliográfico, os traços da identidade cultural da Região Autónoma, com suas condições climáticas adversas, com a sua insularidade característica e o fenômeno da diáspora sempre vinculada à emigração. As lendas, ainda propagadas nas nove ilhas, revestem-se de valor histórico e simbólico para a sua gente, que, através dos tempos, compartilhou verdadeiros tesouros familiares, perpetuando conhecimento e cultura popular. As narrativas fabulosas tradicionais se efetivaram em função do trabalho de recolha do patrimônio oral e tradicional em todas as Ilhas.

Para José Rossato (1986:27), “*A lenda é um episódio heroico ou sentimental com a presença de elemento sobrenatural. É conservada e transmitida através da tradição oral. Está localizada no tempo e no espaço*”.

Na lição lapidar de Avelino Santos e Lúcia Santos (2011:14), “*os textos religiosos eram lidos nos mosteiros versando sobre milagres ou a vida dos santos, estabelecendo laços ideais entre as forças sobrenaturais e os homens*”. Essas narrativas fabulosas, pertencentes à tradição oral, tinham como característica o exagero dos prodígios dos personagens ou dos fatos registrados, que poderiam ser baseados em fato histórico ocorrido. No imaginário popular, as almas penadas são representadas por espíritos que, deixando o mundo dos vivos, continuam, por variadas razões, assombrando lugares ou pessoas com quem conviveram em vida. Essas chamadas almas do outro mundo, encostos, sombras, espíritos, teriam que necessariamente expiar as suas penas e sofrer antes da possibilidade de conquistarem o paraíso. Dessa forma, os espíritos de pessoas que morreram, mas não puderam partir, por inconformismo ou sentimento de injustiça, continuam a peregrinar pelo mundo na busca de concluírem o propósito da jornada terrena. A comunicação entre as almas se estabelece através de ruídos estranhíssimos, sinais que acontecem, na maioria das vezes, em noites soturnas. São gavetas a abrir, torneiras a pingar e objetos a se mover. Os espíritos recorrem aos parentes para que intercedam nos pedidos de perdão que tragam as suas salvaçãoes. As almas não atendidas podem se tornar vingativas, podendo causar males aos animais para os quais pediram ajuda.

Uma lenda existente na Ilha de Santa Maria, denominada Procissão das Almas, conta a história de um ermitão que se encarregava de guardar e conservar a ermida de Nossa Senhora dos Anjos. Certa noite, já deitado em sua casa, situada ao lado da ermida, ouviu um barulho que se aproximava e que se assemelhava a um cortejo. Admirado, viu de sua janela a enorme procissão que se dirigia à ermida, com pessoas que trajavam vestes brancas e traziam círios nas mãos. Mesmo não sabendo da procissão, dirigiu-se à igreja, abrindo as portas para as pessoas entrarem. Depois de algum tempo, ouviu ao longe uma música suave e notou que as pessoas desapareceram, tal como tinham aparecido, compreendendo, então, que a procissão era composta por almas que continuavam a expiar os seus pecados (Santos, 2011: 39).

Em Santa Catarina, há uma versão em que os que integram a procissão dão uma vela às pessoas que, curiosas, assistem à passagem do cortejo, debruçadas em suas janelas. No dia seguinte, as velas transformam-se em ossos humanos, que devem ser guardados até o próximo ano, quando o doador virá buscá-los durante nova procissão, ocorrida sempre na noite de finados (crença popular catarinense).

Outras histórias fantásticas se referem ao amor, que, para Avelino Santos e Lúcia Santos (2011:53), é “*uma força unificadora e harmonizadora dos homens*” Desde muito tempo, as cantigas de amor idealizavam a mulher, considerada uma deusa, a quem se rendia homenagens. O tema do amor, através dos tempos, também inspirou lendas açorianas e catarinenses. Casais separados por barreiras intransponíveis, eram contagiados por um amor platônico, que superava todos os obstáculos e os unia até a eternidade. Outras vezes, as relações eram marcadas por trágicos desfechos, sendo que a morte unia aqueles que, em vida, não tiveram a oportunidade de realizar o enlace desejado. O que se pode depreender das lendas de amor é que: “*com um fim mais ou menos trágico, os açorianos não permaneceram indiferentes ao seu poder e lutaram, com mais ou menos sucesso, para viverem e descobrirem o amor*” (Santos, 2011: 56).

Exemplo de história fabulosa que fala de um amor implacável é o que encontramos na Ilha de São Miguel, em “As Lagoas do Amor”. Num tempo muito longínquo, nas Sete Cidades, Ilha de São Miguel, havia um reino próspero, cujo rei tinha uma única filha. Ao passear admirando as belezas do reino, a princesa encontrou um simpático pastor de olhos verdes que vigiava o seu rebanho. No mesmo instante, nasceu entre eles um grande amor, fazendo-os entender que estavam ligados para sempre, e que apenas a morte os poderia separar. Passaram a se encontrar às escondidas e trocaram juras de amor eterno. Ao descobrir o romance o Rei ficou furioso, pois queria um príncipe vizinho como genro e não um pobre pastor. Após derramar muitas lágrimas, pois não podiam se encontrar, a princesa pediu ao pai que

Atas colóquio da lusofonia –

apenas a deixasse despedir-se do seu amado. Seu pedido foi atendido, com a condição de nunca mais se encontrarem. Entre juras de amor eterno, os enamorados separaram-se definitivamente. Das lágrimas da princesa e do pastor, surgiram duas lagoas: uma de cor azul, perpetuando a cor dos olhos dela, e outra de cor verde perpetuando a cor dos olhos do jovem. Desde esse dia, permaneceram unidos eternamente, pelas duas lagoas que passaram a ser conhecidas por Lagoa das Sete Cidades.

Ainda se referindo ao tema do amor, outra história romanceada, registrada agora na Ilha do Faial, intitulada “O Poço das Asas”, conta a história do Morgado Silveira que, ao se deslocar à Praia do Almoxarife, pelo lugar Chão Frio, encontrou uma rapariga, de olhos claros e alma bondosa. Eles de imediato se apaixonaram e a diferença social entre eles não interferiu no seu amor. Os encontros se davam às escondidas, para evitar comentários desairosos, num lugar de tranquilidade, junto de um poço de águas cristalinas. A jovem também atraiu a atenção de outros rapazes do lugar, e todos queriam desposá-la. Porém, com simpáticas manifestações, se afastava dos pretendentes. Três rapazes desconfiados de que a moça já entregara seu coração, seguem-na e descobrem a relação que mantinha com o jovem morgado. Numa noite, ao sair de casa para o local de encontro, não achou o amado, que se atrasou, mas sim os três rapazes, que, tomados por ciúme, atiraram-na dentro do poço rodeado de penas brancas. Para não serem capturados, dois assassinos fugiram, enquanto o terceiro enlouqueceu tomado pelo remorso, pois não assassinara só a jovem, mas o filho que estava em seu ventre. Na fatídica hora da morte, o anjinho se despojara das suas penas, para punir os algozes da mãe (Santos, 2011:73).

São registradas ainda, no imaginário açoriano, as lendas de ilhas encantadas.

As ilhas vulcânicas dos Açores lhes despertavam os sentidos por suas belezas. O mar sempre exerceu sobre os homens forte influência, suscitando mistérios e o surgimento de mitos e de lendas fantásticas. Nas nove ilhas, sempre estiveram presentes as histórias encantadas, as cantigas, as bruxas, o sentimento do mar, a memória dos naufragos, a pesca das baleias e a consciência inexorável dos exílios. O portentoso arquipélago vem assinalar a cumplicidade dos portugueses com o mítico mar tormentoso. As ilhas, de certa forma, moldaram-se à fantasia.

Falaremos de uma lenda registrada na Ilha do Pico, essa Ilha maravilhosa que nos acolhe com seu ar fulguroso, com seus históricos abalos da terra, com seu fogo lendário, seus negros penhascos, magistralmente descritos por Dias de Melo em seu romance *Pedras Negras*. A lenda intitulada “A Ilha das Mil Flores” conta a história de uma mulher que vivia em São João. Certo dia, levantou-se cedo e foi à janela espreitar o tempo. Abriu-as e viu o amanhecer de um luminoso dia de verão. Ao olhar fixamente para o mar, observou que havia ao longe uma ilha repleta de flores. Achando que era uma visão, esfregou os olhos, afastou as mãos da face e voltou a olhar o horizonte na esperança de ver apenas o mar. Espantada, percebeu que a ilha permanecia lá. Deixou a janela e gritou para que o marido também visse o que ocorrera. Esse avistou apenas o mar azul. A mulher dirigiu-se então à igreja, para contar ao padre o fenômeno do aparecimento e sumiço da misteriosa ilha no horizonte. O padre lhe confidenciou que a ilha das mil flores era uma ilha encantada, que eventualmente aparecia à espera de ser desencantada. Para que isso ocorresse, a mulher deveria abençoar a ilha quando a visse, invocando o nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Todas as manhãs cedo, ao levantar-se, a mulher ia até a janela, esperançosa de voltar a ver a ilha e suas flores, porém o fenômeno nunca mais voltou a ocorrer. (Santos, 2011:171).

Bruxas e feiticeiras, que têm acompanhado a história do homem, também são temas de lendas nos Açores.

Segundo Avelino e Lúcia Santos:

“Em Portugal, a partir de 1547 começa a perseguição da Inquisição às ‘bruxas’, além das pessoas que praticavam profissões liberais. Os crimes abrangiam práticas mágicas e supersticiosas como invocação de espíritos e lançamento de olhados, benzeduras, etc.” (Santos, 2011:73). Já naquela época, muitas vezes, as pessoas recorriam às feiticeiras para verem seus desejos concretizados. A feitiçaria era praticada sobretudo por velhas ou viúvas, que recebiam como paga de seu feitiço uma moeda, ou pedaço de pão. Mesmo considerando que, durante a Inquisição, feiticeiras, bruxas e curandeiras estavam ligadas à prática da magia, estudiosos asseveram que a feitiçaria exercia uma prática individual por meio de sortilégios e encantos, enquanto a bruxaria, com caráter coletivo, associava-se a um culto. As feiticeiras curavam os males praticados pelas bruxas, lidando com maestria com as ervas medicinais, fossem elas de poderes curativos ou mortíferos. Podiam tirar o quebranto e curar mazelas. (Santos, 2011: 119).

Uma lenda curiosa é registrada na Ilha das Flores, denominada “A cabrinha Feiticeira”.

Conta a história que um jovem lavrador vivia na Fajã Grande, Ilha das Flores. Namorava uma rapariga da mesma freguesia, cujo pai havia falecido e que morava apenas com a sua mãe. Nos fins de tarde, o rapaz ia à casa da donzela para namorarem. A moça tinha um especial fascínio por feiticeiras, sempre abordando o tema com o namorado. Ele, por sua vez, reiterava não existirem feiticeiras. A moça além de acreditar na existência das feiticeiras, afirmava que essas viviam no entorno deles. Ao retornar à noitinha para casa, o rapaz reparou que suas duas cabrinhas andavam soltas pelo caminho. Ficou intrigado, pois estarem soltas não era habitual, e tentou apanhá-las sem êxito. Afrito por não conseguir deter os animais, com uma tranca desferiu uma pancada numa das cabras. Com o impacto, que lhe rasgou a pele, a cabra desapareceu, sendo que a namorada surgiu em seu lugar. O rapaz, boquiaberto com o ocorrido, pode compreender que de fato existiam feiticeiras e que a moça era uma delas. Depois disso, voltou depressa para casa e não mais falou com a rapariga. A partir de então, quando regressava à sua casa, uma cabrinha acompanhava-o de longe, zelando por sua segurança (Santos, 2011: 143).

Classificadas como lendas de lugares, histórias relacionadas aos topônimos fazem parte do patrimônio, refletindo suas origens, seus usos e costumes. Os nomes próprios dos lugares estão ligados aos valores culturais de um povo, imortalizando a importância de fatos, costumes, pessoas e eventos que perdurarão na memória cotidiana da população. As comunidades e freguesias nomeiam os lugares baseados na tradição, que se perpetuam através da memória. Pode ser um fato que ficou registrado, fora do comum, ou a existência de um personagem relevante (Santos, 2011: 179).

Dentro desse contexto, evidencia-se uma lenda nominada “O Cavaleiro da Ilha do Corvo”, registrada na Ilha de mesmo nome.

Ao navegarem para o ocidente no século XV, marinheiros portugueses descobriram uma ilha diminuta e desabitada, batizando-a de Ilha do Corvo. Ao executarem atenta aproximação, observaram de um penhasco uma estátua equestre. Era formada por cavalo e cavaleiro, que se fundiam esculpidos em um negro bloco de basalto. O cavalo magnífico apontava para a frente e para o poente, tendo como apoio as patas traseiras. Indicava a todos que o contemplavam o caminho do Novo Mundo, então desconhecido dos homens. Em seu braço erguido, o cavaleiro empunhava sua espada, impelindo os portugueses a seguirem no caminho dos descobrimentos. No reino, D. Manoel I soube da descoberta, decidindo que a estátua deveria ser trazida à Corte. Ao transportá-la ao barco, atendendo às ordens do Rei, os homens deixaram-na cair, sendo que a mesma partiu-se em muitos pedaços. Para provar o acontecido, pequenos fragmentos foram levados à presença de D. Manoel I, e grande parte permaneceu na Ilha, no local que atualmente assinala o marco de onde estava a estátua (Gaspar Frutuoso, 1998:153).

Necessário se faz mencionar ainda a existência das lendas religiosas nos Açores. O aspecto religioso está fortemente ligado ao povo açoriano, evidenciando-se o registro dessas lendas através dos tempos. Os intrépidos portugueses que povoaram o Arquipélago, traziam em suas bagagens seus costumes, usos e a crença no Espírito Santo. Esse aspecto religioso permaneceria vivo nas nove ilhas, e a fé no Divino era repassada por gerações. Nossa Senhora inspirou inúmeras lendas nas Ilhas, e do culto à Virgem surgiram significativo número de igrejas e capelas. Acredita-se que a Ilha de Santa Maria, primeira a ser descoberta, foi avistada pela intervenção de Maria.

Em Santa Catarina, segundo Lélia Pereira Nunes (2010:127), as Festas do Divino Espírito Santo *“caracterizavam-se pelos solenes rituais religiosos e grandes folguedos populares que movimentavam toda a Vila de Desterro e vizinhança”*. Esclarece ainda que: *“A Bandeira do Divino começam [sic] uma semana antes com grande afluência de público que lotava desde o Império, barraca, adro, até os recantos da Praça XV de novembro, situada em Frente a Igreja Matriz.”*

Dentre as lendas religiosas, uma, em especial, registrada na Ilha de São Jorge é intitulada “As varas do Espírito Santo”.

Conta a lenda que há muitos anos, a população residente na Ilha se desentendia e praticava abusos. Os padres, em suas missas, pediam que as pessoas fossem humildes e falava de castigos divinos. No dia 01 de maio de 1808, sentiram uma grande erupção, sendo que lavas incandescentes desciam do cume da serra, aterrorizando a todos. Um Padre, de nome Francisco, organiza então uma procissão, pedindo a Deus que parasse a erupção. Transportavam uma coroa do Espírito Santo, dentro de um quadro formado por varas, quando num lugar chamado Santo Antônio, no Pico da Esperança, jogaram as varas ao chão, formando um traçado para que as lavas se desviassem para o mar. A fé no Espírito Santo havia possibilitado a mudança de trajetória da lava, de acordo com o caminho definido pelas varas (Santos, 2011: 312).

Outra lenda religiosa, agora registrada na Ilha Terceira, no Século XVI, é intitulada de “O Senhor Santo Cristo da Praia”, e assinala que, depois de uma grande tempestade, foi encontrado na areia da praia um grande caixote que chamou a atenção de todos. Tomados por curiosidade, com cautela e coragem, alguns homens o abriram. Ficaram pasmados ao constatarem que, em seu interior, encontrava-se uma imagem do Senhor Santo Cristo. Resolveram chamar o padre, que organizou uma procissão, transportando a imagem para a Igreja da Misericórdia. Pessoas de várias localidades da Ilha vinham ver a imagem e orar, junto à capela-mor. Porém, alguém exclamou que tão digna imagem deveria ser levada a um templo de maior relevância, como a Igreja da Sé. Acatada e sugestão, ao se tentar proceder a transferência da imagem, disposta em um carro de bois ornamentado, a mesma restou impossibilitada, pois os bois sequer se moviam. Os comandos do dono e o uso da força não bastaram para mover os animais. Adotaram uma outra opção, tentando trasladar a imagem com uma embarcação. Porém, a cada tentativa, ventos tempestuosos faziam a ondas se erguerem e atingirem grande tamanho. Então concluíram que o Senhor Santo Cristo não desejava deixar a sua igreja na praia, restando a eles recolocarem a imagem no mesmo local onde desejava permanecer (Santos, 2011: 303).

Através dos tempos, as Lendas de Seres Fantásticos, como sereias e lobisomens, povoaram o imaginário dos açorianos. Seres lendários e misteriosos passaram a integrar as histórias contadas no dia a dia, transmitidas através das gerações. As histórias tradicionais atribuíam aos deuses o poder de se apropriarem da natureza de alguns animais, surgindo as lendas de lobisomens, que descreviam a transmutação de seres humanos em lobos, sob influência direta da lua cheia, e suas investidas noturnas nas matas para atacar animais e pessoas, com posterior retorno à forma humana. Segundo depoimento de Franklin Cascaes (1981:89), concedido a Raimundo Caruso, e publicado na obra *Vida e Arte e a colonização açoriana: “Os lobisomens apareciam com muitas formas, mas geralmente falavam que era um porco. E em alguns livros que consultei, sobre as histórias de lobisomem lá na Europa, vi que eram quase iguais aos nossos.”*

Voltando aos Açores, na Ilha Graciosa, tem-se o registro de uma lenda intitulada “O porco misterioso”. Na praia da Freguesia do Conselho de Santa Cruz da Graciosa, uma mãe, ao sair de casa, manteve o seu bebê no berço, porém, deixou a porta “das traseiras” abertas. Vagueando pelo quintal, ao perceber a entrada aberta, um porco adentra à cozinha na busca de comida. Comendo sofregamente encontra o berço do bebê, ingerindo inclusive parte das cobertas da criança. Após regressar, a mãe flagra o porco próximo do berço e assustada espanta o animal. Algum tempo após, ao regressar do trabalho, o pai se aproxima da esposa que percebe que em seus dentes haviam fios idênticos aos cobertores do seu bebê. Tomada de preocupação, percebeu, então, que o porco na verdade era o seu marido, um lobisomem que se transformava no primeiro animal que se deparasse (Santos, 2011: 386).

Esboçados os componentes imaginários de algumas lendas existentes nas nove ilhas dos Açores, é necessário realçar o confronto cultural existente neste mesmo contexto, na obra de Franklin Cascaes e de outros autores brasileiros.

3. O contributo de Franklin Cascaes no imaginário açoriano-catarinense

Franklin Cascaes nasceu no ano de 1908, em Itaguaçu, localidade então pertencente ao Município de São José, hoje Florianópolis. Estudou na Escola de Aprendizes Artífices e, como artista, foi um autodidata, utilizando seu talento para realizar trabalhos no campo da escrita, desenhos, esculturas e artesanato, com intuito de resgatar o legado deixado pelos açorianos que imigraram para o litoral catarinense. Seus escritos dão a dimensão do seu grande amor pela Ilha de Santa Catarina, sendo que dedicou a sua vida aos estudos da linguagem popular açoriano-catarinense. Escritor de expressão, coletou seus dados na Ilha e em sua faixa litorânea fronteiriça, estudando principalmente os falantes pouco escolarizados. Sua fonte de pesquisa eram as próprias comunidades existentes no interior da Ilha. O amor por sua terra e suas raízes o impeliu a imortalizar as danças, os rituais e as lendas, manifestações culturais do seu povo, através de sua obra.

Atas colóquio da lusofonia –

Walter Piazza (1992:453), ao tratar do isolamento sócio cultural das comunidades do litoral catarinense, se tornando desta forma receptáculos da cultura popular açoriana, assinala que: “os tópicos da “cultura popular” são de mil e uma nuanças”. O historiador menciona as manifestações religiosas, como as Festas do Divino Espírito Santo e a devoção ao Senhor dos Passos. Aborda os aspectos lúdicos da cultura catarinense, como o boi na vara, que “de certa forma eram aparentados com a ‘tourada’ à corda da Ilha Terceira” (1992:454). Aponta a pesca artesanal como fundamental na subsistência do ilhéu, além da farinha de mandioca, com fabrico manual, herdado dos indígenas do Brasil.

Para realizarem a pesca artesanal no litoral de Santa Catarina, os açorianos utilizavam-se das baleeiras.

Segundo Pacheco (2009:39),

“A baleeira da Ilha de Santa Catarina é uma embarcação que possui influência dos botes açorianos e americanos, sendo que o conhecimento de fabricá-la e usá-la na caça à baleia, provavelmente, chegou com os açorianos em meados do século XVIII”.

Se nos Açores, as baleeiras buscavam capturar cetáceos da espécie Cachalote, no sul do Brasil as baleias Franca é que eram capturadas e abatidas. Ao mencionar o fabrico das baleeiras, Pacheco (2009:40) assinala que:

“A baleeira era muito típica na orla catarinense, especialmente a construída no Ribeirão da Ilha, bastante requisitada e encomendada por pescadores artesanais. Essas embarcações são encontradas nas comunidades onde os açorianos se assentaram ao longo do litoral do Estado, entre Laguna (Sul) e São Francisco do Sul (Norte)”.

Além da pesca artesanal, segundo Nereu do Valle Pereira (1992:189), os açorianos:

“Chegados aqui, e encontrando aquela saborosa e versátil farinha de mandioca, dedicaram-se tenazmente à prática agroindustrial de sua produção revolucionando a tecnologia encontrada com a introdução de métodos mais avançados; que a época europeia detinha”.

Dedicando-se durante décadas ao estudo da influência açoriana em Santa Catarina, Franklin Cascaes (1981:57), assevera:

“Os açorianos não conheciam a mandioca antes de vir para a Ilha, foram conhecer aqui. Lá eles não tinham mandioca, como não tem ainda, não se preocupam com o plantio da mandioca. A mandioca foi um alimento novo: mas quando eles chegaram, a partir de 1748, eles já encontraram engenhocas funcionando.”.

Expoente no estudo da História de nosso Estado, Walter Piazza (1992:445), ao mencionar as razões para a preservação da cultura açoriana em Santa Catarina assinala:

“A mesma língua, com pequenas diferenças de sotaque, a manutenção do “status” de súdito da Coroa Portuguesa, fazendo com que o açoriano não se sentisse estrangeiro em terras brasileiras, e, evidentemente, a semelhança de hábitos com os outros moradores.

Acrescente-se, para o caso específico, das comunidades implantadas em Santa Catarina, a fundação delas, isoladas, em alguns casos, umas das outras, com difíceis meios de intercomunicação.”

Os povoadores do litoral de Santa Catarina, isolados socioculturalmente, foram preponderantes para a preservação dos traços culturais açorianos. Na verdade, era pequeno o contingente de habitantes da província de Santa Catarina. Com a imigração, se somaram a este contingente, aproximadamente seis mil Açórico-Madeirense, entre os anos de 1748-1756.

Abordando a estruturação das novas comunidades, Piazza (1992:453), afirma: “essas comunidades, vivendo no isolamento sociocultural que, então, havia no litoral catarinense se tornaram, evidentemente, os receptáculos em que se guardaram as mais vibrantes e profundas manifestações da cultura popular de gente açoriana”.

Franklin Cascaes faleceu em 1983, sendo que por sete décadas observou e registrou os traços culturais, linguísticos, religiosos, fantasmagóricos e míticos da sua gente. A Universidade Federal de Santa Catarina publicou no ano do seu falecimento o primeiro volume de contos de sua autoria, intitulado “O fantástico na Ilha de Santa Catarina”. Em 1992 viria a lume o segundo volume, com vinte e quatro narrativas. Nessas narrativas, reproduz fragmentos do inconsciente popular na seara da fantasmagoria, com relatos dramáticos de crenças em personagens como lobisomens e boitatás, mas principalmente sobre bruxas, a cujos malefícios os habitantes mais simples da ilha atribuíam as anomalias existentes e a violência dos fenômenos naturais.

Em Balanço Bruxólico, Cascaes (2014:43), reafirma essa ideia ao mencionar: “Já ouvi contar, ao pé do fogo, nas cozinhas de chão batido, em noites estreladas dos rigorosos invernos de outrora, lindas estórias com relação às proezas fadóricas das famosas bruxas da Ilha de Nossa Senhora do Desterro. Assim começa a imaginação fértil do caboclo açorita a dar vazão à sua filosofia natural, sem enfeites e arranjos teológicos”.

No contexto da narrativa “Reumatismo Bruxólico”, ao mencionar as histórias transmitidas pelos antepassados açorianos, na Ilha de Santa Catarina, Cascaes (2014:205), assevera que no sítio: “... nos domingos à tarde, costumam sentar-se nos bancos e nos portais da casa da venda, em cuja reunião se fala de roça, pescaria, moças fugidias, festas e até se contam muitas histórias da tradição das coisas da vida do povo do passado.” Entusiasta da palavra, Cascaes manifesta em toda a sua obra o respeito ao sacro, através das crenças espirituais fantásticas e a predileção pela simplicidade do seu povo sofrido, que vivia da pequena cultura de mandioca e da pesca artesanal. Suas narrativas contemplavam e tinham como personagens os moradores das freguesias da Ilha de Santa Catarina, sendo que reproduzia seus falares Açoriano-Catarinenses. Ao enaltecer sua terra e referenciar o legado dos açorianos (Cascaes, 2014:29), exclamava: “Eh! Minha Ilha de Nossa Senhora do Desterro! São grandes legados da cultura popular humana essas crenças espirituais fantásticas que dão vida simbólicas fictícias a seres invisíveis”. Os nascidos na Ilha de Santa Catarina escutavam estórias onde mulheres bruxas roubavam as embarcações para viajarem até a Índia, em apenas quatro horas. Que chupavam o sangue de criancinhas, “intocavam” com os adultos e praticavam mil malas-artes. E de que todas essas estórias teriam vindo dos Açores.

Cascaes (2014:32), assinala: “[Os imigrados,] sentados a soleira da porta, sobre pedras ou pelo chão do terreiro, recolhidos sob frondosas sombras de garapuvu e outras árvores nativas, saudados pelo cantar dos gaturamos, sabiás, bem-te-vis e outros muitos pássaros ilhéus, abriram o livro do pensamento açorita, em cujas páginas liam as estórias populares que trouxeram nas malas de suas bagagens culturais, para doarem aos seus herdeiros.” As feitiçerias, diferentemente das bruxas, fazem o bem para todos, rezando e praticando a benzedura com forte poder espiritual, em oposição ao empresamento daquelas, equivalendo-se, na época, aos doutores que procuram curar as pessoas.

Alceu Maynard Araújo e Vasco José Taborda (s.d: 164), ao organizarem lendas e estórias de Santa Catarina, que integram a *Antologia Ilustrada do Folclore Brasileiro*, afirmam que colonos açorianos trouxeram a graça de seu falar para a nova terra. A rica compilação inclui lendas de assombração, milagres, como o de Santo Amaro, onde o intendente de uma freguesia pretendia remover uma pequena imagem da igreja e substituí-la por uma maior, e, como nos Açores, o mar tempestuoso não permitiu. Uma outra lenda compilada pelos autores acima mencionados, intitulada “Bruxas”, de Lucas Alexandre Boiteux, nos dá conta:

“Quando de um casal nascem sete filhas, sem nenhum menino de permeio, a primeira ou a última será, fatalmente, uma bruxa. Para que isso não venha a acontecer, faz-se mister que a mana mais velha seja a madrinha de batismo da mais moça. São apontadas, como tal, certas mulheres magras, feias, antipáticas. Dizem que tem pacto com o demônio, lançam maus-olhados, acarretam enfermidades com os seus bruxedos, etc. Costumam transformar-se em mariposas e penetram nas casas pelo buraco da fechadura. Têm por hábito chupar o sangue das crianças ou mesmo de pessoas adultas, fazendo-as adormecer profundamente”.

amor que Franklin Cascaes nutria por sua Ilha é indescritível. Era um apaixonado por suas raízes e declamava esse amor imortalizando em seu texto: “Linda Ilha de Santa Catarina, és tão linda, bela e tão admirada que até os cavalos que habitam o teu solo galopam pelos espaços siderais dos teus céus, pilotados por encantos bruxólicos, enlevados por músicas deslumbrantes e divinatórias”. (2014: 65).

Não podemos nos debruçar sobre o estudo da terra catarinense, sem necessariamente conhecer os vestígios deixados pelos açorianos que lá chegaram no Século XVIII. Irmanados, e felizes por vivenciarmos este Colóquio na Ilha do Pico, estamos convictos de que nossos esforços não permitirão que interesses e influências externas ameacem a identidade insular dos dois lados do Atlântico, devendo esta ser preservada com todo o nosso empenho e inspiração.

6. Conclusão

Após estabelecidas e efetivadas as ações no âmbito desta pesquisa, pode-se concluir que o estudo das narrativas fabulosas e ancestrais, feitiçarias e histórias produzidas nas Ilhas do Arquipélago do Açores e na Ilha de Santa Catarina, procurou contribuir para a dinamização Intercultural e como estímulo para que as pessoas conheçam um pouco mais os Açores, estimulando, no Brasil, a valorização dos aspectos característicos da açorianidade que ainda vigoram no Estado de Santa Catarina. O trabalho buscou contribuir com o resgate da preservação e identidade açoriana, no contexto de uma cooperação mútua, existente nas Comunidades Lusófonas espalhadas pelo mundo, dentro de um sonho acalentado, de criar novas formas de preservação da memória produzida pela diáspora. No desenvolvimento da pesquisa, procurou-se captar e transfigurar a memória açoriana através de seu imaginário, projetando-a na escrita literária, com tenaz preocupação em preservar a memória dos imigrantes açorianos e a presença insular na formação brasileira e especialmente catarinense. À guisa de conclusão, restou ainda evidenciado que, em torno da identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições, evidencia-se o enriquecimento da lusofonia, como instrumento riquíssimo da aproximação de povos e culturas e da tão almejada sedimentação da Língua Portuguesa.

Referências Bibliográficas

Araújo, Alceu Maynard; Taborda, Vasco José. (s.d), *Estórias e Lendas de São Paulo, Paraná e Santa Catarina – Tomo II. São Paulo: Literart.*

Cascaes, Franklin Joaquim. (1981) *Franklin Cascaes – Vida e Arte e a colonização açoriana. Entrevistas concedidas e textos organizados por Raimundo C. Caruso. Florianópolis: UFSC.*

Cascaes, Franklin. (2014) *O fantástico na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC.*

Fruituoso, Gaspar. (1998) *Livro Sexto. Fonte: http://www.azoreangenealogy.com/biblioteca_acoreana_livros.htm*

Disponível em <<https://sites.google.com/site/saudadesterra/>> Consultado em 10 de junho de 2018.

Nunes, Leila Pereira da Silva. (2010) *Caminhos do Divino – Um olhar sobre a Festa do Espírito Santo em Santa Catarina. Florianópolis: Insular.*

Pacheco, Joel.(2009) *A Canoas baleeira dos Açores e da Ilha Santa Catarina. Florianópolis: Ed. do Autor.*

Pereira, Nereu do Vale. (1992) *Os engenhos de farinha de mandioca da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Editora Fundação Cultural Açorianista.*

Piazza, Walter Fernando. (1992) *A epopeia açórico-madeirense (1747-1756). Florianópolis: Lunardelli.*

Rossato, José Carlos. (1986) *Nosso folclore. São Paulo: Soma.*

Santos, Avelino; Santos, Lúcia. (2011) *As lendas no imaginário açoriano. Ilha Terceira, Açores: Blu.*

SÓCIO AICL

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

16. HELENA ANACLETO-MATIAS, ISCAP, INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO.



Belmonte 2017



MAIA 2013

VILA DO PORTO 2011

MAIA 2013

BRAGANÇA 2007

(MARIA) HELENA ANACLETO-MATIAS é licenciada (1988), mestre (1997) e doutora (2015) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e tem duas pós-graduações em Estudos Americanos (Smith College, EUA) e Interpretação de Conferências (Universidade de Genebra).

Foi bolseira do DAAD, do Instituto Goethe, da Comissão Fulbright, do Parlamento Europeu e dos Programas de Formação de Docentes do Ensino Superior do PRODEP, do PROTEC e do PRODOC. Fez uma mobilidade na Universidade de Torun, na Polónia, e lecionou português como Língua Estrangeira no Porto, em Matosinhos e em Bruxelas.

Publicou “Emma Lazarus, Vida e Obra” em 2008 pela Editora Cão Menor, baseada na sua tese de mestrado e uma tradução de um manual de inglês para português que está online num projeto de âmbito europeu.

Tem participado em conferências nacionais e internacionais e publicado nas áreas da tradução, linguística e estudos literários e culturais ao longo da sua carreira de leitora de inglês, assistente e professora adjunta no Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, participando assiduamente nos Encontros da Lusofonia desde 2003. Terminou o doutoramento em 2015.

Tema 4.1. Traduzindo Humor: uma Reflexão com Exemplos Práticos, Helena Anacleto-Matias, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Instituto Politécnico do Porto

François Rabelais afirmou que o riso constitui um fenómeno humano⁹⁰. Propondo uma abordagem pautada pelos Estudos Descritivos da Tradução, gostaríamos de abordar uma problemática prática na tarefa da tradutora, nomeadamente a tradução de passos humorísticos.

Através da aceitação dos pressupostos teóricos de Attardo, que defendem um enquadramento linguístico-sonoro na análise de textos humorísticos⁹¹, propomos que o nos faz rir na língua de partida pode não ser engraçado na língua de chegada; o mesmo é dizer que o que nos faz rir numa cultura, por vezes não tem qualquer efeito humorístico e/ou não faz sentido numa outra cultura. Por exemplo, se considerarmos o fenómeno da Diglossia, com a existência de duas variantes linguísticas dentro de uma só língua, podemos ver o efeito humorístico em alguns casos sob certas condições⁹².

Por outro lado, concordamos com a definição de Dirk Delabastita de “jogo de palavras” quando afirma:

“O jogo de palavras é denso, mas abrangente; Jogo de palavras é o nome genérico para vários fenómenos textuais nos quais características estruturais da(s) língua(s) são exploradas para fazer vir à tona um confronto comunicativamente significativo de duas (ou mais) estruturas linguísticas com formas mais ou menos idênticas”⁹³ (n/ tradução).

Por conseguinte, ilustrando com casos práticos da tradução de “Unholy Ghosts” de Richard Zimler, pretendemos levar a cabo uma breve reflexão sobre a tradução do humor como um dos casos especiais na tradução literária. Rir é humano. É talvez a característica que nos distingue de todos os outros animais. Achar graça a um determinado evento constitui uma particularidade dos seres humanos. Mesmo os símios, quando esboçam um (sor)riso, não é com a mesma propriedade. Por outro lado, nem tudo o que nos faz rir numa língua e numa cultura é engraçado numa outra língua ou cultura. Existem determinados contextos culturais que determinam se uma situação é engraçada numa determinada cultura e que num ato de tradução se pode perder. Por outro lado, ainda, talvez uma situação traduzida para uma outra língua passe a ser ainda mais divertida do que no texto original.

Devemos ter em conta que o ato de tradução comporta em si problemáticas tais que ou se perde ou se ganha quando se fala de humor. Passemos então a concretizar com exemplos da tradução de “Unholy Ghosts” (designado a partir deste momento por UG) de Richard Zimler. Um dos elementos mais engraçados em UG é o registo da personagem principal. Na realidade, António, o Aluno de guitarra clássica, é jovem que usa calão e regionalismos portuenses utilizando a linguagem com jogos que são difíceis de traduzir para português, pois a obra está escrita originalmente em inglês. Tanto que esse é um dos maiores desafios para a tradutora: criar um texto em língua portuguesa que traduza o mesmo espírito irónico ou contundente, divertido ou com humor triste, que faz o leitor rir ou sorrir ou rir-se a bandeiras despregadas, mesmo que muitas expressões humorísticas tivessem como base a cultura desse jovem português.

Quando António e o seu Professor conversam, há sempre uma nota de humor presente e esse desafio de tradução deve ser enfrentado de forma construtiva. O calão e a linguagem mesmo por vezes marginal implica encontrar no texto de chegada um registo semelhante, que produza no leitor o efeito paralelo àquele que o autor Richard Zimler conseguiu criar no seu público leitor de língua inglesa.

Tal como François Rabelais afirmou: “À primeira vista, é fácil definir humor. O Humor causa divertimento, um sorriso espontâneo e riso. Tanto quanto parece, o humor é um fenómeno próprio dos humanos (...) No entanto, a pesquisa moderna não confirma esta simplicidade prima facie”⁹⁴ (n/ tradução).

Consequentemente, os Estudos Descritivos da Tradução, tal como o próprio nome indica, descrevem como uma tradução foi feita, as razões segundo as quais se optou por aquela determinada estratégia tradutiva, ao porquê de algo ser traduzido assim e não de outra forma.

⁹⁰ (in <https://benjamins.com/online/hts/articles/hum1>)

⁹¹ (Attardo 1994, 2001 in https://www.researchgate.net/publication/261653424_A_Cognitive_Approach_to_Literary_Humour_Devices_Translating_Raymond_Chandler)

⁹² (in https://www.researchgate.net/publication/236810363_Diglossia_as_an_Agent_of_Humor_in_the_Writings_of_Elena_Akrita)

⁹³ (in <https://www.semanticscholar.org/paper/Wordplay-in-translation-Vandaele/269699f2a46e72fa5b2ec5d2235293f33d26dd23>)

⁹⁴ (in <https://benjamins.com/online/hts/articles/hum1>)

Gostaríamos de abordar e refletir sobre o fenómeno do humor numa problemática prática na tarefa da tradutora, nomeadamente a tradução de passos humorísticos. Os idiomatismos também representam um desafio para a tradutora, especialmente se forem humorísticos. Reafirmamos assim que há piadas que resultam muito bem na língua de partida e às vezes até são suplantadas na língua de chegada. Há construções de sentido que resultam culturalmente muito bem numa língua de chegada. A Linguística Cognitiva analisa estes fenómenos como objeto do seu estudo. Gideon Toury, um dos mais conceituados descritores de tradução, confrontou textos de partida com textos de chegada de tal forma que conseguiu problematizar a questão da tradução relacionada com a construção de sentidos convencionados (Attardo 1994, 2001).

No que toca à Gramática Construtivista, particularmente de Fillmore e Kay, esta sugere que se pode entender melhor a investigação de uma tradução se nos concentrarmos na [A] codificação e descodificação de idiomatismos e sentidos de construção convencionados e [B] diferentes tradições e repertórios humorísticos (Toury 1997) em duas línguas. “*Uma possível hipótese é apresentada tendo em conta um relacionamento sugestivo e motivado observado em diferentes fases num esforço humorístico incutido, o qual terá um impacto e apreciado [ou não, por quem o escuta]*” (n/ tradução: Attardo et al. 1994)⁹⁵.

Concretamente, conforme já afirmado anteriormente, o que nos faz rir numa língua pode não ser engraçado na língua de chegada; o mesmo é dizer que o que nos faz rir numa cultura, por vezes não tem qualquer efeito humorístico numa outra. A Diglossia, a existência de duas variedades linguísticas dentro da mesma comunidade linguística, podem ser usadas para criar um sentido de efeito humorístico. A incongruência, a surpresa dentro de uma língua, podem ser usadas como elementos humorísticos que, embora não sendo formalizados ou estando à disposição, criam efeitos humorísticos sob determinadas condições numa comunidade linguística específica.

O trabalho *de Elena Akrita, um elemento da nova geração de humoristas gregos, mostra muitos casos de instâncias textuais onde impera a diglossia e o humor relacionado com aquela: “Se desejarmos ligar divertimento a uma variedade linguística dantes reverenciada, essa variedade teve de ser ‘vilanizada’ e, portanto, perdeu o estatuto. Este é o caso de ‘katharévusa’, como o humor de Akrita mostra*”⁹⁶ (n/ tradução).

Na comunicação transcultural, o humor e o desacordo entrelaçam-se para enriquecer o conhecimento pragmático e cultural e apresentam a identidade pessoal entre falantes quase nativos de uma determinada língua⁹⁷:

O humor interativo tem dois fenómenos sob escrutínio: a hiper-compreensão por um lado, e a falta de compreensão por outro. (Veale et al., 2006) que são categorizadas como reviravoltas de conversa reativa enquanto ligam uma fala previamente enunciada⁹⁸.

Por seu lado, a definição de Dirk Delabastita’s de jogo textual é densa, mas abrangente, como vimos acima⁹⁹.

As anedotas fonéticas ou anedotas que usam uma língua para parodiar os sons de outra língua são selecionadas de uma grande variedade de textos possíveis como ferramentas heurísticas para analisar a relação entre som e sentido dentro de um contexto humorístico¹⁰⁰.

Na obra UG há, portanto, exemplos de notas humorísticas de referência masoquista homossexual, típica da linguagem *Camp* que o Professor, uma das personagens principais, usa nas suas constantes referências irónicas sobre si próprio e sobre a sua relação com os outros homens.

Numa entrevista nossa a Richard Zimler, este afirmou que a linguagem do Narrador da obra UG é direta e crua, sendo mesmo cáustica:

Sim, o narrador é espirituoso e cáustico. Essa é uma parte da minha personalidade. Por vezes penso que se a minha vida tivesse corrido mal – se eu não tivesse encontrado um parceiro amoroso e não tivesse sucesso como escritor – a minha vida seria parecida com a vida do narrador. Em parte, o seu sentido de humor é uma forma de lidar com a amargura e todos os seus traumas de uma forma mais positiva; e de lidar com as suas dificuldades com o António. É a sua maneira de lidar com as situações, de manter a sanidade mental (n/ tradução).

Sugerimos que a sensibilidade *Camp* serve a agenda propagandística da causa homossexual no que toca à sua identidade. Segundo Harvey, as características de *Camp Talk* estão ligadas a quatro estratégias concertadas – ironia, estética, teatralismo e humor (1998: 304): “*Camp deveria ocupar um lugar central enquanto o corpo total de práticas e estratégias usadas para afirmar a identidade queer*” (n/ tradução: Harvey, 1998: 305) e a linguagem *Camp* pode e deve ser vista como um recurso para condenar a sociedade heterossexual homofóbica: “*Camp (...) pode ser visto como um recurso semiótico típico (e mesmo talvez um recurso chave) de homens Gay na sua crítica da sociedade hetero na sua tentativa de criar um espaço para a diferença deles.*” (n/ tradução: Harvey, 1998: 311).

Na realidade e passando para uma componente marcadamente existente no texto UG, vemos que o humor é particularmente difícil de traduzir. Quando se pretende traduzir uma anedota, essa tradução tem um acréscimo de dificuldade, porque culturalmente, o que faz rir pessoas de um país, não é por vezes nada engraçado para outras de países diferentes. Segundo Eleni Antonopolou, a produção de correspondências translatórias para um efeito jocoso revela-se mais fácil quando duas anedotas têm na sua base os mesmos âmbitos de referência: “*Dois anedotas são mais parecidas entre elas, consoante haver mais quantidade de Recursos de Conhecimento [Knowledge Resources]*” (n/ tradução: Antonopolou, 2002: 198).

No caso da anedota que o Narrador de *Unholy Ghosts* conta ao Diretor do Conservatório, o Ramalho, quando lhe quer pedir alguns dias de ausência ao serviço letivo no fim do ano académico, para empreender a viagem através da Europa com António, e quando aquele lhe diz que foi um cliente muito potente na véspera com uma prostituta em Lisboa, os âmbitos de referência que os leitores partilham com o Narrador (isto é, a mitologia nórdica), também são as mesmas. Relembrando a anedota, quando o deus nórdico Thor persegue uma moça nos campos de Copenhaga, levanta o seu martelo sagrado acima da cabeça e exclama:

– Eu sou Thor, o deus da trovoadas.

Ao que a pobre da mulher responde:

– Tu és Thor, e eu estou tão “thorida” que não vou conseguir andar durante quinze dias!” (*Espíritos Ímpios: Error! Bookmark not defined.*

Na anedota que o Narrador conta a Ramalho, há um trocadilho fonético entre o nome do deus Thor e a palavra “sore” (“dorida”). Na realidade, quem não percebe a anedota é Ramalho, que não sabe que o som “Th” é por vezes mal pronunciado pelos falantes portugueses que empregam erradamente a sibilante “S” tanto no início, como no meio de palavras em inglês. No entanto, um público que conheça as pronúncias inglesa e portuguesa quando fala inglês, achará graça ao trocadilho fonético porque tem os mesmos “âmbitos de referência”, no dizer de Antonopolou, que a personagem que conta a anedota. Apesar de, tal como o narrador a conta, a piada funcionar com referência à língua inglesa, também funciona em língua portuguesa, já que o nome de Thor é associado ao sufixo “-ida”, sugerindo “dorida”.

Um outro exemplo que descrevemos e que está relacionado com a transcriação do humor é o som de “Do you need money?” (“– Precisa de dinheiro?”), que pareceu ao Professor “Jew meet mowney?” ou seja “Judeu encontra dinheiro?” e que é uma nota de humor no contexto da obra – por isso o Narrador se ri, por ele próprio ser judeu. Assim, não só há o cómico de personagem – o leitor é levado a rir-se da falta de perícia fonética no uso do inglês por parte do cavaleiro espanhol que fala com ele na esplanada de Madrid –, mas também há o trocadilho de linguagem. Na realidade, o autor Richard Zimler é judeu, “meet” podia ser trocado com “neat” (“bestial”) e “mowney” lembra “moaning” (“lamentar-se”), que é um lugar-comum nas falas das personagens de *Unholy Ghosts*. Assim, ao leitor português é evocada a ideia de “O Judeu é bestial a lamentar-se?”, o que causa o riso, porque quando o senhor espanhol disse “Jew meet mowney”, o Professor responde, “– Não, este Judeu está muito bem”.

Quanto aos trocadilhos, as teorias cognitivas linguísticas, a Gramática Construtivista e a teoria geral do Humor Verbal de Salvatore Attardo indicam que há emparelhamentos de forma e sentido (“form-meaning pairings”), ou seja, existem recursos formais e semânticos que se complementam e confirmam mutuamente em determinados enunciados (Antonopolou, 2002: 199). Além disso, “o *sentido das construções frásicas pode ser arbitrário (i.e. idiomático) da mesma forma que o sentido de uma só palavra é arbitrário*” (n/ tradução: Antonopolou, 2002: 199). Portanto, a arbitrariedade deve ser tida em conta quando se está a transcriar um texto humorístico que poderá não atingir os mesmos efeitos cómicos que o original, se o texto tiver de recorrer à paráfrase:

Como certos aspetos do sentido estão convencionalmente ligados a uma construção multiconstituída, é possível explicar parcialmente o motivo das paráfrases não terem o mesmo efeito humorístico de outras construções formalmente parecidas e que pertencem a diferentes línguas que podem causar efeito humorístico numa língua, mas talvez não na outra (n/ tradução: Antonopolou, 2002: 200).

John T. Shawcross afirmou também: “*Há duas coisas essenciais à sátira: espírito e humor baseado na fantasia ou no sentido do grotesco ou do absurdo; e um objeto de ataque (...)* O ridículo apresentado e a paródia trazem outra característica muitas vezes comum ao modo da sátira” (Shawcross, 2000/2001: 22-23, nossa tradução). Por seu lado, Jeroen Vandæle observou, relativamente à sátira, que se trata de um humor crítico causado por uma imitação exagerada das regras sociais e que se aplica cabalmente a UG no que toca à transgressão sexual e imitação do princípio da discriminação.

Veja-se, por exemplo, o modo como o Narrador, a propósito do episódio em que um homem dá boleia ao António e ao Professor na estrada de Ezcaray para Santo Domingo de la Calzada (era “vampiro”, “jogava na nossa equipa”), autointitula o seu grupo (os gays) como “vampiros”, tal como vistos da perspetiva dominante – o que não deixa, ironicamente, de convocar a noção de imortalidade; ou, mais tarde, o delírio do Professor de madrugada quando reflete sobre o paralelismo dos vampiros com os gays, por serem aqueles que são temidos pelas maiorias e, por não serem aqueles que contam a sua História, convocam a noção de (in)visibilidade¹⁰¹. Como fica claro em tais passos, a metaforização dos “vampiros” em UG é um dos exemplos mais salientes do uso que Zimler faz do humor e da sátira, nos termos em que Vandæle os caracteriza:

A Sátira, por exemplo, pode ser definida como humor com um efeito crítico acrescido e causado, por exemplo, por uma imitação exagerada de normas estéticas (n/ tradução: Vandæle, 2002a: 155).

Este autor declarou ainda num outro artigo:

⁹⁵ in https://www.researchgate.net/publication/261653424_A_Cognitive_Approach_to_Literary_Humour_Devices_Translating_Raymond_Chandler

⁹⁶ (in https://www.researchgate.net/publication/236810363_Diglossia_as_an_Agent_of_Humor_in_the_Writings_of_Elena_Akrita)

⁹⁷ (in <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378216608000350>)

⁹⁸ (in <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378216608000878>).

⁹⁹ (in <https://www.semanticscholar.org/paper/Wordplay-in-translation-Vandaele/269699f2a46e72fa5b2ec5d2235293f33d26dd23>)

¹⁰⁰ (in The Sound of Humor: Translation, Culture and Phonological Jokes

Javier Francisco Muñoz Basols read in <https://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/80041/tjmb.pdf?sequence=3&isAllowed=y>)

¹⁰¹ Relativamente à sátira e à ironia, Rui Carvalho Homem publicou “Retórica do Riso: Comédia, Sátira e um Dia na Feira com Ben Jonson” e, em 1995, “ ‘A Voyage to the Country of the Houyhnhnms’, Ironia e Arte Satírica”, oferecendo-nos reflexões quanto aos dois assuntos em Carvalho Homem, Rui (1985). “Retórica do Riso: Comédia, Sátira e um Dia na feira com Ben Jonson” in *Revista da Faculdade de Letras Linguas e Literaturas*, Porto, Série II, vol. II, pp. 301-347 e Carvalho Homem, Rui (1995) “ ‘A Voyage to the Country of the Houyhnhnms’, Ironia e Arte Satírica” in *Revista da Faculdade de Letras Linguas e Literaturas*, Porto, Série II, vol. XII, pp. 295-319. Por sua vez, afirmou Raymond Chakhachiro, citando terceiros, em “Analysing Irony for Translation” in *Meta: Translator’s Journal*, vol. 54, n.º 1, 2009, consultável em <http://id.erudit.org/iderudit/029792ar>.

O Humor é uma questão de interpretação, claramente não só de características provindas do texto. Mais concretamente, a interpretação do humor como inocentemente incongruente ou tendencialmente subversiva depende de fatores culturais e históricos (n/ tradução: Vandæle, 2002b: 267).

A subversão em UG baseia-se na ironia. Quanto à ironia, afirmaram também Katja Pelsmaekers e Fred van Besien: “Quando aquele que faz a ironia consegue a boa vontade do público, i. e. quando o público acha engraçado aquilo que ele diz, temos humor irónico” (n/ tradução: Pelsmaekers & van Besien, 2002: 245); e também “... ironia é: uma alusão eco de uma afirmação anterior, uma opinião ou mesmo sabedoria popular sem necessariamente conseguirmos ver as suas origens, e das quais o/a falante se dissocia” (n/ tradução: Pelsmaekers & van Besien, 2002: 260).

A ironia é assim uma característica bem visível em UG, sobretudo nos diálogos de António com o Professor de guitarra clássica e também nas reflexões do Narrador.

Ao concretizar a tradução, tentámos uma versão no texto de chegada das características do texto de partida também no que respeita à funcionalidade do humor e do jogo de palavras. A esse respeito, Maria Tymoczko relacionou estes dois aspetos do humor e do jogo de palavras com o conceito de “transculturação”: “Quanto à transculturação, algumas traduções mostram as características das suas fontes, importando géneros, reproduzindo funções do material da fonte (digamos, humor ou jogo de palavras) de uma forma dinâmica” (n/ tradução: Tymoczko, 2006: 16.).

Queremos com isto dizer que o texto de chegada sofreu um processo de transtextualidade cultural, desde o texto de partida, ou uma “transculturação”, se assim preferirmos. Nesse processo, não só o humor e os jogos de palavras são respeitados, como também se reproduzem funções e fontes de referência.

Concretizando com um exemplo de *Espíritos Ímpios (EP)* – na sua tradução em português de UG –, gostaríamos de salientar o jogo de palavras humorístico que existe na referência ao primeiro colega de quarto do Professor, enquanto era estudante da Universidade de Nova Iorque. Chamava-se este “Bob Birkoff, também conhecido como ‘Bate ao Bichoff’”. Neste caso de humor, faz-se a associação do nome de família dele, Birkoff, com a tendência de se masturbar frequentemente, pela qual era conhecido entre os colegas de Faculdade.

Outro aspeto dos desafios que a produção do riso coloca ao tradutor, e que nos interessou na tradução de *EP*, é o da reação dos falantes de uma língua à má pronúncia de algumas das suas formas por parte de estrangeiros. Numa análise da peça de Shakespeare, *Henrique V*, em que há um grande multilinguismo nas personagens, Dirk Delabastita afirmou que a má pronúncia de uma língua, ao ser lida por um falante de outra língua, sugere outras palavras as quais evocam outros conceitos e, por conseguinte, essa má pronúncia é causadora de riso: “A má pronúncia à la française de foot e gown é necessária para reduzir e racionalizar a distância fonética considerável que separa estas palavras do Francês foutre e con respetivamente” (n/ tradução: Delabastita, 2002: 311).

Os termos a que Delabastita recorre, embora aplicados a um objeto marcadamente distinto, remetem-nos para os nexos entre linguagem, poder e cultura. Para as finalidades do presente trabalho, a noção de margens e de centro está diretamente relacionada com a questão das minorias sexuais de lésbicas e de gays, bissexuais, transexuais, *queers*, e de, ainda minorias menos expressivas talvez, como intersexuais, assexuais/aromânticos da contracorrente, da alternativa e do seu relacionamento com as maiorias de orientação sexual hetero.

É nítido que nos preocupamos mais com a marginalidade alternativa do que com o centro, a maioria. Na estética gay que temos vindo a considerar as relações de poder respeitam predominantemente a uma maioria com uma determinada orientação sexual *versus* minorias com orientações sexuais distintas – e é nesses termos que a relação do Eu com o Outro se configura em *Unholy Ghosts*.

O nosso foco de atenção é o quadro de relações, os nexos entre dominantes e dominados, tal como se manifestam nos textos e intervêm no processo translatório.

É por isso que reiteramos a relevância do modelo polissistémico na apropriação e aplicação do modelo centro *versus* periferias:

Assim, enquanto parte da reviravolta linguística e retórica no debate na etnologia e na descrição da cultura, a tradução já não é considerada sob meramente a categoria de ‘fidelidade’ a um ‘original’ (...) ‘tradução como compreensão cultural deve ser radicalmente questionada tendo em conta a repressão das culturas minoritárias e das línguas marginais, das simetrias que a etnologia que só vê um dos lados advoga que a tradução deve ser culturalmente compreensível (Bachmann-Medick, 2006: 36, nossa tradução).

Por conseguinte, em UG interessa-nos mais a relação de repressão da maioria heterossexual em relação às minorias LGBTQIA e as articulações textuais polissistémicas que se estabelecem dentro do discurso nesse sentido. Se a literatura se pode considerar como construtora da realidade, e partilhámos dessa visão, então, também a tradução literária se pode constituir como interventiva social no seu papel de divulgadora de textos que têm ideologias consonantes, não só com aquelas que estão ligadas aos discursos de poder, mas também, e sobretudo, com as que estão ligadas aos discursos alternativos, ou, pelo menos, aos discursos subalternos minoritários.

Concluindo esta ideia, gostaríamos de adiantar que a preocupação seguinte será mostrar como os comportamentos das personagens de UG, as suas orientações sexuais e os seus comportamentos de minoria se articulam no contexto do translato e também como os discursos minoritários influenciaram a Tradução.

Relativamente à presença de elementos de farsa, gostaríamos de citar que, por vezes, o diálogo “contem erros desajeitados e, portanto, envolve um elemento de estigma e da troça” (n/ tradução: Delabastita, 2002: 315). Neste contexto, vemos mais uma tentativa de trazer o humor à cena do que propriamente estigmatizar e troçar da fala do António. No caso concreto da citação, Delabastita referia-se à tradução que teve de fazer da língua inglesa para neerlandês: “*Ter de inventar um Holandês artificial e desajeitado (...) como língua alvo. Ele já existia enquanto formato linguístico e sobretudo, presta-se perfeitamente a explorações cômicas*” (n/ tradução: Delabastita, 2002: 318). A exploração cômica em EI pautou-se por um recurso a um discurso minoritário: o registo juvenil e o registo dialetal dos falares do Porto na sua produção mais marcadamente fonética e desviante da norma.

Por vezes, em UG repetem-se frases nas duas línguas (Inglês e Espanhol), com a intenção explicativa; Dirk Delabastita afirmou que essas repetições de frases nas duas línguas com intenções explicativas não são “*unmotivated code-switching*” (Delabastita, 2002: 332). O mesmo defendeu que teve de “inventar” um discurso, tal como nós, também ele desviante da norma do código da língua portuguesa, com os “Num” e os «Tô». Quando havia espanhol em UG, por vezes deixou-se o original, não se traduzindo para português, devido à proximidade entre os códigos, para além de querermos, sobretudo, respeitar as intenções autorais de Richard Zimler.

Relativamente à manutenção da língua de partida no texto da língua de chegada, e por não haver problema de compreensão, como é o caso do Castelhana, Delabastita ainda afirmou que “[*left untranslated, these English [terms difficultly] pose a comprehension problem*” (Delabastita, 2002: 318).

O conhecimento da língua espanhola disseminado quase entre todos os portugueses permitiu que se mantivesse a língua espanhola em algumas referências a falas no episódio da narrativa em Madrid, como por exemplo,

Estava quase a ir-me embora quando [um dos rapazes] me gritou:

– *Quier jugar?*

Eu respondi:

– *No hablo español.*

– *No importa.* – Respondeu ele.

– *Soy viejo.* – Disse eu.

Ele riu-se bem-disposto.

– *No importa.* – Chamou-me com a mão [para jogar basquetebol com os amigos espanhóis]

No estudo que vimos citando, Delabastita propõe a mesma estratégia que no caso de UG se seguiu, pois não existe o perigo de se perder informação alguma: “em alguns dos passos em Francês de *Henry V*, o texto é tão generosamente caracterizado por redundância informacional, que quase nenhuns dados semânticos se perdem se o leitor ou o espetador estrangeiro não perceber o Francês” (n/ tradução: Delabastita, 2002: 319).

Em EI não se perdeu nenhuma informação ao manter a versão em espanhol, pois é um código muito próximo do português, conforme já focado anteriormente.

Existe humor sarcástico no passo “I would traumatize the poor bus driver for life” (UG: 32) não sobreviveria em tradução se o segmento final fosse traduzido literalmente como “pela vida fora”, mas afigura-se-nos que terá encontrado lugar mais satisfatória na gama de possibilidades idiomáticas do português com a versão: “ia traumatizar o pobre do condutor de autocarro até ao fim dos seus dias”.

O discurso autoirónico e sarcástico do Professor e de António, um humor cáustico e ao mesmo tempo espirituoso, sensível e triste, assombrado pela obsessão com a morte.

Este estudo tentou abordar apenas uma ínfima parte da rica carga humorística que a obra UG (EI) tem, mas pensamos que foi por ora suficiente para dar a conhecer a capacidade que o autor Richard Zimler tem em fazer rir o leitor nas suas obras de renome.

Quanto à tradução do humor, haveria muito mais a dizer, já que a tradução é deveras um caso especial dentro da Literatura, mas deixaremos para uma outra ocasião.

Bibliografia

Antonopolou, Eleni. (2002). A Cognitive Approach to Literary Humour Devices Translating Raymond Chandler. In Jeroen Vandæle (Ed. convidado), *The Translator: Studies in Intercultural Communication*. Translating Humour (vol. 8, no. 2, pp. 195-220). Manchester: St. Jerome Publishing.

Arrojo, Rosemary. (2005). The Gendering of Translation in Fiction. In José Santaemília (Ed.), *Gender, Sex and Translation – The Manipulation of Identities* (p. 78-85). Manchester: St. Jerome Publishing.

Atas/Anais do VIII Colóquio da Lusofonia em Bragança – CD-Rom e ISBN 978-989-95891-3-1.

Bachmann-Medick, Doris. (2006). Meanings of Translation in Cultural Anthropology. In Theo Hermans (Ed.), *Translating Others* (vol. 1, pp. 33-43). Manchester, UK and Kinderhook, USA: St. Jerome Publishing.

Bassnett, Susan. (2005). *Translation Studies*, Taylor & Francis e-Library (consultável em <http://x11.ir/wp-content/uploads/2012/11/Translation-Studies.pdf>).

Booth, W. C. (1974). *A Rhetoric of Irony*. Chicago: University Press.

Carvalho Homem, Rui. (1985). Retórica do Riso: Comédia, Sátira e um Dia na Feira com Ben Jonson. In *Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas*, (Série II, vol. II, pp. 301-347), Porto: FLUP.

___ (1995) 'A Voyage to the Country of the Houyhnhnms', Ironia e Arte Satírica. In *Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas* (Série II, vol. XII, pp. 295-319). Porto: FLUP.

Chakhachiro, Raymond. (2009). Analysing Irony for Translation. In *Meta: Translator's Journal* (vol. 54, nº1, pp. 32-48), consultável em <http://id.erudit.org/iderudit/029792ar>.

Chaudhuri, Sukanta. (2006). Translation, Transcreation, Travesty – Two Models of Translation in Bengali Literature. In Theo Hermans (Ed.), *Translating Others* (vol.

Cronin, Michael. (2006). *Translation and Identity*. Londres e Nova Iorque: Routledge.

Godayol, Pilar. (2005). *Frontera Spaces – Translating as/like a Woman*. In José Santaemília (Ed.), *Gender, Sex and Translation – The Manipulation of Identities* (pp. 9-15). Manchester: St. Jerome Publishing.

Gopinathan, G. (2006). *Translation, Transcreation and Culture. Theories of Translation in Indian Languages*. In Theo Hermans (Ed.), *Translating Others* (vol. 1, p. 236-256). Manchester, UK and Kinderhook, USA: St. Jerome Publishing.

Atas colóquio da lusofonia –

- Harvey, Keith. (2005). *Translating Camp Talk – Gay Identities and Cultural Transfer*. In Lawrence Venuti (Ed.), *The Translation Studies Reader* (pp. 402-422). London and New York: Routledge.
- Harvey, Keith & Shalom, Celia. (Eds.). (1998). *Language and Desire: Encoding Sex, Romance and Intimacy*. London and New York: Routledge.
- Hermans, Theo. (Ed.). (1995). *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation*. London and New York: Routledge.
- ___ (Ed.). (2006). *Translating Others*. Manchester, UK and Kinderhook, USA: St. Jerome Publishing.
- Keenaaghan, Eric. (1998). *Jack Spicer's Pricks and Cocksuckers – Translating Homosexuality into Visibility*. In Lawrence Venuti (Ed.), *Translation and Minority. The Translator Studies in Intercultural Communication* (vol. 4, no. 2, pp. 273-295). Filadélfia: Temple University.
- Lambert, Charles. (1997). *Speaking Its Name: The Poetic Expression of Gay Male Desire*. In Keith Harvey & Celia Shalom (Eds.), *Language and Desire: Encoding Sex, Romance and Intimacy* (pp. 204-221). London and New York: Routledge.
- Muecke, D. C. (1969). *The Compass of Irony*. London: Methuen.
- ___ (1982). *Irony and the Ironist*. London: Methuen.
- Parker, Alice. (1993). *Under the Covers: a Synaesthesia of Desire (Lesbian Translations)*. In Susan J. Wolfe & Julia Penelope (Eds.), *Sexual Practice, Textual Theory: Lesbian Cultural Criticism* (pp. 322-339). Cambridge and Oxford: Blackwell.
- Pelsmækers, Katja & Van Besien, Fred. (2002). *Subtitling Irony: 'Blackadder' in Dutch*. In Jeroen Vandæle (Ed. convidado), *The Translator: Studies in Intercultural Communication. Translating Humour* (vol. 8, no. 2, pp. 241-266). Manchester: St. Jerome Publishing.
- Pupavac, Vanessa. (2006). *Language Rights in Conflict and the Denial of Language as Communication*. In *The International Journal of Human Rights* (10-1, 61-78). New York: Routledge.
- Ríos, Carmen & Palacios, Manuela. (2005). *Translation, Nationalism & Gender Bias*. In José Santaemilia (Ed.), *Gender, Sex and Translation – The Manipulation of Identities* (pp. 71-80). Manchester: St. Jerome Publishing.
- Robinson, Douglas. (1997). *Translation and Empire, Postcolonial Theories Explained*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- Ruffier-Meray, Melle. (2007). *Lire la partition juridique*. In Jean-Jacques Sueur (Ed.), *Interpréter & traduire* (pp. 233-273). Bruxelles: Bruylant.
- Santaemilia, José. (2005). *Gender, Sex and Translation – the Manipulation of Identities*. (pp. 117-136). Manchester: St. Jerome Publishing.
- Sebnem, Susam-Sarajeva. (2005). *A Course on 'Gender and Translation' as an Indicator of Certain Gaps in the Research on the Topic*. In José Santaemilia (Ed.), *Gender, Sex and Translation – the Manipulation of Identities* (pp. 161-176). Manchester: St. Jerome Publishing.
- Sedgwick, Eve Kosofsky. (2008). *Epistemology of the Closet*. Oakland: University of California Press.
- Shawcross, John T. (2000/2001). *Verse Satire: Its Form, Genre and Mode*. In Inge Leimberg & Matthias Bauer (Ed.), *Connotations: A Journal for Critical Debate* (vol. 10, no.1, pp. 18-30). New York: Waxmann Münster.
- Sontag, Susan. (2002). *Notes on 'Camp'*. In Jonathan Freedman (Ed.), *Oscar Wilde. A Collection of Critical Essays* (pp. 10-21). New Jersey: Prentice Hall.
- Sueur, Jean-Jacques. (Ed.). (2007). *Interpréter & traduire*, Bruxelles: Bruylant.
- Toury, Gideon. (1980). *In Search of a Theory of Translation*. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, Tel Aviv University.
- ___ (1995). *The Nature and role of Norms in Translation*. In *Descriptive Translation Studies and Beyond* (pp. 53-69). Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- ___ (no prelo). "Culture Planning and Translation", in Alvarez, A. et al (Ed.), *Proceedings of the Vigo Conference "Anovadores de nós - Anosadores de vós"*, consultável em <http://www.tau.ac.il/~toury/works/qt-plan.htm>.
- Tymoczko, Maria. (2006). *Reconceptualizing Western Translation Theory. Integrating Non-Western Thought about Translation*. In Theo Hermans (Ed.), *Translating Others* (vol. 1, pp. 13-32). Manchester: St. Jerome.
- Vandæle, Jeroen. (2002a). *Translating Humour*. In Jeroen Vandæle (Ed. Convidado) *The Translator: Studies in Intercultural Communication. Translating Humour* (vol. 8, no. 2, pp. 150-172). Manchester: St. Jerome Publishing.
- ___ (2002b). "Funny Fictions": *Francoist Translation Censorship of Two Billy Wilder Films*. In Jeroen Vandæle (Ed. Convidado), *The Translator: Studies in Intercultural Communication. Translating Humour* (vol. 8, no. 2, pp. 267-302). Manchester: St. Jerome Publishing.
- ___ (Ed. convidado). (2002c). *The Translator: Studies in Intercultural Communication. Translating Humour*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- Venuti, Lawrence. (1995). *The Translator's Invisibility. A History of Translation*. London and New York: Routledge.
- ___ (Ed.). (1998). *Translation and Minority. The Translator Studies in Intercultural Communication* (vol. 4, no. 2). Philadelphia: Temple University.
- ___ (1999). *The Translator's Invisibility*. London and New York: Routledge.
- ___ (Ed.) (2004 & 2012). *The Translation Studies Reader*. USA and Canada: Routledge.
- Von Flotow, Luise. (1997). *Translation and Gender*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- Wolfe, Susan J. & Penelope, Julia. (Eds.) (1993). *Sexual Practice, Textual Theory: Lesbian Cultural Criticism*. Cambridge and Oxford: Blackwell.
- Wolfgang, Iser. (1978). *The Act of Reading: a Theory of Aesthetic Response*. Baltimore: John Hopkins University Press.
- Wu, Huiping. (2004). *Das Sprachenregime der Institutionen der Europäischen Union zwischen Grundsatz und Effizienz*. In Rudolf Hoberg (Ed.), *Angewandte Sprachwissenschaft, Band 15*. Frankfurt am Main: Peter Lang.
- Wuilmart, Françoise. (2000). *Traduire, c'est lire*. In Christian Libens (Ed.), *Écrire et traduire* (pp. 15-22). Bruxelles: Ed Luc Pire.

Webgrafia

Attardo 1994, 2001

https://www.researchgate.net/publication/261653424_A_Cognitive_Approach_to_Literary_Humour_Devices_Translating_Raymond_Chandler

Forbes, Eric. (2010, September 25). *THE WRITING LIFE ... Richard ZIMLER*. Eric Forbes's book addict's guide to good books. Consulta a 11/jul/2011 em <http://goodbooksguide.blogspot.com/2009/05/writing-life-richard-zimler.html>.

França: Governo avança com projeto de lei sobre casamento homossexual. (07/11/12). Euronews.

Gertrude Stein. (2015). *The Biography.com website*. Consulta a 20/mar/2015 em <http://www.biography.com/people/gertrude-stein-9493261>.

Homophobia. LGBTQIA Resource Center Glossary. Consulta a 09/jul/2015 em <http://lgbtqia.ucdavis.edu/lgbt-education/lgbtqia-glossary>.

LGBTQI Studies & Sexuality Studies Programs in North America. *Sexuality Studies at Duke University*.

Lourenço, Ricardo. (2012). *Obama Apoia Casamento Gay*. Expresso.

Map: Same-sex marriage in the United States. (26 de junho de 2015). CNN. Consulta a 9/jul/2015 em <http://edition.cnn.com/interactive/us/map-same-sex-marriage/>.

One Archives Foundation. Consulta a 26/nov/2014 em <http://www.onearchives.org/>.

Richard Zimler. Página Oficial. Consulta em várias datas em www.zimler.com.

Robert Bly Web Site. Consulta a 20/mar/2015 em <http://www.robertbly.com>.

Schulman, Michael. (9 de janeiro de 2013). *Generation LGBTQIA*. The New York Times. Consulta a 9/jul/2015 em <http://www.nytimes.com/2013/01/10/fashion/generation-lgbtqia.html>.

Septimus, Daniel. *Sholem Aleichem. My Jewish Learning*. Consulta a 22/mar/2015 em http://www.myjewishlearning.com/culture/2/Literature/Yiddish_and_Ladino/European_Writing/Sholem_Aleichem.shtml.

SIDA – Estatísticas e Números em Portugal. Roche.

Siegel-Itzkovich, Judy. (28 de setembro de 2014). *When the Jews congregated at Mount Sinai*. The Jerusalem Post. Consulta a 20/mar/2015 em <http://www.jpost.com/Israel-News/Health/When-the-Jews-congregated-at-Mount-Sinai-376452>.

Vilas-Boas, G. & Outeirinho, M. F. (2014). *Da literatura de viagens no feminino – notas de leitura*. Cadernos de Literatura Comparada, Universidade do Porto, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. Consulta a 17/mai/2015 em

<http://www.ilcml.com/Var/Uploads/Publicacoes/Artigos/54ae9f2c8bbd2.pdf>.

Vincent Price Film Stage Actor Writer | Father of Horror Movies. The Vincent Price website. Consulta a 22/mar/2015 em <http://www.vincentprice.com>.

É SÓCIO FUNDADOR–

É A 25ª PARTICIPAÇÃO NOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA.

MEMBRO DO COMITÉ CIENTÍFICO TRIÊNIO 2018-2020

17. HELENA CHRYSTELLO, EB 2,3 MAIA & VICE-PRESIDENTE DA AICL

HELENA FERREIRA DA COSTA SIMÕES CHRYSTELLO

Helena Chrystello tem uma licenciatura em Ensino, variante de Português – Francês.

É Mestre (pré-Bolonha) em Relações Interculturais, subordinado ao tema **Da Língua à Interculturalidade**: um estudo de caso, pela Universidade Aberta.

Tem o curso superior de secretariado do Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), Lisboa;

Atas colóquio da lusofonia –

Certificat Pratique de la Langue Française, Université de Toulouse - Le Mirail.

Certificado de Aptidão Profissional - Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional desde 2000.

Lecionou, desde 1976 e durante vários anos no ensino básico, secundário e profissional (coordenadora de cursos e da PAP - Prova de Aptidão Profissional).

Foi professora assistente na Escola Superior de Educação de Bragança, na área científica de Língua Francesa (2002 - 2005) e supervisora de estágios.

Foi tradutora da PNN-LUSA, Sydney, proporcionando serviços de apoio de tradução, interpretação e comunicação social, nos campos linguístico, literário e técnico em congressos (1995-2005).

Foi tradutora de Francês Técnico de programas para cursos técnico-profissionais da CICOPN (1986 - 1988).

Participou e foi oradora em vários congressos (Portugal, Espanha, Canadá, Brasil e Macau), com trabalhos publicados em Atas e revistas científicas da especialidade.

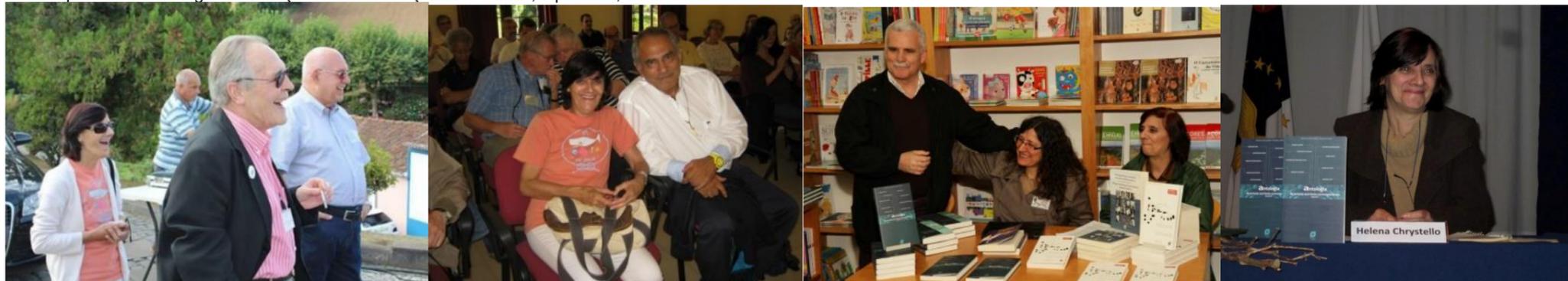
É Membro da ACT - CATS 'Association Canadienne de Traductologie' E Pertenceu à extinta SLP (Sociedade de Língua Portuguesa).

Membro nomeado do júri do Prémio Literário da Lusofonia 2007 a 2009 e 1º Prémio Literário AICL Açorianidade 2013 Judite Jorge.

Coautora com a Professora Doutora Mª Rosário Girão dos Santos (Universidade do Minho) da *Antologia de (17) Autores Açorianos Contemporâneos* incluída no Plano Regional de Leitura e edição bilingue (PT-EN) *Antologia de (15) Autores Açorianos Contemporâneos* foi lançada no 16º Colóquio. Lançou no 19º Colóquio (2013) a edição monolíngue da Antologia em 2 volumes. No 21º lançou a *Coletânea de Autores Dramáticos Açorianos* e a *Antologia no feminino "9 Ilhas, 9 escritoras"*.

Na EB 2,3 da Maia é Coordenadora do Departamento de Línguas e exerce funções de Avaliadora do Desempenho Docente.

Prepara nova antologia de tradução de autores açorianos 9 ilhas, 9 poemas, 9 autores



LOMBA DA MAIA 2016

PDL 2013

MAIA 2013



SÓCIO FUNDADOR DA AICL. É VICE-PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL. PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020. PRESIDE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO. TOMOU PARTE EM 28 COLÓQUIOS, POR DOENÇA ESTEVE AUSENTE DO 29º BELMONTE 2018.

18. JOÃO CARLOS LOEBENS, DOUTORANDO UNIVERSIDADE DE ALCALÁ, ESPANHA, ASSISTENTE PRESENCIAL



MONTALEGRE 2016

SEIA 2014

JOÃO CARLOS LOEBENS, brasileiro,
Auditor-Fiscal da Receita Estadual do Estado do Rio Grande do Sul - Brasil, formado em Administração pela UNISC,

Especialista em Gestão Empresarial pela UFRGS,
Diplomado em Direito Público pela Universidade de Alcalá - Espanha,
Mestre em Administração e Gerência Pública
Doutorando em Economia, ambos pela Universidade de Alcalá - Espanha.

Atualmente atua na Divisão de Promoção e Educação Tributária da Secretaria da Fazenda, realiza palestras sobre Educação Fiscal e Cidadania.

Também atua de forma voluntária como Diretor do Instituto de Justiça Fiscal (IJF), organização não-governamental sem fins lucrativos.

Já participou de diversos congressos, apresentando trabalhos e publicações em diferentes países, como Chile, Argentina, Peru, Guatemala, México, Portugal, Espanha, Romênia e Alemanha. É fluente também, na língua alemã e espanhola e já participou de outros colóquios.

TEMA 2.3. Educação Fiscal como recurso educativo em manuais de Língua Portuguesa à luz da nova Base Comum Curricular no Brasil

A Educação Fiscal faz parte das políticas públicas que interagem com a sociedade civil com o intuito de fomentar a cidadania fiscal.

Há no Brasil, uma rede de iniciativas educativas que tem mantido uma oferta de capacitações na busca de disponibilizar a diversos públicos o conhecimento necessário para entender, minimamente, o sistema tributário brasileiro.

Essas atividades possibilitam aos cidadãos entender e até intervir nos debates sobre as reformas que estão sendo propostas atualmente.

Neste sentido, trazemos como exemplo a inclusão de um Caderno de Educação Fiscal à luz da nova Base Nacional Comum Curricular, destinado às séries iniciais do Ensino Público, com textos e exercícios abordando os tributos e gastos públicos.

A elaboração do Caderno exige esforço adicional em função do recente corte de recursos financeiros e materiais, denotando certo descaso governamental.

A complexidade das receitas e despesas públicas, bem como a opacidade de alguns dados (sigilo fiscal¹⁰²) muitas vezes não permitem aos leigos, nessa matéria, compreender a arrecadação e alocação dos recursos públicos, resultando muitas vezes em apatia dos atores sociais em tomar ciência dessa informação.

Os meios de comunicação, que prestam serviço público, normalmente não pautam este tipo de informação ou o fazem de forma enviesada.

Esses são problemas sérios a serem enfrentados pela sociedade brasileira.

A possibilidade de reversão desses problemas está na disseminação da educação fiscal, e neste sentido, projetos desenvolvidos com este tema representam uma alternativa de ampliação de uma consciência cidadã, proporcionada desde as séries iniciais e através de contextos pedagógicos incluídos no estudo da Língua Portuguesa.

JÁ TOMOU PARTE NO 8º COLÓQUIO EM BRAGANÇA 2007, 22º COLÓQUIO EM SEIA 2014 E 25º EM MONTALEGRE 2016

JOAQUIM FELICIANO DA COSTA, PRESIDENTE DA EMPDS, EMPRESA MUNICIPAL DE BELMONTE, PRESENCIAL, CONVIDADO AICL

É presidente da Empresa de Promoção e Desenvolvimento Social do Concelho de Belmonte



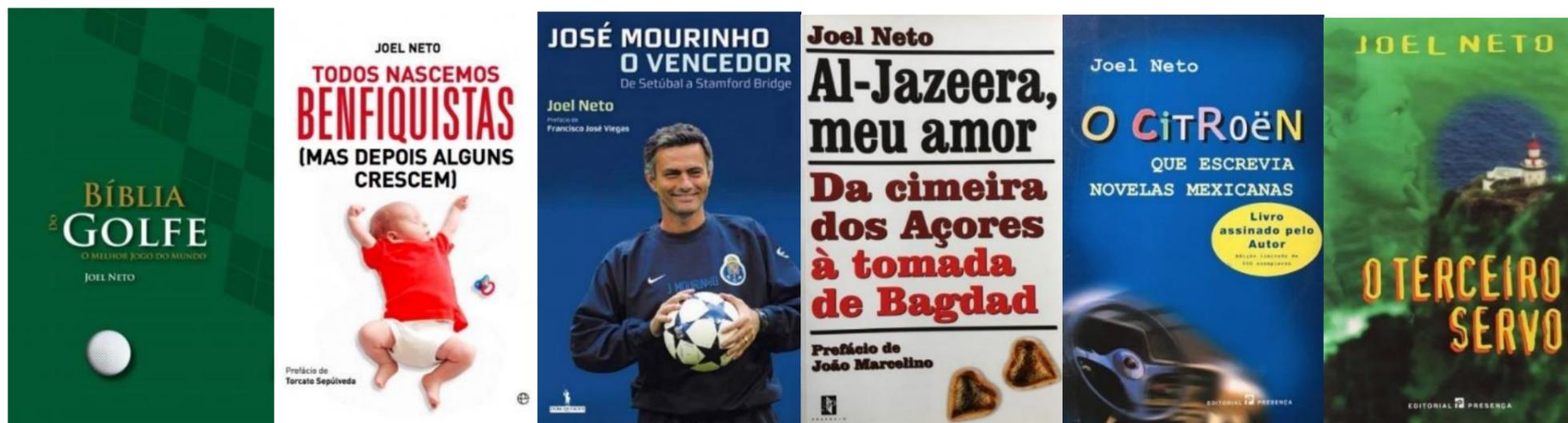
Já tomou parte no 27º colóquio Belmonte 2017. 29º Belmonte 2018

TEMA 3.1 O MUSEU DOS DESCOBRIMENTOS DE BELMONTE E O NOVO NÚCLEO DA LUSOFONIA DA AICL

19. JOEL NETO, ESCRITOR AÇORIANO, CONVIDADO DE HONRA



¹⁰² Os Portais de Transparência não disponibilizam dados sobre incentivos fiscais dados às empresas de forma pormenorizada, apenas dados globais.



Joel Neto (Angra do Heroísmo, 1974) é um escritor e colunista português.

Escreveu nos mais diferentes géneros e atingiu os tops de vendas nacionais com *Arquipélago* (romance, 2015) e *A Vida no Campo* (diário, 2016), ambos igualmente bem acolhidos pela crítica.

Mudou-se para Lisboa aos 18 anos, para estudar *Relações Internacionais* no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Depois de década e meia a trabalhar como repórter, editor e chefe de redação na maior parte dos grandes jornais e revistas portuguesas, voltou à ilha natal em 2012, determinado a dedicar-se inteiramente à literatura.

Vive desde então no lugar dos Dois Caminhos, freguesia da Terra Chã (Ilha Terceira), na companhia da mulher, a tradutora Catarina F. Almeida, e dos dois cães.

Aí, tem um pomar e uma horta, um jardim de azáleas e toda uma panóplia de vizinhos de modos simples e vocação filosófica.

Foi, em 2017, o autor do *Manifesto Pela Poesia* que marcou as celebrações do Dia Mundial da Poesia, sucedendo na função a escritores como Gonçalo M. Tavares e José Luís Peixoto.

É um dos protagonistas biografados no agregador "Notáveis dos Açores" e membro do Conselho Regional de Cultura da Região Autónoma açoriana.

Alguma bibliografia

Autor de *Arquipélago*, *O Citroën Que Escrevia Novelas Mexicanas* e *A Vida no Campo*, entre outros títulos, Joel Neto publica no jornal *Diário de Notícias* a coluna homónima (*A Vida no Campo*), série de relatos sobre o seu próprio regresso à Terra Chã.

Os seus romances *O Terceiro Servo*, *Os Sítios Sem Resposta* e *Arquipélago* integram o Plano Regional de Leitura dos Açores, sendo que o primeiro faz parte também do programa da área de Estudos Açorianos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, no Brasil, e o terceiro do da área correspondente no Department of Portuguese and Brazilian Studies da Brown University, nos Estados Unidos.

O Citroën Que Escrevia Novelas Mexicanas foi adotado como leitura obrigatória pela Universidade dos Açores. José Mourinho, o Vencedor, biografia do treinador de futebol homónimo, foi traduzido em Inglaterra e na Polónia.

Os Sítios Sem Resposta, tem edição brasileira no prelo (com o título "Os lugares sem resposta").

Arquipélago, romance (ed. Marcador, maio de 2015), mereceu rápido aplauso da crítica e do público, esgotando a primeira edição ao fim de duas semanas e chegando à quarta em menos de três meses. Foi finalista do Prémio Fernando Namora 2015.

A Vida no Campo (ed. Marcador, maio de 2016), segundo volume do tríptico de diferentes géneros a que o autor chamou "do Regresso", chegou ao mercado já em segunda edição, reunindo os elogios de alguns dos principais críticos portugueses.

FICÇÃO:

2000 - *O Terceiro Servo* (romance)

2002 - *O Citroën Que Escrevia Novelas Mexicanas* (contos) edição brasileira: *Nunca mais roubei gravatas*

2012 - *Os Sítios Sem Resposta* (romance) edição brasileira: *Os lugares sem resposta*

2015 - *Arquipélago* (romance) - 1ª edição, maio 2015; 5ª edição, junho 2017 finalista do Prémio Literário Fernando Namora 2015

2018 - *Meridiano 28* (romance) - 1ª edição, maio 2018

DIÁRIO:

2016 - *A Vida no Campo* - 1ª edição, maio 2016; 3ª edição, agosto 2016

CRÓNICAS:

2003 - *Al-Jazeera, Meu Amor*

2007 - Todos Nascemos Benfiquistas – Mas Depois Alguns Crescem

2011 - Banda Sonora Para Um Regresso a Casa

OUTROS:

2004 - José Mourinho, O Vencedor (biografia) edição britânica: Mourinho, the true story

2008 - Crónica de Ouro do Futebol Português (obra coletiva) - autoria do primeiro volume, "A Equipa de Todos Nós" (história)

2011 - Bíblia do Golfe (divulgação)

Antologias e revistas literárias (principais participações):

2017 - Metade Do Mundo / Half The World (revista Egoísta) - conto

2017 - Quanto Mais Em Nuvem Me Desfaço (Fundação Inatel) - manifesto do Dia Mundial da Poesia

2016 - Jaca (Uma Dor Tão Desigual, Ordem dos Psicólogos / Teorema) - conto

2015 - A Cor Mais Forte do Arco-Íris (O Conto Literário de Temática Açoriana, Mónica Serpa Cabral / Companhia das Ilhas) - conto

2013 - Tudo o Que Eu Devo ao Futebol (Correntes D'Escritas 2013, CM Póvoa de Varzim) - ensaio

2010 - Democracias Modernas (Desafios dos Açores Para O Século XXI, Expresso Das Nove / Tinta da China) - ensaio

2008 - Montanha Abaixo (Comboio Com Asas, CM Funchal) - conto

2007 - Parati (Contos de Algibeira, Casa Verde - Brasil) - conto

2006 - Porto de Leixões, 27 de agosto de 2002 (Cartas a Deus, Pena Perfeita) - conto

2006 - Al di là del frangiflutti c'era um pesce (Lusitânia Express – 20 storie per um film portoghese, Scritturapura Editore - Itália) - conto

2005 - Pequeno Ensaio Sobre Homens e Mulheres de Quarenta Anos (Ou Como Eu os Vejo Daqui, À Distância de uma Vida Quase Toda) (Quarenta Anos de Dom Quixote, Dom Quixote) - conto

2004 - Luísa (Alta Velocidade – Nueva Literatura Portuguesa, Lengua de Trapo - Espanha) - novela

2003 - O Meu Homem de Bem (Antes da Meia-Noite, Dom Quixote) - conto

2002 - Capítulo Um (setembro, Fonte de Letras) – conto

Além dos livros e dos contos que o representam em antologias e edições especiais em Portugal, Espanha, Itália, Brasil ou Coreia do Sul, Joel Neto mantém, enquanto cronista, colaboração com diferentes jornais portugueses, açorianos e da diáspora portuguesa nos Estados Unidos e no Canadá.

Começou a escrever para a imprensa, ainda como amador, aos 15 anos, no açoriano *Diário Insular*.

Como jornalista, trabalhou em jornais e revistas, na **televisão** e na **rádio**, nas qualidades de repórter, editor, chefe de redação, autor de conteúdos e apresentador *Diário de Notícias*, *Grande Reportagem*, *Volta ao Mundo*, *NS'*, *Focus*, *Jornal de Notícias* e *O Jogo* são apenas algumas das publicações a que ligou o seu nome.

Na estação pública açoriana de televisão, **RTP-Açores**, os seus programas *Choque de Gerações* (2004-2005) e *História da Minha Vida* (2005-2007) atingiram alguma notoriedade.

Foi colaborador da TSF-Rádio Jornal, integrou o painel de comentadores de golfe da estação **SportTV** e ganhou, entre outros, os prémios José Roquette, Gazeta de Reportagem e Jornal da Praia.

Tema 3.1. apresenta o seu último livro, êxito atual Meridiano 28



TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS PELA PRIMEIRA VEZ

20. JOHN J BAKER, UNIVERSIDADE DE PITTSBURGH, PENSILVÂNIA, EUA, ASSISTENTE PRESENCIAL



TOMOU PARTE NO 17º LAGOA 2012, 19º COLÓQUIO MAIA 2013, 21º MOINHOS 2014, (25º) GRACIOSA 2015, 26º LOMBA DA MAIA, 28º VILA DO PORTO 2017

21. JOSÉ ANDRADE, CHEFE DE GABINETE DO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE PONTA DELGADA, ESCRITOR, JORNALISTA RDP CONVIDADO DE HONRA

JOSÉ MARIA DE MEDEIROS ANDRADE

Jornalista da RDP e Ex-vereador da Câmara de Ponta Delgada.

Nascido em Ponta Delgada a 7 de fevereiro de 1966.

Profissional da RDP Açores desde 1988. Licenciado em Ciências Sociais (Especialidade de Ciência Política).

Chefe de Gabinete do Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada



19º colóquio maia 2013

• ex-deputado à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, especialmente dedicado aos assuntos da Cultura, Comunidades Açorianas e Comunicação Social (Desde 2012)

• Secretário da Comissão Permanente dos Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho da ALRAA

PRÉMIO

• "Personalidade do Ano 2012 nos Açores", na categoria de Cultura, eleito pelos leitores da Revista SABER

FUNÇÕES ANTERIORES

- Vice-Presidente do PSD Açores (2009/2013)
- Diretor da Federação Portuguesa das Associações de Desenvolvimento Local (2010/2012)
- Vereador da Cultura, Ação Social, Desporto, Juventude e Cooperação Externa da Câmara Municipal de Ponta Delgada (2009/2012)
- Presidente da Comissão Executiva da Sociedade Coliseu Micaelense (2009/2012)
- Presidente da Direção da ARDE - Associação Regional para o Desenvolvimento (2009/2012)
- Vogal do Conselho de Administração da Sociedade Coliseu Micaelense (2008/2012)
- Presidente da Comissão Municipal de Toponímia de Ponta Delgada (2002/2012)
- Presidente do Lyons Clube de S. Miguel (2010/2011)
- Chefe de Gabinete da Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada (1999/2004 e 2008/2009)
- Diretor-Geral da Sociedade Coliseu Micaelense (2005/2008)
- Adjunto do Grupo Parlamentar do PSD na Assembleia Legislativa Regional dos Açores (2004)
- Secretário Geral Adjunto do PSD Açores (1999/2001)
- Adjunto do Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada (1997/1999)
- Assessor de Imprensa do Presidente do Governo Regional dos Açores (1995/1996)
- Adjunto do Subsecretário Regional da Comunicação Social (1988/1995)
- Secretário-Geral da JSD Açores
- Presidente da Comissão Política da JSD da Ilha de S. Miguel
- Presidente da Associação de Estudantes da Escola Secundária Antero de Quental

LIVROS PUBLICADOS

1976: *Autonomia! – O Governo Próprio dos Açores*, 2016

1975 *Independência*. 2015

1974: *Democracia, o 25 de Abril nos Açores* (2014)
Senhor Santo Cristo dos Milagres - De Ponta Delgada para o Mundo (2013)
A Festa do Senhor no coração dos Açores (2011)
Coliseu Micaelense - Símbolo duma Geração (2004)
Aqui Portugal - Os primeiros anos da telefonia nos Açores (2003)
Concelho de Ponta Delgada: 500 anos de História - Cronologia de Figuras e Factos (2002)
A Face Humana da Toponímia de Ponta Delgada (2001)
Guia Política dos Açores (2000)
História(s) do PPDÁ – Partido Popular Democrático Açoriano (1ª edição 1999) (2ª edição 2009)
Semente – Prosas & Poesias (1984)

Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, SDB

MISSIONÁRIOS AÇORIANOS EM TIMOR-LESTE
vol. 1



Tema 3.3. Missionários Açorianos em Timor-Leste, de Dom Carlos Filipe Ximenes Belo - Intervenção de José Andrade na apresentação do livro, no XXX Colóquio da Lusofonia

Madalena do Pico, 5 de outubro de 2018

O livro **Missionários Açorianos em Timor-Leste**, da autoria do Senhor Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, foi lançado em julho na ilha de São Miguel, por ocasião das XV Grandes Festas do Divino Espírito Santo do Concelho de Ponta Delgada, e é agora apresentado na ilha do Pico, integrando a 30ª edição dos Colóquios da Lusofonia.

Tem plena pertinência esta sua apresentação aqui e agora, porque é também de lusofonia que trata esta obra e porque boa parte dos seus protagonistas é de naturalidade picoense:

O único cardeal (D. José da Costa Nunes), dois dos três bispos (D. João Paulino de Azevedo e Castro e D. Jaime Garcia Goulart) e quatro dos 14 sacerdotes (João Homem Machado, José Pereira da Silva Brum, Isidoro da Silva Alves e José Carlos Vieira Simplício) nasceram os sete nesta ilha do Pico – quatro nas Lajes, dois na Madalena, um em São Roque.

Cabe-me novamente o privilégio imerecido de apresentar esta obra, na qualidade de Chefe de Gabinete do Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada e por amável convite do Presidente da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia.

É sempre um gosto apresentar um livro novo. E, neste caso, é também uma honra acrescida, pelo interesse do seu tema e, sobretudo, pela importância do seu autor.

Missionários Açorianos em Timor-Leste é uma obra que reconhece e valoriza a influência decisiva do Clero dos Açores na missão timorense e que, ela própria, muito honra a nossa terra, por ser editada pela Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, executada pela empresa açoriana Nova Gráfica e patrocinada pela Câmara Municipal de Ponta Delgada.

Este é um livro de solidariedade cristã, não apenas pelo objeto do seu conteúdo, mas também pelo destino da sua venda, que reverte integralmente a favor da reconstrução da Escola Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, na sua freguesia natal de Quelicai, município de Baucau, em Timor Leste.

Torna-se assim ainda mais pertinente a aquisição deste livro que reconstitui os 119 anos de protagonismo açoriano na missão timorense. Ele começa em 1875, com a nomeação do jorgense Dom Manuel de Sousa Enes para Bispo de Macau e Colónia de Timor. E termina em 1994, com o falecimento do último padre açoriano em Timor-Leste, o terceirense Carlos da Rocha Pereira.

O seu primeiro capítulo sublinha "A Influência dos Missionários Açorianos em Timor-Leste", sobretudo no âmbito da missão e da educação da juventude timorense.

Nas palavras do autor, "os missionários açorianos não só ensinaram doutrina ao indígena, mas fundaram missões, levantaram templos, abriram colégios e escolas, animaram associações culturais e desportivas, enfim, evangelizaram, educaram, promoveram e formaram a alma timorense na cultura lusa e cristã".

Por exemplo, o Colégio de Santa Teresinha do Menino Jesus, na sede do posto administrativo de Ossú, foi fundado pelo faialense Padre Manuel Silveira Luís. Aqui estudaram Xanana Gusmão, o primeiro Presidente da República de Timor-Leste, e o próprio D. Ximenes Belo, Bispo Emérito de Díli.

O segundo capítulo enaltece "O Papel dos Senhores Bispos Açorianos", destacando as biografias do cardeal picoense Dom José da Costa Nunes, dos bispos picoenses Dom João Paulino de Azevedo e Castro e Dom Jaime Garcia Goulart e do bispo jorgense Dom Manuel Bernardo de Sousa Enes.

Dom Manuel Bernardo, natural da vila do Topo na ilha de São Jorge, foi o primeiro açoriano a ser nomeado Bispo de Macau, por bula papal de 1874 que lhe acrescentava "a parte da ilha chamada Timor que se acha compreendida sob o domínio do Rei de Portugal". Ali permaneceu até 1883.

Dezoito anos depois, em 1901, Dom João Paulino, natural das Lajes do Pico, assume a governação da Diocese de Macau, durante quase duas décadas, até 1918, reorganizando as missões católicas no Timor Português.

Por esta altura já missionava no oriente português, como Vigário-Geral da Diocese de Macau e Timor, o padre José da Costa Nunes, natural da freguesia da Candelária deste concelho da Madalena do Pico. Foi nomeado bispo em 1920 e governou a Diocese de Macau e as Missões Católicas de Timor até 1940. Fundou a Escola de Preparação de Professores e Catequistas de Timor, abriu a Escola de Artes e Ofícios de Díli, inaugurou a Matriz de Díli e a Igreja de Ainaro, defendeu e conseguiu que as Missões de Timor se tornassem numa Diocese. Na opinião do autor, "Dom José da Costa Nunes foi o Prelado do Padroado Português do Oriente que, pela primeira vez, compreendeu a situação de discriminação das populações e levantou a voz defendendo os direitos civis dos povos. Timor-Leste está grato ao Senhor Cardeal. A sua ação foi decisiva para o desenvolvimento social e religioso do povo timorense."

Graças à sua ação, foi primeiro Bispo residencial da nova Diocese de Díli, Dom Jaime Garcia Goulart, curiosamente, também ele natural da Candelária do Pico. Depois do armistício de 1945, dispôs-se a edificar a Diocese num Timor destruído por três anos de ocupação japonesa. Durante os 22 anos em que governou a nova diocese, os católicos timorenses aumentaram de 30 mil para 150 mil e o número de padres cresceu de 20 para 50. Dom Jaime Goulart acabaria por fixar residência na cidade de Ponta Delgada e o seu funeral decorreu, em 1997, na Igreja Matriz de São Sebastião.

O terceiro capítulo é dedicado aos 14 Sacerdotes Açorianos que foram Missionários em Timor-Leste - cinco da Terceira, quatro do Pico, três de São Miguel, um do Faial.

O primeiro a chegar "ao outro lado do mundo" foi o padre terceirense João Machado de Lima, em 1924. Foi Vigário-Geral das Missões de Timor e Reitor do Seminário de São José.

Atas colóquio da lusofonia –

Em 1931, embarcou para a Colónia de Timor o padre terceirense Norberto de Oliveira Barros. Foi ele que dinamizou a construção da Igreja de Ainaro, mas acabaria fuzilado pelas tropas japonesas.

Três sacerdotes açorianos seguem para Timor em 1932: o picoense João Homem Machado; o terceirense Januário Coelho da Silva, que foi Superior da Missão de Baucau e Diretor do Colégio Nuno Álvares Pereira em 30 anos de missão timorense; e o brasileiro, filho de emigrantes terceirenses, Ezequiel Enes Pascoal, que criou a Missão de Ossú, fundou a Revista Seara, dirigiu o Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli e publicou o livro *A alma timorense vista na sua fantasia*.

Em 1935, chegou a Timor o padre faialense Manuel Silveira Luís. Foi diretor da Escola de Artes e Ofícios de Díli, fundador do Colégio (masculino) de Santa Teresinha do Menino Jesus e do Colégio (feminino) Óscar Ruas e ainda diretor do Colégio Infante de Sagres. Dois sacerdotes picoenses chegaram a Timor em 1949 e em 1953. O primeiro, José Pereira da Silva Brum, dirigiu a Missão de Suai e foi perseguido pelas tropas indonésias. O segundo, Isidoro da Silva Alves, dirigiu o Colégio de Soibada e foi Superior da Missão de Ossú. O primeiro micalense a chegar a Timor, em 1956, foi o Padre Leoneto Vieira do Rego, dos Fenais da Luz. Foi diretor da revista Seara, Superior da Missão de Soibada, diretor do Colégio Nuno Álvares Pereira e governador do Bispado de Díli. Com a invasão das tropas indonésias, refugiou-se no mato com o seu povo, mas conseguiu regressar a Portugal, falecendo em 2002 na cidade de Ponta Delgada.

Outro sacerdote micalense, Reinaldo de Medeiros Cardoso, nasceu no Faial da Terra e missionou em Timor a partir de 1960, curiosamente, chegando a ser professor de Matemática do futuro Senhor Bispo Dom Carlos Ximenes Belo.

Da Terceira e do Pico seguiram para Timor, ainda nos anos sessenta, os padres Ivo Diniz da Rocha, João de Brito Martins Lourenço e José Carlos Vieira Simplício, este escrevendo um livro significativamente intitulado *Daqui Houve Missionários até aos Confins do Mundo*. Finalmente, o futuro Monsenhor Victor Manuel Rodrigues Vieira, natural da freguesia dos Arrifes, parte para Timor em 1967, ali missionando até à guerra civil de 1975.

O quarto capítulo deste livro não esquece o contributo de dois "Irmãos Leigos ou Coadjuutores", também eles de naturalidade açoriana, no âmbito do esforço coletivo de missão timorense.

Daniel Ornelas, da ilha Terceira, chegou a Díli em 1962, ao serviço da Companhia de Jesus. Como enfermeiro, ajudou os mais pobres especialmente durante a ocupação indonésia. Permaneceu em Timor durante quase meio século e foi condecorado pelo Presidente da República Portuguesa.

José Pereira Lobato, da Ribeira Grande, rumou a Timor em 1961, para servir como mestre de construções, no âmbito da sua Congregação Salesiana. Também ele resistiu à invasão indonésia de 1975.

O quinto e último capítulo recupera e arquiva para memória futura duas cartas manuscritas pelo Padre Norberto Barros, a partir da Missão de Ainaro, durante a Segunda Guerra Mundial, bem como um testemunho memorial da atual Embaixadora de Timor-Leste em Lisboa, Maria Paixão Costa. Todo este relato da vida dos nossos ao serviço dos outros faz de *Missionários Açorianos em Timor-Leste* uma obra que nos orgulha, inspira, sensibiliza e emociona.

Ao Senhor Dom Carlos Ximenes Belo estamos muito gratos por partilhar com o mundo um livro marcante de exaltação açoriana e ficamos muito honrados com a sua presença, para a sua apresentação, nesta nossa ilha do Pico.

JÁ TOMOU PARTE NO 17º COLÓQUIO NA MAIA EM 2013 E 26º LOMBA DA MAIA 2016 E ESTEVE NA APRESENTAÇÃO DA BGA EM PDL 2017

22. JUCÉLIA FERREIRA LOEBENS, DOUTORANDA DA UNIVERSIDADE DE ALCALÁ, ESPANHA, BRASIL,



SEIA 2014



BRAGANÇA 2007



MONTALEGRE 2016

Brasileira, Doutoranda em Literaturas Comparadas pela Universidade de Alcalá de Henares – Madrid – Espanha.

Mestrado em Formação de Professores de Espanhol pela UAH,

Especialista em Literaturas Comparadas pela UAH,

Especialista em Leitura e Produção de Textos no Ensino da Língua Portuguesa, pelo Centro Universitário Ritter do Reis - Porto Alegre -RS,

Graduada em Letras Licenciatura Plena, pela Universidade de Passo Fundo – RS – Brasil.

Professora de Língua Portuguesa e Língua Espanhola em Escolas do Governo Estadual.

Atuou como professora de Português como Língua estrangeira na Espanha. Apresentou trabalhos e publicações em vários países, mas atualmente está afastada das atividades profissionais por motivos pessoais.

Alguns trabalhos publicados:

1. FERREIRA LOEBENS, Jucélia, Jabelufo, Sérgio. *A interferência da língua portuguesa na aprendizagem da língua espanhola*. Sessões de Comunicações Integradas Línguas Estrangeiras - SELES – SELM – Universidade de Passo Fundo – RS. (outubro 2006).

www.upf.br/selesselm/arquivos/7SessoesDeComunicacaoIntegradasDia24.pdf

2. Ferreira Loebens, Jucélia. *Leyendas urbanas y rurales de Brasil contadas por brasileños que viven en Alcalá de Henares, Madrid*. Culturas Populares. Revista Electrónica 1 (enero-abril 2006). ISSN 1886-5623.

<http://www.culturaspopulares.org/textos%20I-1/articulos/Ferreira.htm>

3. Ferreira Loebens, Jucélia. *Escrituras Populares y españolas: las carpetas de adolescentes desde una perspectiva comparatista*. El Filandar/O Fiandeiro. Publicación de Cultura Tradicional, n. 16. Asociación Etnográfica Bajo Duero (Zamora) – 2005. pp. 16 a 20.

4. ARALDI, Lillian C., FERREIRA LOEBENS, Jucélia. *Intertextualidade: uma prática de respeito às diferenças*. Anais: II Seminário Internacional sobre Filosofia e Educação: racionalidade e tolerância. II Seminário Internacional sobre Filosofia e Educação. (Passo Fundo – RS) 2005, pp. 1 a 8. ISBN - 85-7515-333-1

5. Ferreira Loebens, Jucélia. "Alma desnuda". *Pétalos de Pasión*. Antología Poética. Centro de Estudios Poéticos. Ed. Mecopress, Madrid, 2006. p. 181.

6. FERREIRA LOEBENS, Jucélia. *La descripción de la mujer en Don Quijote y Vinicius de Moraes: comparaciones a través de la mirada intertextual*. Linceus – El portal de las Humanidades.

TEMA 2.3. Educação Fiscal como recurso educativo em manuais de Língua Portuguesa à luz da nova Base Comum Curricular no Brasil

A Educação Fiscal faz parte das políticas públicas que interagem com a sociedade civil com o intuito de fomentar a cidadania fiscal.

Há no Brasil, uma rede de iniciativas educativas que tem mantido uma oferta de capacitações na busca de disponibilizar a diversos públicos o conhecimento necessário para entender, minimamente, o sistema tributário brasileiro. Essas atividades possibilitam aos cidadãos entender e até intervir nos debates sobre as reformas que estão sendo propostas atualmente. Neste sentido, trazemos como exemplo a inclusão de um Caderno de Educação Fiscal à luz da nova Base Nacional Comum Curricular, destinado às séries iniciais do Ensino Público, com textos e exercícios abordando os tributos e gastos públicos. A elaboração do Caderno exige esforço adicional em função do recente corte de recursos financeiros e materiais, denotando certo descaso governamental.

A complexidade das receitas e despesas públicas, bem como a opacidade de alguns dados (sigilo fiscal¹⁰³), muitas vezes não permitem aos leigos, nessa matéria, compreender a arrecadação e alocação dos recursos públicos, resultando muitas vezes em apatia dos atores sociais em tomar ciência dessa informação.

Os meios de comunicação, que prestam serviço público, normalmente não pautam este tipo de informação ou o fazem de forma enviesada.

Esses são problemas sérios a serem enfrentados pela sociedade brasileira. A possibilidade de reversão desses problemas está na disseminação da educação fiscal, e neste sentido, projetos desenvolvidos com este tema representam uma alternativa de ampliação de uma consciência cidadã, proporcionada desde as séries iniciais e através de contextos pedagógicos incluídos no estudo da Língua Portuguesa.

JÁ TOMOU PARTE NO 8º COLÓQUIO EM BRAGANÇA 2007, 22º COLÓQUIO EM SEIA 2014 E 25º EM MONTALEGRE 2016

103 Os Portais de Transparência não disponibilizam dados sobre incentivos fiscais dados às empresas de forma pormenorizada, apenas dados globais.



MAIA 2013

KATHARINE F. BAKER, tradutora, é natural de Berkeley, Califórnia, EUA, de origem açoriana do lado paterno. Formou-se na Universidade da Califórnia-Berkeley, e tem um Mestrado na Universidade de Maryland - College Park. Estudou Português na Universidade de Pittsburgh na Pensilvânia.

Com Diniz Borges traduziu para inglês o romance *I No Longer Like Chocolates* de Álamoliveira [2006], o livro de poemas *My Californian Friends* de Vasco Pereira da Costa [2009], e também com Bobby J. Chamberlain, Ph.D., a pequena história *The Portuguese Presence in California* de Eduardo Mayone Dias, Ph.D. [2009]; traduziu com Chamberlain o ensaio “1,500 Visas Via a Volcano” de Oliveira no livro *Capelinhos: A Volcano of Synergies* de Tony Goulart [2008]; e, traduziu com Sandy Ventura os poemas de Gabriela Silva no livro *Ilha* [2007].

Escreveu dois capítulos no livro *Untamed Dreams – The Faces of America* de Portuguese Heritage Publications of California [2016].

É cotradutora com José Luís da Silva da biografia da emigrante *Lúcia Noia, menina e moça do coração* de Oliveira [2017].

Com Chamberlain traduziu o livro de ensaios *O peso do hífen* de Onésimo T. Almeida, Ph.D., a ser publicado por Tagus Press,

Submeteu às editoras os manuscritos das traduções inglesas do romance *Sorriso por dentro da noite* de Adelaide Freitas (com Chamberlain, Reinaldo A. Silva, Ph.D., e Emanuel Melo) e da antologia de contos *Uma dor tão desigual* (com Melo). Acabou os primeiros rascunhos do romance *Marta de Jesus (a verdadeira)* de Oliveira, e do *Andarilha*, um livro de crónicas de Maria João Dodman, Ph.D. (com Melo). Contribui de vez em quando à página “Maré Cheia” no jornal Californiano *Tribuna Portuguesa* e ao sítio web das Comunidades (RTP). Criou e atualiza os sítios web www.inolongerlikechocolates.com e www.mycalifornianfriends.com

Ver aqui as ilustrações [PowerPoint](#) ou em [pdf](#)

Tema 3.1. Traduzir o conto “Crónica da viagem” de Urbano Bettencourt (“Travelog”) de Urbano Bettencourt, Katharine F. Baker, Universidade de Pittsburgh, Pensilvânia, EUA; & Emanuel Melo, Universidade de Toronto (reformado), Ontário, Canadá

No conto satírico “Crónica da viagem” do seu livro *Que paisagem apagarás* [2010], Urbano Bettencourt descreve uma visita surreal pelo seu alter ego ao Corvo, a ilha menor dos Açores, com o propósito de preparar uma reportagem sobre o grande Restaurante Internacional – destino de *gourmands* mundiais – para uma revista fictícia com a missão pretensiosa de “proteger as flores da retórica e as flores da batata”.

A caminho ao Corvo, Urbano encontra na ilha vizinha das Flores um bom amigo, o autor e dramaturgo terceirense Álamoliveira, que por coincidência também está a dirigir-se de barco à mesma ilha para supervisionar a estreia, pela única companhia de teatro da ilha, duma improvável peça baseada no seu conto “O velho Joaquim” do livro *Com perfume e com veneno*. A apresentação dos tradutores discute os desafios de traduzir o “Crónica da viagem” para inglês.

“Crónica da viagem” de Urbano Bettencourt¹

A primeira vez que desembarquei no Corvo foi na companhia de Álamoliveira. Em verdade se diga essa chegada em simultâneo não era mais do que o resultado de uns inesperados dias de mau tempo que o retiveram nas Flores enquanto aguardava ligação marítima para a ilha vizinha. Qualquer um de nós preferia fazer de barco a ponta final do percurso, num dispêndio de tempo que provocava alguma perplexidade à rececionista matreira da pensão a que arribáramos. Não percebia como é que se trocava o avião por um barquinho daqueles, sujeitando-se a atrasos como este, aos balanços e ao enjoo, e tudo por causa, como os senhores dizem, de sentir a viagem, de descobrir a ilha, de ver o Corvo crescer a pouco e pouco sobre as nossas cabeças. Como se aquilo tivesse alguma coisa para descobrir ou ver erguer-se salvo seja!

E por aí se ficavam as coincidências do nosso encontro. Eu viajava com o propósito de preparar uma reportagem para a *Revista de Turismo & Literatura*, que tinha muito a ver com aquela “Sociedade humanitária de literatura e agricultura” cujo plano de acção consistia, segundo Manuel Zerbone, em “proteger as flores da retórica e as flores da batata”. Era por isso frequente encontrar na Revista trabalhos no género de “O passeio pedestre na obra de...” ou “A questão do género e a fermentação vínica” ou ainda “As personagens de... e a pesca submarina”. E outras especialidades afins, como as que se materializariam em “A importância do sustenido na Harmonia universal”, sobretudo a partir do momento em que a Revista decidiu abrir-se à chamada grande música. Mas a mais famosa e justamente aplaudida rubrica intitulava-se “A Cozinha dos Grandes Escritores Universais”: mês após mês, o redator principal fora soletando obras não regionais e acabara por fazer o público levantamento de uma variedade de receitas que passaram a ser confeccionadas e servidas no “Restaurante Internacional”, que D. Balduína abriu com os lucros provenientes da Revista. Para requintar ainda mais as refeições, conferindo-lhes um inconfundível charme intelectual, cada prato era acompanhado pela leitura, em voz alta e na língua original, de excertos da obra de onde fora retirada a respetiva receita. Desse modo, era possível ouvir Pushkin enquanto se comia uma maçã *flambée au vodka* ou saborear Hemingway ao mesmo tempo que um peixe assado *à la habanera*.

Nos dias de maior afluência e variedade de gostos, o “Internacional” tornava-se uma imensa metrópole em que ao rumor civilizado dos talheres se sobrepunha o murmúrio das mais desvairadas línguas, numa expressão de cosmopolitismo que só encontra paralelo nas conferências de imprensa do futebol português. É certo que se tornou sempre muito mais fácil avaliar o sucesso do Restaurante pelos resultados gastronómicos do que pelos literários propriamente ditos, até porque nunca chegaram a concretizar-se as anunciadas excursões culturistas de Barbados e das Virgens Britânicas. Apesar disso, os apoios concedidos a fundo perdido para importação de obras estrangeiras não deixaram de ser considerados um bom investimento: não incentivaram o aumento de leitores locais (embora o “Internacional” chegasse por vezes a concentrar oitenta por cento da massa crítica da Ilha & Arredores), mas contribuíram de forma inequívoca para o fortalecimento e coesão do tecido empresarial.

Eu viajava, pois, com o objetivo de realizar um desses trabalhos que D. Balduína me encomendava de tempos a tempos. Com eles contrabalançava a prosa esconsa dos seus jornalistas e colaboradores regulares que se limitavam a fazer redações, nem sempre gramaticalmente corretas, sobre o conforto e o desconforto das instalações hotelarias, sobre os preços dos vinhos ou ainda sobre pratos mais ou menos atípicos: ficou célebre a denúncia de um restaurante onde a morcela era servida com batatas fritas e que levou à pronta e profícua intervenção da Brigada de Higiene e Fiscalização dos Costumes. Apesar da perturbação que me provocavam em termos pessoais e até profissionais, esses trabalhos eram sempre uma boa achega para o meu orçamento. Mesmo quando me não pagava em géneros (uma viagem de férias, por exemplo, faturada como de serviço), a Contabilidade lá ia arranjan-do maneira de esquecer o recibo verde, o que me permitia escapar alegremente aos zelosos fiscais do fisco.

Álamoliveira, por seu turno, e tanto quanto me confessou por entre alguns uisques avulsos, ia até ao Corvo ultimar a encenação do seu conto “O velho Joaquim”, que despertara a atenção e o interesse da única companhia de teatro da ilha. Tratava-se de uma história em que o Governo, após uma viagem de muito incómodo e mor enjoo, aportava ao Corvo para a visita anual; à sua chegada, a comitiva governamental é devorada por milhões de ratos que, vítimas da gula e do veneno, se atiram ao mar, onde acabam por morrer. E o velho

¹ Bettencourt, Urbano. “Crónica de viagem.” In *Que paisagem apagarás*. Ponta Delgada: Publiçor, 2010, pp. 35-41.

Atas colóquio da lusofonia –

Joaquim pôde, por isso, continuar na sua quietação de habitante único da ilha. A adaptação teatral era modesta, dizia o autor, mas o convite lisonjeara-o e a sua ida, além de representar um estímulo para os atores locais, permitia-lhe ainda fugir por uns tempos à mesmice de Angra. Desembarcados no Porta da Casa, tomámos por isso rumos diferentes. Álamo Oliveira foi levado pelos seus anfitriões do teatro e eu meti-me a caminho da casa de D. Crisântema, “numa das esquinas contíguas ao Largo do Outeiro”, como tivera o cuidado de acentuar a eficiente funcionária da Revista que se ocupava de contactos e logística. “Um nome destes deve pesar mais do que a alma nacional” – pensei eu, enquanto a meu pedido ela mo repetia, salivando as sílabas demoradamente. “Quem assim batiza uma criança deveria ser obrigado a dar todos os anos uma volta à ilha a pé”. Todavia, e não obstante a incógnita que para mim representava essa anfitriã, não era a primeira vez que a ilha se via contemplada com os projetos da Revista.

Alguns anos antes, e por ocasião das nove conferências que assinalaram o seu nono aniversário de publicação, fora concedido ao Corvo o privilégio de ouvir falar sobre o Papel e o Destino das Culturas Locais num Contexto de GêGê, ou seja, Globalização Galopante. Durante duas horas, e por trás de uma mesa coberta de fatias de Queijo da Ilha e Massa Sovada, o Conferencista dissertara, e mui brabamente desaceralara, num tom otimista a que não faltaram, no entanto, breves nuvens sombrias que, de pronto teve o cuidado de varrer do horizonte. Havia, com efeito, um exemplo ou outro, capazes de causar alguma inquietação, mas tratava-se, felizmente, de situações pontuais, muito pontuais mesmo. Era o caso do vinho de cheiro, cuja produção nas Ilhas fora proibida pelas intrometedices de Bruxelas que, desse modo, manifestara a sua capitulação perante os lóbis da Coca-Cola. Em contrapartida, pensassem todos no que acontecera com a Massa Sovada – e agitava no ar uma fatia – que vencera a hostil gastronomia norte-americana e se tornara um objeto de luxo fora do chamado mercado da saudade. Não era verdade que esse genuíno produto das Ilhas conseguira até entrar na ementa de uma estrela com a grandeza de Kate Dunne? Portanto, – concluía sem rematar – este argumento que nos pode tranquilizar a todos e que de forma segura augura para as pequenas culturas locais o futuro radioso dos amanhãs que cantam. Muito embora... - ressalvava e teria prosseguido ainda se, do fundo da sala, um dos ouvintes mais atentos e interessados não se tivesse erguido e bradado “Passa a massa e cala a boca!”, o que acabou por repor a ordem natural das coisas, ou seja, o Conferencista na casa onde se hospedava e os corvinos em amena confraternização à volta da mesa que fora dele.

À minha espera estava, afinal, uma mulher aparentando pouco mais de cinquenta anos e a que um camiseiro largo e solto sobre as calças de ganga dava um ar desembaraçado, desportivo mesmo. Trazia o cabelo puxado para a nuca e rematado por dois travessões, deixando à plena luz um rosto sereno e um sorriso imenso que acentuava a expressão de quem resolveu todos os problemas consigo e com o mundo. E, quando ela se aproximou e declinou o seu nome, quatro suaves e inesperadas notas vibraram por momentos antes de se diluírem no brilho macio da tarde. Subitamente, qualquer coisa naquela mulher tornava-se-me familiar, reconhecível, e não eram apenas os olhos, de um azul profundo como o que o pintor Seixas Peixoto captou nos seus Rostos Açorianos. Qualquer coisa indefinível e difusa que eu levaria vários dias para, finalmente, conseguir desvendar.

“**Travelog**”, **de Urbano Bettencourt. Traduzida por Katharine F. Baker e Emanuel Melo**

The first time I set foot on Corvo, it was in the company of Álamo Oliveira.

Truth be told, our simultaneous arrival was nothing more than the result of some unexpected days of foul weather that had detained Álamo on Flores while he waited for his water-borne connection to the neighboring island. Each of us preferred to make the last leg of our trip by ferry, in an expenditure of time that slightly perplexed the guesthouse’s savvy receptionist upon our arrival. She didn’t understand why anyone would trade a plane for one of these little boats – subjecting themselves to delays like this, to the pitching and yawing, and the seasickness – all, as gentlemen say, for the experience of feeling the trip, of discovering the island, seeing Corvo grow gradually larger before our eyes as though it possessed something new to discover, or to be seen looming as a destination.

And there ended the coincidences of our encounter. I was traveling on assignment for the *Revista de Turismo & Literatura*, a magazine associated with the Literature, Agriculture and Human Values Society – whose mission, according to Manuel Zerbone, was to “protect the flowering of both rhetoric and potatoes.” Thus, pieces like “Travels by Foot in the Works of [author]” or “The Issue of Gender and Wine Fermentation” or “Characters in [title] and Underwater Fishing” were frequently found in the *Revista*. And other related specialties – like those that cropped up in “The Importance of the Sharp Sign in Universal Harmony,” especially once the magazine decided to expand its coverage to so-called “great music.” But its most famous and justly applauded series was titled “Kitchens of the World’s Great Writers”: month after month the editor-in-chief had turned out non-local features and completed a public survey of a variety of recipes that would be prepared and served at the Restaurante Internacional, which Dona Balduína had opened with *Revista* profits. To refine her meals further, lending them an indisputable intellectual charm, each dish was paired with the live reading in the original language of excerpts of the work from which its respective recipe was drawn. Thus, it was possible to listen to Pushkin while eating an apple *flambée à la vodka* or to savor Hemingway at the same time as a Cuban-style roasted fish *à la habañera*.

In those days of greater affluence and range of tastes, the Restaurante Internacional grew into an immense operation where the civilized sound of place settings added to the murmur of a most bewildering array of languages in a show of cosmopolitanism paralleled only by Portuguese soccer press conferences. Certainly, it was always far easier to evaluate the restaurant’s success by gastronomic rather than strictly literary results, since its announced cultural tours of Barbados and the British Virgin Islands never materialized. Despite this, the support provided for the importation of foreign works was still deemed a sound investment: even though it did not foster an increase in local *Revista* readership – although the “Internacional” at times reached as much as eighty percent of the population around the island and its environs – it unequivocally contributed to the strength and cohesion of the business network.

I was, in fact, traveling with the aim of producing one of those works that from time to time Dona Balduína commissioned from me. I counterbalanced them with the opaque prose of the *Revista*’s journalists and regular contributors, who were limited to writing articles (not always grammatically correct) about the convenience and inconvenience of hotel kitchen installations, wine prices, and more or less inauthentic dishes: its denunciation of one restaurant where *morcela* [blood sausage] was served with French fries became a cause célèbre, leading to a prompt and effective intervention by the Hygiene and Customs Inspection Brigade. Despite the disruption that these jobs caused me on personal and even professional terms, they were always a good supplement to my income. Even when I was not paid in kind (a vacation, for example, billed as a business expense), Accounting would find a way to ignore my green slip, which happily enabled me to escape zealous tax auditors.

Álamo Oliveira in turn – and he as much as admitted this to me over a few single-malt whiskies – was going to Corvo to finalize the staging of his short story “O Velho Joaquim,” which had caught the attention and interest of the island’s only theatrical troupe. It was a tale of the Azores government which, after a voyage of great inconvenience and much seasickness, reached Corvo for its annual visit; upon arrival, the delegation is devoured by millions of rats, the victims of greed and poison, that thereupon hurl themselves into the sea, where they wind up dying. And so Old Joaquim was able to live on in peace and quiet as the island’s sole inhabitant. The theatrical adaptation was modest, the author said, but the invitation had flattered him, and his journey, besides stimulating the local players, allowed him a respite from Angra do Heroísmo’s humdrum for a while.

Upon disembarking at the Porta da Casa, we took off in different directions. Álamo Oliveira was whisked off by his theatrical hosts, while I found my way to Dona Crisantema’s house, “on one of the corners at Largo do Outeiro plaza,” as she’d carefully stressed to the *Revista*’s efficient clerk in charge of contacts and logistics.

“Names like these should weigh more than the national soul,” I thought, while at my request she repeated it to me, salivating slowly over each syllable. “Anyone who baptizes a child with a name like that should be compelled to hike the island’s perimeter every year.” Still, and despite this woman I didn’t know, it wasn’t the first time the island was considered for *Revista* projects.

Some years earlier, on the occasion of conferences held on all nine islands marking the ninth anniversary of the *Revista*’s debut, Corvo had been bestowed the privilege of hosting a talk on the Role and future of Local Cultures in the Context of GG (i.e., Galloping Globalization). For two hours, from behind a table covered with slices of island cheese and sweet *massa sovada* bread, the keynote speaker had pontificated, committing flagrant errors in an optimistic tone – despite some brief dark clouds which, however, he promptly took care to dispel from the horizon. There was indeed one or another example capable of causing some concern, but fortunately, it was in specific situations, very specific, in fact. There was a matter of light red Azorean *vinho de cheiro* wine, the production of which in the islands had been banned by EU meddlers in Brussels, who had accordingly displayed their capitulation to the Coca-Cola lobby. Instead, think of what had happened with *massa sovada* – and he waved a slice in the air – that had won over North America’s hostile gastronomy and become a gourmet item outside the so-called *saudade* emigré market. Wasn’t it true that this authentic island product had even succeeded in breaching the menu of a star of the magnitude of Kate Dunne? And so, without further ado, he concluded the latter argument that could reassure us all, and augur with certainty for small local cultures the bright future of tomorrows full of promise. Although...

He was still reinforcing his point and would have proceeded further if, from the back of the room, one of the most attentive and interested listeners hadn’t stood up and bellowed “Shut up and pass the *massa*,” which succeeded in restoring the natural order of things – that is, at the house where the Speaker was staying, he and the Corvinos were sitting in perfect harmony around the table where he’d just presided.

Waiting for me afterwards was a woman who appeared no more than fifty years of age, but whose wide, loose shirt over jeans conveyed a casual, even sporty, air. She wore her hair pulled back at the neck and pinned with two barrettes, allowing full light to shine on her serene face, and she had a wide smile that conveyed the expression of someone who’d solved all of her own problems as well as the world’s. And when she came over and spoke her name, four soft and unexpected notes fluttered briefly before they diluted the afternoon’s soft glow.

Suddenly, something about that woman grew familiar, recognizable to me, and it wasn’t just her eyes, which were deep blue like those that painter Seixas Peixoto captured in his *Rostos Açorianos* [Azorean Faces] – an indefinable and obscure something that would ultimately take me several days to figure out.

“**O velho Joaquim**” (“**Old Joaquim**”) **de Álamo Oliveira ² Ao Vasco Pereira da Costa, que escreveu o “Coro dos Velhos do Corvo”**

As mãos repousavam sobre os joelhos e ninguém sabia se aquele estremecer sísmico provinha de pequenas deficiências sanguíneas ou de alguma inquietude da alma. Que os anos se acumularam sobre as costas, isso era verdade. E, de qualquer forma, não era esse estremecer que chamava a atenção. Bem mais apelativo era o seu olhar quase impestanejante. Aliás, à sombra da casa, os seus olhos eram tocados pela cor do mar como se possuíssem um desses exóticos aparelhos de contaminação que os cientistas usam para afirmar a sua ciência. Quem o olhava, não lhe ficava indiferente. Havia uma sedução não assumida – por isso, patética – que resvalava pela ilha e desaguava infalivelmente no mar, rio condenado a afogar-se na imensidão do vazio.

Andavam todos por ali, num quotidiano feito de coisa nenhuma, penélopes comprometidas com a invisível teia do destino. E ele, sentado à porta, não era mais do que o espelho do tempo, delapidado por incontroláveis estragos, posto como uma necessidade ou reflexo da própria eternidade. As rugas tinham surgido com os anos e isso era normal, mesmo quando se habitava uma ilha que pouco mais significava do que um pedaço de solidão no meio do deserto... de água.

O velho Joaquim não sabia há quantos anos nascera e ninguém ousava arriscar um número. Clementina jura que ele já era velho nos seus tempos de menina e agora também lhe custa a contar os seus oitenta e três anos. Por isso, ele não servia de referência a nenhum acontecimento: partida, epidemia, temporal, morte. Através dele, não podiam reconstituir o passado. Ninguém lhe perguntava: «O tio Joaquim lembra-se de...?!», ou «Como era a ilha no seu tempo?!» Eram curiosidades perdidas. A memória única e possível era a de sabê-lo sentado à porta com os olhos fixos no mar. E aí residia a sua importância. Para lavar e semear a terra, para fazer colheitas ou ir à pesca, consultavam-lhe a cor dos olhos marcavam as datas para casar, emprenhar e morrer. Ninguém morria em azul-marinho, por exemplo. Era um desperdício. Nesses dias, os homens ficavam na cama com as mulheres ou iam até à costa para se cansarem do silêncio.

Porém, todos foram envelhecendo. Perderam qualidades e deixaram de ter filhos. Pouco a pouco, abandonaram as terras, deixando-as à mercê das silvas, dos fetos, das faias. Mas nem os canários ficaram mais felizes. Sentiam que aquele sossego estava mais perto do fim do mundo do que da chegada de qualquer barco desrumado pela tempestade. Só o velho Joaquim mantinha inalterável o ritmo cardíaco do seu estar sentado, feito graça da terra ou garrafa de SOS que se esquece de acostar em tempo útil.

^[1] Oliveira, Álamo: “O velho Joaquim”. In Com perfume e com veneno. Lisboa: Coleção Garajau. Edições Salamandra, 1997, pp. 139-48.

Atas colóquio da lusofonia –

Na ilha, ia-se morrendo. Os que sobejavam foram-se prendendo à batina do padre, não por causa dos pecados e do medo do inferno, mas para poupar trabalho na hora da morte. Abandonaram as casas, deixando portas e janelas escancaradas. E esgotaram o que era possível comer. Não havia uma vaca, um leitão, uma galinha, um coelho. Hortaliças, só as ervas. Tinham-se deixado cair no pecado da desolação e sentaram-se nos bancos da igreja à espera do derradeiro suspiro. Nem se importaram com o destino do único cão e dos dois gatos que, entretanto, estavam em vias de morrer também, mas de fatura. É que a ilha começou a ser invadida por uma multidão de ratos – ratos que surgiram de todos os buracos das paredes, de todas as portas, dos telhados, dos currais, das atafonas, dos esgotos e até das árvores e do mar. E se é verdade que o cão e os gatos se foram alimentando deles, também é verdade que, um dia, os ratos os devoraram. Os últimos sobreviventes não tiveram melhor sorte. Está por provar se morreram de inação (o que seria uma morte natural), ou se os ratos, depois de se banquetearam com as hóstias do sacrário e o azeite da lamparina, os foram roendo ainda enquanto vivos. Não ficou ponta de osso.

Há muito que se tinham esquecido do velho Joaquim, sentado à porta da sua casa, as mãos sobre os joelhos e o corpo tocado por sísmico tremor. A cor dos seus olhos já não servia para nada.

Os membros do gabinete do senhor Presidente estavam em pânico. Há dois dias que procuravam contactar, por telefone, a pequena ilha para anunciarem a data do programa da visita constitucional. Mas o telefone apenas devolvia ruídos intermitentes que não forneciam qualquer interpretação técnica. Era como se estivessem a ligar para o ponto zero do quintal mais próximo. E, no entanto, era urgente cumprir a lei que prescrevia: «Ao menos uma vez por mandato, o governo visitará cada uma das suas ilhas.» Faltava a mais pequena e mais distante. É que, passado quase um século, o mandato terminava na semana seguinte e, em vésperas de eleições, nenhuma ilegalidade podia transformar-se em trunfo nas mãos da oposição. Só que o telefone não atinava com aquela ilha pequena e distante. O eco nem tinha forças para lhes devolver o apelo.

Houve que reunir de emergência. As calvícies aumentaram, branquearam cabelos, fizeram-se esforços suplementares e aconteceu o habitual: suores frios e derramamentos cerebrais. Mas não conseguiram qualquer contacto com a ilha, mesmo com funcionários destacados, para discar o número durante vinte e quatro horas.

Sobre a mesa de reuniões, puseram todas as hipóteses: avaria do único telefone da ilha (a Companhia não o podia comprovar e, muito menos, reparar); que os habitantes andavam a festejar o Espírito Santo (era época disso); que estavam a ensaiar folclore (em tempos, tinham-lhes prometido um passeio); que os membros da filarmónica estavam a aprender a tocar o hino para eventual visita do senhor Presidente; que se mantinham ocupados em qualquer acontecimento social. Mas em circunstância alguma, ficariam impedidos de passar, mesmo que fugazmente, pelo telefone.

Puseram, então hipóteses mais convencionais: descontentamento com a governação (nem sequer conheciam o senhor Presidente); mudança de pátria (a América ali tão perto e muito mais rica); alguém com a conivência do padre, dera o grito de independência e pronto; desligação pura e simples do telefone para salvaguardarem a sua saúde mental ou para se deixarem vaguear, com a ilha, no meio do mar sem preocupações de futuro, já que o passado se fora sem deixar rastos de saudade e o presente não era para discutir. A cada uma destas hipóteses, o senhor Presidente comentava: «Será possível?! Aí, os filhos da puta!» E de quarto em quarto de hora, abria-se a porta da sala de reuniões para deixar ver a cabeça do telefonista abanando pendularmente para a direita e para a esquerda, o que queria dizer: «Ainda não se conseguiu ligação...»

De repente, o contínuo – farto de carregar as garrafas de água que refrescavam os membros do gabinete – alvitrou: «E se telefonassem para a ilha mais próxima?! Talvez de lá se avistasse alguém e lhe fosse transmitido o programa da visita através do alfabeto escotista...» / «Bem pensado!», disse o senhor Presidente. Telefonaram. Uma voz cheia de referências de sono, disse: «Tô»

Mas, não resultou. À noite, informaram que tinham convocado toda a população e passado o dia a olhar para a outra ilha. E só uma vez lhes pareceu terem avistado alguém, provavelmente um fantasma porque logo levou sumiço. Segundo a mesma fonte, o céu estava limpo, o mar manso e o ar sem humidade. Até tinham levado farnéis para confraternizar. Enquanto o senhor Presidente agradecia o empenho, a voz interrompeu para acrescentar que não estivessem em cuidados porque, na outra ilha, tudo devia estar bem. É que, embora não se avistasse viva alma, o vento trazia de lá um cheiro que, não se parecendo com água de rosas, também não era o de carne chamuscada. Foi um alívio.

E com tudo isto, apenas faltavam seis dias para o fim do mandato. Se partissem imediatamente, voltariam a tempo de votar no senhor Presidente.

Partiram como calhou. Pouca bagagem. Nada de coisas supérfluas. O Chefe de gabinete meteu, na pasta, o mais importante: o discurso que o senhor Presidente iria proferir – o mesmo que já lera nas outras ilhas. Enfiaram também três jornalistas e um operador de câmara de televisão para o registo óbvio. Era o q.b.

O senhor Presidente enjoava a bordo e, por simpatia, os membros do gabinete enjoavam também. Era bonito ver toda aquela solidariedade governativa. Conseguiam mesmo imitar os roncos presidenciais que, com a continuidade, desfaleciam até se transformarem em gemidos agónicos. Mas só numa viagem como aquela se conseguia avaliar o sacrifício de governar ilhas. A solidão do velho Joaquim e a premonição da cor dos seus olhos era poesia barata perante a generosidade épica do gabinete do senhor Presidente. A verdade, é que o velho Joaquim era um simples desconhecido e ninguém o mandara quedar-se sentado, à sombra da sua velha casa, naquela ilha pequena e distante. Não fosse o predisposto na lei, e todos estariam livres de vomitar a alma numa viagem de barco.

Mas era assim que o enjoou também evitava que o senhor Presidente e o seu gabinete conhecessem, de facto, a verdadeira extensão do seu território. Sem saírem dos camarotes e alimentados por doses sucessivas de caldos de galinha, deixaram-se andar sobre a imensidão do mar, alheios às brincadeiras amorosas dos enormes bandos de golfinhos e aos repuxos insolentes dos cachalotes. E fizeram questão de passar pelas outras ilhas, disfarçados com chapéu de palha, que é como quem diz sob o signo da clandestinidade. Ignoraram a mensagem dos astros, o movimento do sol, os rumos traçados pelo comandante do barco. Iam ali como réstea [sic] de cebolas dependurada na mais vulgar despena da paciência. E cheiravam mal.

Na manhã do terceiro dia, o comandante mandou avisar que já se avistava a ilha. E deu as informações meteorológicas que sabia: «céu muito nublado, possibilidade de aguaceiros, humidade relativa». Ninguém reagiu. «Dentro de uma hora vamos atracar!» informou, de novo, o comandante.

Começaram a levantar-se com tímidas ameaças. Ressuscitavam envergonhadamente. Como todos cheiravam à mesma suja fraqueza, foram-se suportando, entre esgares e sorrisos, até chegarem à luz do dia. E viram, pela primeira vez, a pequena ilha que governavam. «Tão pouca terra, não vale o meu estômago!» disse o senhor Presidente. A ilha lá estava, embrulhada em seu manto de verdes, túmulo calado, um girassol lindo.

O barco foi-se aproximando. Reduziu a velocidade e deslizou como tapete rolante ou mosca sobre taça de gelatina. E quando o cais ficou à mão de atracar, já todos tinham caído no oceano do desânimo. É que nem as autoridades autárquicas, nem a filarmónica, nem o grupo de folclore, nem o padre, ne qualquer pessoa, se postara sobre o cais para esperar tão ilustre comitiva. Os jornalistas sentiram-se, enfim, analfabetos e o operador de câmara o escravo de todas as máquinas inúteis. Pela primeira vez, era possível provar que se pode reduzir qualquer governo à sua insignificância.

Saltaram para o cais. Olharam-se entre o espanto e o ridículo e, silenciosos, dispuseram-se a subir até à povoação. Se tanto lhes fosse possível, veriam que os olhos do velho Joaquim estavam cinzentos.

Depois, foi a estupefação: milhões de ratos surgiram de sob as pedras, das casas, da igreja, das árvores e banquetearam-se sordidamente, por entre gritos e espasmos, devorando, sem protocolo nem hierarquia, toda a comitiva do governo. Escapou a câmara de televisão e uma gravata de má qualidade, que não era a do senhor Presidente. O festim terminou, porém, de forma imprevisível: cheios de cólicas indigestas, os ratos atiraram-se ao mar e.... morreram. A gula sempre foi um pecado muito feio.

* * * * *

O velho Joaquim, à porta da sua casa, é agora dono e senhor da sua ilha. Mantém-se com as mãos sobre os joelhos e o mesmo tremor sísmico no corpo. Os seus olhos continuam a anunciar a cor do mar. Como se fosse a própria eternidade, não se vai aperceber que, assim como o governo, também o mundo, um dia, acabará. Porém, sempre que pode, sorri. Levemente.

“Old Joaquim” by Álvaro Oliveira, translated by Katharine F. Baker and Emanuel Melo

To Vasco Pereira da Costa, who wrote "Chorus of the Elders of Corvo"

His hands rested on his knees, and no one knew whether that seismic shuddering of his derived from a minor blood deficiency or some disquiet in his soul. That the years had accrued on his back was true. And in any case, it wasn’t his shudder that drew attention. Far more riveting was his almost unblinking gaze. Besides, in the shade of his house, the color of the sea reflected in his eyes as though they possessed one of those exotic contamination detectors that scientists use to confirm their findings. No one who looked at him could remain indifferent. There was an unsuspected – and therefore pathetic – seduction that flowed on the island and emptied unerringly into the ocean, a river doomed to drown in the vast emptiness.

Everyone milled around there, living a daily routine of nothing in particular, like faithful Penelopes committed to weaving an invisible web of destiny – and he, sitting at the door, was nothing more than the mirror of time, dissipated by uncontrollable deterioration, on watch as a necessity or a reflection of eternity itself. His wrinkles had developed over the years, but this was normal, even when inhabiting an island that signified little more than a piece of solitude in the middle of a desert... made of water.

Old Joaquim didn’t know how many years ago he’d been born, and no one dared hazard a number. Clementina swears he was already elderly during her girlhood, and now she has a hard time counting her own eighty-three years. So he served as no point of reference for any event: departure, epidemic, storms, death. They were unable to reconstitute the past through him. No one asked, “Uncle Joaquim, do you remember that?” or “What was the island like back in your day?” Those curiosities were lost. The only memory possible was to find him sitting by the door with his eyes fixed on the sea. And therein lay his importance. In order to know when to till and sow the land, reap harvests or go fishing, they consulted the color of his eyes, scheduling dates to marry, labor, and die. No one died when his eyes were navy blue, for example. That would be a waste. On those days, men would stay in bed with their wives or go to the coast until they wearied of its silence.

However, everyone got older. They lost their vigor and stopped having children. Little by little they abandoned their land, leaving it to the mercy of blackberry brambles, ferns and beech trees. However, not even the canaries were happier. Maybe they sensed that this quietness was closer to the end of the world than to the arrival of any storm-tossed boat. Only old Joaquim kept his heart rhythm steady by always sitting, thanks to the land or the SOS message in a bottle that neglects to come ashore in time of need.

On the island, they were dying. Survivors clutched the priest’s cassock, not because of their sins and fear of hell, but to save themselves at the hour of death. They abandoned their homes, leaving the doors and windows wide open. And they depleted all their food sources. Not a single cow, suckling pig, hen or rabbit was left. Among the vegetables, only herbs. They had fallen into the sin of desolation and sat on the river banks waiting to draw their last breath. They didn’t care, either, about the fate of the sole remaining dog and two cats, which were also in the process of dying, but of gluttony. The island began to be invaded by a horde of rats – rats that emerged from all the holes in the walls, from all the doors, roofs, corrals, mills, sewers, and even the trees and the sea. And if it’s true that the dog and cats had been feeding on them, it’s also true that one day the rats devoured them. The last survivors had no better luck. It remains to be proven whether they died of inaction (which would be a natural death), or if the rats, after feasting on the churches’ hosts and lamp oil, were gnawing the still-living. Not one bit of bone was left.

They had long forgotten old Joaquim, seated at the door of his house, hands on his knees, and body trembling with seismic tremor. His eye color was of no use.

The President’s staff was in a panic. Two days earlier they tried contacting the tiny island by telephone to announce the date for their constitutionally-mandated visit. But the line returned only meaningless noises at irregular intervals. It was like calling a dead spot in the next-door backyard. And yet it was urgent to comply with the law that prescribed that “at least once each term, the government shall visit every one of its islands.”

They still hadn’t gotten to the smallest, remotest one. The problem was that this mandate, passed almost a century earlier, would be expiring the next week, but on the eve of elections, no violation of the law could be allowed to be turned into an advantage in opposition hands. But phone service to that tiny, distant island was not working. The echo didn’t even have the strength to call back.

An emergency meeting was called. Baldness increased, hair whitened, extra efforts were made and the customary occurred: cold sweat and apoplexy. But they were unable to contact the island, even with dedicated functionaries dialing the number for twenty-four hours.

Atas colóquio da lusofonia –

They placed all the scenarios on the meeting table: breakdown of the island's only telephone (the company couldn't check, much less repair it); the inhabitants were off at the Holy Spirit *feira* (it was the season); the folk musicians and dancers were rehearsing (they had once been promised a tour); members of the *filarmónica* marching band were learning to play the hymn for the President's eventual visit; they were busy with some social event. But under no circumstance would they be prevented from answering the telephone, even fleetingly.

Next, they posited more conventional theories: discontent with governance (they'd never even met the President); change of country (America being so near and much wealthier); someone who, with priestly connivance, had promptly raised the cry of independence; or pure and simple disconnection of the telephone, in order to safeguard their mental health or allow themselves to meander, like the island, in the middle of the ocean, unconcerned for the future, since the past had left no trace of longing and the present was not up for debate. In each case, the President asked, "Is that possible? Those sons-of-bitches!"

And every quarter hour the boardroom door would open to show the operator's head shaking from left to right, meaning, "No connection yet."

Suddenly the aide – tired of fetching water bottles to refresh cabinet members – proposed, "What if you telephone the nearest island? Maybe, someone, there could spot a person across the channel to whom the agenda for our visit can be flashed in Morse code, Boy Scout-style."

"Good idea," the President said. They phoned.

A sleepy voice answered, "Hello?"

But it didn't work out. That night they reported that they'd convened all of the populace, and spent the day gazing at the other island. And only once did they seem to catch sight of anyone, probably a ghost because it soon vanished. According to the same source, the sky was clear, the sea smooth and the air not humid. They had even brought along picnic baskets for socializing. While the President was thanking them for their effort, the voice interrupted to add that they were not under a caution, because on the other island everything ought to be fine. The fact is that although they couldn't spot a living soul, the wind carried a smell resembling neither rose water nor scorched flesh. That was a relief.

And after all this, there were only six days left until the end of the term. If they departed immediately, they could get back in time to vote for the President.

They left as they were. Little baggage. Nothing superfluous. The head of the cabinet put the most important item in his briefcase: the speech the President was going to deliver – the same one he'd already given on the other islands. Three journalists and a television camera operator also trailed along to record the event. This was how he liked things.

The President threw up on board, so out of sympathy, the cabinet members did too. It was lovely to see all that government solidarity. They were even able to imitate the presidential snores which, as they continued, turned into agonized moans. But it was only on such a trip that one could gauge the sacrifice of governing islands. Old Joaquim's loneliness and the prediction based on the color of his eyes was cheap poetry in the face of the epic generosity of the President's office. The truth is that old Joaquim was a mere nobody, and no one had ordered him to sit in the shade of his old house on that small distant island. Were the visit not required by law, they'd all have been spared throwing up during a boat ride.

Thus, it was that seasickness also kept the President and his cabinet from becoming acquainted with the full extent of their territory. By not leaving their cabins, and being served bowl after bowl of chicken broth, they were left to travel the sea's immensity oblivious to the amorous play of enormous pods of dolphins and the insolent leaps of sperm whales. And they made a point of passing through the other islands hidden under straw hats, which is to say incognito. They ignored the guidance of the stars, the movement of the sun, the course mapped out by the ship's captain. They were going there like a braid of onions hanging in the most ordinary pantry of patience. And like onions, they smelled bad.

The morning of the third day, the captain sent word that the island was now in sight. And he relayed what little meteorological information he had: "Very cloudy sky, the possibility of showers, high relative humidity." No one reacted. "In less than an hour, we'll be docking," the captain further announced.

Under mild threat, they began getting up and revived themselves ashamedly. Like everyone, they smelled of the same dirty weakness and braced themselves between grimaces and smiles until daylight arrived. And for the first time, they caught sight of the tiny island they governed.

"So little land, it's not worth it to my stomach," the President said. The island lay there wrapped in its multi-green cloak – a silent tomb, a beautiful sunflower.

The boat approached. It slowed down and glided in like a flying carpet, or a fly atop a bowl of jelly. And once the wharf was close enough to dock, they all fell into a sea of discouragement. Neither the local authorities nor the *filarmónica*, folkloric musicians and dancers, priest nor anyone else was standing on the wharf waiting to greet such an illustrious party. It made the journalists feel illiterate and the cameraman a slave to all his unnecessary equipment. For the first time, it was possible to prove that any government can be reduced to insignificance.

They jumped across the gap to the dock, looked at one another in amazement and ridicule, and silently set out on their hike up to the village. If it were possible, they would have seen that old Joaquim's eyes were gray.

After that, astonishment: millions of rats popped out from under the stones, houses, church and trees – and sordidly feasted amid cries and spasms, devouring without attention to protocol or hierarchy the whole government entourage. The television camera escaped, as did a shabby necktie (not the President's). The feasting ended unpredictably, however: bloated with indigestion, the rats flung themselves into the sea... and died. Gluttony has always been a very ugly sin.

* * * * *

Old Joaquim, by the door of his house, is now lord and master of his island. His hands rest on his knees and the same seismic tremor shakes his body. His eyes still announce the color of the sea. As if it were eternity itself, he will not realize that, just like the government, so too will the world end one day. But whenever he can, he smiles. Slightly.

“Dario Cecchini and Mario Batali To Open Meat Palace Restaurant on Island in Middle of Atlantic Ocean,” by Michael Krikorian³

New York City's most famous chef, Mario Batali, and Italy's most famous butcher, Dario Cecchini, are joining forces to open a meat-themed restaurant in an unlikely location; an island almost smack daube in the middle of the Atlantic Ocean.

After considering both Manhattan and Tuscany as sites, the two foodie superstars have finally agreed to meet roughly halfway from each other's home turf and that turns out to be Flores Island, the westernmost island of the Azores Archipelago.

Tentatively entitled il Gran Palazzo di Carne, the joint venture came about after Batali and Cecchini had lunch last year at Katz's Famous Delicatessen in New York and began toying with the idea of uniting to form what one food professional called "A Temple to the Cow." "This could be the greatest thing to happen [sic] to beef since Moses put two cows on that ark of his," said Sir Charles Dillingsworth, the United Kingdom's foremost food critic, but also a man woefully inept when it comes to ark ownership. Neither Batali nor Cecchini would comment on the project. However, Cecchini's wife, the American-born Kimberly Wicks, was caught off guard when asked about the apparently tight-lipped collaboration. "I can't believe you found out about it!", she said in an E-mail reply from Tuscany.

A leading travel agent in the Mid-East said when she heard of the partnership of Cecchini and Batali "it was one of those It's about time" moments. "Mario and Dario together makes total sense," said Julianne Nebuchadnezzar from "Let's Get Away Now and I Mean Right Now!!" a popular travel agency based in Fallujah, Iraq. "If one is traveling from America to Europe, or from the Middle East to America, a stopover in Flores Island not only breaks up the flight, it provides a special destination dining adventure that will rank high on anybody's bucket list."

Flores Island, with a population of about 3,900 - mostly-Portuguese -inhabitants, gets its name from the profusion of wild flowers, (especially hydrangeas) that grow, ugh, um, wild on the island.

The main municipality is Santa Cruz, where il Gran Palazzo di Carne will be located.

“Dário Cecchini e Mário Batali abrirão um palácio para carne numa ilha no meio do Oceano Atlântico” de Michael Krikorian, trad. por Katharine F. Baker e Chrys Chrystello

O chefe mais famoso de Nova Iorque, Mário Batali, e o carnicheiro mais famoso da Itália, Dário Cecchini, estão a unir forças para abrirem um restaurante com ênfase nas carnes numa localização improvável: numa ilha quase bem no meio do Oceano Atlântico. Depois de considerarem locais como Manhattan e a Toscana, os dois superastros de gastronomia finalmente decidiram chegaram a acordo quase a meio caminho das respetivas terras natais, o que acaba por ser nas Flores, a ilha mais ocidental do arquipélago dos Açores. Intitulado provisoriamente *Gran Palazzo di Carne*, o empreendimento conjunto surgiu depois de Batali e Cecchini almoçarem no *Katz's Famous Delicatessen* em Nova Iorque e começarem a brincar com a ideia de se unirem para formarem o que um profissional de alimentos chamou de "Um templo à vaca".

"Isto pode ser a coisa mais importante a acontecer ao bife desde que Moisés meteu duas vacas na sua arca dele", disse Sir Charles Dillingsworth, o crítico de alimentos mais proeminente do Reino Unido, mas também um homem lamentavelmente inepto em relação à propriedade de arcas. Nem Batali nem Cecchini comentaram sobre o projeto.

No entanto, a mulher de Cecchini, a americana Kimberly Wicks, foi apanhada desprevenida pela pergunta sobre a sua muito discreta colaboração. "Eu não posso acreditar que descobriste isso!", disse em resposta por correio eletrónico da Toscana.

Um reputado agente de viagens do Médio Oriente disse que quando ela ouviu falar da parceria de Cecchini e Batali, "foi um daqueles momentos de 'Está na hora'". "Mário e Dário juntos fazem total sentido", disse Julianne Nebuchadnezzar de "Let's Get Away Now and I Mean Right Now!!", uma agência de viagens popular, com sede em Fallujah no Iraque.

"Se alguém está a viajar da América para a Europa, ou do Médio Oriente para a América, uma escala na Ilha das Flores não apenas interrompe o voo, mas também fornece uma aventura de jantar num destino especial que ficará no topo da lista *bucket* [coisas a fazer antes de morrer] de qualquer um."

A Ilha das Flores, com uma população de quase 3.900 pessoas – principalmente portuguesas – tem tal nome graças à profusão de flores silvestres (especialmente hortênsias) que crescem, ugh, ui, selvagens na ilha. O principal município é Santa Cruz, onde ficará o *Gran Palazzo di Carne*.

PARTICIPOU NO 17º COLÓQUIO LAGOA 2012, 19º COLÓQUIO MAIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 24º GRACIOSA 2015, 26º LOMBA DA MAIA 2016, 28º VILA DO PORTO 2017

³ 16 abril 2015. www.krikorianwrites.com/blog/2015/4/13/dario-cecchini-and-mario-batali-to-open-meat-palace-restaurant-in-middle-of-atlantic



BELMONTE 2017



LOMBA DA MAIA 2016



Montalegre 2016



LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA - Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês); Mestre em Literaturas Medievais Comparadas; Doutor em Línguas e Literaturas Românicas, Provas Públicas para Professor Coordenador Professor do Ensino Secundário. (Setúbal, 1982/1986),

Formador, orientador pedagógico, Assistente, Professor Adjunto e Professor Coordenador (Escola Superior de Educação de Setúbal, 1986/2010)

- Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção-Geral de Extensão Educativa (1990/1995)
- Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal em Bona (1995/1996)
- Coordenador do Departamento de Línguas da Escola Superior de Educação de Setúbal (2002/2005 e 2010)
- Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)
- Coordenador do núcleo do CAPLE da ESE do IPS (2006-2015)
- Presidente do Júri da Prova de ingresso para os estudantes com mais de 21 anos nos cursos da ESE Setúbal (2014/2015)



FLORIPA 2010



Belmonte 2018



Bibliografia

Comunicações e artigos:

- L'intercultural, l'audiovisuel et l'enseignement des langues*
- As cores da língua portuguesa como expressão de cultura*
- A cultura açoriano-catarinense na obra de Franklin Cascaes Paiva Boléu e a cultura açoriano-catarinense.*
- A representação da Ilha na literatura de temática açoriana*
- A representação da Arrábida na literatura portuguesa*
- O contributo africano para o fabulário de língua portuguesa*
- O cavalo e o touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário popular*

TEMA 3.1. A representação dos Açores na poesia publicada no Almanaque de lembrança Luso-Brasileiro, Luciano Pereira, Professor Coordenador, Escola Superior de Educação de Setúbal

O Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro foi publicado durante 81 anos, de 1851 a 1932.

Foi fundado pela família Castilho e irradiou em todo o mundo lusófono, atingindo tiragens bastante expressivas, 24.000 por ano.

Além da tradicional agenda, publicava textos enviados de todo o mundo lusófono.

Para além dos contributos do continente, destacam-se os textos dos arquipélagos da Madeira, dos Açores e, em especial, de Cabo Verde.

Para além dos contributos asiáticos e africanos, são os contributos brasileiros que mais se destacam.

Neste trabalho, fixar-nos-emos sobre a escrita poética de temática açoriana.

Os textos selecionados são bastante ilustrativos do caráter bipolar do imaginário ilhéu açoriano. O simbolismo da ilha alterna entre a atração original dos espaços paradisíacos e utópicos e o sentimento opressor dos espaços que subjagam e aprisionam.

Este sentimento contraditório de atração e de repulsa, de amor e de ódio ritmam o coração do ilhéu à imagem das ondas do mar.

A maior parte dos poemas apresentados extasia-nos com a perfeição da natureza e de uma sociedade ideal. Alguns, todavia, mergulham-nos numa profunda depressão claustrofóbica, sofrendo do mal da insularidade.

Qualquer criação literária atualiza arquétipos e mitos coletivos em textos e estilísticas individuais.

O símbolo é sempre um espaço de fusão do mundo, ponto-cruz do imaginário.

É o seu fechamento que sacraliza o espaço ilhéu. O seu fechamento também corresponde à forma redonda que representa a “cosmicização” do arquétipo da intimidade feminina.

A polivalência semântica da ilha corresponde à ambivalência imagética que afirma a complexidade das tonalidades elementares da percepção humana.

Esta ambiguidade fundamental corresponde à dialética entre a introversão e a extroversão. As ilhas têm povoado o imaginário universal como espaço de origem e de retorno desde os textos mitológicos mais arcaicos.

1. A ilha como objeto de atração e de repulsa

O Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro¹⁰⁴ foi publicado durante 81 anos, de 1851 a 1932. Foi fundado pela família Castilho e irradiou em todo o mundo lusófono, atingindo tiragens bastante expressivas, 24.000 por ano. Além da tradicional agenda, publicava textos enviados de todo o mundo lusófono. Para além dos contributos do continente, destacam-se os textos dos arquipélagos da Madeira, dos Açores e, em especial, de Cabo Verde. Para além dos contributos asiáticos e africanos, são os contributos brasileiros que mais se destacam. Tal como já constatámos no estudo anterior, os poemas que me foram fornecidos, previamente selecionados pela Professora Doutora Laura Areias, são bastante ilustrativos do caráter bipolar do imaginário ilhéu açoriano. Todos eles, reforçam um simbolismo original da ilha que alterna entre a atração original dos espaços paradisíacos e utópicos e o sentimento opressor dos espaços que subjagam e aprisionam. Este sentimento contraditório de atração e de repulsa, de amor e de ódio ritma o coração do ilhéu à imagem das sístoles e das diástoles que caracterizam os movimentos das marés e das ondas do mar:

Partindo

Acaba de partir a embarcação,
A noite é linda, o mar é sossegado;
Só não sossega o pobre coração,
Neste meu peito, de chorar cansado.

A minha terra ao longe vai ficando,
E, dentro em pouco, não a hei de ver.
Dos passageiros vão alguns cantando,
Mas esses mesmos levarão prazer?!...

Andam estrelas a brilhar, formosas,
E o marinheiro fita-as, satisfeito.
Vou navegando, e, sobre um mar de rosas,
Que tempestades que me vão no peito!
Espínola de Mendonça (Ponta Delgada) em ALLB (1914: 21)

A maior parte dos poemas apresentados extasia-nos com a perfeição da natureza e de uma sociedade ideal. Alguns, todavia, mergulham-nos numa profunda depressão claustrofóbica, sofrendo do mal da insularidade. Qualquer criação literária atualiza arquétipos e mitos coletivos em textos e estilísticas individuais. O símbolo é sempre um espaço de fusão do mundo, ponto-cruz do imaginário. Champeux et Sterckx (1981: 31). O que torna um espaço sagrado é o seu fechamento: ilhas de simbolismo amniótico ou então floresta cujo horizonte se fecha por si mesmo" Durand (1989: 170). O fechamento corresponde à forma redonda que representa a 'cosmicização' do arquétipo da intimidade feminina. A polivalência semântica da ilha corresponde à ambivalência imagética que afirma a complexidade das tonalidades elementares da percepção humana. Esta ambiguidade fundamental corresponde à dialética entre a introversão e a extroversão:

Finalemment toutes les images se développent entre les deux pôles, elles vivent dialectiquement des séductions de l'univers et des certitudes de l'intimité (...). Chaque image (...) devra donc recevoir toutes ses valeurs. Les images les plus belles sont souvent des foyers d'ambivalence. (Bachelard 1984: 10).

As ilhas têm povoado o imaginário universal como espaço de origem e de retorno, vejam-se os mitos greco-latinos, celtas e germânicos relativos à criação. Com a Atlântida de Platão (1985: 525-547), acrescenta-se-lhes uma áurea muito específica, associando-lhes uma organização social e política 'a-típica' e 'u-tópica':

Soneto geográfico

Em busca do ideal sonhado eternamente
Como único remédio à minha nostalgia,
Numa galera azul subi alegremente
Com o fim de sulcar os mares da Utopia.

Durante muito tempo o astro que irradia
Só vinha esclarecer inexoravelmente
As ondas do Oceano; alfim num claro dia
A galera deitou os ferros de repente.

Corri de popa à proa e vi ao longe uma ilha
Prismática, ideal, soberba maravilha,
Padrão que alevantará a mão do Criador.

Procurei-a no mapa e o capitão pondera:

«Buscá-la é sempre em vão, o seu nome é Quimera,
E a capital é Sonho onde reina o Amor.»

Alice Moderno: *Aspirações* (Ponta Delgada) em ALLB, Suplemento (1889: 122)

O Homem afirma-se no espaço e no tempo. Crescer é assumir uma temporalidade, criar e destruir limites, criar-se e recriar-se num movimento de constante aprofundamento e distanciamento de si. O poema é uma das expressões desse movimento, é uma recriação do seu criador. A ilha tanto convida para o descanso, para as delícias e para as intimidades do centro como incentiva para a linha do horizonte, para o sonho, para uma espécie de exílio e de emigração que procura outras gentes, outras almas e outros corpos. No plano da expressão literária, os espaços tão simbolicamente intensos como os das ilhas permitem o regresso às formas social e intelectualmente consagradas como uterinas e originais. As representações da ilha com que nos defrontamos estão longe de ser ingénuas ou insignificantes. Cada poema apresenta uma trágica nostalgia pelo paraíso perdido. A criação literária permite a recuperação da dignidade perdida e da própria condição humana. A imagem que emana das "ilhas" contribui para a construção do espaço ilhéu enquanto arquétipo. A «Ilha» que emana do conjunto dos textos apresentados adquire uma dimensão onírica. Filha do inconsciente coletivo apresenta contradições e ilogismos. A ilha enquanto centro cósmico, espaço sagrado, afirma-se como um espaço onde o indivíduo se dilui, saturado de tanto silêncio, de tanta solidão, e de tanto aperto.

"a sua «plurissignificação» tem um «peso quase insuportável..." Pimentel (1988: 238):

Egoísmo
Há nos dias pesados e brumosos
Mesmo no triste coração do inverno,
Quando um cortante frio sempiterno
Nos arrepia os membros langorosos;

¹⁰⁴ Para economia e simplificação textual, referir-nos-emos ao Almanaque com as iniciais: ALLB seguido do ano de publicação respetivo.

Há nessa névoa, às vezes, uns lampejos,
Um rasgar-se das plúmbeas redondezas,
Como curto sorriso entre tristezas
De quem recorta as mágoas de gracejos.

A minha alma também anda assim triste
Como os dias sem sol. Dormente, apenas,
– Sonâmbula de amor – vela nas cenas
A que por quadro o peito meu subsiste

Filomena Serpa: *Velas* (S. Jorge) em ALLB (fevereiro, 1880)

Na ilha, o poeta imagina-se, sofre e recria-se. Nem a vida nem a morte, nem a natureza nem a cultura que o criaram lhe bastam. No horizonte vislumbra-se a liberdade, o espaço do amor, o "El Dourado". Abundantes são os poemas açorianos que nos contam a história da emigração e da busca da terra prometida; assim como da fuga à servidão e à submissão, tal como "Ilha" de Pedro da Silveira que, segundo Pimentel, pertence ao conjunto de textos que Starobinsky classifica «como a expressão microscópica do universo no qual nasceram». São emblemas reduzidos, resumos simbólicos. "*Texto e contexto são vasos comunicantes. A um tempo, há reprodução e produção.*" Pimentel (1988: 237):

Fujamos

Como a brisa que no prado,
Leva um perfume de flor,
Quero levar-te, enleado
Nos raios do meu amor!

Vem, vem comigo! Fujamos
Desta apertada cadeia!
Tão grande é o mundo! sejamos
Tão livres como uma ideia!

(...)

Há lugares mais suaves
Onde vivamos e amemos,
Fujamos pois, como as aves,
Para eles! Emigremos!

Vem comigo. Estou cansada
Desta pálida existência
Sem horizontes, sem nada
Que d'alma dilate a essência!

.....

Como a brisa que no prado
Leva um perfume de flor,
Quero levar-te, enleado
Nos raios do meu amor!

Filomena Serpa: *Velas* (S. Jorge) em ALLB, Suplemento (1886: 32)

O regresso à ilha representa o regresso ao íntimo do tempo e do espaço originais, tempo e espaço que permitem ao Eu poético a sua fusão com a ilha sonhada, com a terra amada. Deste modo, o poeta, assemelha-se ao místico que se dilui graças à sua vivência passional no corpo do objeto amado. A conquista ou reconquista do espaço original exige sempre uma apropriação do tempo mítico e vice-versa, tal apropriação exige sempre um sacrifício pessoal, imagem da sacralização coletiva, celebração da entidade divina que deu forma à vida através do sublime e amoroso ato da criação e celebração da extrema bondade e beldade das suas criações e em particular das suas criaturas. Trata-se de uma experiência psicológica limite, única e intransmissível, que permite atravessar o tempo e o espaço intransponíveis do mundo empírico e navegar por "mares nunca antes navegados" até se consumir a desejada hierofania, incesto salvífico entre a criatura e o eu criador. Esta conquista do espaço utópico e "a-temporal" exige uma castração simbólica que exige a inibição dos impulsos conquistadores e heroicos e o desenvolvimento de um estado de consciência que leva a uma maturação espiritual e a um progresso ontológico que mais não pretende do que aceder, de certo modo às delícias da imortalidade:

A viagem da vida

Singra a barca no vasto oceano,
Sulca a vida qual barca, outro mar...
A inocência da infância: mar plano;
Ai! pudera ela sempre durar!
 Os risos argentinos
 De lábios cor-de-rosa,
 São céu azul, são hinos
 Da brisa bonançosa.

Surge a terra da pátria adorada.
Alegria, prazer – mocidade!
Mas em breve ela foge apressada;
Só nos fica a pungente saudade!
 As horas de ventura
 A que sorrimos ledos,
 São astro em noite escura,
 São praias e arvoredos.

Eis as vagas, os ventos ferozes!
Eis as lutas tremendas da vida!
Vence-se uma; mas nascem, atrozes,
Outras muitas, sem trêgua ou guarida!
 As mágoas tenebrosas

Que ensombram nossos dias,
São nuvens tormentosas,
São turvas ventanias.

Noite baçal Um tufão... um rochedo!
O fatal estertor, o expirar;
Condenado que acaba um degredo,
Pobre ilhota que vai descansar!
A esfinge negra e fria,
Que tem por nome: morte,
É termo da agonia
De náufrago sem norte.

E. R. Q. (Micaelense): *Porto* em ALLB (1911: 19)

2. A ilha como espaço de origem

Os espaços isolados, circundados, afastados do mundo circundante, tais como as ilhas, arborizadas ou desérticas, estruturando-se em torno de montanhas, vulcões, lagos e fontes, apresentam uma tão forte densidade simbólica que dificilmente imaginamos manifestações mais perfeitas dos espaços originais; os castelos são à escala humana uma pálida imagem de tal cosmogonia original. O movimento, a deslocação a viagem, o percurso dos romeiros, a peregrinação e o desterro, tal como o retorno e o regresso, são formas catárticas de transmutação, transmigrações que tornam os corpos espíritos num processo de depuração e despojamento, de aproximação do divino, numa busca individual e coletiva de verdade e de clarividência, que tanto leva ao centro do ser, como ao mais íntimo da comunidade, isto é ao coração da ilha, única porta para o além, único caminho que travessa o horizonte.

O ilhéu é um homem predestinado, nascido para amar e sofrer, no isolamento e na solidão, vítima sacrificial escolhido para viver uma revelação transcendental e uma iluminação extasiante e deslumbrante que lhe proporcionará as capacidades sensoriais, intelectuais e psicossociais necessárias para o desenvolvimento das competências mediáticas que lhe permitem uma aproximação a todos os espíritos da água, da terra, do ar e do fogo. O isolamento do ilhéu, tal como o isolamento do exilado, tanto leva a um aprofundamento como a uma saturação insuportável da essência de si mesmo. Alienado ou exilado no interior da sua própria ilha, o poeta dificilmente atinge um nível superior de sua própria consciência. O exílio externo e a morte física apresentam-se como os caminhos mais certos e mais seguros para o encontro com o sagrado, isto é para uma iluminação ou para uma revelação do sagrado, isto é para a "hierofania":

À beira-mar

Anoiteceu. Na luminosa esteira
Que a lua vai deixando, sobre o mar,
Anda a vogar a barca feiticeira,
Perdido o leme, sem poder voltar.

Lá vai correndo agora mais ligeira,
Foge da praia, foge ao meu olhar
Correndo assim, meu Deus, desta maneira,
A linda barca pode naufragar!

Lá vai, lá vai, seguindo mar em fora.
Perde-se ao longe... não a vejo agora!
Se ela não volta? se ela naufragou?

Perdem-se vidas, perde-se um tesoiro!
- É como a barca dos meus sonhos de oiro
Que se perdeu e nunca mais voltou!

Espínola de Mendonça: *Açores* em ALLB (1918: 339)

Alguns textos traduzem-nos, com nitidez, a depressão claustrofóbica e o sentimento de abandono divino e social, chamado o mal da ilha ou da insularidade e que afirmam sem ambiguidades: "*o estar é manifestamente mal-estar, mal-dizer, mal-viver*" Pimentel (1988: 239):

Signo Insulado
o sofrimento está dentro da ilha
o sofrimento é da ilha
a ilha está no fundo dum poço
no fundo dum poço sofre uma ilha
(...)

José Martins Garcia em *Atlântida*, n.º 1 – 3, 1967 (RGC, 353)

Em muitos dos textos que expressam o sentimento da insularidade e do sofrimento enquanto forma do "mal-dizer" e do "mal-viver", os sonhos são miragens, a sede e a fome deliram; os desejos incendeiam-se, calando coitas medievais "de lonh", amores proibidos e paixões românticos impossíveis. A ilha abraça, protege e sufoca, o horizonte liberta e aprisiona, a solidão isola, permite a audição do silêncio, a visão do invisível, a nomeação do invisível, a revelação do inefável, o encontro divinal. A ilha, abraça, liberta e aberta num delírio virginal.

"*Quando a poetiza brasileira Cecília Meireles visitou, em 1951, as Ilhas dos Açores, terra da sua avó, emigrante no Brasil, passaria a partilhar desse sentimento de solidão, a condição de insularidade, que ela define como a inquieta busca do que ser quer porque nunca se alcança Gouveia (1994: 483); in Areias (2002: 98)*".

A poesia que expressa o arquétipo da ilha, enquanto núcleo incandescente espiritual, sociedade imaculada e primordial, microcosmo à imagem da grande obra divina, sublimam a dor, a ansiedade, a angústia e a solidão. A ilha revela-se como um dos símbolos mais perfeitos da criação e do paraíso virginal, espaço de origem, símbolo do próprio símbolo, de uma imaculada conceção, ostentando a sua dimensão mais sacra, matriz de todas as virtudes, espaço de absolvição de todos os defeitos e impurezas humanas, espaço de transmutação do próprio pecado original. "*A ilha é, pois, simbolicamente, um lugar de eleição de ciência e de paz, no meio da ignorância e da agitação do mundo exterior.*" Buescu (1991: 167):

Adeus ao Vale das Furnas

Por entre toscas ravinas
Correm águas de cristal
Banhando grotas, campinas,
Regando brancas boninas,
Serpenteando todo o vale.

A par de frescas nascentes
Rouquejando está o chão,
E cospe jorros ferventes
Por entre fendas ardentes,

Que bramam como o trovão!

Da serra sob os fastígios
Andam nuvens a pairar;
E o fumo d'ígneos vestígios,
Do centro destes prodígios
Em ondas as vai saudar.

Lindos matos d'urze e giesta
Cobrem da serra o pendor:
Onde ver terra como esta –
Cada outeiro uma floresta.
Cada floresta um primor?

Nesta amena soledade
Quão bela vida eu vivi!
Longe de toda a vaidade,
S. P. M. Estácio da Veiga (Ilha de S. Miguel):
13 de dezembro (1865: 371)

A dimensão poética do texto literário é sempre a afirmação da palavra primordial, dessa forma, obriga-nos a encarar a escrita como a expressão ritual de uma revelação que obriga a uma experiência emocional, psicológica e intelectual com caráter místico e iniciático. Um tal contexto privilegiará, enquanto expressões relevantes e elementos constitutivos, as expressões da intimidade, dos afetos e das paixões:

Adorate Dominum!

Adoro-vos, senhor, nos salsos mares;
adoro-vos nas fontes cristalinas;
adoro-vos na relva das campinas;
adoro-vos nos astros a milhares;

Adoro-vos das aves nos cantares;
adoro-vos nos cedros das colinas;
adoro-vos no mimo das boninas;
adoro-vos nos frutos dos pomares;

Adoro-vos na voz da tempestade;
adoro-vos do raio na presteza;
adoro-vos dos céus na imensidade;

Adoro-vos do orbe na grandeza;
adoro-vos, Divina Magestade,
adoro-vos em toda a natureza!
Gonçalo R. C. Lima (Ilha Terceira) (1878: 189)

Tal como o havíamos já observado numa anterior comunicação sobre *A Ilha no imaginário poético de temática Açoriano*, o lirismo telúrico é a expressão da saudade e do desejo da terra amada. A ilha é confidente e amante, espaço de origem e de destino. O amor pela ilha é semelhante ao amor divino, exige recato, sofrimento e reclusão. O 'Eu' poético, ao enamorar-se da ilha, enamora-se do criador e de si mesmo, enquanto criatura e filho telúrico do mar. Tal consciência desperta-o para o poder da sua própria capacidade de amar, descobrindo assim o seu valor intrínseco, enquanto criatura feita à imagem do criador. Fundindo-se com o núcleo gerador da imanência, aprofunda todas as formas do saber e do autoconhecimento. O retorno às origens, tal como o exílio, constitui sempre um ritual de purificação. O regresso à ilha ou o percurso para o centro da ilha pode, todavia, encenar uma das mais dramáticas formas de distanciamento, uma afirmação mística do ser não sendo, uma morte simbólica, transitória ou real:

Sons da lira

A lira é a companheira afável, doce, pura,
do vate que suspira, o meigo trovador;
vota-lhe o pensamento, os risos, a ternura,
as vozes da amizade, os cânticos do amor.

A lira é a voz que ao longe escutas suspirando
de noite, junto ao mar na funda solidão,
que embala a rede leve, e ouve de quando em quando
a virgem do deserto, a filha do sertão.

A lira é a voz do mar gemendo d'amoroso;
a lira é a voz da brisa a soluçar também;
a lira é a voz do filho ausente e carinhoso,
que vence o espaço e afaga a triste, amante mãe.

A lira é a fada linda, o ideal do poeta,
que ele nos sonhos vê c'roada de jasmims,
ora a apontar-lhe a glória – a deusa predileta –
ora a fugir, levando-o a mágicos jardins.
Hermenegilda de Lacerda (Faial) (1881: 18-19)

3. O imaginário poético açoriano

Nos poemas visitados confirmámos os traços distintivos da sensibilidade e da estética açoriana que já havíamos identificado na nossa reflexão anterior sobre o imaginário poético açoriano. A valorização do trabalho e da frugalidade, a afirmação da vida simples e rural afirmam-se como a estética natural da tranquila e mística intimidade, assim como das mais apaixonadas inflamadas declarações de amor à ilha. A ilha assume-se como arquétipo de todos os espaços sagrados, corpo imerso no líquido amniótico, coração magmático

Atas colóquio da lusofonia –

ritmando os movimentos e os gestos. Ela toma todas as formas e reveste-se de todas as conotações dos mitos iniciáticos da criação. As falécias, os precipícios e as costas abruptas, assim como as tormentas, a profundidade, e os mistérios oceânicos constituem as mais eficazes defesas e a melhor proteção em relação ao mundo exterior, preservando-a da erosão, da degradação e da deterioração que ameaçam a ordem cósmica e a ordem social com a desordem caótica de um mundo sem ética e sem estética. Envolta na neblina intemporal, a ilha protege-se da ignomínia, da devassidão, e do sangue.

Os poetas intimistas afirmam de forma bem implícita a estética e a ideologia própria dos momentos e dos lugares de exceção. A utopia, com toda a sua polivalência semântica, designa um espaço insular fora do espaço e do tempo, revelando-nos as ambiguidades da sua improvável existência. More, contudo, equacionava um sistema social e político, enquanto os poemas visitados apresentam-nos um sistema de valores éticos e morais típicos da própria insularidade.

Os poetas da intimidade apuram uma romântica arte de amar, recusam as partidas, os retornos, os sofrimentos e as saudades. Resistem aos apelos do "lonh", estão, enraízam-se, fundem-se com os elementos e os seres que os circundam, ficam e comprazem-se em ser ilhéus. Recuperam o mito da Atlântida, exorcizam as ilhas desafortunadas e as da má-fortuna, tal como romeiros, caminham para um futuro que se confunde com um retorno às origens, à ilha afortunada dos amores. Nela reina uma imaculada harmonia social, uma solidária solidão, uma busca ativa e constante da virtude e de Deus:

Faial

Como fada gentil de mil primores
Que nos fragrantos roseirais se adorna
Quando a aurora, a rir, divina entorna
Do seu dourado cofre as lindas flores,

A ilha do Faial imersa em flores,
De essências subtis, seus seios orna,
E mais gazil, airosa assim se torna
Qual de Camões a Ilha dos Amores.

E como à flor purpúrea que viceja,
Insaciável de amor o mar lhe beija
A planta perfumada e deslumbrante.

Ela que lá nas ondas se deleita,
D'aromas, rosas mil a fronte enfeita,
Como um *bouquet* de rosas, flutuante.

Samuel Lacerda (Rio de Janeiro): Suplemento (1890: 134-935)

Ninguém como Nemésio e Mesquita denunciou os dois paradigmas e os dois movimentos mais específicos da insularidade, cada um move-se em sentido oposto, ilustrando um movimento se sistole e de diástole correspondendo ao seu poder de atração e de repulsão:

«Num (Mesquita), o tédio, a ânsia de evasão, o drama do encarcerado; no outro, a identificação do homem / natureza, ou seja, aquele que, através de um sentimento telúrico, a 'entifica' em si próprio, operando pelo instrumento da linguagem esse milagre da fusão. O mar, a distância, a neblina aproximam-nos. Num (Mesquita), o constante desejo de partir, que se contrapõe, no outro, à ânsia eterna de retorno, que se transporta do mundo da realidade contingente para a esfera do onírico.» Pavão (1988: 41).

Estas duas vivências poéticas e sensoriais opostas são realmente paradigmáticas do imaginário ilhéu: a busca da intimidade e o movimento para a exterioridade.

Pavão recorda-nos também que Nemésio considerou que Mesquita era, de facto «o primeiro poeta que exprime alguma coisa de essencial na condição humana, tal como ela se apresenta nas Ilhas dos Açores». Segundo ele, existe em *Almas Cativas* «uma tristeza emotiva, quase climatérica, que aflora numa alma entorpecida pela humidade dos Açores», «uma solidão negra, enfastiada» que me relembra, pessoalmente, a expressão de abandono, de descrença e de falta de esperança denunciada por tanto outros, tal como Almeida Firmino em *O Ilhanizado*.

Bibliografia

Alleau, R. (1989) *La Science des Symboles*. Paris, ed. Payot.

Areias, Laura (2002) *Ilhas Riqueza, Ilhas Miséria*. Lisboa, Novo Imbondeiro.

Bachelard, Gaston (1957) *La poétique de l'espace*. Presses Universitaires de France.

Bachelard, Gaston (1984) *La Terre et les Rêveries de la volonté*. Presses Universitaires de France.

Buescu, Maria Leonor (1991): António de Lacerda Bulcão: *Trajectoria do Açor e do Corvo*, 153-168, em Yvette, Kace Centeno / Freitas, Lima de (coord.) *A simbólica do Espaço – Cidades, Ilhas, Jardins*, Lisboa: Editorial Estampa.

Barros, João de (1953) *Crónicas do Imperador Clarimundo (1520)*, ed. Marques Braga, 3 vols., Lisboa, Sá da Costa.

Carvalho, Ruy Galvão de (1979) *Antologia Poética dos Açores*. vol. II. Angra do Heroísmo. Secretariado Regional da Educação e Cultura.

Centeno, Yvette e Freitas, de Lima (Coordenação) (1991) *Espaço – Cidades, Ilhas, Jardins*. Lisboa, Editorial Estampa.

Champeaux et Sterckx (1981) *Introduction au Monde des Symboles*. France, Ed. Zodiaque.

Chevalier Jean, Gheerbrant, Alain (1982) *Dicionário dos Símbolos*. Editorial Teorema.

La Lusophonie voies/voix Océaniques (1998) *Colloque International de Littérature Université Libre de Bruxelles*, Lidel.

Durand, Gilbert (1989) *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Lisboa, Editorial Presença.

Eliade, Mircea (1963) *Aspetos do Mito*. Edições 70.

Eliade, Mircea (1977) *Tratado de História das Religiões*. Lisboa, Edições Cosmos.

Freitas, Vamberto [s.d.] *O Imaginário dos Escritores Açorianos*. Edições Salamandra.

Genette, Gérard (1979) *Introduction à l'architexte*. Paris, Éditions du Seuil.

Genette, Gérard (1982) *Palimpsestes – La littérature au second degré*. Paris, Éditions du Seuil.

Gouveia, M. M. Maia (org.) (1986) *Vitorino Nemésio-Estudo e Antologia*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

Hamilton, Edith (1983) *A Mitologia*. 3.ª Ed. Lisboa, Publicações Dom Quixote.

Jung, Carl G. (1964) *O Homem e seus Símbolos*. Editora Nova Fronteira.

Kristeva, Julia (1979) *Le texte du roman*. Mouton Publishers, Paris. Nova Iorque.

More, Thomas [s.d.] *Utopia*. Europa-América 3.ª ed.

Nascimento Aires de (Ed. Crítica) (1998) *A Navegação de S. Brandão nas fontes portuguesas medievais*. Lisboa. Edições Colibri.

Nemésio, Vitorino (1989) *Obras Completas vol. I – Poesia*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Pavão, J. Almeida (1988) *Constantes de Insularidade numa definição de Literatura Açoriana in: Conhecimento dos Açores Através da Literatura*. IX Semana de estudos dos Açores. Angra do Heroísmo. Instituto Açoriano de Cultura.

Pessoa, Fernando (1981) *Obra Poética - volume único*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilhar.

Pimentel, Fernando Vieira (1988) "A ilha e o Mundo" de Pedro da Silveira: *Vontade e destino in: Conhecimento dos Açores Através da Literatura*. IX Semana de estudos dos Açores. Angra do Heroísmo. Instituto Açoriano de Cultura.

Platão (1950) *Œuvres complètes II – traduction nouvelle et notes par Léon Robin*. Éditions Gallimard.

Silveira, Pedro da (1977) *Antologia de Poesia Açoriana – do século XVIII a 1975*. Lisboa, Sá da Costa.

SÓCIO FUNDADOR DA AICL

– PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020.

VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL –

TOMA PARTE - QUASE ININTERRUPTAMENTE - EM TODOS OS COLÓQUIOS DESDE O PRIMEIRO EM 2002

25. MANUEL DA COSTA JNR, DIRETOR DO MUSEU DOS BALEEIROS, LAJES DO PICO, CONVIDADO DE HONRA



2017 2011

Manuel Francisco Costa Júnior,
Nascido em: 04-09-1960.

Licenciado em História (via científica) pela Faculdade de Letras de Lisboa (Universidade Clássica de Lisboa).
Lecionou em diversas Escolas Secundárias, tendo exercido, ao longo de 15 anos letivos, diversos cargos.

É desde 1 de janeiro de 2000 Diretor do Museu Regional do Pico, cargo que exerce em Comissão de Serviço.
Neste quadro, exerce as funções de Presidente da Comissão Consultiva do Património Baleeiro Regional.

**JÁ TOMOU PARTE EM DOIS LANÇAMENTOS AICL, CHRÓNICAÇORES VOL. 2 EM 2011 E BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE 2017
NO RECITAL VAI INTERPRETAR COMPOSIÇÕES DE MÚSICA POPULAR, DE SUA AUTORIA E OUTRAS
OUÇA-O AQUI**

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=AKUVJUQ-UAW&AB_CHANNEL=JOSÉAGOSTINHOERPA](https://www.youtube.com/watch?v=AKUVJUQ-UAW&AB_CHANNEL=JOSÉAGOSTINHOERPA)

[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/100007504803367/VIDEOS/2172285139698292/](https://www.facebook.com/100007504803367/VIDEOS/2172285139698292/)

[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MANUELCOSTAOFICIAL/VIDEOS/1813449248691822/](https://www.facebook.com/MANUELCOSTAOFICIAL/VIDEOS/1813449248691822/)

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=VQNU5JBQP1C](https://www.youtube.com/watch?v=VQNU5JBQP1C)

26. MANUEL TOMAZ (GASPAR DA COSTA), ESCRITOR PICO, CONVIDADO DE HONRA



MANOEL TOMAZ GASPARD DA COSTA (MANUEL TOMÁS) nasceu na Madalena do Pico, em 25 de setembro de 1950. Residente na ilha do Pico. Casado duas vezes. Pai de dois filhos e avô de três netas e de um neto.

1. **Formação:**

Fez o ensino primário nas Sete Cidades - Madalena; frequentou os seminários de Ponta Delgada (dois anos) e o de Angra do Heroísmo (quatro anos e quatro meses) e concluiu o curso dos Liceus, na Horta, em 1969.
Concluiu a licenciatura em Filologia Clássica, na Faculdade de Letras de Lisboa, e obteve a profissionalização como professor do ensino secundário, no Liceu de Queluz, em 1976.

2. **Ação profissional docente:**

Foi professor de Português, Latim e Iniciação ao Jornalismo em escolas secundárias: em Oeiras, em Queluz, na Horta, em São Roque do Pico e na Madalena do Pico; orientador de estágio em Língua Portuguesa e professor do Magistério Primário da Horta.

3. **Cargos exercidos na área profissional:**

3.1. Exerceu o cargo de presidente dos conselhos diretivos da Escola Secundária da Horta, no Faial (4 anos), da Escola Básica e Secundária de São Roque do Pico (8 anos) e de presidente da comissão instaladora e do conselho executivo da Escola Básica e Secundária da Madalena do Pico (17 anos).

3.2. Nessas mesmas escolas foi presidente do conselho pedagógico e do conselho administrativo.

3.2. Presidente da Comissão da Avaliação do Sistema Educativo Regional dos Açores; relator da Comissão de Coordenação do Sistema Educativo Regional dos Açores; membro da Comissão do Currículo Regional dos Açores; representante dos Açores no Instituto Nacional da Formação de Professores; presidente da Comissão Científica do Plano Regional de Leitura.

Publicações feitas:

Eça, Stau Monteiro e Pessoa e Para um Estudo Atualizado do Português (Didática Editora, Lisboa, 1977) – livros didáticos;

Edição crítica de Miragem do Tempo de Tomás da Rosa (Núcleo Cultural da Horta, 1996);

A Música das Sete Cidades (Círculo de Amigos da Ilha do Pico, Madalena, 1999);

Atas colóquio da lusofonia –

Preparação e organização dos textos de Ilha Morena (Núcleo Cultural da Horta, 2003) e A Tarde e a Sombra (Núcleo Cultural da Horta, 2005), livros de contos de Tomás da Rosa;

Entre Sei Lá e o Quê (poesia), em colaboração com Marta Oliveira, Edições Vieira da Silva, Lisboa, 2012;

Picolândia, (crónicas), Companhia das Ilhas, Lajes, 2012;

Maroiço (poesia), Companhia das Ilhas, Lajes, 2013;

Nunes da Rosa – Estudo e Antologia, Companhia das Ilhas, Lajes, 2013;

Hélder Fernandes empreendedor, ed. de autor, Madalena, 2013;

O Pintor Excessivo (romance), Edições Parsifal, Lisboa, 2015;

Ainda Há a Chuva a Cair (poesia), Companhia das Ilhas, Lajes, 2015

De Amicitia (poesia), edição de autor, em colaboração com Marta Oliveira e Gracinda André, Madalena, 2016.

Falquejando os Dias (poesia), Companhia das Ilhas, Lajes, 2018 (no prelo)

Contos da Meia Broa, (narrativas), Companhia das Ilhas, Lajes (em espera).

4.2. Tem larga colaboração em jornais regionais e outras publicações, com destaque para *Ilha Maior, Diário Insular, Telégrafo e Boletim do Núcleo Cultural da Horta*; deu alguma colaboração à RTP-A, RDP-A e Rádio Pico; autor do texto do vídeo sobre Nunes da Rosa, da série “Açorianos de Cultura”, 1998 (RTP Açores); “convidado” da Visita Guiada, RTP 2, sobre a vinha e o vinho do Pico (outubro de 2016).

5.1. Fundador e diretor (cerca de 18 anos) do semanário *Ilha Maior*,

fundador e presidente do Círculo de Amigos da Ilha do Pico;

fundador e presidente do Clube de Ténis da Madalena;

presidente da Assembleia Geral e membro da mesa da Santa Casa da Misericórdia da Madalena;

presidente da assembleia geral da Rádio Pico;

presidente e secretário da assembleia geral do Futebol Clube da Madalena;

vice-presidente da Associação de Futebol da Horta;

membro da Confraria do Vinho do Pico; presidente da Associação dos Amigos do Canal.

1.2. Deputado regional dos Açores, eleito pelo círculo do Faial;

1.3. deputado municipal da Horta, onde foi candidato à presidência;

1.4. vereador municipal da Madalena, onde foi candidato à presidência;

1.5. presidente da comissão diretiva da Paisagem da Cultura da Vinha do Pico.

5.3. Agricultor, pouco e às vezes. Morador na RIG (República Independente do Guindaste).

5.4. Aposentado desde 1 de outubro de 2013 e senhor do seu tempo.

TEMA 3.5. “Miguel Real, escritor picaroto”

Primeiro foi “a poesia, os Açores e a filosofia” de José Enes a *trazerem* Miguel Real ao Pico e a deixarem-no encantado com a “montanha do meu destino”.

Depois, “como se rezasse à montanha”, Luísa Franco contou a sua e a história de sua avó, vítima da tragédia do Titanic, sempre com o Pico à ilharga e sob a responsabilidade maior de Miguel Real.

Finalmente, mesmo quando a Europa acabar, será na ilha do Pico que os últimos europeus acharão o espaço propício à reaprendizagem da vida, até a parir de novo, porque isso dava muita canseira e havia outros processos de procriação.

O último europeu morrerá, no Pico, em 2999. Os americanos levarão toda a gente, destruindo o que resta – não sei se há alguma analogia recente! -, mas, sorratamente escondido, escapará um descendente picaroto e uma descendente da “Nova Europa” e talvez, a ilha seja um farol útil, ao contrário do que dizia Chateaubriand.

Talvez! É outra condição de ilhéu, sugerida pelo romance de Miguel Real, *O Último Europeu*. A ilha tem sempre um encanto e foi numa ilha, a Ilha dos Amores, que Luís de Camões festejou a glória dos descobridores da Viagem à Índia, lugar bem mais aprazível, do que o *Pigalle* de Gonçalo M. Tavares.

Miguel Real não é picaroto de nascimento, mas de coração e de escrita. Assim dito não haverá qualquer dúvida sobre o título e o facto de não ter nascido numa ilha não significa que não possa sentir que no mundo também há muitas ilhas e uma delas é a do Pico, que ele bem conhece e a ela já veio várias vezes. Já muitos outros o fizeram e sobre a ilha escreveram. Não sei se o Pico é literário! Tal como os Açores! Também não somos (só) ficção, porque existimos e com muitas precariedades à solta... Seja pela montanha, por um rabo de baleia ou por um copo de verdelho, tudo são razões bastantes para se sentir o Pico e as suas navegações, geografias e histórias que, quase nunca entram na grande História que só tem olhos e escrita para a tripolaridade reinante desde o “velho regime” e nem a autonomia desenvolvida em abril de 74 conseguiu, nem que fosse a tetrapolaridade que o Pico sempre reclama, mas “as outras não deixam”, até porque ser ilha nos Açores vale sempre mais do que ser Açores na ilha.

Miguel Real dispensa apresentações. Figura do primeiro plano nacional da filosofia e da história das ideias, ensaísta, crítico literário, dramaturgo e, especialmente, romancista, autor premiado e homem bom e amigo do Pico a que se encontra ligado pela escrita, como veremos, Miguel Real é uma incontornável figura da cultura portuguesa atual.

Primeiro foi “a poesia, os Açores e a filosofia” de José Enes a *trazerem* Miguel Real ao Pico, sem cá ter posto os pés, e a deixarem-no encantado com a “montanha do meu destino”, na descoberta das três paixões daquele filósofo nascido nas Lajes do Pico. Confessou-me, a primeira vez que realmente veio ao Pico, atravessando o Canal entre o Faial e o Pico e olhando para a Criação Velha em frente, que então desconhecia que assim se chamava a freguesia de José Martins Garcia, ter ficado maravilhado com a visão que apenas conhecia da capa do seu livro, *José Enes – Poesia, Açores e Filosofia*, publicado em 2009 e que a montanha tinha exercido um tal fascínio sobre si que teria de escrever qualquer coisa sobre ela.

E cumpriu a palavra, logo em 2014, dois anos depois da primeira visita, publicando *A Montanha e o Titanic*. E assim foi. “como se rezasse à montanha”, Luísa Franco, autora textual e supostamente empírica, contou a sua e a história de sua avó, vítima da tragédia do *Titanic*, sempre com o Pico à ilharga e sob a responsabilidade maior de Miguel Real. A ligação à montanha foi tão especial que criou, como se viu uma heterónima para contar a história de uma picarota que emigrou à cata dos sonhos de uma abundante América feliz, e de sua neta que, muito mais tarde, regressou ao Pico, lecionou cá e *escreveu*, precisamente, a história de sua avó e de seu avô e a sua própria...:

“A Montanha ajudou-me a nivelar a minha relação com deus. Massa pétrea colossal, nela projetei o meu sentimento de transcendência. Deixei de precisar de uma sublimidade religiosa, um deus metafísico exterior ao mundo. Basta-me saber que o sagrado com ela se identifica, que a sua altitude, como uma divindade telúrica, marca as modalidades do tempo climatérico e o horizonte da minha vista e do meu pensamento, que ela acolherá o meu corpo na morte.

.../

Não preciso de outro deus, chega-me a Montanha. Entendo o Espírito Santo como o Espírito da Montanha, sempre presente na ilha, modelando-a geograficamente e modelando o viver dos homens em torno do mar. A Montanha é o meu Espírito Santo, a morada da minha alma, em vida e na morte”. (pág. 24)

A lição poética de José Enes está aqui e de forma muito mais explícita na seguinte passagem:

“Roguei-lhe para que não teimasse, queria morrer contemplando a “Montanha” – recordei-lhe os versos de José Enes, cantados pela voz sólida e harmoniosa de Manuel Francisco Costa Jr., conservador do Museu dos Baleeiros: “Montanha do meu segredo / Montanha do meu destino/ [...] Montanha da minha sorte / Oh! Génio do meu viver / Encomenda-me na morte / Quando me vires morrer”. (pág. 19)

Luísa Franco, narradora autodiegética, é neta de Álvaro, que deu um salto à Madeira para apanhar o navio rumo às Américas – há anúncios *n’O Telégrafo* da época sobre viagens para o Funchal, a fim de tomar o grande navio para a América. Álvaro apaixonou-se na Madeira, tem um filho que deixa aos cuidados de uma avó, parte para Londres com o marido e embarca no *Titanic*, onde vem a ser vítima da tragédia. A neta Luísa nasce na Madeira, estuda em Coimbra e vem para o Pico, em demanda da história de sua avó. É professora na Escola Cardeal Costa Nunes e, vítima de um cancro, pede ao presidente da escola, de seu nome Manuel Tomás, que lhe escreva o resto da história que vai ditando, num leito do centro de saúde. Miguel Real faz a edição do livro. Quase tudo ficção!

Finalmente, *O Último Europeu* (2015) morrerá no Pico.

O último europeu, segundo a prolepse de Miguel Real, morrerá em 2299, na ilha do Pico, depois de uma longa e centenária vida. Viveu na incomparável Nova Europa, onde não havia trabalho, mas as pessoas estavam sempre ocupadas; onde não havia violência porque os sensores biométricos controlavam o eventual excesso; onde a sociedade de consumo fora extinta, porque todos tinham o que precisavam. Aos noventa anos, após a invasão da Nova Europa pelo Império dos Mandarins, absolutistas orientais, é transportado para a ilha montanha, com a suprema missão de chefiar um grupo de escolhidos e de perpetuar a memória dos europeus, escrevendo a *Crónica da Criação e da Extinção da Nova Europa*, para dar bastante notícia da extraordinária civilização humanista, a mais perfeita do mundo, mas que, em 2284, cercada pelos grandes impérios Russo e Americano, rodeada pelos bárbaros da Velha Europa, é invadida pela Grande Ásia, ficando em risco de extinção.

Natural, telúrica e culturalmente, tinha de começar pelo Pico que raramente é achado nos comentários sobre o livro. E também porque havendo a esperança de salvação da Europa, foi aqui, no Pico, a ilha que não consegue fundar a tetrapolaridade açórica, que o pessimismo acelerou e derrubou toda a possibilidade com o finamento do último europeu, o «Reitor, membro superior da direção dos museus da história da Europa» (pág. 15), narrador e autor da *Crónica da Nova Europa*, cujo título, no final, também perderá as palavras iniciais de *Criação e Extinção*.

«Há duzentos anos – em 2084 -, após a Grande Fome motivada pelo açambarcamento de bens e pela especulação de preços, derivados do esgotamento dos combustíveis fósseis, um conjunto de sábios, assim mesmo denominado, o Clube dos Sábios – filósofos, cientistas, ecologistas, engenheiros biológicos, arquitetos ambientalistas -, lançou um apelo aos Homens Bons de toda a Europa para que abandonassem as velhas cidades, lugares de fome e violência, e reconstruíssem outras no interior dos países, cidades sem nome, designadas por Conglomerados, onde a ciência e a tecnologia, a economia e a política, a educação e a cultura, fossem postas ao serviço de valores éticos de concórdia e harmonia, liderados pela Justiça.» (pág. 39)

Atas colóquio da lusofonia –

Em 2184 foi instaurada a Nova Europa e para os neo-europeus é aqui que começa a verdadeira história, porque o homem se libertou da animalidade. Acabou a família tradicional, as crianças passaram a nascer em Criatórios, no seio de uma placenta química, alimentada por um líquido amniótico sintético e por outros artefactos apropriados. O sexo era livre, mas em casas de dez mil quartos de leite (um bocado burocrático para o meu gosto!). Ninguém era identificado por um nome, antes por um código mental, designado por Distintivo, uma combinação biológica e tecnológica. Também não havia acumulação de capital para ser distribuído. A alimentação era saudável e regeneradora (com a vantagem evidente de ninguém ganhar adiposidades!) e não era feita pelos processos humanos normais, porque os alimentos também eram diferentes. Numa sociedade perfeita, era o hipercórtex que possibilitava toda esta forma de viver e todo o acesso ao conhecimento. Estava ligado ao Grande Cérebro Eletrónico. Não havia distinção entre realidade exterior e realidade mental. Utilizavam a linguagem Universalis, imagens cerebrais providas de redes neurológicas de programas implantados no hipercórtex. As imagens provinham do Grande Cérebro Eletrónico ou da retina. As imagens é que contavam porque eram a realidade. Não eram precisas palavras, nem orais nem escritas, a comunicação era mental e as paredes lisas e verticais, revestidas de película fotónica, transmitiam todas as imagens necessárias ao bom entendimento entre as pessoas.

A Nova Europa, estava defendida pela Bolha Hiperatómica de Proteção e Segurança, que impedia qualquer ataque, resistindo até mesmo a uma bomba atómica. Platão, na sua *República* também tinha guardiões de proteção, e era a Justiça o princípio fundamental da vida do cidadão. A cidade chamava-se Calipole, a «cidade bela». Todavia, dos gregos aprendemos também que todos temos um ponto fraco. A Nova Europa tinha o seu calcanhar de Aquiles. Os Chineses descobriram as oito centrais geotérmicas, no interior da Terra, que alimentavam toda a vida neo-europeia. Cortaram essa energia e a Nova Europa colapsou. Como na *Odisseia no Espaço*, desligando o computador, tudo voltava ao natural. Assim foi. Os neo-europeus tiveram de recomeçar a falar com palavras e não por imagens, de reaprender a comer e a defecar pelos processos naturais e tudo o mais que à vida humana dizia respeito e eles há muito tinham ultrapassado por processos científicos e tecnológicos altamente desenvolvidos e aperfeiçoados. Ao contrário dos americanos e dos orientais, seguiram a filosofia de Agostinho da Silva, de «não trabalhar, mas estar sempre ocupado» (pág. 33). Os carros foram substituídos pelas estradas rolantes. A dor não existia. A perfeição era total. Mas havia um calcanhar de Aquiles. Cortada a fonte de energia, acabava a Nova Europa.

Como a esperança é a última a morrer, foram escolhidos sessenta neo-europeus, pelo Conselho dos Pantocratas, 20 homens e quarenta mulheres. Seguiriam para o Pico com a missão de manter e desenvolver um saldo fisiológico capaz de perpetuar a Europa, coisa fácil depois das mulheres reaprenderem a gerar filhos e a parir. Eram meios obsoletos, mas absolutamente vitais para cumprir a missão. As pessoas voltaram a ter nomes para se identificar; retomaram o trabalho para produzir a própria alimentação e, por causa disso, tiveram de recuperar a forma de mastigar com os dentes e a língua; tiveram de utilizar a arcaica maneira de comunicar, articulando e escrevendo, de novo, as palavras. E tudo o mais que é natural no ser humano.

O Pico seria a Novíssima Europa. Seria, porque quase foi, não tivessem os interesses americanos se sobreposto. Em 2284 éramos americanos! Atualmente, eles já *fugiram* de cá! No romance também não davam qualquer importância ao arquipélago, salvo quando descobriram recursos fundamentais para a sua qualidade de vida. O que não é assim tão diferente da atualidade, *mutatis mutandis*, pois quando precisaram, instalaram-se e usaram como quiserem, mas isso é política ou falta dela... São os interesses.

Grandes cataclismos fizeram com que apenas restassem as ilhas do Pico, da Terceira, de São Miguel e uma pequena tira do Faial. E no Pico, apenas uma família teimosamente permanecia, a de Jorge Tomás, com a mulher e um filho. E era em São Miguel que se abasteciam de produtos de vária ordem. Do Pico de hoje, restavam alguns maroiços e as paredes derrubadas da vinha bem como as ruínas da igreja da Madalena.

Vir para o Pico, para salvar e acabar morrendo, cria uma estranha sensação contraditória na procura de entender e não querer aceitar a utopia que se desenrola a cada momento da narrativa, que se desenvolve entre o fascínio e o medo ou a ideia de horror a que a vida dos neo-europeus nos vai conduzindo e induzindo, aliada à imagem de um futuro previsível, tanto social como geologicamente. Cerca de quinhentas crianças terão sido salvas, pelo Império Americano, e talvez, esta situação torne possível o regresso da utopia e se ache matéria para novo romance, pois alguma coisa poderá ter ficado nas suas mentes e, um belo dia, quem sabe, em uma viagem ao contrário, naveguem do Ocidente e recuperem uma Atlântida perdida de Platão ou outra e, após alguns cataclismos naturais, as águas do Mar Americano desçam e surja outra esperança, alguma ruína emergente para a edificação de nova sociedade igualitária e do prazer global, que volte para reinar em lugar nenhum, ou seja na nova utopia... Quem sabe se em cima dos maroiços sobrantes...

O romance, quando nos dá esta visão, mostra-nos que a realidade de hoje devia ser mais acautelada, tendo em conta o *inconseguinto*, como afirmou uma senhora par(a)lamentar, de uma vida razoável para todos os europeus que foram dominados pela austeridade e ainda não extinta, e pela invasão real de outros mundos com outras intenções e projetos, capazes de não virem a fazer grande bem ao velho continente, tendo em conta a conflitualidade crescente e de extremismos a ameaçar de novo. A Europa, talvez pela grande e burocrática organização em que vive, não encontra uma solução para todos e põe-se a andar em velocidades tão diferentes que umas matam as outras e causam muitas marchas à ré.

Por isso, a parábola e a hipérbole intensificam o apelo à reflexão por causa de uma perda em movimento disformemente acelerado que vai arrastando a Europa, em sentido contrário ao que o toiro branco fez um dia para nos criar expectativas de beleza. Talvez falte a paixão, a vontade e o amor de Zeus pela Europa e os gregos de hoje sejam os alemães de amanhã! Ou, talvez, como disse Miguel Real em entrevista ao *Público* (22.02.2015), a Alemanha de amanhã seja “âncora de uma futura Europa”.

Assistimos hoje à invasão pela Grande Ásia, talvez como Eurico assistiu, em cima do Calpe, ao assalto da Península Ibérica pelos Árabes, mas com menos poesia; os Árabes também invadem, de novo, agora sem cavalos, o que é uma considerável perda de beleza animal; as ideias dos Europeus são as melhores e as mais democráticas possíveis, mas o consumismo capitalista exagerado levar-nos-á a extremismos de toda a ordem, a primeira das quais já aí anda, os territórios ricos não querem saber nada de solidariedade e já se acham independentes...

Miguel Real convenceu-me pela inviabilidade do processo neo-europeu e este livro é um clamor no deserto das ideias e da falta de solidariedade social em que os europeus vivem agora, ou melhor, alguns burocratas de gravata ou sem gravata fazem viver, esquecendo os mais necessitados. Há falta de uma ideia que salve a Europa e este romance dá um grito fundamental, tão alto e tão utópico que me parece mesmo real, e leva por outra vereda filosófico-tecnológica que agarra do princípio ao fim, em catadupas de informação, em que o enredo foi apenas o fio que Ariadne teceu para seguir mais depressa até ao fim. Uma outra lição é a da ética sobre a tecnologia. Se os recursos de hoje fossem bem aplicados não haveria miséria nem fome como há. É possível salvar o mundo com o que ele tem, mas o consumismo e a ganância não o deixam. A tecnologia em excesso levar-nos-á a um mundo de insensibilidade em que serão descartáveis os considerados inúteis e os desnecessários: uns serão lançados no desemprego e os outros terão sempre à espera a sua rocha *Tarpeia*. A sociedade do conhecimento não se importa com o pleno emprego, mas antes com a melhoria da remuneração de alguns dos «iluminados».

Apesar de o último europeu ter morrido no Pico, com cento e cinco anos, apesar de os americanos terem matado os restantes europeus e levado as crianças nascidas na ilha para as vender a mães americanas que as quisessem, em vez de passar pelo trabalho de dar à luz, na ilha montanha restará uma luz e a luz, princípio de toda a vida, é o casal jovem constituído por um habitante ilhéu e por uma novíssima europeia nascida no Pico, fugidos ao controlo americano. A luz do amor!

Queremos que o Pico seja sempre um farol útil na noite que se aproxima, ao contrário do que disse Chateaubriand e os da tripolaridade teimam em prosseguir.

Que ainda possa ser essa luz, e não uma metáfora catastrófica proléptica!

Colóquio da Lusofonia, Madalena, outubro de 2018.

Manuel Tomás

TEMA 3.1. Bibliografia Geral da Açorianidade com o Pico ao fundo

É uma extensíssima lista bibliográfica desenvolvida em dois volumes, com um total de 1648 páginas e cerca de vinte mil entradas, relativas a autores açorianos ou a outros que tenham tratado da temática açoriana. É obra ingente de paciência e de tamanha e exaustiva expressão que, mesmo achando-se algumas lacunas, como refere Chrys Chrystello, o seu autor, o trabalho apresentado merece a nossa imediata admiração e obriga-nos a um aplauso pelo inigualável contributo dada para o conhecimento da açorianidade. Levou sete anos a ser concretizada. Já em 1985, João Afonso publicara uma *Bibliografia Geral dos Açores*, mas apenas o primeiro volume de um vasto conjunto viu a luz do dia. Na nota introdutória, Chrys Chrystello explica ao que vem, dizendo que “de uma forma geral estão aqui incluídos os trabalhos que já logramos identificar, direta ou indiretamente, sobre os Açores, seus temas e autores. Exaustiva é, sem dúvida, esta Bibliografia, ainda muito incompleta, mas indicadora do que se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido sobre os Açores e seus temas, autores, tradições, etc. Nem todos os trabalhos serão obras-primas ou relevantes, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.” (pág. 29). E disse mais: “Não se privilegiou a literatura, mas todos os ramos do saber, desde a biologia à botânica, à história, ciências sociais, etc.” (pág. 28).

Há muito a mostrar, além das “vacas felizes”, sobre os Açores e as suas gentes. Ser dos Açores é muito mais do que ter nove ilhas lá longe, no meio do Atlântico, de onde vem o anticiclone. A açorianidade, termo criado por Vitorino Nemésio, e que ainda é sublinhado a vermelho pelo corretor informático e não consta do *Dicionário da Academia de Ciências de Lisboa*, tem uma significativa expressão escrita em quantidade e qualidade, feita por autóctones e por muitos de fora, com realce para os da diáspora, que bem merece uma atenção especial e uma maior e melhor divulgação, coisa de que todos se queixam, mas os que mais podem, parece, menos fazem. Coisas do centralismo ou do egoísmo da pequenez, ou talvez ainda da arrogância dos “maiores”. Ou o açoriano padecimento da desimportância, de que falou José Martins Garcia.

Vitorino Nemésio, ainda não suplantado, explicou muito bem o que era a açorianidade, dizendo que para nós “a geografia vale outro tanto como a história”. A geografia continua a valer muito hoje, mesmo que alguns políticos, pela conveniência da argumentação, para enganar bairrismos de sempre, uns claros, outros escondidos, apregoem o fim da geografia, como marca decisiva da nossa natureza e essência. Talvez um caso especial more na Comunidade do Canal, onde a história terá suplantado a geografia e ainda teime em perdurar, apesar de haver alguma resistência e tentativa de impor a geografia, como elemento de igual valia. Não será estranho o facto de as duas ilhas, desde sempre, terem sido consideradas como se de uma só ilha se tratasse. Sem querer aprofundar esta temática, neste momento, por inadequado, gostava de falar antes de “geografias”, cada uma delas associada à sua ilha, para no contexto desta obra em apreço, referir o caso particular de uma ilha fora da tripolaridade do costume. Naturalmente, lá estão todos os clássicos, nos vários ramos do conhecimento e da expressão escrita, como Antero, Nemésio, Natália, Cristóvão de Aguiar, João de Melo, Frederico Machado, Victor Hugo Forjaz, mas se sairmos da costumada, e nem sempre interessante, tripolaridade (São Miguel, Terceira e Faial) e dermos atenção, por exemplo, ao Pico, onde geograficamente nos encontramos, e ainda bem, tendo em conta os seus humildes cerca de quinze mil habitantes de sua regularidade demográfica, esta ilha coloca-se na primeira fila, oferecendo mais de 40 autores e alguns deles de primeiríssima nomeada e dos mais consagrados na literatura e no pensamento açoriano, como é o caso de José Martins Garcia, de Dias de Melo, de Nunes da Rosa, de Almeida Firmino, de José Enes. O primeiro desta lista foi notável romancista, poeta, dramaturgo, crítico literário e o último foi um dos mais importantes filósofos portugueses do século vinte; Nunes da Rosa um dos primeiros “regionalistas” literários; Dias de Melo, o romancista dos que lutam em terra e no mar; e Almeida Firmino quem melhor sentiu a insula. E estes são os que da lei da morte se foram libertando, pois, vivos ainda os há por aí, outros tantos, e alguns têm valor e créditos seguros em várias áreas da escrita e do pensamento açoriano português.

Solicitei às três câmaras municipais do Pico que me facultassem a lista de livros editados e/ou apoiados por elas nos últimos cinco anos. O que pretendia era verificar a quantidade de livros que vão surgindo, como edição de autor, normalmente com apoio camarário e as próprias edições municipais. Pelas algo inapropriadas, amostras conseguí verificar que, dos mais de cem livros das listas facultadas (Madalena e Lajes), cerca de metade não foi inserida nesta obra. Como afirmou Chrys Chrystello, na sua introdução, nem todas as obras terão a qualidade desejada, ou sequer qualquer notabilidade, mas são o reflexo do momento e dos interesses que se movem e fazem mover as nossas sociedades e merecem uma referência e um juízo de valor. Não quero dizer que seja esta *Bibliografia Geral da Açorianidade* o modelo e a norma para tal juízo. O que quero mesmo dizer é que, além de ser interessante rever algum tipo de apoio, é de salientar, de qualquer modo, a expressiva quantidade de gente que é apoiada pelas câmaras municipais para a edição de livros. Quantidade já temos, com alguma coragem, lembrando Almada Negreiros, havemos de chegar à qualidade desejada...

Chrys Chrystello avisa que “não se privilegiou a literatura, mas todos os ramos do saber, desde a biologia à botânica, à história, ciências sociais, etc.” (pág. 28).

São cerca de vinte mil entradas, relativas a autores açorianos ou a outros que tenham tratado da temática açoriana, além de outra informação sobre os “mapas célebres” da nossa geografia antiga, desde o século XIV, sinal de que já éramos conhecidos e, provavelmente, visitados, sem querer significar nada mais do que isso, pelo menos para já. Também é digno de referência especial o “legado de Pedro da Silveira”, poeta e investigador florentino, quem mais sabia acerca de autores e de livros de e sobre os Açores e os Açorianos. E tudo isto

Atas colóquio da lusofonia –

torna estes dois volumes, editados pela editora açoriana *Letras Lavadas*, numa prova inofismável da gigantesca produção escrita açoriana, tendo em conta o facto de nem sequer atingirmos uns magros duzentos e cinquenta mil habitantes. Estatisticamente, ciência em que não confio grandemente, isto dava qualquer coisa como um livro por cada 12 habitantes. Considerando o atávico e funcional analfabetismo e as tenras idades por que todos passamos, é digno de registo esta volumosa capacidade de escrita existente nos Açores ou sobre os Açores.

Notei alguma falta especial? Devo dizer, em prol da verdade e da minha clareza e gosto literário, que sim. Se há autores não-açorianos de origem, como não podia deixar de ser os casos de Raul Brandão e de Antonio Tabucchi, para apenas citar dois, um português e outro estrangeiro, que trataram e muito bem a “coisa açórica”, também outros o fizeram e não constam da lista, como, também para citar apenas alguns e sempre em relação ao Pico, são os casos de: Miguel Real, *O Último Europeu*, Manuel Alegre, *Pico* (edição do Círculo de Amigos da Ilha do Pico) e Luísa Franco, *A Montanha e o Titanic*. (Miguel Real surge duas vezes, uma por causa do livro sobre José Enes e outra por um texto no âmbito dos *Colóquios da Lusofonia*; Manuel Alegre, uma vez, por causa de *Escrito no Mar*, (que inclui os poemas de *Pico*) na companhia do fotógrafo Jorge Barros.) Ou, por exemplo, se se usa uma informação relativa à revista *Ponto Cardeal*, editada pela Escola Cardeal Costa Nunes, para um autor, não se devia fazê-lo para outros? Não se veja nestas afirmações uma menor consideração por esta obra, antes um elogio a todos nós, é que se a obra é imensa e revela aquilo que somos, ainda poderá ser muito mais e o seu autor até já o confessou, como ficou dito atrás.

Claro que, como picaroto, apreciei e registei o facto de ter verificado a existência nesta bibliografia de muitos conterrâneos, como:

1. Dias de Melo, 2. José Martins Garcia, 3. Nunes da Rosa, 4. Bernardo Maciel, 5. Rodrigo Guerra, 6. Almeida Firmino, 7. José Enes, 8. Tomás da Rosa, 9. Tomás Duarte Jr., 10. Manuel Ferreira Duarte, 11. José Carlos Simplicio, 12. Manuel Emílio Porto, 13. Silvina de Sousa “Iracema”, 14. Ernestina Avelar, 15. Conceição Maciel, 16. Ermelindo Ávila, 17. Lacerda Machado, 18. João Augusto Laranjo, 19. Manuel Alexandre Madruga, 20. Genuíno Madruga, 21. Urbano Bettencourt, 22. José Carlos Garcia, 23. Fernando Melo, 24. Helder Fernandes, 25. Manuel Goulart Serpa, 26. Guilherme Silveira da Glória, 27. João Homem Machado, 28. Duarte Freitas, 29. Ermelindo Peixoto, 30. Norberta Amorim, 31. Zilda França, 32. Ângela Furtado-Brum, 33. Cisaltina Martins, 34. Judite Jorge, 35. Carlos Alberto Machado, 36. Maria Guiomar Lima, 37. Maria de Jesus Maciel, 38. Rosa Goulart, 39. Rui Goulart, 40. Manuel Tomás, 41. Manuel Vieira Gaspar, 42. Josefina Canto e Castro

(Posso ter omitido algum, mas desculpas não se pedem.... É que fora da literatura, é bem possível haver mais gente, além daquela que aqui referi.)

Onésimo Teotónio Almeida, provavelmente o nome mais vezes repetido nesta bibliografia, tal a imensidão da sua prolifera obra, no pós-fácio, manifestou o seguinte desejo: “Importa, porém, que esta obra impressa agora em volume, possa também estar disponível *online* para assim multiplicar indefinidamente a sua utilidade.” Pois é, estamos mesmo na era digital e a minha consulta, para a elaboração deste escrito, foi feita exclusivamente *online*, o que é uma vantagem e uma facilidade de busca, tanto através do nome do autor, como do nome da obra. E assim se cumpriu o desejo de um dos mais consagrados autores açorianos da atualidade.

Antes de terminar, e sobre esta *Bibliografia Geral da Açorianidade*, de Chrys Chrystello, volto a citar Onésimo Almeida, para fazer das suas, as minhas palavras, e dizer: “Um trabalho notável desta natureza, exigindo a mais beneditina paciência e uma não menos persistente teimosia, não pode deixar de ser aplaudido. Tanto mais que é levado a cabo por um autor não açoriano que adotou os Açores e seu espaço cultural, transformando-os numa verdadeira paixão a ponto de deixá-la preencher praticamente a sua agenda diária e o seu calendário anual.” Esta *Bibliografia Geral da Açorianidade*, de Chrys Chrystello, será um utilíssimo instrumento para o conhecimento da açorianidade e será uma obra histórica impossível de esquecer no que disser respeito aos autores açorianos e às produções literárias (no sentido mais lato possível) que aborem as temáticas açorianas.

Colóquio da Lusofonia, Madalena, outubro de 2018.

Manuel Tomás



**SÓCIO AICL
PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ NUM COLÓQUIO
TOMOU PARTE NA APRESENTAÇÃO DA BGA NO PICO EM DEZ 2017**

27. MARGARIDA MARTINS VILANOVA, FUNDAÇÃO MEENDINHO, GALIZA, PRESENCIAL.



**É SÓCIA DA AICL –
TOMOU PARTE NO 14º EM BRAGANÇA 2010, 18º COLÓQUIO NA GALIZA 2012, 27º EM BELMONTE 2017, 28º EM VILA DO PORTO, 29º BELMONTE 2018**



AGOA 2009



BELMONTE 2018

MARIA DE LOURDES CRISPIM



Professora Associada de Linguística da Universidade Nova de Lisboa é, desde 2006, Presidente da Comissão Diretiva do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa. Começou a sua carreira académica na Universidade de Paris III onde ensinou Língua e Linguística portuguesas (1969-1974).

No mesmo período, colaborou com Solange Parvaux, primeira Inspetora-geral do Português em França, nas diligências de integração do ensino do Português no leque das “languês vivantes” do sistema de ensino secundário francês.

O contacto com a integração das crianças de origem portuguesa na escola francesa dos anos 70 despertou-a para a problemática das políticas linguísticas em geral e das políticas linguísticas nacionais relativas à imagem da língua no estrangeiro e em Portugal, em particular.

Em 1976, depois de breve passagem pelo Programa Nacional de Alfabetização, ingressou na Universidade Nova de Lisboa.

Licenciada em Filologia Românica pela Faculdade de Letras, com uma dissertação que consistiu numa edição crítica e glossário das Coplas del Menosprecio del Mundo do Condestável D. Pedro, interrompeu durante algum tempo esta linha de trabalho que retomou através da edição crítica e estudo linguístico da tradução portuguesa de uma obra de Christine de Pizan, intitulada Livro das Tres Vertudes, na versão manuscrita, e Espelho de Cristina, na versão impressa de 1518.

O gosto pelos textos medievais e o gosto pelas questões de contacto de línguas têm alternado no seu percurso académico.

Atualmente, o trabalho, com Maria Francisca Xavier, em projetos de corpora e dicionários de português medieval satisfazem o primeiro gosto, o trabalho sobre aquisição do português, língua não-materna, com Ana Madeira, Maria Francisca Xavier e outros, satisfaz o segundo.

O interesse pelo português, língua não-materna, não se esgota na investigação em curso, tendo estado na origem da sua participação num projeto europeu que, em parceria com outras instituições da Lituânia, Estónia, Finlândia e Polónia, levou à realização de um curso online de português para estrangeiros – o projeto ONENESS, disponível, para o português, em <http://www.oneness.vu.lt/pt/>.

Tema 2.3. Dificuldades na Elaboração do Dicionário da Língua Portuguesa Medieval”, trabalho com Malaca Casteleiro

M^a FRANCISCA XAVIER, M^a DE LOURDES CRISPIM Centro de Linguística da UNL

Chegados à fase final da elaboração do *Dicionário da Língua Portuguesa Medieval (DLPM)*, propomos apresentar uma síntese das principais questões e das decisões mais difíceis, algumas mesmo discutíveis, que acompanharam o processo de redação das fichas lexicográficas e, também, das suas sucessivas revisões. Abordaremos os objetivos que alicerçaram o projeto do Dicionário e a sua utilização futura.

Com base em exemplificação ilustrativa das dificuldades surgidas e das decisões tomadas, serão comentados os critérios estabelecidos relativamente aos campos da estrutura dos artigos, nomeadamente: a forma gráfica das vedetas, a classificação gramatical, a origem ou formação das palavras, a aceção ou descrição do significado dos vocábulos, assim como a escolha das abonações e os confrontos entre artigos de palavras consideradas sinónimas ou entre variantes gráficas. Assim, pretende-se revelar e justificar o modo como foram resolvidas as dificuldades encontradas na preparação do *Dicionário da Língua Portuguesa Medieval*.

Este trabalho foi concebido para constituir um instrumento lexicográfico, inovador, que se destina a dar a conhecer a totalidade das palavras comuns e as suas variantes presentes num corpus de textos galegos e portugueses de diferentes temáticas e géneros, pertencentes ao período mais antigo da língua portuguesa - desde o séc. XII ao séc. XVI. Este corpus constitui um importante património linguístico e cultural que os recursos tecnológicos recentes permitem explorar de um modo mais eficiente do que aquele que estava ao alcance, até agora, da lexicografia portuguesa. O caráter inovador deste trabalho prende-se com a exaustividade e rigor da exploração do corpus textual, pois assim o DLPM constitui-se como um autêntico retrato, embora parcial, do léxico português medieval e uma base segura para futuros alargamentos.

Terminado este longo, estimulante e, por vezes, problemático percurso de elaboração do *Dicionário da Língua Portuguesa Medieval (DLPM)*, propomo-nos apresentar uma síntese das questões e decisões mais difíceis - algumas muito discutidas entre nós e que podem também ser discutíveis para outros -, que acompanharam todo o processo de redação das fichas lexicográficas e as suas sucessivas revisões.

Passaremos em revista vários pontos que marcaram o trabalho desenvolvido para a constituição do DLPM.

No ponto (1), abordaremos as circunstâncias e condições que levaram à constituição da equipa e ao estabelecimento dos objetivos e metodologia de trabalho delineados para alicerçar o projeto do Dicionário e, também, para projetar a sua utilização futura.

No ponto (2), tendo por base exemplificação que permite ilustrar as dificuldades surgidas e as decisões tomadas, serão comentados alguns critérios que foram estabelecidos relativamente aos seguintes campos da estrutura dos artigos: a forma gráfica das vedetas, a origem ou formação das palavras, assim como a escolha das abonações e os confrontos entre artigos de palavras consideradas sinónimas ou entre variantes gráficas.

Como conclusão, no ponto (3), referimos o que consideramos constituir o caráter inovador do DLPM e o seu desejável alargamento futuro. Em (4) apresentam-se as referências das fontes textuais dos exemplos.

Constituição da equipa e estabelecimento dos objetivos e metodologia de trabalho para a elaboração do DLPM correspondente ao período do séc. XII ao séc. XVI

Em 2004, no Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, a dimensão do *Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM)* e a sua representatividade de características da linguagem medieval foram consideradas suficientes por Maria Francisca Xavier e Maria de Lourdes Crispim, para se dar início ao projeto de elaboração de um Dicionário do Português Medieval. Por feliz coincidência, João Malaca Casteleiro, então Presidente do Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Academia de Ciências de Lisboa, anunciava, na mesma altura, a sua intenção de realizar uma trilogia de dicionários que, incluindo o já então publicado *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, iria contemplar dois períodos anteriores - o período medieval e o período moderno. De imediato, Maria Francisca Xavier e Maria de Lourdes Crispim procuraram informá-lo sobre o projeto em curso de realizar um dicionário do português medieval a partir da exploração exaustiva dos textos do já referido *Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM)*. Foi então decidido juntar esforços e recursos e, de imediato, se iniciaram diligências para a formação de uma equipa coordenada pelos três investigadores seniores e constituída por quatro estudantes de pós-graduação a quem foram atribuídas quatro bolsas pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia bem como algum financiamento para aquisição de serviços do CLUNL. Definidos os objetivos e as características do dicionário que se pretendia elaborar, decidiu-se dar ao mesmo o título que o integrava na trilogia prevista por Malaca Casteleiro. Em vez do anteriormente previsto *Dicionário do Português Medieval* iniciou-se o *Dicionário da Língua Portuguesa Medieval (DLPM)*.

O projeto de constituição do DLPM teve como objetivo principal apresentar as fichas lexicográficas de todas as palavras comuns existentes no corpus textual, que incluía diferentes temáticas e géneros pertencentes ao período mais antigo do Português, constituído para servir como fonte primária do dicionário. Pretendeu-se realizar um produto lexicográfico acessível a um público diversificado, o qual deverá ser útil não apenas para professores e investigadores, mas também para estudantes e outras pessoas interessadas em conhecer o vocabulário dos primeiros textos galegos e portugueses. Para atingir este objetivo a equipa recorreu à utilização de ferramentas informáticas disponíveis, dando então início à elaboração de concordâncias que permitiam o levantamento exaustivo das formas presentes no *corpus*, a sua classificação gramatical e a seleção das abonações para a elaboração de verbetes de acordo com os critérios definidos pelos coordenadores do projeto.

2. Critérios de elaboração dos artigos

Nesta fase, surgiu a primeira grande dificuldade que obrigou a tomadas de decisão difíceis e nem sempre consensuais. Com efeito, dado que o CIPM respeita rigorosamente os textos editados, à variedade gráfica que caracteriza a escrita medieval acresce, em alguns casos, a variedade resultante dos diferentes critérios de edição que os diferentes editores dos textos do corpus, todos eles medievalistas conceituados, decidiram aplicar.

Atas colóquio da lusofonia –

Vejamos, apenas como exemplo e por curiosidade, as 52 grafias apresentadas por uma palavra que atualmente é sempre grafada como *igreja*:

egleia, egleja, egleyga, egregias, egrei, egreia, egreía, Egreja, egreja, egreĵa, egreya, egreyga, eiglesia, eigreia, Eigreía, eigreja, eigreja, Eregreia, evgreia, eygreia, eygreias, eygreja, eygreya, eygreyra, greya, igleia, iglleia, Igraia, igreeja, igreia, Igreía, Igreiia, igreija, igreja,

igrejes, igreyia, igrigia, jgleia, jglleia, jgreia, jgreja, jgreya, ygerĵa, ygleia, yglleia, ygreeja, ygrega, ygreia, ygreja, ygreya, yigreja, yreja.

O objetivo principal do DLPM era, desde o início, muito claro: fornecer informação a qualquer leitor que se deparasse com uma forma gráfica problemática num texto medieval. Nesta perspetiva, perante tantas variedades, como decidir qual forma da entrada ou entradas dos artigos quando não faz sentido que todas as variantes constituam cabeças?

Este problema levou-nos a uma primeira reflexão e a estabelecer critérios e regras para decidir as formas gráficas das vedetas

2.1. Variação gráfica e seleção das vedetas

A vedeta, entrada ou cabeça do artigo é entendida como uma representação abstrata que identifica a palavra definida e decidiu-se que a cabeça deveria ter a forma gráfica mais semelhante à forma atual quando esta existe. Dada, porém, a variação gráfica, sem pertinência linguística, da escrita medieval, decidiu-se ainda que para uma regularização mínima das referidas vedetas seriam aplicadas as seguintes regras de substituição e supressão sistemática de grafemas:

<ç> antes de <e> ou <i> → <c>

<s> intervocálico com valor de sibilante surda → <ss>

<ll> ou <l> com valor de líquida palatal → <lh>

<n>, <nn> ou <gn> <~h> com valor de nasal palatal → <nh> (alynnador → alinhador)

<r> intervocálico com valor de vibrante múltipla → <rr>

<rr> com valor de vibrante múltipla antecedido de nasal (–, n) → <r> de acordo com a grafia moderna (honrra → honra)

<i> com valor de sibilante vozeada palatal → <j>

<j> com valor de vogal ou semivogal → <i>

<y> inicial mantém-se. Interno, com valor de vogal ou semivogal → <i>; com valor de sibilante vozeada palatal → <j>

<u> com valor consonântico → <v>

<u> com valor consonântico → , quando o étimo e a forma moderna tiverem b (uure → ubre, do lat. *ubere*, port. atual *úbere*)

<gu> na primeira sílaba mantém-se. Interno, antes de <a>, <o> → <g> (acesseguado → acessegado)

<v> com valor vocálico → <u>

<n> ou <-> representando a nasalação da vogal antes de oclusiva labial ou de hífen → <m>

<-> ou <m> representando a nasalação da vogal antes de consoante não labial → <n>

<->, <m> ou <n> representando a nasalação do ditongo → <-> (absolviçaom → absolvição)

grafemas duplos, iniciais ou internos, com o mesmo valor fonético dos correspondentes simples → grafemas simples:

- <ss> em posição inicial de palavra → <s> (sse → se).

- <ss> em ataque de sílaba interna depois de consoante → <s> (uerssa → uersa).

- <rr> intervocálico com valor de vibrante simples → <r> (barroes → barões).

Estas regras permitem alguma redução da variação gráfica das cabeças sem implicações de caráter linguístico. No entanto, como é do conhecimento de qualquer medievalista, o mesmo não se poderá garantir no que respeita às vogais simples e duplas, que podem indiciar questões fonéticas pertinentes. Nestes casos a decisão tomada foi a de manter as vogais duplas, iniciais ou internas, se não ocorrerem formas com vogais simples. No caso de coocorrerem formas com vogais simples e duplas a vedeta tem a vogal simples, porque esta grafia corresponde à atual.

Por exemplo:

descreer v. (De des- + creer/crer). 1. Descrer, não acreditar <alguém descree a/de/em alg> [séc. 13 CSM311] E quen aquesto non cree, sa creença non val ren, / ca descre' en Deus, seu Fillo, e en ela que Madr' é. [séc. 13 CEM329] Maria Balteira, porque jogades / os dados - pois a eles descreedes - / ūas novas vos direi, que sabiades om quantos vos conhocem vos perdedes; [1350? PP] mereçia ainda demais de todolos cristãos e mayormête dos senhores que lhy dê aquela pêa que diz en no VIIº liuro daqueles que descreê da ffe de Jhesu Cristo ou querem canbhar ou destroy ou desatar ou desfazer en outra maneyra os feytos della. 2. Blasfemar <alguém descree a/em/contra alg> [séc. 13 CSM163] Come uun ome d' Osca, que jogava os dados, descreeu en Santa Maria e perdeu logo a fala; e foi a Santa Maria de Salasen romaria e cobró-a. [séc. 13 CSM407] En un cativo d'ome que foi errar / porque do pee en hũa pedra dar / foi e doeu-sse; e poren braadar / começou e descreer:

crer v. (Do lat. credere). Crer <alguém crê(-se) (a/em/por) alg> [1258 HGP022] & quē contra ista carta uéér & nū créér sega maldito & pectet altera parte Cm soldos & ista carta senpre ualla [1280? FR] Todo omē que de gardar ouuer orphãos ou seus aueres deue a sseer de XX anos almeos e deue a seer creodo e cordo e de boo testimonho e auerudo, e se tal nō for nō pode teer elles nē seus aueres. [séc. 13 CEM193] Joam Fernández, creed' est' a mim / que sōo home mui bem leterado. [séc. 14 CAXP] Dō Johã Afonso d' Albuquerque, neto del rey dō Denys de Portugal, que era grande senhor ē Castela, tiinha a governaça do reyno. E el rey se criia principalmête por seu conselho. [1453? LTV] a qual vertude perteeçe mais aos grandes Senhores que a outras perssoas porque lhe he mais perteeçente que aos outros / seerem críudos / E lhe deffemdera que nom diga pallaura. [1488 S] E diz Guillermo do Sacramental que, se ha emtemçon de fazer o que faz a madre sancta ygreja, que se faz a consagraçom, aynda que elle ho nō crea e pense ē outra cousa, asi como o judeu que bautiza que non cree e o que he ydiota e ynogramte que nom entende nen sabe o que diz, que se non êtendese consagar, nom sserya ssacramento. [1504 Cat] Quãdo ho christaão ouvir algũas cousas desacustumadas nō as crea logo, mas pregüte a outros encomendãdo-se a Deos <alguém crê que...> [séc. 13 CEM027] e quem aquestes matarem, creede bem sem dultança, / que jamais en' este mundo nunca veerá vingança. [1280? FR] Todo crischao crea firmemente que huu soo é uerdadeyro Deus, Padre e Fillo e Spiritu Sancto e estes III sō l Deus e una natura [1500 CPVC] E creemos que ficaram aquy porque de manhaam prazendo a deus fazemos daquy nosa partida. [1504 Cat] Os que, sem causa legitima, requerē relaxaçã do juramêto ou usam della, os que enduzē outros a jurar creendo que se perjurarã, os que juram verdade creendo que he falso, os que adjuram ou excōjuram os demonios per via de roguo ou os constringem pera que os ajudem ou ensynē. <alguém crê acontecer/fazer> [séc. 14 C] E, se ele ouvese de viir, nom seriam eles despostos pera o reçeber nem outrosy as outras seitas nom creem seer ele tal qual aviaa de seer, segundo avemos provado em nos artigos da fe e em outros lugares. [1488 S] Creo pello spiritu sancto os pecados ser perdoados. [1504 Cat] Em ho seer de Deos se encrudē e ençarra totalas cousas que creemos ser em Deos eternalmente <alguém crê alg (por) algo> [séc. 15 OE] Este que tu crees por bemauêturado, aquelles que se marauilham por elles muyto o aconpanham. [1504 Cat] Decrara ho que explícita e expressamête se deve creer necessario pera salvaçam. (Var. cr-, cre- cré-). Cf. crever.

Quando as formas variantes terminam em a nasal e o nasal seleciona-se aquela que termina em a nasal por se considerar que é a forma gráfica mais próxima da atual. Por exemplo:

adivinhaçam s. f. (De adivinha(r) + -çam). Adivinhação 1. Ato de predizer o futuro [1489 TC] Outrosy os agoyreyros e os adiuiñhadores porque toda adiuiñhaçom per qualquer modo que seia feyta, defesa he, e he maldita de Deus, e da sancta ygreia e apostita. [séc. 15 LHB] nam ha agoyro em Jacob nem adivinhaçam em Isrraael. 2. Adivinha [séc. 15 LHB] Proponhovos huũa adivinhaçam e se a soltardes ate sete dias deste comvite darvoshey sete camissas e outras tamtas sayas; e se a nam adevinhardes dareis vos a mim outras tamtas. (Var. adeuinhaçõees, adivinhaçom, adiuiñaçõees, adiuiñhaçom, adiuiñhaçoões, adivinhaçam). Cf. adivinha, adivinhança.

Constituem também cabeça de artigo:

as variantes gráficas alfabeticamente distantes. Por exemplo:

dispensaçã s. f. (Do lat. dispensatiōne-). Dispensa, permissão [séc. 15 CDJl2] Das quaes rezões, diz que se o Duque muito queixou, dizendo contra el Rey que fiando elle delle sua filha e leixandolha em refens pelo que elle e sua companha aviom daver de seu soldo, pera depois cazar com ella tanto que dispensaçam ouvesse, que elle a tomara por molher, dormindo com ella ante que as letras de Roma viessem, pelas quaes elle mãdara o Bispo de Evora e Gonçalo Gomez da Sylva; e que as nō poderom aver do Papa Urbano, que entom era; e que por estas rezoens forom per dias nom bē acordados. [1504 Cat] os que casam depois de voto simprez ou solêne, os que procuram dispensaçã sem causa legitima e os que dispêsam, os herejes, os que cō deliberaçã duvidã em as cousas da fee, (Var. dispensaçã, dispensaçam, dispensaçõ, dispêsaçõ). Cf. despensa, dispensação.

dispensação s. f. (Do lat. dispensatiōne-). 1. Dispensa [1488 S] Outros a y que reçeben despensaçõ, asy como no voto e os dizemos. 2. Despacho, decreto [séc. 15 CDJl2] E hordenamdo el Rei de mamdar laa outra vez por dar fim a esto que lhe tamto comvinha, e este Papa Urbano morreo, avemdo jaa doze annos que regia a Egreja, e pasava de dous que asynara o roll daquesta despemsaçaom. 3. Autorização [1489 TC] Mas ē caso que o teu preposyto nō fosse de matar nēhuū e porē matasteo ē tal caso nō he necessaria a despêsaçõ do papa (Var. despemçaçam, despemsaçaom, dispensaçam, dispensacõ, dispensaçõ, dispensaçom, dispensaçon, despemssaçam, despemssaçaõ, despemssaçõ, despemssaçom, despenssaçõ, despenssaçom, despêsaçõ, despêsaçom, despêssaçõ). Cf. dispensaçã, despensa.

hamostrar v. (De amostrar). Ensinar <alguém hamostra algo a alguém> [1488 S] A quarta que deue dar testymunho de sua pendença sse lhe for demandado e ajnda lhe deue hamostrar ho credo e ho pater noster. Cf. amostrar, emostrar, mostrar.

hano s. [1488 S] O. xxj. qual quer que cometer sacrilegio quebrãtando ha ygreja ou tomãdo a crisma ou ho calez comssagrado nō teendo as maãos limpas ou estãdo em pecado faça pendença sete hanos e os dous primeyros nom emtre na ygreja e fasta os quatro non ofereça e jejuüe tres dias na somana. Cf. ano*.

Em casos como estes poder-se-ia ter decidido incluir todas as variantes gráficas no artigo da vedeta principal, que se encontra marcada com + alceado, uma vez que as variantes não correspondem a realizações fonéticas distintas. No entanto, o critério adotado implicou que sempre que a primeira sílaba das variantes é graficamente distinta e alfabeticamente distante, as variantes apresentam entradas próprias que estão associadas entre elas através do Cf. no final das fichas.

as variantes gráficas com a primeira sílaba idêntica e outras sílabas distintas. Por exemplo:

Atas colóquio da lusofonia –

peleja s. f. (Regr. de pelejar). Peleja, luta [séc. 13 CSM078] "Esta missa, a como quer que seja, / oyrei eu toda, por que Deus de peleja / me guard' e de mezcra maa e revoltosa." [1267 FG2] Peleía que pelegē. vezĩos na Villa ou fora da uila se foren y os Juyzes ěijnos pera dereyto que façã dereyto perant'elles. [1488 S] Et pacis, lugar honde non ha hy peleja algũa. ◊ sem peleja, sem obstáculos, sem discussão [séc. 13 CSM067] E como quen á gran coita de compri-lo que deseja, / ela mançebos collia ben mandados, sen peleja, / que aos pobres servissen; mais o demo con enveja / meteu-se en un corpo morto d'ome de mui gran beldade (Var. peleia, peleía, peleiã, peleja, peleya, pellegas, pelleja, pelleyas). Cf. pelhega.

pelhega s. f. [1488 S] E quando se lee ho Evãgelho, todos deuem estar en pee segũdo que o papa Anastasio primeiro estabeleceo, a dar a ě tender que deuemos estar aparelhados a pelhega pella ffe de Jhesu Christo. Cf. peleja+.

Embora com a primeira sílaba idêntica, estes exemplos ilustram variantes gráficas bastante diferentes o que justifica terem entradas separadas a remeterem uma para a outra por Cf.

os empréstimos de outras línguas, nomeadamente do latim, em contexto português. Por exemplo:

adelante adv. (castelhano). Adiante [séc. 13 CSM297] Tod' aquest' assi avẽo; ca senpre fez sa fazenda / mui mal aquel frade falso, ca Deus quis fillar emenda / sempre dali adelante, e Deus quis fillar emenda / del por si e por sa Madre come d'ome que non cree. Cf. adiante. ab prep. (latim). 1. De [séc. 14 CI] convem a saber, muitos judeus e gintios que se tornaram a ele e creerom a sua santa fe, asy como foy Nicodemos e Josef ab Eramatia e Paulo e outros muitos sem conto 2. A [séc. 15 CDJI'] nem NunAllvarez quamdo emtrou, nom mostrou nehuũ geito de sobramçaria, mas muito chãamente fallou ab Meestre, e isso meesmo a alguũs dos seus. Cf. a⁴.

Não foram integradas no DLPM as palavras latinas em contexto latino.

Compostos com formas gráficas distintas exigiram soluções diferentes. Por exemplo:

dizente s. *m.* (Do part. pres. de *dizer*). ◊ mal+ dizente.

mal¹ adj. (Do lat. mǎle). Mal [séc.13 CSM017] A dona mui bon marido perdeu, / e con pesar del per poucas morreu; / mas mal conorto dun fillo prendeu / que del avia, que a fez prennada. [1437/1438 LEBC] Mais dessy o filha muitas vezes em cousa que homem conhece que he mal de o aver, e lhe prazeria muyto nom o ssentir. (...) ◊ mal dizente, maldizente [séc. 13 CEM246] De Martim Moia posfaçam as gentes / e dizem-lhe por mal que é casado; / nom lho dizem senom os mal dizentes, / ca o vej' eu assaz hom' ordinhado / e moi gram capa de coro trager; / e os que lhe mal buscam por foder, / nom lhe vam jajuar o seu pecado.

A vedeta dizente foi inserida sem abonação porque ocorre apenas com mal, remetendo para a ficha de mal onde mal dizente se encontra com a respetiva abonação. Assim, mal dizente não tem entrada autónoma, ao contrário do que aconteceria se a forma gráfica deste composto fosse igual à atual “maldizente”.

Algo semelhante acontece com o composto bem feitoria, que é indicado na entrada de feitoria, mas é descrito na ficha de bem, como se ilustra a seguir:

feitoria s. *f.* (De *feitor* + *-ia*). Ação, realização ◊ bem+ feitoria. (Var. feitoria, feitorfã, feitoryas, feitura, feytoria, feytorya).

bem¹ adj. (Do lat. bene). Bom, desejável [1265 CA04] E nos uymos que era bẽ & dereyto de lha darmos & demoslha que a tẽgna en testemoyo [1504 Cat] E, pera esto e outras cousas, deve saber as constituyções dos prelados, e seria beẽ que soubesse as ordenações do Regno. ◊ bem feitoria, benfeitoria [séc. 15 CDJI?] Afonso Louremço hera homem descudeiros e homẽis de pee, e graõ liamça cõ os maes da vila per amizade e bem feitoria

Este composto, no entanto, encontra-se também na forma gráfica atual “benfeitoria”, o que lhe permitiu ser inserido com vedeta própria e independente, como se pode ver abaixo:

benfeitoria s. f. (De benfeitor + -ia). Benfeitoria 1. Trabalho de recuperação, ou beneficiação [1279 DN013] E nos dõ Abbade e Prior e Conuẽto de Pedrosso por esta benfeitorya que Gonçalo gonçaluiz e sa molher Maria soariz fazẽ ao Moesteiro de Pedrosso. Damos a elles porẽ ese noso casal en que ora morã e duas dereyturas de pã. [1499 DN174] que elle os quaes aJam a dita çasa com todas suas perteencas Entradas saydas assy como ao dito mosteiro pertece e mjlor se o auer poderem E ffacam e Refacã em ella e em todas suas perteencas quanta benfeitorfã fazer poderem de gujsa que melhore e nom peyore 2. Dádiva [1350? PP] Ca bẽ assi como do coraçõ do homẽ rreçebẽ todolos outros nenbros vida, assi da Santa Eygreia rreçebem benfeitorias e mantijmẽto todos os que a seruirem. [1504 Cat] pagar as divedas legaes, que sõ per cõtracto, e moraes, que som per beẽfectoria reçebida, levã a diãteira, e as ygrejas e moesteiros sõ os derradeiros, e cõ todo esto ainda nõ podemos dar regra geral em a ordẽ de esmolar. ◊ livro+ da virtuosa benfeitoria (Var. beẽfectoria, bẽfeitoria, bẽfejtoria, bẽfeytoria, bẽfeytorya, bẽfeyuryas, bẽfeitoria, bẽfeytorías, bẽfeytura, bẽfeytura, bemfectoria, bemfeitoria, bemfeitorfã, bemfeitorã, bemfeittorya, bemfeitura, bemfeiturías, bemfeytoria, bemffeitoría, bemfeitorias, bemfeittorya, bemffeyturija, bemffeyturifã, benfectoria, benfeitoria, benfeitorya, benfeitura, benfeiturjas, benfeytoria, benfeytorijãs, benfeytorya, benffectoria, benfffeitoria, benfffeytorias, benffeytorías, beyfeitura).

Uma consequência pouco satisfatória do tratamento distinto destes compostos com formas gráficas diferentes é o facto de se encontrarem no DLPM alfabeticamente distantes um do outro e não se encontrarem associados por Cf.

2.2. Origem ou formação de palavras

Foi decidido que se indicaria apenas a origem mais próxima das palavras. Por exemplo, quando o étimo é grego, mas veio para o Português através do latim, indica-se apenas a forma latina:

calamo s. *m.* (Do lat. *calāmu-*).

adega s. *f.* (Do lat. tard. *apotheca*).

Relativamente à formação de palavras no Português, vimo-nos confrontados com algumas situações complicadas que nos levaram a tomar decisões que não estão de acordo com a morfologia derivacional. Assim, embora sabendo que:

o adjetivo deriva do Particípio Passado do verbo e o substantivo com a mesma forma deriva, por conversão, do adjetivo, decidiu-se que também o substantivo seria apresentado como derivando do Particípio Passado do verbo. Por exemplo:

descreudo¹ adj. (De part. pass. de descrer). Descrente [séc. 13 CSM192] e apercebudo / de guardar mui ben / o mouro barvudo, / falso' e descreudo; / e come sisudo / o mandou meter / en logar sabudo / d'aljub' ascondudo, / e dentr' estendido / o fezo jazer. [séc. 15 ZPM] mas eu llevarey outro modo esta gemte descreuda, que com tamta soberba estam agora groriãdo-se nas mortes de meus naturais. (Var. descreudo, descida).

descreudo² s. m. (De descreudo). □ (Do part. pass. de descrer). Descrente [séc. 13 CSM237] Mais mãefest' aja por Deus, se ben fazer queredes, / a que possa dizer meu mal; e depois saberedes / da Virgen o gran poder seu, e ja o ben veedes / que non lle praz de me perder com' algun descreudo. [séc. 15 ZPM] - Agora - dezia elle per suas arabicas pallavras - esforçae, senhores & amigos, caa tempo he jaa de tomardes vimgamça destes descreudos. (Var. descreudos, descreúdos).

desonrado¹ adj. (Do part. pas. de desonrar). Desonrado 1. Aviltante [séc. 13 CSM149] Mas pero o revolves e tanges con tas mãos, / creendo que pan éste, este polos crischãos / recebeu na cruz morte que judeus e pagãos / lle deron desonrrada que dar a nos folgura. [1437/1438 LC] Outros leixa levantar por receberem maa e desonrrada fym, por tal que nom se ponha em semelhantes cousas nossa principal bem-aventurança ◊ Ter por desonrado, considerar-se desonrado [séc. 13 CEM060] Fernam Gil ham aqui ameaçado / d'um seu rapaz e doestado mal; / e Fernam Gil tem-se por desonrado, / ca o rapaz é mui seu natural: / é filho d'um vilão de seu padre / e demais foi criado de sa madre. [1489 TC] Outrosy peca contra este precepto todo aquel que se tem por dessorrado de lhe fazer reuerença. (Var.

deshomrrado, deshonrado, deshonrrado, deshõrrado, desomrrada, desonrado, desonrrada, dessorrado).

desonrado² s. m. (De desonrado). □ (Do part. pas. de desonrar). Desonrado, infamado [1453? LTV] Aquelle que bem morre he saluo / E o desomrrado sempre o he morto & víuo /. emquanto delle for memoria.

o substantivo deriva do verbo a cujo radical se junta o sufixo *-dor*, o adjetivo com a mesma forma deriva, por conversão, do substantivo. Também neste caso se decidiu apresentar idêntica formação para o adjetivo e o substantivo. Por exemplo:

desonrador¹ adj. (De desonrador). □ (De desonra(r) + -dor). Desonrador, ofensor [séc. 15 OE] Qual jmigo foy tan desonrrador e ějuriador contra algũu como som as deleytaçõões contra aquelles que amergem sy meesmos ěnas dileitaçõões, que asy as ham ě custume, que nõ podem carecer dellas?

desonrador² s. m. (De desonra(r) + -dor). Desonrador, ofensor [1350? PP] E sse ffor bispo ou prelado mayor deue seer deitado daquela terra hu aquel mal fez cõ muy gram dereyto e que rreçeba desonrra o desonrrador da ley e que o deytẽ desõrradamẽte daquel logar hu a desonrrou.

A decisão de considerar que tanto o adjetivo como o substantivo deviam apresentar a mesma formação resultou da constatação de que em alguns casos só estava atestada a forma do substantivo derivado do adjetivo e noutros casos só ocorria a forma do adjetivo derivado do substantivo. Nos casos exemplificados acima não se levantaria esse problema porque a mesma forma ocorre com as duas funções, no entanto, o critério teve de ser aplicado a todos os casos.

3. Caráter inovador do DLPM

Este trabalho foi concebido para constituir um instrumento lexicográfico inovador, que se destina a dar a conhecer a totalidade das palavras comuns e as suas variantes presentes num corpus de textos galegos e portugueses, de diferentes temáticas e géneros, pertencentes ao período mais antigo da língua portuguesa - desde o séc. XII ao séc. XVI.

Este corpus constitui um importante património linguístico e cultural que os recursos tecnológicos recentes permitiram explorar de um modo mais eficiente do que aquele que estava ao alcance, até agora, da lexicografia portuguesa.

O carácter inovador deste Dicionário prende-se com a exaustividade da exploração de um corpus textual fechado e única fonte das palavras nele incluídas. Embora tenham sido consultados vários dicionários, no *DLPM* não foram introduzidas palavras não atestadas no conjunto de textos que constituem o corpus.

No entanto, consideramos que o *DLPM* constitui um autêntico retrato, embora parcial, do léxico do português medieval e será, certamente, uma base segura para futuros alargamentos. Novos conjuntos de textos medievais galegos e portugueses permitirão extrair palavras que não se encontram atestadas no corpus fonte deste *DLPM*. Assim como acontece com a base de dados do *Dicionário de Verbos do Português Medieval*, que se encontra disponível na 'Internet', a constituição de uma base de dados para o *DLPM* virá facilitar o seu desenvolvimento.

4. REFERÊNCIAS DAS FONTES TEXTUAIS DOS EXEMPLOS DO DLPM

Século XIII

CA - 34 Documentos Portugueses da Chancelaria de D. Afonso III (1255-1279). In Duarte, Luiz Fagundes (1986) Os Documentos em Português da Chancelaria de D. Afonso III (Edição), Dissertação de Mestrado, FLUL, pp. 68-295. Edição digitalizada para o CIPM.

DN - 73 Textos Notariais (sem data ou datados entre 1214 e 1300). In Martins, Ana Maria (ed.) (2000) Documentos Notariais dos Séculos XII a XVI. Edição digitalizada, cedida pela editora.

HGP - 61 Textos Notariais da Galiza e do Noroeste de Portugal (1262-1300). In Maia, Clarinda de Azevedo (1986) História do Galego-Português, Coimbra, INIC, pp. 19-295. Edição digitalizada para o CIPM.

FG - 6 Foros de Garvão (1267-1280). In Garvão, Maria Helena (ed.) (1992) Foros de Garvão. Edição e Estudo Linguístico. Dissertação de Mestrado, Lisboa, FLUL, pp. 65-99. Edição digitalizada, cedida pela editora.

FR - Foro Real (1280?). In Ferreira, José de Azevedo (ed.) (1987) Afonso X, Foro Real, Lisboa, I.N.I.C., pp. 125-309.

TP - Tempos dos Preitos (1280?)

in Ferreira, José de Azevedo (ed.) In Roudil, Jean (1986) Summa de los Neuve Tiempos de los Pleitos. Édition et étude d'une variation sur un thème, Paris, Klincksieck, pp. 151-169.

CSM - 419 Cantigas de Santa Maria (datadas entre 1270 e 1282). In Mettman, Walter (ed.) (1981), Afonso X, o Sábio (s. XIII) Cantigas de Santa Maria, Vigo, Ediciones Xerais de Galicia, SA. Edição digitalizada cedida por Xavier Varela, Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega.

CEM - 403 Cantigas de Escárnio e Maldizer (sem data). In Lopes, Graça Videira (2002) Cantigas de Escárnio e Maldizer dos Trovadores e Jograis Galego-Portugueses. Edição digitalizada, cedida pela editora.

Atas colóquio da lusofonia –

Século XIV

- PP - Afonso X. *Primeyra Partida* (ca. 1350). In Ferreira, José Azevedo (1980) *Alphonse X, Primeyra Partida*, Braga, INIC, pp. 3-580. Edição digitalizada para o CIPM, financiada pelo editor.
- CDA - Chancelarias Portuguesas de D. Afonso IV, vols. 1, 2 e 3 (30 Textos seleccionados). In Dias, João J. Alves (ed.) (1990-1992) *Chancelarias Portuguesas de D. Afonso IV*, Lisboa, I.N.I.C. Edição digitalizada, cedida pelo editor.
- LM - Livro de Montaria de João I
In Calado, Adelino de Almeida, Vigo, ed. (no prelo). Edição digitalizada, cedida pelo editor, através de Telmo Verdelho.
- CI - Corte Imperial (anónima dos fins do séc. XIV)
in Calado, Adelino de Almeida (ed.) (2000) *Corte enperial*, Universidade de Aveiro. Edição digitalizada, cedida pelo editor, através de Telmo Verdelho.

Século XV

- DN - 46 Textos Notariais (sem data ou dados entre 1402 e 1499). In Martins, Ana Maria (ed.) (2000) *Documentos Notariais dos Séculos XII a XVI*. Edição digitalizada, cedida pela editora.
- LC - Leal Conselheiro (1437-38). In Piel, Joseph (ed.) (1942) *Leal Conselheiro*, Lisboa, Livraria Bertrand. Edição digitalizada para o CIPM, revista por João Dionísio e Sandra Alvarez.
- LEBC - Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela (sem data). In Piel, Joseph (ed. crit.) (1944) *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela*. Lisboa, Bertrand. Edição digitalizada para o CIPM, revista por João Dionísio.
- LTV - Livro das Tres Vertudes (1453?). Crispim, Maria de Lourdes (ed.) versão paradiplomática digitalizada, cedida pela editora.
- OE - Orto do Esposo (sem data). In Maler, Bertil (ed.) (1956), *Orto do Esposo*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional do Livro. Edição digitalizada para o CIPM.
- ZPM - Crónica do Conde D. Pedro de Meneses (sem data). In Brocardo, Maria Teresa (ed.) (1994) *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, Dissertação de Doutoramento, Lisboa, F.C.S.H., pp. 333-693. Edição digitalizada, cedida pela editora.
- CDJ11 - Crónica de D. João I, parte 1. In Lopes, Fernão (1945) *Crónica de D. João I*, Porto, Livraria Civilização Editora.
- CDJ12 - Crónica de D. João I, parte 2. In Lopes, Fernão (1949) *Crónica de D. João I*, Porto, Livraria Civilização Editora.
- CDPI - Crónica de D. Pedro I. In Peres, Damião (ed.) (1965) *Lopes, Fernão, Crónica de D. Pedro I*, Porto, Livraria Civilização. Edição digitalizada e revista por José Barbosa Machado, cedida pelo revisor.
- TC - Tratado da Confissom (1489). In Machado, José Barbosa (ed.) (2003) *Tratado de Confissom*, vol. I (Chaves, 1489), Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Edição digitalizada, cedida pelo editor.
- S - Sacramental, de Cremenete Sanchez de Vercial (1488). In Machado, José Barbosa (ed.) (2005) *Clemente Sánchez de Vercial. Sacramental*, Minho, Pena Perfeita. Edição digitalizada, cedida pelo editor.
- LHB - Livro das Histórias da Biblia (sem data). In Castro, J. Mendes de (ed.) (1998), *Bíblia de Lamego*, vol. I e vol. II, Edição digitalizada, cedida por José Barbosa Machado.

Século XVI

- Cat - Catecismo (1504)
in Silva, Elsa Branco da (ed.) (2001) *O catecismo pequeno de Dom Diogo Ortiz, Bispo de Viseu*, Lisboa, Colibri. Edição digitalizada, cedida pela editora.

**É SÓCIA DA AICL
TOMOU PARTE NO 11º COLÓQUIO NA LAGOA EM 2009, 25º MONTALEGRE 2016, 27º BELMONTE 2017, 29º BELMONTE 2018**

29. MARIA FRANCISCA XAVIER, PROFESSORA ASSOCIADA DE LINGÜÍSTICA COM AGREGAÇÃO, APOSENTADA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA.



LAGOA 2009

BELMONTE 2017

MONTALEGRE 2016

MARIA FRANCISCA XAVIER

– Professora Associada de Linguística com agregação, aposentada da Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Continua investigadora do Centro de Linguística da mesma Universidade.

Mestre em Estudos Anglo Americanos com uma dissertação sobre *Aux e Caso Abstrato em Inglês – Um Estudo Diacrónico*;

Doutora em Linguística Comparada de Português e Inglês com uma tese sobre *Argumentos Preposicionados em Construções Verbais – Um Estudo Comparado das Preposições A, DE, TO e FROM*.

Tem desenvolvido investigação em dois domínios complementares:

- Estudos sincrónicos, diacrónicos e de aquisição do Português como língua segunda nos domínios do léxico e da morfossintaxe;
- Criação e desenvolvimento de *corpora* digitalizados e de dicionários do Português Medieval - <http://cipm.fchsh.unl.pt> - e de Português como Segunda Língua.

**É SÓCIA DA AICL
- TOMOU PARTE NO 11º COLÓQUIO NA LAGOA EM 2009, 25º MONTALEGRE 2016, 27º BELMONTE 2017, 29º BELMONTE 2018**

Tema 2.3. Dificuldades na Elaboração do Dicionário da Língua Portuguesa Medieval”, trabalho com Malaca Casteleiro e Mª de Lourdes Crispim. [VER TEXTO AQUI](#)

30. MARIA JOÃO RUIVO, ESC SEC ANTERO DE QUINTAL, S MIGUEL, AÇORES.

Maria João Machado Ruivo Amaral Sousa Franco

Nasceu em Ponta Delgada, São Miguel - Açores, em 1965.

Completo os estudos secundários no Liceu Antero de Quintal, onde leciona há vinte e oito anos, tendo-se licenciado, em 1989, em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Inglês – via ensino).

Tem algumas publicações dispersas em jornais da região, entre a crónica, o conto e a escrita memorialística.

Sócia do Instituto Cultural de Ponta Delgada, tem também publicados, na *Insulana*, revista desse Instituto, excertos do seu Diário, que ora trouxe à estampa.

Em 2011, publicou o Livro de Homenagem a seu Pai – *Fernando Aires - Era uma Vez o seu Tempo* – projeto que resultou da sua coordenação conjunta com Onésimo Almeida e Leonor Simas Almeida.

Dois anos depois, publicou, juntamente com o fotógrafo José Franco, o livro *Sentir(es) a Preto e Branco*, uma simbiose de texto com fotografia. No âmbito da atividade da Associação de Antigos Alunos do Liceu Antero de Quintal, de que é vice-presidente, coordenou, em conjunto com dois outros membros da Direção, a publicação do Livro *Memórias do Nosso Liceu*, que foi apresentado na Casa dos Açores em Lisboa.

Coordenou, ainda, a Reedição da obra diarística integral, da autoria de Fernando Aires, *Era uma Vez o Tempo*, que veio a lume em dezembro de 2015, com a chancela da editora Opera Omnia.

EM 2017 publicou “Um punhado de areias nas mãos”

TEMA 3.1. APRESENTA A 2ª EDIÇÃO DE UM PUNHADO DE AREIAS NAS MÃOS



BELMONTE 2017

LOMBA 2016

BELMONTE 2017

Perguntam-me muitas vezes por que razão levei tanto tempo a decidir-me pela publicação deste livro. Poderia enumerar várias razões, mas basta, por agora, dizer que publicar é sempre uma grande responsabilidade perante os outros e, sobretudo, perante nós mesmos. A escrita não é pacífica. É marca nossa que fica e isso traz-me uma certa angústia, o receio de que daqui a uns anos olhe para trás e pense que se calhar devia ter mantido este livro na caixinha onde o guardei durante tanto tempo.

Ele nasceu há cerca de 20 anos, muito de mansinho, com uns rascunhos que eu escrevinhava quando tinha algum tempo livre. Na altura não imaginava que poderia vir a constituir um volume tornado público.

Sou filha de um diarista. Desde cedo me lembro de partilhar com meu Pai as dúvidas e as alegrias da escrita. Primeiro, ouvindo-o, depois lendo-o e, mais tarde, ajudando-o na revisão do que escrevia.

Curiosamente, isso fez com que eu, durante algum tempo, fugisse um pouco à escrita intimista, mas “volta e meia vinha aqui cair, como quem regressa às origens”.

Numa entrada de 2005, digo o seguinte: “Sinto que ter um Diário entre mãos é uma espécie de compromisso com a nossa própria existência. E gostava de assumi-lo. A escrita de um Diário é um fascínio.

Verbalizar a vida é uma forma de nos conhecermos, porque exige que nos analisemos, porque nos obriga à reflexão, e é um desafio olharmos para nós próprios. E, à medida que avançamos, conseguimos interpretar alguns mistérios de que somos feitos.”

No entanto, acho “que a escrita diarística, por inúmeras razões, é arriscada. Obriga-nos a entrar em nós e a sair logo depois. É assim que a sinto. Começa por ser uma escrita de mim para mim, e nela vem impressa toda uma herança espiritual. Mas não se fecha nisso, necessariamente. É também uma escrita para quem quer que a leia. E a quantas leituras diferentes estamos sujeitos?”

Tratando-se de um Diário, tudo se torna mais delicado, porque não temos o escudo da ficção a proteger-nos. Mas como poremos a nu o que somos?”

Esta é, para mim, uma das muitas questões interessantes num Diário. Tratando-se de uma escrita, em muitos momentos, intimista, tem de se definir uma fronteira razoavelmente clara entre o **intimismo** e a **intimidade**, porque nem tudo se põe a nu, em praça pública, e é como o João de Melo disse, na apresentação que fez do livro em Ponta Delgada, tratando-se de um Diário feminino, a contenção é, provavelmente, maior.

Assim, este Livrinho foi surgindo timidamente, dando pequenos passos. Quem o ler notará de imediato que há, aqui, uma estrutura descontínua. Dividi-o em duas partes por essa razão. A primeira, cheia de intermitências, é constituída por cerca de 40 páginas, que vão de 1996 a 2009 e a Parte II – de 2010 a 2016 – vai ganhando uma maior continuidade. Cheguei a ponderar excluir a primeira, mas achei que haveria nisso uma certa infidelidade a este percurso que foi o meu. Afinal esta descontinuidade também será passível de uma determinada leitura e cada leitor fará a sua.

Nesta minha estreia em volume, julgo que encontrei, no fundo, uma forma de sair da minha concha, e faço desta publicação uma espécie de tributo a coisas que valorizo muito, sobretudo aos afetos, meu território de eleição. Um Diário é um percurso que se faz de dentro para fora ou vice-versa, à medida de quem o escreve e conforme as intenções vão ditando. Este volume é um conjunto de reflexões e de sentires que buscam uma forma que os expresse. Outro que surja, numa outra esquina do tempo, poderá ser diferente deste, nos temas, nos interesses, nas intenções que se vão gerando.

Para concluir, reafirmo que esta estreia foi, em parte, a busca de uma linguagem. A escrita tem tanto de árduo e difícil como de compensador e surpreendente. Tal como a vida, é uma busca constante. Gosto de fazê-la, dando pequenos passos, tentando que não me fuja, como um punhado de areia nas mãos.

Maria João Ruivo



É SÓCIA DA AICL

TOMOU PARTE EM 2012 NO 17º COLÓQUIO NA LAGOA, NO 26º NA LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017

31. NORBERTO ÁVILA, DRAMATURGO AÇORIANO, TERCEIRA.

NORBERTO ÁVILA nasceu em Angra do Heroísmo, Açores, a 9 de setembro de 1936. De 1963 a 1965 frequentou, em Paris, a *Universidade do Teatro das Nações*.

Criou e dirigiu a Revista *Teatro em Movimento* (Lisboa, 1973-75). Chefiou, durante 4 anos, a Divisão de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura; abandonou o cargo em 1978, a fim de dedicar-se mais intensamente ao seu trabalho de dramaturgo. Traduziu obras de Jan Kott, Shakespeare, Tennessee Williams, Arthur Miller, Audiberti, Husson, Schiller, Kinoshita, Valle-Inclán, Fassbinder, Blanco-Amor, Zorrilla e Liliane Wouters. Dirigiu para a RTP (1º Canal), a partir de novembro de 1981, a série de programas quinzenais dedicados à atividade teatral portuguesa, com o título de *Fila 1*. As obras dramáticas de Norberto Ávila, maioritariamente reunidas na Coletânea *Algum Teatro* (20 peças em 4 volumes, Imprensa Nacional - Casa da Moeda) têm sido representadas em diversos países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul, Eslovénia, Espanha, França, Holanda, Itália, Portugal, República Checa, Roménia, Sérvia e Suíça.

www.norberto-avila.eu / www.pt.wikipedia.org/wiki/Norberto_Ávila - oficinadesrita@gmail.com



GRACIOSA 2015

MAIA 2013



BELMONTE 2018



Bibliografia

- 1960, O Homem que Caminhava sobre as Ondas. Peça em 3 atos que marca estreia absoluta do dramaturgo Sociedade Dramática Eborense, Évora. ed. autor, Lisboa.
- 1962 O Labirinto, inédito
- 1962, O Servidor da Humanidade. Peça em 1 ato. Prémio Manuscritos de Teatro, 1962. Estreia do autor por uma companhia profissional: Teatro Popular de Lisboa, Estufa Fria, Lisboa, Ed. Panorama,
- 1965, A Pulga, inédito
- 1965, A Ilha do Rei Sono. Estreada em Paris em 1965; representada também em vários teatros portugueses e alemães,
- 1965 Magnífico I, inédito
- 1966, As Histórias de Hakim (1966). 4 edições em Portugal e 4 na Alemanha. Obra representada em muitas dezenas de teatros de Portugal, Alemanha, Áustria, Brasil, Checoslováquia, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Espanha, Holanda, Roménia, Sérvia e Suíça
- 1966, A Descida aos Infernos. Farsa dramática em dois atos. Peça estreada pela RTP
- 1968, As Histórias de Hakim. Peça em 3 atos. 4 edições em Portugal e 4 na Alemanha. Obra representada em muitas dezenas de teatros de Portugal, Alemanha, Áustria, Brasil, Checoslováquia, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Espanha, Holanda, Roménia, Sérvia e Suíça.
- 1972, A ilha do rei Sono, Lisboa, Plátano Ed
- 1972, A Paixão Segundo João Mateus. 2º Prémio dos "30 Anos do Teatro Experimental do Porto".
- 1975, As Cadeiras Celestes. Farsa popular em dois atos. 1º Prémio dos "50 Anos da Sociedade Portuguesa de Autores" Repertório da SPA.
- 1976, As Cadeiras Celestes. Farsa popular em dois atos. 1º Prémio dos "50 Anos da Sociedade Portuguesa de Autores" Repertório da SPA. Lisboa, Ed. Prelo Editora
- 1977, O Rosto Levantado. 1ª ed., em *Algum Teatro*, Câmara Municipal de Lisboa, 2009.
- 1977, in Antologia de poesia açoriana, do séc. XVII a 1975, coord de Pedro da Silveira, ed. Sá da Costa.
- 1977, O Rosto Levantado (1977 e 1978). 1ª ed. em *ALGUM TEATRO*, IN-CM, Lisboa, 2009.
- 1977, A ilha do rei Sono, 2ª ed., com edição em alemão, Lisboa, Plátano ed.
- 1978, A Paixão Segundo João Mateus. 2º Prémio dos "30 Anos do Teatro Experimental do Porto".
- 1979, O Pavilhão dos Sonhos, inédito
- 1980, Viagem a Damasco, ed. SREC, Angra do Heroísmo,
- 1988 Os Deserdados da Pátria, 1ª versão, inédito
- 1982, Do Desencanto à Revolta.
- 1983, Florânia ou A Perfeita Felicidade. Escrita a convite do Teatro Experimental do Porto, que nesse mesmo ano a representou. "Prémio à Publicação", da Associação Portuguesa de Escritores.
- 1983, A Paixão Segundo João Mateus, Angra, ed. SREC
- 1985, D. João no Jardim das Delícias (1985).
- 1986, Magalona, Princesa de Nápoles
- 1986, Hakims Geschichten: Kinderstück von Norberto Avila; Kindertheater, Spielzeit 85/86, WLB, 1986 -
- 1987, D. João no Jardim das Delícias. Ed. Rolim, Lisboa,
- 1988, Viagem a Damasco. Ed. SREC, Angra do Heroísmo, 1988.
- 1988, D. João no Jardim das Delícias, peça estreada pelo Teatro Experimental de Cascais
- 1988 Os Deserdados da Pátria Ver Do Desencanto à Revolta
- 1988, O Marido Ausente. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre,
- 1989, O Marido Ausente. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou. 1989, As Viagens de Henrique Lusitano (1989).
- 1990, Viagem a Damasco, estreada pelo Grupo de Teatro Alpendre, Angra do Heroísmo.
- 1990, As Viagens de Henrique Lusitano. Edição SPA, Lisboa,
- 1990, A Donzela das Cinzas (1990).
- 1990, Magalona, Princesa de Nápoles. Angra, SREC
- 1990, Uma Nuvem sobre a Cama (1990). Escrita a convite do Teatro de Portalegre
- 1990, Florânia ou A Perfeita Felicidade. Escrita a convite do Teatro Experimental do Porto, Ed. Signo, Ponta Delgada,
- 1990, A Donzela das Cinzas. Ed. SREC, Angra do Heroísmo,
- 1990, Magalona, Princesa de Nápoles. Ed. SREC, Angra do Heroísmo.
- 1991, As Viagens de Henrique Lusitano: narrativa dramática em 2 partes (versão para marionetas), Sociedade Portuguesa de Autores, 1991 - 91 páginas
- 1991, Uma Nuvem sobre a Cama. Escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou em 1991.
- 1991-1993, O Marido Ausente. Traduzida em Polaco, Francês e Italiano. Escolhida para representar a dramaturgia portuguesa nas jornadas "Teatro Europeu Hoje", em 6 países.
- 1992, A Donzela das Cinzas (1990). Ed. SREC, Angra do Heroísmo, 1992
- 1992, Arlequim nas Ruínas de Lisboa. Escrita a convite do Inatel. Teatro da Trindade, ed. Escola Superior de Teatro e Cinema, Lisboa,
- 1992, As Fajãs de São Jorge, Álbum. Fotografia e texto. ed. Câmara Municipal, da Calheta, São Jorge, Açores,
- 1993, No Mais Profundo das Águas, romance.

Atas colóquio da lusofonia –

1993, Os Doze Mandamentos (1993). Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre
1994, Os Doze Mandamentos. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a representou em 1994. Ed. SREC, Angra do Heroísmo,
1995, Fortunato e TV Glória.
1996, A Paixão Segundo João Mateus. 2º Prémio dos “30 Anos do Teatro Experimental do Porto”. Estreada pelo Teatro “A Oficina”, Guimarães.
1996, O Café Centauro. Tríptico provinciano: Cavalheiro de Nobres Sentimentos – As Invenções do Demónio,
1997, O marido ausente, Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou em 1989. Traduzida em Polaco, Francês e Italiano. Escolhida para representar a dramaturgia portuguesa nas jornadas “Teatro Europeu Hoje”, em 6 países (1991 a 1993), Lisboa, ed. Colibri
1997, Uma nuvem sobre a cama, comédia erótica em duas partes, Lisboa, ed. Colibri
1997, O Bobo. Versão dramática do romance de Alexandre Herculano, estreada pelo Grupo de Teatro “A Oficina”, Guimarães
1998, Os Deserdados da Pátria (1988). (Ver Do Desencanto à Revolta 2003.)
1998, Fortunato e TV Glória. Peça estreada pelo Teatro Animação de Setúbal,
1998, No Mais Profundo Das Águas, romance, Lisboa, Ed. Salamandra
1999, Percurso de Poeta, poesia. Prémio Natália Correia, 1999. ed. autor, Lisboa,
1999, A Donzela das Cinzas. Estreada pelo Teatro Passagem de Nível, Alfarelos,
2000, Salomé ou A Cabeça do Profeta. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou. ed. Novo Imbondeiro, Lisboa
2002, O café centauro: tríptico provinciano, Novo Imbondeiro Editores, 2002 - 86 páginas
2002, As Suaves Luvas de Londres. Ed. Novo Imbondeiro, Lisboa
2002, O Café Centauro. Tríptico provinciano: Cavalheiro de Nobres Sentimentos – As Invenções do Demónio, As Suaves Luvas de Londres, ed. Novo Imbondeiro, Lisboa
2003, Do Desencanto à Revolta, conjuntamente com a peça Os Deserdados da Pátria, com a qual forma um díptico Ed. Novo Imbondeiro, Lisboa,
2003, Frente à Cortina de Enganos, romance, inédito
2004, Arlequim nas ruínas de Lisboa, Novo Imbondeiro, Lisboa.
2006, A Paixão Segundo João Mateus Romance Quase de Cordel, ed. Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo,
2007, Para Além do Caso Maddie. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre,
2007, Para Além do Caso Maddie. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, estreou em 2008.
2008, Memórias de Petrólio Malabar. Peça expressamente escrita para a revista Prelo, que a publicou no seu nº 8 maio - agosto de 2008.
2009, Da espiga ao espírito, Angra, in Atlântida, vol. LIV, IAC (Instituto Açoriano de Cultura)
2009, O Rosto Levantado. 1ª ed., em Algum Teatro, Câmara Municipal de Lisboa,
2009, O Rosto Levantado, Teatro CENDREV, Évora
2009, Algum Teatro, 1966-2007. Vinte peças em 4 volumes, com um longo prefácio: Apresenta-se o Autor com as Suas Peças. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.
2011, A Paixão Segundo João Mateus Romance Quase de Cordel, Angra, Instituto Açoriano de Cultura,
2011, O Bobo. Versão dramática do romance de Alexandre Herculano, Edição da Sociedade Portuguesa de Autores / Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011
2013, Coletânea de Textos Dramáticos de Helena Chrystello e Lucília Roxo, AICL-Colóquios da Lusofonia ed. Calendário de Letras V. N. de Gaia
2013, Dois irmãos gémeos de Santa Comba e outras histórias, in Atas do 20º colóquio da lusofonia, Seia, Portugal
2014, Algum teatro na internet, in Atas do 22º colóquio da lusofonia, Seia, Portugal

POEMA “DECLARAÇÃO” [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=G8-FIFRk2SS&INDEX=148&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIPEZIF1C_4TVTKER](https://www.youtube.com/watch?v=G8-FIFRk2SS&index=148&list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIPEZIF1C_4TVTKER)
VER CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS EM [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ACORIANIDADE/CADERNOS-ACORIANOS-SUPLEMENTOS.HTML](https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html)
VER VÍDEO HOMENAGEM 2016 AICL EM MONTALEGRE [HTTPS://YOUTU.BE/EXKCPMPJBjw?LIST=PLWJUJRYOUWQJXUTZ2LIEEEKFWFBMEF_JY](https://youtu.be/EXKCPMPJBjw?list=PLWJUJRYOUWQJXUTZ2LIEEEKFWFBMEF_JY)
VER VÍDEO HOMENAGEM AICL 2016 ENA MAIA [HTTPS://YOUTU.BE/q_mGR1DPUAI?LIST=PLWJUJRYOUWQJXUTZ2LIEEEKFWFBMEF_JY](https://youtu.be/q_mGR1DPUAI?list=PLWJUJRYOUWQJXUTZ2LIEEEKFWFBMEF_JY)
VER VÍDEO HOMENAGEM 2015 GRACIOSA [HTTPS://YOUTU.BE/rnmqrbcg4ro](https://youtu.be/rnmqrbcg4ro)
É SÓCIO AICL. FOI O AUTOR HOMENAGEADO EM 2016 E NO 4º PRÉMIO AICL AÇORIANIDADE.
JÁ TOMOU PARTE NO 19º COLÓQUIO MAIA (AÇORES) 2013, 20º SEIA 2013, 21º NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES) 2014, 22º EM SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015, 24º GRACIOSA (AÇORES) 2015, 25º EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA (AÇORES), 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO, 29º BELMONTE 2018

32. PEDRO PAULO CÂMARA, ESCOLA PROF. APRODAZ, ESCRITOR, AÇORES,

PEDRO PAULO CÂMARA, É licenciado em Português-Inglês, pela Universidade dos Açores, tem pós-graduação em Estudos Interculturais - Dinâmicas Insulares, é professor desde 2003, sendo, na atualidade, coordenador do Centro de Ocupação - Circum-Escolar “Farol dos Sonhos” e formador, em diversas escolas privadas, das disciplinas de Português; Linguagem e Comunicação; Fundamentos de Cultura, Língua e Comunicação e Cultura, Comunicação e Media.



BELMONTE 2017



BELMONTE 2018



MONTALEGRE 2016

Atas colóquio da lusofonia –

É autor da obra *Perfumes* (Poesia, 2011); de *Saliências* (Poesia, 2013), e do romance histórico *Cinzas de Sabrina* (2014), sendo a sua mais recente colaboração em coletâneas *O Lado de Dentro do Lado de Dentro*, projeto que visa a promoção da leitura em ambiente prisional.

Durante o período da sua existência, foi colaborador e representante regional da revista poética *A Chama – Folhas Poéticas*.

Em 2011, foi galardoado com a menção honrosa no Concurso Aveiro Jovens Criador, na área de Literatura, com o conto “Madrugadas”, pela Câmara Municipal de Aveiro.

Em 2013, foi o vencedor do concurso regional DiscoverAzores, promovido pela Mirateca artes, com o conto (Re)Descobrir Açores, sendo que, desde então, tem colaborado na organização de várias iniciativas no Azores Fringe Festival e participado de diversos eventos do mesmo.

É o coordenador dos saraus poéticos “Vozes de Lava”, que contam já com duas edições, em colaboração com o Coro Polifónico de Ginetes, do qual é, também, consultor artístico. Desde 2014, é colaborador do magazine local *O Poente*. É, atualmente, também, o mentor da iniciativa socioeducativa e artística *Cadernos de Atividades de Extensão e Dinamização Cultural*, projeto este que visa promover o espírito de comunidade e educar pela arte e que está em implementação na freguesia de Ginetes, ilha de São Miguel, e que, posteriormente, irá envolver as freguesias circundantes, num processo natural de evolução.



LOMBA DA MAIA 2016



Belmonte 2017



MONTALEGRE 2016



BELMONTE 2018

Tema 2.4. TEMA 2.4.: “Uma Abelha na Chuva: a casa dos Silvestre, uma colmeia estéril”: Pedro Paulo Câmara

SINOPSE

Embora a literatura dificilmente se possa dissociar da conjuntura temporal e histórica, é intenção deste trabalho de investigação, mais do que proceder a um enquadramento periodal da obra *Uma Abelha na Chuva*, aprofundar a representatividade de um determinado espaço físico: a casa onde residem Álvaro Silvestre e Maria dos Prazeres, protagonistas do romance de Carlos de Oliveira.

Detendo a consciência de que um espaço não se confina à sua realidade material, delimitado por barreiras ou fronteiras físicas, impostas ou naturais, procurar-se-á revelar as estratégias discursivas utilizadas pelo autor na caracterização, direta ou indireta, da residência do casal Silvestre. Deste modo, almejamos demonstrar e destacar a possibilidade de reprodução do real desenvolvida por Carlos de Oliveira, incidindo neste espaço em concreto, tendo em consideração o facto de *Uma Abelha na Chuva* ser um romance ilustrativo da corrente neorrealista portuguesa, e que faz uso, para o efeito, de linguagem alegórica e, simultaneamente, precisa. Ademais, procuraremos descortinar o carácter simbólico desta habitação, comprovando que a dita será a representação da situação económica em que se encontra o casal e de todo o percurso individual e familiar que levou os seus membros à situação de rutura, não só financeira, mas, essencialmente, emocional e social que vivenciam.

Assim, o contexto espacial do romance, no seu todo, e a casa que os Silvestre habitam, em particular, estarão ao serviço das motivações neorrealistas, simultaneamente provocatórias e éticas; o reflexo de um país abalado pela disparidade. A casa, o relacionamento que os personagens estabelecem com o espaço, e as relações que experienciam entre si, servirão de base para a denúncia das desigualdades sociais, alimentada pela percepção da indistigável luta de classes, que se converte, na obra, numa contenda pessoal. A habitação dos Silvestre é local de conflito, portanto; local de gestão de fel, por oposição ao mel potencialmente concebido pelas abelhas.

Um espaço não se reduz à sua dimensão meramente física. Um espaço é experienciado e assume dinâmica e simbolismo. A casa dos Silvestre acolhe o casal e é, não só o reflexo do percurso financeiro dos elementos que o compõem, mas também, e acima de tudo, o espelho do estado em que se encontra o relacionamento entre Álvaro e Maria dos Prazeres. É certo que a sua descrição é facultada pelo narrador ou pelos personagens, mas é o leitor quem procede à sua interpretação. É natural, pois, que a percepção do leitor seja influenciada pelas perspetivas destes.

Neste sentido, ao longo do trabalho em questão procuraremos evidenciar a possibilidade de representação do real desenvolvida por Carlos de Oliveira, incidindo neste espaço em concreto, tendo em consideração o facto de *Uma Abelha na Chuva* ser um romance ilustrativo da corrente neorrealista portuguesa. Aliás, aponta Ramiro Teixeira que, para este período, “se tivéssemos de escolher as obras mais significativas – entenda-se transformadoras e revolucionárias – escolheríamos «Uma Abelha na Chuva», de Carlos Oliveira,” a par de outras como «Sibila», de Agustina Bessa Luís, «O Homem Disfarçado», de Fernando Namora, «Seara de Vento» de Manuel da Fonseca, «A Cidade das Flores», de Augusto Abelaira e «Aparição», de Vergílio Ferreira” (Teixeira, 1981:99).

Mais, retenha-se a ideia que, tal como muitos dos seus pares, de Alves Redol a Soeiro Pereira Gomes, a sua posição estaria fortemente influenciada pelas “teorias de Plékhhanov («A Arte e a Vida Social»), as quais, em suma, se poderiam sintetizar no seguinte: «A Arte é um reflexo da vida social», já que “a Arte não deveria – não poderia – alhear-se da realidade social” (1981:57). A denúncia ativa e o tratamento analítico da desigualdade social seriam motor e sustentáculo da escrita neorrealista, evidência do que defenderia Redol na conferência proferida no Grémio Artístico Vilafranquense, em junho de 1936, na qual afirma que “[a] arte deve contribuir para o desenvolvimento da consciência e para melhorar a vida social” (1981:50), como aconteceria em *Gaibéus*, anos mais tarde. Sabemos, pois, todavia, que “[a] questão do realismo deve [...] ser tratada com lucidez e com plena consciência das ambiguidades, dos paradoxos e da dialética interna do termo”, isto porque “a obra realista está sempre ameaçada, mas é sempre enriquecida, pela pressão dos fantasmas, dos símbolos, dos mitos, das teses e simplesmente das formas” (Mitterand, 2000:59). Acrescente-se que, como declararia Redol, em 1961, “o neorrealismo, no desenvolvimento dialético da sua perspetiva, nunca será a expressão do real imediato, como o naturalismo e o populismo, mas expressão do essencial, tomando a realidade nas contradições mais vivas e típicas do drama português, ao mesmo tempo que se vincula às possibilidades reais de ultrapassá-lo e na dinâmica das próprias contradições” (1981:84).

Prestaremos, pois, especial atenção às estratégias desenvolvidas pelo autor no que se refere a essa representação, essencialmente no que diz respeito ao vocabulário utilizado na descrição do espaço, aos campos lexicais associados à casa dos Silvestre e aos eventos que lá ocorrem, bem como à interação dos personagens entre si e entre estes e o dito espaço, já que este se completa com as ações dos mesmos. Para a realização efetiva do ato comunicativo, o ser humano socorre-se, e depende, da utilização de símbolos que concorrem para a eficaz interpretação do enunciado, símbolos estes profundamente conetados com o contexto cultural. Nesta obra, “encontram[se] disseminados diversos elementos que, integrando-se num vasto processo de simbolização, constituem um reportório simbólico cujas linhas de força semântica vão desaguar nos vetores temáticos e ideológicos” do neorrealismo (1980:95). Se Carlos Reis incidiria a sua análise no que diz respeito à galeria de símbolos que compõem a obra, essencialmente, sobre “a abelha e a água e, derivadamente, o mel e a chuva” (1980:97) e, por associação, sobre “fonte e rio” (1980:99) e “mar e poço”, debruçar-nos-emos sobre um elemento em particular, que consideramos de vital importância pois, sendo o ser humano um ser social, interage com aquilo que o rodeia, ou seja, com o ambiente social, mas, também, com o ambiente físico, ou seja, neste caso: a habitação do par. Tal como o dr. Neto, que, na opinião de Carlos Reis, será “de todas as personagens aquela que mais abertamente empreende raciocínios de feição simbólica”, e que, por tal, assume um papel vital, pois “em termos de clarificação ideológica [...] cabe[-lhe] decifrar os símbolos mais proeminentes da obra”, poremos em prática uma leitura simbólica do texto.

Tentaremos verificar, ainda, a possível relação que o texto ficcional estabelece com a realidade. É exequível constatar que o autor favorece a apresentação de espaços físicos fidedignos, porque verídicos, nomeadamente a Gândara, que, caso surgisse com minúscula, mero nome comum, poderia dizer respeito a qualquer fração de terreno arenoso, mas que, neste caso em particular, e associado a outros espaços mencionados na obra como a vila de Corgos ou o Montouro, ou a freguesia de São Caetano, de onde afirma vir Álvaro, nos capítulos I e II, que enquadra a ação no concelho de Cantanhede, pertencente ao distrito de Coimbra, na região natural da Beira Litoral. Revela Ivo Carneiro Sousa que este é um “romance de perdição, densamente psicológico, tenso nos seus muito conseguidos diálogos, passeando como toda a sua obra pelas misérias da Gândara, em Montouro, freguesia de S. Caetano, concelho de Corgos” (Sousa, 2013: III). Neste sentido, afirma Mitterand que “o realismo, aplicado à narrativa, privilegia a temporalidade histórica, aquela que, como escreve Mikhail Bakhtine, «associa a intriga pessoal com a intriga política e financeira [...]», do que se conclui que “o tempo não é, aliás, separável do espaço” (2000:59).

A atenção que o autor dedica ao espaço é, portanto, evidente, daí que ganhem destaque, também, espaços físicos cruciais para o enredo, como a casa de Álvaro e Maria dos Prazeres, o seu quarto, a sua sala, o seu escritório, e ainda outros, como é o caso do “escritório do Medeiros, diretor da Comarca” (Oliveira, 2007:9) ou do palheiro, onde se encontram furtivamente Jacinto e Clara, o casal-antónimo. Assim, pelos espaços, e nos espaços, pelas atitudes e pelos procedimentos dos personagens, a ação principal e a ação secundária cruzam-se e completam-se. Importará, assim, também, diagnosticar a existência de fronteiras entre o real e o ficcional ou a inevitável aproximação entre um e outro. Mediante um processo de focalização interna, é o narrador onisciente quem conduz a narrativa, num romance em que o tempo da ação se reduz a, apenas, três dias. O narrador, que, pela sua natureza e ciência, escapa aos limites do tempo e do espaço, revela a intensidade desse tempo e desse espaço, em que as situações se precipitam, e expõe a intimidade e a interioridade dos personagens; sendo que, de forma subjetiva, procede, também, à análise do seu estado de espírito, das suas ações e do seu presente e passado. São raras as vezes em que a focalização é externa, como ocorre no primeiro capítulo.

A casa dos Silvestre é a residência permanente do casal. Ousamos questionar, porém, por motivos que no decorrer deste trabalho aclararemos, se a sua casa será o seu lar, já que, “[u]ma vez descrita, a realidade tem muita dificuldade em escapar à figura” (2000:59). No decorrer dos tempos, o termo “lar” ganhou uma dimensão figurativa, porque sentimental. A própria sabedoria popular manifesta esta ideia de cada vez que a memória oportunamente verbaliza a expressão “Lar doce lar!”. Na verdade, a expressão associa ao lar do indivíduo a doçura, que não será física, mas alegórica.

Atas colóquio da lusofonia –

Desta forma, lar será um espaço ameno e deleitoso, o que não corresponde ao ambiente vivido na casa do casal protagonista do romance. Acrescente-se que o termo *lar*, do latim, tem a sua raiz etimológica em “«*o Lar da família*»”, ou seja, “«*o deus da lareira, objeto de culto da casa* [...] *a quem o pater famílias oferecia* [...] *sacrifícios em datas importantes do mês e em circunstâncias solenes*” (Machado, 1977:386). Só em 1485, indica o mesmo autor, é que o vocábulo seria empregue pela primeira vez com o sentido de lareira (1977:386), o lugar em que se acenderia o lume, ou seja, o sítio que garantiria, pelo calor, o bem-estar de todos os que ocupassem a habitação. Já o termo “casa”, deriva do latim *casa*, ou seja, “*cabana, choupana, choça; tenda de campanha; propriedade rural, pequena herdade*»” (1977:87), que comprovará que daí não surja registo de qualquer atribuição simbólica ou figurativa.

Mais uma vez, a explicação etimológica e a sentimental não se concentam com o local que serve de morada a Álvaro e Maria dos Prazeres, já que se percebe a frieza da relação entre ambos e que várias referências existentes que se possam associar a “calor” têm por base o Inferno, o qual, na tradição cristã, pouco ou nada de aprazível encerra. Ora, neste caso, casa dirá respeito, apenas, à construção material edificada, ao passo que lar remete para um outro tipo de construção, muito mais espiritual do que física, muito mais emocional do que corpórea, assente, não em alicerces de pedra, mas em fundações morais e sentimentais. O lar poderá ser, assim, o espaço da convivência salutar, da partilha, do cultivo dos princípios éticos, um abrigo contra as intempéries naturais externas, ou as internas, o espaço para onde se anseia regressar e se busca asilo ou aconchego. Todavia, mais uma vez, a residência dos Silvestre apresenta-se como um antónimo, pois a convivência é escassa e, quando ocorre, é patogénica, doentia, alimentada pelos insultos mútuos ou pela indiferença que lhes é natural.

Ademais, para Maria dos Prazeres Pessoa de Alva Sancho Silvestre, esta casa é a representação da perda: perda da sua dignidade individual e social, por casar com um homem que não ama e por este ser de um estatuto social inferior ao seu, e míngua de bens, porque o espaço fá-la recordar tudo aquilo de que a sua família havia forçosamente prescindido ao longo dos tempos pela necessária venda para angariar fundos de forma a sobreviver, já que a ruína havia entrado “*na casa de Alva*” e que “*dinheiro, terras, móveis*” foram “*levados pela voragem; lustres arrancados dos tetos* [...], *velhas arcas de madeira olorosa e pesadas de belos linhos, reposteiros, cadeirinhas graciosas forradas a damasco, armários de talha*”, quadros, pratas, joias e muito mais havia levado “*sumiço*” (2007:20). O narrador, nas primeiras páginas do romance, revela a seriedade e a vulgaridade da situação ao indicar que “*tinha-lhe* [a Maria dos Prazeres] *calhado em sorte o gebo que ali ia abatido no banco da charrete; sangue por dinheiro as casas de fidalgos na penúria amparavam-se em lavradores boçais e ricos, a sólidos comerciantes* [...] *e os Alvas não fugiam à regra*” (2007:21). Álvaro não é nobre, nem de valores, nem de sangue.

Esta casa que Maria dos Prazeres habita faz tempo é, portanto, um lugar de memória. Tal como afirma Nora, “[*o*]s lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações [...] porque estas operações são naturais” (Nora, 1993:13). Da listagem de arquivos que ordinariamente o indivíduo cria ao longo da vida, poder-se-ão inserir os quadros e os retratos de família. A sala da residência dos Silvestre apresenta diversos retratos que asseguram, precisamente, a memória. São fantasmas que assombram Álvaro e Maria dos Prazeres. A ele, porque revelam o presente, já que cada ancestral da sua esposa fá-lo recordar a sua origem social inferior, como se expiassem cada passo e cada decisão sua, e a ela porque silenciam o seu passado familiar. Ora, “*a memória é vivida do interior*” e, por isso, “*tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas*” (1993:14). Na transição de uma casa para a outra, foi necessário -e era comum - que Maria dos Prazeres levasse consigo as suas raízes, materializadas em alguns bens, o que corresponde à “*constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar*” (1993:15). Caso fosse possível Maria dos Prazeres olvidar-se da sua origem, os quadros lembrá-la-iam.

Atitudes e gestos de respeito, ternura ou bondade são inexistentes na casa dos Silvestre. A incapacidade de cada elemento do casal consentir a presença do outro assume maior intensidade quando se encontram a sós, ao ponto da ofensa verbal constante e do desdém omnipresente, mesmo que silenciado, se transformarem em violência física. Constata-se a existência de um momento em particular em que o espaço físico acolhe a raiva dos personagens, tornando-se ele próprio vítima e alvo de ataque. O espaço não permanece impune. Ébrio e frustrado, num ataque momentâneo de intensidade furiosa, Álvaro “[*e*]rgueu-se com dificuldade e apanhando pela sala tudo o que lhe veio à mão decidiu espatifar os retratos”, agredindo-os com “*livros e garrafas nas trombas, copos e tinteiros nas fuças, jarras cinzeiros, lixaria nas ventas*” (2007:56, cap. XIII). Verifica-se, assim, que o espaço que poderia corresponder a um possível refúgio é transformado e destruído perante as investidas humanas, fruto da amargura e da revolta interior de cada um. Não deixa de ser curiosa a estratégia linguística utilizada, já que, num exercício de sinonímia, presente em “trombas”, “ventas” e fuças”, é facultada ao leitor a ideia de irreverência e, simultaneamente, do desdém que Álvaro sente pelos atingidos, já que qualquer um dos termos é comummente utilizado em sentido depreciativo. É notória a intolerância perante o outro. Se as atitudes de Maria dos Prazeres a revelam como sendo o líder metuculoso do relacionamento, a abelha-mestra, as de Álvaro mostram-no como um homem intempestivo e irrefletido, afogado nos seus ímpetos e nos seus remorsos, por vezes afogado no álcool.

Esta relação infértil não escapa aos olhares alheios. Jacinto e Clara percebem-no e comentam-no; tal como fora capaz de perceber esta situação de desigualdade de forças e de poderes entre os elementos da relação o dono do jornal, aquando da visita de Álvaro na sua tentativa de confissão pública. Nesse encontro, Maria impõe-se sobre ambos e se o marido deixa cair o chapéu, tropeçando e quase desfalecendo, o Medeiros gagueja, perante o cumprimento desta, e gela, reconhecendo-a como “*dura de roer*” (2007:17, cap. XIII).

O narrador heterodiegético apresenta duas personagens, marido e mulher, com complexidade significativa, cuja caracterização é ampliada pelas ações que executam ao longo dos capítulos. São personagens humanizadas, que o leitor aceita como credíveis e que consegue reconhecer enquanto consistentes e poderosas ao nível da conceção. Maria dos Prazeres não ama Álvaro. O casamento não passa de um acordo que assegure o futuro de ambos, como se de uma troca comercial se tratasse. Se um dos elementos obtém a estabilidade financeira de que carece, no caso de Maria dos Prazeres, o outro adquire o estatuto social que gerações familiares ambicionam. É um casamento arranjado, por iniciativa da família de ambos, o que se comprovaria facilmente mediante a leitura da seguinte passagem: “*e quando ela* [Maria dos Prazeres] *fez dezoito anos, o pai fidalgo, que era Pessoa, Alva e Sancho, descendente de um coudel-mor, de um guerreiro das Linhas de Elvas e primo do Bispo missionário de Cochim, negociou o casamento da filha com os Silvestres dos Montouro, lavradores e comerciantes*”. O pai de Maria tinha consciência de que se trocaria “*sangue por dinheiro*” e o pai de Álvaro consciência de que estaria a comprar “*fidalgua*” (2007:21, cap. IV); um jogo de interesses, portanto, de forma a satisfazer necessidades distintas, e, para todos os intervenientes, básicas, instintivas.

É frequente que Maria dos Prazeres se tranque no quarto impedindo que Álvaro, frequentemente embriagado, o invada. Todavia, se em algumas circunstâncias a porta trancada a protege, o que é certo é que o seu quarto é uma cela, dentro da prisão que é a sua casa. É reclusa, e está presa às convenções sociais, presa à necessidade física de sobreviver financeiramente, presa ao casamento católico que professou, presa ao marido que abomina e que lhe provoca repulsa; visível quando trata o marido por “*bébedo*” ou quando compara as atitudes (e o discurso) deste às de um cocheiro, nitidamente de nível social inferior ao dela, como podemos inferir da leitura de “*-Havia em Alva um cocheiro que falava mais ou menos assim e certo dia meu pai não teve outro remédio senão chicoteá-lo*” (2007:56, cap. XIII), ou quando o narrador revela o pensamento de Maria no capítulo seguinte: “*Agora é o marido labrego e doentio, as bebedeiras, o desencanto*” (2007:61, cap. XIV), ou quando, ainda, no capítulo V, a bordo da charrete, Maria se questiona do seguinte: “*Meu Deus, este homem viscoso agarrado às saias, até quando?*”, comparando-o a uma lapa no rochedo e revelando-o como “*cobarde*” (2007:23, cap. V). No seguimento do preconizado enquanto caraterísticas do neorealismo, verifica-se, nestes e em outros exemplos, a recurso a uma linguagem popular e bastante coloquial.

A casa sufoca Maria dos Prazeres, sufoca-a ao ponto de algumas vezes, sucumbir ao peso da opressão e explodir tempestuosamente, como quando chicoteia a égua manca, no regresso da vila de Corgos. Durante a viagem, enquanto “*Álvaro resvalava pelo sonho*”, tombando sobre Maria, “*lavrava o incêndio dento dela*” e “[*e*]rguendo-se, de repente” e “*afastando o xaille e a manta de viagem*”, “*arranc[a] o chicote das mãos do ruivo e uma vez, duas vezes, uma dúzia, malhou no lombo da égua até poder*” (2007:29, cap. VI). A união informal da humilde empregada e do jovem cocheiro, apaixonados, representará a liberdade, patente nas frases de Jacinto, no capítulo XVI, “*Sáimos do Montouro. O mundo é grande e em toda a parte se vive.*” ou em “*Há terra por aí fora que é um louvar ao céu.*” ou, ainda, “*Não falta chão por esse mundo, à espera duma enxada.*” (2007:71), enquanto ponderam uma fuga; no entanto, a união formal dos senhores lavradores do Montouro será sinónimo de cativoeiro e limitação.

Após uma das habituais desavenças ocorridas dentro de casa, o leitor, no capítulo XIV, tem acesso ao quarto do casal - que é mais de Maria dos Prazeres do que de Álvaro -, através da descrição elaborada pelo narrador. Maria (con)vive com a porta trancada. O quarto de cama “*era espaçosos*” e ela “[*c*]arregara-o de móveis para lhe dar algum conforto”. Pelo uso da adversativa, “*mas*”, presente no primeiro parágrafo do capítulo em questão, percebe-se que “*a mobília de castanho, o lustre maciço de madeira, a mesa de pau santo em frente da janela, as ramagens densas do papel que forrava as paredes de alto abaixo*” não haviam sido suficientes para “*alcança[r] a intimidade que sonhara*” (2007:59, cap. XV). É confortável e refinado, mas não é familiar. Mediante o ponto de vista do narrador, temos acesso à frigidez do quarto. Neste, Maria dos Prazeres, sem prazer algum, sente-se desnudada e, mesmo coberta pelos seus lençóis e aconchegada pelos cobertores, é abalada pelo “*desagasalho do quarto*”, como se de um local inóspito se tratasse. Tentará esta, futuramente, indica o narrador, dotar o quarto de maior familiaridade, pelo alívio do espaço através de uma remodelação, optando pela simplicidade e pelas cores claras. Preferirá, pois, o oposto ao que já existia. Sabemo-lo pelo vocabulário empregue, já que o narrador utiliza o verbo «carregar» para revelar a forma como esta mulher havia decorado o quarto; faz uso do adjetivo “*maciço*”, ao descrever o lustre, para sugerir a noção de peso, o que reforçará o verbo; e do adjetivo “*densas*”, ao retratar as ramagens, para fortalecer a ideia inicial transportada pelo verbo.

Sabemos, porém, pela própria personagem, que tal mudança de mobiliário é uma ideia ilusória com a qual se engana, pois, “*a ideia de trocar a mobília não passava dum devaneio, sem nenhuma esperança de voltar atrás*” (2007:60). Aliás, é o narrador, mais uma vez, quem revela que a “*casa, toda ela, gelava*” (2007:59). É também no quarto que se acentua a solidão que a faz “resvalar”. Sozinha e isolada, Maria deixa-se perder nos seus pensamentos. Ora, naquela “*espécie do sonho lúcido*” que já seria habitual, como sugere a construção frásica e, especialmente o pretérito imperfeito, “*em que ficava horas acordada*” (2007:60), sonha acordada com o cunhado e com o cocheiro, consciente de que são “*indecências*” (2007:61). No quarto, prefere estar desacompanhada, mas o recolhimento dá azo a que “*as secretas paixões de Maria dos Prazeres que, por sua vez, amava longinquamente Leopoldino, o irmão de Álvaro que havia emigrado para a África e de quem recebia algumas esparsas cartas, as últimas anunciando o seu retorno à metrópole*” (2013:III) a assolem, para ser, apenas, despertada pelo bater à porta, insistente, por parte do marido.

Maria dos Prazeres é, assim, a encarnação das mulheres insatisfeitas com os seus matrimónios, aprisionada pelas convenções sociais de um Portugal conservador, embora esta seja uma realidade universal. Na obra *Memorial do Convento*, conseguimos encontrar uma correspondência curiosa. Também a rainha Dona Maria Ana Josefa, nos seus aposentos privativos, sonha com o seu cunhado Francisco e se recrimina por fazê-lo, ao ponto de ter vergonha de o confessar. São-nos apresentadas duas mulheres, de linhagem, agarradas a um casamento convencional, que serve os seus propósitos sociais, mas no qual falta amor ou o companheirismo de que uma relação se alimentaria. O micro-espaço seguro de ambas, limitado às dimensões de um quarto, gera a possibilidade de evasão passageira, mas não isenta de culpa. De forma a facilitar uma mais nítida visualização do espaço, o narrador faculta determinadas informações cruciais. Destaca a noção de delimitação espacial, marcada pela referência às paredes e à porta trancada, e executa a apresentação de informações que contribuem para uma aproximação à realidade. O leitor tem, assim, acesso ao revestimento das paredes; à forma como os móveis e os restantes objetos decorativos ou utilitários estão dispersos e a respetiva composição destes; à posição quanto aos pontos cardeais que o quarto ocupa; e aos sentimentos que imprime (e permite ao) no personagem feminino.

Pelo contrário, neste mesmo capítulo, um dos espaços mais emblemáticos da residência, o “*escritório do marido, na sala de jantar*”, é apresentado como sendo possuidor de “*um mínimo de aconchego*”. Todavia, este aconchego não é conseguido pelas relações humanas que se estabelecem no espaço, mas sim “*à custa de tapetes e móveis*” (2007:59). Já antes, todavia, a existência e a importância da “*sala grande que* [...] *servia de escritório*” é registada pelo narrador ao dedicar-lhe a sua atenção e ao conduzir o leitor através da exposição das dimensões do espaço, do mobiliário, dos adereços, da luminosidade, do pavimento, das ações que lá ocorrem e da sua utilidade, pessoal e social.

Atente-se, por exemplo, no capítulo XI, no qual o narrador expõe as sombras que habitam e inundam os corredores, a casa e a vida dos que a habitam, como se a própria sombra tivesse vida própria e fosse uma personagem metafísica, que não de carne e osso. O animismo empregue dota-a de importância e o narrador revela que “[*a*] chama da vela batia nas paredes do corredor, a sombra que as cobria era acoissada para o teto, e então despenhava-se do alto, caía-lhe nos ombros, esmagava-os” (2007:48, cap. XI). Verifica-se por parte do autor um gosto particular em registar momentos que ocorram, na residência, durante as horas menos luminosas do dia e que possam ser possibilitoras da ocorrência de sombras, como é o caso da noite, do serão, ou, até, “[*d*]o primeiro alvor da madrugada”, visto da janela do escritório que se reduz a ser “*um começo de luz apenas, ainda por fixar no contorno do mundo*”. Apenas quando “*clare[ava] um pouco mais, a lufada de sombra varria a cinza da janela*” (2007:63, cap. XV). Sombra e luz são, assim, um par antagónico; coexistem e envolvem a vida do casal, dando lugar, frequentes vezes, à cinza.

A “*sala de lareira, espaçosa, mas atravancada de grandes móveis de noqueira, mantas de lã, grossas e discretas*” (2007:31, cap. VII) acolhe os elementos necessários para representar bem-estar financeiro e comodidade e, em alguns serões, enche-se de convidados que dialogam de trivialidades ou da vida alheia, enquanto ecoam no ar, tantas vezes, os provérbios agourentos e vaticinosos de D. Violante. O piano, as estantes com livros e a garrafeira, de onde Álvaro vai sorvendo o brandy e o porto, a cadeira de verga com os seus almofadões, a “*mesinha holandesa que viera do palacete de Alva*”, considerada por Álvaro como uma ninharia, “*meia dúzia de retratos a óleo (restos da galeria dos avós [da família de Maria dos Prazeres]) e um velho elmo*” (2007:33, cap. VIII) ocupam o seu lugar no compartimento central da casa. É um conforto ilusório e passageiro este que o narrador nos dá a entender.

A chegada de Maria dos Prazeres à casa de família de Álvaro, por via do casamento, traria, a seu tempo, mudanças na organização e composição do espaço. Tais alterações acabariam por não ser benéficas para Álvaro pois este reconhece, no capítulo XXVII, a necessidade de ir a Corgos, comprar um divã, pelo facto de “*não haver [naquela] casa uma enxerga disponível, uma tarimba que seja, onde estender as pemas à vontade*”. Esta necessidade que sente evidencia, mais uma vez, uma situação constrangedora e duradoura: raras serão as vezes em que Álvaro partilhará o leito com a esposa. A casa acentuará, portanto, as divergências, as clivagens, a separação entre ambos. Após a morte do sogro, Maria dos Prazeres decidira imprimir mudanças no espaço e “*[a]inda o velho Silvestre não esfriara bem, já ela tinha decidido mobilar tudo de novo*” (2007:107, cap. XXVII). Estaria Maria com necessidade de tornar o espaço em algo pessoal? Ou estaria Maria a evidenciar hábitos de mulher acostumada ao luxo e à ostentação que a sua linhagem providenciara? Essas alterações, e outras que enceta, como a do seu quarto ou a do quarto de hóspedes que a casa possui, estão sobre o seu domínio. Maria controla a casa e aprisiona-se no seu quarto. Álvaro, por sua vez, está confinado à sala-escritório que é, simultaneamente, o seu habitual quarto de cama, onde se deita, cobrindo-se com a sua samarra e o “*lento resmoer do medo e do remorso*” (2007:109, cap. XXVII), encharcado em álcool ou vômito. O narrador descreve o espaço com simplicidade, mas não com objetividade.

No capítulo XXXI, o povo, mais curioso do que furioso, invade o pátio da residência dos Silvestre. Dominadora, Maria dos Prazeres enfrenta a multidão e o regedor. No entanto, após escorraçá-los com autoridade e pujança daquilo que é o seu domínio, uma pedra, atirada por um anónimo, parte umas vidraças da casa, deixando Álvaro, que passivo se mantinha olhando a “*maré escura*” que “*refluía*” da janela do escritório, em sobressalto. Neste capítulo, verifica-se que Álvaro sente certa admiração pela esposa, ou, pelo menos, pela capacidade que esta tem de enfrentar os problemas. Se o narrador coloca em destaque os seus “*brados imperiosos*”, Álvaro declara “*-Que mulher, santo Deus.*”, e reconhece que é graças a esta que “*a paz voltava*”.

No escritório, Álvaro consegue encontrar um pouco de bem-estar e admite que o “*meiple do escritório*”, que tantas vezes já o havia recebido, “*não é assim tão desconfortável*” (2007:120, cap. XXXI). De facto, enterrar-se no *meiple* é mais seguro e cómodo do que enfrentar a população ou as preocupações e as lembranças a que a rotina obriga, ou, inclusive, a própria esposa em outras circunstâncias. A casa, porém, esta, está já violada, escancarada pela entrada sem convite do regedor em busca de provas que pudessem esclarecer a morte do cocheiro, e pelas vidraças partidas pela pedra arremessada. Tal como em algumas civilizações se apedrejaria um pecador ou criminoso, também Álvaro e, por osmose, Maria dos Prazeres são apedrejados simbolicamente. Em breve estariam expostos, já que “*[n]a manhã seguinte com o largo da aldeia coalhado de povo, os comentários fervilhavam*”, pois havia “*[g]rande novidade: Álvaro Silvestre é que dera a notícia do namoro ao cego, do namoro e do resto porque o ruivo e a rapariga, enfim, tinham-se adiantado [...]*” (2007:130, cap. XXXV).

As janelas, embora existam, não oferecem liberdade, nem sequer a ideia de descerramento. No capítulo XI, a título de exemplo, Álvaro abre uma janela com dificuldade e, embriagado, debruça-se com esforço no peitoril (2007:50, cap. XI), apenas para que possa dar espaço ao vômito e ao ar; no capítulo XXVII, a existência de uma janela serve, novamente, um propósito negativo, pois “*um raio de sol, fugindo às nuvens da manhã, ardeu por acaso mos vidros da janela e a picada luminosa entrou-lhe [a Álvaro] pelos olhos, encandeou-o*” (2007:109, cap. XXVII), indiciando que a realidade exterior possa ferir. Outro exemplo, e bastante mais esclarecedor, ocorre no capítulo XXVII. Amedrontado e atormentado pelo “*tumulto*” que escutara “*lá para o fundo da aldeia*” (2007:111, cap. XXVIII) e pelo aproximar-se da multidão, “*alcanç[a] a janela e aferrolh[oa] as portadas*” (2007:112, cap. XXVIII). Mais uma vez, é notória a ideia de cativoeiro e da residência ser um calabouço.

Verifica-se a ocorrência, ao longo da obra, de um conjunto de vocábulos que se repetem ou que estão relacionados entre si, como se fizessem parte da vivência dos personagens e das preocupações destes. São vários os campos lexicais**105** que se formam e que contribuem para descrição do espaço, do tempo, das ações ou dos próprios personagens. Assim, por exemplo, através de um levantamento ilustrativo daquelas que consideramos as ocorrências mais significativos, o vocábulo «sombra» surge em capítulos tão distintos como o IV, o XI; o XV; o XXI e o XXXIV e, geralmente associado ao «silêncio» (III; XXVII e XXVIII) ou à solidão (XXVII). Se considerarmos «religião», enquanto campo lexical, evitando as referências ao padre Abel, e tendo em conta o catolicismo professado pelos personagens principais, conseguimos apresentar outras palavras e expressões que digam respeito ao mesmo domínio da realidade, como é o caso de «morte» e «mortos», nos capítulos X; XI; XIII, XV; «podres» e «apodrecer», nos capítulos I e XVII; «jazigo», nos XI e XXVIII; «eternidade», no capítulo VI; «diabo» e «Demónio», nos capítulos II e XXII; «inferno», nos capítulos V; X; XVIII; XX; XXXV; «cova», no capítulo XXIV; «fim do mundo», no capítulo XXIV; «fogo», «lume»; «chamas» e «ardeu», nos capítulos V; XIII; XX, XXII; XXIV; XXVII XXXIV; XXXV; «cinzas», nos capítulos XIII e XV; e ainda «fardo», no VI; «penitência», no V; «sentença», no V; «confissão», nos II, III e XXIX e «remorso», nos capítulos III; XVIII; XXVIII. Se tivermos em conta o campo «clima» ou «condições climáticas», surgem vocábulos como «tempestade», no capítulo XXIV; «relâmpagos», nos capítulos XXII e XXIII e «trovoada», no capítulo XXVIII, que surgem no processo de assassinio de Jacinto e horas que lhe sucedem, sendo que, no capítulo I há já referência ao aspeto tempestuoso do dia e que, ao longo de toda a obra, e desde o início, são comuns as referências ao vento, à chuva e à lama. Assim, os campos lexicais contribuem sobremaneira para a criação de um determinado arquétipo no que diz respeito às diversas categorias da narrativa supramencionados, sendo os campos apresentados, regra geral, de índole assaz negativa.

O casamento não passa de uma farsa, um jogo de interesses e de aparências que a casa alberga, mas que é desconstruído e revelado, também, nos espaços alheios à residência. O ninho de amor do “ruivo” e de Clara é profundamente simbólico e opõe-se, com nitidez, à residência dos Silvestre. O palheiro é o seu abrigo, o espaço privilegiado para as confissões e para a partilha de afeto descomprometida. É o local onde nascem os sonhos e se constroem projetos futuros, escapando à opressão de opiniões alheias e convenções sociais. É o amor e a fantasia que comandam a realidade de ambos. Será natural estabelecer um paralelismo entre a situação e o respetivo cenário e a história bíblica de Jesus, Maria e José. Está Clara grávida e assim o estava Maria. À chegada ao espaço do recolhimento seguro, eram dois os elementos da família da natividade, tal como acontece com Clara e Jacinto, que ambicionam constituir família. Tanto os personagens bíblicos presentes nos versículos de *Marcos* e *Lucas* como os de *Uma Abelha na Chuva*, Jacinto e Clara, encontram-se num estábulo, rodeados de animais da quinta e o narrador, nesta última obra, não evita mencionar que “*[e]nvolvia-os o calor do gado: a vaca, o jumento*”, como companhia, e que “*[d]a meia obscuridade vinha o resfolegar sereno dos animais*” (2007:69, cap. XVI), reiterado em “*Um último frémito de sono sacudia os bichos. A vaca e o jumento acordavam [...]*” (2007:71). Podemos, deste modo, afirmar, então, que o estábulo facilita a tranquilidade, o aconchego e o afeto que a casa dos Silvestre não é capaz de oferecer. Simbolicamente, a sua relação é o natural mel que a abelha produziria, ou seja, “*a doçura, a perfeição apoiada no tempo [...]* e isto porque, como anteriormente vimos, tanto a gravidez de Clara como os projetos de ambos e até o envolvimento espacial em que estes últimos são considerados apontam para um futuro de otimismo” (1980:98).

Como pudemos evidenciar, ainda que de forma breve, o espaço desempenha um papel relevante na obra e configura a relação que se estabelece entre o casal principal do romance, Álvaro e Maria dos Prazeres, os “*senhores da casa, perdidos em ódios cada vez mais recalcados*” (2013:III). Os móveis carregados de solidão são antitéticos ao conceito de comodidade, física ou incorpórea, pois “*[c]onforto é a condição de bem-estar relativa às necessidades do indivíduo e sua inserção no ambiente imediato*” que “*[e]nvolve não somente a eleição de critérios térmico, acústico, visual ou ainda químico, mas também o acréscimo de emoção e prazer, atribuindo-lhe um caráter holístico, já que o ambiente construído é um anteparo existencial, sendo abrigo para o corpo e para a alma*” (Bestetti, 2014:602-603).

Revela a *Bíblia* que “É com a sabedoria que se edifica a casa e consolida-se com prudência” (*Provérbios*, 24:3, 1984:836); contudo, verifica-se que sabedoria e prudência, a primeira enquanto dom do Espírito Santo e a segunda enquanto virtude cardinal, não habitam o espírito do fervoroso católico lavrador, ou seja, de Álvaro, aquele que anseia pela confissão e que vive atormentado pelo remorso, mas que, em simultâneo e a contrassenso, contribui para a morte, mesmo que indiretamente, de Jacinto e de Clara. Ora, assim sendo, se fisicamente a casa está edificada, simbolicamente encontrar-se-á em ruínas, tão ou mais arruinada do que estaria a ilustre e aristocrática família de Maria dos Prazeres.

A obra apresenta, sob fina ironia, a realidade de um país constituído por indivíduos conservadores, devotos e moralistas, mas falsamente íntegros. Há-os honestos, claro, e os que apresentam virtudes e seriedade, mas esses não ocupam um lugar de destaque na obra, não correspondem à listagem de personagens principais e são, isso sim, vítimas das ações e das decisões implacáveis, ordinariamente intempestivas e irrefletidas, de uns ou de outros. A obra é “*sobre gentes tão pobres e perdidas como as suas rurais paisagens da Gândara constantemente encravadas na sua [de Carlos de Oliveira] poesia, contos, crónicas e romances singulares: fim do mundo, finisterra, era mesmo esse Portugal de ancien régime que todos fomos pensando (talvez com exagerado otimismo*” (2013:II), mas cuja intenção e intensidade extravasam os limites da obra, pois o autor imprime-lhe um alto valor documental e social, pela defesa do oprimido, pelo ataque às classes opressoras.

Publicada em 1953, e no seguimento da tradição neorrealista, Carlos de Oliveira coloca em evidência as injustiças sociais, num período marcado pela ditadura militar de Salazar e pelo pós-guerra mundial, adequando a ação ao tempo de escrita e respetivo espaço da sua criação. Álvaro e Maria dos Prazeres corporalizam a injustiça e a sua casa é a colmeia infecunda de onde brota a maldade e a opressão. É a residência do fel, não do mel. Como o próprio Álvaro admite, numa das várias manhãs de incomunicação e exílio, “*[a] solidão carregava os móveis, o ar, a luz de um segundo sentido*” (2007:109, cap. XXVII).

Afirmaria Carlos Reis que a obra se apresenta “*dominada por um conjunto de recursos técnico-narrativos relativamente complexos*”, que em muito contribuem para a apresentação e descrição dos espaços, na sua componente material e alegórica, salientando, todavia, que esta “[se] *insere num movimento literário (o Neorrealismo) em cujo devir e transformação participa de forma muito ativa*” (1980:7).

Porém, será pertinente, neste momento, evidenciar que *Uma Abelha na Chuva* representa um aperfeiçoamento, uma transformação, uma variação, mesmo que mínima, na produção literária do autor, já que “*sem renegar a informação ideológica subjacente ao Neorrealismo*”, este iniciaria uma “*depuração*” que “*acabaria por derivar de uma atitude em princípio arredada (pelo menos em teoria) das intenções neorrealistas*” e que resultaria na “*atenção sistemática em relação aos recursos técnico-formais que servem a mensagem literária*” (1980:19).

Uma Abelha na Chuva, mais do que representar um determinado movimento literário ou, melhor dizendo, artístico, terá sido uma manifestação de força e o assumir de uma posição coordenada, individual e coletiva, nacional e transnacional, alimentada pela preocupação verbalizada por aquele que é dominado, imerso em padecimentos vários na luta incessante pela sobrevivência. A exploração e a disparidade entre classes e, portanto, a consequente diferença de oportunidades, é evidenciada individualmente. No entanto, a representatividade dos indivíduos é significativa e é possibilitada ao leitor uma leitura abrangente da sociedade, pela inferência do coletivo.

Retomamos, assim, as ideias que serviriam de base a esta abordagem breve e aparentemente subjetiva, pois um espaço não está confinado à sua componente física, nem se extingue nos limites mesuráveis e visíveis. A residência dos Silvestre, por sua vez, é, apenas, uma casa, revestida de materialidade transitória, efémera. Não é, nem nunca foi, um lar. O edifício residência do casal protagonista, tal como a obra no seu todo, adquire este “segundo sentido”, como aquele que o próprio Álvaro Silvestre atribuiria à solidão que o dominava e que infetava no espaço. Asseverou Reis que “*o Neorrealismo português nutriu-se de coordenadas históricas e sociais que, de um modo ou de outro, solicitaram a sua atenção*” e que, portanto, “*não poder[iam] ser ignorados, como elementos motores de uma prática literária empenhada, fenómenos como a crise económica dos anos vinte, a instauração (sobretudo na Itália, na Alemanha, na Espanha, e, obviamente, em Portugal) de regimes de feição totalitária*” e o “*deflagrar da segunda guerra mundial*” (1980:9). Questionárimos, pois, se esta casa não seria uma ilustração fidedigna de algum dos países enunciados – ou de todos - por Carlos Reis, atingindo uma amplitude assinalável e que ultrapassaria fronteiras pátrias.

Bibliografia:

AAVV, Bíblia Sagrada, Provérbios, Lisboa, Difusora Bíblica, 11ª edição, 1984.

ANDRADE, João Pedro de, Ambições e limites do Neorrealismo Português, Introdução de Ernesto Rodrigues, Editora Acontecimento, 2002.

^[1] 105 A frequência de alguns dos vocábulos apresentados é maior do que a enunciada. Por uma questão de economia cingimo-nos às que consideramos mais pertinentes no contexto do trabalho desenvolvido

Atas colóquio da lusofonia –

BESTETTI, Maria Luísa Trindade, "Ambiência: espaço físico e comportamento", in *Artigos Temáticos – Ambiência*, Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, Rio de Janeiro, 2014, pp. 601-610.

CRUZEIRO, Celso, "Alves Redol e Alguns Problemas do Neorealismo Português", *Vértice*, n. 322/3, novº / dezº, 1970.

FAGUNDES, Francisco Cota – "Tese e simbolismo em Uma abelha na chuva", *Colóquio/Letras*, nº 58, novembro, 1980, pp. 20-28.

GOMES, Aline Rodrigues – "Uma abelha na chuva: uma colmeia portuguesa sob o império de duas rainhas" (cap. 4º da Dissertação de mestrado com o título *Carlos de Oliveira: nas ruínas da liberdade. Alguns retratos do neorealismo em "Casa na duna" e "Uma abelha na chuva"*).
www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13076/13076_5.PDF

MACHADO, José Pedro, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte, 3ª edição, 2º e 3º vol., 1977.

MITERAND, Henri, "A questão do realismo", in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira – Atlas das Literaturas*, Santarém, Página Editora, 2000.

NORA, Pierre, "Entre memória e história - A problemática dos lugares", Trad. Yara Aun Khoury, São Paulo, Projeto História, n. 10, dezembro, 1993.

OLIVEIRA, Carlos de, *Uma abelha na chuva*, Lisboa, Assírio e Alvim, 2007.

PETROV, Petar – *Escritas neorrealistas: Carlos de Oliveira e Graciliano Ramos*. (Comunicação apresentada ao colóquio *Diálogos com a Lusofonia*, Universidade de Varsóvia, 2007).

REIS, Carlos, *Introdução à leitura de Uma Abelha na Chuva*, Coimbra, Livraria Almedina, 1980.

REIS, Carlos, "O conhecimento da literatura", in *Introdução aos estudos literários*, Coimbra, Almedina, 1995, pp. 435-452.

SOUSA, Ivo Carneiro de, Coordenação, "Carlos de Oliveira: da Casa na duna a Uma abelha na chuva", in *Lusofonias*, n. 19, novembro, 2013 (www.jtm.com.mo/record/2013/11Nov/11-11-2013%20-%20Lusofonias.pdf).

TEIXEIRA, Ramiro, *Neorealismo. Alves Redol e seus reflexos*, Porto, Grupo Desportivo dos Empregados do Banco Borges e Irmão, 1981.

TORRES, Alexandre Pinheiro, *O Neorealismo literário português*, Moraes, 1977.

SÓCIO DA AICL

ADJUNTO DA DIREÇÃO DA AICL

MEMBRO DA COMISSÃO EXECUTIVA

FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO

SECRETÁRIO DO CONSELHO FISCAL DA AICL

PARTICIPOU NO 22º COLÓQUIO SEIA 2014, NO 25º EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO, 29º BELMONTE 2018

33. RAUL LEAL GAIÃO, INVESTIGADOR



MAIA 2013

SEIA 2014

SEIA 2013

BELMONTE 2018

RAUL LEAL GAIÃO, É mestre em Língua e Cultura Portuguesa - Estudos Linguísticos pela Universidade de Macau (UM). Licenciado em Filosofia pela Universidade de Lisboa e em Ciências Literárias pela Universidade Nova de Lisboa. Lecionou *Filosofia e Psicologia* no Ensino Secundário e *Sintaxe, Semântica e Morfologia, Língua Portuguesa, Técnicas de Expressão do Português* no Ensino Superior. Colaborou na elaboração de dicionários da língua portuguesa: *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (Verbo, 2001), *Dicionário Houaiss da Língua portuguesa* (Editorial Objetiva, 2001; Círculo de Leitores, 2002), *Dicionário Global da Língua Portuguesa* (LIDEL, 2014). Tem efetuado investigação na área do crioulo de Macau - falar macaense, bem como noutros temas ligados a Macau.

TEMA 3.3 AÇORIANOS EM MACAU, DOM JOSÉ DA COSTA NUNES, OLHAR SOBRE A CHINA

"A alma chinesa é para nós ocidentais um paradoxo, uma coisa feita de absurdos e incoerências, fantasias e superstições", segundo D. José da Costa Nunes. Pretendemos, neste texto, focar o olhar do bispo de Macau sobre a tradicional mundividência do povo chinês que, apesar da Revolução Cultural e da enorme revolução económica e tecnológica dos anos 90, continua presente em muitos dos seus vetores.

Trabalho final não recebido

SÓCIO DA AICL. PARTICIPOU EM MACAU NO 15º EM 2010, NO 16º EM SANTA MARIA 2011, 17º NA LAGOA E 18º GALIZA 2012, 19º NA MAIA 2013, 20º EM SEIA 2013, 22º EM SEIA 2014, E 23º NO FUNDÃO 2015, MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA 2016, 28º VILA DO PORTO 2017, 9º BELMONTE 2018

34. ROLF KEMMLER, ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA, UTAD VILA REAL – ALEMANHA,



BELMONTE 2018

BELMONTE 2018

ROLF KEMMLER, tendo nascido em Reutlingen (Alemanha) em 23 setembro de 1967, é professor auxiliar convidado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, Vila Real).

É membro permanente do Centro de Estudos em Letras (CEL) da UTAD e do Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP, Porto).

Agregado em Ciências da Linguagem pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em 9 de abril de 2014.

Atas colóquio da lusofonia –

É Doutorada na área das Ciências da Linguagem e da Literatura (Dr. phil.) pela Universidade de Bremen desde 2005 (Alemanha), com a tese intitulada «A Academia Orthográfica Portuguesa na Lisboa do Século das Luzes: Vida, obras e atividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811)», publicada em 2007. Formou-se como Magister Artium (M.A.) em Filologia Românica em 1997, com uma tese intitulada «Esboço para uma História da Ortografia Portuguesa» (publicada em 2001 como artigo na revista Lusorama sob o título «Para uma História da Ortografia Portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911»).

Com vasto número de publicações originais desde 1996, que se debruçam sobretudo a questões pertencentes à historiografia linguística, é especialista nas áreas da história da ortografia da língua portuguesa desde o século XVI até ao século XXI e da história das tradições gramaticográficas portuguesa e latino-portuguesa dos séculos XVI-XIX.



FUNDÃO 2015



Belmonte 2017



GRACIOSA 2015

Mais recentemente, tem-se dedicado ainda ao estudo de aspetos da literatura de viagens anglófona novecentista sobre os Açores e à investigação sobre o papel da Galiza dentro da Lusofonia.

Pertence a um número considerável de associações e agremiações científicas de relevo nacional e internacional, tendo recentemente sido eleito como Sócio-Correspondente Estrangeiro da Academia das Ciências de Lisboa.

Para além disso, é sócio do Instituto Cultural de Ponta Delgada (Ponta Delgada, São Miguel, Açores), do Instituto Açoriano de Cultura (Angra do Heroísmo, Terceira, Açores) e da Associação Cultural Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa (Galiza).

É sócio fundador da Associação Alemã de Lusitanistas (Frankfurt, Alemanha) e da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia.

Em 2016 tornou-se SÓCIO-CORRESPONDENTE ESTRANGEIRO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA

TEMA 3.4 São Miguel e os seus habitantes em *The Azores or Western Islands (1886)* de Walter Frederick Walker¹⁰⁶ Rolf Kemmler (Vila REAL) *

1 Introdução

No ano de 1886, um súbdito britânico chamado Walter Frederick Walker publicou a sua obra de VIII, 335 páginas sob o título tão extenso quanto promissor *The Azores or Western Islands: A political, commercial and geographical account, containing what is historically known of these islands, and descriptive of their scenery, inhabitants, and natural productions* [...]. Com doze gravuras e seis «*Island Melodies*», nas quais o texto vem acompanhado pela respetiva partitura, o autor oferece um grande leque de observações bem fundamentadas sobre o arquipélago e sobretudo a ilha de São Miguel, por vezes complementadas por informações baseadas em fontes secundárias identificadas. Tentaremos identificar as observações relevantes no livro em que o autor se pronuncia sobre São Miguel e os seus habitantes.

2 O autor

Até agora não se sabia nada mais sobre Walter Frederick Walker exceto do que consta da informação no rosto da sua obra, nomeadamente que era «*Fellow of the Royal Geographical Society; Member of the Society of Arts; Member of the Society of Biblical Archaeology; Corresponding Member of the Geographical Society of Lisbon*». Com base em documentação previamente inédita, conseguimos averiguar que Walter Frederick Walker nasceu no dia 21 de janeiro de 1846 em Ponta Delgada como penúltimo dos doze filhos do médico cirurgião britânico Sanderson Walker (1790-1860)¹⁰⁷ e da sua mulher Emma Henrietta Walker (em solteira Popplewell; 1806-1851).¹⁰⁸ Assim, a seguir ao florentino Manuel Borges de Freitas Henriques (1826-1873), que brindou o público americano com a obra *A trip to the Azores or Western Islands* (1867), Walker foi o segundo dos nossos autores a ter nascido no arquipélago. Parece evidente que a residência em São Miguel, bem como o convívio com a sociedade ponta-delgadense da época terá permitido ao nosso autor oferecer uma perceção diferente da dos restantes autores que se supõe mais profunda e mais intimista. Não sabemos quando Walker regressou definitivamente à Inglaterra e se terá sido lá que conseguiu a formação académica de que parece ter usufruído. Como ele documenta conhecimento pessoal dos grandes vultos micalenses da época, impõe-se a noção que poderá ter regressado ao arquipélago como adulto, apesar de ser órfão desde a morte da mãe em 1851 e do pai em 1860.

No dia 24 de outubro de 1889, Walker casou na igreja paroquial de Clapham (Surrey; que hoje pertence a cidade de Londres) com Frances Anne Mac Donnell (1862-1943), filha do advogado londrino Randal MacDonnell (1889, October 24). Com os dois filhos, Frances Louisa (1890-1971) e Frederick Benjamin Goddard (1903-1930), o casal inicialmente residia em '7 Clapham Common, Northside' em Clapham desde 1891 (hoje Londres; 1891: 226, s. d.; 1894: 263, s. d. 1896, s. d.: 293; 1909, s. d.: 442; 1910, s. d.: 449), passando, desde 1911, a residir na paróquia de St Peter Intra na cidade de Broadstairs que se encontra na então ilha *Isle of Thanet*, no condado de Kent (p. 1911, s. d.: 331). Walter Frederick Walker faleceu em Broadstairs na ilha Thanet no dia 17 de janeiro de 1924. No que respeita à atividade profissional de Walker, as únicas referências que temos encontram-se os assentos de registo paroquial. Assim, no seu próprio assento de casamento, Walker é identificado como comerciante 'Merchant' (1889, October 24: 41), ao passo que na altura do casamento da filha é chamado 'manager (retired)', ou seja, gerente reformado (1912, April 12: 117). Não temos informações sobre a natureza da atividade comercial que Walker exercia, mas parece pertinente supor que possa ter sido qualquer coisa relacionada com o comércio açoriano-britânico. Sabemos que foi eleito sócio da *Royal Geographical Society* (1830) no dia 22 de junho de 1874 (*PRGSL* 1874: 487) e da *Society of Biblical Archaeology* (1870) no dia 7 de fevereiro de 1882 (*PSBA* 1882: 57). Não sabemos, porém, quando Walker terá ficado sócio da *Royal Society of Arts* (1754) e da *Sociedade de Geografia de Lisboa* (1875).

Com o título aparentemente barroco *The Azores or Western Islands: A political, commercial and geographical account, containing what is historically known of these islands, and descriptive of their scenery, inhabitants, and natural productions; having special reference to the eastern group consisting of St. Michael and St. Mary, the Formigas and Dollabaret Rocks; including suggestions to travellers and invalids who may resort to the archipelago in search of health*, a obra foi editada pela casa editora, Trübner & Co., fundada em 1851 e então sediada em Ludgate Hill, no centro de Londres.¹⁰⁹ Impressa pela tipografia «*Lake Brothers*» em Londres, a obra de Walker tem um total de viii, 335 páginas numeradas, sendo dividido em 14 capítulos. Ao lado das doze gravuras que aparecem ao longo do texto, merecem destaque as seis «*Island Melodies*» no fim da obra, pois encontramos não somente os textos, mas também as respetivas partituras. Na casa editora, Trübner & Co., fundada em 1851 e então sediada em Ludgate Hill, no centro de Londres.¹¹⁰ Impressa pela tipografia «*Lake Brothers*» em Londres, a obra de Walker tem um total de viii, 335 páginas numeradas. Ao lado das doze gravuras que aparecem ao longo do texto, merecem destaque as seis «*Island Melodies*» no fim da obra, pois encontramos não somente os textos, mas também as respetivas partituras. Existe uma tradução portuguesa, levada a cabo pelo professor micalense João Hickling Anglin (1894-1975). Foi sob o título «*Os Açores ou Ilhas Ocidentais*» que a tradução foi publicada nos números 22 a 26 da revista *Insulana* (1965-1970), ocupando na sua totalidade nada menos de 320 páginas.

3 Walter Frederick Walker e São Miguel

Como vimos, o livro *The Azores or Western Islands* de Walter Frederick Walker constitui efetivamente a única publicação conhecida do nosso autor, que assim se estreou aos 40 anos de idade. É da seguinte maneira que Weeks explica a génese do seu contributo para a literatura de viagens anglófona sobre o arquipélago açoriano:

PREFACE.

Les longs ouvrages me font peur:

Loin d'épuiser une matière,

On n'en doit prendre que la fleur.

¹⁰⁶ Os nossos agradecimentos especiais cabem à historiadora Beatrice Burst (Gomaringen) que nos facultou valiosas informações baseadas em fontes, cuja consulta direta não nos foi possível.

¹⁰⁷ Ao longo das observações que lhe tece, Rodrigues (2003: 110) escreve 'Sanderson Walker' para além disso, o historiógrafo micalense equivooca-se nas datas, pois refere na nota de rodapé que Walker «[...] já estava em S. Miguel em 1920 e faleceu em 1960. A 30 de Junho de 1927 tomou posse, perante a Câmara, de médico de saúde, na qualidade de procurador do Dr. José Caetano Vaz». Parece evidente que devemos aqui substituir as datas por 1820, 1860 e 1827.

¹⁰⁸ Embora com algum atraso, é da seguinte maneira que a revista *The Oriental Herald and Colonial Review* noticia o casamento dos pais do nosso autor sob a rubrica de «ST. MICHAELS»:

«*Marriage*. – Jan. 2d. By H. B. M. Consul General of the Azores, Dr. Sanderson Walker, F.R.C.P., to Emma, third daughter of Capt. J. Popplewell) (*OHCR* 1824: 382). Na verdade, Emma era a filha de Thomas Popplewell (1764-1830), então capitão de mar na marinha britânica (veja-se Marshall IV/1: 132).

¹⁰⁹ A editora foi fundada em parceria pelo alemão Johann Nicolaus Trübner (1817-1884) e o livreiro inglês David Nutt (1810-1863). Depois da morte de Nutt, Trübner adquiriu a quota do sócio e continuou na gerência até à sua morte. Depois do óbito do fundador, a editora continuou até 1889 na gerência dos sócios sobreviventes que então a venderam a outra empresa.

¹¹⁰ A editora foi fundada em parceria pelo alemão Johann Nicolaus Trübner (1817-1884) e o livreiro inglês David Nutt (1810-1863). Depois da morte de Nutt, Trübner adquiriu a quota do sócio e continuou na gerência até à sua morte. Depois do óbito do fundador, a editora continuou até 1889 na gerência dos sócios sobreviventes que então a venderam a outra empresa.

La Fontaine.

This little work, devoid of any scientific or literary merit, has been penned solely in the hope that it may prove useful to those contemplating a visit to the Western Archipelago, and especially St. Michael, the "Insula bella" of the group, for it is now 44 years since Bullar's"Winter in the Azores, and Summer at the Baths of the Furnas "¹¹¹ – the last work in our language purely descriptive of these delightful islands, first appeared, and many changes have taken place in the intervening time, even in that land of slow progress.

I have endeavoured to adhere, as closely as possible, to the salutary precept laid down by La Fontaine, and to fill these pages with such matter only as an intending visitor might seek to learn. For much of the information herein given, relating to the early history of the islands, I am indebted to the laborious compilation ("Arquivo dos Azores") of the learned Dr Ernesto do Canto, and to the ably written "Observações sobre o Povo Michaelense" of Senor Arruda Furtado. I must also express my deep obligation to my talented friend, the Baron Das Laranjeiras, for the two excellent and faithful drawings he kindly made for me, and which I present exactly as received from him. I have, lastly, to thank the Proprietors of the "Graphic" for the illustrations taken from photographs they have permitted me to reproduce.

I can only add that, independent of the many objects of interest to the scientific and the curious which these islands present, they possess many attractions to certain classes of invalids, from the mildness and salubrity of the climate. Situated, as they are, in mid-ocean, they enjoy an even temperature, such as is vainly sought in the constant and capricious changes of our treacherous northern isle. I have, in the course of this work, sufficiently indicated the conditions of climate which prevail, and pointed out such as render the islands unfavourable for the cure of some of the "ills which human flesh is heir to". Whatever labour I have bestowed on the following pages, I shall consider well repaid if their perusal shall diffuse a more perfect knowledge of the islands among the travelling community, and at the same time afford a guide to the restoration of that inestimable blessing – health.

LONDON, 1886 (WALKER 1886: [iii]-iv).

O prefácio começa com três versos que o autor atribui ao fabulista francês Jean de La Fontaine (1621-1695). Trata-se de três dos primeiros quatro versos do epílogo do «Livre VI»:

ÉPILOGUE.

Bornons ici cette carrière:

Les longs ouvrages me font peur.

Loin d'épuiser une matière,

On n'en doit prendre que la fleur.

Il s'en va temps que je reprenne

Un peu de forces et d'haleine

Pour fournir à d'autres projets.

Amour, ce tyran de ma vie,

Veut que je change de sujets:

Il faut contenter son envie.

Retournons à Psyché. Damon, vous m'exhortez

A peindre ses malheurs et ses félicités:

J'y consens; peut-être ma veine

En sa faveur s'échauffera.

Heureux si ce travail est la dernière peine

Que son époux me causera!

(La Fontaine 1825, l: 237).

Neste paratexto rimado, o poeta afirma ter terminado a obra sobretudo para poder dedicar-se a outros projetos e outras atividades. Assim, o tema do pavor das obras volumosas, para além de ser uma retoma recorrente da literatura clássica, constitui uma citação bastante recortada que serve para justificar o volume reduzido da obra. Neste sentido, Walker deixa claro que pretende, antes de mais nada, oferecer um guia descritivo que deverá, em primeiro lugar, apresentar a mais bela ilha do arquipélago, a sua ilha natal. Neste âmbito, faz referência explícita às obras precursoras *A Winter in the Azores: and a Summer at the Baths of the Furnas de Bullar / Bullar (1841)* e *Natural History of the Azores or Western Islands* de *Godman (1870)*, *bem como o artigo semianónimo de R. M. D. (1878)*, *todas elas pertencentes à literatura de viagens (cf. Kemmler 2014, 2015, no prelo). Como fontes açorianas, Walker refere o opúsculo Materiaes para o estudo anthropologico dos povos acorianos: Observações sobre o povo michaelense* (cf. Furtado 1884) de Francisco de Arruda Furtado (1854-1887), bem como a famosa revista *Arquivo dos Açores: Publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana* (1878-1892), editada por Ernesto do Canto (1831-1900).¹¹² Para além disso, Walker faz questão de agradecer ao amigo Duarte Borges de Medeiros da Costa Araujo e Albuquerque, 3.º Barão das Laranjeiras (1851-1899), por lhe ter feito as duas gravuras (assinadas pelo próprio), nomeadamente «Tulhas or Toldas de Milho» (Walker 1886: 103) e «"Imperio do Espírito Santo", or Whitsuntide Celebrations» (Walker 1886: 117).

A obra de Walker, que começa com um «Introductory Chapter» (com as informações mais essenciais do ponto de vista geográfico, histórico e sobre os meios de transporte), é composta de 14 capítulos. Sendo verdade que o nosso autor sempre dá preferência a pitadas de informações históricas e naturalistas ao longo da obra, nos primeiros três capítulos dedica-se inteiramente a uma apresentação da história dos Açores, desde o mito de Atlântida, pelos descobrimentos até à modernidade. No capítulo IV o objeto de descrição é Santa Maria, sendo o resto do livro dedicado a São Miguel. Por ocasião da sua breve descrição a 'ilha mãe', Walker pronuncia-se sobre o falar dos marienses:

Originally from Estremadura and Algarve, in the south of Portugal, the inhabitants are honest and extremely gentle, and preserve in a greater degree than any of the other Azoreans the singular phonetic characteristics of the Portuguese language of the Medieval ages, which, though not without certain euphony, is nevertheless a source of considerable amusement to their more progressive brethren on the adjoining islands, who cannot reconcile its soft musical sounds with their own much harsher and cacophonous speech of to-day. On this account they enjoy the sobriquet of "Cagaros", and are considered the "Johnny Raws" of the Açores (Walker 1886: 38).

Para além de caraterizar o falar mariense como produto dos dialetos continentais meridionais portugueses históricos, que se distinguiria das outras variantes açorianas pela sua eufonia. Conta o autor micalense que os marienses terão ficado com a alcunha 'cagarro', devido ao canto destas aves marinhas que nidificam em Santa Maria. No âmbito de outra nota sobre Santa Maria na atualidade, Walker testemunha falta de educação na ilha, documentando a existência de somente quatro escolas básicas na ilha:

Education is much neglected here, there being barely four elementary schools for boys and one for girls, but even these are poorly attended. The trade of the island is insignificant, the average produce of pulse of all kinds being limited to some 6,000 to 7,000 quarters, and allowing little margin for export. Formerly some 200 boxes of oranges were made up, but these are now reduced to less than half and are never exported.

The inhabitants have for many years manufactured a common pottery for kitchen purposes, the chief merit of which consists in the graceful amphora shapes of many of the vessels made; these they export to the neighbouring islands, where it is a curious sight to see a large boat arrive from Santa Maria with a huge centre pile of this crockery, the articles being simply placed one upon the other without any packing, yet seldom does any breakage occur.

These vessels are painted, before being baked, with a coating of red ochre, thinly diluted in water, which imparts to them a bright colour and lustre. The clay used is exported to several of the other islands (Walker 1886: 42).

Pouco surpreendentemente, a pouca dimensão da economia mariense também não se lhe afigura inspiradora, sem grandes importações. A única mercadoria, de cuja exportação para as restantes ilhas do arquipélago manifesta conhecimento, é a da olaria de barro vermelho. No entanto, o nosso autor não somente refere a exportação de olaria cozida e pintada, mas também a das famosas 'bolas de barro', exportadas para aproveitamento do barro cru, sobretudo pelas olarias micalenses. Deixando de lado o capítulo V que se ocupa os Ilhéus das Formigas e o recife de Dollabarat, os restantes capítulos do livro são dedicados a São Miguel. Á semelhança da apresentação do arquipélago na sua totalidade, os capítulos VI e VII oferecem uma apresentação de São Miguel desde o ponto de vista histórico, geológico, zoológico e botânico. A seguir, os tópicos são abordados em conformidade com o percurso que a obra propõe. Como vemos na seguinte abordagem da substância predial em Ponta Delgada, o autor, apesar de ter nascido na cidade, oferece um olhar bastante crítico das casas tipicamente portuguesas:

The appearance of some of the principal streets, and the comfort of the dwelling-houses in them, is much impaired by many of the latter having their rez de chaussée occupied by unattractive shops, not always possessing the choicest of articles in stock; of course in the outskirts of the town, where most of the few English people here reside, this drawback does not occur.

The houses themselves, although in the bare and cold Tuscan style which characterises and disfigures Portuguese architecture in general, are solidly built of basaltic stone, with well-proportioned and lofty rooms.

The old Arabesque habit of narrowing the streets for shade, though possessing undeniable advantages in excessively hot climates, is altogether out of place in this temperate zone, and it is satisfactory to observe that, wherever possible, the islanders are substituting for these broad and handsome streets. The favorite old custom of securing to every house extensive gardens, even now tenaciously clung to, must have greatly impeded the planning of the city, and it is surprising how regularly laid out it is, comparing very favourably, both in this respect and in its cleanliness, with any town of similar dimensions in Portugal or any other European state (Walker 1886: 128).

Se bem que a observação sobre a coexistência das lojas com os espaços residenciais nos parece adequada, quer a comparação das casas com a região italiana da Toscana (onde o basalto tradicionalmente terá sido menos usado como material de construção das casas do que o xisto, o granito ou o tijolo), quer ainda a referência ao estilo aparentemente 'mourisco' de construção das estradas, somente parecem fazer sentido para leitores ingleses com o respetivo conhecimento (e preconceito) histórico e geográfico..

3.1 Os micalenses no espaço público e na sua privacidade

Dado que o traje típico da ilha seria uma das primeiras coisas que um visitante inglês podia ver, não admira que também Frederick Walker faça uma apresentação bastante detalhada do vestuário no espaço rural:

^[1] Nota de rodapé * em Walker (1886: [iii]): «In 1870 a valuable work on the "Natural History of the Azores," by F. du Cane Godman, was published by Van Voorst, and in the May number of "Fraser", 1878, a very able and accurate account of the islands appeared from the pen of R. M. D.»

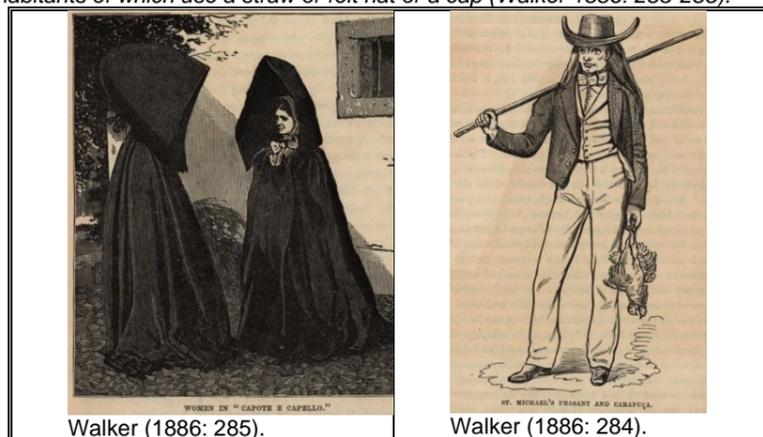
^[2] Realisticamente, Walker só pode ter conhecido os primeiros sete volumes, já que o sétimo volume foi publicado em 1885 e o oitavo em 1886.

Atas colóquio da lusofonia –

The costumes of the peasantry of the Açores, although less graceful and calculated to set off the figure than some of those of the provinces of Portugal, are nevertheless characteristic, and some exceedingly peculiar. The dress of a well-to-do St. Michael's farmer consists of coarse islandspun stuff, the trousers hempen and mostly white, the short "Eton" jacket, either blue or black, sometimes profusely semé with buttons; all splendour, however, being concentrated in the waistcoat, which is generally of some bright imported material, the shirt front being elaborately embroidered.

His head-covering is the singular carapuça, unique in its extravagant design, yet not altogether devoid of utility, for its immense frontal brim of half a foot in depth, terminating in crescent-shaped cusps, shades the face and even chest from the sun; from the close-fitting body of the hat (devoid at the back of any brim) falls a cape-like covering of fine cloth, effectually protecting the wearer's neck and shoulders from wet, advantages which may possibly compensate for its great weight. [...]

It is singular how, in the size and form of their carapuças, the people of the various, and particularly remoter villages in St. Michael preserve a species of ethnographical distinction, which extends to the entire group, the carapuças, especially of St. Michael, Terceira, and Madeira, differing so entirely as if they belonged to different planets, and a very interesting and good-sized volume might be written upon the strangely varying headgears of the inhabitants, both male and female, of this archipelago, the only exception being Graciosa, the inhabitants of which use a straw or felt hat or a cap (Walker 1886: 283-285).



Walker (1886: 285).

Walker (1886: 284).

De maneira muito mais pormenorizada do que vimos no âmbito do nosso estudo sobre *Among the Azores* de Lyman Horace Weeks (1882) em Kemmler (2018: 285-286), Walker não somente identifica o material usado no traje micalense (o linho), mas explica detalhadamente os elementos do vestuário. Assim, os homens vestem camisas de frente bordada, caças de linho brancas, bem como as jaquetas curtas de cor azul ou preta. Junto com estes elementos, usa-se a carapuça, que serve como chapéu e proteção da chuva. Quanto ao traje feminino, é da seguinte maneira que Walker explica e distingue entre os dois elementos de que este se compõe:

The capote and capello of the women also differ in every island, according to the taste and caprice of their respective inhabitants. The capote is an ample cloak reaching to the feet and made of dark blue cloth – infinitely too hot for such a climate as this, except on a cold wintry day. Surmounting this is a ponderous hood, the "capello", of the same material, kept expanded by means of whale-bone, and in which the head is completely lost. These capotes, being of a dark color, give the streets of the town a sombre and "subfusc" appearance whenever a large gathering of the better-to-do lower class takes place. A much more pleasing effect is created by the mixing together of the poorer people or country women, who, from poverty, affect a simpler, but brighter dress, and yet their great ambition is to possess a "capote e capello".

I took some pains to find out the origin of these singular head-dresses, but was unable to arrive at any satisfactory solution of the subject in the islands themselves, the universal answer to inquiries being that it "has been the custom to wear the capello and carapuça from time immemorial"; and as in no other part of Portugal are they worn, or even known [...] (Walker 1886: 285-286).

Para além de informar sobre as variedades regionais neste tipo de vestuário (de ilha para ilha) do 'capote', Walker explica que o capote é a capa comprida de tecido azul escuro. Para além disso, é de considerar o elemento mais visível deste traje, o 'capelo'. Feito do mesmo material, deve manter a cara fora de vista, sendo o espaço do capelo aumentado, segundo o nosso autor, por meio de um osso da baleia. Longe de rematar esta questão, o nosso autor constata que tanto a carapuça como o capote e o capelo não são usados nem conhecidos no continente português, pelo que em seguida procede a uma pequena investigação (aliás frustrada) sobre as possíveis origens destas peças do vestuário. Walker retrata os lavradores micalenses como trabalhadores e poupados, sendo estes pagos por dinheiro ou mesmo em espécie:

Like the peasantry of France, these islanders are industrious and thrifty; in the ordinary way, labourers earn 10d. a day, and, during harvest-time, as much as 1s. 8d. to 2s. 2d.; women and strong lads earning 5d. per day. In some country places wages are still paid in kind – generally about a gallon of maize per man per day. Contracts for labour in kind are also not infrequent; for instance, separating the maize from the cob, for the sake of the latter, for purposes of fuel, &c.; beating out the lupin seed for the straw; making a wicker basket or hamper for the quantity of maize it will hold (Walker 1886: 285-286).¹¹³

Ao contrário do que vimos em Baker (1882: 47-48, 75-76; cf. Kemmler 2017: 432, 436) e Weeks (1882: 27-28; cf. Kemmler 2017: 286-287), das duas cenas típicas da vida diária açoriana da época (buscar água às fontes e lavar a roupa) já só a última merece a atenção do nosso autor:

The Azorean lavadeira, or laundress, is the cleverest of all her troublesome kind, and has achieved the secret of sending linen home as white as it is possible to get it; in this she is greatly assisted by a usually bright, hot sun, but chiefly by the "barella" process.

Linen to be washed is put into the large open wicker basket of the country, and a thick wood-ash lye spread over it, then boiling water is every now and then poured over this, and allowed to percolate slowly through; after a sufficient soaking, the things are taken out and thoroughly washed in running water, and although violently beaten and rolled against the abraded surface of large stones, the destruction is less than the boiling process of our laundress tribe at home, and the alkaloid properties of the barella lye, infinitely more effectual (Walker 1886: 290-291).

Tal como antes dele fez Charlotte Alice Baker, Walker descreve de maneira muito detalhada como as lavadeiras micalenses procedem ao seu trabalho. Parece evidente que ao chamá-la 'the cleverest of all her troublesome kind', aproveita para prestar homenagem às lavadeiras micalenses que se dedicam a esta tarefa tão árdua. O que lhe merece especial atenção aqui é o facto de as lavadeiras usarem lixívia à base de cinzas para tratar a roupa, à qual, de vez em quando, adicionam água a ferver. Depois, a roupa lavada em água corrente e batida contra as pedras. No que respeita à oferta formativa, para Walter Frederick Walker o balanço é algo sóbrio:

Under the same roof is the Lyceo or Alma Mater, where the Ponta Delgada youth of the more necessitous middle class receive free instruction. In the entire archipelago there are only 125 elementary schools, of which S. Miguel possesses 41; but in respect of educational matters, very little progress has been made amongst the working class during the past 30 years (Walker 1886: 126-127).

Parece evidente que o próprio Walker nunca terá feito parte da classe trabalhadora micalense, para a qual constata a falta de escolas (e permanece a questão se terá frequentado o liceu). Considerando, porém, a evolução do sistema público português, pouco admira que em 1886 um número de 41 escolas básicas em São Miguel tenha parecido pouco, mas na realidade anteriormente à reforma de Jaime Moniz em 1894/1894 todo o sistema escolar português ainda sofria de fortes insuficiências...

3.2 A língua portuguesa

No que respeita à língua portuguesa, os apontamentos de Walker são bastante ocasionais. É, no entanto, de notar que ele, como um dos poucos dos nossos autores que dominava fluentemente o português, não somente escreve corretamente as palavras portuguesas (e sem recurso às letras itálicas) como se pode verificar ao longo das citações desta obra, mas também usa muitas vezes a palavra portuguesa 'Açores' em detrimento da forma inglesa 'Azores' (p. ex. Walker 1886: 4). Para explicar as formas onomásticas micalenses Walker oferece o seguinte esclarecimento

Although the peasantry possess surnames, they rarely, if ever, make use of them, preferring "alcnhas", or pseudonyms, which they are passionately fond of bestowing, and which have been known in course of time to altogether supersede the inherited patronymics, until the latter are completely lost. On the western side of the island, and more especially at Bretanha, a very singular custom exists of giving the sons, as surnames, the Christian name of the mother; thus, there are many men there whose only names are Antonio Claudina, Joao Carlota, Manoel Jacinta, &c., &c. This peculiarity was first observed by Snr. Arruda Furtado, who says it is confined to this part of the island. Perhaps in no country in Europe could such singular names be met with as in Portugal; one of the late port captains of Ponta Delgada, had as his surname, merely the letter O', and in the rua da Lapa, in Lisbon, there is a business firm established under the title of Espirito Santo & Co. (Holy Ghost & Co.), the principal having no doubt received the baptismal name of Espirito Santo. Another one trades under the name of Christo & Irmão. Numerous singular instances of the kind could be adduced (Walker 1886: 289-290).

Aqui, Walker limita as suas observações sobre as alcunhas quase exclusivamente aos apelidos derivados dos nomes das mães – como antes dele Furtado (1884: 21, nota de rodapé 1; 76) tinha constatado para a Bretanha. Como o nosso autor afirma que inúmeros exemplos poderiam ser aduzidos, parece evidente que tenha tido consciência da produtividade das alcunhas na sociedade com que convivia. Outro assunto que Walker considera importante é o das formas de tratamento:

¹¹³ Como fonte contemporânea do nosso autor, Furtado (1884: 15) oferece os seguintes valores salariais: «Os salarios do camponez regulam presentemente por 160, 200 e 240 rs. para os homens e 120 rs. para rapazes fortes e mulheres; no tempo das colheitas chega-se a pagar, na cidade e villas, cada jornal d'homem a 480 e a 600 réis. Em algumas aldeias o jornal é ainda pago a genero, quarta e meia de milho por dia (6 litros)».

Atas colóquio da lusofonia –

Probably no nation in Europe excels them in politeness and good breeding, an attribute traced to the influence of the Moors, the most chivalrous of people, who conquered and held Portugal for four centuries. They are great sticklers for etiquette; every lady in this country, of whatever rank, expects to be addressed as "excellency"; men too, if of the better class, and of slight acquaintance, vie as to who shall out-excellency the other. Thus is a distinction said to have been first used in the time of Constantine, and to have been addressed only to princes distinguished in war, now applied in Portugal to almost all classes. Outside this polite society, the less exalted "vossa senhoria" is used, more especially, by servants and menials to their masters and betters; these latter, addressing the former as "vossa merce", or its contraction "vosse", and more often by the familiar "tu". The absurdity of some of these forms are however better exemplified in the superscription of letters, which take the style of "Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Fulano de Tal", an address once given only to kings (Walker 1886: 293).

Estas anotações sobre as formas de tratamento não parecem somente extensivas a São Miguel, mas a todo país. Neste contexto, o aspeto mais interessante não nos parece ser o da 'excellencia', mas sim o uso de 'vossa senhora' no ambiente menos formal (de baixo para cima), ao passo que as pessoas com maior estatuto social tratariam as outras (de cima para baixo) como 'vossa merce', 'vosse' ou mesmo 'tu'. Parece evidente que o trecho documenta um câmbio sociolinguístico em curso.

3.3 As origens do Museu Carlos Machado

Ao demonstrar conhecimento de espécimenes museais, Walker testemunha conhecimento direto da coleção de história natural que o professor micalense Carlos Maria Gomes Machado (1828-1901) fundou em 1876 como *Museu Açoreano*:

In the extinct Augustine monastery, now known as the Graça, a spacious building erected in 1606, a very interesting natural history collection is being formed, which will prove invaluable to future students of Azorean fauna, &c. It already possesses some rare ornithological specimens found in this and neighbouring islands, and examples of fossil marine mullusca from Santa Maria. Here are to be seen the rare Sylvia atricapilla (touto vinagreiro), Pyrrhula murina (priolo), Oriolus galbula (papa figos), Plectrophanes nivalis (frigueiraõ), Otus vulgaris (mocho), and interesting examples of migratory and stray birds from the African or American continents, occasionally shot in the little-frequented lakes in the interior during winter time, and which must not be confounded with the local and permanent avifauna. Shells of the nautilus (N. pompilius and Ocythæ tuberculatus), occasionally picked up on the shore, are shown, but it is seldom that these beautiful objects are found entire on this iron-bound coast.

The chief curator is Dr Carlos Machado, to whom the honor is due of the inception of this useful institution. Aided entirely by private donations, and with the enthusiastic aid of his assistant, Sñr. A. de Vasconcellos, he has succeeded in collecting, preserving, and classifying in a more than creditable manner the finest assemblage of Azorean birds and natural history objects ever yet brought together.

Duplicates of these will be readily exchanged for examples from other countries, the limited means at the disposal of the curator preventing acquisitions by purchase (Walker 1886: 126-127).

O museu descrito sem dúvida é o que hoje é conhecido como *Museu Carlos Machado* (hoje obviamente já não no mesmo espaço como o liceu) que atualmente se encontra sob a tutela da Presidência do Governo Regional dos Açores, ou seja, da Direcção Regional da Cultura. É de crer que os elementos da coleção museal mencionados pelo nosso autor ainda hoje possam ser visitados em Ponta Delgada.

3.4 As «Island Melodies»

No fim da obra, encontramos seis «Island Melodies» de São Miguel com as respetivas *partituras*, nomeadamente «Canção ás Furnas» (Walker 1886: 323); «Lgrimas» (Walker 1886: 324-325); «O Grito do Descrido» (Walker 1886: 326-327); «A Vivandeira» (Walker 1886: 328-329); «O Guerrilheiro» (Walker 1886: 330-331); «A Saloia» (Walker 1886: 332-335).

4 Conclusões

Uma vez que o autor Walter Frederick Walker era completamente desconhecido à investigação moderna, conseguimos fechar a lacuna ao comprovar que nasceu no dia 21 de janeiro de 1846 em Ponta Delgada, sendo um dos doze filhos do *cirurgião britânico* Sanderson Walker (1790-1860) e da sua mulher Emma Henrietta Walker (em solteira Popplewell; 1806-1851). Não se sabe quando voltou à terra dos pais, mas conseguimos averiguar que casou em Clapham (Londres) no dia 24 de outubro de 1889 com Frances Anne Walker (em solteira MacDonnell; 1862-1943), com quem teve os dois filhos, Frances Louisa (1890-1971) e Frederick Benjamin Goddard (1903-1930). Walter Frederick Walter faleceu em Broadstairs (Isle of Thanet, Kent) no dia 17 de janeiro de 1924. Comerciante de profissão, Walker foi sócio da *Royal Geographical Society* desde 1874 e da *Society of Biblical Archæology desde 1882. Também foi* sócio da *Royal Society of Arts e da Sociedade de Geografia de Lisboa*.

No seu livro com o título extenso *The Azores or Western Islands: A political, commercial and geographical account, containing what is historically known of these islands, and descriptive of their scenery, inhabitants, and natural productions; having special reference to the eastern group consisting of St. Michael and St. Mary, the Formigas and Dollabaret Rocks; including suggestions to travellers and invalids who may resort to the archipelago in search of health*, o autor documenta, antes de mais nada, profundo e íntimo conhecimento da ilha de São Miguel e do seu povo. O mesmo pode ser afirmado sobre os conhecimentos que o autor tinha da língua portuguesa. Torna-se desde logo evidente que Walker estava sobretudo preocupado em fornecer um livro para futuros viajantes ao grupo oriental dos Açores, pelo que não se limita a observações pessoais (como autores anteriores), mas também procede à leitura e ao aproveitamento de fontes secundárias contemporâneas incontornáveis da época como *Materiaes para o estudo anthropologico dos povos acorianos: Observações sobre o povo michaelense* de Francisco Arruda Furtado (1854-1887), bem como o *Archivo dos Açores*, editado por Ernesto do Canto (1831-1900).

Nas suas descrições minuciosas de aspetos que julga serem importantes para visitantes da ilha de São Miguel, Walker oferece grande número de informações de natureza histórica, geográfica, geológica, biológica, económica, etc. Cremos que não será impertinente afirmar que o que mais caracteriza a sua obra é o tom tendencialmente mais sóbrio e mais objetivo do que encontramos noutros autores anglófonos do século XIX. Assim, ao contrário dos autores imediatamente anteriores (p. ex., Baker 1882; Weeks 1882), Walker prescinde de fazer descrições como as do interior das casas de lavradores micalenses. Isto parece só pertinente, uma vez que não visa fazer nenhuma narração de uma viagem empreendida, mas pretende antes oferecer um guia com as informações mais importantes e curiosas para futuros viajantes. Além disso, merece referência especial que o nosso autor, aparentemente tão interessado como competente em estudos naturais, parece ser o primeiro dos autores anglófonos oitocentistas a noticiar a criação do *Museu Açoreano* (1876), que hoje leva o nome do seu fundador Carlos Machado (1828-1901). No fim, encontram-se seis «Island Melodies» com as respetivas *partituras*, sobre as quais ainda não conseguimos obter mais informações.

Referências bibliográficas

1846, 1 August – Ponta Delgada, Bapñism Record of Walter Frederick Walker, son of Sanderson Walker and Emma Henrietta, born on 21 January 1846, "Portugal Batismos, 1570-1910," database, FamilySearch (https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:F2H7-Q32 : 10 February 2018), Walter Frederick Walker, 21 Jan 1846; citing , reference ; FHL microfilm 574,493. (última consulta: 8 de agosto de 2018).

1912, April 12 1889, October 24, – London, Marriage between Walter Frederick Walker and Frances Anne Mac Donnell, England, London, Parish Register, Holy Trinity, Clapham, 1889, p. 41, n.º 82, in:

https://search.ancestry.de/cgi-bin/sse.dll?db=LMAmarriages&h=2625370&indiv=try&o_vc=Record:OtherRecord&rhSource=60134 (última consulta: 8 de agosto de 2018).

1891, s. d., – London, Electoral Register for n.º 7475 Walter Frederick Walker, 7 Clapham Common, Northside, England, London Electoral Registers, 1847-1913, Borough of Battersea and Clapham: Clapham Division 1891, p. 226, in: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QS7-99FL-7WR6?i=224&cc=2228170 (última consulta: 8 de agosto de 2018).

1894, s. d., – London, Electoral Register for n.º 8873 Walter Frederick Walker, 7 Clapham Common, Northside, England, London Electoral Registers, 1847-1913, Borough of Battersea and Clapham: Clapham Division 1894, p. 263, in: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QS7-L9FL-99QD-3?i=263&cc=2228170 (última consulta: 8 de agosto de 2018).

1896, s. d., – London, Electoral Register for n.º 9521 Walter Frederick Walker, 7 Clapham Common, Northside, England, London Electoral Registers, 1847-1913, Borough of Battersea and Clapham: Clapham Division 1896, p. 293, in https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QS7-99FL-MSXM?i=299&cc=2228170 (última consulta: 8 de agosto de 2018).

1909, s. d., – London, Electoral Register for n.º 16248 Walter Frederick Walker, 7 Clapham Common, Northside, England, London Electoral Registers, 1847-1913, Borough of Battersea and Clapham: Clapham Division 1909, p. 442, in https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QS7-L9FL-MZ5W?i=465&cc=2228170 (última consulta: 8 de agosto de 2018)

1910, s. d., – London, Electoral Register for n.º 16336 Walter Frederick Walker, 7 Clapham Common, Northside, England, London Electoral Registers, 1847-1913, Borough of Battersea and Clapham: Clapham Division 1910, p. 449, in https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QS7-99F2-1CYP?i=471&cc=2228170 (última consulta: 8 de agosto de 2018)

1911, s. d., – London, Census for Walter Frederick Walker, 1911 Census, St Peter Intra, Lowerville, Kent, England, Broadstairs, Thanet, p. 331, [base de dados on-line], Provo: Ancestry.com Operations, Inc.

1912, April 12, – London, Marriage between Arthur Wilfred White and Frances Louisa Walker, England, London, Parish Register, Holy Trinity, Clapham, Lambeth, 1912, p. 1638, n.º 233, in https://search.ancestry.de/cgi-

bin/sse.dll?db=LMAmarriages&h=5270377&indiv=try&o_vc=Record:OtherRecord&rhSource=7579.

Anglín, João Hickling (1965-1970): «Os Açores ou Ilhas Ocidentais», [tradução da obra «The Azores or Western Islands» (1886) de Walter Frederick Walker]], em: *Insulana* 21 (1965) págs. 137-186; 22 (1966) págs. 140-209; 23 (1967) págs. 38-127; 24 (1968) págs. 178-224; 25 (1969) págs. 49-76; 26 (1970) págs. 118-158.

Archivo dos Açores: Publicação destinada á vulgarisação dos elemenos indispensaveis para todos os ramos da Historia Açoriana (12 volumes, 1878-1892).

Baker, C[harlotte] Alice (1882): *A Summer in the Azores with a glimpse of Madeira*, Boston; New York: Lee and Shepard, Publishers; Charles T. Dillingham.

Bullar, Joseph / Bullar, Henry (1841, I/III): *A Winter in the Azores: and a Summer at the Baths of the Furnas*, vol. I, London: John van Voorst [vol. II com as mesmas referências bibliográficas].

D., R. M. (1878): «The Azores», in *Fraser's Magazine* 17/101 (New Series; May 1878), págs. 556-568.

Furtado, [Francisco de] Arruda (1884): *Materiaes para o estudo anthropologico dos povos acorianos: Observações sobre o povo michaelense*, Ponta Delgada: Typ. Popular.

Godman, Frederick Ducane (1870): *Natural History of the Azores or Western Islands*, London: John van Voorst.

Henriques, M[anuel] Borges de F[reitas] (1867): *A trip to the Azores or Western Islands*, Boston: Lee and Shepard.

Kemmler, Rolf (2014): «A receção de A Winter in the Azores and a Summer at the Baths of the Furnas (1841) na imprensa contemporânea», em: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (2014): *Atas / Anais 2014 XXI Colóquio da Lusofonia, Terrace Café O Moinho, Porto Formoso, S. Miguel, Açores, 24-27 abril de 2014*, CD-ROM (ISBN 978-989-8607-03-4), pasta CD Atas2014Moinhos, ficheiro ATAS2014MOINHOS.pdf, págs. 299-309.

Kemmler, Rolf (2015): «A população de São Miguel em A Winter in the Azores: and a Summer at the Baths of the Furnas (1841)», em: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (2015a): *Atas / Anais 2014 XXIII Colóquio da Lusofonia: 27-31 março 2015Fundão* (Castelo Branco, Serra da Estrela, Portugal), CD-ROM (ISBN 978-989-8607-05-8), pasta 'DVD ATAS XXIII Fundao', ficheiro 'atas 2015 FUNDAO.pdf', págs. 201-212.

Kemmler, Rolf (2017): «Charlotte Alice Baker: A Summer in the Azores with a glimpse of Madeira (1882)», em: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia / Chrystello, Chrys (eds.) (2017): *Atas 28.º Colóquio da Lusofonia, Ano 2017 Vila do Porto, Ilha de Santa Maria, Açores, CD-ROM (ISBN 978-989-8607-10-2), pasta 'CD', ficheiro 'atas.pdf', págs. 420-451.*

Kemmler, Rolf (2018): «Lyman Horace Weeks: Among the Azores (1882)», em: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia / Chrystello, Chrys (eds.) (2018): *Atas 29.º Colóquio da Lusofonia – 2018, Belmonte, 27-30 março*, CD-ROM (ISBN 978-989-8607-11-9), pasta 'CD Atas', ficheiro '29 atas Belmonte2018.pdf', págs. 280-294.

Kemmler, Rolf (no prelo): «A população humana dos Açores na Natural History of the Azores or Western Islands (1870) do naturalista inglês Frederick Ducane Godman (1834-1919)», comunicação apresentada: *XXV Colóquio da Lusofonia, Pavilhão Multiusos, Montalegre, 21-25 de abril de 2016*.

Atas colóquio da lusofonia –

la Fontaine, Jean de (1825, I): *Fables de la Fontaine*, Nouvelle édition, précédée de l'éloge de la Fontaine par Chamfort, Tome premier, Paris: Parmantier.

Marshall, John (1833, IV/1): *Royal naval biography: or, Memoirs of the services of all the flag-officers, superannuated rear-admirals, Retired-captains, Post-captains, and commanders, Whose Names Appeared on the Admiralty List of Sea-Officers at the commencement of the year 1823, or who have since been promoted, Illustrated by a Series of Historical and Explanatory Notes, Which will be found to contain an account of all the naval actions, and other important events, from the commencement of the late reign, in 1760, to the present period, With copious addenda*, London: Printed for Longman Rees, Orme, Brown, Green and Longman.

PRGSL (1874): «Fifteenth Meeting (Anniversary), 1 P. M., June 22nd, 1874», em: *Proceedings of the Royal Geographical Society of London 18/5 (1873-1874)*, págs. 487-496.

PSBA (1882): «Fourth Meeting, 7th February 1882», em: *Proceedings by Society of Biblical Archæology 18/5 (1881-1882)*, págs. 55-72.

OHCR (1824) = «Births, Marriages, and Deaths», em: *The Oriental Herald and Colonial Review 1/2 (February 1824)*, págs. 381-382.

Rodrigues, Henrique de Aguiar Oliveira (2003): «O Hospital da Misericórdia de Ponta Delgada», em: *Insulana 59*, págs. 101-176.

Walker, Walter Frederick (1886): *The Azores or Western Islands: A political, commercial and geographical account, containing what is historically known of these islands, and descriptive of their scenery, inhabitants, and natural productions; having special reference to the eastern group consisting of St. Michael and St. Mary, the Formigas and Dollabaret Rocks; including suggestions to travellers and invalids who may resort to the archipelago in search of health*, London: Trübner & Co.

Weeks, Lyman H[orace] (1882): *Among the Azores*, Boston: James R. Osgood and Company.

SÓCIO FUNDADOR DA AICL

PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020.

VOGAL DA DIREÇÃO DA AICL

FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.

TOMOU PARTE NO 14º COLÓQUIO EM BRAGANÇA 2010, 15º EM MACAU 2011, 16º SANTA MARIA (AÇORES) 2011, 17º LAGOA (AÇORES) 2012, 18º NA GALIZA 2012, 19º MAIA 2013 (AÇORES), 20º SEIA 2013, 21º EM MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES), 22º SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015, 24º NA ILHA GRACIOSA (AÇORES) 2015, MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 29º BELMONTE 2018

35. SÉRGIO ÁVILA, BIÓLOGO, UNIV. DOS AÇORES CONVIDADO DE HONRA



SÉRGIO ÁVILA avila@uac.pt n. Lajes do Pico, 1 de novembro de 1967

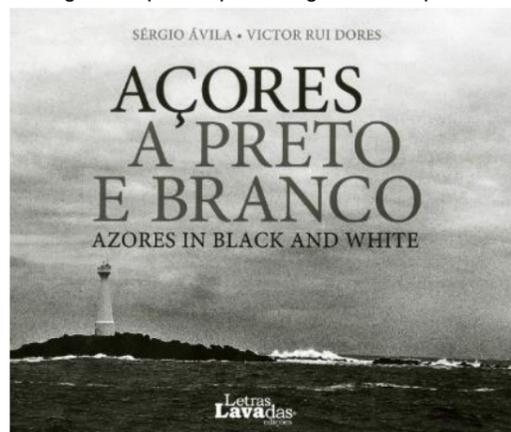
Natural da ilha do Pico (Açores), Sérgio Ávila é Mestre e Doutor em Biologia pela Universidade dos Açores.

Especializado em Biogeografia e Paleontologia de ecossistemas marinhos litorais, interessa-se também pelos fenómenos evolutivos em ilhas oceânicas e em montes submarinos. É autor de 105 livros, capítulos de livros e artigos em revistas internacionais e nacionais e já proferiu mais de 70 comunicações orais em Congressos Científicos Internacionais. Participou em cerca de 40 expedições científicas nos Açores, Madeira, Canárias e Cabo Verde, e organizou nos Açores 15 Workshops internacionais para estudar os fósseis da ilha de Santa Maria, bem como Congressos internacionais relacionados com esta temática.

Desde junho de 1998 que colabora com a Secção de História Natural do Museu Carlos Machado na atualização da classificação taxonómica da coleção de moluscos marinhos dos Açores. Em 1999 iniciou na Universidade dos Açores a investigação na área da Paleontologia, da qual é o atual responsável, liderando uma equipa de 14 investigadores. É o vice-diretor do grupo de investigação “CIBIO-Açores”.

Desde 2014 que coordenou e produziu, em conjunto com o realizador José Serra, programas de televisão relacionados com a divulgação da Ciência efetuada nos Açores:

É o coordenador científico da “Casa dos Fósseis” em Vila do Porto (Santa Maria), tendo sido também o responsável pelos conteúdos da exposição permanente deste Centro de Ciência inaugurado a 19 de setembro de 2016. Nos tempos livres (que agora escasseiam), dedicou-se à música, tendo sido o fundador dos TUNÍDEOS – Tuna Masculina da Universidade dos Açores). Foi durante muitos anos o maestro desta Tuna e coproduziu o 2º CD dos TUNÍDEOS, “Ao Vivo e Enlatado”. É o autor da música “Cidade”, o hino oficial da cidade de Ponta Delgada. A paixão pela fotografia é um passatempo antigo, tendo realizado a sua primeira exposição individual em agosto de 1987, na vila das Lajes do Pico. Desde então já efetuou 14 exposições individuais nos Açores e em Portugal Continental.



VILA DO PORTO 2017

Bibliografia

Publicou dois livros de fotografia:

A Balada das baleias (com textos de Ermelindo Ávila e Sidónio Bettencourt);

Açores a Preto e Branco (com textos de Victor Rui Dóres).



É autor de vários livros:

“Parque Natural Regional da Plataforma Costeira das Lajes do Pico (Açores). Proposta de implementação” (2000),
“A Balada das baleias” (fotografia) (2007),
“Açores o Império dos Fósseis” (2009),
“Os fósseis de Santa Maria (Açores) – A jazida da Prainha” (2010),
“Lajes do Pico – À ban-baxe-muro” (2011),
“PaleoPark Santa Maria” (2013) e
“Açores a Preto e Branco” (fotografia) (2017).

Desde 2014 que coordenou e produziu, em conjunto com o realizador José Serra, programas de televisão relacionados com a divulgação da Ciência efetuada nos Açores:

2014: Os Fósseis de Santa Maria – Açores (4 episódios de 30 minutos);

2015: Sete Cidades: da lenda à realidade (grande reportagem de 57 minutos);

2016: Santa Maria, a ilha que nasceu duas vezes (27 minutos);

2016: Jovens Cientistas dos Açores (12 episódios de 10 a 14 minutos).

2017: Ribeira Grande: a Cidade dos moinhos (grande reportagem de 60 minutos)

PUBLICAÇÕES DOS ÚLTIMOS ANOS: Número total de publicações: 51

(2005), A.C. Santos A.M. Penteado, A.M. Rodrigues, I. Quintino & M.I. Machado. “The molluscs of the intertidal algal turf in the Azores”. *Iberus*, 23 (1): 67-76.

(2005). “De onde vieram os moluscos litorais dos Açores?” Palestra no Clube Naval de Santa Maria, 21 mai

(2005). “Patterns and Processes of Dispersion, Colonization and Speciation in Oceanic Islands: the marine littoral molluscs of the Azores as a case-study”. 5 palestras efetuadas no CIBIO, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 17 fevº.

(2005). “Probable routes of colonization of the islands of the Azores: patterns and processes of dispersion and colonization of the littoral marine molluscs”. Congresso Português de Malacologia. Albufeira, Portugal, 5: 16-17

(2005). “Processos e Padrões de Dispersão e Colonização nos Rissoidae (Mollusca: Gastropoda)”. Tese de Doutoramento. Universidade dos Açores. Ponta Delgada, x + 327

(2005) Cardigos, F., A. Colaço, P. R. Dando, P.-M. Sarradin, F. Tempera, P. Conceição, A. Pascoal & R. Serrão Santos. Characterization of the shallow water hydrothermal vent field communities of the D. João de Castro Seamount (Azores). *Chemical Geology*, 224: 153-168

(2006) Cardigos F., Tempera, J. Gonçalves, A. Colaço & R. S. Santos. Invasive Marine Species in the Azores. *Helgoland Marine Research*, 60(2): 1-10

(2006). Oceanic islands, rafting, geographical range and bathymetry: a neglected relationship? In: Hayden, T.J., D.A. Murray & J.P. O’Connor (Eds). Proceedings of the 5th international symposium on the fauna and flora of Atlantic Islands. Dublin, 24-27 August 2004. Occasional Publication of the Irish Biogeographical Society, 9: 22-39

(2006) Madeira, P., 2006. Jazidas Fósseis. In: Calado, H., J. Porteiro, M. Pereira & A.Z. Botelho (Coordenação Científica). Plano de ordenamento da Orla Costeira – Santa Maria. Fase I – Caracterização e Diagnóstico. LITOSOST: Gestão Sustentável do Desenvolvimento Social, Económico e ecológico das Áreas Litorais da Macaronésia: 74-76

(2007) Kirby, M.X., D.S. Jones. Neogene shallow-marine paleoenvironments and preliminary Strontium isotope chronostratigraphy of Santa Maria Island, Azores. In: & A. M. De Frias Martins (Eds.): Proceedings of the “1st Atlantic Islands Neogene”, International Congress, Ponta Delgada, 12-14 June 2006. Açoreana, Suplemento 5: 112-125

(2007). A balada das baleias com Ermelindo Ávila e Sidónio Bettencourt. Ed. VerAçor

(2007) Estevens, M. Fossil whales from the Azores. In Ávila, S.P. & A. M. De F. Martins, (Eds.), Proceedings of the “1st Atlantic Islands Neogene”, International Congress, Ponta Delgada, 12-14 June 2006. Açoreana, Suplemento 5: 140-161

(2007) Madeira, P., A. Kroh, A.M. De Frias Martins. The marine fossils from Santa Maria Island (Azores, Portugal): an historical overview. In: & A. M. De Frias Martins (Eds.): Proceedings of the “1st Atlantic Islands Neogene”, International Congress, Ponta Delgada, 12-14 June 2006. Açoreana, Suplemento 5: 59-73

(2007) & A. M. De Frias Martins (Eds.) Palaeontology in Atlantic Islands. Proceedings of the 1st Atlantic Islands Neogene, International Congress. Açoreana, Supplement 5: 1-172

(2007) Calado, H. & P. Madeira. The Coastal Zone Management Plan of Santa Maria as a chance for fossiliferous outcrops management. In: & A. M. De Frias Martins (Eds.): Proceedings of the “1st Atlantic Islands Neogene”, International Congress, Ponta Delgada, 12-14 June 2006. Açoreana, Suplemento 5: 162-172

(2007) F. Cardigos & R. S. Santos. Comparison of the community structure of the marine molluscs of the “Banco D. João de Castro” seamount (Azores, Portugal) with that of typical inshore habitats on the Azores archipelago. *Helgoland Marine Research*, 61: 43-53

(2007). Diving in the middle of nowhere D. João de Castro, a shallow seamount with hydrothermal vents (Azores: Portugal). *Global Marine Environment*, 5: 35

(2007) P. Madeira, F. García-Talavera, C. Marques Da Silva, M. Cachão & A. M. De Frias Martin. *Luria lurida* (Mollusca: Gastropoda), a new record for the Pleistocene of Santa Maria (Azores, Portugal). *Arquipélago*, 24:53-56

(2008) P. Madeira, C. Marques Da Silva, Mário Cachão, B. Landau, R. Quartau & A.M. De Frias Martins. Local disappearance of bivalves in the Azores during the last glaciation. *Journal of Quaternary Science*, 28: 777-785. doi.wiley.com/10.1002/jqs.1165

(2008) P. Madeira, N. Mendes, A. Rebelo, A. Medeiros, C. Gomes, F. García-Talavera, C. Marques Da Silva, M. Cachão, C. Hillaire-Marcel & A. M. De Frias Martins. Mass extinctions in the Azores during the last glaciation: fact or myth? *Journal of Biogeography*, 35: 1123-1129

(2008) Janssen, A.W., A. Kroh. Early Pliocene heteropods and pteropods (Mollusca, Gastropoda) from Santa Maria Island (Azores, Portugal): systematics and biostratigraphic implications. *Acta Geologica Polonica*, 58: 355-369

(2008) Kroh, A., M.A. Bitner. Brachiopods from the Early Pliocene of the Azores (Portugal). *Acta Geologica Polonica*, 58:473-478

(2008) P. J. Melo, A. Lima, A. Amaral, A. M De Frias Martins & A. Rodrigues. The reproductive cycle of the rissoid *Alvania mediolittoralis* Gofas, 1989 (Mollusca, Gastropoda) at São Miguel Island (Azores, Portugal). *Journal of Invertebrate Reproduction & Development*, 52: 31-40

(2009), com Monteiro, Pedro. Açores. O Império dos Fósseis. 272 pp. Porto, ed. Caixotim.

(2009) P. Madeira, C. Zazo, A. Kroh, M. Kirby, C. M. Da Silva, M. Cachão & A. M. De Frias Martins. Paleocology of the Pleistocene (MIS 5.5) outcrops of Lagoinhas and Prainha. *Palaeogeography, Paleoclimatology, Paleocology*, 274: 18-31

(2009) Martins, A.M. De F., J.P. Borges, A.C. Costa, P. Madeira & B. Morton. Illustrated checklist of the infralittoral molluscs off Vila Franca do Campo. Açoreana, Suplemento 6: 15-103

(2009) C. Marques Da Silva, R. Schiebel, F. Cecca, Thierry Backeljau & A. M. De Frias Martins, How did they get here? Paleobiogeography of the Pleistocene marine molluscs of the Azores. *Bulletin of the Geological Society of France*, 180: 295-307

(2009) R. Martins, J.P. Constância, A.Z. Botelho, J. Medeiros, M. Toste, M. Parente & R. Cordeiro. Livro de Resumos “I Congresso dos Biólogos dos Açores”, 56 pp. Conselho Regional dos Açores da Ordem dos Biólogos, Ponta Delgada

(2009). Geologia e os fósseis. In: Publiçor (Eds.). Açores. Santa Maria, a Ilha Amarela. Publiçor Editores, Ponta Delgada: 16-23

(2010) J. Goud & A. M. De Frias Martins. Patterns of diversity of the Rissoidae (Mollusca: Gastropoda) in the Atlantic and in the Mediterranean region. *Malacologia*

(2010) Braga-Henriques, A., M. Carreiro-Silva. F. Porteiro, V

Ver artigo [CATÁSTROFES NATURAIS AÇORES](#)

TEMA 3.5 Megatsunamis, aquecimentos globais e outros que tais: a resposta da Paleontologia

Trabalho final não recebido

TOMOU PARTE PELA PRIMEIRA VEZ NO 28º COLÓQUIO VILA DO PORTO 2017

36. SÉRGIO REZENDES, HISTORIADOR, IHC – INSTITUTO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA, CONVIDADO DE HONRA

Sérgio Alberto Fontes Rezendes nasceu em 21 de abril de 1975, em Ponta Delgada, cidade onde sempre viveu e estudou.

É Licenciado em História e Ciências Sociais (Via Ensino) e Mestre em Património, Museologia e Desenvolvimento pela Universidade dos Açores, com a tese “A Grande Guerra nos Açores: Memória Histórica e Património Militar”. Entre 2001 e 2010 foi subdiretor do Museu Militar dos Açores tendo passado pelo Museu Militar de Lisboa e Arquivo Histórico Militar, onde realizou arquivística.

Atualmente é professor do Colégio do Castanheiro em Ponta Delgada.

É Doutor em *História Insular e Atlântica (séculos XV-XX)* pela Universidade dos Açores com o tema de dissertação “Receios, privações e miséria num ambiente de prevenção armada: ecos da II Guerra Mundial nos Açores.” É assessor científico do Museu Militar dos Açores, colaborador da Comissão Coordenadora da Evocação do Centenário da I Guerra Mundial e do Centro República, e investigador do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa. Dos vários cursos ou ações complementares que detém, destacam-se as intervenções arqueológicas ao nível do Mesolítico e curso Intensivo de Iniciação à Arqueologia Subaquática.

Pelo despacho nº 1.311/2014, de 30 de julho de 2014 da S.R. da Educação e Cultura da RAA, foi nomeado membro da Comissão Científica e Pedagógica responsável pelas orientações curriculares e metodológicas da *Disciplina de História, Geografia e Cultura dos Açores* e pelo despacho nº 30/SEADN/2014 da Defesa Nacional, como vogal da Comissão de Turismo Militar dos Açores.

Áreas de Investigação - História Militar Açoriana:

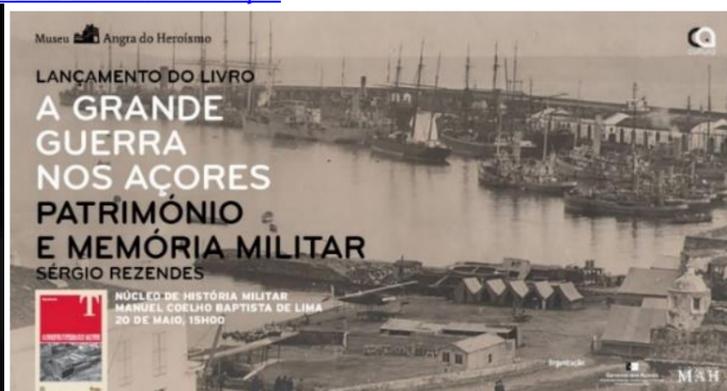
- Fortificação da Idade Moderna;
- I Guerra Mundial nos Açores;

- II Guerra Mundial nos Açores;
- A Guerra Fria nos Açores;
- Campos de prisioneiros nas ilhas.

- Património e Museologia:

- O Património Imaterial das ilhas: crenças, medos e religiosidade;
- O Património Imóvel e Religioso das ilhas: repercussões na emigração Santacatarinense (Brasil);
- O Património Imóvel e Móvel: a constituição de roteiros por freguesias e a construção de núcleos museológicos locais.

Registo ORCID [0000-0002-8821-709X](https://orcid.org/0000-0002-8821-709X) 2017/2018 - em atualização



. srezendes@hotmail.com

Alguma bibliografia:

- (1999). "O Depósito de Concentrados Alemães na Ilha Terceira, as memórias de uma reclusão forçada," Insulana vol. LVII. Ponta Delgada, ICPD: 67-143
- (2003). "O Depósito de Concentrados Alemães em Angra do Heroísmo". Jornal do Exército nº 524 dezº 16-18.
- (2004). "A História de uma mudança atual: a transferência do B.I.I. nº 18 para o quartel dos Arrifes em S. Miguel". Boletim do Regimento de Guarnição nº 2, nº 2- II Série, junº: 89-96
- (2004). "Anais da História do Regimento de Guarnição nº 2: o 2º Batalhão Independente de Infantaria nº 18, Expedicionário a Angola 1946". Boletim do Regimento de Guarnição nº 2 II Série, junº 97-105.
- (2004). "A Bateria de Costa de Ponta Delgada". Jornal do Exército nº 525 janº: 12-16
- (2004). "O Alto da Mãe de Deus em Ponta Delgada". Atlântida vol. XLIV. Angra do Heroísmo, IAC: 93 a 122
- (2005). "O convento de S João". Insulana. ICPD nº 61: 15-38
- (2006). "Ao serviço da Nação". Motociclismo jan.º nº 177. Motopress Lisboa
- (2007). "O património fortificado na ilha Terceira: o passado e o presente", Conferência Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo, 25 julº,
- (2008). "A bateria da Castanheira em Ponta Delgada: da II Guerra à atualidade". Atlântida vol. LIII. Angra do Heroísmo IAC: 207 a 222
- (2008). "A Grande Guerra nos Açores. Memória Histórica e Património Militar". Tese de Mestrado. Texto Policopiado. Universidade dos Açores.
- (2009). "A fortificação da idade moderna nos Açores: o caso específico das ilhas de São Miguel, Terceira e São Jorge", V Bial de Turismo Rural Atlântico 15-17 outº
- (2010). "O Museu Militar dos Açores e a fortaleza quinhentista de São Brás em Ponta Delgada", VI Seminário Regional de Cidades Fortificadas, 1º Encontro Técnico de Gestores de Fortificações, Univ. Federal de Santa Catarina, Floripa, 31 mar - 2 abr,
- (2010). "A fortificação da idade moderna nos Açores: o caso específico das ilhas de São Miguel, Terceira e São Jorge", VI Seminário Regional de Cidades Fortificadas, Universidade Federal de Santa Catarina, Floripa, Brasil, 31 mar a 2 abr,
- (2010). "As fortificações militares da idade moderna: as ilhas dos Açores como ponto de transição para o Brasil", palestra de Mestrado, Universidade de Univille, em Joinville, Santa Catarina, 2 abr.
- (2010). "Memórias de uma avó: Água Retorta nos tempos de uma menina", II Congresso Internacional A voz dos Avós: Migração e Património Cultural, Fundação Pró Dignitate
- (2010). "A Grande Guerra nos Açores", Palestra na Biblioteca Municipal de Ponta Delgada 9 junº
- (2010). "O depósito de concentrados alemães na ilha Terceira 1916-1919: Memórias de uma reclusão forçada", I Jornadas Luso-alemãs, 12 novº, Universidade dos Açores.
- (2010). "A Grande Guerra nos Açores: aspetos da evolução político-militar", Congresso A República e as ilhas: História e Memória, 17 dezº CEGF e Universidade dos Açores.
- (2010). "Em memória de um Ás da aviação nos Açores". Jornal do Exército nº 592, fevº, Exército Português: 20-23
- (2010). "O motociclo militar", Frontline, nº 22, maio, HV-Press, Lisboa, 42-46
- (2010). "Um hospital da II Guerra Mundial, nos Açores", Frontline nº 19, fevº, HV-Press, Lisboa, 42-46.
- (2010). "A fortificação da Idade Moderna nos Açores: o caso específico das Ilhas de São Miguel, Terceira e São Jorge", Insulana, ICPD
- (2011). "Ou-139 e a odisseia dos marinheiros do Augusto De Castilho: A Grande Guerra Nos Açores no âmbito das II Jornadas Luso-alemãs", palestra 11 novº, Dept.º de Línguas e Literaturas Moderna. Universidade dos Açores
- (2011). "A Grande Guerra Nos Açores: aspetos da evolução político-militar", Palestra 5 abr, Colóquio Internacional "Os Açores, a 1ª Guerra Mundial e a República Portuguesa no contexto Internacional", Angra Do Heroísmo, Terceira.
- (2011). "O Farol Da Ferraria na senda do futuro: do passado ao presente", Palestra 27 novº, Comemorações dos 110 anos Marinha de Guerra Portuguesa
- (2011). "Os Açores na II Guerra Mundial: a ação da 5ª coluna e o tiroteio nas Capelas". Boletim Do Regimento De Guarnição nº 1, III Série, junº: 61-68.
- (2012). "A Arquitetura Militar Dos Açores", palestra 15 junº Turismo Cultural e Arqueologia, org. Direção Regional do Turismo, Arqueomac, Madeira
- (2012). "Os Açores nos primórdios da aviação: dos primeiros contactos às viagens de exploração alemãs, palestra 18 maio". 3ª Jornadas Luso-alemãs, Univ. dos Açores
- (2012). "O Jornal O Templo: o papel de uma mulher no tempo das nossas avós", III Congresso Internacional "A Voz dos Avós: Gerações e Migrações", Univ. dos Açores
- (2012). "Memória de uma avó: Água Retorta nos tempos de uma menina". A Voz Dos Avós. Migração, Memória e Património. Cultural. Colóquio; Fundação Pro Dignitate, Gráfica de Coimbra 2, Lisboa: 193-208
- (2012). "As fortificações militares na idade moderna, os casos de São Miguel e Santa Maria". Palestra 15 ago. Biblioteca Municipal de Vila do Porto
- (2012). "As fortificações militares na idade moderna. as ilhas dos Açores como ensaio da experiência portuguesa: o caso da Graciosa". Palestra 21 ago Centro Cultural da ilha Graciosa.
- (2012). "German Technology in the Azores between the two World Wars", Seminário Internacional "German Science in Southern Europe" FCSH-UNL
- (2012). "Os Açores a ligar o mundo: do cabo telegráfico do séc. XIX À TSF da 1ª metade do séc. XX", Seminário Internacional "Ligar o Mundo", IHC, FPC.
- (2013). "Os Açores, A 1ª Guerra Mundial e a República Portuguesa no contexto internacional", 1º Congresso 1ª República e Republicanismo, org. CEIS 20, Universidade de Coimbra, IHC, FCSH-UNL
- (2014). "Os Açores, A 1ª Guerra Mundial e a República Portuguesa no contexto internacional, seminário internacional "As relações transatlânticas entre a Europa, a América e as ilhas do Atlântico", Centro de Estudos de Arqueologia Moderna e Contemporânea (CEAM), Vila do Porto, Açores.
- (2014). "Os Açores entre Guerras", II Encontro A Europa no Mundo, A Europa entre Guerras 1919-1939, UNL
- (2014). "A Lagoa e a I Guerra Mundial nos Açores: ecos e memória da I república nas relações transatlânticas", Jornadas De História Local, Cineteatro Lagoense, Lagoa
- (2014). "A Grande Guerra nos Açores: aspetos da evolução político-militar", "Small power is a power? the role and resilience of small and medium powers during the Great War 1914-1918", Palestra 30 setº, Instituto De Defesa Nacional, Lisboa.
- (2014). "A Gripe Espanhola nos Açores: Memória e património durante a grande Guerra", 2º Congresso 1ª República E Republicanismo, Biblioteca Nacional, Lisboa
- (2014). "A grande Guerra nos Açores e a concentração de prisioneiros alemães na ilha Terceira", Prisoners of war in the twentieth century, actors, concepts and changes, FCSH-UNL, Lisboa
- (2014). O Depósito de Concentrados Alemães em Angra do Heroísmo, Açores, Prisoners of war in the twentieth century, actors, concepts and changes, FCSH-UNL, Lisboa
- (2014). A Tecnologia Alemã nos Açores entre as duas guerras mundiais, A angústia da influência. política, cultura e ciência nas relações da Alemanha com a Europa do Sul 1933-1945. Frankfurt. Peter Lang Edition

Atas colóquio da lusofonia –

(2014). “A Grande Guerra nos Açores: aspetos da evolução político-militar” Anais do Clube Militar Naval, julº dezº, Lisboa: 521 - 567.

(2014). A Grande Guerra Nos Açores: Memória Histórica e Património Militar, Letras Lavadas, Ponta Delgada.

(2015). “A Fortificação da idade moderna nos Açores: o caso da ilha das Flores, das fortificações militares ao Geoturismo: Património Histórico, Cultural e Ambiental da ilha das Flores”, 9.º Encontro Cultural, Associação dos Amigos da Ilha das Flores.

(2015). “A Grande Guerra nos Açores e a concentração de prisioneiros alemães na ilha Terceira”, palestra 20 junº Museu Militar dos Açores, Ponta Delgada

(2015). “Lieutenant Walter S. Poague, of the US Marine Corps: an American view of Azores in 1918”, Seminário Turismo, Lazer E Guerra, IHC, FCSH-UNL, Lisboa

(2015). “A I Guerra Mundial nos Açores: aspetos da evolução político-militar”, palestra 4 julº Museu da Graciosa, Açores

(2015). “A Ilha Graciosa durante a II Guerra Mundial 1939-1945”, palestra 6 julº. Museu da Graciosa, Açores.

(2015). “À Conversa... Santa Maria nas duas guerras mundiais”, palestra 23 julº Biblioteca Municipal de Vila do Porto

(2015). “O bombardeamento de Ponta Delgada na Grande Guerra”. Debater a História nº 7, Vila Nova de Gaia: 50-58.

(2015). “Os Açores, a 1ª Guerra Mundial e a República Portuguesa no contexto internacional”, in República e Republicanismo, Lisboa, Ed. Caleidoscópio: 221-226.

(2016). “Os Açores, a 1ª Guerra Mundial e a República Portuguesa no contexto internacional”, Congresso Internacional A Guerra no Mar: combates e poder naval nos sécs. XIX e XX, IHC, Centro Cultural de Cascais.

(2016). “Os Açores na II Guerra Mundial”, A Rádio de ontem, a rádio de hoje, Colóquio comemorativo dos 75 anos do Emissor Regional dos Açores (RDP), SATA, BPARPD

(2016). “A Emissora Nacional e os Açores na II Guerra Mundial”, Seminário de Investigação Permanente Grupo Economia, Sociedade, Património e Inovação, IHC

TEMA 3.5. Ecos da II Guerra Mundial nos Açores: Receios, privações e miséria em ambiente de prevenção armada. Sérgio Rezendes Doutor em História Insular e Atlântica (séculos XV – XX)

Isolados no Atlântico Norte, os Açores sempre padeceram em contexto de luta pelo domínio dos mares.

Durante a II Guerra Mundial, esta realidade não foi diferente.

A interação das autoridades civis e militares perante uma mudança imposta por pressões exteriores evidencia a especificidade e vulnerabilidade do seu povo mediante fatores de ordem externa e interna, anómalos ao país e induzidos pela guerra: bloqueio económico, falta de matérias-primas, de géneros alimentares, rarefação dos transportes, inflação, mercado negro, quebra de poder de compra e agitação social, entre mais.

Com uma mobilização ímpar, as ilhas teriam graves dificuldades em sustentar a presença de um vasto contingente militar, que distribuído pelas três principais ilhas teria como função defende-las independentemente das lacunas materiais e alimentares, humanas e financeiras.

A reconversão do dispositivo militar, de paz para guerra, sobrecarregado pelas facilidades concedidas a povos estrangeiros, agravou ainda mais uma economia dependente do exterior, expondo as ilhas a fatores como o bloqueio económico e a guerra submarina.

Perante um Estado com poderes excepcionais, e autoritário, os militares e o povo conheceriam a rarefação, a insegurança e o encarceramento dos transportes, exemplos das múltiplas variáveis que assolariam o arquipélago e que fariam da capacidade de sacrifício dos açorianos, e de entendimento entre instituições, mais do que uma virtude: uma cumplicidade.

Os Açores como centro da Civilização Ocidental: preâmbulo à II Guerra Mundial.

Contextualização que merece reflexão será a da posição das ilhas no advento do que o comandante militar dos Açores em 1939/40, general Ernesto Machado, considerou ser a ameaça aérea e nas comunicações. Na sequência da I Guerra Mundial, os Açores acabaram por estar no centro geográfico de um mecanismo internacional capaz de assegurar a paz pela interposição de organismos de negociação e arbitragem entre as potências desavindas, ou seja, a Sociedade das Nações. A I Guerra Mundial fora tudo o que não se esperava que fosse, desde o início. De uma guerra supostamente rápida e que arrancara de papéis interministeriais rapidamente levada para a rua, ficou carate rizada por extremos, soberbas e orgulhos que poderiam ter sido estagnados antes do onze de novembro de 1918. Mas prevaleceu a ideia de uma vitória total apesar de Thomas Woodrow Wilson com os seus catorze pontos, procurar evitar a humilhação e eventual repetição do conflito. A entrada dos EUA na guerra terminou com um equilíbrio mundial europeu, que remontava aos descobrimentos e ao fim do império napoleónico, fazendo prevalecer as ideias iluministas de democracia, segurança coletiva e autodeterminação, em contraponto com uma velha Europa dominada por monarquias centenárias. O novo conceito de equilíbrio após a guerra já não devolveu o protagonismo à França, mas sim dividiu-o pelos países aderentes à Sociedade das Nações, criando um desequilíbrio na Europa central, entre uma Alemanha destruída e ávida de justiça e uma França vencedora, disciplinadora, mas extremamente vulnerável politicamente, economicamente e militarmente.

As doutrinas de W. Wilson quanto à autodeterminação e à segurança coletiva deixou muitos diplomatas europeus a trabalhar num campo desconhecido até então no velho continente, sendo a sua opinião de que não era a autodeterminação dos povos que causava as guerras, mas sim a sua impossibilidade, bem como a busca por um poder estabilizador nas respetivas áreas de influência. A resposta era uma paz coletiva, acima dos interesses nacionais e que envolvesse uma conceção legal a uma escala internacional. Foi esse o conceito base que conduziu à Sociedade das Nações, organismo cujos membros tinham a obrigação de resistir à agressão, independentemente da sua origem, penalizando todas as nações que rejeitassem a solução política de disputas. Apesar de não ser original, a arte de W. Wilson residiu na forma como reinterpretou o conceito e o apresentou aos seus parceiros, promovendo-o intimamente à ideia de uma liga de nações que mantivesse inviolável a segurança e usufruto das grandes vias marítimas e a criação de um código de conduta para a guerra, para que não se iniciasse sem termos, aviso prévio ou conhecimento de causa dos parceiros mundiais.

Encontrava-se desenvolvida a noção de uma *Civilização Ocidental* que trespassava fronteiras entre americanos e europeus, e que seria alimentada por Walter Lippmann, um jornalista único na América e sem paralelo na Europa, que se bateu pelo conceito de uma comunidade atlântica em que não só os povos estavam interligados sentimentalmente, mas também por necessidade. No centro desta ligação, geograficamente e culturalmente estão os Açores. Segundo W. Lippmann, a *comunidade atlântica* era resultado da geografia, da cultura e da necessidade, e apesar da neutralidade ser algo positivo, não poderia haver uma desresponsabilização total por parte dos países dessa coletividade, quando atacada. Tal como W. Wilson, W. Lippmann era simpatizante da França e das ideias de Pacifismo. Contudo, num dos seus melhores artigos, explica o seu conceito de *comunidade atlântica*, ou seja, o de uma civilização constituída à volta do oceano Atlântico, interligada por laços que pressupõem que um ataque a um dos seus membros se torna extensível à forma de ser civilizacional dessa coletividade, logo também aos Estados Unidos da América. Os Açores são apanhados no centro desta teia conceptual durante os anos de 1920 e 1930, quer do ponto de vista da aviação quer das comunicações, já a um nível muito diferente da era anterior à I Guerra Mundial, tornando-se um importante ponto no controlo das áreas centrais à *Batalha do Atlântico* na II Guerra Mundial. Para além da evolução técnica na navegação transoceânica, os Açores depararam-se nessas duas décadas com uma corrida tecnológica em que a aviação e transporte de correio aéreo constituem o seu melhor exemplo, acompanhado de pertinentes melhorias nas comunicações via cabo e rádio, entre 1920 e 1950.

Com pensamentos e ideias similares a W. Wilson, W. Lippmann fortaleceu a posição do presidente americano, ao mesmo tempo que serviu de inspiração à construção da visão atlanticista traduzida na Sociedade das Nações e nos Catorze Pontos. Na sua crónica no *New Republic*, em fevereiro de 1917, declarou que os interesses americanos na Europa estavam em linha com os dos aliados pelo que se devia entrar na guerra não propriamente para proteger a grande via comercial que o Atlântico representava, mas acima de tudo para preservar o conjunto de interesses desta comunidade cujas necessidades e objetivos eram idênticos. Justificava-se a luta na sua defesa. Este ponto de vista acabou por cair num certo esquecimento conceptual, mas não tecnológico nas décadas seguintes, voltando à ribalta com a II Guerra Mundial. Nunca antes da I Guerra Mundial haviam sido feitos planos do ponto de vista militar conjuntos entre as duas margens do Atlântico, tendo em conta uma ameaça coletiva. Com a Sociedade das Nações, colocavam-se grandes e pequenas nações a debater as mesmas ideias, problemas e soluções, abrindo-se também a oportunidade de as fazer conversar regularmente sobre problemas transnacionais (e transatlânticos) como as comunicações, os transportes, a agricultura, os direitos e patentes, entre outros.

No pós I Guerra Mundial, e entre os meios mais informados sabia-se que era uma questão de tempo até a Alemanha se reerguer. O comandante chefe francês Ferdinand Foch diria que o Tratado de Versalhes não era de paz mas sim “[...] um armistício por vinte anos [...]”¹¹⁴ e o Estado-Maior terrestre inglês também o reconheceu em 1924, prevendo que em dez anos a Alemanha se iria levantar politicamente, livrando-se dos grilhões do tratado assinado em 1919. Entretanto, homens com visão como Gustav Stresemann, reorganizavam o calendário de indemnizações fazendo com que entre 1923 e 1928 a Alemanha recebesse de ajuda externa dois mil milhões de dólares, dos quais mil milhões reverteram como indemnizações de guerra e os outros mil milhões para a modernização da indústria alemã. Outra personalidade que alterou a situação da Alemanha relativamente às potências vencedoras foi Adolf Hitler que segundo Henry Kissinger, teve os seus grandes triunfos na política externa nos primeiros anos no poder, baseando a sua linha de ação numa pseudo-aproximação do tratado à sua ideologia. Foram, pois, estes os anos em que se afirmou a tecnologia alemã, não só no contexto da guerra civil de Espanha como na corrida pela travessia do Atlântico Norte, fazendo da *Deutsche Lufthansa* uma companhia amplamente conhecida por parte dos açorianos.

Contudo, este interesse não se resumia apenas à questão aérea. A passagem de um dos mais emblemáticos navios de prospeção oceanográfica no mar dos Açores em 1935, o *Meteor* da Kriegsmarine, numa missão secreta; a visita de heróis de guerra ou de notáveis do regime nazi como o Conde Felix Graf von Luckner, o almirante Karl Dönitz ou Werner von Blomberg, Ministro da Guerra do Reich em 1937, demonstram que as ilhas não se resumiam a meros pontos logísticos e comerciais para as futuras nações beligerantes. O arquipélago e o seu mar continuavam a ser, à semelhança do passado, importantes pontos de apoio para a execução dos projetos militares durante o conflito.

A instalação de uma base aeronaval americana em Ponta Delgada em finais de 1917 já o havia comprovado, apesar de desativada pouco tempo depois à travessia do *NC 4* em maio de 1919, contra a vontade do seu comandante, o Almirante Herbert O. Dunn. Contudo, o seu legado perduraria na memória de Franklin Delano Roosevelt que a visitou a 16 de julho de 1918, planeando a conquista do arquipélago ainda antes do ataque a Pearl Harbour (1941). Nos anos subsequentes à I Guerra Mundial, as ilhas revelaram-se como importantíssimas para ambas as margens do oceano, sendo tocadas, a título de exemplo, por Charles Lindbergh; Francesco De Pinedo; Lilly Dillenz; Ruth Elder; Ítalo Balbo e Frank Courtney com o seu *Dornier Do J Wal*. Outros casos que não se podem deixar de mencionar, são o do *Dornier Do X*, o *Zephir* da *Deutsche Lufthansa*, os *Breguet-bisert* franceses da 1ª Esquadra Ligeira do Atlântico e claro está, o *Graf Zepellin*, sendo também de evocar a memória de casos de menor sucesso, como o do piloto polaco Ludwik Idzikowski, vítima de acidente em 1929, na Graciosa. Muitos mais haveria a referir, inclusive de pioneiros da aviação portuguesa, mas mais importante do que a passagem destes vultos e máquinas, são as ilações que permitiram o estabelecimento das primeiras rotas comerciais transoceânicas para o transporte de passageiros com a *Pan American Airways* e os seus *Yankee Clipper*, ou para o correio, com a concorrente *Deutsche Luftansa* e os seus aviões catapulta. *Air France*, *Air Italia* e a *Imperial Airways* seriam outros exemplos de companhias cuja corrida à travessia regular do Atlântico, tiveram nos Açores uma paragem obrigatória, visando um conjunto de ensinamentos que seriam adaptados e desenvolvidos durante e após a II Guerra Mundial.

Todo este conhecimento foi colocado em prática pela *Deutsche Lufthansa*, companhia que mais diretamente e assiduamente utilizou o porto da Horta em voos experimentais nos anos de 1936, 1937 e 1938. Neste período e a seguir aos Estados Unidos da América, era a Alemanha que se encontrava tecnicamente mais bem preparada para ligar as duas margens do Atlântico. Desde 1936 que a *Deutsche Lufthansa* procurava desenvolver um avião da *Focke-Wulf* capaz de atingir os Estados Unidos sem paragens, desdobrando os seus esforços paralelamente a uma rota de correio através dos Açores, com recurso a navios catapultas que utilizavam a Horta como apoio logístico. Nesse ano chegou a Ponta Delgada o primeiro destes navios com um dos novíssimos *Dornier Do-18*, o *Zephir*, que levantou voo rumo a Nova

Atas colóquio da lusofonia –

lorque a onze de setembro de 1936. Com o seu sucesso, estabeleceu-se uma carreira de transporte de correio aéreo entre Berlim e aquela cidade americana embora com paragens em Lisboa, nos Açores e no navio-base *Schwabenland* estrategicamente posicionado no Atlântico. Em 1937, o *Zephir* e o *Aeolus*, um segundo *Dornier* utilizado no transporte rápido de correio, foram substituídos por dois quadrimotores *Blohm und Voss Ha 139*, também lançados por intermédio de catapultas, atingindo o primeiro deles, o *Nordwind*, Nova lorque a 23 de agosto de 1938. Os navios *Schwabenland* e *Friesenland*, que alternavam na missão, utilizaram o porto da Horta como base de apoio. De acordo com alguns autores, entre 1937 e 1938, foram realizados 40 voos de ida e volta entre os dois continentes, com os *Blohm und Voss Ha 139*: *Nordwind*, *Nordmeer* e *Nordstern*, chegando-se a instalar um radiofarol na ilha das Flores para o seu apoio.

Da mesma forma como se confrontavam no estabelecimento de recordes e rotas aéreas, os futuros beligerantes fizeram circular (e parar) no arquipélago, alguns dos mais emblemáticos navios de guerra do seu tempo, caso do porta-aviões britânico *HMS Furious* entre 26 de fevereiro e 10 de março de 1934; o *Karlsruhe* da Kriegsmarine em 1934; o *Emden* em 1935 ou o *U-28* entre 22 e 27 de janeiro de 1937. São exemplos dos vários navios de guerra que visitaram o arquipélago em ações de reconhecimento e propaganda dos seus regimes durante estas décadas, à semelhança de outras nacionalidades como a francesa e a italiana, a última também com projetos para a central dos cabos telegráficos na Horta. A partir de agosto de 1938, as ilhas podiam já ser atacadas por via área, dado o desenvolvimento pela *Lufthansa* do desejado *Focke-Wulf Condor* com autonomia para realizar o voo entre Berlim e Nova lorque em 25 horas. Aviões de eleição para um possível ataque alemão aos Açores, foram vistos durante o conflito ao largo da costa portuguesa, tendo uma esquadilha saudado o Presidente da República Portuguesa, o general Óscar Carmona, na sua visita às ilhas em 1941, ou quiçá, sobrevoado ilhas como a Graciosa em noites de nevoeiro.

Durante os anos de 1920/1930, os Açores conheceram também um importante reforço na área das comunicações que ultrapassou a importância dos cabos submarinos que na Horta, ligavam esta *Civilização Ocidental*, passando-se de um sistema arcaico de antenas TSF ligeiramente anterior à I Guerra Mundial, a uma potente estação inglesa na ilha de São Miguel em 1918 ou à instalação nas Flores, de um rádio farol em 1938 e uma estação de grande potência da Marinha de Guerra Portuguesa, na Horta (1933). Com ligações internacionais, era complementada com uma estação Marconi em São Miguel (1939). A existência de uma rádio da *Pan-Am* na Horta (1942) evidencia as sinergias nas tecnologias das comunicações, marítimas e aéreas nos Açores. Nestas benfeitorias, e por último, mas não menos importante, destaca-se a realização de importantes melhorias no porto de São Miguel na segunda metade da década de 1930, tornando-o em conjunto com o do Faial, os únicos portos capazes de auxílio internacional. A sua utilidade foi amplamente comprovada no apoio a navios em apuros, durante o conflito de 1939 – 1945.

A expressão máxima desta união da *Civilização Ocidental* com os Açores fez-se sentir durante a II Guerra Mundial com a criação de dois aeródromos em São Miguel e Terceira em 1941, inicialmente para usufruto português, mas extensivos a partir de 1943 às forças inglesas, com unidades terrestres que foram reforçadas no socorro a náufragos e transporte de correio com uma de aeronáutica naval, portuguesa, sediada no Centro de Aviação Naval de Ponta Delgada. Mais tarde, mas ainda durante o conflito, foi autorizada a criação de uma terceira base, agora americana, em Santa Maria, desenvolvendo-se um dos mais importantes aeroportos mundiais na fase final do conflito, dado o seu uso como placa giratória de tropas americanas de regresso a casa, visando o prolongamento do conflito no Pacífico.

Esta evolução técnica refletia o interesse de assegurar, de uma forma rápida e permanente, as ligações entre a comunidade ocidental e transatlântica à volta dos Açores, em especial após o abandono alemão do Tratado de Versalhes. Os Açores, à semelhança de outros importantes pontos logísticos, tornaram-se numa meta a atingir, fosse pela necessidade de assegurar o domínio do Atlântico Norte central ou projetar de forças rumo à outra margem, como a pretensão alemã à conquista do EUA previa, ou mesmo em caso da queda de Gibraltar e saída da marinha italiana para o Atlântico com o objetivo de destruir as rotas mercantes oriundas das colónias africanas. Basicamente e do ponto de vista civil, os açorianos acabaram por assistir a uma corrida tecnológica aguardada já desde 1914, no que concerne à aviação, que marcou o futuro ao estabelecer rotas aéreas permanentes para o transporte de correio, carga e passageiros, acompanhada de muito perto pela melhoria das comunicações e acessibilidades portuárias numa importância geoestratégica que ainda hoje se mantém.

Os Açores entre 1939-1945.

Associado à manutenção do equilíbrio e dualidade ibérica, bem como a integridade do império ultramarino, Portugal durante a II Guerra Mundial viu-se forçado a defender a importância estratégica dos Açores. Fronteira entre continentes, os beligerantes viam no arquipélago a possibilidade de estabelecer bases para apoio dos seus planos militares, privilegiando-o como área de charneira entre as margens do Atlântico Norte. A proteção do cabo telegráfico inglês, a viabilização dos comboios marítimos e a cobertura aérea das rotas eram razões mais do que justificadas para uma invasão inglesa às ilhas, equacionadas como uma alternativa a Gibraltar caso caísse sob domínio alemão. Dos 27 planos ingleses destacam-se a Operação *Brisk*, o plano *Rainbow 5* americano e a possível execução da Operação *Félix* alemã, que previa a ocupação dos Açores para domínio do Atlântico norte, como um eventual ataque aos Estados Unidos da América (EUA). Mediante este cenário, o Estado criou uma comissão liderada pelo Brigadeiro Ernesto Machado para a instalação de baterias de defesa de costa, de implementação lenta até à queda da França. Já com o Comando Militar dos Açores (CMA) em Ponta Delgada (1939), Ernesto Machado equacionou o papel das ilhas no progresso da aviação e na sensibilidade mediterrânica.

Com as tropas alemães nos Pirenéus e intrigas políticas em Espanha, os rumores de uma iminente invasão ao país e às ilhas, conduziu ao reforço das guarnições insulares em outubro de 1940. Paralelamente à diplomacia portuguesa, desenvolve-se o fortalecimento militar do Império, recebendo o arquipélago cerca de 26.500 soldados expedicionários que em conjunto com os locais, rondaram os 30.000 a 32.000 homens, distribuídos por São Miguel, Terceira e Faial. Cada ilha deveria defender-se por si, apoiando as restantes se possível. Aguardava-se um ataque convencional de tropas aerotransportadas e anfíbias em simultâneo contra os portos e aeródromos, com tentativas de desembarque em diversos pontos das ilhas. Para o contrariar, criou-se um vasto programa de obras de defesa junto ao litoral e linha interior, reforçados com a instalação de meios antiaéreos. Em caso de ocupação, o Exército devia passar à resistência ativa até ao esgotamento dos meios, seguindo-se a guerrilha, a cessar por ordem do governo. As únicas exceções ao domínio militar nas ilhas guarnecidas foram Santa Maria e Graciosa, no primeiro caso em virtude da instalação do aeroporto americano e no segundo, provavelmente para preparar a ilha como reserva geral de alimentação (1944/1945).

O sucesso alemão levou à necessidade de assegurar a neutralidade e soberania no arquipélago, iniciando-se o reforço a partir de finais de 1940, pautando-se os anos de 1941 e 1942 pela consolidação do dispositivo e 1943, por acertos e substituições. Apoiado pelos beligerantes, visava negar o uso a qualquer interveniente no conflito e servir de reduto ao governo, ameaçado no continente. Ao plano de defesa de 1940, sucedeu-se o de 1943, ordenando-se a defesa a todo o custo contra qualquer ameaça, reajustando-se um dispositivo militar que atingiu três quartéis-generais; cinco comandos de regimento; 19 batalhões de infantaria e um de engenharia; três companhias de atiradores independentes e duas de acompanhamento regimental; 24 baterias de artilharia; 10 companhias de engenharia independentes e três esquadilhas de aviação. O ano de 1942 foi capital pelo clímax que se vivia na Batalha do Atlântico e a efetivação do dispositivo militar nos Açores, agudizando-se no período entre novembro de 1942 e setembro de 1943, fase em que os porta-aviões de escolta americanos, entre outros motivos, afastavam os submarinos e reabastecedores alemães, retirando alguma pressão na ocupação das ilhas.

Subsiste a dúvida se as Forças Armadas conseguiriam impedir a invasão dos EUA, marcada e confirmada pelo presidente Franklin Roosevelt para 22 de junho de 1941. Em desenvolvimento, o dispositivo militar nas ilhas não estava em condições de os repelir, principalmente se na primeira linha viessem os brasileiros, que apelando para as raízes culturais e emigração, tal como os americanos, poderiam quebrar a resistência açoriana. Os americanos, apenas duvidavam se tomariam todas as ilhas de uma só vez. A operação seria cancelada perante a indicação que no mesmo dia, a Alemanha iniciaria a frente soviética.

O segredo e a censura eram fulcrais na luta contra a 5.º coluna, responsável por um Estado de Sítio em São Miguel em 1942 (3 a 7 de abril). Na polémica opinião do comandante militar dos Açores, interino, existia um amplo plano de ataque que urgia destruir, o que poderá estar na origem precoce da Repartição de Censura Postal e Telegráfica nas ilhas (1942-1945), que conheceu duas fases distintas: o antes e o depois do convénio anglo-luso, otimizada por duas portarias em 1943 e pela criação da Direção da Censura Militar em Lisboa. Já em fase de facilidades concedidas à Inglaterra, a sua ação foi relevante no encerramento dos consulados e nas comunicações dos alemães, compulsivamente convidados a um retiro nas Furnas durante o crítico momento do desembarque das tropas estrangeiras, suspendendo e selando os postos rádio, ou assumindo os da Rádio Marconi. Ficaram as comunicações asseguradas pelo cabo submarino e o delegado da Direção de Censura à Imprensa do Ministério do Interior passou a subordinado do CMA.

O dispositivo do CMA não previa o ataque de um inimigo específico, mas considerava que ao ser desencadeado, haveria a colaboração de forças amigas. Em outubro de 1942 a ameaça pairava sob a forma de dois blocos, um anglo-americano assente em expedições por mar com o apoio de fortes forças navais e aeronavais, com elementos de forças aerotransportadas e um segundo, do eixo, baseado em incursões por mar e ar, de objetivo limitado e ataques por submarinos à navegação. Previa-se o lançamento de tropas paraquedistas no interior ou na imediata retaguarda das Posições de Resistência (PR) junto ao litoral, e o forçamento da frente marítima, precedida e acompanhada por intensos bombardeamentos aéreos e marítimos. O CMA atuaria à maior distância do litoral, em especial contra os navios de transporte de tropas, construindo para além das PR nas três principais ilhas, baterias de defesa de costa em Ponta Delgada e Horta (15 cm, CTR) para proteção dos portos, reforçadas por material de menor calibre, fixo ou móvel, de costa, de campanha e antiaéreo (AA, em missão alternativa), caso das 9,4 cm m/1940 responsáveis pela defesa das cidades e sob a orientação da Defesa Territorial Contra Aeronaves (Comando de Aeronáutica).

Perante o avanço inimigo, entraria em ação uma segunda linha de defesa cuja missão prioritária era a proteção contra ataques aéreos e deposição de tropas paraquedistas, reforçada pela Reserva Geral posicionada no interior das ilhas, que apoiaria o contra – ataque das PR interiores e à retaguarda das do litoral. Aumentando a profundidade do contra-ataque em caso de rutura da defesa litoral, barrar-se-ia também o desembarque inimigo em áreas secundárias antes da chegada às áreas de capital importância. Em caso extremo, cabia à Reserva Geral a resistência final, tão prolongada quanto possível em redutos estudados com o propósito de ganhar tempo.

A organização da defesa estava a cargo do Comandante Militar dos Açores, por acumulação, Comandante Militar de São Miguel, apenas se individualizando em 1942. O seu reduzido quadro em 1940 passou a dispor de General e Quartel-General reforçado nesse ano, replicando-se nas restantes duas capitais de distrito, com menores patentes. Superintendendo a defesa do arquipélago, o CMA podia interferir diretamente nos comandos subalternos, e como Comandante em Chefe das Forças instaladas nos Açores, a Carta de Comando (1943) previa para além da elaboração do plano de operações e a condução das operações; o governo militar do arquipélago; a alteração da Ordem de Batalha; a nomeação, exoneração ou transferência do pessoal militar ou civil como a convenções, tréguas ou suspensão que não envolvessem preliminares de paz, mediante esgotamento de forças ou autorização do governo. Com superintendência e jurisdição militar sobre os órgãos de Segurança Pública, podia tutelar as delegações da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, a Guarda-fiscal, a Legião Portuguesa, os CTT, a Censura Prévia e a mão-de-obra, assumindo em emergência a tutela dos organismos corporativos e de coordenação económica. Gestor em quaisquer circunstâncias da importação de material de guerra ou aprovisionamentos, fixaria o *preço justo* nas requisições aos organismos de coordenação económica. Em caso de agressão e não estando presente todo ou parte do governo, coordenaria as autoridades civis assessorado pelos comandos nas outras ilhas, por sua vez divididas em três comandos de setores e subsetores. O Comando Militar de Santa Maria seria um caso à parte, surgindo em meados de 1944 como resultado da necessidade de acompanhar a construção do aeroporto americano.

Em virtude da insuficiência de bases e efetivos, a Marinha e a Aeronáutica acabaram por fazer recair sobre o Exército a maior parte da responsabilidade na defesa. O Comando de Defesa Marítima dos Açores (CDMA) criado em 1941 deixou de estar subordinado ao CMA a partir de 1942, pautando-se por relações de colaboração e de estreita ligação. Quando em emergência, o Comandante Militar dos Açores, como Comandante em Chefe da Defesa do Arquipélago coordenaria todas as ações das forças armadas, tendo no CDMA, o Comando Superior das Defesas Marítimas. No notável esforço da Marinha, destaca-se a ação de navios como o *NRP Lima* no apoio a náufragos e da Aviação Naval que iniciou operações em dezembro de 1940 com os primeiros passos rumo à constituição de uma base aeronaval em Ponta Delgada. Um contingente de *Grumman G-21-B* e *Avros 626* passaram a operar em condições precárias em 1941, melhoradas com o Centro de Aeronáutica Naval em 1943. À missão de transporte de correio, vigilância, busca e salvamento, juntou-se a de levantamento fotográfico em articulação com o hidrográfico *NRP D. João de Castro*. A Estação Radio-meteorológica da Marinha da Horta (1933) complementava-a ao executar os serviços de meteorologia; radiotelegrafia; radiogoniometria e radiofarol, apoiando marinheiros, pilotos, pescadores e a frota bacalhoeira através da telefonia do farol das Lajes (Flores), o *Posto Rádio Naval* (1938). Retransmitidos em Monsanto, os seus boletins integravam os serviços meteorológico dos beligerantes, tendo ainda estações em São Miguel e Santa Maria.

A defesa aérea conheceu duas Esquadilhas de Caças (Aeronáutica Militar) que desembarcaram no verão de 1941 em Ponta Delgada, estacionando a n.º 1 no aeródromo de Santana e a n.º 2 em Lajes, Terceira, dispondo de três postos de rádio. Com a missão de reconhecimento à distância, podiam abater aviões hostis pela seguinte ordem: transporte de tropas, caças, bombardeiros e reconhecimento. Seguia-se em cooperação com o Exército, o ataque a navios inimigos (em especial, transporte de tropas); o desembarque não autorizado ou objetivos terrestres ocupados pelo inimigo em ilhas não guarnecidas. Por último, daria escolta a transportes e desembarque de tropas portuguesas na eventualidade de mudança de ilha, protegendo os navios da Marinha em missões de reconhecimento e combate.

Atas colóquio da lusofonia –

Em 1943, quando a vitória se inclinava para os aliados, Portugal mudou a política internacional nos Açores para uma Neutralidade Colaborante, até mesmo porque o xadrez político já mudara desde 1940. Após negociações, em finais de 1943 instalaram-se nas Lajes os primeiros aviões do *Contingente Britânico*, facultando aos ingleses o uso do aeródromo de Santana e os portos de Ponta Delgada e Horta. Por não ter dimensão suficiente para ser utilizada por aviões pesados, o governo autorizou o prolongamento da pista das Lajes por parte de forças americanas a partir de julho de 1944, embora já trabalhassem desde janeiro a coberto de uma pseudo-missão de apoio às tropas britânicas. O ponto alto das facilidades aos EUA foi a autorização para a construção de um aeroporto em Santa Maria, obtendo-se em contrapartida a libertação e reconhecimento da soberania em Timor. Passível de ser utilizado a partir de agosto de 1944, tornou os Açores numa das mais importantes placas giratórias do mundo.

Sobre dependência dos comandos militares de cada ilha (1943), os comandos distritais da Legião Portuguesa (LP) ficaram encarregues da organização da Defesa Civil do Território, organizando os socorros, as evacuações, os alertas contra ataques aéreos, a ocultação de luzes, a regularização do trânsito e a defesa de centros vitais como os das comunicações, economia de defesa ou terrenos abordáveis pelo ar, como os locais de concentração de estrangeiros. A LP preparou as populações, assegurando a vigilância ao longo da costa e interior em cooperação com os militares, partilhando-a nas ilhas não guarnecidas com a Marinha. Contava com a cooperação da Guarda-fiscal e da Polícia de Segurança Pública, em especial a partir do estado de alerta e alarme.

Os estados de preparação para o combate compreendiam três graus: prevenção, alerta e alarme. Os últimos dois possibilitavam o assumir dos poderes das autoridades civis pelos comandos de ilha, pelo que na prática existiu alguma ingerência militar em assuntos laicos, acatada pelos governadores civis por ordem do Ministério do Interior. Na área das comunicações, destaque foi dado aos CTT e à Rádio Marconi dada a exploração da rede telefónica e rádio, uma das poucas vias de contacto com a República, a par com a TSF da Marinha e do cabo telegráfico.

Em finais de 1944 e já ultrapassada a fase mais ameaçadora para a Península Ibérica, ocorreu progressivamente a desmobilização das tropas, mais intensa entre abril de 1945 e janeiro de 1946. O impacto dos expedicionários foi profundo e por vezes complexo, desde os casamentos, gastronomia, hábitos e costumes, até à exploração dos recursos e emprego das gentes locais nas obras e serviços militares, que representaram um investimento de cerca de 65.000 contos (ou 33 milhões de euros em 2005¹¹⁵), deixando mais-valias em infraestruturas, alugueres, vencimentos e comércio. Com algumas exceções, as relações com as populações foram positivas, transmitindo segurança e promovendo melhorias das condições económicas como emprego, água canalizada, roupa, alimentos e donativos. Algumas unidades participaram em programas radiofónicos do Emissor Regional, criado para a preparação da moral em caso de ataque, divulgando a cultura e as belezas locais, unindo o país a uma só voz. Pelas freguesias, fizeram-se torneios de natação e remo; arraiais e feiras à moda do continente, festivais desportivos, bailes, recitais, saraus dançantes e desfiles militares, destacando-se neste período, a receção ao Presidente da República (1941) numa visita de reforço à moral e soberania nacional.

A população e o caso do Pico.

O contexto bélico foi excessivamente grave para os açorianos, que isolados, padeceram pelo domínio do Atlântico. A interação das autoridades perante uma mudança imposta por pressões exteriores evidencia a especificidade e vulnerabilidade do arquipélago mediante fatores de ordem externa e interna, anómalos ao país e induzidos pelo conflito: falta de matérias-primas, géneros alimentares, rarefação dos transportes, inflação, mercado negro, quebra de poder de compra e agitação social, entre outras. Com uma mobilização ímpar, as ilhas tiveram graves dificuldades em sustentar a presença de um vasto contingente militar cuja missão era defende-las independentemente das lacunas materiais, alimentares, humanas e financeiras. A reconversão do dispositivo de paz para a guerra, sobrecarregado pelas facilidades concedidas a estrangeiros e a falta de sensibilidade financeira do Estado agravaram ainda mais uma economia dependente do exterior, expondo as ilhas a fatores como o bloqueio económico e a guerra submarina. Perante um governo com poderes excecionais e autoritários, os militares e o povo conheceram a rarefação, a insegurança e o encarecimento dos transportes, exemplos das múltiplas variáveis que assolaram o arquipélago e que fizeram da capacidade de sacrifício dos açorianos e do entendimento entre instituições, cúmplices.

A análise à ilha do Pico durante o período de 1939 a 1945 tem como base as atas das comissões executivas dos municípios da Madalena e das Lajes. Apesar das diligências, não foi possível obter as de São Roque, por se encontrar a edilidade encerrada, acreditando-se por paralelismo com outras câmaras dos Açores, ter vivenciado uma realidade similar à de Lajes de Pico. Uma especial palavra de homenagem a Ermelindo Ávila, decano do jornalismo Açoriano, vogal e autarca da câmara lajense durante o período em análise, cujo amizade e conhecimento permitiu descortinar muito do material em estudo.

Em inícios da II Guerra Mundial, a Câmara Municipal (CM) da Madalena fazia contas às notas finais da Conferência Económica do distrito, realizada entre 28 de maio e 25 de agosto de 1939. Findara um mau ciclo económico de três anos, graças à ação de um executivo que saldara muitas dívidas do concelho, assegurando a realização de várias e desejadas obras, por exemplo no cemitério. Em discursos oficiais, o presidente da Comissão Executiva retratava um concelho abandonado pelo Estado, apesar da ode feita à obra de Salazar e do Estado Novo. Destacava a evolução nas finanças, com o apoio do governador civil da Horta, cujo resultado permitia algum conforto e progresso entre os munícipes. O orçamento ordinário de 1940 refletiu os bons auspícios da conferência económica, atingindo uma receita e despesa equilibrada embora sem margem para obras não previstas, refletindo-se na modesta cerimónia de encerramento do duplo centenário, basicamente um discurso e lanche servido às crianças da escola e aos legionários. A administração deste município pautou-se por uma gradual melhoria nas receitas até 1943, assente num comércio florescente. Posicionada em frente à Horta, a Madalena abasteceu um Faial sobrepovoado com mais 4.000 soldados expedicionários, e respetivos solípedes e muares que os acompanharam, conhecendo algum comércio com a visita de muitos em gozo de licença e eventualmente algum contrabando, nomeadamente com unidades navais alemães em trânsito próximo à ilha. Apesar da possível passagem de alguns deportados políticos, as forças de segurança eram parcas, mesmo que reforçadas neste período pela vigilância área e marítima por parte da Legião Portuguesa, sendo normalmente asseguradas pelos autarcas, Guarda-Fiscal e delegações da capitania.

Reforçado a partir de finais de 1940, a crise de subsistências no Faial possibilitou o desenvolvimento da Madalena, espelhado por exemplo na complexa gestão da área portuária da vila, dado o estabelecimento e trânsito de vendedores na área. À medida que os contingentes militares afluíam à Horta, cresceram os pedidos de abertura de mercearias, tabernas, esplanadas, barracas ou armazéns, assim como as divergências pela sobreposição de tutelas, tornando evidente a urgente organização do acesso ao cais, dado por exemplo, o elevado número de vendedores de lenha. Os rendimentos camarários desenvolveram-se em paralelo, em virtude do aumento e cobrança de novas taxas, por exemplo aos automóveis, entretanto arrolados. O comércio de cabotagem entre as duas ilhas acabou por abranger áreas periféricas como o lugar da Areia Larga, porto alternativo ao da vila que em 1942, sob impulso de empresários faialenses, conheceu novas áreas de apoio e mercado. Com elevados valores de arrendamento, o animado negócio gerava reclamações de barulho e palavões proferidos a altas horas da noite, num processo típico das cidades do arquipélago.

Com uma gestão equilibrada, a edilidade assegurava o pagamento a funcionários e fornecedores a tempo, beneficiando e ampliando infraestruturas coletivas como a rede das lanternas a petróleo para iluminação pública. Era grande a azáfama na zona portuária, fazendo-se chegar os géneros frescos às populações e aos expedicionários, para além de provimento a embarcações em trânsito, sob inspeção atenta de agentes e fiscais que, apesar dos ocasionais atritos, asseguravam uma importante fonte de receitas para a câmara e alfândega. Ilha sem fome, os níveis de desemprego eram de tal forma baixos que, ao concurso público para a limpeza do novo mercado de peixe, pago em parte pela edilidade madalense, apenas um candidato se apresentou. Faltava sim mão-de-obra especializada ou quadros superiores, num contexto agravado pela saída de jovens ao serviço militar. Em 1944, com contas de gerência tidas como perfeitas e numa tentativa de embelezar a vila, faltavam calceteiros à semelhança de homens de leis, engenheiros e por vezes, médicos.

Em Lajes do Pico, a situação era ligeiramente diferente. A edilidade vivia efeitos económicos associados à caça da baleia. Entre 1941 e 1946 a *Armação Baleeira Calhetense*, a *Aliança Calhetense*, a *União Ribeirense Limitada*, e *Nova Ribeirense Limitada e Americana Limitada* solicitaram licenças para a construção e utilização de depósitos de óleo de baleia. A indústria estava em plena ascensão, com os representantes das armações baleeiras *Lealdade Lajense Limitada*, *Venturosa Lajense Limitada*, *União Lajense Limitada*, *Atlântida Calhetense* e *Felicidade Lajense Limitada* solicitando a ampliação das suas estruturas (1943), tal como a *Sociedade Baleeira de São Mateus*, da Madalena. O problema eram as irregulares ligações marítimas que, fazendo faltar o vapor, originavam pouca liquidez económica no concelho e o amontoamento de *bidons* de óleo pelas ruas do município, atrofiando o trânsito.

Os dividendos eram de tal forma notórios que a direção da Alfandega de Angra do Heroísmo lembrou à câmara, a necessidade de valorizar as taxas fiscais dos produtos extraídos aos cetáceos, obtendo como resposta que, tendo em conta a forte valorização do óleo de baleia, a comissão administrativa daria plenos poderes ao seu presidente para encetar conversações com as outras câmaras do distrito. Aumentadas, o óleo de baleia voltava a substituir o petróleo na casa do pobre, tornando-se uma opção para a iluminação pública num município que insistentemente clamava junto do governador civil da Horta, a vinda de gásóleo para a *Empresa Elétrica Lajense*, a par de petróleo e gasolina. A passagem do inspetor do Ministério das Finanças Oliveira Coutinho pela edilidade em 1944, permitiu rentabilizar a legislação e os recursos disponíveis à economia camarária, otimizando os orçamentos subseqüentes apesar de sempre insuficientes para a rede de responsabilidades das edilidades que, para além das despesas correntes e de expediente, asseguravam a iluminação pública, as rendas de edifícios (incluindo os de instituições governamentais); o vencimento de funcionários e professores; as despesas hospitalares; a manutenção de prédios e infraestruturas; os equipamentos e mobiliários; a conservação dos espaços interiores e a fiscalização dos exteriores; a desinfeção de casas contaminadas; o arsénico para a desratização; os seguros impostos pelo Estado; as casas para técnicos superiores, se de fora da ilha, e os subsídios aos desempregados, pobres, órfãos, doentes e indigentes, ou a organizações governamentais ou coletivas, caso da Polícia de Segurança Pública (que se tentou implementar neste período), a Legião e Mocidade Portuguesa; as santas casas da misericórdia, as cozinhas económicas, as casas de trabalho, albergues, asilos e casas de saúde, entre outras. Ainda tentavam promover a Cultura através da recuperação histórica, do desenvolvimento de bibliotecas e aquisição de equipamentos de rádio; escolas de música, filarmónicas e grupos desportivos ou permuta de livros, pagando a publicação de artigos orientados para o Turismo, numa outra preocupação típica de muitos autarcas desta época.

Apesar dos esforços da edilidade e das suas gentes, o progresso era especialmente barrado pela falta de meios financeiros e humanos; burocracia e lentidão do aparelho de Estado. Os projetos de obras públicas para escolas, correios, paços do concelho; edifícios estatais; estradas, canalizações, reservatórios, chafarizes, saneamento ou reorganização da orla costeira e dos povoados eram elaborados por engenheiros externos, normalmente sediados na capital do distrito e usualmente por fotografia, sendo comum os erros nos projetos e orçamentos, originando a deslocação à ilha a expensas camarárias.

Os parcos orçamentos municipais apenas permitiam pequenos melhoramentos, destruídos muitas vezes no inverno seguinte, apostando-se na pedagogia pública na correção de erros, fosse no arranjo, construção ou remodelação de fachadas e muros, doravante alinhadas com as estradas, ou na pintura, substituição de portas e manutenção dos muros de pedra seca para embelezamento dos povoados. Sonhava-se com obras que revolucionassem as fachadas marítimas, uma realidade nas décadas seguintes em muitas ilhas, mas para tal havia que aguardar a passagem de brigadas estatais das direções gerais, aceitando os custos associados, o que fez retrair a vontade de muitos autarcas e atrasar a constituição dos projetos, vitais às Participações de Estado.

O Estado cedia as brigadas, mas não as oferecia, pelo que na Madalena, em fase de construção de depósitos de água, declinou-se a oportunidade por falta de dotação orçamental ao contrário das Lajes que não deixou perder a oportunidade (1945). Regularmente, a solução tinha como base o Imposto Municipal de Trabalho, ou seja, a atribuição de faxinas às juntas de freguesia, para que sob orientação de um particular normalmente *pro bono*, executassem os trabalhos. Desta forma realizaram-se muitos ramais de ligação entre as freguesias e esse grande triunfo para o concelho, a estrada que pela primeira vez as unia, ainda hoje com a placa toponímica de *Duarte Pacheco* (1941).

Uma última palavra para uma infraestrutura que só apareceu em 1982: o aeródromo. Em fase de desenvolvimento dos de Santa Maria, Terceira e São Miguel, após uma primeira abordagem de uma equipa militar para o estudo do campo de aviação no Faial (1941), seguiu-se o Pico (1943) embora assegurada pela CM da Madalena, sendo-lhe comunicado pela congénere de São Roque (1945), a possível construção nos terrenos do Lagido para serviço do distrito da Horta. A comissão administrativa colocou os seus terrenos à disposição do Ministério das Obras Públicas e Comunicações, num processo que estagnou aí.

A II Guerra Mundial na ilha do Pico, revela à semelhança da atualidade que cada ilha é um caso de estudo *per si*, apesar da matriz comum ao arquipélago, desenvolvendo especificidades que lhe são inerentes. Sofredora pela diminuição do grande comércio de importação/exportação, à semelhança das restantes e da qual era subsidiária a partir do porto da Horta, na realidade a neutralidade e o reforço militar do Faial possibilitou, em especial para a Vila da Madalena, um fértil comércio de cabotagem com a Horta e a valorização de um

^[1] 115 ANTUNES, 2005: 12.

Atas colóquio da lusofonia –

produto na qual, a capacidade de extração constituía uma das suas principais mais-valias. Com capacidade de produzir um pouco de tudo, o facto de ter próximo mercados permitiu que o Pico ultrapassasse este contexto sem o sufoco financeiro que caracterizou outras ilhas, guarnecidas e não guarnecidas, apesar de não haver margem para excessos.

Gerida por um poder local conhecedor e prudente, o objetivo de não haver fome foi atingido numa possível proporção à criação de emprego, em paralelo com o desenvolvimento económico associado à produção agropastoril da ilha. Sem conseguir ascender de forma célere às elevadas dotações orçamentais estatais necessárias à resolução dos grandes problemas que afligiam a sociedade da ilha, em grande parte por falta de recursos financeiros, técnicos e humanos especializados, é factual dizer que, das ilhas não guarnecidas, e numa condição diferente de Santa Maria (a partir de 1944), o Pico foi a ilha mais equilibrada e à partida com melhor qualidade de vida, dada a exploração dos seus recursos endógenos e se tal termo pode ser utilizado num contexto que matou 36,5 milhões de europeus, levando à miséria países como a Alemanha, a França ou a dilacerada União Soviética que perdeu ao longo do conflito, 70.000 aldeias e 1.700 vilas, para além das 32.000 fábricas e mais de 64.000 quilómetros de vias férreas.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV (2007), Açores (Os) na II Guerra Mundial, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura.
- AAVV (2003), Nova História Militar de Portugal, vol. 4 Casais de Mem Martins, Círculo de Leitores e Autores.
- AAVV (2008), Franklin Roosevelt e os Açores nas duas Guerras Mundiais, Lisboa, Governo Regional dos Açores / Fundação Luso-americana para o Desenvolvimento,
- AAVV (2008), História dos Açores, vol. II, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura.
- ANDRADE, L. (1992), Neutralidade colaborante: o caso de Portugal na Segunda Guerra Mundial, Ponta Delgada, Universidade dos Açores.
- ANTUNES, José F., (2005), "Brigadas dos Royal Marines: «Operação Félix» de Hitler", O Independente, 22 de abril.
- COSTA, R. M. M. da (2014), "Evocação nos 75 anos do primeiro voo regular transatlântico da Pan American", Boletim do Núcleo Cultural da Horta, n.º 23, Horta, 341-360.
- COSTA, M. P. C. (2012), U-Boats nos mares dos Açores – Batalha do Atlântico (1939-1945), Horta, Associação de Defesa do Património da Ilha do Pico.
- FERREIRA, J. M. (1987), "Açores (Os) Nas Duas Guerras Mundiais", II Colóquio Internacional: «Os Açores e as Dinâmicas do Atlântico: do Descobrimento à Segunda Guerra Mundial», Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira, XLV (I): 73-90.
- HENRIQUES, F., A Baleação e o Estado Novo. Industrialização e Organização. Corporativa (1937 – 1958), Secretaria Regional da Educação e Cultura, 2016.
- HERZ, N. (2007), "Os Açores e a Guerra no Atlântico", Os Açores e a II Guerra Mundial, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura: 57 – 62.
- KISSINGER, H. (1996), Diplomacia, Lisboa, Gradiva.
- MENEZES, M. S. (1988), A Defesa dos Açores durante a II Guerra Mundial, Lisboa, Pentaedro.
- REZENDES, S. (2018), A Receios, privações e miséria num ambiente de prevenção armada: ecos da II Guerra Mundial nos Açores, Casal de Cambra, Caleidoscópio.
- ROSAS, F. (1995), Portugal entre a paz e a guerra: Estudo do impacte da II Guerra Mundial na economia e na sociedade portuguesas 1939-1945, Lisboa, Editorial Estampa.
- TELO, A. J. (1993), Os Açores e o Controlo do Atlântico (1989-1948), Lisboa, ASA.
- OSIANDER, A. (1994), The states system of Europe – 1640-1990 – Peacemaking and the conditions of international stability, Oxford, Clarendon Press.

TOMA PARTE PELA PRIMEIRA VEZ,

ESTEVE PRESENTE NO 13º COLÓQUIO EM FLORIANÓPOLIS, BRASIL 2010 QUANDO O CONGRESSO DO PROJETO FORTALEZAS SE REALIZOU EM SIMULTÂNEO COM O 13º COLÓQUIO

37. TERRY COSTA, DIRETOR ARTÍSTICO MIRATECARTS, PICO, CONVIDADO DE HONRA



Terry Costa

É o diretor artístico da MiratecArts, fundado em 2012 com sede na ilha do Pico, Açores., associação cultural, sem fins-lucrativos, lidera a MiratecArts Galeria Costa, mais de 24 mil metros quadrados de arte na natureza, dirige os festivais de artes Azores Fringe, Montanha Pico Festival, Cordas World Music Festival, AnimaPIX, entre outros projetos culturais artísticos. Azores [Fringe](#) Festival recebeu o prémio "World Fringe Recognition Award" (2017), AHRESP (2016) nomeou o festival como projeto nacional que mais promove uma região; [Cordas](#) faz parte da lista dos conceituados World Music Festivals e alistado TOP10 Best New Festival no Iberian Awards (2017); [Montanha](#) Pico Festival é abraçado pelo Mountain Partnership, Nações Unidas; Santo Tirso (2017) aclamou "festival [AnimaPix](#), um dos mais conceituados do país dedicado à animação." MiratecArts recebeu o Prémio Audiência Artes & Letras (2015, nacional); o trabalho da associação está a ser estudado por universidades e cada vez mais o mundo quer vir até nós. Visite os Roteiros de [Madalena Arte Pública](#) e os [Sorrisos de Pedra](#) na ilha do Pico, passando pela MiratecArts [Galeria Costa](#) e Jardim Saudade (nomeado a Azores TOP10 2018). [MiratecArts](#) - comunicando desde 2012 através de linguagem artística...

TEMA 3.5. AÇORIANIDADE DO CANADÁ AO PICO ATRAVÉS DO DESENVOLVIMENTO DAS ARTES

1200 artistas de 56 países apresentados; plataforma www.discoverazores.eu já tem mais de 400 artistas açorianos a trabalhar na rede.
6 anos a promover os Açores com arte e artistas...

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ,

ESTEVE PRESENTE NO LANÇAMENTO DA BGA NAS LAJES DO PICO 2017

MEMBRO DA COMISSÃO EXECUTIVA

38. TIAGO ANACLETO-MATIAS PARLAMENTO EUROPEU, BRUXELAS.



LOMBA DA MAIA 2016



Moínhos 2014



Montalegre 2016



GALIZA 2012

TIAGO ANACLETO-MATIAS É mestre em Tradução e Interpretação Especializadas (2008),

Licenciado em Tradução Especializada (2002). Bacharel em Línguas e Secretariado (2000) pelo Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Politécnico do Porto (ISCAP), tendo sido aluno na Escola Superior de Comércio e Gestão (*Handelshøjskole Syd*) de Esbjerg – Dinamarca, em 1998, ao abrigo do Programa *Erasmus*.

Possui uma pós-graduação em Tradução para Legendagem pelo Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes do Porto (2004).

As suas publicações são nas áreas dos Estudos da Tradução e da Linguística Aplicada.

Tem igualmente cooperado desde 2008 no apoio ao secretariado em diversos Colóquios da Lusofonia, nomeadamente nos Açores, Bragança e Brasil.

Desde 2004 que é funcionário efetivo do Parlamento Europeu, em Bruxelas.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL

- SECRETÁRIO DA DIREÇÃO DA AICL

- FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.

PARTICIPOU ININTERRUPTAMENTE DESDE O 1º COLÓQUIO AO 21º COLÓQUIO NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014. REGRESSOU EM 2016 NO 25º EM MONTALEGRE E 26º NA LOMBA DA MAIA

39. URBANO BETTENCOURT, ESCRITOR AÇORIANO, CIERL-UMA, CEHU-UAC, PICO.

URBANO BETTENCOURT (Manuel U. B. Machado) nasceu na Piedade, ilha do Pico, 1949.

Doutorado em Estudos Portugueses pela Universidade dos Açores, onde lecionou entre 1990 e 2014.

Licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa.

Participou na coordenação das seguintes antologias de poesia açoriana:

- Caminhos do mar. Antologia Poética Açoriano-Catarinense (com Lauro Junkes e Osmar Pisani). Florianópolis, Santa Catarina, 2005.
- Pontos Luminosos. Açores e Madeira - Antologia Poética do Século XX (com Maria Aurora Homem e Diana Pimentel). Campo das Letras, 2006.
- Azoru Salu. Dzejas antologija (com Leons Briedis). Riga, Letónia, 2009.



FUNDAO 2015



BELMONTE 2017



Lagoa 2012



Vila do Porto 2017

Começou a sua atividade profissional na Escola Secundária da Amora, tendo posteriormente lecionado na E.S. da Bela Vista (Setúbal), na E B 2,3 Padre João José do Amaral (Lagoa) e na E.S. Antero de Quental, (1986-1990), a cujo quadro de professores pertenceu e onde voltou a lecionar nos anos letivos de 2014-15 e 2015-16.

Aposentado do ensino desde o dia 1 de julho de 2016. No domínio da investigação, tem dedicado particular atenção às literaturas insulares, sobre as quais já proferiu conferências em Cabo Verde, Madeira, Canárias e Açores. Colaboração em revistas da especialidade, no país e no estrangeiro. Entre 2006 e 2009 dirigiu, com Carlos Alberto Machado, a coleção «Biblioteca Açoriana», para a qual preparou a antologia de contos de José Martins Garcia, Português, Contrabandista. Atualmente, coordena com Carlos Alberto Machado a reedição da obra de José Martins Garcia para a editora Companhia das Ilhas.

Bibliografia

1972, Raiz De Mágoa, Poesia, Setúbal, Ed. Autor

1976, Ilhas, narrativas; em parceria com Santos Barros. Lisboa, Ed. Dos Autores.

1980, Marinheiro Com Residência Fixa. Poesia e narrativas. Lisboa, Ed. Do Grupo De Intervenção Cultural Açoriano.

1983, O Gosto Das Palavras I. Ensaios sobre Antero de Quental e outros autores açorianos; o caráter cósmico de alguma poesia barroca, e os Apólogos Dialogais de D. Francisco Manuel de Melo. Coleção Gaivota, SREC, pp. 77-87

1983, Ensaios Sobre Antero De Quental E Outros Autores Açorianos; O Caráter Cósmico De Alguma Poesia Barroca; Os Apólogos Dialogais De D. Francisco Manuel De Melo. Angra Do Heroísmo, SREC.

1983, Antologia De Poesia açoriana in O Gosto Das Palavras I. Angra Do Heroísmo, Secretaria Regional Da Educação E Cultura, pp. 77-87

1984 com Costa Melo, Lúcia. Rota sibilina; pref. Maria da Conceição Vilhena. Vila Franca do Campo: Ilha Nova Ponta Delgada, Câmara Municipal,

1986 Rodrigo Guerra. Alguns olhares in Onésimo T Almeida Da literatura açoriana, para um balanço. Angra do Heroísmo, SREC, pp. 45-54

1987 Naufrágios/Inscrições. Poesia e narrativas. Ponta Delgada, Brumarte / Signo.

1987 Algumas palavras a propósito, in Terra, F. Água de verão, Ponta Delgada, Signo.

1989 Emigração E Literatura, alguns fios da meada, (ensaio que aborda aspetos da emigração açoriana nalguns contistas açorianos do final do séc. XIX), Horta, Centro de Estudos e Cultura da Câmara Municipal da Horta

Atas colóquio da lusofonia –

- 1989, Emigração E Literatura. Ensaio Que Aborda Aspetos Da Emigração Nalguns Contistas Açorianos Do Final Do Século XIX. Horta, Gabinete De Cultura Da Câmara Municipal.
- 1989 O Gosto das Palavras I. 2ª ed., II [ensaios sobre autores açorianos e ainda Maria Ondina Braga, Helena Marques, António Tabucchi, Raul Brandão, entre outros], Ponta Delgada, Jornal de Cultura,
- 1991, Antero açoriano. Vozes em volta. Revista da História das ideias, vol. 13, Coimbra, pp. 221-229
- 1992 «Carlos Faria – de Nova Iorque às Fajãs de S. Jorge», in FARIA, Carlos, São Jorge Ciclo da Esmeralda, Signo, Câmara Municipal das Velas, 1992, pp. 3-8.
- 1993, “S. Jorge no Roteiro de Alguns Viajantes”, Revista Insulana, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1993, pp. 385-402.
- 1995, Algumas Das Cidades, poemas em prosa. Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, coleção Insula.
- 1995, O Gosto Das Palavras II. Da Literatura Açoriana, Notas Muito Lacunares Para Uma Aproximação, Ensaios Sobre Autores Açorianos E Ainda Maria Ondina Braga, Helena Marques, António Tabucchi, Raul Brandão, E Outros. Ponta Delgada, Jornal De Cultura, pp. 13-16
- 1995, Da Literatura Açoriana – Notas Muito Lacunares Para Uma Aproximação, In O Gosto Das Palavras II. Ponta Delgada, Jornal Da Cultura, pp. 13-16
- 1998, De Cabo Verde Aos Açores, À Luz Da «Claridade De S. Vicente. Ensaio sobre A Receção Açoriana Da Literatura Cabo-Verdiana.». Mindelo, Cabo Verde, Câmara Municipal
- 1998, O Gosto Das Palavras III, SREC, Angra, col. Gaivota, nº 31
- 1998, Bolos de mel, in Margem 2, Funchal, nº 10, dez. ° 1998, pp. 50-51
- 1998, A ilha de Fernão Dulmo em Mau Tempo no canal in Homem, M.A. ed., atas do colóquio As ilhas e a mitologia, Câmara Municipal do Funchal: pp. 117 - 123
- 1999, O Gosto Das Palavras III. Ensaios Sobre Literatura Clássica Portuguesa, Literatura Açoriana E Cabo-Verdiana. Lisboa, coleção Garajau, Ed. Salamandra.
- 2000, Nove Rumores do Mar - Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea, organizada por Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas, Instituto Camões e Seixo Publishers
- 2001, Uma outra açorianidade, um texto esquecido de Vitorino Nemésio, in Vitorino Nemésio, 1º centenário do nascimento, 1901-2001, separata da Revista Atlântida, vol. XLVI, Angra, Instituto Açoriano de Cultura
- 2002, Introdução in Vitorino Nemésio, Paço do Milhafre, O mistério do Paço do Milhafre, obras completas, vol. VII, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 9-27
- 2002, Pedro da Silveira - escrita e o mundo in O Faial e a periferia açoriana, nos 550 anos do descobrimento das Flores e Corvo, Atas do III colóquio. Núcleo Cultural da Horta: pp. 597-604
- 2003, Ilhas Conforme As Circunstâncias. Ensaios Sobre Literatura Açoriana, Cabo-Verdiana E São-Tomense. Lisboa, Ed. Salamandra.
- 2004, José Martins Garcia, Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. XIII, pp. 59-64
- 2004, José Martins Garcia: A Palavra, O Riso. Separata Da Revista Arquipélago -Linguas E Literaturas, vol. XVII. Ponta Delgada, Universidade Dos Açores.
- 2005, Lugares Sombras E Afetos (poesia e narrativas), com desenhos de Seixas Peixoto. Arganil, ed. Moura Pinto e Figueira Da Foz, Ed. Dos Autores.
- 2005, Santo Amaro Sobre O Mar Com Desenhos De Alberto Péssimo. Arganil, Editorial Moura Pinto
- 2005, Santo Amaro Sobre O Mar Com Desenhos De Alberto Péssimo, 2ª edição revista, Câmara Municipal de São Roque do Pico
- 2005, In Caminhos do mar, antologia poética açoriano-catarinense com Lauro Junkes e Osmar Pisani, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
- 2006, Manuel Lopes, escritor – Um cabo-verdiano nos Açores, 2006, Horta, Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. 15
- 2006, Antero, com desenhos de Alberto Péssimo (poesia). Arganil, Editorial Moura Pinto.
- 2006, Frases Para Ter Na Algibeira, org. De Sara Pais. Lisboa, Livramento.
- 2006, Mística E Nuvens Do Vulcão Do Pico, com Victor Hugo Forjaz, Zilda Tavares Melo França, Lurdes Bettencourt E Oliveira, João José Fernandes. Ponta Delgada, Observatório Vulcanológico E Geotérmico Dos Açores.
- 2006, O guardador de freiras, in Margem 2, Funchal, nº 21, abril, pp. 44-46
- 2006, In Pontos luminosos, Açores e Madeira, antologia poética do séc. XX com Maria Aurora Homem e Diana Pimentel, ed. Campo das Letras.
- 2007, Nas Lajes, Um Chá Imprevisível. Separata Da Revista Magma, 4. Lajes Do Pico, ed. Câmara Municipal.
- 2007, Entre Cabo Verde e os Açores, a literatura em viagem, in John Kinsella e Carmen Ramos Villar, eds. Lusophone Studies nº 5, Mid Atlantic Margins, Transatlantic Identities, Azorean Literature in context. University of Bristol, July 2007
- 2007, «Literatura açoriana – da solidão atlântica à perdição no mundo», in Tutikian, Jane e Brasil, Luiz António de Assis (org. de), Mar Horizonte: Literaturas Insulares Lusófonas, Porto Alegre, EDIPUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), Coleção Memória das Letras, n.º 22, 2007, pp. 11-22.
- 2008, com Lauro Junckes, Coord Onésimo Almeida, Caminhos do Mar
- 2008, A afirmação de uma cultura própria, in Artur Teodoro de Matos, Avelino de Freitas Meneses, Guilherme Reis Leite, dir. de História dos Açores, do descobrimento ao séc. XX, vol. II, Angra, Instituto Açoriano de Cultura, pp. 307-322
- 2008, O Tempo De Florêncio Terra. Separata Do Boletim Do Núcleo Cultural Da Horta, vol. 17. Horta, Núcleo Cultural.
- 2008, Novas do Achamento do Divino em terras brasileiras, in Jornal de Letras nº 114. Rio de Janeiro, Instituto Antares de Cultura, fevereiro 2008. Recensão ao livro Caminhos do Divino de Lélia Pereira da Silva Nunes
- 2008, Pedras Negras, Dias de Melo, in Jornal de Letras nº 119, Rio de Janeiro, Instituto Antares de Cultura, julho 2008
- 2008, Literatura açoriana – da solidão atlântica à perdição no mundo» in Jane Tutikian e Luiz António de Assis Brasil (org), Mar Horizonte: Literaturas insularem lusófonas. Rio Grande do Sul, EDIPUCRS [Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul], Coleção Memória das Letras, n.º 22, 2008.
- 2009, Manuel Lopes, escritor – um cabo-verdiano nos Açores» in José Luís Hopffer Almada (org), O Ano Mágico de 2006 – Olhares Retrospectivos sobre a História e a Cultura Cabo-Verdianas. Praia, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro de Cabo Verde, 2009
- 2009, Signo Atlântico in José Martins Garcia, Português, contrabandista, seleção de contos, Lajes do Pico, Biblioteca Açoriana (Companhia das Ilhas)
- 2009, in Azoru. Dzejas antologija com Leon Briedis, Riga, Letónia
- 2009, Santo Amaro Sobre O Mar, com Desenhos De Alberto Péssimo. 2.ª Edição Revista, Câmara Municipal De S. Roque,
- 2010, Que paisagem apagarás? Ponta Delgada, ed. Publiçor
- 2011, in Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL-Colóquios da Lusofonia ed. Calendário de Letras V. N. de Gaia
- 2011, IN Antologia da Memória poética da Guerra Colonial, Roberto Vecchi, Margarida Calafate Ribeiro (org.), Fotografias: Manuel Botelho, Notas biográficas: Luciana Silva e Mónica Silva, 1.ª ed. Porto: Afrontamento, 2011 (Poesia; Antologias, 2), ISBN 9789723611748, 648 pp.
- 2011, O leitor que se perdeu entre os leitores de nuvens (originalmente publicado na revista «Ponto Cardeal», n. ° 4. Madalena, Pico, Açores, Escola Cardeal Costa Nunes, novembro de 2011)
- 2011, Eduíno de Jesus, o Bar Jade e o jornal A Ilha, Horta, Boletim do Núcleo Cultural da Horta
- 2012, Fernando Aires e a Geração de 40, in Atas do 17º colóquio da lusofonia, Lagoa, S Miguel, Açores
- 2012, África frente e verso, Ponta Delgada, Letras Lavadas
- 2012, in Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL-Colóquios da Lusofonia ed. Calendário de Letras V. N. de Gaia
- 2013, O leitor que se perdeu entre os leitores de nuvens, IN revista Ponto Cardeal nº 4 Madalena, Pico, Escola Cardeal Costa Nunes, novº 2011.
- <http://www.enriquevilamatas.com/escritores/escribettencourt3.html>
- 2013, Outros nomes, outras guerras, Lajes do Pico, ed. Companhia das ilhas,
- 2014, Garcia Monteiro, autógrafos e algo mais, in Boletim do Núcleo da Horta,
- 2014, Inquietação insular e figuração satírica em José Martins Garcia, tese de dissertação
- 2015, José Martins Garcia. A linguística vai à guerra, in Atas do 23º colóquio da lusofonia, Fundão
- 2015, Ser escritor nos Açores, in Atas do 23º Colóquio da Lusofonia, Fundão
- 2016, Germano Almeida in Atas 26º colóquio da lusofonia Lomba da Maia 2016
- 2017, Pedro da Silveira, – as ilhas da (sua) literatura in Atas do 27º colóquio da lusofonia, Belmonte
- 2017, O Amanhã não Existe (Inquietação insular e figuração satírica em José Martins Garcia). Lajes do Pico, Companhia das Ilhas, 2017)

TEMA 3.1. António Cordeiro na ficção de Martins Garcia

O Padre António Cordeiro (1640?-1722) é um dos cronistas explicitamente convocados no romance *A Fome*, de José Martins Garcia, ao lado de Frei Diogo das Chagas e de Gaspar Frutuoso. Trazidos ao universo ficcional, e incorporados por vezes no discurso autoral, os fragmentos citados pelo romancista põem em evidência o peso da história e sobretudo o modo como ela se projeta no destino individual de personagens do século XX e o condiciona, numa espécie de retorno cíclico e trágico da história; ao mesmo tempo permitem uma leitura crítica, satírica mesmo, da História açoriana e dos seus atavismos.

Por outro lado, António Cordeiro será o nome de alguns narradores protagonistas da ficção de José Martins Garcia, a começar pelo de *A Fome*; neste último caso, trata-se de incorporar no seu percurso de vida alguns dados biográficos de António Cordeiro: a viagem e os seus perigos, a condenação à errância e à perdição no mundo. Além disso, enquanto cronista do seu percurso, o António Cordeiro de Martins Garcia torna-se um émulo de Cordeiro, na medida em que transporta uma «sobrecarregada memória» de fome, peste e terramotos que lhe permite avaliar a História insular como uma sequência de «quinhentos anos de vida inglória».



Lomba da Maia 2016

Belmonte 2017

Vila do Porto 2017

TRABALHO FINAL NÃO RECEBIDO

POESIA "QUADRAS DE ILHA" GRACIOSA 2015

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GXCD2G2-ZZU&T=13S&INDEX=57&LIST=PLWJUZYRYOUWOKYMKAIPEZIF1C_4TVTKER](https://www.youtube.com/watch?v=GXCD2G2-ZZU&T=13S&INDEX=57&LIST=PLWJUZYRYOUWOKYMKAIPEZIF1C_4TVTKER)

VER CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/426/CADERNOS-\(E-SUPLEMENTOS\)-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/864/CADERNO-11-URBANO-BETTENCOURT-CADERNOS-DE-ESTUDOS-ACORIANOS.PDF](https://www.lusofonias.net/arquivos/426/CADERNOS-(E-SUPLEMENTOS)-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/864/CADERNO-11-URBANO-BETTENCOURT-CADERNOS-DE-ESTUDOS-ACORIANOS.PDF)

VER SUPLEMENTO DOS CADERNOS AÇORIANOS

[HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/426/CADERNOS-\(E-SUPLEMENTOS\)-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/794/SUPLEMENTO-11-URBANO-BETTENCOURT.PDF](https://www.lusofonias.net/arquivos/426/CADERNOS-(E-SUPLEMENTOS)-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/794/SUPLEMENTO-11-URBANO-BETTENCOURT.PDF)

VÍDEO HOMENAGEM 4 2017 [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=EYFOQVC3PKC&LIST=PLWJUZYRYOUWOKYMKAIPEZIF1C_4TVTKER](https://www.youtube.com/watch?v=EYFOQVC3PKC&LIST=PLWJUZYRYOUWOKYMKAIPEZIF1C_4TVTKER)

VÍDEO HOMENAGEM 3 2017 [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JMVX0ZAIMSQ&LIST=PLWJUZYRYOUWOKYMKAIPEZIF1C_4TVTKER](https://www.youtube.com/watch?v=JMVX0ZAIMSQ&LIST=PLWJUZYRYOUWOKYMKAIPEZIF1C_4TVTKER)

VÍDEO HOMENAGEM 2 2015 [HTTPS://YOUTU.BE/2HIE05HLLRM?LIST=PLWJUZYRYOUWOKYMKAIPEZIF1C_4TVTKER](https://youtu.be/2HIE05HLLRM?LIST=PLWJUZYRYOUWOKYMKAIPEZIF1C_4TVTKER)

VÍDEO HOMENAGEM 1 2014 SEIA [HTTPS://YOUTU.BE/2HIE05HLLRM](https://youtu.be/2HIE05HLLRM)

SÓCIO DA AICL

É SECRETÁRIO DA ASSEMBLEIA-GERAL DA AICL

PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL 2017-2020.

TOMOU PARTE NO 17º COLÓQUIO, LAGOA (AÇORES) 2012, 19º MAIA (AÇORES) 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES) 2014, 24º FUNDÃO 2015 E 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES), 27º BELMONTE 2017 E VILA DO PORTO 2017

40. VICTOR RUI DORES, ESC. SECUNDÁRIA MANUEL DE ARRIAGA, HORTA, ESCRITOR AÇORIANO, GRACIOSA. CONVIDADO DE HONRA



BGA HORTA 2017

24º GRACIOSA 2015

VICTOR RUI RAMALHO BETTENCOURT DORES nasceu no dia 22 de maio de 1958, na vila de Santa Cruz da ilha Graciosa, Açores.

Em 1968 fixou-se com a família na ilha Terceira, onde permaneceu até ao ano de 1978, tendo um ano antes concluído o curso liceal no então Liceu Nacional de Angra do Heroísmo.

Obteve, em 1982, a licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Ingleses e Alemães), pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, sendo atualmente professor do quadro de nomeação definitiva da Escola Secundária Manuel de Arriaga, na cidade da Horta, ilha do Faial.

Cumpriu o serviço militar obrigatório na Força Aérea entre 1983 e 1985 (Bases da Ota, Tancos e Lajes), com as patentes de aspirante e alferes.

Entre setembro de 1997 e julho de 2004 exerceu o cargo de Presidente da Comissão Executiva Provisória do Conservatório Regional da Horta.

É, desde 1998, o representante da Região Autónoma dos Açores no Conselho Nacional de Educação.

É também, desde aquele ano, Presidente da Assembleia Geral da "Azórica", Associação de Defesa do Ambiente.

Poeta, escritor, ensaísta e crítico literário (tendo nesta área recenseado mais de duzentas obras de ficção narrativa), dedica-se ainda à etnomusicologia e aos estudos etnográficos.

No campo da linguística, pesquisa, há mais de 20 anos, os sotaques, as pronúncias e as variantes dialetais das nove ilhas dos Açores.

Escreve crónicas para jornais e revistas regionais, nacionais e da diáspora e é assíduo colaborador da RTP-Açores e Antena 1/ Açores.

Está ligado à atividade teatral como ator (no grupo de teatro "Carrocel", de que é também Presidente da Direção) e como encenador (no grupo de teatro "Sortes à Ventura", da Escola Secundária Manuel de Arriaga, projeto pelo qual é responsável desde 1988 e para o qual escreveu e encenou mais de trinta peças).

Entre 2004 e 2007 foi membro da comissão editorial do Boletim do Núcleo Cultural da Horta.

É, desde agosto de 2004, Cidadão Honorário da Ilha Graciosa.

Atas colóquio da lusofonia –

Em julho de 2006 a Câmara Municipal da Horta prestou-lhe homenagem pública pelo seu “contributo na promoção das artes e da literatura no âmbito da cultura local e regional”.

Possui Certificado de Estatuto de Formador, conferido pela Direção Regional da Educação e Formação, nas seguintes áreas: Didáticas Específicas (Inglês/Alemão) e Expressão Dramática, tendo, nesta última dirigido uma série de formações, ateliês e oficinas.

Bibliografia:

Poemas de Fogo e Mar (poesia), Angra do Heroísmo, edição de autor, 1978.

Grimaneza (contos), Ponta Delgada, Signo, 1987.

Entre o Cais e a Lancha (poesia), Horta, edição de autor, 1990.

À Flor da Pele (poesia), Horta, edição de autor, 1991.

Sobre Alguns Nomes Próprios Recolhidos na Ilha Graciosa (ensaio), Separata do Boletim do Museu de Etnografia da Graciosa, 1991.

Histórias com Peripécias, Horta, edição do Correio da Horta, 1999.

Bons Tempos (crónicas), Horta, edição do Correio da Horta, 2000.

A Valsa do Silêncio (romance), Horta, edição de autor, Nova Gráfica, 2005.

Crónicas Insulares, (Nova Gráfica, 1ª edição, 2010; 2ª edição 2011).

É coautor dos seguintes livros:

Açores, as Ilhas Ocidentais – Azores, the Western Islands (álbum fotográfico), de parceria com o fotógrafo alemão Karl Heinz Raach, BLU edições, Angra do Heroísmo 2000.

Do Jardim à Memória (fotografia), de parceria com Paulo Garrão, BLU edições, 2012.

A Graciosa Ilha (álbum fotográfico), de parceria com o fotógrafo José Nascimento F. Ávila, edição da Câmara Municipal de Santa Cruz da Graciosa, Nova Gráfica, 1ª edição 2009; 2ª edição 2010).

Ilha Terceira, um tesouro escondido no Atlântico / Terceira island, a hidden treasure of the Atlantic, de parceria com Kelly Luna, BLU edições, 2014.

É autor das traduções

do livro *Friends in Need, the 1980 Earthquake in Terceira Island / Terramoto de 1980 na Ilha Terceira – a Ajuda Norte Americana, de Michael Peters, BLU edições, 2014.*

Tem pronto para publicação

O ouvido que escreve (poesia) e

Mulher nua em contraluz (novela).

Está antologiado nas seguintes publicações:

Cadernos Coletivos de Poesia – Antologia organizada por Emanuel Jorge Botelho, Raiz, Suplemento Cultural “Correio dos Açores”, Ponta Delgada, 1 fevereiro 1979.

O lavrador de ilhas, de Santos Barros, Angra, D.R.A.C., coleção Gaivota 1981.

Toda e qualquer escrita, de João de Melo, Lisboa, Vega, 1982.

A questão da literatura açoriana, de Onésimo Teotónio Almeida, Angra, D.R.A.C., coleção Gaivota, 1983.

Antologia Poética dos Açores, 2º Volume, de Ruy Galvão de Carvalho, Angra, DRAC, coleção Gaivota, 1984.

Os Nove Rumores do Mar, de Eduardo Bettencourt Pinto (antologia de poesia açoriana contemporânea), edição Instituto Camões, 1999.

On a Leaf of Blue: Bilingual Anthology of Azorean Contemporary Poetry, tradução e organização de Diniz Borges (Institute of Governmental Studies Press/University of California, Berkeley, 2003).

Nem Sempre a Saudade Chora – Antologia de Poesia Açoriana sobre Emigração, Seleção, Introdução e Notas de Diniz Borges (edição da Direção Regional das Comunidades, 2004).

“XX3X20” 20 pinturas / 20 melodias / 20 poemas (Direção Regional da Cultura, Açores, 2005).

Voices from the Islands, an Anthology of Azorean Poetry, John M. Kinsella (selection and translation), Gávea-Brown Publications, Providence, Rhode Island, 2007.

Azorean Authors Songbook, Scores and Translated Lyrics, Autores Açorianos, Partituras e Letras, Rafael Fraga e Augusto Macedo, edição Teatro Micaelense – Centro Cultural e de Congressos, Ponta Delgada, 2007.

Eduíno de Jesus – A Ca(usa) dos Açores em Lisboa, homenagem de amigos e admiradores. Organização de Onésimo Teotónio Almeida e Leonor Simas-Almeida. Instituto Açoriano de Cultura, 2009.

Pico, Poética da Montanha, coordenação de Adélia Goulart, Cisaltina Martins e Maria Norberta Amorim, Desafios da Montanha, Alvião, Ponta Delgada, 2010.

Desafios dos Açores para o século XXI, coordenação de Eduardo Jorge Brum S. Brum, Expresso das Nove, Ponta Delgada, 2010.

Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos / Bilingual Anthology of Contemporary Azorean Authors, coordenação de Helena Chrystello e Rosário Girão, Calendário de Letras, 2011.

Fernando Aires, Era uma vez o seu tempo, homenagem de amigos e admiradores. Coordenação de Leonor Simas-Almeida, Maria João Ruivo Sousa e Onésimo Teotónio Almeida. Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2012.

border-Crossings, leituras transatlânticas, de Vamberto Freitas, Letras Lavadas edições, Ponta Delgada, 2012.

Cadernos de Estudos Açorianos, nº 17, edição de dezembro de 2012, www.lusofonias.net, coordenação de Chrys Chrystello.

Antologia de autores açorianos contemporâneos – vol. II, Helena Chrystello / Rosário Girão, vol. II, Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia, 2012.

Onésimo, único e multimodo, organização de João Maurício Brás, Opera Omnia, Guimarães, 2015.

TEMA 3.1. O OUVIDO QUE ESCRIVE. Nos meus 40 anos de escrita publicada

“A poesia é a linguagem que canta”.

Paul Eluard

“Editar poesia é uma forma elegante de suicídio”, escreveu Carlos George Nascimento (1885-1966), natural da ilha do Corvo e que foi o primeiro editor do poeta chileno Pablo Neruda, Prémio Nobel da Literatura em 1971.

Eu quero aqui louvar a coragem e a determinação do meu editor, Mário Duarte, em publicar poesia, numa altura em que a poesia manifestamente não está na moda, não faz aumentar as receitas públicas, não ajuda a equilibrar as contas externas e... não tem a cotação do dólar americano...

A poesia não está na moda também porque a linguagem poética tem muita dificuldade em competir com outras linguagens mais pragmáticas, dominados que estamos pela linguagem social, económica e política. Por isso, editar livros de poesia é uma atividade de risco em termos financeiros. Porque, bem vistas as coisas, é fácil editar livros de poesia, o que é difícil é vendê-los...

E no entanto... ela, a poesia, está em perpétuo movimento, existe e resiste. E a verdade é que não podemos viver sem livros e não podemos viver sem palavras, por mais gastas que elas estejam.

A melhor hora é quando chega a hora. E eu achei que estava na hora de reunir a minha melhor poesia, pois estou precisamente a comemorar 40 anos de escrita publicada. Para materializar este livro, andei a peneirar os versos que, ao longo destes anos, tenho vindo a escrever, não para me antologiar, mas como forma de dar uma arrumação aos meus poemas – os já publicados em livros e em diversos periódicos, bem como os inéditos.

Agora reunidos, esses poemas que seleccionei (e que passam a ser uma espécie do meu *best of*) parecem-me conhecer uma outra consistência, uma outra unidade e uma nova respiração. Aqui ficam, por ordem cronológica e para quem quiser ler, as diversas fases da minha poética.

Nado e educado na ilha Graciosa, no seio de uma família de funda tradição católica, vivi os verdes anos num ambiente musical (minha mãe dava lições de piano), e já eu cantava de cor algumas canções populares, sem ainda ter aprendido a juntar as letras e as palavras.

Ou seja, antes de saber ler, aprendi a dizer de cor a “Oração ao Anjo da Guarda”, o “Ave-maria”, o “Pai Nosso”, o “Credo”, o “Ato de Contrição” e a “Salve Rainha”. (A “Balada da Neve” vem depois).

Como todos sabemos, poesia e música andam de mãos dadas. E foi a cantar que, aos 5 anos de idade, aprendi a ler e a contar com a D. Briolanja. Dois anos mais tarde, quando entrei para a Escola Primária, já eu lia razoavelmente e levava comigo algum “lastro” poético e musical que me permitiram algum “jeitinho” para fazer redações. E foi a ler banda desenhada e a escrever redações que fui apurando a escrita.

Por conseguinte, desde muito cedo fui tocado pelo gosto das palavras porque meus pais, avós e tios me contavam muitas histórias de encantar em serões de não haver televisão... Isto significa que eu cheguei à poesia pela oração e por via da tradição oral.

Julgo estar aqui a gênese da minha poética. É que a poesia sempre me soube a música. Lido e ouvido, o poema torna-se voz, som, melodia. Foi assim com os gregos e assim foi com a poesia trovadoresca e com os cantares de gesta medievais, no tempo do amor cortês em que os trovadores eram simultaneamente músicos, poetas e cantores.

Em 1968 deixei a ilha Graciosa, e fixei residência, com a minha família, na ilha Terceira, e nunca perdi uma certa tendência para sonhar felicidades e aventuras... No Liceu de Angra tive um professor que me incentivou para a aventura da escrita – o padre Coelho de Sousa, meu saudoso professor de Português. Foi pela sua mão generosa que há quatro décadas vi um poema meu impresso, pela primeira vez, nas páginas do jornal angrense “A União”, no dia 14 de janeiro de 1977. Tratava-se de um soneto, intitulado “Auto-relação” – a minha primeira declaração de amor à ilha Graciosa.

Editado em 1978, ***Poemas de Fogo e Mar*** foi o meu primeiro livro publicado, tinha eu 18 anos de idade. No período marcante da minha adolescência terceirense aconteceu-me uma tremenda frustração amorosa... Para esquecer as duras penas e compensar a dor, busquei refúgio na literatura. Li muito e de tudo, especialmente romances de autores portugueses.

Atas colóquio da lusofonia –

A leitura desses livros surgiu então como o excitante de um sentimentalismo ávido de quimeras, como realização fictícia de desejos inconfessados, como forma ilusória de compensar crises existenciais... E foram estes anos de evasão romanesca que me fizeram querer ser escritor. Jamais esquecerei o dia em que, estando eu no Hospital de Angra a recuperar de uma cirurgia às amígdalas, meu pai me ofereceu um exemplar de "Mau Tempo no Canal", de Vitorino Nemésio. Ao ler este livro compreendi que a literatura não é inseparável da vida. E isso mudou, de facto, a minha vida. Estava traçado o meu destino nas Letras.

Aos 19 anos de idade deixei os Açores e fui estudar *Germânicas* para a Faculdade de Letras de Lisboa. Na capital cresci e me fiz homem e, desde então, a escrita tem andado comigo, de braço dado com o ensino e muitas outras formas de comunicação. Essa ausência das ilhas levou-me a escrever um livro de contos intitulado *Grimaneza* (1987) e, em simultâneo, a elaborar um conjunto de poemas que mais tarde seriam publicados com o título de *Entre o cais e a lancha* (1990).

Terminado o curso de *Germânicas* em 1982, a Regina e eu demos o nó, e um ano depois, já com 25 anos de idade, sou chamado a cumprir serviço militar obrigatório na Força Aérea. Dessa experiência castrense resultou o poema: "Lamento" (pág. 61).

Sou um modesto artesão de palavras. Tem sido esta a minha oficina, isto é, o meu ofício é o de lapidar as palavras exatas, únicas e essenciais. A minha função é a de observar o real e dissecar a minha vida – como Vernet agarrado ao mastro do navio para estudar a tempestade... Precisamente por ser uma linguagem que canta, busco, na minha poesia, o elemento vocal e sonoro das palavras, e nelas procuro a sua musicalidade, à boa maneira de Verlaine que, na sua *Art Poétique*, escrevia: "*De la musique avant tout chose (...). De la musique encore et toujours*". "A poesia é a linguagem que canta", escreveu Paul Eluard.

Depois tento dar ritmo, pulsações e sonoridade às palavras e tudo faço para que, nos meus poemas, deslizem as vogais abertas, as tónicas e as átonas de sílabas apetecíveis. Ou seja, prosódia. O poema só chega à sua plenitude depois de o ter dito em voz alta. Sim, sou um poeta de voz alta, dou voz aos meus próprios versos. Aliás, iniciei-me poeticamente a escrever letras para canções. Daí o título deste livro, *O Ouvido que Escreve*, porque modestamente me considero um poeta de canções, um *poeta cantabile*.

Em 1991 andava eu cheio de testosterona e escrevi um livro de poesia erótica, intitulado *À flor da pele*. Começo, por essa altura, a escrever letras para canções de músicas de Carlos Alberto Moniz, Luís Alberto Bettencourt, Sérgio Luís, Emiliano Toste, Amorim de Carvalho, entre outros.

A residir na ilha do Faial há mais de três décadas, sou professor, contador de histórias, faço teatro, televisão e rádio, apresento espetáculos, escrevo para os jornais, entrego-me ao voluntariado e ao associativismo, gosto de cantar, de dançar e de tocar piano e falo várias línguas. Seria rico se fosse remunerado por tudo o que faço...

Casado há 36 anos com a mesma mulher, pai de uma filha de 32 anos e de um filho de 19, sou escritor de dolorosos partos, com 15 livros publicados nos domínios da poesia, do romance, do conto, da crónica, da monografia e do ensaio. Mas não gosto de escrever – o que eu gosto é de ter escrito. Porque só depois de ter escrito é que sinto uma enorme alegria. O ato de escrita é, em si, bastante penoso, é uma inquietação... Sobretudo quando se busca uma perfeição que não existe nem se alcança. É este o risco da escrita.

Escrever um poema é um ato de felicidade. Uma felicidade que resulta de uma angústia. Os meus poemas são estados de alma. Através da palavra construo-me e reconstruo-me. Escrevo para me desfazer, refazendo-me. A escrita não é um ato de vontade – é um ato de vocação. Não sou eu que domino a escrita; a escrita é que me domina a mim. Não sou eu que vou ter com a escrita; a escrita é que vem ter comigo. Por isso deixo que ela aconteça em mim.

A minha poesia, com ouvido aguçado e mente desperta, viaja pelo cancionero açoriano e deambula pela Ilha e pelo Mundo, uma poesia que, entre o local e o universal, sente, pensa, sonha, age e reage. Uma poesia que julgo estar ligada às raízes comunitárias ancestrais da expressão poética no horizonte da poesia europeia. Ou seja, uma poética mitológica e helénica, da civilização do sul, da luz, da expressão erótica, da emoção e da razão.

Chegado aos 60 anos de idade, tenho (ainda) sonho de infinito e sede de absoluto. Pago os meus impostos, tenho um *Toyota Avensis*, e vou vivendo, em "happy stress", a pardacenta vidinha... De resto não cumpro todos os mandamentos da lei de Deus, não tenho passaporte político, sou cético em relação à economia de mercado e agnóstico no que diz respeito ao futuro da Humanidade. Tudo o que faço só tem sentido se comportar uma boa dose de alegria, entusiasmo e alguma loucura... Sou fiel seguidor do Hedonismo porque gosto incondicionalmente dos prazeres da vida. Aceitem-me como sou porque a emenda já não é possível.

A tor de mim mesmo, tenho-me por uma pessoa de bem. Homem às direitas, embora seja de esquerda, inquieto e irrequieto, irónico e insinuante, insubordinado e intempestivo...

Tenho o coração aberto e as vistas largas. Tão largas que o meu oftalmologista diz que eu tenho olhos de boi... E tal como os bois, sou alegre e ando triste. Triste com o desconcerto do mundo. Chateado com a besta humana. Zangado com os poderosos. Acredito na literatura e na força redentora do amor. E também nos valores da amizade, da cumplicidade e da solidariedade. E quero agradecer aos meus amigos – leitores de longo curso...

Deixo-vos, pois, com *O Ouvido que Escreve*, um livro de olhares, vibrações, transparências, emoções, sentimentos, estados de alma e memórias soltas. Ou seja, fragmentos de vida vivida e sonhada. A poesia continuará a ser o meu território de sedução, e o ato de escrita o meu prazer solitário e a minha solidão comprazida. Termina, dizendo-vos que julgo ter encontrado neste livro a minha própria voz. Não inventei uma linguagem, mas encontrei a minha própria voz. E isso basta-me.

Victor Rui Soares

JÁ TOMOU PARTE NO 24º GRACIOSA 2015
EM 2017 APRESENTOU NA HORTA A BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE

41. VILCA MARLENE MERÍZIO, INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA.



LAGOA 2008



LOMBA DA MAIA 2016



VILCA MARLENE MERÍZIO, escritora catarinense, vive em Florianópolis há 55 anos. Professora Doutora em Literatura Portuguesa, pela Universidade dos Açores. Graduada em Letras e Mestre em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina. Aposentada. Mestre em Reiki. Conferencista. Consultora. Revisora. Prefaciadora. Organizadora de obras literárias. Artista Plástica. Membro da AICL, Portugal; do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Instituto de Genealogia de Santa Catarina, da Academia São José de Letras e da Academia Desterrense de Literatura, em Florianópolis, SC, Brasil.

Em 2018: (1) Organizou e prefaciou *Flor(em)essência*, para além da esquizofrenia. Poemas de José Alberto Vieira, escrito nos Açores, Tubarão: Copiart. (2) Organização, Apresentação, Introdução e Notas de ... *do mais profundo de (todos) nós*. Poemas de Joaquim Alice, em oito volumes, para serem lidos com o coração (em editoração). (3) Consultoria e revisão de *Da Depressão à Razão, à luz do espiritismo*, de Pedro Artur Alves Pereira. Florianópolis: Habitus. (4) Pesquisa, organização e texto de *Entre o agora e o amanhã: a história da união que tem feito diferença na educação pública catarinense / UNDIME-SC*, texto revisto, atualizado e ampliado por: Bruna Carvalho Madeira. Tubarão: Copiart.

Publicou (2013): *Dá ROSAS, ROSAS, a quem sonha rosas. Sobre alguns poetas, escritores e artistas brasileiros e portugueses*. Blumenau: Nova Letra. 2012: *Memorial Undime-SC no seu Jubileu de Prata. Pesquisa, organização e texto*. Florianópolis: Sagrada Família. *Janelas da Alma, livro de afetos e desejos. 25 anos de poesia*. Florianópolis: Papa-Livro. 2004: *A História de Um Amor Feliz (Estudo Literário)*. Blumenau: Nova Letra. Açores... *De memória (Contos)*. Florianópolis. 1996 - *Quase... de Corpo Inteiro (Poesia)*. Poemas escritos nos Açores. Florianópolis. 1979: *Experiência de Ensino-Aprendizagem, Premiado no Concurso Nacional de Ensino de Redação, MEC, Brasília*. Tem trabalhos publicados em várias antologias e coletâneas literárias.

Bibliografia

2013, *Dá Rosas, Rosas, a quem sonha rosas. Sobre alguns poetas, escritores e artistas brasileiros e portugueses*; *Estudos Literários*. vol. II. Blumenau: Nova Letra. 403 p.

2012 - *Memorial Undime-SC no seu Jubileu de Prata. Pesquisa, organização e texto*; Florianópolis: UNDIME-SC / Sagrada Família, 192 p.

2011 - *Janelas da Alma, livro de afetos e desejos. 25 anos de poesia*; Florianópolis: Papa-Livro, 230 p.

2004 - *A História de Um Amor Feliz (Estudo Literário)*; Florianópolis: Edição da Autora, 375 p.

2004 - *Açores... De memória (Contos)*. Florianópolis: Edição da Autora, 122 p. (Esgotado) Prefácio do Prof. Doutor A.M.B. Machado Pires, ex-reitor da Universidade dos Açores. Florianópolis: Edição da Autora, 190 p.

1996 - *Quase... de Corpo Inteiro (Poesia)*. Poemas escritos nos Açores;

1979 - *Experiência de ensino-aprendizagem, premiado no Concurso Nacional de Ensino de Redação, MEC, Brasília*. 1979 (1ª ed.); 1980 (2ª ed.), 180 p. (Esgotado).

Tem publicações em Antologias, Anais, Coletâneas, Jornais e Revistas Literárias e Revistas de Cultura do Brasil e de Portugal (1978-2016). Tem trabalhos publicados em várias antologias e coletâneas literárias.

SINOPSE

2018: ano de abundância? No meu país, é crença de que, quando de um lado sobra, é porque, do outro, falta na mesma proporção. Tento alinhar o meu pensamento para exprimir em palavras a minha grande admiração por uma personalidade do mundo lusófono e me deparo com tantos caminhos que me sinto embaralhada sobre que direção tomar no início desta jornada. Sobejam-me informações, notícias, comentários, mensagens, registros fotográficos e fonográficos, obras literárias de cunho pessoal e outras por ele organizadas, poesia, crônicas, escritos diversos, lembranças, partilhamento de leituras várias, participações em redes sociais... Tanta produção que me perco diante do monumental acervo produzido pelo amigo que quero homenagear: o poeta, escritor, jornalista, tradutor, pesquisador (e tantas outras coisas mais), Chrys Chrystello. Mas estou honrada, embora saiba da responsabilidade de “chover no molhado” (acredito que todos os que aqui estão comungam a minha ideia) diante deste profissional da área de Letras a quem devo reverência pelo muito que faz, principalmente ao presidir (e dar vida a-) os Colóquios da Lusofonia, dignificando a Língua Portuguesa, divulgando os Açores em todos os continentes e deixando, até onde chegam suas palavras, riquíssimo legado linguístico, cultural e histórico, de cuja herança se valerão para sempre os filhos da diáspora.

E mais uma questão me instiga neste momento: como adequar a minha fala a um dos temas propostos pelos Colóquios, se o que tenho para dizer sobre o autor em foco abrange todos os temas do programa? Ao tema 1 - Homenagens aos Autores Locais - porque, mesmo não tendo nascido no Arquipélago dos Açores, aí reside e dele fez a sua pátria e a revela aos sete cantos do mundo; ao 2 e aos seus subtemas, porque é em defesa da Língua Portuguesa, do seu ensino e da sua prática, que ele se posiciona; ao Tema 3, em razão de serem os subítens matéria com que se ocupa em sua produção literária e nos âmbitos da arte e da comunicação. E, finalmente, no tema 4, da Tradutologia, porque estaria bem colocado como profissional que é. Portanto, eis-me aqui, em dúvida quanto ao caminho, mas plenamente centrada no que acho justo e meritório: prestar agradecimentos ao Dr. Chrys Chrystello, há muitos anos nosso anfitrião, dia e noite a postos para a todos os participantes dos Colóquios da Lusofonia bem atender.

Nasci em Santa Catarina, no Brasil, mas todos os meus antepassados pela linha direta da minha mãe são portugueses, uns vindos dos Açores, os que emigraram no século XVIII, e outros, de Portugal continental, que vieram ao Brasil a serviço da Coroa Portuguesa. Pela linha paterna, descendo de italianos e alemães. Isso para dizer que, descendendo de imigrantes, naturalmente me associo, neste ano de 2018, às comemorações dos 270 anos da imigração açoriana e madeirense em Santa Catarina, Estado cuja cultura muito deve aos primeiros povoadores europeus. A título de informação, registro que na ilha de Santa Catarina, constituindo o município de Florianópolis, somos uma população de quase quinhentos mil habitantes, num Estado, o de Santa Catarina, com mais de 7 milhões de almas, fazendo parte da população total do Brasil, que é de 207.660.929 pessoas (IBGE, *Diário Oficial da União*, 2018). Dessa população, a maioria descende diretamente de portugueses ilhéus, o que nos leva a querer insistentemente manter relações com os Açores [e, estranhamente, muito pouco com o arquipélago da Madeira].

O projeto Missão Açores 2018, junto ao Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Santa Catarina (IHGSC), que ora represento, aliou-se às iniciativas de comemoração dos 270 anos da Imigração Açoriana e Madeirense em Santa Catarina, encaminhando o Projeto Ao Encontro das Raízes - proposta de viagem de estudos e trabalho aos Açores - à Direção Regional das Comunidades, que lhe concedeu uma passagem aérea, principalmente para participação neste Colóquio, e a doação de 200 títulos de obras da literatura açoriana, acervo que fará parte da Biblioteca Açoriana Prof. Doutor A.M.B. Machado Pires, instalada no IHGSC, cuja inauguração ainda ocorrerá neste ano [a maioria dos outros volumes que compõe o acervo já existente no são igualmente fruto de doações do Governo dos Açores, desde a década de noventa do século passado]. Por essa razão, achou-se justo o descerramento, nas dependências do instituto, em Florianópolis, de uma placa de agradecimento ao Governo da Região Autônoma dos Açores pelo apoio recebido, o que vai garantir a continuidade do projeto Dinamização Intercultural, programa cultural e literário do qual fazem parte Adriana e José Geraldo Rodrigues de Menezes, também membros da AICL, aqui presentes [e que para cá vieram por esforço próprio].

Assim, graças ao sempre renovado estímulo dos Colóquios da Lusofonia, o programa cultural e inter-institucional Missão Açores, que contempla atividades de informação, formação, integração e pesquisa sobre a literatura e a cultura açorianas, depois de um afastamento de dois anos, volta com força total, reagrupando sua equipe de trabalho, dando oportunidade a novos protagonistas de se integrem à divulgação da literatura, da arte, da cultura e da educação de Santa Catarina e dos Açores. Infelizmente, por falta de apoio em ano eleitoral, suprimiu-se parte do projeto Encontro das Raízes que incluía a ida de seis profissionais açorianos para o Simpósio Memória e Diáspora, previsto para a realização em Florianópolis, em agosto passado. Lamento profundamente que outras atividades do mesmo projeto, nomeadamente as de intercâmbio de professores e escritores, previstas para o Simpósio Diáspora e Memória, não tenham tido o mesmo êxito.

E qual relação tem esses eventos com Chrys Chrystello e os Colóquios da Lusofonia?

A resposta se resume numa só palavra: legado, aquilo que dos Colóquios ficou na memória dos catarinenses, desde a nossa primeira participação nos encontros da lusofonia e açorianidade. Legado, como História ainda em construção, porque é, em razão da vontade de participar dos Colóquios da Lusofonia, que catarinenses se predispõem a ler e a estudar obras literárias de autores açorianos ou de outras nacionalidades que escrevem ou escreveram sobre os Açores. E, assim, o grupo que, na última década, em Santa Catarina, conheceu e estuda a literatura e a cultura açoriana tem aumentado consideravelmente, desde que participamos em 2007 do primeiro encontro realizado por Chrys Chrystello na Ribeira Grande, Ilha de São Miguel. Por intermédio da Professora Doutora Graça Castanho, em 2007, conheci Chrys Chrystello, quando recebi dele o primeiro convite para participar do 2º Encontro de Lusofonia e Açorianidade, na ilha de São Miguel. Criado o projeto Missão Açores 2007, cujas atividades paralelas se estenderam de São Miguel às ilhas do Pico, Faial e Graciosa, vim para os Açores, coordenando o trabalho de 23 profissionais: professores e estudantes universitários, escritores e artistas do Grupo Gira Teatro, representando a Academia São José de Letras, com apoio financeiro do FUNCULTURAL/SEITEC-SC – Sistema Estadual de Incentivo ao Turismo, Esporte e Cultura e o apoio logístico das câmaras municipais açorianas as quais visitamos oficialmente. Estabeleceu-se, a partir daí, a amizade que ainda perdura e se solidifica cada vez mais. A partir da experiência altamente positiva da Representação Catarinense nesse 2º Encontro de Lusofonia e Açorianidade e das atividades paralelas executadas a partir daquele primeiro momento nas outras ilhas, o projeto Missão Açores 2007 empenhou-se para a criação e a assinatura do Protocolo de Cooperação Mútua entre o Estado de Santa Catarina e a Região do Arquipélago dos Açores, documento assinado em Florianópolis, em dezembro de 2007, com a presença de representantes do Governo dos Açores e que deram abrigo e oportunidade de execução a novas atividades na área de intercâmbio cultural.

No ano seguinte, em 2008, como consequência das atividades iniciadas no ano anterior, sempre tendo como marco inicial os Encontros da Lusofonia e Açorianidade, o projeto Missão Açores, novamente a convite de Chrys Chrystello, participou do 3º Encontro da Lusofonia e Açorianidade, ao lado de 88 representantes de várias partes do mundo onde a Língua Portuguesa é falada, levando aos Açores um grupo de oito professores e escritores representantes da Academia de Biguaçu, SC. Dos Açores, por intermédio do prof. Doutor Luciano Pereira, do Conselho Executivo dos Colóquios da Lusofonia, a Delegação Catarinense estendeu-se em visita à Escola Superior do Instituto Politécnico de Setúbal, ocasião em que foi planejado um projeto de volta dos catarinenses a Setúbal e um programa de intercâmbio na área da arte e educação entre Setúbal e SC. Alguns trabalhos artísticos e culturais originados na época continuam em vigência entre setores que se desligaram do projeto Missão Açores, mas que ainda são operantes entre grupos de teatro de SC e Setúbal.

Foi oportunizada pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, por iniciativa também do Prof. Doutor Luciano Pereira - a quem igualmente externamos nossa gratidão e homenagem – a Instituição dos Dias do Estado de Santa Catarina em Setúbal (4 e 5 de maio de 2008), quando integrantes do Missão Açores 2008 apresentaram a sessão Litero cultural “Santa Catarina: suas terras, sua gente: suas ilhas”, organizando uma Mostra de Pintura a Óleo, de minha autoria, um *stand* com exposição sobre história, geografia e cultura catarinense, com exposição de livros de autores de Santa Catarina e peças de artesanato. Essas mesmas atividades foram reapresentadas na ilha Graciosa sob o total apoio do Dr. Jorge Cunha e do Presidente da Câmara Municipal de Santa Cruz da Graciosa, a quem também prestamos nossos votos de reconhecimento. Ainda, no ano de 2008, a representação catarinense formada especialmente para participar dos eventos da Lusofonia, doou material bibliográfico de autoria catarinense às entidades públicas do arquipélago, realizou saraus literários em escolas e entidades culturais das ilhas, visitou autoridades, bibliotecas, museus e pontos turísticos, ao abrigo do Protocolo de Cooperação Mútua entre as duas regiões, sempre com o apoio financeiro para as passagens aéreas cedido pelo SEITEC-SC e o apoio logístico de transporte, hospedagem e alimentação concedido pelas câmaras municipais da Ribeira Grande, Lagoa, Graciosa, Vila Franca do Campo e de outras autarquias portuguesas. Ainda no mesmo ano, o projeto Missão Açores participou do Congresso Internacional “A voz dos avós: migração e património cultural”, na Universidade dos Açores, em Ponta Delgada, com duas comunicações, publicadas posteriormente pela Universidade de Toronto, Canadá.

Ainda em dezembro de 2008, o tecladista e compositor açoriano Horácio de Medeiros, cuja apresentação triunfal do seu Hino ao Cosmos deu-se no 2º Encontro de Lusofonia, participou da programação do projeto “Magia da Música e Fascinação de Um Hino ao Cosmos” do Missão Açores, e, a convite do Sr. Governador do Estado de Santa Catarina, apresentou no Brasil cinco concertos musicais: na reabertura da Catedral Metropolitana de Florianópolis, com a presença do Governador Luiz Henrique da Silveira e autoridades em Missa oficiada pelo Arcebispo Primaz do Brasil, Dom Murilo Ramos Krieger; na Igreja de Biguaçu-SC; na Escola de Música de Biguaçu, no centenário Clube Caça e Tiro Araújo Brusque, em Brusque, SC. e no recém-inaugurado Teatro Pedro Ivo Campos, em Florianópolis, onde, em completa integração, o artista micalense Horácio Medeiros brilhou o show “Ilhas: um musical onde navegar é preciso”, ao lado do Grupo Fielsons, de Florianópolis. Em 2010, os Colóquios foram a Santa Catarina, mas, na ocasião, eu estava fora do país. Nos anos que o Missão Açores deixou de comparecer aos colóquios, quase sempre pela falta de apoio financeiro, a movimentação em Santa Catarina era de igual intensidade já que mantínhamos os integrantes do projeto catarinense em constante contato com a cultura e a literatura açorianas, muitas vezes buscando inspiração nos próprios temas dos Colóquios, que sempre mantiveram aceso o estímulo ao estudo das obras pertencentes à literatura açoriana. Eu própria publiquei alguns livros, artigos e ensaios, e muito há ainda para se publicar.

Nos anos seguintes, vieram outras representações catarinenses nos Colóquios da Lusofonia. Mais uma vez em 2012 e 2016, e, agora, em 2018, voltamos nós. Em 2012, na ilha de São Miguel, vim por conta própria. Em 2016, a convite da escritora açoriana Lúcia Simas, da Vila Franca do Campo (São Miguel), apresentei a obra *O Homem de Corfu*, no Centro de Cultura de Ponta Delgada, pela ocasião do lançamento do livro da poetisa filósofa de Vila Franca do Campo. Participei mais uma vez dos Colóquios da Lusofonia, também no mesmo ano de 2016, agora na Lomba da Maia, com comunicação sobre a obra de Concha Rousia. Ainda no mesmo ano, a convite do escritor açoriano Joaquim Alice, passei a organizar para publicação sua obra poética, de... *do mais profundo de (todos) nós*. Poemas em oito volumes, para serem lidos com o coração (em editoração), cujos Prefácio, Introdução e Notas também escrevi. O que quero deixar registrado é que dos primeiros contatos com Chrys Chrystello surgiu plena adesão aos objetivos dos Colóquios da Lusofonia, embora, ainda no começo, os encontros não tivessem tal nomenclatura. Atualmente, o projeto Missão Açores cumpre suas metas, visando promover a integração científica e cultural entre os falantes da Língua Portuguesa que tenham em comum, principalmente, a tradição açoriana como origem. Através da participação ativa nos encontros anuais, quer seja por meio de trabalhos acadêmicos, palestras, divulgação da arte e cultura catarinense, exposição de pintura, apresentação de peças de teatro, espetáculos musicais, desdobra-se em programas, projetos e parcerias para, cada vez mais, trabalhar em benefício da unificação da Língua Portuguesa e da manutenção dos traços culturais que deram origem à tradição catarinense, fazendo-se respeitar em Santa Catarina e em Portugal como promotor de ações que fortaleçam os nossos ancestrais lações de amizade e parentesco. Embora seja reconhecido como germinador de ideias capazes de ampliar o alcance das atividades culturais pertinentes à nossa origem lusa, o Missão Açores necessita de apoios logísticos para a sua execução e de parceiros que não o deixem cair na repetição inócua da reprodução automática de efeitos paliativos. O que o projeto Missão Açores reivindica é a confiança dos seus parceiros e a possibilidade de expansão de conhecimentos entre estudiosos das duas regiões. E isso, a participação nos Colóquios nos garante, com os convites anuais, como ponto fundamental para a criação de novos estudos e pesquisas.

Além do reconhecimento em relação aos convites que temos recebido, é impossível falar em Literatura Açoriana sem falar nos Colóquios da Lusofonia e, mais impossível ainda, abordar os Colóquios sem nos referir ao Chrys Chrystello, já que ambos, Colóquios e Chrys, se confundem numa mesma personalidade, embora permaneça incólume a individualidade marcante do presidente da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia – AICL, face às múltiplas modalidades que domina em relação à comunicação social e aos âmbitos das letras e da educação formal, estratégias das quais se vale para alcançar o público das diferentes coletividades ligadas aos Colóquios, inclusive, e principalmente, a de Santa Catarina. Feita a justificativa do quão importante se reveste para Santa Catarina, em relação aos laços que a prendem aos Açores, a participação nos Colóquios da Lusofonia, passo à segunda a parte desta comunicação. Quase às vésperas da Viagem de Estudos e Trabalho do projeto Ao Encontro das Raízes, do programa Missão Açores 2018, levada pela responsabilidade de, em nome do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, honrar o monumento de que a obra de J. Chrys Chrystello se reveste no âmbito da lusofonia, era madrugada e ainda não conseguira dormir, sensibilizada pela releitura do poema Da Redondeza do Sentir, de José Martins Garcia – que Urbano Bettencourt fizera a gentileza de publicar na sua página do Facebook e que Chrys Chrystello divulgou no seu atualíssimo Blog.lusofonias.net, na sessão Recordar José Martins Garcia. A leitura provocara em mim um misto de dor pela ausência sentida do grande poeta picoense, falecido prematuramente em 2002, mas ao mesmo tempo, gerara uma saudade infinda dos amigos que, nos Açores, sempre me acolheram de forma amistosa e fraterna. Só, então, senti a alegria da certeza de que em breve estaria aqui novamente reunida com os amigos de sempre. E esse turbilhão de sentimentos realmente me tirava o sono. Quando passei por uma madorna (cochilo), logo, imagens de religiosos ardiam em chamas, enquanto pessoas discutiam se seria fogo posto ou não.

Atas colóquio da lusofonia –

De tanto estar com o pensamento nos Açores – e isso já é habitual – e talvez até pela atenção a que dedico às notícias sobre os incêndios nas florestas europeias – talvez de tanto ler o Chrys, suas notas, crítica e informações sobre o assunto – as pessoas que povoavam o meu sonho eram escritores, todos a falar ao mesmo tempo, gesticulando e movimentando-se rapidamente de um lugar ao outro. Concluindo: eram três horas da manhã e a febre, aquela que nos acometem o inverno rigoroso e a gripe indesejada, me provocara sério pesadelo. Levantei. E a impressão que me acudiu naquele despertar inesperado, é que eu não estava só; uma miríade de poetas e escritores açorianos e brasileiros, dentro de mim, me impeliam à escrita [eu tinha que começar a redigir o texto para esta comunicação], fazendo-me trocar o aconchego da cama quente pela sala até então vazia e fria do meu escritório. E, mesmo diante do computador, sentia forte a lembrança de José de Almeida Pavão, saído do sonho, dando voz a uma personagem, se não me engano, do romance *Marianinha*: “E uma saudade súbita fazia-lhe rolar uma lágrima que vinha perder-se, evaporando com o calor da face”. Era a saudade que, mais uma vez, batia forte. Saudade renovadamente aumentada a cada notícia assimilada em relação aos Açores lida no blogue do Chrys – e eram muitos, todos dias, mais de uma dezena –, a cada página escrita vencida da exposição a ser feita, a cada fato rememorado a partir da pesquisa intencionalmente dirigida à redação deste texto que ora vos dirijo. E, mais uma vez, a presença imaterial do escritor micaelense segredava: “Se ouvires cantar os pássaros... Arruma os teus versos ou a tua prosa e põe-te a escutar, simplesmente a escutar, com o teu sentimento de ouvir”. Eu não ouvia pássaros, mas sabia que havia de escutar a voz do Chrys, para ouvir-me a mim mesma, antes de continuar a escrever. Então, sim, acalmei.

O eco do canto que ressoa desde os Açores aos meus ouvidos, muito especialmente nestes momentos pré-colóquio, em canção que me afina os sentidos e enriquece a alma, é a reverberação da produção poética e histórico-jornalística [se assim a posso considerar], do nosso anfitrião neste 30º Colóquio da Lusofonia, José Chrys Chrystello, cuja presença constante nos meios lítero-culturais cabe a mim louvar como protesto de reconhecida gratidão por permitir que Santa Catarina também se manifeste nesta profícua assembleia de homens e mulheres interessados e interessadas na dinamização da Língua Portuguesa e na divulgação das obras literárias que são reflexos da história, cultura e ideologia dos seus usuários, mesmo que, fisicamente, distantes da sua mátria.

Daniel de Sá, o professor-escritor da Maia, num dos seus primeiros escritos da década de oitenta, escreveu ao justificar a escolha de um determinado tema para a redação de um texto literário: “Sou eu quem fala, minhas razões são minhas”. Assim valho-me dessa lembrança para justificar muito particularmente as razões porque escolhi para título desta comunicação “Chrys Chrystello e os Colóquios da Lusofonia: inesgotável contributo para a divulgação da literatura açoriana e a vivificação da língua portuguesa una e dinâmica”. [E agora vejo em que “mato sem cachorro me meti”¹¹⁶, desculpem o dito popular, mas nem a febre, nem o pesadelo com os homens em chama, nem o paradoxo de, para falar de apenas uma pessoa, ter mil caminhos a minha frente para escolher o que me levará ao final desta comunicação, me levam a desanimar... Maximizando o meu sentir, posso dizer mesmo que estou diante do que representa a entrada de Petra¹¹⁷ a um turista que mesmo informado, fica pasmo diante da grandiosidade do Parque Arqueológico daquela antiga civilização.¹¹⁸ E assim fico eu, que tentei me imiscuir no que Chrys Chrystello anda a publicar e o que já deixou impresso desde a sua juventude. Mas, vamos a cumprir a tarefa, que o tempo urge.]

E me pergunto, depois de meses estudando a obra de Chrys Chrystello, quem é o poeta, escritor, jornalista, professor, tradutor e intérprete, revisor, organizador de livros, editor, presidente da direção e da comissão executiva da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, este J. Chrys Chrystello, moço simpático e acolhedor que parece estar sempre à disposição dos associados da AICL para responder de imediato aos questionamentos a respeito dos Colóquios? Claro que, para apenas mencionar algumas referências vou “fazer chover no molhado”, porque ele próprio não se faz ocultar, divulgando seus biodados, notadamente seus trabalhos literários, jornalísticos e outros, no corpo dos documentos que edita, tanto nas páginas dos Colóquios quanto nas obras publicadas por meios físicos, digitais e eletrônicos. E, nós, que somos da AICL, disso temos conhecimento.

E tudo está em nossas mãos, assim como todo o histórico dos Colóquios, não só os realizados nas ilhas, mas também mesmo os acontecidos em outras partes do mundo. Mesmo assim, recomendo a leitura da “Badana Direita”, ou como dissemos nós, brasileiros, da orelha direita de “*Crônica Açores: uma circum-navegação, volume 3*” pág. 326 ¹¹⁹, que considero a tábua de referência mais completa sobre as atividades jornalísticas, culturais e literárias de J. Chrys Chrystello, incluindo e mencionando aí suas atividades profissionais desde 1972, quando publicou o seu primeiro livro de poesia *Crônicas do Quotidiano Inútil*, vol.1. até a editoração dos *Cadernos (de Estudos) Açorianos da AICL*, publicação que preside desde 2010 e que contém 41 exemplares, sendo o último dedicado a Pedro da Silveira, em cuja nota introdutória, o próprio Chrys, Editor dos Cadernos, explica: “*Os suplementos dos Cadernos Açorianos servem para transcreever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até pelos próprios autores*”.¹²⁰

Chrys Chrystello foi quem trouxe os Colóquios da Lusofonia para os Açores, portanto, os Colóquios não nasceram nos Açores e nem lhe são pertença exclusiva, nem Chrys Chrystello é açoriano. Então, temos de ir mais atrás, delinear o traçado que o trouxe até a Lomba da Maia, em 2005, para compreender, afinal, o quanto ele tem trabalhado pela conservação da cultura das sociedades a que se liga, da sua aptidão para a divulgação da arte literária, tanto através da sua letra como poeta e cronista quanto da tradução, edição e escrita de livros e promoção de encontros anuais entre profissionais lusófonos dispostos a discorrerem sobre os temas que, junto a uma Comissão Científica, apresenta.

Também o Curso Açorianidades e Insularidades (2010) encontra-se detalhado no sítio dos Colóquios, assim como todo o histórico vivencial da AICL, sociedade civil atuante durante os 30 colóquios já realizados (2005 a 2018), mas que nasceu do compromisso do seu criador de levar adiante o projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo, idealizado pelo seu mentor, o Professor Doutor José Augusto Seabra, e do qual nasceram, em 2001, os Colóquios da Lusofonia, cujo objetivo maior centra-se na “união pela mesma língua”, quando todos os participantes desta egrégora partilham do conhecimento, sem distinções de nacionalidade, credo ou etnia e cujos princípios baseiam-se na cidadania da língua portuguesa, todos irmanados pela Língua comum, com respeito absoluto às variações pertinentes ao pluriculturalismo das sociedades que a usam.

Especificamente como jornalista e escritor, Chrys Chrystello desempenha suas funções na rádio, televisão e imprensa e, hoje também, nas redes sociais onde se mantém presente em blogue, no Facebook, no Twitter e em outros. Suas crônicas, bastante voltadas para a memória histórica, política e social, mas também para a expressão pessoal, expõem fatos de interesse regional e global. Seus livros, abundantemente ilustrados e com temas variados, são veiculados na forma física e eletrônica. Na verdade. Tudo o que faz e publica é fruto de uma vida dedicada ao fazer literário, voltado para o público, sob o enfoque jornalístico, mas sempre com perfil didático, num afã, que soa sincero, de registrar, informar, criticar positivamente, transmitir, divulgar, partilhar, contribuir, elucidar, esclarecer, alertar, rememorar, reconhecer, formar opinião sobre e, até mesmo corrigir (algumas vezes), fatos e acontecimentos que vão tecendo a história deste nosso mundo, para uns, completamente globalizado, para outros, em árido e estreito compartimento avesso a conceitos e técnicas inovadoras.

Falo da produção de J. Chrys Chrystello, este homem/feixe de luz comunicativa, cujo foco de atenção se volta habitualmente para acontecimentos polêmicos, sem deixar, contudo, de registrar para a posteridade, o que a memória coletiva, baseada apenas na oralidade, pode não ser capaz de perpetuar.

Profissional extremamente ético, e altamente comprometido com o exercício da cidadania, o português de ancestrais transmontanos, cuja genealogia confirma a nobreza de berço, embora ele próprio disso não se enfatie, australiano por opção, residente nos Açores desde 2005, fez da Lomba da Maia, a catedral/castelo de onde se comunica, a toda a hora, porque sempre *online*, com os amigos que fez nascer e mantém ciosamente informados e ligados à teia dos fortes tentáculos da Lusofonia que tão bem sabe movimentar [oops, quase saiu manipular... no sentido de atualização, coesão e integração... quase peremptória. desde que se assinale que estamos no mesmo barco].

Atuante nos principais meios de comunicação social, desde o espaço físico que percorreu em suas andanças por Timor, Bali (Indonésia) e Austrália (1974-1975), Portugal (1975), Macau (1976 a 1982), de volta a Austrália (Perth, 1979, Sidney, 1983-1996 e Melbourne, 1993) e novamente a Portugal continental (Porto, 1996 e Bragança, 2002) foi na ilha de São Miguel que, montada a sua fortificação, estabeleceu-se com a família, de onde continua a liderar o que considera “a concretização de utopias”, ou seja, a reunião de pessoas para tratar, duas vezes por ano, em solos portugueses – ilhéu (São Miguel, Santa Maria e Graciosa) ou continental (Porto, Bragança, Seia, Fundão, Montalegre e Belmonte) -, e em territórios do Brasil, Macau e Galiza, da divulgação e da plena conscientização da açorianidade literária. Em treze anos de atividade 30 colóquios, contando com o atual. Nesses encontros, com presença significativa de personalidades vindas dos grandes continentes onde vigoram as comunidades lusófonas, as falas objetivam aproximar estudos sobre temas criteriosamente apresentados pela Equipe Científica a qual preside.

Assim, voltado permanentemente para os assuntos gerais que interessam à humanidade, até os mais caros à grande massa lusófona espalhada pelos quatro cantos do mundo, dos veículos impressos aos eletrônicos, do rádio à televisão, da cátedra universitária aos encontros e colóquios particulares, Chrys Chrystello, enaltecendo, sempre, a supremacia da Língua Portuguesa, com projetos realizados visando a preservação, o enriquecimento e a unidade da língua, fornece elementos variados da cultura local, regional e universal. Jornalista, em nível de excelência... Mais não será preciso dizer. Sua interação com o meio social, agora facilitado pelo processo digital, trã-lo presente onde haja um leitor, um ouvinte, um espectador, sempre norteado por princípios éticos e senso crítico elevado. Norteia a partir de seu “lastro conceitual, teórico e técnico”, mesclando adequadamente as notícias que se apoiam nos fatores socioculturais, econômicos e políticos. Ele faz porque sabe fazer.

Enfim, sentia-me preparada para escutar, com o sentimento de ouvir, conforme ensinamento do prof. Pavão, a voz clara, vigorosa e incessante deste português de raízes transmontanas, mas açoriano de coração, voz autêntica que se propaga Açores afora, mediante a verdade incontestada de sua pena, que mais não faz do que deixar registrado a sua vivência literária de quase cinco décadas. E, em deixando reverberar em mim esta voz conhecida, mais fácil torna-se transpor para este texto formatado em poucas páginas todo o meu sentido reconhecido ao J. Chrys Chrystello, este humanista de cunho universal, que parece estar, dia e noite, atento aos acontecimentos, pronto a ver e a ouvir para dizer.

E é tanto o que diz que penso ouvir, não só a melodia de sua escrita poética, mas o clamor dos menos favorecidos, dos injustiçados, dos desprezados socialmente, dos que sofrem pela invisibilidade de suas profissões diante do encastelamento dos mais poderosos. E é com o meu sentido de atenção auditiva, como o nosso bom Almeida Pavão sugeriu, que me comprazo com toda a orquestração da sua palavra escrita a me ajudar a compreender o quanto é importante e significativo o trabalho profícuo das pessoas que se dedicam às letras codificadas pela nossa língua portuguesa.

A este monumento cultural, fenômeno da natureza literária a que temos como amigo e a quem chamamos Chrys Chrystello, a ele, à sua família, à sua Helena, ao seu filho João e a toda a sua sociedade lusófona, agregada aos Colóquios, o meu mais profundo respeito por obra tão dignificante que faz com que também meu Estado, Santa Catarina, sintam-se honrados com os ecos da melodia que do Arquipélago o alcança via registros inegáveis de amor à língua portuguesa e, muito especialmente, a essas nove ilhas atlânticas capazes de despertar os melhores sentimentos principalmente naqueles aqui não nascidos, mas que por elas foram tocados.

A respeito de todos esses anos de dedicação de Chrys Chrystello à língua e à literatura, e frente a todo esse seu trabalho de construtor cultural, sirvo-me do dizer de Antero de Quental: “*Nem visão nem real: amor! Amor somente!*”, para concluir com David Mourão-Ferreira: “*É sem dúvida Amor todo esse jogo / É sem dúvida Amor Mas de repente / É sem dúvida Amor e não é nada.*”

Diante disso tudo, diante de Chrys Chrystello, e da família que ele formou, que construiu de encontro a encontro desde estes penhascos açorianos, diante desta família lusófona da qual todos fazemos parte, diante...

Dizia, da grandiosidade da obra de J. Chrys Chrystello, só me resta confessar, finalmente, me valendo mais uma vez das palavras do grande poeta português, trineto de avô açoriano, David Mourão-Ferreira: “*Não sei mais nada: sei apenas AMOR!*”.

Florianópolis, SC, Brasil, em 30 de agosto de 2018.

¹¹⁶ Um momento de perdição pessoal total, uma situação onde não há a quem recorrer. Disponível em <https://www.dicionarioinformal.com.br/mato+sem+cachorro/>> Acesso em 18 ago. 2018.

¹¹⁷ Petra (Jordânia), uma das maiores maravilhas do mundo, cidade esculpida na rocha, fundada no século VI a.C. pelos árabes nabateus, que construíram um império comercial, transformando-a em importante rota comercial (seda, especiarias e outros), que ligavam a China, a Índia e a Arábia do Sul ao Egito, Síria, Grécia e Roma.

¹¹⁸ O Parque Arqueológico de Petra (264 metros quadrados) Patrimônio Mundial da UNESCO desde 1985. A área tem uma paisagem com montanhas de tez rosa cujo ponto principal é a fantástica cidade nabateia de Petra, que foi esculpida na rocha há mais de 2000 anos.

¹¹⁹ <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1048/CHRONICACORES-vol.3-parte-I-2005-2010.pdf>

¹²⁰ Observe-se que todas as edições estão disponíveis em www.lusofonias.net.



MAIA 2013



MAIA 2013



MAIA 2013

É SÓCIA DA AICL. TOMOU PARTE EM VÁRIOS COLÓQUIOS DESDE 2007, O ÚLTIMO FOI O 26º NA LOMBA DA MAIA 2016



DVD ATAS

PICO 3-8 outº 2018 30º Colóquio da Lusofonia AICL
30º COLÓQUIO DA LUSOFONIA

MADALENA DO PICO 3-8 outubro 2018 AUDITÓRIO MUNICIPAL



ISBN 978-989-8607-12-6



9 789898 607126

ATAS 30º COLÓQUIO DA LUSOFONIA

3-8 outubro 2018 Madalena do Pico

Edição AICL, Chrys Chrystello ©2001-2018 Copyright AICL